UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Carlos Cândido de Almeida

TEORIAS SEMIÓTICAS NO CAMPO DA DOCUMENTAÇÃO NA ESPANHA

Marília
2017

Carlos Cândido de Almeida

TEORIAS SEMIÓTICAS NO CAMPO DA DOCUMENTAÇÃO NA ESPANHA

Tese apresentada ao concurso de livre-docência na Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Marília

Marília
2017

RESUMO: No campo da Documentação na Espanha, a Semiótica tem sido uma fonte de articulação conceitual influente e constitui-se uma proposição teórica relevante. Os trabalhos de teor semiótico seja em abordagens linguísticas ou lógicas, aplicados à Documentação, iniciaram-se na década de 1980. Desde então, tem-se considerado os processos documentais como atividades semióticas por excelência, pois supõem a manipulação, a tradução, a conversão, a transmissão e a interpretação de signos. A pesquisa pretendeu conhecer as abordagens e as linhas semióticas constantes do campo da Documentação na Espanha. Como hipótese de trabalho, sustentou-se que a orientação semiótica dos estudos espanhóis em Documentação ainda requeriam um tratamento abrangente e sistematizado, visto que estas contribuições poderiam envolver conceitos à organização do conhecimento. A pesquisa teve como objetivo geral analisar as relações disciplinares entre o campo da Semiótica e a Documentação na Espanha. A investigação adotou, por um lado, o delineamento teórico-bibliográfico, e por outro lado, contou com depoimentos de especialistas em Documentação e Semiótica para complementar a interpretação das fontes. Entre os resultados, destacam-se a convergência da maior parte dos teóricos com temas semióticos vinculados à Linguística; a necessidade de aproximação às associações científicas linguísticas e semióticas; a urgente refundação de uma Semiótica documental, seguindo as diretrizes de Izquierdo Arroyo; a reinterpretação do papel da tecnologia da informação, da linguística computacional e da representação descritiva no interior dos estudos semióticos em Documentação e, por fim, a identificação de barreiras disciplinares. Conclui-se que as abordagens semióticas encontradas possuem uma característica original e um potencial para fomentar os estudos da linguagem no campo da organização do conhecimento, e secundariamente, contribuem para a reflexão do estágio da pesquisa nesta linha na Ciência da Informação no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias Semióticas. Documentação. Espanha.

ABSTRACT: In the Documentation in Spain, Semiotics has been a source of influential conceptual and constitutes a relevant theoretical proposition. The linguistic or logical approaches applied to Documentation began in the 1980s. Since then, documental processes have been considered as semiotic activities, they assume manipulation, translation, conversion, transmission and interpretation of signs. This research investigated the semiotic lines in the Documentation in Spain. The hypothesis it was that the semiotic orientation of Spanish studies in Documentation still required a comprehensive and systematized treatment. The research had as objective to analyze the disciplinary relations between Semiotics and Documentation in Spain. The research adopted, on the one hand, the theoretical-bibliographic method, and on the other hand, with testimonies of specialists in Documentation and Semiotics. Among the results, it highlighted the convergence of most of the theoreticians with semiotic themes linked to Linguistics; the need to approach linguistic and semiotic scientific communities; the important refoundation of a Documental Semiotics, following the guidelines of Izquierdo Arroyo; the inclusion of information technology, computational linguistics and descriptive representation within semiotic studies in Documentation and, finally, the identification of disciplinary barriers. It concluded that the semiotic approaches had an original potential to language studies in the knowledge organization, and can contribute to Information Science in Brazil.

KEYWORDS: Semiotic Theories. Documentation. Spain.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 6

2 O CAMPO SEMIÓTICO..... 21

3 A DOCUMENTAÇÃO NA ESPANHA..... 29

4 AS TEORIAS SEMIÓTICAS NA DOCUMENTAÇÃO NA ESPANHA..... 56

4.1 Abordagem Geral..... 72

4.2 Abordagens Semióticas Não Peirceanas: da linguística documental aos estudos culturais da linguagem..... 77

4.3 Abordagem Peirceana: da semiótica à pragmática documental..... 116

4.4 Abordagem Híbrida..... 138

5 TEÓRICOS, CONCEPÇÕES SEMIÓTICAS E INTERDISCIPLINARIDADE..... 146

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 161

REFERÊNCIAS..... 171

APÊNDICES..... 191

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO..... 192

APÊNDICE B – ROTEIROS DE ENTREVISTA..... 194

APÊNDICE C – TRATAMENTO DOS DADOS DISCURSIVOS DE ESPECIALISTAS EM DOCUMENTAÇÃO..... 198

APÊNDICE D – TRATAMENTO DOS DADOS DISCURSIVOS DE ESPECIALISTA EM SEMIÓTICA..... 263

ANEXOS..... 267

ANEXO A – TÍTULOS DE REVISTAS IN-RECS E DICE..... 268

ANEXO B – ENTREVISTAS TRANSCRITAS DE ESPECIALISTAS EM DOCUMENTAÇÃO..... 275

ANEXO C – ENTREVISTA TRANSCRITA DE ESPECIALISTA EM SEMIÓTICA..... 386

1 INTRODUÇÃO

Os sistemas de organização do conhecimento resultantes das atividades de organização do conhecimento na sociedade supõem o tratamento da linguagem (entendida genericamente como um código somado a seu mecanismo de execução), e as teorias utilizadas para tanto são aquelas oriundas da Linguística, das Ciências Cognitivas, da Filosofia, da Sociologia, da Semiótica entre tantas outras disciplinas. A organização do conhecimento e a organização da informação convertem-se, assim, em instâncias mediadoras da informação, materializadas nas atividades profissionais e aperfeiçoadas com os estudos científicos. Para realizar tal função mediadora, dependem da representação da linguagem em suas diversas manifestações.

Para Brascher e Café (2008), há uma distinção básica, pelo menos em nível teórico, entre a organização do conhecimento e a organização da informação. Para as autoras, a organização da informação é um processo que involucra a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O trabalho da organização da informação desenvolve-se com os registros da informação, cuja ênfase está em seu caráter individual. O produto da organização da informação é a representação da informação, na forma da descrição física e da descrição temática, ambas resultantes de processos correlacionados: catalogação, classificação, redação de resumos e indexação.

Por sua vez, Brascher e Café (2008) argumentam que a organização do conhecimento é um processo de construção de modelos de representações de conhecimento. O objeto da organização do conhecimento é o mundo das ideias, convertido em conceitos ou aglomerados de conceitos, os quais devem ser analisados para a verificação de seus vínculos, dispostos em um domínio de conhecimento.

Os estudos relacionados à organização do conhecimento têm sido promovidos atualmente pelas iniciativas da *International Society for Knowledge Organization*, fundada em 1989. Esse incentivo remonta à

publicação da revista *International Classification*, fundada em 1974. A ideia subjacente é constituir um campo de interlocução teórica – interdisciplinar fundamentalmente – e um espaço para as novas aplicações no campo da organização dos registros do conhecimento. Nesse sentido, e concordando com a divisão feita por Brascher e Café (2008), preferiu-se adotar a expressão "organização da informação e do conhecimento" nesta pesquisa, por se considerar que estes campos de estudo e conjunto de atividades profissionais estão relacionados geneticamente por um propósito maior, que é a mediação entre os conteúdos de informação e os sujeitos e a criação de conhecimentos.

O desenvolvimento das atividades que promovem a organização da informação e a organização do conhecimento depende da manipulação e da representação da linguagem, especialmente nos processos de informação que recobrem o conteúdo dos documentos. Os processos de informação, entendidos no âmbito da Ciência da Informação, envolvem a transferência da informação entre as pessoas e são problemas constantes dos sistemas de informação. Pode-se resumir o entendimento de Ciência da Informação, de acordo com a visão de Smit e Barreto (2002, p. 17-18), como um "[...] campo que se ocupa e se preocupa com os princípios e práticas da criação, organização e distribuição da informação desde sua criação até a sua utilização, e sua transferência ao receptor em uma variedade de formas, por meio de uma variedade de canais." Deve-se reconhecer, de antemão, que existem diversas perspectivas concorrentes sobre o assunto, as quais procuram explicar a origem e o objeto tópico da Ciência da Informação, assim, é prudente adotar sempre uma noção plural do discurso fundacional.

Por conseguinte, tais processos de informação aludidos anteriormente visam, *grosso modo*, levar a informação aos sujeitos da forma mais adequada possível, com o objetivo precípuo de realizar uma interação social, seja com recurso às técnicas tradicionais – compostas, principalmente, pela interação face a face –, seja pelo uso massivo de tecnologias de processamento e transmissão de dados.

Entende-se que tais processos de informação envolvem um conjunto de atividades resultantes de ações, etapas e fases, que fazem com que – especificamente no âmbito da Ciência da Informação – a informação possa ser criada, comunicada e permitir novas apropriações. Desse modo, incluem-se os processos de criação (intelectual), produção (registro e edição), seleção, aquisição, tratamento (físico e temático), organização, armazenamento, recuperação, distribuição, mediação, comunicação, utilização e apropriação, realizados nos mais diversos sistemas, ambientes ou unidades de informação. Cunha e Cavalcanti (2008, p. 293-294) definem processo de informação (*information process*) como o "processo de comunicação que conduz a um conhecimento mais preciso", porém fazem a seguinte distinção: no processo de comunicação consideram-se os aspectos tecnológicos, enquanto no processo informativo a ênfase recai sobre a substância das mensagens, isto é, o conteúdo. A partir disso, também se pode entender como processos de informação os levados a cabo pela cadeia ou ciclo documental, como as operações necessárias à utilização dos documentos e os pertencentes à cadeia ou ciclo informacional, em outros termos, "fases pelas quais a informação passa, desde sua criação até sua disseminação." (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 62).

A cadeia informacional pressupõe a cadeia documental, visto que esta lhe fornece os processos essenciais para a disponibilização da informação. Sendo assim, as atividades do campo da organização da informação e do conhecimento, bem como as ações que permitem a comunicação da informação em sistemas de informação, devem ser considerados processos de informação no contexto da Ciência da Informação.

A linguagem dos processos de informação é condição indispensável para apropriação da informação. Aqui se encontra um problema-chave. Esses processos envolvem a codificação e a decodificação de signos (componentes das mensagens), bem como a transmissão destes no espaço e no tempo. A codificação simbólica (estabelecimento de

convenções) está presente em todos os processos de comunicação, tendo como base a linguagem estabelecida pelos contratos humanos instituídos socialmente. A organização da informação e do conhecimento não seria possível sem a atenção dos códigos e do reconhecimento da atividade de tradução sígnica. Esse tipo de tradução pode levar o adjetivo "semiótica", pois não busca converter signos no interior de um mesmo código, mas, sobretudo, leva a cabo a tradução entre códigos distintos.

Com efeito, o exame dos processos relacionados ao conteúdo de informação e o desenvolvimento de sistemas de organização do conhecimento, tem trazido à discussão diversas teorias científicas e conceitos filosóficos referentes à linguagem. É provável que a própria análise da linguagem no campo da Ciência da Informação, como meio organizador e mediador da informação na sociedade, seja um dos pontos pacíficos sobre a solução de problemas associados ao tratamento da informação, pois as diversas tendências explicativas da Ciência da Informação procuraram, desde seu surgimento, propor explicações e formas de intervenção sobre a linguagem com o objetivo ulterior de oferecer, através de um sistema organizador do conhecimento, o acesso à informação.

Por um lado, a linguagem e seu tratamento unem diversas tendências da Ciência da Informação. Por outro, exige um contato maior com disciplinas científicas, como Semiótica e Linguística, o que nem sempre é tarefa factível. Isso não é uma particularidade da Ciência da Informação no Brasil.

Assumem-se os riscos de um brutal esfacelamento na exposição das abordagens – entendidas como redes conceituais aglutinadas por um ponto de vista comum ou conjunto de pressupostos –, quando se afirma que as perspectivas da Ciência da Informação predominantes são a

europeia[1] e a estadunidense[2], porém são nas quais se encontram um questionamento comum, o problema do tratamento da linguagem, seja na sua interação humana ou na relação homem-máquina. A menção a estas duas escolas não representa a multiplicidade de práticas profissionais e composições teóricas derivadas da Ciência da Informação. As perspectivas Biblioteconômica e Documental da Ciência da Informação, bem como as tradições Alemã, Russa e Espanhola, figuram como representativas para compreendê-la e inviabilizam uma narrativa histórica unilateral ou transnacional do desenvolvimento da Ciência da Informação. Portanto, toda análise histórico-teórica que se preze deveria obedecer a constituição social, cultural e diacrônica da Ciência da Informação, isto é, eles deveriam ser analisados em espaço e tempo determinados.

No Brasil, somente para comentar um exemplo, a literatura especializada que destaca a história da Ciência da Informação ressalta que a expressão passou a ser mais conhecida em 1970, por ocasião da criação do Mestrado em Ciência da Informação, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Para a análise dos aspectos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação no Brasil, com ênfase para a interpretação de autores atuantes no país, recomenda-se a leitura dos trabalhos de Aquino (2002), Barreto (1994, 1999, 2002), Pinheiro (1999), Robredo (2003), Souza (2003), Castro (2000), além das contribuições indispensáveis de Gonzalez de Gómez. Somam-se a estas

[1] Sabe-se que a figura de P. Otlet (1868-1944) se projeta quando o assunto é a Documentação europeia e a noção de documento como marco disciplinar e conceitual da Ciência da Informação no início do século XX. O início da fabulosa trajetória de Otlet começa com a elaboração de repertórios universais, com o objetivo de se chegar a um registro último de tudo o que fora produzido em um dado campo científico. Existem diversos pontos a serem observados sobre o movimento documentalista, e acredita-se ser essencial a leitura de López Yepes (1995), Ortega e Lara (2010), Capurro e Hjorland (2007). Esses últimos autores admitem que a Documentação otletiana antecedeu historicamente a Ciência da Informação, em seu molde mais conhecido, o paradigma estadunidense. Contudo, encontramos divergências no interior desse campo quando o assunto é a origem linear entre Documentação e Ciência da Informação. Sem entrar no mérito de discutir neste momento as relações de justaposição e sobreposição entre as disciplinas, entendemos que a Documentação manifestou a grande preocupação humana pelo controle e o acesso aos registros do conhecimento e, portanto, merece ser investigada a contento.

[2] Nos períodos entreguerras e pós-guerra, os Estados Unidos e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas destacaram-se no setor científico e tecnológico, cujo funcionamento dependeu, sobremaneira, do tratamento da informação especializada. Lembrem-se que a perspectiva russa iniciou-se no final da década de 1940. O contexto bélico que deu origem a Ciência da Informação de matriz estadunidense foi expresso no artigo publicado em 1945, de autoria de Vannevar Bush. O dispositivo tecnológico proposto por Bush alavancou as tentativas de desenvolver recursos tecnológicos para resolver os problemas derivados do excesso de informação na sociedade, especialmente no contexto científico. A Ciência da Informação estadunidense originou-se nesse período para dar conta do volume expressivo de informação especializada proveniente das atividades militares e científicas. Mas a enunciação do problema da informação, o surgimento da Recuperação da Informação e os eventos científicos que trataram de arquitetar a Ciência da Informação – a exemplo das Conferências do Geórgia Tech –, talvez não tenham sido mais impactantes que o artigo de Borko, de 1968. Para Borko (2001), a Ciência da informação é uma disciplina que investiga as propriedades e os comportamentos da informação, o fluxo da informação, bem como os meios de processá-la para o uso e acesso adequado. Para uma análise panorâmica da história da Ciência da Informação, especialmente nos Estados Unidos, é fundamental a leitura dos trabalhos de Saracevic, especificamente a publicação de 1999. A respeito de uma interpretação integradora dos paradigmas da Ciência da Informação, ver Capurro (2003). No que tange aos objetos de estudo e a epistemologia, é fundamental a análise dos trabalhos do *International Conference on Conceptions of Library and Information Science (CoLIS1)*, e a contribuição de Buckland (1991).

interpretações, os resultados do grupo de trabalho História e Epistemologia da Ciência da Informação junto à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Em linhas gerais, sabe-se que nem a Ciência da Informação, nem a Documentação, desenvolveram-se de maneira semelhante e com as mesmas características.

Desde a fundação do IBBD, em 1954, os congressos de bibliotecários já assinalavam a necessidade de incluir os temas e soluções da Documentação nos currículos de Biblioteconomia. Isso ficou patente nos currículos e nas denominações dos cursos profissionais que desde 1970 figuram o termo "documentação", relacionando às preocupações do movimento dos documentalistas e integrando-as aos currículos de bibliotecários. O primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil, como é de conhecimento dos especialistas no assunto, entrou em atividade em 1911, na Biblioteca Nacional, sob influência francesa. Não obstante, a configuração dos cursos que se expandiu por todo o Brasil, acentuando a tendência técnica, partiu da criação do curso de Biblioteconomia da Divisão de Bibliotecas da Prefeitura Municipal de São Paulo. Para mais detalhes sobre esse período, sugere-se a consulta a Oliveira, Carvalho e Souza (2009) e Castro (2000).

Os trabalhos gerados junto ao programa de pós-graduação do antigo IBBD, bem como a vinda de docentes estrangeiros ao país para a estruturação do curso de mestrado, proporcionaram a diversificação das temáticas de estudo, acelerando o processo de incorporação de teorias da linguagem para responder aos problemas dos sistemas de informação do país. Contudo, o entendimento preciso da configuração brasileira não pode ser a única fonte de explicação do relacionamento interdisciplinar da Ciência da Informação com as ciências que levam a cabo o estudo da linguagem.

Além das tradições representadas pelos Estados Unidos e pela França, talvez seja possível encontrar outras escolas cujos temas foram e são convergentes e com soluções encontradas que se assemelhariam às

encontradas no Brasil. Nesse sentido, uma contribuição à epistemologia histórica da Ciência da Informação seria pensar como se sucedeu a análise dos fenômenos semióticos nos processos informacionais em outros países, em especial, àqueles que guardam alguma relação temática com as pesquisas brasileiras. Presume-se que o conhecimento de novas realidades possa lançar luz a reflexão sobre a conduta da comunidade científica, em especial, a dedicada aos problemas relacionados ao tratamento da linguagem.

As inter-relações teóricas com outras disciplinas parece ser um elemento constitutivo da área. Por exemplo, a análise documental de conteúdo no contexto da tradição otletiana é naturalmente uma linha que se interessa pelas questões teóricas associadas à linguagem. Os processos de redução de textos em resumos, de extração de palavras e conceitos principais, além da tradução entre códigos e o controle terminológico, são exemplos da necessidade de interlocução com outras disciplinas, com especial atenção à Linguística.

A interdisciplinaridade[3] parece ser um argumento imperante e um elemento constitutivo. De acordo com Linares Columbié (2010, p. 155), "Seu caráter interdisciplinar foi um de seus postulados iniciais, nem sempre adequadamente fundamentado e acordado." O que convida os pesquisadores a elaborar diagnósticos, quase que constantemente, sobre o nível de troca disciplinar e dos resultados conquistados pela comunicação de conceitos e teorias.

Isto posto, acudiu-se ao contexto espanhol da Documentação, o qual guarda estreita relação com os estudos do tratamento documental de conteúdo realizados no Brasil. As incursões às teorias semióticas no contexto espanhol mereciam uma análise que procurasse destacar as linhas, os teóricos e os conceitos semióticos mais pertinentes, os quais moldaram o desenvolvimento das relações disciplinares entre Semiótica e

[3] Entendida como interação entre disciplinas, isto é, compartilhamento em vários níveis, dos comunicacionais, conceituais até os níveis mais teóricos mais complexos que incidem na reformulação disciplinar, seja em suas relações conceituais e teóricas. De acordo com Pombo, Guimarães e Levy (1993, p. 11), interdisciplinaridade significa uma posição intermediária, intervalar, e deve ser mais que multidisciplinar e menos que transdisciplinar. As principais características da interdisciplinaridade são: a combinação entre disciplinas, a busca de uma síntese e a contínua cooperação de argumentos, metodologias, conteúdos, problemas, resultados, exemplos e aplicações (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1993, p. 13). Pombo (2004, p. 5) define interdisciplinaridade dentro de um movimento geral das interações disciplinares, entendida sob a metáfora de um *continuum* em que se incluem a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

Documentação e, em especial, com a organização da informação e do conhecimento.

Sendo assim, cumpriu-se esclarecer nesta pesquisa quais teorias semióticas têm estado presentes no campo das Ciências da Documentação na Espanha. Além disso, foi necessário conhecer que conceitos semióticos foram aplicados aos problemas da organização da informação e do conhecimento no campo das Ciências da Documentação na Espanha. Com o mesmo nível de importância, foram identificadas as linhas dos teóricos da Semiótica, indicados por especialistas espanhóis da área.

O estudo teve como hipóteses gerais as seguintes: 1) a explicação da orientação semiótica dos estudos espanhóis de Documentação ainda requeria um tratamento abrangente e sistematizado; 2) os fatores estritamente semióticos que condicionam o tratamento documental de conteúdo no contexto da organização do conhecimento necessitavam de um delineamento que distinguisse tais fatores de os contributos linguísticos amplamente conhecidos e; 3) a corrente semiótica da Documentação, que apareceu no contexto espanhol a frente de outras comunidades científicas em Ciência da Informação – em parte pelo vínculo da comunidade de especialistas espanhóis com a orientação gardiniana de análise documental – sugere temas de interesse para se aprofundar à análise de problemas da Ciência da Informação brasileira. Em síntese, as perguntas tópicas aludidas anteriormente resumiram o problema da pesquisa e a dificuldade patente da literatura especializada da área de enquadrar estas questões da Semiótica.

Sendo assim, a pesquisa teve como motivação o desdobramento da linha de investigação que se segue, relativamente à dimensão teórica da Semiótica na Ciência da informação, em especial, à organização do conhecimento. Em trabalhos anteriores, foi proposta uma leitura crítica dos fundamentos semióticos e pragmáticos da organização do conhecimento (ALMEIDA, 2010, 2011a, 2011c, 2012c), uma concepção de signo e a sua relação com a noção de conceito (ALMEIDA, 2012a) e uma reflexão sobre a relação entre mediação e semiótica (ALMEIDA, 2012b).

Não obstante, muitas teorias semióticas não puderam ser cotejadas, de maneira razoável, com a literatura revisada.

Assim, esta pesquisa representou uma oportunidade ao aprofundamento das abordagens anteriormente investigadas, com o intuito de agregar elementos conceituais e visualizar o quadro histórico da introdução da Semiótica no contexto espanhol, em especial, no que respeita à Documentação. Com efeito, a pesquisa permitiu a continuação de uma trajetória investigativa sobre as relações semióticas na Ciência da Informação[4].

Defende-se que os temas relacionados à Semiótica, notadamente, a de extração peirceana, encontram foro privilegiado e contribuíram à linha de pesquisa produção e organização da informação[5]. Por isso, pretendeu-se encontrar referenciais teóricos e elementos conceituais para compreender o processo de introdução da Semiótica no universo das pesquisas em Espanha, os quais sustentam-se nesta tese, têm influenciado a constituição epistemológica da organização da informação e do conhecimento no interior da Ciência da Informação no Brasil.

A análise da produção científica e da opinião de especialistas espanhóis permitiu conhecer as linhas da Semiótica mais presentes na Espanha. Lembrando que, essa temática também foi objeto de interesse nacional de grupos de trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação nos últimos anos. E, internacionalmente, esteve presente nos eventos promovidos pela *International Society for Knowledge Organizatio*n, cujos temas

[4] Esta investigação encontra-se no cenário das pesquisas apoiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nos processos: 475332/2011-3 e 406021/2012-0. Em que pese os apoios recebidos, a proposta de investigação relacionou-se diretamente às atividades do grupo de pesquisa Fundamentos Teóricos da Informação, liderado pelo autor deste relatório, e à disciplina "Aspectos Semióticos dos Processos Informacionais", oferecida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp.

[5] A ementa do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação subscreve que "Considerando a informação registrada e institucionalizada como insumo básico para a construção do conhecimento no contexto da Ciência da Informação, destaca-se o desenvolvimento de referenciais teóricos e aplicados, de natureza interdisciplinar, acerca da produção e da organização da informação. A produção da informação é abordada sob os eixos da produção científica (avaliação do comportamento da ciência) e da produção documental (Diplomática contemporânea) e a organização da informação é abordada a partir dos processos de análise, síntese, condensação, representação, e recuperação do conteúdo informacional, bem como das competências e comportamentos informacionais do usuário inerentes a tais processos. A dimensão teórica que fundamenta a produção e a organização da informação encontra subsídios na organização do conhecimento (notadamente em suas relações interdisciplinares com a Lógica, a Linguística, a Terminologia, a *Semiótica* e a Análise de Domínio) e na teoria da ciência, enquanto a dimensão aplicada se efetiva a partir dos estudos métricos (Informetria, Cienciometria, Bibliometria e Webometria), de tipologia documental, dos instrumentos e produtos de organização da informação, e das questões de formação e atuação profissional na área."(grifo nosso). Nesse sentido, a Semiótica tem ocupado *locus* de destaque às reflexões epistemológicas no campo da organização do conhecimento. Para mais informações, consulte: <http://www.marilia.unesp.br/#!/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencia-da-informacao/linhas-de-pesquisa/>.Deve-se registrar também que a investigação colaborou diretamente com as pesquisas dos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp, a saber: José Augusto Chaves Guimarães, João Batista Ernesto de Moraes, Mariângela Spotti Lopes Fujita e Walter Moreira.

demonstram o interesse recente pela Semiótica[6]. A esses fóruns, a pesquisa oferece uma contribuição teórico-histórica.

Outra justificativa ao estudo realizado, é que a Espanha compreende uma comunidade de especialistas vinculada às ideias de Otlet e, por consequência, das contribuições de Gardin à análise documental de conteúdo, além do papel destacado nos estudos internacionais em organização do conhecimento (GUIMARÃES; SALES, 2010). O sólido ambiente acadêmico espanhol ofereceu condições para a disseminação da concepção francesa de Documentação e de análise documental de conteúdo, o que poderá ser averiguado mais adiante neste relatório. Guimarães, Sales e Grácio (2012) analisaram as convergências e interlocuções temáticas entre os pesquisadores do Brasil e da Espanha, e destacaram que esses dois países sofreram influência dos trabalhos de Gardin no que respeita, principalmente, a análise documental. No caso da Espanha, a presença francesa é visível antes da década de 1990. Segundo Guimarães, Sales e Grácio (2012), López Yepes e Izquierdo Arroyo receberam mais influência otletiana, enquanto Moreiro González, Pinto Molina e García Gutierrez manifestaram um alinhamento mais gardiniano.

Considerando a natureza da pesquisa espera-se que esta possa contribuir para as novas interpretações sobre as relações disciplinares da Semiótica com o campo da Documentação na Espanha, e abrir espaço ao amadurecimento das questões semióticas pertinentes ao contexto brasileiro. Para tanto, na sequência, serão expostos os objetivos do presente trabalho.

O objetivo geral desta investigação foi analisar as relações disciplinares e teóricas entre o campo da Semiótica e a Documentação na Espanha. Para tanto, foi necessário, operacionalmente, propor os seguintes objetivos específicos, a saber: 1) revisar a literatura que tem fundamentado epistemologicamente o conceito de Documentação na

[6] A título de exemplo, o grupo de trabalho 2 "Organização e Representação do Conhecimento", da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, tem como ementa o interesse às "Teorias, metodologias e práticas relacionadas à organização e preservação de documentos e da informação, enquanto conhecimento registrado e socializado, em ambiências informacionais tais como: arquivos, museus, bibliotecas e congêneres. Compreende, também, os estudos relacionados aos processos, produtos e instrumentos de representação do conhecimento (aqui incluindo o uso das tecnologias da informação) e as relações inter e transdisciplinares neles verificadas, além de aspectos relacionados às políticas de organização e preservação da memória institucional." Para maiores informações sobre os grupos de trabalho consultar: <http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-02>.

Espanha, em especial, no contexto da organização do conhecimento; 2) identificar os marcos teóricos e metodológicos que permeiam o estudo da Semiótica na Documentação na Espanha; 3) caracterizar o universo investigativo (pesquisadores) da linha da Semiótica na Documentação na Espanha; 4) identificar a base conceitual e as relações interdisciplinares entre Semiótica e Documentação na Espanha; 5) discutir a inserção das teorias semióticas no campo da Documentação, conforme depoimentos de especialistas da área e; por fim, 6) relacionar as diretrizes para a interlocução teóricas mais consistentes, apontando os elementos convergentes e complementaridade teórica e metodológica.

A pesquisa foi dividida em duas grandes fases, com muitas atividades realizadas concomitantemente. Essas fases tomam os seguintes nomes: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo (ou aplicação de entrevistas), as quais são descritas sumariamente.

I – Pesquisa bibliográfica: Primeiramente, iniciou-se a etapa de caracterização da literatura espanhola pertinente ao assunto, o resultado dessa primeira etapa pode ser consultado nos capítulos teóricos sobre a Documentação e as abordagens semiótica na Documentação. Para a consecução dos objetivos elencados foi necessário recorrer à bibliografia, na medida em que se buscou esclarecer problemas examinando, para tanto, a literatura existente sobre o assunto, identificando e consultando livros e artigos relevantes ao tema. Esse conjunto de materiais relevantes é chamado de *corpus*. A pesquisa bibliográfica, também conhecida como pesquisa teórica visou resgatar as teorias semióticas concernentes à Documentação espanhola. Assim inseriu-se nos estudos epistemológicos do campo, pois foram investigadas as articulações do conhecimento produzido por uma ciência com outra disciplina. Toda pesquisa bibliográfica intenta levantar a literatura pertinente à matéria, organizando e sistematizando a documentação para desenvolver uma discussão[7].

[7] Para esclarecer os procedimentos da pesquisa bibliográfica é relevante consultar os trabalhos Marconi e Lakatos (1982, p. 56), Bastos (1999, p. 68), Gil (1999, p. 65). Contudo, de um ponto de vista mais específico, Dieterich (1999, p. 178), argumenta que um objetivo e um problema de pesquisa podem ser alcançados mediante a consulta exclusiva a bibliografia. Desse modo, não se considera pesquisa bibliográfica como meramente instrumental para atingir uma pesquisa que requer coleta de dados.

O universo da pesquisa bibliográfica (*corpus*) foi constituído por materiais cujos assuntos se correlacionaram, de algum modo, aos temas da pesquisa, categorizados em *artigos de periódicos, trabalhos em anais de eventos e monografias*.

Para o levantamento das revistas tomou-se como base os bancos de dados IN-RECS (Índice de Impacto das Revistas Espanholas de Ciências Sociais) e o DICE (Difusão e Qualidade Editorial das Revistas Espanholas de Humanidades e Ciências Sociais). A lista do IN-RECS para documentação, referente ao índice de 2011, trouxe 33 revistas, divididas em quartis. A lista do DICE, organizada por difusão internacional, apresentou 39 registros (ver ANEXO A - TÍTULOS DE REVISTAS IN-RECS E DICE). Assim, definiu-se como critério para o levantamento dos artigos as 20 revistas com registro de índice de impacto por alguma base de dados, segundo a fonte IN-RECS. Além disso, abriram-se concessões a artigos de autores destacados sobre o tema semiótica, os quais foram publicados em revistas não listadas.

Os termos de busca, junto aos sistemas e sumários da revista, estavam relacionados às diversas abordagens semióticas. As revistas foram analisadas desde o ano de nascimento até o ano de 2014, quando este estava publicado. Primeiro, analisaram-se os sumários de todos os números consultados na base Dialnet[8]. Depois, os títulos e os resumos dos artigos foram analisados. Em terceiro lugar, os artigos foram obtidos eletronicamente e os não encontrados foram localizados no sistema de biblioteca e fotocopiados. Os artigos previamente selecionados foram 337 (trezentos e trinta e sete), após uma segunda análise, definiu-se para a leitura 57 (cinquenta e sete) artigos das revistas selecionadas[9], além, é

[8] <http://dialnet.unirioja.es/>.

[9] Os periódicos e a quantidade de artigos selecionados estão assim distribuídos: El profesional de la información (9 artigos, v.1-23, 1992-2014), Revista española de documentación científica (5 artigos, v.1 - v. 37, n.1, 1977-2014), BiD: Textos universitaris de biblioteconomia i documentació (4 artigos, n.1-33, 1998-2014), Cybermetrics: International Journal of Scientometrics, Informetrics and Bibliometrics (nenhum artigo, v1-17, 1997-2013), Anales de documentación: Revista de biblioteconomía y documentación (3 artigos, v.1-17, 1998-2014), Papeles médicos: Revista de la Sociedad Española de Documentación Médica (nenhum artigo, v.1-23, 1992-2014), Documentación de las ciencias de la información (5 artigos, v.1-37, 1976-2014), Ocnos: revista de estudios sobre lectura (nenhum artigo, v.1-12, 2005-2014), Lligall: Revista Catalana d ´Arxivística (nenhum artigo, v. 1-36, 1988-2013), Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios (1 artigo, v.1-28, 1984-2013), Hipertext.net (7 artigos, v. 1-12, 2003-2014), Scire: Representación y organización del conocimiento (5 artigos, v. 1-20, 1995-2014), Tabula: revista de archivos de Castilla y León (nenhuma artigo, v. 1-17, 1992-2014), Boletín de la ANABAD (4 artigos, v. 52-55, 1966-1969, tomo 20-63, 1970-2013), Revista general de información y documentación (9 artigos, v.1-24, 1991-2014), Item: Revista de biblioteconomia i documentació (2 artigos, n.1-58, 1987-2014), Anuario ThinkEPI (3 artigos, v. 1-8, 2007-2014), Educación y biblioteca (nenhum artigo, v. 1-23, 1989-2011), Ibersid: revista de sistemas de información y documentación (nenhum artigo, v.1-8, 2007-2014), RdM: Revista de Museología: Publicación científica al

claro, dos materiais publicados pelos especialistas que foram entrevistados.

No caso dos anais, concentrou-se a análise nos anais da ISKO Espanha, selecionando um total de 21 (vinte-e-um) trabalhos com maior potencial para contribuir com a revisão de literatura. Alguns desses trabalhos foram citados no decorrer do texto.

Por fim, o grupo de monografias foi obtido, por uma parte, com base nos catálogos Rebiun[10] e sistemas de bibliotecas e, por outra, contou com materiais comprados pelo pesquisador e foi composto basicamente de livros de autoria dos teóricos de Documentação na Espanha.

II – Aplicação de Entrevistas: Em um segundo momento foi realizada a coleta de depoimentos de pesquisadores em Documentação, com o objetivo de complementar a revisão bibliográfica. Esta etapa foi iniciada em novembro e concluída em março de 2015. A participação de especialistas esteve condicionada à produção destacada nas principais universidades espanholas da área, conforme indicação inicial[11]. Contudo, no decorrer dos contatos realizados, considerando as desistências em participar e revisando a pertinência dos currículos para a pesquisa, chegou-se a um conjunto definitivo de especialistas que colaborou com a consecução plena dos objetivos e resultados da pesquisa[12]. Esses depoimentos ajudaram a lançar luz à bibliografia consultada.

---

servicio de la comunidad museológica (nenhum artigo, n.1-62, 1993-2014). Desse modo, chegou-se a um total de 57 artigos relacionados aos temas da pesquisa. Esse número não inclui necessariamente os artigos e os capítulos de livro de autoria dos entrevistados da pesquisa como mencionado, pois outros materiais também foram incorporados na revisão.

[10] <http://www.rebiun.org/>.

[11] Inicialmente, foi planejada a consulta a especialistas das principais universidades da área, a saber: Universidad Complutense de Madrid (Blanca Gil Urdiciain), Universidad Carlos III de Madrid (José Antonio Morero González, Carmen Diez Carrera e Rosa San Segundo), Universidad de Alcalá (Monica Izquierdo Alonso), Universidad de Zaragoza (Carmen Agustín e outros especialistas em Semântica e Teoria da Linguagem), Universitat de Barcelona (Constança Espelt e Mercé Llorente), Universitat de Valencia (Nuria Lloret Romero), Universidad Politécnica de Valencia (Nuria Lloret e Fernanda Peset), Universidad de Murcia (José Maria Izquierdo Arroyo e Luis Miguel Moreno Fernández), Universidad de Granada (Carmen Galvez), Universidad de Extremadura (Pilar Ortego), Universidad de Salamanca (Carmen Caro, Carlos García Figuerola e José Luis Alonso Berrocal), Universidad de León (Maria Luisa Alvite Diez e Blanca Rodríguez Bravo), Universidad de la Coruña (Carmen Perez Pais), Universidad de Sevilla (Antonio García Gutiérrez) e Universidad de Navarra (Jaime Nubiola, especialista em Filosofia e Semiótica de Peirce).

[12] Os especialistas que participaram como entrevistados ou respondentes estão vinculados às seguintes universidades: Universidad Complutense de Madrid (Blanca Gil Urdiciain), Universidad Carlos III de Madrid (José Antonio Morero González e Rosa San Segundo), Universidad de Alcalá (Monica Izquierdo Alonso), Universidad de Zaragoza (Carmen Agustín), Universitat de Barcelona (Constança Espelt), Universitat de Valencia (Nuria Lloret Romero), Universidad Politécnica de Valencia (Fernanda Peset), Universidad de Murcia (José Maria Izquierdo Arroyo e Luis Miguel Moreno Fernández), Universidad de Granada (Carmen Galvez e María José Lopez-Huertaz), Universidad de Salamanca (Carlos García Figuerola e José Luis Alonso Berrocal), Universidad de León (Maria Luisa Alvite Diez e Blanca Rodríguez Bravo), Universidad de Sevilla (Antonio García Gutiérrez) e Universidad de Navarra (Sara Barrena, especialista em Filosofia e Semiótica de Peirce e tradutora da obra de Peirce para o espanhol). Outros especialistas aceitaram receber o pesquisador e conversar sobre a pesquisa, contudo não permitiram a gravação da entrevista, nem mesmo o registro das respostas em questionário, foi o caso de Carmen Díez Carrera (Universidad Carlos III de Madrid) e Mendonza Ibáñez (Universidad de La Rioja e especialista em Linguística). De todo modo, as respostas desses especialistas foram extremamente enriquecedoras. Sendo assim, a pesquisa contou ao final com a colaboração de 20 especialistas. Os cinco especialistas que não puderam participar alegaram questões relacionadas à agenda de trabalho, ao fato de não se encontrarem na Espanha no período de coleta, ou o não envolvimento com o tema da pesquisa.

Consequentemente, os materiais de autoria dos pesquisadores selecionados foram examinados detidamente por representarem seus temas de estudo. O objeto dessa consulta versou sobre a história da Semiótica na Documentação, os conceitos semióticos fundamentais, as aplicações e as relações disciplinares. O objetivo foi conhecer a produção bibliográfica destes especialistas, o contexto das pesquisas, os conceitos e as influências teóricas (ver APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO e APÊNDICE B – ROTEIROS DE ENTREVISTA).

Para análise e tabulação dos depoimentos, utilizou-se a técnica denominada discurso do sujeito coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). A interpretação dos dados do discurso do sujeito coletivo baseou-se em uma orientação qualitativa, seguindo as etapas: 1) primeiro, procedeu-se a leitura dinâmica do material para identificar erros de transcrição e corrigi-los; 2) a partir da leitura geral, identificou-se o que é de interesse para a pesquisa e foi marcado com reticências o que não foi considerado adequado, como os diálogos que não tratavam especificamente do tema; 3) depois, destacaram-se, preliminarmente, os tópicos de maior interesse segundo os blocos temáticos dispostos no instrumento de pesquisa; 4) organizaram-se grandes blocos de depoimentos para melhor manipular o material. Da mesma forma, foi necessário indicar com números os respondentes; 5) sobre esses depoimentos previamente selecionados, foi-se identificando o que realmente eram expressões-chave (maior conteúdo informativo) e excluindo os comentários que não seriam utilizados, mas que podem ser consultados nas entrevistas transcritas (ver ANEXO B – ENTREVISTAS TRANSCRITAS DE ESPECIALISTAS EM DOCUMENTAÇÃO e ANEXO C – ENTREVISTA TRANSCRITA DE ESPECIALISTA EM SEMIÓTICA). Estas expressões-chave estão na terceira coluna do quadro de tabulação dos dados; 6) depois desse refinamento, buscou-se encontrar os tópicos ou as ideias centrais das expressões-chave que melhor a representassem (consultar APÊNDICE C – TRATAMENTO DOS DADOS DISCURSIVOS DE ESPECIALISTAS EM DOCUMENTAÇÃO e APÊNDICE D – TRATAMENTO DOS DADOS DISCURSIVOS DE ESPECIALISTA EM SEMIÓTICA). As ideias

centrais foram registradas na segunda coluna do quadro de tabulação dos dados e; 7) com a descrição das ideias centrais foi possível fazer um primeiro agrupamento, na forma de letras, para estruturar os discursos coletivos sobre os tópicos investigados. Os discursos coletivos sistematizados foram utilizados para conhecer algumas especifidades das abordagens semióticas e da Documentação em Espanha, como poderá ser observado.

A presente tese apresenta na sequência destas breves considerações introdutórias e metodológicas, no capítulo 2, um panorama das teorias semióticas. No capítulo 3, expõem-se algumas linhas para se compreender um pouco mais sobre a Documentação na Espanha. Por sua vez, no capítulo 4, relacionam-se os principais resultados da pesquisa, cuja contribuição principal é registrar as abordagens semióticas presentes no campo da Documentação na Espanha. Por último, sintetizam-se algumas conclusões no capítulo destinado às considerações finais, ademais de referências e documentos necessários para a compreensão da pesquisa realizada.

2 O CAMPO SEMIÓTICO

Com os levantamentos em manuais e trabalhos sobre Semiótica, Semiologia e Linguística, nota-se o quão difícil é estabelecer linhas que separam um campo do outro. Não há domínios e objetos que pertençam a uma única disciplina nem mesmo a forma de abordagem, que seria uma atividade particular a uma ciência social, não se encaixa ao problema epistemológico da Semiótica. Considerando essa dificuldade patente, um estudo deste campo deve, em primeiro lugar, registrar as linhas que se pretende trabalhar, já que quase tudo sobre o simbólico pode ser de interesse semiótico e, em alguns casos, até mesmo o que está antes da fronteira da convenção social da linguagem poderia receber um tratamento semiótico. O objetivo desta seção é registrar em linhas gerais a definição de semiótica que se adotou nesta pesquisa.

Recorreu-se à noção de campo semiótico de maneira plural – teorias semióticas –, pois atualmente é insustentável uma visão semiótica que proponha uma teoria unificada, ainda que alguma se sobressaia à outra, dependendo do problema em análise ou do ponto de vista que se quer destacar. As teorias semióticas contemplam as principais abordagens sobre os signos, a semiose (ação dos signos) e a significação no contexto humano e não humano. Desse modo, ter-se-iam propostas teóricas não antropocêntricas em que a semiose é investigada por abarcar o mundo natural, como, segundo Nöth (2005b, p. 201), o comportamento sígnico de animais na zoossemiótica e dos processos microbiológicos na biossemiótica. Nas aproximações antropocêntricas, o objeto de análise é a semiose no contexto humano e cultural.

Entre as diversas teorias semióticas estão as vinculadas aos teóricos Charles Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Louis Hjelmslev (1899-1965), Roman Jakobson (1896-1982), Roland Barthes (1915-1980), Algirdas Julien Greimas (1917-1992), Charles William Morris (1901-1979), Yuri Lotman (1922-1993), Umberto Eco (1932-), entre muitos outros comentadores contemporâneos com importantes

aportações.

Segundo a análise de Nöth (2005b, p. 175), Eco separou o campo semiótico de outras disciplinas, considerando a distinção entre signos e coisas, e signos naturais e signos artificiais. Nesse sentido, o campo semiótico vislumbrado por Eco compreenderia apenas, ou de maneira fundamental, os signos convencionais e os códigos presentes no contexto sociocultural. A comunicação entre animais e os signos não convencionais só entrariam em cena no campo semiótico se manifestassem padrões de convencionalidade e comunicabilidade próximos ao cultural. Assim, na acepção de Eco, não se considerariam teorias semióticas não antropocêntricas. A ideia de campo parece muito bem acertada, embora a ênfase ao antropocentrismo não seja adequada segundo o ponto de vista assumido aqui.

Desse modo, para fins desta investigação as teorias semióticas foram divididas em dois grandes grupos: teorias peirceanas, as quais recorrem à propositura teórica de Charles S. Peirce (1834-1914), e teorias não peirceanas, as quais não estão subjacentes os estudos peirceanos. Também se pode cogitar a existência de um terceiro grupo, que se denominou teorias semióticas híbridas, referentes às que se valem de elementos dos dois conjuntos anteriores para responder a demandas específicas ou por considerar que isoladas, as teorias peirceanas e não peirceanas, não responderiam aos problemas teóricos.

Considera-se, por outro lado, que essas teorias marcam tendências de análise e incursões conceituais em um campo específico, configurando assim em uma aproximação teórica – sem especificar a natureza inter ou multidisciplinar –, de outro modo chamada de abordagem. Assim, as teorias peirceanas, não peirceanas e híbridas quando atravessam as fronteiras e os contextos de produção originais e aportam-se em outro campo – como exemplo, a Documentação – seriam melhor entendidas como abordagens deste campo, isto é, rede de conceitos unida por um ponto de vista comum ou conjunto de pressupostos bem alinhavados.

Desse modo, ter-se-iam abordagens semióticas peirceanas, não

peirceanas e híbridas no campo da Documentação. Aqui não há que se valorizar o nível de aplicação, ou mesmo o teor do contato disciplinar com a Semiótica – se terminológico, conceitual, teórico ou metodológico, o que seria muito difícil –, apenas se manifesta tratar de uma abordagem tão-somente inclinada a um conjunto de pressupostos semióticos bem articulados.

Para justificar tal separação arbitrária é fundamental registrar a influência no campo semiótico do filósofo Peirce. Seu legado ainda está presente nos círculos acadêmicos, e muitos centros de investigação em Comunicação e Filosofia revisitam seus conceitos para explicar fenômenos associados à linguagem e à cognição humanas. Conquanto pareça generalizante, e inclinado a uma valorização intencional da teoria peirceana, a divisão mostra apenas as tendências mais globalizantes no trato dos temas.

Sendo assim, uma teoria não peirceana, pode valer-se de elementos conceituais variados, como os provenientes do estruturalismo linguístico, do funcionalismo ou da pragmática linguística, sem reconhecer ou registrar uma continuidade da linha teórica peirceana. Teorias semióticas contemporâneas podem se comportar desse modo, o que torna difícil classificá-las como estruturalistas ou pragmáticas. A divisão entre teorias peirceanas e não peirceanas marca uma generalidade para a categoria de análise, mas também permite o reconhecimento da coexistência de teorias híbridas, as quais se vinculam a mais de uma matriz conceitual, semiótica ou não. É o caso de abordagens que revelam ter encontrado base teórica na antropologia, na sociologia, na biologia etc.

Essas separações operacionais são importantes para compreender a consecução de alguns discursos. Por exemplo, uma abordagem peirceana reconhece a centralidade do processo de evolução dos significados, o modelo tripolar do signo, o falibilismo constante na interpretação, entre outros tantos argumentos, ao passo que uma teoria não peirceana não compartilha ou até mesmo rechaça alguns desses pressupostos.

No que tange a teoria semiótica peirceana, cumpre esclarecer os

vínculos entre Filosofia e Semiótica, compreendendo o pensamento do filósofo Charles Peirce[13] relacionado à teoria dos signos e aos demais contributos teóricos para a Semiótica, entre os quais: a Fenomenologia, as Ciências normativas e a Metafísica. Todas essas disciplinas compreendidas em sua divisão das ciências como ramos da Filosofia, classificada como uma Ciência da Descoberta, cujas diversas designações juntam-se a um propósito maior na condição de Ciências Teóricas.[14],

A Semiótica corresponde a um conjunto irrestrito de contribuições no sentido de teorizar sobre a vida dos signos, principalmente, os signos produzidos no contexto social e humano. Compreensão legítima, tendo como pressuposto a Semiótica enquanto uma ciência do homem; porém muito restrita, de acordo com o pensamento peirceano. Os signos não são exclusivos da mente humana, são produtos gerados por qualquer mente que possa aprender pela experiência. Por esse escopo, os animais e os outros organismos produziriam e interpretariam signos.

A Semiótica de Peirce (2000, p. 29) está dividida em três ramos: a Gramática Especulativa, como a "doutrina das condições gerais dos símbolos e outros signos que tem o caráter significante", Lógica Pura ou Crítica, "a teoria das condições gerais da referência dos Símbolos e outros Signos aos seus Objetos manifestos, ou seja, é a teoria das condições da verdade", e por fim, a Retórica Especulativa, "aquilo que é conhecido pelo nome de metodologia ou, melhor, metodêutica. É a doutrina das condições

[13] Um dos primeiros dados que se costuma citar sobre o relacionamento da Ciência da Informação com a figura de Charles Peirce, é o fato de seu avô, Benjamin Peirce (1778–1831), ter atuado como bibliotecário da Universidade de Harvard por volta de 1826, o qual compilou o catálogo da biblioteca da universidade em 1830 e publicou uma obra póstuma sobre a história da Universidade de Harvard, em 1833. Outro fato relevante é que Peirce, em sua visão interdisciplinar, incluiu dentro das ciências práticas (CP 1.243), o trabalho dos bibliotecários (*librarian's work*). Felizmente, os interesses classificatórios entre Peirce e seu avô se encontram. O catálogo redatado por seu avô é interessante em vários aspectos: por um lado, antecipa as divisões em classes que só seriam conhecidas décadas depois, o documento é sistemático e representa as divisões bibliográficas das ciências na forma de hierarquias, com respeito à estrutura social, começando pelas ciências teológicas. As classes incluídas eram: I – Teologia, II – Jurisprudência, governo e Política, III – Ciências e Artes (isto é, Ciências Aplicadas), IV – Belas Letras (ou Literatura e Linguística), V- História e VI – Obras relacionadas com a América (PEIRCE, B. 1830).

[14] A obra de Peirce ultrapassa 90.000 páginas e é composta de ensaios, artigos em periódicos e, em sua maior parte, manuscritos. Na década de 1930, a Universidade de Harvard, que custodia os manuscritos, publicou uma primeira reunião destes documentos, publicação intitulada *Collected Papers of Charles Sanders Peirce.* A referência aos *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, é feita pelos comentadores e os estudiosos utilizam a sigla CP, seguida do número do volume e do número do parágrafo, estes dois últimos separados por ponto. Outras obras relevantes para consulta são: *Writings of Charles Sanders Peirce*: a cronological edition, em 6 volumes, abreviada por W seguido do número do volume; *The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*, em 4 volumes, abreviada por NEM; a obra mais recente e com seleção acurada de textos em ordem cronológica, consta de 2 volumes, intitulada *The Essential Peirce*, com a sigla EP. Em português do Brasil, as principais traduções são: *Semiótica e Filosofia*, traduzidas por Octanny Silveira da Mora e Leonidas Hegenberg, de 1972, *Escritos Coligidos*, de 1974, de traduação de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum, Semiótica, traduzida por José Teixeira Coelho Netto, de 1977. A obra *Antologia filosófica*, de 1998, traduzida para o português de Portugal, foi de responsabilidade de António Machuco Rosa. A tradução para o espanhol da obra de Peirce está sendo elaborada independentemente por uma equipe de pesquisadores do Grupo de Estudios Peirceanos, da Universidad de Navarra (http://www.unav.es/gep/). Em 2012 foi publicada a tradução, por Sara Barrena, dos volumes do *The Essencial Peirce* para o espanhol sob o título *Obra Filosófica Reunida*, em dois volumes, pela editora Fundo de Cultura Econômica, México.

gerais da referência dos Símbolos e outros Signos aos Interpretantes que pretendem determinar [...]".

Muitos estudos foram e são realizados sob a égide de uma ou mais ramos elencados anteriormente. Entretanto, as principais contribuições provêm dos conceitos semióticos construídos na Gramática Especulativa. Sobre essa questão, é digna de nota a obra *Matrizes da linguagem e pensamento*, de Santaella (2005), que pode ser classificada como um trabalho de Gramática Especulativa, assim como *O método anticartesiano de C. S. Peirce*, da mesma autora (2004a), um trabalho que disserta sobre a Retórica Especulativa.

Sendo assim, a Semiótica seria mais bem a doutrina dos signos que objetiva investigar os signos utilizados por uma inteligência que aprende pela experiência. "Em seu sentido geral, a lógica é, como acredito ter mostrado, apenas um outro nome para semiótica (*σημειωτική*), a quase-necessária, ou formal, doutrina dos signos" (PEIRCE, 2000, p. 45, CP 2.227). O signo, na visão peirceana, não é um fenômeno estático, tampouco se reduz a um produto da mente humana, em realidade, corresponde a tudo o que se possa imaginar, observar, sentir ou pensar. Para compreensão global dos temas centrais da Semiótica de Peirce, sugere-se a leitura dos comentadores Silveira (2007, 2008a, 2008b), Santaella (2000, 2004a, 2004b, 2004c), Ibri (1992), Coelho Netto (1999), De Waal (2001, 2007), Deledalle (1996) e Marafioti (2005).

Entre as teorias semióticas não peirceanas destaca-se a vertente estruturalista. Na primeira metade do século XX, particularmente na Suíça, surgiu um movimento intelectual liderado por linguistas que buscavam sistematizar uma ciência para a linguagem. Os precursores modernos desta outra escola influente da teoria dos signos, a Semiologia (do grego *semeîon,* que quer dizer sinal ou signo, e *logía*, estudo ou ciência), foram Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Louis T. Hjelmslev (1899-1965).

A tradição linguística da semiótica, uma das mais utilizadas nas reflexões sobre a organização da informação e do conhecimento, examina

a significação de um modo diverso à perspectiva semiótica de Peirce. Um signo deve possuir, para ser linguisticamente perfeito, um significante e um significado, isto é, uma modalidade de expressão e uma ideia que dê sentido ao significante. Os signos linguísticos são compreendidos apenas como entidades convencionais construídas pelos homens, já as ideias originadas e presentes em uma mente, quando estão fora da língua, são um complexo de pensamentos sem forma definida.

Essa definição, já instaurada e consagrada, é diferente de uma compreensão semiótica da dinâmica da significação, que se estabelece abaixo e além dos resultados da simbolização. Para analisar a vertente estruturalista da Semiótica é fundamental o conhecimento das obras de Saussure (1970), Hjelmslev (1972, 1975), Barthes (1971, 1980), Greimas (1973, 1976), Lopes (1995) e Nöth (2005b).

O signo, vislumbrado pela Semiologia, foi definido anteriormente pela Linguística, isto é, composto de uma forma de expressão e de um conteúdo. Saussure (1970), apesar de enfatizar o papel da língua como sistema de signos privilegiado em relação aos demais sistemas, reconhece que este sistema representa uma parcela significativa dos sistemas de signos humanos (língua de surdos-mudos, signos militares, etc.). O argumento funciona como uma tentativa de aproximar os sistemas, segundo um ponto de visto único (o semiológico), que permitiu entrever os demais sistemas de signos a partir de uma matriz única e quase-homogênea. Os demais conceitos saussureanos serviram de aporte à teorização semiológica. Outros linguistas valeram-se do arcabouço teórico de Saussure e aplicaram-no a outros sistemas sígnicos, os mais diversos.

Os trabalhos de Saussure e Hjelmslev foram sucedidos pelos de Roland Barthes (1915-1980), Algirdas J. Greimas (1917-1992) e, de certo modo, Umberto Eco (1932-2016). A Semiologia, segundo Saussure (1970), está vinculada à Psicologia Social e tem como disciplina mais avançada a Linguística, da qual retira a maior parte dos conceitos operacionais: signo linguístico, significante e significado.

Além da contribuição estruturalista, sob a alcunha teorias semióticas

apareceram, durante o início do século XX, os trabalhos de Ogden e Richards, por um lado, e os esforços de Morris, por outro. Sob uma perspectiva não linguística, a síntese das teorias dos signos concebidas até início do século XX foi construída pela investigação de Ogden e Richards, na década de 1920. Ao lado da contribuição não estruturalista à teoria dos signos, encontram-se as ideias de Charles William Morris (1901-1979), que elaborou uma teoria semiótica por volta das décadas de 1930 e 1940.

Os fundamentos da teoria de Morris estão enraizados na Semiótica de Peirce, além do behaviorismo social e da teoria interacional simbólica de G. Mead, do pragmatismo americano, do empirismo e do positivismo lógico (NÖTH, 2005b, p. 181). Diversos conceitos de Morris estão fundamentados na doutrina dos signos de Peirce. Conceitos como semiose (ação dos signos) e interpretante (efeito interpretativo), além da matriz triádica do signo, remontariam à teoria de Peirce. Morris (1976, p. 13-15) explica que o signo é composto de um veículo do signo, um *designatum* e um interpretante para um intérprete. O veículo do signo é aquilo que funciona como signo, o *designatum* é aquilo a que o signo se refere, mas enquanto uma classe ou espécie de objeto. Por último, o interpretante é o efeito sobre um intérprete em virtude do qual as coisas em questão seriam um signo para este. A Semiótica de Morris é uma ciência interdisciplinar e, na medida em que as demais ciências se valem de signos, a Semiótica se constitui em uma meta-ciência (NÖTH, 2005b, p. 184).

Além de Greimas e demais autoridades da Semiologia indicadas anteriormente, devem-se incluir as contribuições de Umberto Eco (2000), quem procurou fundar um campo geral da teoria dos signos. Presume-se que a função de Eco foi sintetizar um conjunto enorme de contribuições com o objetivo de erigir uma teoria unificada dos signos. Para tanto, Eco conseguiu reunir as duas principais escolas que deram origem à teoria dos signos no século XX, Saussure e Peirce.

Deve-se, pois, incluir também uma teoria marcadamente híbrida, a

teoria semiótica da cultura ou Semiótica russa, a qual aceita a "Concepção do texto como unidade básica da cultura, e não do sistema linguístico. Nesse sentido, uma dança, uma cerimônia, uma obra de arte e muitos outros produtos e manifestações culturais são considerados texto" (MACHADO, 2003, p. 54).

A vinculação teórica da Semiótica da cultura é bem variada, compreendendo nada mais nada menos que Teoria Literária, Linguística Estrutural, Semiótica, Crítica de Arte, Cibernética, Teoria da Informação e da Comunicação, Lógica Matemática, Etnologia, Antropologia, Biologia Molecular, Neurobiologia, Neurolinguística e Ecologia cognitiva (MACHADO, 2003). Esse campo é constituído por teorias híbridas, como é o caso da Semiótica da Cultura, assim como a abordagem semiótica de Umberto Eco.

Obviamente, muitos outros teóricos mereceriam figurar nesta exposição, porém as perspectivas elencadas anteriormente subsidiam um panorama do campo da Semiótica. Os pesquisadores e os especialistas em Documentação reconhecem as principais relações teóricas do campo com outras disciplinas e áreas do saber. Contudo, pontos de interdisciplinaridade, ainda estão em pleno processo de desenvolvimento e precisam continuamente de análises cuidadosas com o objetivo de potencializar o diálogo com outros campos. Na sequência, apresentar-se-ão alguns detalhes do contexto histórico recente da Documentação em Espanha, o qual permitirá entender um pouco da origem da produção teórica e discursiva investigada por esta pesquisa.

3 A DOCUMENTAÇÃO NA ESPANHA

Na Espanha, assim como no Brasil, a incorporação das ideias de Otlet foi fundamental e tem marcado a configuração teórica dos estudos de informação, em especial, a preocupação com o tratamento da linguagem natural. A expressão "Ciência da Informação", como disciplina, área do conhecimento ou campo científico, que se ocupa do estudo da informação na sociedade, associadas à Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, não é muito comum na Espanha, pois a expressão mais representativo é *Ciencias de la Documentación,* ou para a área de conhecimento *Información y Documentación*. Nesta seção, serão apresentados traçados gerais para se compreender a Documentação na Espanha.

A Documentação na Espanha seguiu *pari passu* o trabalho do movimento internacional dos documentalistas, em especial, a obra de Otlet. Os diálogos com a Documentação foram intensos e profundos na Espanha, assim como no Brasil pelo destacado trabalho de especialistas da Universidade de São Paulo na década de 1980, através de uma influência francesa da análise documental de conteúdo que impulsionou o interesse pela escola de Documentação e pelas obras capitais deste movimento profissional e científico.

A institucionalização da Documentação na Espanha deve ser vista sob o contexto histórico e educacional do país, sem esse detalhamento a compreensão das características do campo seria prejudicada.

Somente para relacionar alguns dados, antes da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), o país não possuía um desenvolvimento substancial da educação de base. Segundo Martínez Ruiz, Maqueda e De Diego (1999, p. 153), em 1900, 63,79 por cento da população era analfabeta e em 1930, a cifra estava em 44,47 por cento. Apesar do avanço em três décadas, os dados representam apenas que as pessoas alfabetizadas seriam supostamente as que possuíam pelo menos o ensino primário. Destaca-se o ano de 1900, pois foi quando se instituiu na

Espanha o Ministério de Instrução Pública e Belas Artes.

Outro fato a destacar é a presença feminina na universidade na primeira metade do século XX, o que indiretamente está conectado à formação profissional em Biblioteconomia. Em 1915, apenas 4 de cada 100 alunos matriculados no ensino superior eram mulheres, e em 1928, esse número se eleva um pouco, de 13 por 100 alunos matriculados (MARTÍNEZ RUIZ; MAQUEDA; DE DIEGO, 1999, p. 155). Curiosamente, a tradição formativa em Biblioteconomia e Documentação na Espanha projetou-se com a fundação, em 1915, da Escola Superior de Bibliotecárias, na Catalunha.

No que tange às áreas de formação, em 1930, do universo de alunos universitários matriculados 72,9 por cento eram de Direito e Medicina, e apenas 13,9 dos alunos dedicavam-se às profissões técnicas de Ciências ou de Filosofia e Letras (MARTÍNEZ RUIZ; MAQUEDA; DE DIEGO, 1999, p. 155). Esse contexto do quantitativo de população alfabetizada e da distribuição do ensino universitário, concentrado nas áreas de Medicina e Direito, mostra a dificuldade de se estabelecer um campo profissional para áreas dedicadas às letras e à leitura pública.

Outros elementos podem ser ainda agregados para estimar a situação da política educacional dedicada aos ensinos primário, secundário e universitário. Por exemplo, citam-se os seguintes fatores: os sucessivos projetos de ensino desde o final da primeira metade do século XIX; o modelo universitário francês; a falta de recursos e a burocracia das instituições universitárias e, a participação de instituições privadas na oferta do ensino secundário, especialmente, as vinculadas à Igreja Católica, que atendiam dois terços do alunado, segundo registram Martínez Ruiz, Maqueda e De Diego (1999, p. 155). Essa configuração manteve-se até a década de 1960, quando a quantidade de universitários aumenta e o acesso de mulheres às universidades já era uma realidade.

O investimento em educação desde os anos 1940 foi aumentando gradativamente. De acordo com Martínez Ruiz, Maqueda e De Diego (1999, p. 155), em 1936, o orçamento do governo central destinado à

educação chegava a 6,54 por cento, em 1950 já era 7,83%, até que praticamente dobra em 1970, subindo para 14,6 por cento. Isso também é acompanhado pelo incremento de alunos e professores em todos os níveis de ensino, além do crescimento do número de unidades escolares.

Esses dados devem ser interpretados recorrendo ao movimento da população espanhola. De 1940 até 1980, houve um claro crescimento populacional, representado pela elevada taxa de natalidade. Os anos que seguem a partir de 1980, o crescimento populacional derivado da taxa de natalidade diminuiu, em contrapartida, os dados de mortalidade começam a cair. Examinando os dados registrados por Martínez Ruiz, Maqueda e De Diego (1999, p. 209), constata-se que entre 1970 e 1981, a população cresceu em 3.790,213 pessoas, enquanto entre 1981 e 1991, o crescimento populacional desacelerou e chegou a 1.687,682 pessoas no período.

Também se deve acrescentar a este quadro que as áreas mais urbanizadas da Espanha começaram a destacar-se nos anos 1960, quando houve um verdadeiro êxodo rural que concentrou a população em grandes áreas metropolitanas (PRO RUIZ; RIVERO RODRÍGUEZ, 2013, p. 163), como nas comunidades autônomas da Catalunha, Madrid, País Vasco e Valência. Por outro lado, as populações do interior da comunidade de Castilha e León e de Extremadura rumaram, principalmente, à região metropolitana de Madrid. Além disso, é digno de nota que houve um acentuado movimento migratório de andaluzes e murcianos para Catalunha. O que parece contraditório no movimento independentista catalão, pois parte relevante da população catalã pró-independência não é nativa, mas incorporada à comunidade devido ao êxodo iniciado em 1960.

A Documentação na Espanha desenvolveu-se sob esta estrutura educacional e demográfica e se potencializou em momentos em que houve crescimento da população universitária, abertura de vagas para professores de ensino profissional, aumento do número de unidades escolares nos diversos níveis, instituições as quais incorporam entre seus serviços as bibliotecas. Também é possível afirmar que a Documentação

se retraiu em momentos em que houve um fechamento ao contexto mundial – ditadura – e crise econômica. E, é claro, as profissões ligadas à Documentação, assim como outras profissões liberais, desenvolveram-se em regiões urbanas e economicamente mais favorecidas; não é sem razão que as principais escolas de formação profissional e pesquisa em Documentação estão em centros mais populosos, como nas regiões metropolitanas de Madri, Barcelona, Valência e Saragoça.

Depois da Guerra Civil, ergueu-se uma forte ditadura de alinhamento fascista liderada pelo general Francisco Franco (1892-1975). Esse acontecimento determinou o desenvolvimento das ações ligadas ao ensino na Espanha, e que se encerrou após a morte de Franco, em 1975.

Sánchez Belda e Carmela Pescador del Hoyo (1993) separaram os seguintes períodos da Documentação na Espanha: de 1950 a 1977 e de 1978 a 1992, com a consolidação dos cursos de diplomatura[15]. Contudo, é necessário acrescentar uma nova etapa no desenvolvimento teórico e nas práticas de ensino em Documentação, que seria de 1993 até os dias atuais, marcada pelos novos cursos de licenciatura em Documentação. Talvez ainda se deva segmentar uma quarta etapa, que começaria em 2008 e que se caracteriza pelo impacto da crise econômica no ensino profissional em Documentação. É claro que esta divisão precária não representa muita coisa além do intento didático, mas serve como parâmetro para a exposição a seguir.

Em uma análise recente, García Marco (2013, p. 490) expõe que considera fases do desenvolvimento do ensino profissional em Documentação:

[15] As *licenciaturas* e as *diplomaturas* não são equivalentes ao sistema de titulações brasileiro, isto é, o sistema universitário espanhol possuía três ciclos formativos, enquanto o brasileiro, desde pelo menos a reforma universitária de 1968, reconhece dois níveis, graduação e pós-graduação. *Diplomatura* e *Licenciatura*, como será exposto, seriam formações universitárias distintas, se considerasse a carga horária e o conteúdo administrado, talvez a licenciatura se aproximasse de um curso de graduação de bacharelado no Brasil e a *diplomatura* de um curso superior tecnológico de curta duração. Assim, depois da *Diplomatura* em alguma área afim seguia-se à *Licenciatura*, que pode ser tomada quase como equivalente ao bacharelado. Nesse sentido, um aluno poderia ter uma *diplomatura* em *Biblioteconomía* e uma *licenciatura* em *Documentación*, ou ainda o que era comum, uma *diplomatura* em *Historia, Filosofía* ou *Filología,* e uma *licenciatura* em *Documentación*. Contudo, estas aproximações são pouco úteis quando não se conhece a concepção de ambos os sistemas de ensino. Agora com a já avançada implementação do processo Bolonha e os cursos de graduação na Espanha de 3-4 anos, é mais fácil e razoável fazer estas comparações, pelo menos no nível da graduação (*grado*), pois para a pós-graduação (*postgrado*), o sistema europeu ainda continua em processo de reforma.

> La historia de la enseñanza de la información y la documentación en España se puede sintetizar en cuatro grandes fases y cuatro grandes retos: - la formación de los conservadores capaces de abordar el reto de la conservación del patrimonio documental tras las desamortizaciones; - la formación de bibliotecarios capaces de promover la democratización de la sociedad; - la capacitación de técnicos al servicio de la administración moderna, la investigación y la industria; y - la adaptación a la revolución de la internet, en la que todavía nos encontramos inmersos.

Essas fases coincidem com outros trabalhos que discutem o assunto, e acrescenta o papel efetivo da primeira fase: que trata da formação de conservadores no século XIX que deveriam conservar os documentos sob a guarda do governo do Antigo Regime. Esse movimento, segundo pontua o autor (GARCÍA MARCO, 2013, p. 490), deu-se na Escola de Diplomática de Madri em que se fundaram diversas cátedras universitárias em Diplomática. A segunda fase, antes da Guerra Civil, teve uma repercussão social com a instalação e desenvolvimento de bibliotecas escolares e promoção da leitura pública. As demais fases indicadas pelo autor serão detalhadas a seguir para melhor compreensão do contexto recente.

Segundo López Yepes e Ros García (1993), a introdução do conceito de documentação no âmbito espanhol surgiu no discurso de Ortega, *Misión del bibliotecario*. Por ocasião da abertura do Congresso Internacional de Bibliotecas, em 1935, Ortega y Gasset fez alusão ao problema da informação e à teoria da Documentação contemporânea. López Yepes (1995, p. 257) sugeriu que a exposição de Ortega foi importante porque apareceu um ano depois do surgimento do Tratado de Documentação de Otlet e apontava para os problemas gerais do documentalista na sociedade contemporânea. De certo modo, isto foi o prenúncio da necessidade de teorias documentais para a formação de especialistas em documentação na Espanha.

Além disso, os autores ressaltam que Lasso de la Vega, colaborador do filósofo, seria o introdutor da Documentação. Os trabalhos de Lasso de la Vega, a partir de 1947, período em que a Documentação de Otlet começou a ser conhecida mundialmente. Lasso de La Vega foi uma figura importante no cenário da Documentação espanhola, e ao mesmo tempo

muito contraditória, por sua relação com a ditadura franquista. Segundo López Yepes (1995), Lasso de La Vega estudou, com independência da Biblioteconomia, o fenômeno da Documentação, publicando em 1947 um manual chamando a atenção para a documentação científica e bibliografia[16]. Diferentemente do Brasil, a recepção da Documentação na Espanha passou por – além de uma corrente biblioteconômica de inclusão destas práticas ao rol das atividades bibliotecárias, tal como assevera García Ejarque –, uma interpretação arquivística, em meados de 1960, por Sánchez Belda e Pescador del Hoyo (LÓPEZ YEPES, 1995).

Outros fatos de especial interesse sobre a Documentação na Espanha sucederam-se entre as décadas de 1960 e 1970, segundo López Yepes e Ros García (1993):

- 1961 – o surgimento da *Sección de Documentación* do *Boletín de la Dirección General de Archivos y Bibliotecas*;
- 1962 – o *Cuerpo de Facultativo de Archiveros y Bibliotecarios* que encararam a chegada dos conceitos da Documentação;
- 1962 – a realização de Mesa redonda sobre Documentação, em que Matilla afirma que Documentação é um novo campo de atividades;
- 1963 – o fato de as bibliotecárias catalãs Rovira y Rossel realizarem o processo dinâmico que representa a Documentação frente ao tradicional e estático do bibliotecário;
- 1963 – a realização da jornada do II Congresso Nacional de Bibliotecas;
- 1967 – a *Fundación Fondo para la Investigación Económica y Social de las Cajas de Ahorros Confederadas*, dirigida por José M. Desantes Guanter;
- 1969 – o surgimento do *Boletín de Documentación del Fondo para la Investigación Económica y Social*;
- 1969 – a publicação de trabalho de D. Juan Roger Rivière, um dos

[16] Segundo López Yepes (1995, p. 262) "Javier Lasso de la Vega es, sin duda de ningún género, el introductor de la Ciencia de la Documentación en España, verdadero artífice de su progreso y desarrollo y autor del único *Manual de Documentación* escrito en España. Su actividad se há desplegado en tres frentes fundamentales: la implantación en nuestro país de la Clasificación Decimal Universal, la propagación del concepto de Documentación, propiamente dicho, y la aplicación de la Documentación a campos concretos del saber como el Derecho."

expoentes da corrente biblioteconômica-documental;

- 1971 – a publicação do trabalho de Vicentini, "el primero que trata de recorrer com gran minuciosidad todas las teorías y definiciones de Documentación em relación com las colidantes, ejercicio más resumido que acometía Ricardo Jereza Amador de los Rios em 1977" (LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, 138);
- 1972 – a publicação de um trabalho que influenciou a discussão, de autoria de Nuria Amat, professora de Barcelona. Seu trabalho intitulado *Sobre la Documentación y tratamiento documental*, contribuiu em dois aspectos principais: o redescobrimento da obra de Otlet e a introdução em Espanha das ideias americanas de Borko sobre *Information Science.*

Antes da consolidação do ensino de Documentação que ocorreu nos anos 1990, outras experiências formativas fizeram parte da história da Biblioteconomia na Espanha. É o caso, por exemplo, da criação da Escola de Diplomática em 1856 que concedia o título de Paleógrafo para atuar em arquivos e bibliotecas, também destacado anteriormente por García Marco (2013, p. 490). Como já mencionado, a criação da escola de bibliotecárias da câmara dos deputados da Catalunha, em 1915, a formação em documentação oferecida pela escola de auxiliares em pesquisa pelo *Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, de 1942 a 1973, a escola de documentalistas com formação técnica para atuação como arquivistas, bibliotecários e arqueólogos, de 1952 a 1986 e, por sua vez, a escola de bibliotecárias da Universidade de Navarra, criada em 1967 e que teve as atividades encerradas em 1977, formando os próprios quadros profissionais para atuação junto a universidade (ORERA ORERA, 2002).

Infere-se pelo exposto que as ações formativas funcionavam isoladamente e não permitiram a constituição de um discurso único da categoria profissional, bem como a articulação dos professores em um plano comum para o desenvolvimento da Documentação, nos níveis acadêmico e profissional. Essa pressuposta desarticulação durou até início dos anos 1980 quando se iniciou um período de institucionalização do

discurso documentalista junto às universidades.

As diplomaturas em Biblioteconomia e Documentação foram aprovadas efetivamente pelo Real Decreto n. 3104 de 1 de dezembro de 1978. O contexto deste dispositivo legal, segundo fundamenta o decreto, estava relacionado às mudanças no mercado de trabalho cultural e científico.

> Los efectos de la reforma educativa en los diversos sectores sociales, las necesidades del movimiento cientifico de nuestra epoca y las exigencias aparecidas como consecuencia del desarrollo de las distintas profesiones, asi como la politica de promocion socio-cultural a traves de la difusión del libro, aconsejan crear los cauces necesarios para la promocion de los estudios de biblioteconomia y documentacion que demandan los aludidos desarrollados culturales y cientificos. (REAL DECRETO N. 3104/1978)

Um aspecto importante deste ato administrativo é que estabeleceu que os cursos deveriam ser considerados como de educação universitária. Além disso, relacionou de modo político os campos de Biblioteconomia e Documentação, não aparecendo no cenário destas discussões como cursos independentes de Arquivologia, como ainda se configura. Outro elemento a destacar trata-se da responsabilidade na organização curricular, a saber:

> Las escuelas universitarias de biblioteconomia y documentación organizaran sus enseñanzas conforme a los planes de estudios elaborados por las propias universidades, que serán sometidos a la aprobación del ministerio de educación y ciencia, oida la junta nacional de universidades, de acuerdo con lo dispuesto en el articulo treinta y siete de la ley general de educación. (REAL DECRETO N. 3104/1978)

A despeito de os avanços da legislação, poucos cursos universitários foram criados na sequência da aprovação do ato. Embora tenha ocorrido no período de expansão da população universitária, parece não ter seguido uma articulação do campo profissional. Em outras palavras, não se efetivaram, via sindicatos e órgãos representativos, ações que regulassem o mercado de trabalho, com vistas a permitir que os egressos – que em princípios de 1990 possuía um número elevado – se incorporassem obrigatoriamente em suas áreas de competência.

Concorreu também para esta desarticulação, de uma maneira circunstancial pode-se dizer, a diminuição da população.

Em termos de concepção do ensino superior, até as reestruturações propostas pelo Plano de Bolonha, o sistema espanhol estava dividido em ciclos formativos. A estrutura cíclica contemplava um primeiro ciclo, que atribuía o título acadêmico de diplomado, um segundo ciclo, em que se obtinha o título de licenciado e um terceiro ciclo, para a obtenção do título de doutor.

A Documentação não era conhecida como um curso universitário antes da ditadura. A formação profissional dava-se principalmente em serviço, isto é, no próprio local de trabalho e em cursos isolados. O monopólio da reprodução dos quadros profissionais era controlado pelas próprias corporações e organizações. Este fato começa a ser questionado com a ampliação de vagas docentes das universidades espanholas.

Os cursos universitários de documentação começaram a ser oferecidos na segunda metade de 1985, mas com dificuldades no que se refere à vinculação dos professores com a disciplina Documentação, haja vista que a maioria provinha de outras áreas, principalmente das humanidades.

A esse respeito, é esclarecedora a análise de López Yepes (2002) sobre as teses de professores no campo da Documentação e a sua orientação temática. Segundo o autor, em 1971, foram defendidas as teses dele próprio, em Literatura espanhola, e de Félix Sagredo Fernández, em História; na sequência, em 1983, foi defendida a tese de Mercedes Caridad Sebastián em Documentação – a primeira nesta área segundo o registro de López Yepes (2002, p. 48) – além das teses de Antonio García Gutiérrez, em 1984, também em Documentação, de José Antonio Moreiro González, em História, em 1984 e por Luis Fernando Ramos Simón, em 1987, na área de Jornalismo.

Continua López Yepes (2002) mencionando que, no princípio dos anos 1990, foram defendidas as teses de Féliz de Valle Gastaminza (1990) em Documentação e de Blanca Neves Espinosa Temiño (1992), junto ao

departamento de Geografia e História. Exceto a tese de Moreiro, defendida na Universidad Nacional de Educación a Distancia, as demais foram depositadas na Universidad Complutense de Madrid, o que pode tê-la configurado como um primeiro núcleo de investigação e formação de pesquisadores em Documentação. Uma característica destacava-se nesta primeira geração de docentes, o fato de a formação em nível de graduação (diplomatura e licenciatura), estar vinculada às áreas de Letras, História e Filosofia, e em segundo lugar, Jornalismo, Direito, entre outras áreas.[17]

Os ensaios e as narrativas sobre as teorias do documento e Documentação surgem na Espanha na década de 1970, por uma razão muito particular, o oferecimento de vagas para professores em universidades que possuíam cursos de Documentação (LÓPEZ YEPES, 2002, p. 68). Isso permitiu, em nosso entendimento, um amadurecimento teórico precoce em relação a outros países latino-americanos, em especial, a reflexão e a exegese sobre teóricos clássicos da Documentação, como Otlet, até este momento não traduzido para o português.

Nos anos 1980, o processo de consolidação da Documentação no sistema universitário consolidou-se e ampliou-se notavelmente. O Real Decreto n. 1497/1987, que regulava o ensino superior na Espanha, definia que "El primer ciclo de las enseñanzas universitarias comprenderá enseñanzas básicas y de formación general, así como, en su caso, enseñanzas orientadas a la preparación para el ejercicio de actividades profesionales." O Real Decreto estabelecia também a definição dos cursos de segundo ciclo, os quais revelavam a tendência de aprofundamento das especialidades: "El segundo ciclo estará dedicado a la profundización y especialización en las correspondientes enseñanzas, así como a la preparación para el ejercicio de actividades profesionales" (REAL DECRETO N. 1497/1987).

[17] O estudo de López Yepes é, de certo modo, peculiar, pois enumera os docentes orientadores da primeira geração e relaciona orientandos e orientados, dispondo-os em uma genealogia dos temas de investigação que, claramente, tiveram a sua origem na Universidad Complutense de Madrid e alcançaram outras instituições do país.

Em termos de duração dos cursos, de primeiro e segundo ciclos, media-se por curso acadêmico (ano escolar), o qual estava condicionado ao número de créditos mínimo e máximo anuais. Desse modo, um primeiro ciclo possuía três cursos acadêmicos de duração, enquanto o segundo ciclo de ensino universitário estava organizado em dois cursos acadêmicos, com exceção dos cursos de Medicina e daqueles que possuíam um primeiro ciclo de apenas dois anos, tais cursos poderiam oferecer a licenciatura com mais um ano acadêmico.

O Real Decreto n. 1497/1987 estabelecia também a duração dos cursos em créditos. Nesse sentido, a carga horária letiva girava em torno a 60 e 90 créditos por ano acadêmico, e também condicionava a natureza das matérias ofertadas durante a semana: "[...] oscilará entre veinte y treinta horas semanales, incluidas las enseñanzas prácticas [...] En ningún caso la carga lectiva de la enseñanza teórica superará las quince horas semanales." (REAL DECRETO N. 1497/1987). Assim, o diplomado deveria cumprir entre 180 a 270 créditos, em três anos letivos, enquanto para ser licenciado deveria cumprir mais dois anos acadêmicos (ou três no caso de Medicina), ou o correspondente em créditos que variava entre 120 a 180 créditos.

A definição do Real Decreto de 1987 (REAL DECRETO 1497/1987) estabelecia como convenções básicas: plano de estudos, para o que se entende por estrutura curricular do curso, e crédito, que naquela época estava definido como "La unidad de valoración de las enseñanzas. Corresponderá a diez horas de enseñanza teórica, práctica o de sus equivalencias. La obtención de los créditos estará condicionada a los sistemas de verificación de los conocimientos que establezcan las Universidades." Também foram estabelecidas as disciplinas troncais ou disciplinas que se exigia nacionalmente para o titulado; estas eram obrigatórias, mas outras obrigatórias poderiam ser agregadas segundo a universidade, a qual também devia oferecer as optativas.

A maioria dos cursos de diplomatura em Documentação foi criada final dos anos 1980 e início dos anos 1990 nas universidades, como se

pode observar: Barcelona (1982), Granada (1983), Salamanca (1987), Murcia (1988), Zaragoça (1989), Carlos III (1990), Complutense (1990), León (1990), Extremadura (1994), San Pablo (1994 e fechado em 2003), La Corunha (1996), Faculdade de Geografia e História de Valência (1996) e Vic (1998). Tais dados da diplomatura foram analisados por Orera Orera (2002) e parcialmente por Frías (2008).

Na diplomatura, forneciam-se conhecimentos básicos para o exercício da profissão. Sánchez Casabón e Ubieto Artur (1994) explicam que a organização curricular da diplomatura estava disposta em matérias ou grandes áreas temático-curriculares, a saber: análise e linguagens documentais, arquivística, bibliografia e fontes de informação, biblioteconomia, documentação geral, técnicas historiográficas de pesquisa documental, tecnologias de informação e idiomas.

O processo de institucionalização, através da estruturação curricular, culminou no regulamento das diretrizes curriculares que definiu as grandes áreas de interesse da Documentação, e legitimou o nascimento da especialização, materializada na licenciatura de segundo ciclo e na sequência com o doutorado, de terceiro ciclo. De um ponto de vista histórico, é pertinente observar a reflexão de García Marco (2013, p. 490-491) sobre o crescimento das instituições formadoras e do próprio campo da Documentação.

> El país se había desarrollado; las empresas, administraciones y los centros educativos y de investigación necesitaban gestionar una documentación siempre creciente; y parecía que habría dinero para acometer nuevas políticas y proyectos. Por otra parte, los estudios se diseñaron fundamentalmente ligados a las humanidades, pero con una perspectiva aplicada que ofrecía nuevas salidas profesionales en un ámbito con demasiados estudiantes y menguantes perspectivas de empleo.

A passagem dos anos 1980 para os 1990 foi marcada pelo amplo crescimento do campo da Documentação na Espanha, talvez o período mais significativo em termos quantitativo. Uma das características passíveis de observação e que responde à peculiaridade da Documentação na Espanha, é expressa no perfil dos professores que assumiram postos

de trabalho naquele período. Os contatos disciplinares da Documentação foram influenciados, sobretudo, pelas áreas de origem dos professores, isto é, do curso básico de graduação e porventura da pós-graduação dos novos professores que entraram durante o final de 1980 e início de 1990. Este fato foi determinante na configuração dos vínculos epistemológicos e interdisciplinares no campo da Documentação.

Um exemplo modelar é o fato de professores com formação profissional em Filologia e Linguística que tiveram que se voltar ao campo da Documentação, a ser construído, e nesse sentido, elegeram como disciplinas e linhas de pesquisa àquelas afinadas a seu domínio básico, como as disciplinas de classificação, de análise documental de conteúdo etc. Se não é possível generalizar sobre esta questão, pode-se tão-somente sugerir como uma hipótese explicativa das importantes contribuições linguísticas à Documentação dessa primeira geração de docentes.

Exatamente no início dos anos 1990 a situação se inverte em relação aos anos 1970, em que as estruturas formativas eram escassas e pouco articuladas. Em 1990, um número significativo de cursos foi criado e, consequentemente, potencializou-se a demanda por planejamento do campo. É formalmente o que procura levar a cabo o Real Decreto n. 912/1992[18] que criou a licenciatura em Documentação, e que em 2008, já era oferecida em doze universidades, auge da formação – se é que se pode afirmar – nas universidades, a saber: Alcalá de Henares (1994), Autônoma de Barcelona (1999), Barcelona (1998), Carlos III (1994), Complutense (1996), Extremadura (1997), Granada (1994), Múrcia (1998), Oberta da Catalunha (1999), Politécnica de Valência (1997), Salamanca (1994) e La Corunha (2003). (FRÍAS, 2008, p. 70; ORERA ORERA, 2002, p. 181).

Segundo Sánchez Casabón e Ubieto Artur (1994, p. 45), a

[18] Somente para observar a estrutura curricular do período, o Real Decreto n. 912/1992 estabelecida como matérias troncais: administração de recursos em unidades de informação (8 créditos), estatística (6 créditos), planejamento e avaliação de sistemas de informação (6 créditos), sistemas de representação e processamento automático do conhecimento (8 créditos), sistemas informáticos (5 créditos), técnicas de indexação e resumo na documentação científica (8 créditos) e técnicas documentais aplicadas a investigação (6 créditos). Observando sempre que o Real Decreto n. 1497/1987 estabelece que a unidade de crédito refere-se a 10 horas teóricas ou práticas.

licenciatura não significa a continuação da diplomatura, mas um complemento que garantia uma maior especialização. O acesso à licenciatura era garantido para o diplomado em Biblioteconomia e Documentação, além de outros diplomados, ainda que estes últimos devessem cumprir disciplinas básicas da área, o que também já estava disposto no Real Decreto de 912/1992.

Isso garantiu a diversidade de formação dos licenciados para o exercício profissional, por exemplo, poderiam inscrever-se diplomados em Letras, Informática, Administração ou História para realizar a licenciatura em Documentação. De acordo com García Marco (2013, p. 491), "La licenciatura abordaba fundamentalmente la formación en gestión — planificación, gestión y evaluación — y en las tecnologías de la información y la comunicación — sistemas, telemática, bases de datos, sistemas expertos."

A sequência formativa era concluída com o doutorado, que em 2002 era oferecido pelas universidades de Alcalá, Carlos III, Complutense, Granada, Múrcia, Salamanca, Valência e Zaragoza. Esse talvez tenha sido o mais elevado estágio da consolidação da ciência da Documentação na Espanha, em todos os estratos formativos, da graduação ao doutorado. Contudo, alguns movimentos paralelos já sinalizavam o teor das próximas mudanças que se avizinhavam.

Em 1999, a situação da política científica e educacional se alterou com as convenções europeias para a integração do ensino superior, materializadas na Declaração de Bolonha. Essa declaração foi mais emblemática que outras, pois as discussões para um espaço europeu de ensino já se faziam presentes nas reuniões dos ministros, as quais resultaram também em declarações, como a de Sorbone (1998), assinada por França, Alemanha, Itália e Reino Unido.

A declaração de Bolonha nada mais fez que propor um conjunto de medidas que afetariam drasticamente os sistemas de ensino nacionais europeus, como o da Espanha, e previa alcançar altos níveis de equivalência nas titulações e certificações. Entre as principais medidas

estavam: a) a adoção de um sistema de títulos compatíveis por meio de um suplemento europeu, b) adoção de dois ciclos formativos: graduação (mínimo de 3 anos) e pós-graduação (mestrado e doutorado), c) um sistema de créditos europeu que garantisse a mobilidade dos alunos e o reconhecimento de títulos, que representava entre 25 a 30 horas de atividade discente, d) mudanças associadas à mobilidade de pessoas e cooperação, pois que se referiria ao acesso aos sistemas de ensino, fluxo de pesquisadores e de pessoal administrativo (DECLARACIÓN DE BOLONIA, 1999).

Ademais da circulação de mercadorias, o sistema deveria garantir a circulação das pessoas, principalmente dos especialistas, pesquisadores e profissionais. Em decorrência da circulação de pessoas em território europeu, em especial, profissionais bem formados e investigadores, a Espanha enfrenta nos últimos anos (a partir de 2008) um fenômeno que acompanhou a Europa em momentos de crise econômica, isto é, a saída de especialistas e cientistas a outros centros de excelência em que se oferecem melhores salários e condições dignas de emprego. Um exemplo, foi noticiado por Játiva (2013), a respeito da situação espanhola:

> Para el coordinador del CSIC, "el comportamiento del Gobierno de España en estos momentos está generando un tsunami sobre el sistema de I+D+i español, del que solo se observan por ahora "algunos de sus desastrosos efectos". La verdadera dimensión del desastre se verá "cuando se retiren las aguas".

Não somente no campo da ciência, mas em âmbito geral, a flexibilização dos sistemas de ensino facilitou a assimilação de profissionais espanhóis em países como Alemanha, Inglaterra e França, somente para citar países mais prósperos da União Europeia nos últimos anos. Nesse contexto competitivo, a Documentação teve que se refazer e tentar promover uma renovação curricular que a colocasse no mesmo nível de formação dos outros países da Europa.

Segundo a avaliação de Agustín Lacruz (2008, p. 27), o processo de Bolonha não reuniu países semelhantes em termo econômicos e de desenvolvimento educativo. Ao contrário, o processo ocorreu em

condições diferentes segundo cada país. Desse modo, por exemplo:

> El estado del proceso muestra grandes diferencias a lo largo y ancho de Europa, países como Dinamarca, Islandia, Holanda, Gran Bretaña, Hungría, Alemania, Suiza, República Checa, Irlanda, Letonia o Polonia están situados a la vanguardia del proceso. Mientras tanto, Portugal, Grecia, Macedonia, Croacia, Andorra, Albania, Malta o Turquía están claramente ubicados em el furgón de cola de la convergencia. (AGUSTÍN LACRUZ, 2008, p. 27)

Na Espanha, por exemplo, para dar prosseguimento às iniciativas do tratado de Bolonha, foi criado um conjunto de atos administrativos que alterou o sistema de ensino em vigor, como os reais decretos 1025/2003, 1044/2003, 1125/2003, 49/2004, 285/2004, 55/2005, 56/2005, 1393/2007, e leis orgânicas 6/2001 e 4/2007 (AGUSTÍN LACRUZ, 2008, p. 28).

Foi elaborado um material de referência intitulado *Libro Blanco del Título del Grado em Información y Documentación* (2004) que tratou de realizar os estudos necessários para a construção de uma graduação adaptada ao Espaço Europeu de Educação Superior, em que contou com a participação da maioria das universidades que oferecia cursos de licenciatura e diplomatura em Biblioteconomia e Documentação. Em consequência, alterou-se a configuração existente entre ensino profissional básico e ensino especializado, garantido pela licenciatura, e propôs-se a unificação do primeiro e segundo ciclos desde então. "La titulación que se propone – Información y Documentación – es el resultado de la integración de dos titulaciones: la diplomatura en Biblioteconomía y Documentación y la licenciatura de segundo ciclo en Documentación." (LIBRO BLANCO DEL TÍTULO DEL GRADO EM INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN, 2004, p. 9).

Esse material de referência à formação na área de Documentação avalia a oferta de ensino na Europa, os modelos vigentes e sugere organizar o sistema em dois níveis: graduação e pós-graduação, tal como preconiza o tratado de Bolonha. Apresenta, sobretudo, um conjunto de conteúdos obrigatórios para a graduação em Informação e Documentação,

destacando-se as áreas a que se referem e o total de créditos mínimos[19].

Tal processo realizado recentemente junto aos cursos de Documentação na Espanha consolidou a vinculação dos termos *información* e *documentación* como representativos para a denominação do campo, incluindo também os temas ligados aos arquivos e demais centros de documentação. De acordo com Frías (2008, p. 76) "La nueva denominación quiere poner el acento em que la información y la documentación son los núcleos centrales que comparten todos los profesionales que trabajan en la gestión de la información y la documentación sin destacar ninguno de los ámbitos de trabajo."

Em levantamento realizado junto a *Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación – ANECA* (2015), em 2015, constavam doze cursos de Graduação em Informação e Documentação na Espanha, nas instituições: Universidad de Extremadura, Universidad de Granada, Universidad de León, Universidad de Valência, Universidad de Complutense de Madrid, Universidad de Murcia, Universidad Oberta da Catalunha, Universidad de Barcelona, Universidad de Alcalá, Universidad de Salamanca, Universidad de Zaragoza e Universidad Carlos III de Madrid. Segundo a ANECA, apenas as universidades Oberta de Barcelona, Murcia, Camplutense e Carlos III possuíam um programa de doutorado associado à área de Documentação. Contudo, no primeiro semestre de 2015 foi criado o doutorado em Informação e Comunicação, oferecido conjuntamente pelas instituições Universidad de Zaragoza, Universidad Autónoma de Barcelona e Universidad de Barcelona[20].

De maneira geral, em Documentação pode-se considerar que "[...]

---

[19] O documento divide os conteúdos obrigatórios (*troncales*) em áreas, a saber: 1) documentos, unidades e sistemas de informação (12 créditos); 2) planejamento, organização e avaliação de unidades de informação (24 créditos); 3) fontes de informação (12 créditos); 4) representação e recuperação da informação (36 créditos); 5) gestão técnica de documentos de arquivo (18 créditos); 6) tecnologias da informação e edição digital (24 créditos); 7) fundamentos e metodologias de pesquisa e estudos métricos da informação (18 créditos) e; 8) Estágios (12 créditos). Além disso, descreve as competências relacionadas a cada uma das áreas. Para maiores detalhes consultar *Libro Blanco del Título del Grado em Información y Documentación* (2004,p. 95-100), bem como Frías (2008).

[20] Uma outra fonte para verificar a situação atual é o artigo de Ortiz-Repiso, Calzada-Prado e Aportela-Rodríguez (2013, p. 506) que aponta que os estudos de Informação e Documentação na Espanha, nos diferentes níveis e modalidades são 16, oferecidos pelas seguintes instituições: Universidad Carlos III de Madrid (UC3M); Universidad Complutense de Madrid (UCM); Universidad de Alcalá de Henares (UAH); Universidad de Extremadura (UEX); Universidad de Granada (UGR); Universidad de León (Unileon); Universidad de Murcia (UM); Universidad de Salamanca (USAL); Universidad de Valencia (UV); Universidad de Zaragoza (Unizar); Universidad Politécnica de Valencia (UPV); Universidade de A Coruña (UDC); Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), especificamente a Escuela Superior de Archivística y Gestión de Documentos, Esaged), Universitat de Barcelona (UB); Universitat Oberta de Catalunya (UOC); Universitat Pompeu Fabra (UPF).

los objetivos del EEES están en buena parte conseguidos o, al menos, bien encaminados [...]" (GARCÍA MARCO, 2013, p. 493). Não obstante, alguns programas de formação ainda estão vigentes, especificamente os que estão em funcionamento em acordo ao Real Decreto 1393/2007.

No que se refere à ênfase do curso, pode-se destacar as palavras de García Marco (2013, p. 493):

> En España el enfoque en la información y la documentación hemos visto que conecta más con el espíritu de la gestión de la información más que en el cambio digital; lo cual, paradójicamente, le proporciona un toque "retro" respecto al movimiento de los iStudies, que debe hacernos reflexionar de cara al futuro próximo, ya que los estudiantes y empleadores del futuro van más en esta última línea, sin descuidar sus grandes aportaciones.

Um fenômeno associado também aos programas de doutorado é o recente agrupamento de campos de conhecimento. A título ilustrativo, um programa doutoral em Sociologia pode juntar-se a programas de Educação, Antropologia, Filosofia e Artes para formar um doutorado "guarda-chuva" em Humanidades. Desse modo, as diversas áreas do conhecimento na universidade espanhola têm sido organizadas como linhas de pesquisa em um doutorado "guarda-chuva", reduzindo drasticamente o número de cursos de doutorado e afetando a autonomia das áreas em questão. Além disso, para otimizar recursos financeiros e pessoal, as universidades espanholas estão organizando grandes doutorados interuniversitários (como é o caso do programa em Informação e Comunicação supracitado).

Essa tendência não é uma exclusividade das Ciências Humanas, mas está sendo praticada em áreas como Ciências Médicas, Ciências da Saúde, Engenharias e Ciências Exatas. Discute-se atualmente o fechamento, não apenas de cursos de graduação ou campos científicos, mas de algumas universidades públicas espanholas. Isso, acaso se concretize, terá supostamente uma repercussão na oferta de cursos em Documentação.

Tais elementos apresentados fornecem uma leitura contextual da questão da Documentação nos anos mais recentes. Nesse sentido, são

esclarecedoras as palavras de García Marco (2013, p. 494), "En España atravesamos un período de crisis de consolidación de los estudios, después de que un crecimiento muy intenso y acelerado se haya revelado insostenible, una especie de "burbuja" que se inserta dentro del proceso general que ha vivido España en los últimos años."

A análise da literatura permite verificar que em contraste à realidade brasileira, que está em amplo crescimento devido aos programas de ampliação da oferta universitária nas instituições federais de ensino, os especialistas espanhóis em Documentação estão conscientes do processo pelo qual estão passando. Segundo examina García Marco (2013, p. 500):

> Vivimos un cambio de época y es lógico que la enseñanza de la información y la documentación se vea afectada tanto en el ámbito internacional como en el español. Las últimas décadas han culminado en una economía mundial profundamente entretejida por la división del trabajo y los flujos comerciales y financieros; una enorme movilidad de la población, los productos y las ideas; y una red mundial de intercambio de información que da soporte a todos estos flujos, potenciada recientemente por las tecnologías sociales, y cuyas deficiencias, resultado de su espectacular crecimiento, empiezan a ser abordadas con nuevas iniciativas, como la web semántica. Esta nueva oleada de la globalización es una realidad insoslayable, y constituye a la vez una amenaza y una oportunidad.

Ortiz-Repiso, Calzada-Prado e Aportela-Rodríguez (2013, p. 506) relacionam um conjunto de elementos que são apontados para contextualizar a situação recente: o aumento rápido das matrículas entre os anos 1982 e 1999, a estabilização nos primeiros anos de 2000 e a queda vertiginosa das matrículas ainda sem se resolver; as opções profissionais; o desprestígio da profissão de documentalista; a situação socioeconômica inadequada; o número de bolsas de estudo disponível considerado insuficiente; o aumento dos preços das matrículas em vários níveis de ensino[21]; o oferecimento de titulações de mestrado e especialização em Arquivologia e Museologia por outros departamentos

[21] Por exemplo, segundo Ortiz-Repiso,Calzada-Prado e Aportela-Rodríguez (2013, p. 508) "El coste de la matrícula del GID en las universidades públicas [...], según precios del curso 2012/2013, oscila entre los 2.364 y los 6.064,80 euros, coste que se incrementa en las segundas y terceras matrículas.", enquanto "[...] los precios de los masters oficiales varían sensiblemente […] oscilando entre los 1.296 y los 4.246 anuales (60 ECTS)." (ORTIZ-REPISO; CALZADA-PRADO; APORTELA-RODRÍGUEZ, 2013, p. 510). Um dado importante é que as taxas escolares são cobradas por universidades públicas e privadas, a vantagem das universidades públicas é que os estudantes podem solicitar ajudas (*becas*) que funcionam como descontos ao valor total da matrícula ou ajudas de custo (*beca comedor* etc.) para restaurantes e outros serviços universitários.

etc.

Em contraste, contam os autores que a taxa de matrículas de mestrado e doutorado se mantêm, e dependendo do ano acadêmico avaliado até aumentou. Contudo, uma avaliação mais criteriosa sobre a nacionalidade dos pós-graduandos pode responder a questão da dimensão quantitativa da área na Espanha e o número de profissionais espanhóis realmente envolvidos com a pesquisa do campo da Documentação, pois é notório que as universidades espanholas têm uma taxa de teses defendidas por estrangeiros elevada, o que não implica a manutenção desses especialistas no mercado de trabalho ou na docência em cursos de Documentação na Espanha. Em outras palavras, a taxa regular de matrículas de doutorado não significa, em absoluto, manutenção do número de matrículas de profissionais espanhóis.

É possível que as modificações realizadas no contexto do plano Bolonha e as medidas para diminuir a taxa de procura pelos cursos de Documentação, não tenham obtido o resultado esperado.

> Por los datos analizados, podemos concluir que este objetivo no se ha conseguido. Aunque se ha remontado algo, la matrícula de nuevo ingreso lleva, de manera general, un camino descendente y las tasas de abandono, más altas de lo deseado, contribuyen a aumentar ese descenso en niveles de sostenibilidad.” (ORTIZ-REPISO; CALZADA-PRADO; APORTELA-RODRÍGUEZ, 2013, p. 512)

A Documentação, em termos institucionais, experimentou após a ditadura franquista e a nova constituição um amplo crescimento. O número de cursos se ampliou, os instrumentos jurídicos que padronizavam o ensino foram desenvolvidos e as vagas e os concursos para docentes (*oposiciones*) foram criados nos anos 1980. Esses concursos motivaram diversos especialistas de formações variadas a se dedicarem a pensar a Documentação na Espanha, e as principais contribuições à área talvez possam ter nascido neste período. Na década de 1990, a Documentação se especializa, os departamentos começam a oferecer a licenciatura, os primeiros programas de doutorado foram implementados e a primeira geração de doutores em Documentação sai

das universidades. Nos anos 2000, a situação se altera, devido à diminuição do número de alunos e o desenvolvimento paralelo das políticas do processo Bolonha. Nesse *boom* da Documentação na Espanha, alguns aspectos não foram resolvidos e que, se presume, manteriam a área mais robusta frente às mudanças perpetradas no contexto europeu. Um exemplo talvez seja o da regulação do exercício profissional que não se levou a cabo via instrumentos jurídicos de proteção dos profissionais e garantia de estabilidade. Nesse sentido, dezenas de alunos saíram das universidades sem uma segurança a respeito da área e dos postos de trabalho de documentalistas. Também se alia ao fato da entrada nos cursos não corresponder às necessidades do mercado, isto é, uma quantidade expressiva de alunos ingressou nos cursos na década de 1980, em alguns casos, em torno de 200 por curso, muito mais que o mercado poderia absorver, o que ampliou de uma hora para outra o número de profissionais no mercado, os quais, se aposentariam após 30 ou 35 anos de trabalho. Isso, logicamente, dificultou o ingresso aos postos de trabalho dos novos egressos das universidades, o que, ao passar do tempo, afetou a procura pelos cursos.

Em pouco mais de trinta anos, a Documentação na Espanha desenvolveu-se, consolidou-se e na última década tem sofrido com a rápida diminuição em termos quantitativos, especialmente medido pelo número de alunos de graduação, mestrado e doutorado. Deve-se ter em mente esse movimento de abertura, ascensão e recente derrocada ou arrefecimento quando se avalia as relações disciplinares da Documentação.

Nesse mesmo período, os estudos de pesquisadores espanhóis em Documentação foram fundamentais para a abertura de novas linhas de investigação, especialmente via uma análise epistemológica e histórica da Documentação, como se discutirá a seguir.

Devem-se destacar alguns aspectos do conceito de Documentação, que se presume, incorporou-se à vertente espanhola. Entre as correntes da Documentação, Sánchez Belda e Pescador del Hoyo (1993, p. 137)

mencionam: biblioteconomia tradicional, biblioteconômico-documental – esta vê as diferenças entre as disciplinas e considera a Documentação como instância que supera as técnicas anteriores –, a corrente arquivística, a qual as autores se incluem.

Foi fundamental para o conceito de Documentação o redescobrimento da obra de Otlet, a qual recebeu uma contribuição espanhola considerável de interesse à história da Documentação, o conceito de documentação como disciplina independente, área de conhecimento e conjunto de ramos do conhecimento, como ciência e como técnica, tendo, pois, a informação documental como objeto e seu desenvolvimento no processo informativo (SÁNCHEZ BELDA; PESCADOR DEL HOYO, 1993, p. 138).

A criação do título universitário de licenciado em Documentação acelerou, de certo modo, a necessidade de considerar a "documentação" segundo uma perspectiva consensual.

> Documentación puede entenderse como conjunto de las disciplinas (Ciencias de la Documentación) relacionadas com el estudio del documento como fuente de información para obtener una nueva información o una toma de decisiones, disciplinas que son materia de estudio, por ejemplo, em una Licenciatura en Documentación (Archivística, Biblioteconomía, Bibliografía, documentación, Museología). (LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 141)

A Documentação está estreitamente ligada ao desenvolvimento das ideias de Paul Otlet, assim como seu trabalho no Instituto Internacional de Bibliografia. A palavra "documentação" substituiu "bibliografia" devido a uma influência holandesa dentro da federação internacional de documentação, segundo López Yepes (2002, p. 40).

Na Espanha, a despeito de o reconhecimento de Otlet e de sua visão integral da ciência e das atividades de documentação, López Yepes e Ros García (1993) aludiram há algum tempo às demais influências da Documentação em outras partes do mundo ocidental, especialmente, as perspectivas Biblioteconômica – relacionadas à Bradford e Shera –, Ciência da Informação ou informativa – que alude à influência de Calvin

Moores, *Georgia Tech*, *American Documentation Institute* e culminando no trabalho de Borko –, além disso, reconheceram a participação alemã e russa na Documentação internacional.

Essa forma de entender de maneira plural a Documentação oferece ao pesquisador um conhecimento contextualizado das perspectivas e narrativas epistemológicas. A categoria teórica chamada "perspectiva" é notadamente encontrada nos trabalhos de López Yepes (1995; 2002) e serve para retirar da leitura da Documentação quaisquer tipos de caracteres transnacionais, isto é, visões que tentam fundar a Documentação sob uma doutrina coerente e unânime sobre as de outros países. Desse modo, os documentalistas espanhóis conseguiram entender seu estágio de desenvolvimento em comparação às demais perspectivas, versões ou narrativas da Documentação, sem imputar a todas uma única versão vencedora, isenta de referenciais históricos, políticos e sociais.

O termo "documentação" pode ser entendido de um ponto de vista abrangente como um campo científico que contempla diversas disciplinas:

> Como Ciencias de la Documentación, esto es, como el conjunto de las disciplinas que tienen por objetivo de estudio de un proceso informativo en el que se da una actividad de recuperación de mensajes emitidos en procesos anteriores y que, mediante análisis y tratamiento técnico, se comunican transformados con la finalidad de que sirvan de fuente de información para la obtención de nuevo conocimiento o para la toma de decisiones. (LOPEZ YEPES, 2002, p. 71)

Assim, a Documentação agregaria saberes da Biblioteconomia[22], da Arquivologia e da Museologia, além de outros interessados ao estudo do processo informativo-documental, como pivô da criação de novas estruturas cognitivas. Como sumariza López Yepes (2002, p. 71-72), "[...] de modo más sintetico, documentación es la ciencias general que tiene por objeto el estudio del proceso de adecuación y transmisión de las fuentes para la obtención de nuevo conocimiento."

[22] Outro termo de capital importância para entender a lógica da Documentação na Espanha é Biblioteconomia. Orera Orera (2002) expõe que o objeto da Biblioteconomia é a biblioteca, mesmo considerando uma concepção ampla de biblioteca. Para tanto, vê como necessário definir biblioteca a partir de cinco partes: coleção, organização, serviços, cooperação e tipologia bibliotecária (ORERA ORERA, 2002, p. 94). Para a autora (ORERA ORERA, 2002, p. 93): "[...] en la actualidad, los más conocidos en español son el de Bibliotecología y el Biblioteconomía. El primero deriva de tres vocablos griegos: biblion, libro; theke, caja; y logos, palabra, verbo. El término <<biblioteconomía>> procede de : biblion, libro; theke, caja, armario; y nomos, regla, ley. Este último es del uso más generalizado en España".

Para entender a configuração terminológica das profissões da informação na Espanha, deve-se compreender que o uso dos termos "bibliotecário", "arquivista", "documentalista", "museólogo" ou "gestor da informação" está muito mais ligado à prática ocupacional ou ao local em que se trabalha que com a titulação obtida, uma vez que existe uma única área nas universidades – a de Informação e Documentação – que cobre os saberes destinados a distintas ocupações. Na verdade, é a prática ou ocupação que designará o nome da profissão, e não a instrução recebida; isto é, bibliotecário será o profissional que atua em biblioteca, como ou sem formação em documentação, o mesmo vale para o arquivista.

A esse respeito, profere as palavras López Yepes (2002, p. 72) em seu intento conciliador e para evitar a diáspora das ocupações.

> Desde el primero de los supuestos, el término <<documentalista>> comprende de hecho el conjunto de profesionales y estudiosos que son sujetos emisores del proceso informativo-documental y que desempeñan su función en las distintas fases del mismo: producción, tratamiento y difisión de los diversos mensajes documentarios, y que aunque mantengan su antigua o nueva denominación tradicional (archiveros, bibliotecários, bibliógrafos, documentalistas …), están ubicados en el marco más amplio del profesional de la Información y Documentación.

Para matizar esta afirmação, deve-se ter em linha de conta que a área designada como "Ciências da Informação" está relacionada ao Jornalismo, Relações Públicas, Rádio, Publicidade e Audiovisual, como área "guarda-chuva". Nos últimos anos, este quadro vem se alterando e as faculdades dessas últimas profissões universitárias estão se autodenominando faculdades de ciências da comunicação. Isso coloca novamente a necessidade da discussão da nomenclatura da área de estudo, pesquisa e prática profissional.

Soma-se a esse fato que até a década de 2000, a terminologia que se figurava na Espanha era Biblioteconomia e Documentação, para referir-se a diplomas universitários. Contudo, começou já nos anos 1990 a substituição de "biblioteconomia e documentação" por "informação e documentação", como forma mais geral ao referir-se ao campo.

López Yepes (2002, p. 68) teve que reconhecer este fenômeno que antecipou o problema terminológico no campo da Documentação, até então muito alinhado à perspectiva francesa:

> A la luz del cuadro subsiguiente y del conocimiento de la bibliografía, cabe estimar que los dos nombres más utilizados para designar el conjunto de las disciplinas que nos ocupan es el de Documentación y el de Información y Documentación. El uso del primero se manifiesta sobre todo en el título universitario de licenciado en Documentación. El uso del segundo viene marcado por la influencia de los institutos del CSIC y por el deseo manifiesto de dejar siempre patente el carácter informativo de la Documentación. (LÓPEZ YEPES, 2002, p. 68)

Seguindo López Yepes, pode-se afirmar que o termo "documentación" se fortalece com a criação em 1992 dos novos títulos universitários, pois logo na sequência, um maior número de escolas incorporou esta terminologia para denominar seus cursos de graduação e, consequentemente, as disciplinas curriculares (*asignaturas*). Argumentou López Yepes (2002) que "documentação" encontrou um número maior de defensores em relação a outras linhas, sem relacionar a proporção tomada pelos demais.

A narrativa implementada por López Yepes enseja a consolidação de um campo e foi objeto de trabalho nas últimas três décadas. Esses intentos produziram um quase amalgamento da concepção de Documentação, à moda espanhola, incorporando suas tradições em gestão e conservação de documentos históricos e as novas tecnologias digitais para o acesso à informação em uma sociedade preconizada como sociedade da informação. Essa motivação definitória está presente na seguinte concepção que recorre, substancialmente, a elementos já tratados antes:

> [...] Documentación es rama del saber integradora de todos los saberes y oficios relacionados con el documento; general e instrumental al servicio de todos los saberes y actividades sociales; informativa, por cuanto tiene como objeto de estudio un proceso de carácter informativo; especializada, cuando se hace operativa al servicio de una determinada rama del saber o actividad social, y, por último, científica, cuando sirve de apoyadura para la obtención de nuevo conocimiento científico. (LÓPEZ YEPES, 2002, p. 71)

O rechaço à Biblioteconomia e à Arquivologia como disciplinas independentes tampouco foi comentado. Particularmente, esta última definição parece pouco consistente, pois não trata do ponto de vista científico, porém representa uma tentativa de justificar a importância da disciplina perante outros campos acadêmicos e profissionais.

Nesse sentido, não se vê a necessidade de tal fundamentação, pois se procura atuar em um nível ideológico, distanciando-se do teórico-explicativo. Talvez seja um sintoma mesmo da posição deste campo no cerne das demais áreas profissionais e disputas corporativas: a de constituir uma narrativa científica. A Documentação nasce sem um referencial institucional anterior que rivalizasse a sua chegada, como, por exemplo, poderia ter sido – caso houvesse antes – a dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia e associações profissionais já montadas e com uma narrativa de existência estatuída. Sem potenciais raízes materiais (faculdades e cursos de graduação já consolidados) ou sem uma quantidade expressiva delas, a estruturação epistemológica da Documentação, no caso espanhol, partiu para uma narrativa agregadora, ampla, generalizante, o que, com efeito, pode ter causado o próprio escasseamento do significado.

O problema terminológico ainda consiste, como pode ser notado no trabalho recente de García Marco (2013, p. 497),

> Es verdad que el término Biblioteconomía y Documentación presentaba muchos problemas para categorizar a nuestro estudios, pero al menos era reconocido por los estudiantes de enseñanzas medias de humanidades como una salida profesional y, por tanto, como una carrera a la que dedicar-se. Por otra parte, el término Información y Documentación es más abarcador e incorpora sin ambages la revolución de internet, pero no conecta — o al menos no lo hace todavía — con el antiguo público de estudiantes de humanidades. Es más, es posible que los títulos de las asignaturas incluso espanten a nuestros clientes tradicionales, pues aparecen claramente inscritos en los campos de la tecnología y la gestión.

Essa dificuldade de estabelecer consensos se superdimensiona durante um período crítico para a Documentação na Espanha, no que se refere à configuração universitária. Em certo sentido, a carência de universidades públicas gratuitas pode significar um problema, juntamente com a falta de regulação do mercado – isto é, entrada regulada segundo a demanda do mercado e não de acordo com a capacidade formativa da universidade –, pois os campos profissionais com menos capital social e simbólico junto à população necessitam de iniciativas indutoras bem mais que outros campos. Nesse caso, a formação universitária pública, com exigência de taxas escolas, embora sejam baixas, impossibilita a formação de quadros com dificuldades financeiras que ocuparão uma vaga de trabalho.

Ainda que se considerem críticas as mudanças terminológicas e estruturais dos últimos anos na Documentação na Espanha, deve-se ressaltar a sua influência nas tradições bibliotecárias do Novo Mundo. A Documentação de raiz espanhola continuará sendo objeto de estudo em razão de sua forte influência otletiana e no caso da análise documental de conteúdo, da contribuição gardiniana. Seguirá como matéria de interesse geral, sobretudo, pela capacidade que tem demonstrado de gerar pensadores críticos sobre a teoria da Documentação.

Assim como a sua congênere brasileira, a Documentação na Espanha desenvolveu-se sob os princípios da interdisciplinaridade e criticidade, os quais requerem uma atitude revisionista constante para reinterpretar os elementos de seu desenvolvimento teórico e prático.

Observando a natureza dos problemas da linguagem da análise documental, pode-se supor que as teorias semióticas – vistas de modo amplo –, oferecem elementos teóricos e conceituais à Documentação na Espanha. A análise dessas abordagens será levada a cabo na seção seguinte.

4 AS TEORIAS SEMIÓTICAS NA DOCUMENTAÇÃO NA ESPANHA

> "[...] hay que reconocer con Castillejo que, a consecuencia de una acumulación de desgraciados avatares circunstanciales, a menudo contrarios a la expansión del pensamiento libre, un gran número de instituciones originales y de innovaciones mentales surgidas en España no se han podido desarrollar normalmente y con continuidad; así, éstas han pasado al extranjero, de donde con frecuencia han vuelto posteriormente a sus orígenes hispánicos primeros, pero bajo una forma más acabada." (GUY, 1985, p. 10)

Seguindo a observação sobre a filosofia espanhola, pode-se afirmar, guardando logicamente suas matizes, o mesmo sobre a Semiótica na Documentação na Espanha. Guy (1985) fez esse comentário em relação às diversas correntes inovadoras da filosofia ocidental que tiveram a sua origem distante na Espanha, como exemplos citou o socialismo cristão de Arnau de Vilanova, a lógica simbólica de Llull, o pacifismo de Vives, a ética internacional de Vitoria e Suárez, o existencialismo trágico de Unamuno, entre outros. Essas correntes filosóficas retornaram a Espanha, segundo sustenta Castillejo e avalizado por Guy, em uma forma mais acabada, construída amiúde no exterior.

É possível inferir o mesmo sobre a Documentação, especialmente os estudos linguísticos e semióticos que emplacam os sumários das principais revistas internacionais em Ciência da Informação (um exemplo é a revista *Knowledge Organization*), porém apareceram com grande efervescência nos primeiros anos da década de 1980 na Espanha.

Como pode ser observado nas páginas seguintes, essas tendências teóricas nasceram e se expandiram rapidamente, chegando mesmo a propor uma grande resposta da Documentação Espanhola ao problema do tratamento da informação, bem como da organização do conhecimento. Diferentes de tradições do pensamento da Documentação em outros países, as abordagens semióticas na Espanha não contaram com um contexto teórico favorável, segundo o que se entende aqui, pois as relações com as tradições linguísticas e semióticas não foram muito intensas antes de 1980. Por outro lado, a emergente Documentação dos

anos 1980, que recebeu profissionais e docentes com diferentes formações universitárias, talvez tenha funcionado como laboratório para a construção de um novo campo, e desse modo, chegaram a propor formas originais de lidar com os problemas. Sob as bases das tradições francesa e americana de Documentação foram produzidos muitos intentos explicativos e discursos próprios sobre os problemas que recobrem os saberes necessários ao tratamento da linguagem.

Antes de listar o teor dessas contribuições, faz-se necessário retomar ao quadro histórico então disposto[23] que serviu como base para o desenvolvimento do que está sendo denominado nesta pesquisa por abordagens semióticas.

A tradição espanhola no campo da Semiótica também guarda relação com a organização institucional dos movimentos de cientistas e pesquisadores. É o caso, por exemplo, da vinculação entre associações acadêmicas, como a *International Association for Semiotic Studies* e a *Asociación Española de Semiótica*.

A *International Association for Semiotic Studies*, principal instituição no campo de estudo da Semiótica, foi fundada em 1969, e contou com a participação de especialistas ilustres como: Algirdas Greimas, Roman Jakobson, Júlia Kristeva, Émile Benveniste, Thomas Sebeok e Iuri Lotman. A associação teve origem em 1966, ocasião da primeira Conferência Internacional de Semiótica realizada em Varsóvia, Polônia, e estabelecido como primeiro presidente, Émile Benveniste. A associação é responsável pela edição da revista Semiótica (*Journal of the International Association for Semiotic Studies*), publicado desde 1969 (INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR SEMIOTIC STUDIES, 2014)[24].

Pela análise da crônica sobre a fundação da associação espanhola, verificam-se os vínculos entre as associações que sedimentam o

[23] Faz-se necessário registrar algumas linhas sobre os procedimentos de busca de material para este tópico. Primeiro, buscaram-se em materiais de Linguística elementos que permitissem saber como foram tratados os temas semióticos e semiológicos na Espanha. Por outro lado, recorreu-se a dados da introdução do pensamento de Peirce na Espanha. Para tanto, retomaram-se os manuais de Linguística e Semiótica, dando especial importância para os que apresentassem uma trajetória, tanto da Filosofia quanto da Linguística, as duas principais bases para as abordagens semióticas. A hipótese de trabalho era que se conhecendo as linhas desses campos, poder-se-ia, em um segundo momento, identificar a ordem cronológica e processual dos eventos e o aparente contexto teórico em que se encontrava a Documentação na Espanha, com o objetivo de integrar tópicos semióticos.

[24] Ver: <http://iass-ais.org/>.

pensamento semiótico. Segundo Pozuelo Yvancos (1999), a *Asociación Española de Semiótica* teve seu início em 1983, quando se celebrou o Congresso Internacional de Semiótica e Hispanismo, em Madri. Durante as sessões do congresso a possibilidade de uma associação foi amadurecendo quando José Romera Castillo convocou uma assembleia para a constituição da associação. A assembleia contou com o professor Cesare Segre, presidente da *International Association for Semiotic Studies*. O primeiro congresso da associação foi realizado na cidade de Toledo em 1984. O primeiro presidente foi Garrido Gallardo e o secretário geral José Romera Castillo, o qual teve a ideia da constituição da associação (POZUELO YVANCOS, 1999). A associação é responsável pela edição da revista *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, desde 1992[25].

De acordo com a análise de Pozuelo Yvancos (1999), os temas dos congressos da Associação Espanhola de Semiótica durante os anos 1980 e 1990 estavam relacionados ao que se pode designar como Semiótica literária, em que se incluía sob este guarda-chuva abordagens tão diversas como a Semântica linguística, Semiótica do teatro, Semiótica dos meios de comunicação, Semiótica da ficção, Semiótica visual, Pragmática, Semiótica narrativa, Análise textual, Semiótica da cultura etc. Esse alinhamento estava condizente com a proposta teórica da Linguística espanhola por preocupar-se com os temas culturais que se manifestam nas diversas linguagens.

Assim, entende Pozuelo Yvancos (1999) que:

> [...] vla A.E.S. ha venido a entender la Semiótica cada vez más como campo de confluencia interdisciplinar de diferentes lenguajes que como un lenguaje científico uniforme o unidisciplinar. El concepto de signo se ha venido ensanchando, se ha concebido mucho más que como canal o como código, en el sentido global de comunicación de diferentes códigos y las ciencias que animan esos códigos y se han ido interpenetrando hasta llegar a unos Congresos que han perdido la especialización lingüístico-formal de la primitiva ciencia Semiótica y han devenido a la alternativa más imaginativa que el campo de la comunicación plantea; entender la semiótica como un lugar de encuentro de signos y códigos

[25]Ver: <http://www.semioticaes.es/>.

> diferentes que generan una polifonía de mensajes. (POZUELO YVANCOS, 1999)

Em outros termos, a concepção semiótica da principal associação do assunto em Espanha ainda não formalizou o espectro de atuação, assim há guarida para quase todos os temas não pertencentes à linguística formal ou à semiótica-lógica. Esse campo não representa ainda um espaço de convergência dos temas de Documentação, os quais não são tratados nos artigos publicados por sua revista Sigma.

Antes de propor-se qualquer relação entre uma abordagem semiótica e a Documentação na Espanha, deve-se, em primeiro lugar, perguntar-se qual horizonte de conceitos era possível em tal ambiente acadêmico. Segundo relata Lapesa (1986, p. 9), a escola linguística espanhola foi fundada por Menéndez Pidal e nasceu com a intenção de aplicar ao estudo da língua espanhola as concepções e métodos da linguística europeia originados no século XIX. "La superación de un diseño científico positivista hasta llegar a la concepción integradora de los hechos linguísticos, literarios e históricos, caracteriza como es sabido a la escuela de Meéndez Pidal [...]" (ABAD, 1986, p. 254).

Em outras palavras, Ramón Menéndez Pidal encontra-se entre a confrontação de positivismo dos fatos linguísticos que visavam o lógico e o descritivo dos fatos e o idealismo, como perspectiva que visa à compreensão e a individualização dos fatos linguísticos. Assim, parece ocorrer uma fusão entre a teoria linguística, *stricto sensu*, e os estudos literários, estilísticos, históricos e culturais do fenômeno linguístico.

Segundo aponta Lapesa (1986), vários foram os seguidores de Menéndez Pidal, como Navarro Tomás, Rubén Darío e Américo Castro. Na geração seguinte, apareceram os filólogos Dámasio Alonso e Amado Alonso. Dámasio Alonso, por sua vez, apresentava em seu curso de 1934 as teorias e os métodos de Ferdinand de Saussure, Bally e Secgehaye, do Círculo de Praga e dos formalistas russos.

> De este modo la escuela española acogió la noción y término humboltianos de la *forma* lingüística *interior*, contrapuso la visión del lenguaje con *enérgeia* a su consideración como *ergon*, reconoció la *función activa* que puede ejercer; incorporó las antinomias saussurianas *significante/significado*, *lengua/habla*, *diacronía/sincronía*, y con ellas *sintagma* y *morfema*, *distaxia* y *polisemia*, también de procedencia ginebrina; de Praga vinieron el concepto y nombre de *fonema*, la distinción entre *fonética* y *fonología* o *fonemática*, entre *oposición disyunta* y *oposición correlativa*, *marca de correlación*, *término marcado* y *no marcado*, *neutralización*, *archifonema*, etc.; em gramática proceden de Jespersen *término primario*, *secundario* y *terciario*, etcétera. (LAPESA, 1986, p.11)

Essa terminologia já era familiar para especialistas espanhóis entre 1930 e 1945. Segundo se infere da revisão de Lapesa (1986), a linha teórica saussureana estava plenamente constituída antes da Segunda Guerra Mundial pelas comunidades acadêmicas de linguística na Espanha, bem antes dos estudos semióticos peirceanos que demoraram ainda algumas décadas até que fizessem parte definitiva do desenvolvimento da Semiótica na Espanha.

Um caso particular é o conceito de Semiologia, explicado em uma obra de 1962, por Amado Alonso, como a doutrina da significação, apesar de ser reconhecido que no conteúdo do significado há uma esfera lógica (apud ABAD, 1986, p. 212). É importante observar no material de Abad, que recompila os ensinamentos dos mestres da escola linguística espanhola, não figura o termo "semiótica", o que sugere que não era tão comum a perspectiva semiótica peirceana ou mesmo greimasiana entre os linguistas espanhóis no período em questão.

Contudo, um fato que chama a atenção é que em 1951, García de Diego (apud ABAD, 1986, p. 214) já usava um conceito de signo de cunho triádico: "La palabra no expresa una idea sino una realidad mediante una idea. Si digo *un toro* no quiero expresar la idea, sino la realidad *toro*. La palabra no es pues un díptico fónico-ideal, sino un tríptico fónico-ideal-objetivo; esto es, el elemento sonoro *toro*, mi idea y el animal toro [...]" (GARCÍA DE DIEGO, 1951 apud ABAD, 1986, p. 214). Essa compreensão foi manifestada em um verbete sobre significação, contudo, referia-se ao conceito de signo, por esta razão se cogita que a concepção triádica de

signo já era comum e usada entre os especialistas, mesmo que não houvesse uma nítida perspectiva sobre o vocabulário técnico de Semiótica e seus teóricos. Em síntese, presume-se que a concepção de Semiótica como campo de estudo de diversos códigos não era tão evidente, embora a concepção triádica de signo já fizesse parte do contexto acadêmico espanhol em 1950.

A noção de signo triádico convivia com o conceito estruturalista de signo. Dámasio Alonso sustentava em 1950 que o signo, assim como para Saussure, é arbitrário na medida em que não há nada que liga significante com coisa significada, e põe ênfase no sentimento de motivação do falante, isto é, ao contrário da afirmação de que o signo é imotivado e arbitrário, sugere haver uma motivação ou sentimento de dizer como fato linguístico (ABAD, 1986, p. 215).

Do ponto de vista das unidades de análise, nos anos 1960, a Linguística enfocava a análise das orações como um nível mais avançado em relação ao nível lexical (TORDESILLAS, 2000, p. 26). A Linguística sempre foi, do ponto de vista da Documentação francesa, um grande centro de busca de teorias. As obras de Gardin retomam frequentemente as concepções de signo linguístico e outras do jargão da Linguística Estrutural. Avaliando melhor seus impactos sobre a Documentação, deve-se reconhecer que a Linguística não apenas fornece conceitos que permitem operar com os códigos textuais.

Um pouco antes da introdução das problemáticas semióticas como linhas de investigação paralelas à Linguística, ocorreu a sistematização dos problemas linguísticos na fundação da Sociedade Espanhola de Linguística, em 1970, formada principalmente por especialistas provindos de diversos campos, principalmente Filologia e Literatura. Esta sociedade edita a Revista Espanhola de Linguística[26]. O primeiro Simpósio desta sociedade ocorreu em 1971 e teve como tema central o problema da Semântica Estrutural, o que denota a influência da escola francesa na constituição do temático do evento. Nos anos 1970, segundo Tordesillas

[26]Ver: <http://www.sel.edu.es/>.

(2000, p. 25), a Linguística orientava-se à análise de algo mais que a oração, isto é, a análise do texto e do discurso.

O estreitamento da relação com a Semiótica também se deu nessa mesma década. Em manuais deste período, especialmente o de García Berrio e Vera Luján (1977), encontram-se a menção à Semiótica junto com o problema linguístico do significado, fato que é muito comum no contexto da Linguística, pois há a tendência a classificar e circunscrever o problema semiótico como um problema exclusivamente do significado. Os autores retomam a querela da presença-ausência de um objeto do signo na teoria – ou coisa extralinguística – para constituir a análise do significado, fazendo ressurgir o que consideram um problema, isto é, a própria realidade.

Sendo assim, não consideram como linguístico o que está à margem do simbólico. Assim, os autores criticam esta concepção de Semântica: "La Semántica, de acuerdo con esta concepción del significado, se habría visto convertida en una ciencia realista, empeñada en último extremo en el análisis del mundo objetivo, de una realidad paradójicamente extralinguística." (GARCÍA BERRIO; VERA LUJÁN, 1977, p. 136). Em outra passagem ainda afirmaram que "[...] carece de sentido la pretensión de identificar la semántica con la ciencia que se ocuparía del análisis de los referentes extralinguísticos de los signos." (GARCÍA BERRIO; VERA LUJÁN, 1977, p. 139).

A sustentação desse argumento é bem conhecida dos manuais de Linguística do período, recuperando as ideias de Greimas e de fundo, Saussure, pois, ao fim e ao cabo, o que importava era a imotivação e não a relação com o mundo "objetivo", tal como afirmaram. Desse modo, para García Berrio e Vera Luján (1977), a Semântica não é uma ciência realista capaz de fornecer informação detalhada sobre a realidade do mundo objetivo. Os autores procuram convencer o leitor que o mais importante é entender a Semântica como teoria da função comunicativa dos significados, e como eles funcionam; e esta não tem nada a ver com descrição do mundo.

Esta marca do pensamento linguístico interfere na compreensão de uma proposta semiótica erigida sob o realismo crítico. Considera-se que nesse período, final da década de 1970, a discussão ainda não estava apresentada de uma maneira ajustada, pois a teoria do significado não deve se esquivar do problema proposto pelo realismo crítico e não se deixar convencer pelo realismo ingênuo e relativismo, imperantes nas Ciências Humanas quando procuram contra-argumentar as iniciativas de descrição do mundo dos sentidos.

No sentido de evitar isso, García Berrio e Vera Luján (1977) construíram o argumento contrário à visão etiquetada como realista do significado. Assim, erigiram uma noção, pode-se dizer anti-peirceana de significado, etiquetando as versões triádicas e realistas do signo como noções externas aos problemas linguísticos. Talvez esta leitura encontrada no quadro definitório da Semântica tenha retardado as considerações marcadamente semióticas, as quais demorariam alguns anos mais a surgir no âmbito institucional espanhol com uma comunidade científica voltada à Semiótica.

Verifica-se uma divisão entre Semiótica e Linguística que marcaria os interesses e os estudos da linguagem até nossos dias, ao passo que se concebia Semiótica, via García Berrio e Vera Luján (1977), como ciência cujas ramas são a Sintática, a Semântica e a Pragmática. Em outras palavras, e extrapolando a lógica corporativista, estar-se-ia ante um campo que inclui a Linguística, não somente através dos interesses conjuntos a respeito do significado, mas, sobretudo, pela abordagem sincrônica presente nas análises sintáticas e diacrônica na reconstituição do significado pragmático.

Para García Berrio e Vera Luján (1977), a Semiótica se encarregaria pela elaboração de uma metalinguagem de uso científico e seria fundamental para as pesquisas linguísticas. No nível sintático se ocuparia pela interação entre os significantes, no nível semântico se referiria à questão conceitual e no nível pragmático estaria vinculado aos sujeitos nos atos de linguagem (GARCÍA BERRIO; VERA LUJÁN, 1977, p. 148). Os

autores recuperaram tal definição prototípica de Semiótica do livro de María del Carmen Bobes, publicado em 1973. Não obstante, os avanços neste campo já se faziam constar nos trabalhos de Charles Morris na década de 1940.

Ademais da relação entre Semântica e Semiótica, García Berrio e Vera Luján (1977) expuseram de maneira clara os principais ramos da Semântica, o que é de interesse também das abordagens semióticas, uma vez que alguma delas podem se configurar como problemas semióticos, segundo conceberam. Assim, dividiram o campo da Semântica em: Semântica Externa ou tradicional (que busca as causas nos fatores linguísticos, históricos, sociais, psicológicos, entre outros), Semântica estrutural (vinculada aos trabalhos de Greimas, Pottier e Lyons), e Semântica Gerativa (de Chomsky). Evidentemente, deve-se considerar também que o modelo actancial de Greimas apresentado no bojo das teorias semânticas pertenceria também a Semiótica discursiva e textual. Ainda que não se possa generalizar, estes parecem ser dados comuns da Linguística na Espanha.

George Lakoff, quando entrevistado sobre o desenvolvimento das pesquisas linguísticas na Espanha, comentou que a vida intelectual sob o regime de Franco produziu retrocessos, não obstante em pouco mais de 20 anos desde a morte de Franco os linguistas espanhóis já estavam fazendo pesquisas de ponta em Linguística cognitiva e Linguística funcionalista, ao passo que estão levantando as mais relevantes questões, o que o deixou impressionado (MENDOZA IBÁÑEZ, 1997, p. 52).

A observação de Lakoff é coerente com alguns fatos, visto que é possível que as teorias linguísticas em Espanha no citado período somente tivessem um ponto comum de referência ou núcleo: a Escola Francesa. Deve-se, assim, escrever mais algumas palavras sobre o papel crucial da Linguística francesa nos estudos linguísticos espanhóis.

De acordo com a análise feita por Tordesillas (2000, p. 24), as contribuições da escola francesa e o estudo da língua francesa, foram predominantes até 1975, o que até mesmo assegurou um corpo de

investigadores de Linguística francesa na Espanha. Segundo avalia Tordesillas (2000, p. 23), "Nos atrevemos a asegurar que, en España, hemos tenido y tenemos numerosos y prestigiosos filólogos, no podemos decir lo mismo sin embargo de los lingüistas." O autor ainda menciona que entre os teóricos de referência para a Linguística espanhola estão Saussure, Jakobson, Hjelmeslev, Jepersen, Coseriu, Martinet, Tesnière, Bally, Greimas, Guillaume, Chomsky, Pottier, Gross, Wilmet, Mel'cuk, Joly, Austin, Benveniste, Ducrot, Anscombre, Culioli e Roulet (TORDESILLAS, 2000, p. 25).

Deve-se que sublinhar um fato fundamental, que a escola francesa proporciona um conjunto de modelos para investigar a língua, muitos dos quais têm como base o estruturalismo. Presume-se que o desdobramento dos estudos linguísticos presentes na Espanha, antes da entrada em cena da Documentação, se organizou em torno, primeiro, à abordagem estruturalista e, em segundo, à gerativista. Nos dois casos, e dado o contexto histórico encontrado, a Semiótica ficou em segundo, ou mesmo terceiro plano, pois poderia muito bem ser abarcada e substituída pela Semântica linguística.

Nas palavras de Tordesillas (2000, p. 25), a descrição do léxico volta a ser objeto da Linguística espanhola, como segue:

> En efecto, en el momento actual, tal y como ya hemos señalado, se produce un regreso a la descripción del léxico, pero esta vez, a diferencia de la lingüística saussureana y estructural que hemos descrito en páginas anteriores, tal retorno se lleva a cabo a amparo de las nuevas propuestas teóricas entorno a la semántica y a la pragmática, teorías que han llevado a una redefinición y reformulación de numerosos conceptos lingüísticos.

Conclui Tordesillas (2000, p. 28) que a Linguística espanhola encontra-se no início do século XXI voltada às teorias semânticas e pragmáticas. Embora pareça difícil defender esse argumento, a Semiótica, segundo defende González (1986), em seu artigo sobre Semiótica na Espanha, nasce na Espanha no cruzamento com a Literatura, precisamente derivado do trabalho de Ramón Menéndez Pidal (1869-1968). Menéndez Pidal analisou com métodos linguísticos, históricos e

filosóficos a conexão entre autor, obra e criação. Os discípulos de Menéndez Pidal trataram de constituir uma escola linguística espanhola voltada a temas como a análise literária e a estilística.

De acordo com González (1986, p. 474), a Semiótica aparece mesmo é no início dos anos 1970 com a difusão do estruturalismo, "Semiotics appeared in Spain at the beginning of the 1970s, in the wake of structuralism, which had been introduced and assimilated shortly before. As had been the case with structuralism, semiotics was applied principally in literary criticism, a field in which it stirred up controversy." Por um lado, os estudos literários já dominavam o terreno da Linguística, por outro, a própria Linguística, tal como assinalado por Tordesillas (2000), estava comprometida com as teorias e o projeto linguístico-semiológico francês.

Com efeito, o aparecimento da Semiótica na Espanha, assim como ocorreu em outros países, estava condicionado pela institucionalização do estruturalismo na academia. Assim, faz todo sentido a argumentação construída por García Berrio e Vera Luján (1977) diante do problema da Semiótica, alinhada às dimensões da semiose de Morris.

Acaso se recorresse a uma panorâmica da Espanha, encontrar-se-iam diversas pequenas escolas de Semiótica em plena ebulição, mas que não se tornaram coesas em relação a seus métodos, conceitos, procedimentos e instituições. Em outras palavras, o que havia eram grupos heterogêneos em vários sentidos.

González (1986) recorreu aos estudos das distintas linhas e apontou a existência dos seguintes grupos de investigação semiótica que apareceram depois da escola pidalina. Um primeiro grupo esteve sediado em Madri com os seguintes especialistas: Fernando Lázaro Carreter, Manuel Alvar, Antonio Prieto, Pilar Palomo, José María Diez Borque, Luciano García Lorenzo, Jorge Urrutia, Francisco Rodríguez Adrados, Miguel Angel Garrido Gallardo, Francisco Abad Nebot etc.

O segundo grupo estava localizada em Oviedo, norte de Espanha, e era representado pelos especialistas María del Carmen Bobes, Joaquina

Canoa Galiana, Alberto Álvarez Sanagustín, Rafael Núñez Ramos, Antonio Gil Hernández e María Dolores Rajoy. Para González (1986, p. 476), este era um grupo mais homogêneo e teve contato com os autores Morris, Carnap, Propp, Jakobson, Barthes, Chomsky, além dos estruturalistas linguísticos.

Um terceiro grupo, o grupo de Valência, estava formado por Jenaro Taléns, Juan Oleza, José Romera Castillo, Antonio Tordera Sáez e Vicente Hernández Esteve. É desse grupo que sai a primeira publicação em Espanha destinada a abordar os trabalhos de Charles Peirce, de autoria de Antonio Tordera Sáez, intitulado *Hacia una Semiótica Pragmática*, de 1978.

O quarto grupo estava sediado em Málaga, por Antonio García Berrio e Agustín Vera Luján. Entre as bases teóricas do grupo homogêneo, segundo González (1986), figuravam os formalistas russos, ademais do estruturalismo e os temas de interesse eram o trabalho literário e a linguagem poética. Outro grupo associado à Linguística, foi o grupo de Zaragoza formado por Cándido Pérez Gallego e Alicia Yllera. Destacou-se pela ênfase em crítica literária e análise poética.

A respeito de esses grupos, tão díspares em vários aspectos como se pôde notar, González (1986, p. 482) conclui que: "The Spaniards combine semiotic theory with linguistic, sociological, and psychological theories, and apply these theories to the practice of literary analysis. Thus it can be said the Spanish semiotics consists more of adaptation than of creation."

Em menor medida, também se encontram as iniciativas espanholas em Semiótica desde o campo da comunicação, porém pouco representaram, pelo que se pode inferir do trabalho de González (1986). Contudo, seria útil revisá-las em outra oportunidade, haja vista que o trabalho da autora representa a situação encontrada nos anos 1980.

Embora a confluência com a Linguística pareça fundamental ao discurso semiótico espanhol, a qual se deveu estruturar de acordo com o estado de institucionalização das escolas linguísticas encontrado, por

exemplo, nas linhas francesa e pidalina, devem ser registrados os percalços pelos quais passaram as ideias de Peirce e sua Semiótica ao entrarem na Espanha.

No que tange o pensamento de Peirce, deve-se registrar como a teoria peirceana apareceu no cenário espanhol. Em um texto de 1891, Ventura Reyes Prósper (1863-1922) estudou Peirce entre outros autores, em seu artigo intitulado "Lógica simbólica", em artigo publicado pelo periódico *Naturaleza, Ciencia e Industria* (NUBIOLA; ZALAMEA, 2006, p. 206). Os autores atestam que os primeiros trabalhos que mencionaram a obra Peirce trataram da Lógica simbólica e da Lógica dos relativos. Como afirmam Nubiola e Zalamea (2006, p. 207): "Los cuidadosos apuntes de Reyes Prósper sobre Peirce podrían haber abierto un filón de estudios peirceanos en espanhol, pero su ejemplo será caso del todo olvidado durante un siglo."

A despeito de o protagonismo do matemático espanhol Reyes Prósper, na sequência de seu trabalho sucedeu-se uma verdadeira lacuna no estudo do pensamento peirceano, em especial da Semiótica. Na mesma linha de conta, Reyes Prósper, em 1892, publicou o primeiro trabalho dedicado exclusivamente a Peirce, no periódico "El progreso Matemático", de Zaragoza, intitulado "Charles Santiago Peirce y Oscar Honward Mitchell" (NUBIOLA; ZALAMEA, 2006, p. 206).

Reyes Prósper (1892, p. 171), afirmou que "Peirce sabe hallar curiosísimas conexiones entre cosas que a primera vista parecen no existir", ademais, demonstrou um profundo conhecimento dos trabalhos de Peirce sobre Lógica. Reyes Prósper (1892, p. 173) foi um profundo admirador e conhecedor das teorias de Peirce, tal como se depreende de seu artigo: "Reciba el Sr. Peirce, con las escusas por los errores en que haya incurrido, un testimonio de admiración sincera que desde el otro lado de los mares le envía un extranjero." No entanto, nos anos que se seguiram, os trabalhos sobre Peirce em Pragmatismo, Lógica, Semiótica e Fenomenologia foram desenvolvidos com mais intensidade em outros países de língua espanhola, como Uruguai, Argentina e México.

Esse distanciamento do interesse espanhol pelos estudos de Peirce parece ser surpreendente, se acrescentarmos o fato de que em 1870, Peirce, em razão de uma expedição da *United States Coast and Geodetic Survey*, visitou Espanha para fazer uma observação de um eclipse solar na Andaluzia, sul de Espanha, precisamente em Jerez de La Fronteira, na propriedade de um comerciante de vinho chamado Richard Davies. Segundo o livro de Nubiola e Zalamea (2006), Peirce contava com 30 anos quando da viagem para observação do eclipse, em 22 de dezembro de 1870. Na oportunidade visitou também Málaga, Granada, Sevilha, Cádiz e Madrid.

Em entrevista realizada em 2014 com especialista espanhol em Filosofia e Semiótica de Peirce, pôde-se constatar as barreiras encontradas para a introdução do pensamento peirceano em Espanha no século XX, seja por razões teóricas ou ideológicas.

> Sí, desde que muere, en el 14, hasta mitad del siglo XX, hay ahí al menos 50 años en los que es prácticamente un desconocido, en parte por la dificultad que hubo para editarlo, para organizar sus papeles. Es que claro, cuando Peirce muere deja creo que fueron cien mil páginas manuscritas, ponte a ordenar eso. Fueron muy importantes las primeras traducciones, que fueron como tres volúmenes con recopilación de textos que se hicieron en Argentina en los años 70 u 80, no recuerdo exactamente la fecha. Fueron las primeras traducciones un poco sistemáticas de sus textos. Aquello fue importante porque era lo primero, no había nada más. A mí me parece que España no era muy abierta intelectualmente en aquella época, era un poco nacionalista en el mal sentido y, por ejemplo, se despreciaba un poco lo que venía de EEUU. Digamos que había ciertas ideas que se podrían considerar pragmatistas, pero Peirce era un desconocido, esa es la verdad. No había nada por la cerrazón de la época: se miraba lo de aquí y se potenciaba la filosofía española, creo yo. (ENTREVISTADO 18)

Esse discurso foi organizado segundo os parâmetros da técnica discurso do sujeito coletivo. Com efeito, Peirce era um desconhecido, apesar de as ideias pragmáticas estarem presentes em Espanha. O nacionalismo espanhol, tal como destacado também contribuiu para o afastamento da academia às ideias provenientes dos Estados Unidos. Desse modo, o isolamento político e teórico apareceu como uma explicação razoável do distanciamento de Espanha em relação a outras

escolas teóricas, em particular, as de Semiótica.

Após os trabalhos de Reyes Prósper, o nome de Peirce voltou a aparecer em 1920, na *Enciclopedia Univversal Europea-Americana*, depois no verbete "simbólica", na mesma enciclopédia, de 1933. Contudo, somente em 1978, quase 90 anos depois do primeiro aparecimento, é que um autor espanhol publicou um livro exclusivamente sobre a Semiótica de Peirce.

Como assinalado anteriormente, a obra de Antonio Tordera Sáez, um representante do grupo de Valência, *Hacia una semiótica pragmática: el signo em Ch. S. Peirce*, de 1978, trabalho originado de um estudo monográfico de final de curso de graduação (*tesina* de licenciatura na Universidad Central de Barcelona, em 1974), segundo observações de Nubiola e Zalamea (2006). No referido trabalho foram apresentados os conceitos de investigação em Peirce, Pragmatismo, Lógica, Semiótica, interpretantes, categorias e semiose. Como observam Nubiola e Zalamea (2006, p. 225): "Sin embargo, el hecho de que el primer trabajo serio realizado sobre Peirce em español proceda de un estudiante de licenciatura es más indicativo de la pobreza generalizada de los estudios peirceanos hispánicos hasta la fecha, que de la inusual corrección misma del trabajo de Tordera."

Diante do contexto apresentado, os autores reconhecem que a monografia de Tordera foi notável, considerando a escassa bibliografia hispânica sobre Peirce. A apropriação das ideias de Peirce ressoam no tardio e incompleto contato com a obra de Peirce, o que pode ter condicionado também, indiretamente, a falta de aproximação com os temas semióticos desta linha pela Documentação.

Nas últimas décadas, o conhecimento sobre a Filosofia de Peirce, em especial a Semiótica, tem sofrido um certo esvaziamento de interessados, isto é, poucos são os acadêmicos que estão comprometidos a levar a cabo uma pesquisa sobre o pensamento de Peirce. Segundo comenta um especialista em Semiótica e Filosofia de Peirce:

> Sí, quiero decir pues ahora ya como que hay mucho más interés, pero en España en concreto seguimos un poco en lo mismo. Creo que hay mucho más crecimiento proporcionalmente en Hispanoamérica que en España, aquí tampoco hay tanta gente, al final estamos nosotros que creo que somos el centro más importante, que somos los que estamos haciendo investigación y por lo demás, hay alguna persona que aisladamente hace cosas y luego el tema de la semiótica aparte, pero Peirce como filósofo yo creo que, aparte de lo que hacemos aquí, no hay mucho más […] Sí, hablándote ya no de España en general, sino de nosotros en concreto en estos momentos no hay nadie que estudie a Peirce, o que esté haciendo una tesis sobre Peirce. Esa es la situación, no sé exactamente por qué, pero al final viene más gente de allí que doctorandos aquí. (ENTREVISTADO 18)

Nesse depoimento considera-se que os conceitos mais relevantes relacionados ao pensamento de Peirce são abdução e pragmatismo, os quais se relacionam com os demais temas. No que respeita a sua área de aplicação, pelo menos em âmbito espanhol, considera que os campos da Administração, Ética empresarial, Comunicação, Direito, Teologia, Ciência, História da ciência, Metodologia e Lógica. Contudo, entre tais campos, o relacionado aos temas de comunicação ocupa um lugar de destaque.

> Creo que en comunicación, por ejemplo, Peirce también ha atraído a mucha gente porque al final está toda la teoría del signo y tiene mucho que ver con la comunicación, todo que ver. Entonces ahí hay una teoría muy importante que puede aportar muchas cosas. [...] Comunicación yo creo que es lo más importante y luego todo el tema de la Semiótica, pero esos ya van por libre. (ENTREVISTADO 18)

Se pelo lado da Linguística, os temas semióticos do estruturalismo francês demoraram a aparecer na agenda de investigação das universidades, pelo lado da Semiótica de Peirce não foi diferente, quiçá mais potencializado. Curiosamente, Peirce era conhecido por Reyes Prósper, o que demonstra que o protagonismo espanhol no final do século XIX nos temas de Lógica de Peirce deu lugar a um grande hiato no século XX, dado que o interesse por Peirce somente ressurgiu em meados dos anos 1980. A retomada dos temas semióticos por outro campo deve reconhecer as limitações do conhecimento possível para uma época e o

nível de interpretação adquirido então.

Passadas essas breves linhas introdutórias do contexto histórico da presença das ideias semióticas em Espanha, entrar-se-ão nas abordagens semióticas propriamente ditas, agrupando-as segundo níveis de análise e vinculações teóricas comuns. Assim, resumir-se-ão algumas das tendências identificadas na seguinte ordem: a) a presença da teoria dos signos de um âmbito geral; b) as abordagens mais propriamente linguísticas – ou não peirceanas – na Documentação; c) a proposta disciplinar, de matiz peirceana, da Semiótica Documental; d) as abordagens híbridas que se voltam ao tratamento de documentos não convencionais. Por fim, será apresentado um resumo dos discursos dos especialistas em Documentação entrevistados a respeito dos temas da pesquisa.

4.1 Abordagem Geral

Destacam-se nesta seção duas fontes que revisam, de um ponto de vista genérico, a teoria dos signos. Em primeiro lugar, encontra-se o conceito de signo presente nas normas de documentação. Em segundo lugar, utiliza-se este expediente para fundamentar conceitualmente o tratamento e a recuperação da informação. Essas linhas se entrecruzam em um ponto, pois o recurso à Semiótica é meramente enciclopédico, conquanto, é sugestivo para se pensar o contexto de aplicação. Esse tratamento é ilustrativo de outros empregos similares.

As normas espanholas são exemplos da presença de concepções semióticas no âmbito da Documentação. A norma UNE 50-115-91, em sua segunda parte, precisamente na introdução, apresenta o seguinte objetivo: "Esta norma se basa en la utilización habitual de los términos, que pueden encontrarse en vocabularios nacinales relevantes, así como en documentos de la ISO y outras organizaciones internacionales (IFLA, FID, CIA, UNESCO y OMPI) y normas nacionales, tanto publicadas como en proyecto." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y

CERTIFICACIÓN, 1997, p. 24)

A seção segunda que trata dos termos e definições arrola um número razoável de conceitos básicos de disciplinas afins, tais como comunicação e informação, informação e documentação, e de organismos ou instituições. O fundamental para esta análise será a compreensão dos conceitos afetos à Semiótica.

Nesse sentido, destacam-se os seguintes termos: signo, significado, conceito e linguagem. Por signo definem "Cualquier fenómeno físico suscetible de interpretación convencional o subjetiva que, habitualmente, depende del contexto." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 27). Em consequência, figura o conceito de significado como "Interpretación de un concepto asociado a un signo" (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 27).

A definição de "concepto" está marcadamente associada à Teoria do Conceito de Dahlberg, a saber: "Cualquier unidad de pensamiento". Em nota, consta ainda que "Un concepto se utiliza para estructurar el conocimiento y la percepción del mundo que nos rodea, sin que haya de ser expresado." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 27). A união dos signos para formar um código é o que se entende por linguagem, isto é, um "Sistema de signos utilizado para la comunicación que consta, generalmente, de un vocabulario y unas reglas." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 27).

As noções de signo e de linguagem utilizadas vinculam-se a uma perspectiva não peirceana, notadamente associada à abordagem semiológico-linguística de Saussure. Isso se deve, em parte, à influência da tradição estrutural na Espanha, como aludido anteriormente.

Deve-se entender que o peso de um termo em uma norma é diferente do apresentado em ocasiões diversas como aulas ou palestras em congressos, pois aí estariam sendo discutidos e analisados. Nas normas, os termos tornam-se elementos representativos de um consenso

e regulam o entendimento de uma comunidade científica e profissional. Neste caso, os conceitos estandardizados consolidam uma visão semiótica, ou semântica, como assim se encontra.

Um fato digno de nota na análise dos conceitos básicos presentes nas normas é que o termo "documentación" é definido como conjunto de documentos reunidos para um fim, como também processo de tratamento da informação registrada (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 30). Contudo, não figura como ciência ou campo de pesquisa, o que sucede com os termos "archivística", "biblioteconomía" e "museología". As duas primeiras aparecem como exemplos da "ciencia de la información", e a última como estudo da organização dos museus.

A expressão "ciencia de la información" é definida como "Estudo de las funciones, la estructura y la transmisión de la información [...], así como de la gestión de los sistemas de información." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 31). Esse fato demonstra uma distância entre a terminologia adotada pelas normas e o uso dos termos cientificamente, pois é notória a tradição da Documentação, enquanto ciência em detrimento da expressão "ciencia de la información", reservada a outros campos. O mesmo fato é percebido na definição do termo "bibliografía" que está restrito à técnica e descrição de documentos, bem como organização das descrições. Apenas "bibliología" figura como campo de estudo das técnicas de produção e distribuição de livros.

A norma UNE 50-113-92, parte 1, apenas define os termos associados aos documentos, a sua tipologia e aspectos físicos de publicação. Para se inferir à concepção semiótica presente, deve-se olhar também as definições dos processos documentais de análise, associadas à organização da informação. Salienta-se que as normas têm um uso prático no campo profissional e nem sempre são dinâmicas ou refletem os avanços da literatura especializada de um campo.

De modo geral, as ideias presentes nas normas apontam a uma

visão voltada à Linguística, decorrente da natureza das influências semióticas encontradas na Espanha. Porém, o conteúdo enciclopédico para o tratamento dos conceitos semióticos peirceanos e não peirceanos, pode ser encontrado também fora das normas.

Os temas de semiótica foram tratados de maneira panorâmica junto à discussão dos fundamentos teóricos para o tratamento e recuperação da informação. Garcia Marco (2008) contribuiu ao debate oferecendo uma leitura geral dos principais conceitos que os alunos e os profissionais deveriam possuir em matéria de tratamento da informação. Nesse sentido, o autor explica a natureza das disciplinas Semiologia e Semiótica, apresenta os conceitos de signo, os modelos de análise (bipolares e triangulares), as classes de signos, os códigos e os sistemas semiológicos, linguísticos e não linguísticos, e os níveis de análise da língua. Para um aluno de Documentação, trata-se de um inventário de conceitos básicos das disciplinas relacionadas à linguagem, não apenas a Linguística e Semântica, mas a Semiótica como um todo. Com efeito, é uma apresentação objetiva da disciplina Semiótica para os propósitos básicos da Documentação. O recorte mais importante à Documentação é sem dúvida a noção de código. Como assevera o autor:

> El estudio de los códigos es crítico para el documentalista. Como veremos en la siguiente unidad didáctica, un recurso fundamental del documentalista a la hora de servir a los usuarios es precisamente, la normalización de los códigos verbales naturales para hacer la comunicación documental más eficaz. Sin embargo, es impensable normalizar los códigos sin conocerlos bien. El estudio de los códigos es el ámbito de la ciencia de los signos: la Semiótica. (GARCÍA MARCO, 2008, p. 33)

O autor abre espaço para a Linguística, além da Semiótica e da Semiologia, indicando os conceitos, as teorias e as disciplinas associados à análise dos códigos, com o objetivo dos alunos terem conhecimentos da extensão desse campo, o qual está relacionado com várias disciplinas, tais como: Semiótica Literária, Cinésica, Proxêmica, Prosódia, Paralinguística, Gramática Transformacional, Gramática de casos, Morfologia, Lexicografia, Etimologia, Fonologia e Fonética.

Na perspectiva do autor, a Semiótica é:

> La ciencia que estudia los signos – la teoría de la comunicación simbólica – se denomina Semiología en la tradición europea – fundada por el lingüista suizo SAUSSURE – o Semiótica en la tradición anglosajona – a partir del filósofo norteamericano PEIRCE –. En la tradición europea la palabra Semiótica se suele reservar para el estudio de conjuntos de signos específicos. (GARCÍA MARCO, 2008, p. 34)

A concisa revisão de literatura que passa pela explicitação da Semiótica geral, é concluída com a ênfase ao tratamento linguístico do significado pela Documentação, especialmente, a estruturação do plano do significado, tomando como categoria a unidade de análise deste e a sua conformação de acordo com as relações semânticas previsíveis. Nesse sentido, o problema da Semiótica geral não se converteria em uma questão para a Documentação, pois as soluções encontradas e o ferramental utilizado para a precisão terminológica desse campo decorrem da Linguística. Esse fato confirma o nível contextual e estrito em que a Semiótica é explicada, além de um uso consciente de seus conceitos para compreender os problemas da Documentação.

O nível de profundidade das abordagens elencadas possui uma característica comum, a de informar acerca dos conceitos semióticos, mas não construir sobre eles uma vertente propriamente documental. As abordagens apresentadas na sequência, identificadas entre os especialistas em Documentação, são mais propositivas a este respeito, promovendo o entrelaçamento entre as teorias semióticas e os problemas diagnosticados no tratamento documental do conteúdo e na organização do conhecimento.

4.2 Abordagens Semióticas Não Peirceanas: da linguística documental aos estudos culturais da linguagem

Conforme proposto na segunda seção deste trabalho, as teorias semióticas foram organizadas em grandes grupos: teorias peirceanas, derivadas da teórica de Charles S. Peirce, teorias não peirceanas, que não se vinculam estritamente à Semiótica peirceana, e teorias híbridas. Nesta pesquisa entende-se Semiótica enquanto um campo abrangente com diversas nuances que compreendem Linguística, Semiologia – em suas várias matizes estruturais –, Semiótica da Cultura, Semiótica Peirceana, Semântica, Pragmática etc. Sob essa perspectiva, faz sentido sistematizar uma abordagem não peirceana mais voltada à Linguística, ainda que recorra a outras teorias que podem muito bem ser classificadas como semióticas.

Na sequência, serão apresentados os caracteres básicos do que ficou conhecido como Linguística documental, além das tendências linguísticas semântica, computacional, cognitiva e das voltadas aos problemas de representação cultural.

A Linguística documental é uma "disciplina" fundamental para compreender a influência semiótica na Documentação Espanhola. Com alguma reserva utiliza-se a palavra "disciplina", pois não é consensual a sua posição diante da Documentação, ou mesmo da Linguística.

Uma das obras mais influentes sobre o assunto foi levada a cabo por García Gutiérrez, em 1984, que propôs a Linguística Documental como uma "interdisciplina de lenguajes documentales", ou melhor,

> […] una disciplina impregnada de outros campos científicos, como son basicamente la Lógica, la Estadística, y la Informática y más concretamente, la Lexicología, la Archivística, la Biblioteconomía y la Telemática, bajo los imperativos específicos de ámbito del saber que va a ser controlado por un lenguaje documental. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p.138)

Esta disciplina vale-se de um conceito de linguagem documental que, segundo o autor, é seu principal objeto. Por linguagem documental

entende um sistema de signos naturais ou artificiais para a identificação dos documentos, empregados na análise e recuperação dos documentos. Essa linguagem funciona como meio de expressão criado para, de um lado, o controle, por outro, para a comunicação, isto é, uma função intermediária.

Chama particularmente a atenção, a acepção de linguagem. Nesse sentido, linguagem seria um sistema de signos inscritos em um documento.

> El sistema de signos escritos en el documento es lenguaje humano pero el sistema de signos naturales o artificiales utilizados para identificar ese documento, entre un conjunto de ellos, es lenguaje documental, aunque éste no pueda existir si el documento carece del contenido que le otorga la acción intelectual humana. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984,p. 136).

A linguagem é um sistema de signos, fato que contrasta com a definição estruturalista de linguagem que se aduze em Barthes e Saussure. O dispositivo de execução da linguagem – fala ou outro mecanismo de expressão – está ausente nesta definição de García Gutiérrez. Deve-se sublinhar ainda que esta compreensão de linguagem, que focaliza o sistema e o código, tem sido amplamente aceita na literatura da Documentação, dentro e fora da Espanha.

O conceito de Linguística empregado pelo autor é sintetizado pela fórmula – ciência que estuda a linguagem humana. De um ponto de vista aplicado, García Gutiérrez (1984, p.139) enumera os conceitos derivados ou relativos ao cruzamento disciplinar com a Linguística, a saber: descritor, ou unidade significativa mínima da mensagem documental; frase documental, que se entende por conjunto de descritores ligados ou não por relações sintáticas artificiais e resumo documental, um produto resultante da aglutinação de mensagens de um documento que são expressáveis em linguagem controlada.

Estas novas aplicações, propriamente novas acepções conceituais, parecem ser realmente resultados concretos da comparação teórica entre as disciplinas em questão, utilizando como parâmetro os termos

especializados da Linguística para explicar fenômenos afeitos à Documentação. De uma maneira mais específica, esta explicação resolveria a lacuna da definição de linguagem que se tem adotado, pois não seria apenas um sistema de signos, mas um código que pode ser combinado e executado, mesmo que não seja por obra de um falante do "documentês".

Retomando aos objetivos desta seção, a proposta de García Gutiérrez ampara-se em uma linha semiótica não peirceana, ainda que se distancie de uma superficial aproximação à Linguística, pois seu trabalho é criterioso com a armação conceitual adotada.

Também é importante registrar o debate sobre linguagem científica e técnica que é entendido pelo autor (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 140) como um léxico especializado, empregado por uma comunidade em uma disciplina ou setor científico. Como a ciência depende da comunicação entre várias comunidades científicas, o documentalista, assim como linguistas e terminólogos, seriam guardiães da língua (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 141). Essa linguagem é um léxico, pois não é diferente da língua dominante, uma vez que extrai dela a estrutura, a despeito do uso de um distinto vocabulário (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p.140).

O autor defende que as linguagens documentais não podem ser apenas vocabulários técnicos, como assevera Trujillo (apud GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 144).

> Este razonamiento no es válido con el de los lenguajes documentales, en los que, si bien a niveles simples, se dan relaciones semánticas entre los conceptos e incluso sintácticos, por tanto hay que hablar de lenguajes dinámicos frente al estatismo interno de un vocabulário. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p.144)

O autor defende a tríade documentação-terminologia-normalização. O que se procura argumentar com a afirmação é que o documentalista deve ter conhecimentos de terminologia e normalização (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 147). Assim, as teses gerais da Linguística

documental colocam-na em um espaço de encontro entre disciplinas, cujo propósito nem sempre foi contemplado pelas tradicionais abordagens.

De acordo com García Gutiérrez (1990), o processo documental excede a natureza lógica e mecanicista, mas possui elementos linguísticos por natureza. Além disso, a Linguística documental não deve ser vista como uma Linguística aplicada, mas como uma genuína teoria da documentação cujo método está centrado na noção de estrutura e sistema relacional, para compreender a estrutura da documentação, enquanto conjunto de dados e informações sobre um dado tema. Essa natureza epistemológica da Linguística documental que precisa ser aclarada, isto é, saber até que ponto se está sendo processado um salto qualitativo na proposição de teorias ou simplesmente se aplica termos que apenas sofisticam a argumentação e defesa da Documentação. No constante à estrutura da documentação, é sugestiva a citação:

> La estructura de la Documentación, como organización de contenidos codificables y decodificables, es el objeto de la Lingüística documental en un doble sentido: 1) La estructura de la producción de información, la formación, organización y presentación de las ideas por parte del productor, como corpus de observación y descripción; 2) La estructura de la representación del discurso del productor, a la que se accede mediante formulaciones metodológicas y modelos de síntesis y traducción." (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990, p. 24).

Em teoria, tanto a análise documental de conteúdo quanto a linguagem documental deveria compreender assuntos pertinentes à Linguística documental como disciplina nos currículos dos cursos de Documentação na Espanha. Pode-se argumentar, com antecipação, que a Linguística documental, exclusivamente no quesito oferta acadêmica, configurou-se como um fato isolado na Espanha.

As bases teóricas gerais da Linguística documental, arroladas por García Gutiérrez (1990), são provenientes da Linguística Geral, da Semântica, da Linguística Textual, da Sociolinguística, do Estruturalismo, do Gerativismo, da Teoria da Comunicação e da Informação, da Teoria do Contexto, da Teoria da representação e da Teoria da Tradução. Sem

perder a sua individualidade e suposta autonomia diante destes campos, a Linguística Documental recorre a essas abordagem para cobrir aspectos de interesse à Documentação.

A Semiologia e a Semiótica aparecem aqui como disciplinas indiretamente relacionadas à Documentação, ora como contexto geral à descrição da Linguística Saussureana (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990, p. 44), ora como teoria vinculada à Semântica, Comunicação e Teoria da Representação. É sugestiva a seguinte citação: "Sin embargo, el documentólogo no está especialmente interesado por las funciones simbólicas (terreno de lingüistas y semiólogos) o por las funciones simbólicas (terreno de psicólogos)." (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990, p. 46).

O fato semiótico (recorrendo ao referente), assim como o fato semiológico (referindo-se ao sistema em uso), é um simples adendo às necessidades das linguagens documentais. Passa-se pelo foro da especulação teórica em torno do significado, enquanto a Linguística responderia à principal fonte de conceitos à Linguística Documental. Nesse sentido, reconhece: "Aceptamos la Lingüística general como Ciencia de mayor influencia sin menoscabar las aportaciones de otros campos cuyas conexiones y afinidades con la LD trataremos de establecer a lo largo del trabajo." (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990, p. 30).

A rigor, a concepção semiótica predominante está condicionada pela visão estruturalista, pois prescinde da relação triádica e pragmática, para concentrar-se nos sistemas de significação e do sentido produzido, por exemplo, por um texto. Desse modo, um alinhamento possível com a Semiótica deva dar lugar à aproximação com a teoria dos códigos de Eco, mais que uma teoria lógica do significado que, embora rechaçada, é reintroduzida quando se propõe à organização das relações entre os conceitos no interior de uma linguagem documental.

A demarcação desses campos como aportações teóricas gerais à Linguística Documental, que se quer independente, não configura, em absoluto, uma autonomia frente à explicação dos problemas de ordem linguística: polissemia, relações conceituais, univocidade, linguagem

natural e linguagem artificial, linguagem e contexto social etc. Esses, por sua vez, requerem ainda outros campos disciplinares, e a Linguística Documental, que se restringe ao tratamento do discurso científico e especializado plasmado em um documento, volta-se ao conteúdo sintético e à sua representação em sistemas de recuperação da informação.

Conquanto os comentários estejam voltados à documentação científica – quando se confronta com o período mais recente em que urge a necessidade de métodos capazes de tratar o conteúdo de documentos dos mais variados suportes, os quais exigem procedimentos linguísticos que estejam compatíveis com a variação das narrativas e a conexão entre os códigos e suportes – as linhas de pesquisa e as teorias relacionadas à Linguística Documental deixadas por García Gutiérrez merecem uma detida análise diacrônica que reconheça a tarefa de sistematização já realizada e alce as matizes importantes para contextualizar a proposta.

Nesse sentido, tal abordagem semiótica na Documentação espanhola continua sendo uma potente frente de inovação a instituir a questão pragmática no centro das preocupações do documentalista, isto é, o uso dos documentos pelos sujeitos e o contexto linguístico como referentes para a descrição das mensagens e sistematização de linguagens documentais.

Na esteira das ideias de García Gutiérrez, López Yepes e Ros García (1993) reconheceram que existe uma concepção linguística da Documentação, para tanto, mencionaram a influência da Linguística Documental como uma área que proporciona conceitos à Documentação.

> Como se sabe, en el análisis documental en sentido amplio, cobra especial relevancia el uso de los lenguajes de clasificación y de indización. Su estudio profundo. Riguroso y eficaz ha dado lugar a la formación de una asignatura denominada Linguística Documental o Lenguajes documentales. (LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 121)

López Yepes e Ros García (1993, p. 121-122) também afirmaram que García Gutiérrez foi pioneiro neste campo, e nesse sentido, consideram que a Linguística poderia dar base à formulação teórica da

Documentação, o que ocorreu, com bem lembram os autores, com as obras de Sagredo e Izquierdo Arroyo. Para García Gutierrez (apud LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 122) a linguagem está em quase todos os lugares e formas, assim, não é possível emitir mensagens sem linguagem, a informação é linguagem, os meios são linguagens, e a própria documentação é um dispositivo linguístico, bem como suas soluções aos problemas de conteúdo são obviamente linguísticas. Esse tipo de análise desperta o interesse por uma consciência semiótica, agora urgente à Documentação.

García Gutiérrez, segundo a compilação feita por López Yepes e Ros García (1993, p. 122-123), afirma que:

> La Documentación es fundamentalmente información (objeto) y lenguaje (proceso), por lo que su investigación se incardina primordialmente em las denominadas Ciencias de la Comunicación y em la Teoria Linguística.
>
> El análisis documental de contenido y los instrumentos que lo hacen posible, los lenguajes documentales, deben encontrar fundamentación teórica y metodológica em las disciplinas linguísticas (morfosintaxis, lexicología y semántica).
>
> La tesis general defendida aquí es que, sin ánimo de ignorar esos outros elementos y teniendo en cuenta el objetivo pragmático de la Documentación escasamente concordante com el de la Teoría linguística, la impregnación de la Documentación por el lenguaje y su estrutura permite, si así es reconocido previamente, la elaboración de una teoría documental desde la aproximación linguística pero com autonomía de su objeto de investigación y de los fines establecidos. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1989 apud LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 123).

Contudo, a obra de García Gutiérrez atravessou as fronteiras das assim chamadas Ciências da Documentação e tem contribuído para os campos das Ciências da Comunicação, em que se encontra investigando este distinto autor.

Do ponto de vista da reflexão linguística dos problemas da Documentação, García Gutiérrez (1992), examinando o discurso do Jornalismo, destacou os métodos de extração de conteúdo documental, separando as contribuições nesse campo em três grandes grupos: métodos baseados na representação formal, métodos baseados na

significação e demais metodologias. Os métodos de representação formal mais conhecidos incluem: a indexação por unitermos e descritores livres, o cálculo de frequência requerido por procedimento automáticos, e os métodos baseados em léxicos, os quais recorrem também a conceitos. Os demais métodos incluem os conectivos lógicos, as análises sintáticas e os métodos de análise de relato, tal como destacou García Gutiérrez (1992). Contudo, os métodos fundamentados na significação trazem questões semióticas centrais para os estudos da Documentação.

> Los métodos que seguen, la mayoría completamente ajenos a la Documentación en sus objetivos, hasta épocas recientes, ofrecen un común denominador: pretenden captar o explicar textos grandes o pequeños, literários o técnicos, son diferentes variables formales, desde el plano de la significación. Son métodos que proponen una aproximación al texto para obtener resultados válidos en sus respectivas disciplinas. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1992, p. 136)

Em outras palavras, estes métodos têm como unidade de análise, não mais a unidade de conhecimento defendida por Dahlberg, tal como o conceito, mas uma nova categoria, mais versátil, de difícil tratamento, e ao mesmo tempo mais representativa da realidade do conhecimento, plasmada nos documentos e acessada pelos usuários. Essa unidade – a palavra "unidade" tampouco ajuda – ou configuração teórica é chamada de "significação", isto é, a indexação se basearia no conjunto dos significados e nas relações que eles dispõem.

Estariam nesse grupo, segundo García Gutiérrez (1992), a análise logicista (Gardin), o modelo de Lasswell (quê, quem, como, onde, quando, por quê, para quê), o modelo de casos (Fillmore e Pottier com as categorias instrumento, agente, objeto, modo, lugar, produto e finalidade), o modelo facetado e de campos conceituais, o modelo de análise do discurso (Van Dijk), o método quantitativo-semântico (Guiraud) e o método das modalidades (Greimas).

A análise desses métodos de tratamento do significado pode converter-se de interesse à Documentação, estes deveriam ser analisados partindo-se do trabalho deixado por García Gutiérrez. Quiçá esta seja uma

maneira de recuperar a linha de análise dos métodos linguístico-semióticos que podem reincorporar a Documentação na Espanha à ponta dos debates sobre a linguagem, posto recentemente tomado pelas ferramentas e soluções informáticas para organização do conhecimento.

Está em aberto ainda, a construção do estatuto epistemológico da Linguística documental, bem como a sua incorporação efetiva nas escolas e cursos de Documentação que, ao fim e ao cabo, não parece ter logrado êxito, pois as discussões de configuração deste campo ficaram a cargo das disciplinas já existentes, tal como a de "Linguagens documentais".

Nesse sentido, corrobora-se à afirmação de Tálamo e Lara (2006, p. 210): "O corpo de conceitos da Linguística Documentária não goza, até o momento, de estabilidade. Há ainda uma variação denominativa muito grande que expressa o estágio embrionário dos contornos desse domínio. Essa é, no entanto, apenas uma característica de estruturação do campo." Lara e Tálamo têm realizado uma excelente contribuição na explicitação à comunidade brasileira sobre o conceito de Linguística Documental e até mesmo estabeleceram espaços epistemológicos de atuação. A Linguística Documental foi considerada um subdomínio da Documentação, e tem características de interdisciplina, pois se apropria de conceitos da Linguística Estrutural, Semiótica, Terminologia e Lógica Formal. O objeto principal são os produtos documentais, assim "[...] cabe à Linguística Documentária compor os quadros de referência para a análise, avaliação e construção da linguagem documentária, entendida como linguagem de informação, associando os níveis sintático-semântico-pragmático [...]." (TÁLAMO; LARA, 2006, p. 206). Entre os temas de análise estão as estruturas simbólicas da documentação, as questões linguísticas da relação produtores e consumidores de informação, a elaboração de linguagens documentais e, a análise das operações com as linguagens documentais. Lara e Tálamo (2007) entendem que o trabalho de García Gutiérrez remonta às iniciativas de Jean-Claude Gardin, assim como a de muitos autores brasileiros.

Contudo, dissentindo das autoras em um aspecto, acredita-se que

não é o fato apenas de estar em um estágio incipiente de desenvolvimento, mas que os problemas que a Linguística documental têm procurado solucionar, com o ferramental disponível, talvez não tenham sido os mais pertinentes. Uma confrontação das ideias associadas à Linguística Documental e à Semiótica Documental pode sustentar a tese de necessidade de deslocamento dos problemas, da Linguística à Semiótica.

A Linguística documental foi planejada para munir de teorias e conceitos algumas técnicas já constituídas e com reconhecido prestígio em Documentação, como foi o caso da análise documental de conteúdo. Esse campo, por seu turno, segmentava-se em níveis de análise do conteúdo. Gil Urdiciain (1994, p. 81) argumentou que a indexação de assunto tem adotado diversas metodologias ao passar das décadas, se antes as unidades de análise eram as matérias gerais representadas por temas, depois passaram aos unitermos representados por palavras do texto, recentemente a atenção parece estar voltada à unidade denominada descritor, representada por conceitos, e não mais palavras isoladas que potencialmente refletiriam o conteúdo. O que importa é o que transcende o documento, o conhecimento.

Gil Urdiciain (1994) menciona que os métodos levados a cabo pela análise da significação, tal como menciona García Gutiérrez, põe ênfase no contexto. Nesse sentido, a indexação baseada na significação, como unidade de análise - muito diferente das unidades temas, palavras e conceitos -, seria mais ampla e eficiente na hora de capturar o contexto pragmático. Esse ponto de vista deveria ser explorado para avançar na compreensão da indexação de assunto, voltada demasiadamente à discussão transcendental do conceito como uma supracategoria da realidade.

Examinando a obra de Moreiro González (2011), nota-se que a Linguística também ocupa uma posição central. Dentro do processo de tratamento da informação, segundo Moreiro González (2011), encontra-se a análise documental e a recuperação documental. A análise documental

subdivide-se em análise formal e análise de conteúdo. A formal dedica-se, como se sabe, à catalogação e à elaboração de referências. Por outro lado, a de conteúdo compreende os processos de indexação e de elaboração de resumos. A indexação separa uma etapa linguística de outra etapa denominada sistemática. Em Linguística encontram-se o trabalho com as palavras-chave, listas de termos, esquemas taxonômicos e grupos de relações, enquanto a sistemática ocupa-se das classificações (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011, p. 14).

A força da abordagem linguística é notada, por outro lado, na concepção do processo de conteúdo. Soma-se a este fato, a perspectiva linguística do documento apresentada pelo autor (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011, p. 15), a qual está dividida em níveis: estrutura morfológica e estrutura semântica. Seguindo esta perspectiva, a estrutura semântica ocupa-se da tipologia documental (superestrutura), da indexação e do resumo (macroestruturas). É de notar-se que a linha estrutural é marcante nesta concepção, a qual se alia às demais díadas erigidas desde o discurso das linguagens documentais. O conceito de signo, como elemento mínimo à representação da informação, é registrado por Moreiro González (2011, p. 16), assim como suas faces significado e significante para compreender a noção de conceito, no primeiro caso, e palavra e termo, no segundo.

Assevera Moreiro González (2011, p. 17) sobre a participação das Ciências da linguagem, pensando no caso dos novos vocabulários controlados e das formas de organizar o conhecimento na Web: "As novas linguagens documentárias oferecem uma grande complexidade disciplinar e de uso que obrigam a abordar a sua compreensão a partir de fundamentos conceituais provenientes de diversos campos, como a Lógica Formal e a Estatística, a Computação, a Retórica, a Linguística do texto, a Semiótica ou a Lexicografia." (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011, p. 17)

Contudo, esta explicação refere-se às contribuições gerais dessas disciplinas na concepção dos termos mínimos à estruturação do campo das linguagens documentais. Quando o caso seja a análise do texto,

outros referentes deveriam ser convocados para dar suporte teórico à Documentação. É a condição, por exemplo, da Linguística textual.

Alinhado à perspectiva de García Gutiérrez, em termos de intenção geral, Moreiro González (1993, p. 13) propôs algumas reflexões sobre o campo da Linguística e a sua relação com a descrição substancial ou de conteúdo. Contudo, dentro da Linguística, pretende ele enfatizar os estudos do texto – pois entende que "partimos de y llagamos a un texto" – e dispende atenção à noção de texto, muito além dos fatores que estão fora do texto. "Para lograr nuestro fin nos situamos en el cruce entre la Linguística aplicada a los documentos y la Linguística del Texto." (MOREIRO GONZÁLEZ, 1993, p. 14).

Moreiro González atesta, na sequência, a supremacia do texto ante outros sistemas de signos:

> Hay que valorar el texto, y las proposiciones que plantea. Y éstas serán las mismas fijadas a un documento audiovisual, sonoro o gráfico. Si bien se deben tener en cuenta tanto la diversidad como la disposición a la hora de generar y aplicar las diferentes técnicas procesuales. Además, no cabe duda de que es el texto la vía de expresión argumental preferida por la comunicación científica, como en general por cualquier outro tipo de comunicación humana. (MOREIRO GONZÁLEZ, 1993, p. 14)

A análise do texto para fins documentais deve seguir uma estruturação, pelo menos uma que sirva para os textos científicos em que a sequência lógica é previsível. Desse modo, Moreiro González (2011) resume os níveis de estruturação relacionados ao campo linguístico de análise, a saber:

Quadro 1: Níveis de Análise

Unidades de significação		Dimensões da macroestrutura
Estrutura superficial	Microestruturas. Sintaxe e semântica das frases e parágrafos.	
Estruturas intermediárias	Macroestruturas parciais. Estruturas semânticas parciais. Superestrutura. Ordem das macroestruturas no texto.	
Estrutura global	Macroestrutura geral. Estrutura semântica global.	Sintática Semântica Pragmática

Fonte: Moreiro González (2011, p. 26).

Deve-se sublinhar o caso da última coluna que agrupa as dimensões sintática, semântica e pragmática como relacionadas à estrutura global, quando, em concreto, as estruturas anteriores e inferiores necessitam dessas dimensões, pelo menos a sintática e a semântica. Assim como apontou em seu estudo, Moreiro González havia destacado as dimensões da macroestrutura como algo já estabelecido. Essas dimensões vinculam-se à figura de Morris, como se sabe, e referiam-se anteriormente às dimensões da semiose, claramente marcadas pela influência da Semiótica peirceana. Sucede que o translado à Documentação projetou o mais relevante, neste caso, uma versão resumida do espectro dos estudos da linguagem que seria compreendida pela Sintaxe, Semântica e Pragmática, como campos da Linguística.

O que se denota é um processo de estabelecimento das matrizes semiótico-linguísticas, em que se configuram como linhas estruturalistas, abarcando fenômenos para os quais têm poucos ou escassos recursos teóricos. É a situação do problema pragmático-semântico como uma abertura que compreende interesses de várias disciplinas. Para especificar, sempre que possível, deve-se costurar o conceito de Semântica com uma definição, pois, ter-se-iam abordagens em disputas, para as quais nem sempre a Documentação está aberta. É o caso da Semântica linguística (esta sim, incorporada pela Documentação como representante da totalidade do fenômeno do significado), Semântica lógica e Semântica psicológica.

Desde um ponto de vista conceitual, que recorre aos problemas linguísticos assomados à Documentação, Gil Urdiciain (1994), ao explicar os níveis de análise documental de conteúdo, forneceu elementos indispensáveis para se pensar a questão das teorias linguísticas. Antes, porém, explicou como complicado ainda é definir análise documental, e separá-la de análise de conteúdo ou de outros tipos de análise. Segundo a autora, "Hablar de análisis de contenido puede generar falsas interpretaciones por su posible acepción a otros análisis de este tipo, tales como el análisis semiótico o el análisis de contenido entendido como

técnica de investigación."[27] (GIL URDICIAIN, 1994, p. 78).

Conquanto não se saiba muito bem o que se pretendeu com análise semiótica, o importante é que houve uma distinção operativa que cumpre defender, em que a análise documental de conteúdo está voltada às questões de Documentação, isto é, representar o conteúdo para a recuperação e transformar o texto retirado e distingui-lo do original. Assim, defende Gil Urdiciain (1994) que a análise documental de conteúdo deve ser vista em dois níveis: o primeiro nível dedicado à indexação e o segundo nível à condensação.

Nesse sentido, apresentou como fundamental o papel da Linguística, pois conhecer o conteúdo do texto requer noções da estrutura, bem como conhecimento de redação para compor uma síntese, o resumo. Nesse sentido, a autora relaciona processos fundamentalmente associados ao conhecimento linguístico: leitura do texto, processo de inferência do assunto, reconhecimento da morfologia, da terminologia e da lógica da estrutura textual, diálogo entre autor-leitor, reconhecimento das regressões e vocalizações no texto e captar a estrutura interna do texto (GIL URDICIAIN, 1994, p. 79).

Todavia, uma afirmação capital foi que "Ni semántica ni sintaxis son suficientes para llevar a cabo el análisis del texto con exactitud, lo hacen por aproximación; bien es cierto que eliminan ambigüedad, pero para profundizar en el contenido del documento se precisa trabajar a nivel de contexto." (GIL URDICIAIN, 1994, p. 81). Assim, considerando tal afirmação modelar, parece que os estudos semânticos, bem como sintáticos, já se revelavam na primeira metade dos anos 1990 como parciais em relação ao grande propósito que era organizar a agenda das investidas da Documentação sobre o que afetava o conteúdo da informação.

No contexto espanhol, mesmo com os desenvolvimentos conceituais

[27] Importante destacar a reflexão trazida pela autora Gil Urdiciain (1994, p. 78) sobre o problema terminológico de análise documental de conteúdo (ADC). Segundo é considerada, a luz da afirmação de Izquierdo Arroyo (1993, p. 199-216), a "análise", como termo, representa apenas uma das fases do processo e não consegue compreender com um só golpe análise e síntese. Por esta razão, Izquierdo Arroyo propôs a denominação Tratamento Documental de Conteúdo (TDC) para evitar confundir o processo todo com apenas uma de suas operações. Outra nota terminológica é que o resumo refere-se tanto ao produto quanto ao processo de resumir, o que causa algumas dificuldades, de modo que é comum recorrer a este verbo para marcar a operação, ainda que existam as expressões descrição substancial e condensação (GIL URDICIAIN, 1994, p. 82).

da Linguística Documental de García Gutiérrez e da aplicação linguística à elaboração de resumos de Moreiro González, também se deve notar que os temas relacionados ao assunto foram assumidos pela ideia pouco sistematizada de Semântica Documental. Nessa mesma direção, pode-se citar a visão de López-Huertas Pérez. A autora trabalhou as questões ligadas à Semântica linguística e as relações semânticas em diversos trabalhos (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1997, 1999, 2011) e complementa a linha linguística no campo da Documentação. Contudo, sob uma abordagem muito mais específica, trabalhando da aplicação da Semântica e da Terminologia à Documentação.

Em sua análise das relações semânticas na composição de tesauros e outras linguagens documentais, López-Huertas Pérez argumentou que as relações utilizadas para organizar e representar o conhecimento são ineficientes e não se baseiam na linguagem e nas categorias correntes que emanam dos usuários. Alude a uma "Semántica documental" que "cumpla adequadamento sus funciones de representación y representación del conocimiento a través de las estructuras conceptuales de los lenguajes, estos incrementarán las capacidades de comunicación de los sistemas a los que sirven, haciendolos así más eficaces." (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1999, p. 58). Aqui nota-se um mesmo espaço de interesse a ser disputado pelos projetos de disciplinas Linguística documental e Semântica documental.

Entre as tarefas da Semântica documental estaria justamente a de trabalhar com as relações semânticas das linguagens documentais. A tese reconhecida que a autora procura contestar é a de que:

> […] según ha quedado estabelecido, las estructuras conceptuales de los lenguajes documentales deben representar y organizar el conocimiento a través de la semántica de los textos, las relaciones semánticas que unen todo esse entramado conceptual deben también originarse o basarse en los textos fundamentalmente. (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1999, p. 60).

Esta tese procura defender que quando um autor transmite um conhecimento via texto, logicamente, está comunicando as categorias

mentais diretamente ao usuário-leitor e repassando informação relevante à construção das relações semânticas. Esse material deveria ser levado em conta na construção de linguagens documentais.

O exemplo utilizado pela autora derivou da definição de instrumentos musicais, que considera a literatura especializada, porém demonstrou ter muitas outras relações (procedimento de som, meios, carácter musical, gêneros, orquestras, lugar, tempo, compositores, intérpretes etc.), que as relações identificadas que costumam ser simplificadas e agrupadas em categorias hierárquicas e associativas.

O que Lopez-Huertas Pérez buscou apresentar é que a Semântica das relações entre conceitos deve obedecer à organização do conhecimento do domínio, e estes devem ser voltados ao contexto, e não a uma formalização transcendental pouco ou nada relacionada à prática de recuperação da informação pelo usuário. Desse modo, a linha de pensamento ou orientação metodológica adotada é indutiva, na medida em que procura alcançar às categorias através de um cotejo das relações presentes entre os comunicantes dos conceitos.

O que resulta como determinante é pensar como fazer este processo, alterá-lo para que ele seja menos rígido, distanciado do contexto do usuário. Isto é, o caminho sugerido foi recorrer aos textos produzidos por autores do domínio em questão. Argumenta López-Huertas Pérez (1999, p 62):

> En los tesauros al uso las relaciones semánticas se suelen trazar de acuerdo con lo que sugiere el vocabulario, y de acuerdo con una nutrida lista de relaciones conceptuales, que existen ya estabelecidas, para el caso de lo que se vienen llamando relaciones asociativas. En qualquier caso, quien hace el tesauro decide las que son y cómo son. Muy al contrario, en el ejemplo que comentamos en ese trabajo, la fuente son los textos o documentos especializados, que son usados directamente para identificar los nexos conceptuales.

Isso significa que, por meio de livros, artigos, capítulos de livro, relatórios etc. extraem-se as categorias semânticas mais pertinentes e exaustivas. Na sequência de seu exemplo, López-Huertas Pérez (1999, p.

63) ilustrou com o conceito de *violão* e *nota*. Avaliando as listas de cabeçalhos de assuntos da Organização dos Estados Americanos de 1985 e da Biblioteca do Congresso Americano de 1991, constatou que nos dois casos o termo foi agrupado junto ao termo geral *instrumentos musicais*, em comparação com as mais de dez relações semânticas encontradas utilizando seu método.

Consciente de que a sua proposta estava em sintonia com as tendências atuais de representação e organização do conhecimento, especialmente a teoria do domínio de conhecimento, da qual compartilha a tese principal, isto é, as categorias conceituais devem sair do contexto e não prematuramente seguindo propriedades esotéricas, com pouca vinculação à prática.

> Por eso creo poco útil la enumeración universal apriorística de relaciones conceptuales, del tipo: relación entre los objetos y sus propiedades, relación entre las cosas y sus disciplinas objeto de estudio, etc. No es que no es pueda o se deba hacer una lista de posibles relaciones conceptuales asociativas, de hecho es la forma habitual de proceder. Lo que digo es que por sí solas son poco útiles para la recuperación de la información porque no representan con precisión las necesidades de nexos conceptuales de una determinada disciplina, sino que, por el contrario, están pensadas para que sean válidas para cualquiera de ellas. (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1999, p. 64).

Em consequência, para o campo de análise e construção de linguagens documentais um sistema de organização do conhecimento pode ser ao mesmo tempo exaustivo e pertinente, contradizendo uma tese já enraizada no campo de que estes valores são inversamente proporcionais.

Nesse sentido, para construir um tesauro é necessário observar que no campo das metodologias de desenho das linguagens documentais tem-se uma corrente positivista e outra que toma como ponto de referência os usuários. Segundo López-Huertas Pérez (1997, p. 88):

> El producto que se obtuvo a partir de dichos supuestos diseñadores fue un tesauro que actualmente se reconoce como poco expresivo, rígido si cabe, poco versátil, con evidentes incapacidades para la representación adecuada de un campo temático y con unas relaciones semánticas que ahora se consideran como bastantes monocordes e insuficientes para expresar la riqueza semántica inherente a cualquer campo temático.

Esse novo paradigma, designado por López-Huertas Pérez (1997, p. 90) como "paradigma cognitivo" deveria impactar no desenho de tesauro de uma maneira fundamental, pois seguiria uma perspectiva indutiva mais próxima das categorias utilizadas pelos usuários. Contudo, reconheceu a autora que, ainda em 1995, data da apresentação de seu trabalho em um congresso, a realidade dos sistema de informação com respeito à prática de desenvolvimento de tesauros pouco foi alterada. Nessa nova perspectiva, "[...] la armonización de las necesidades de información del usuario y de los contenidos documentales del sistema de información es la pieza clave para conseguir lenguajes documentales más eficaces." (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1997, p. 90).

O método proposto para responder a essa tendência, a López-Huertas Pérez (1997) estruturava-se em alguns passos: a recuperação de termos em 4 a 6 dicionários do tema; a análise de textos para verificar o contexto em que se apresentam os termos no que se refere à frequência e constância; a retirada das categorias dos textos para compor a estrutura do tesauro; a organização das categorias, respeitando o critério de frequência, isto é, da mais frequente forma dos termos gerais a menos frequente.

O que se verificou com essa abordagem foi a urgente necessidade de estudos do uso da linguagem do usuário, uma nova forma de estudo de usuário que se diferencia do estudo geral dos usuários com respeito à necessidade da informação ou de satisfação em relação aos serviços de informação. Segundo López-Huertas Pérez (1997, p. 97), "[...] creemos que se conseguirá un tesauro más eficaz para la recuperación de la información, porque podrá representar las dos partes principales que una

petición de información incluye.”

A proposta da Semântica documental, tal como preconizada, tem como base a Linguística estrutural, ou mais especificamente, a Semântica linguística, e como segunda contribuição, os procedimentos da Terminologia, e com mais vigor a corrente comunicacional. Contudo, não foi realizado um trabalho de síntese da disciplina, pois as alusões a uma Semântica Documental são esparsas e não há uma sistematização a partir da abordagem da Linguística Documental e com a aplicação linguística à elaboração de resumos. Isso sugere a descontinuidade da formulação do projeto linguístico documental em detrimento de aportações específicas. Por exemplo, acentuaram-se mais as preocupações com a composição de metodologias pontuais de origem semântica – evidente ou remota – em lugar de consolidar uma corrente, um projeto ou um paradigma linguístico-documental. Uma narrativa epistemológica da Linguística documental poderia ter sido erigida com o objetivo de incorporar o que se entendia por Semântica documental, que ficou carente de um nó ou ajuste em face da proposta de García Gutiérrez.

Em consequência, deve-se reconhecer que toda proposta que se baseie na Terminologia recorre, como fundamento, a um conceito triádico de signo, pois, supõe-se que deva explicar o que é um conceito. Na ciência a presença do referente é algo fundamental, sem a qual não é possível falar de conceito algum que se preze.

Em um estudo sobre a estrutura semântica dos tesauros espanhóis, Gil Urdiciain (1998, p. 195) centrou atenção especial nas características semânticas e estruturais dos tesauros de diferentes áreas: biologia animal, eletrotécnica, meio ambiente, mulher, psicologia e assuntos sociais. O trabalho, resultado de sua tese sobre a evolução histórica dos tesauros, defendido em 1997, identificou um baixo número de relações semânticas entre os termos dos tesauros e ambiguidades em razão da falta de notas explicativas.

Contudo, os tesauros possuíam uma consistência interna ou reciprocidade entre relações sintagmáticas e paradigmáticas, além da

uniformidade da forma e do número de palavras (GIL URDICIAIN, 1998, p. 197). Ao final do trabalho, a autora (GIL URDICIAIN,1998, p. 198) citou como exemplo o tesauro de Patrimônio, coordenado por García Gutiérrez, em que foi aplicada a teoria linguística da Gramática de Casos e em que se considerou o tesauro como um texto, isto é, valorizando-o predominantemente como linguagem associativa. Essa concepção levou-o a considerar as linguagens documentais como uma linguagem epistemográfica.

Aqui a Linguística aparece geneticamente relacionada à criação de tesauros, pois os problemas da linguagem foram objeto da Linguística sincrônica saussureana. A noção de estrutura, de relações entre conceitos, de significado em contexto, de valor linguístico, de formalização da linguagem, entre outros procedimentos, sempre estiveram presentes quando se planejava ou mesmo se avaliava a eficácia dos tesauros. Contudo, os tesauros estão relacionados mais à abordagem linguística, ainda que estejam influenciadas por alguma teoria lógica, assim como preconizou Gardin, o qual teve grande aceitação na teoria da análise documental de conteúdo na Espanha.

O trabalho de categorização, tão presente nas incursões documentalistas à Semântica, pode ser percebido nas análises realizadas por Peset et al. (2001) sobre a organização da informação artística em portais. As autoras examinaram as categorias e as classes que organizavam as informações em portais horizontais (genéricos) e portais verticais (temáticos) da área de artes que incluíam música, literatura, dança, arquitetura, escultura e pintura entre outros gêneros. De acordo com o referido trabalho, as categorias presentes nos portais do campo das artes mesclavam gêneros diferentes, não apresentavam uma estrutura entre as classes, não havia explicitação de critérios de hierarquia, nem notas e remissivas que justificassem as escolhas e não se baseavam em divisões expostas na literatura ou manuais do assunto. Um caso tipo, por exemplo, foi o portal "Arte en la Red" que separava centros de arte, museus e galerias, bem como estas categorias da categoria difusão.

Foram identificadas outras incongruências e em razão disso, Peset et al. (2001) propuseram uma classificação mais coerente e que não sofreria da falta de rigor na disposição de categorias neste setor.

> A través de todas estas fuentes de conocimiento se estableció una clasificación orientada al usuario general de información artística. Su objetivo no era clasificar el conocimiento en abstracto [...] Pero tampoco se ha limitado a clasificar las páginas web concretas que aparecen en la red, pues para ello ya funcionan los portales. Se acercaba en muchos casos a las personas y organizaciones que operan en el espacio artístico, pero incluye información que puede resultarles de interés, como los sectores productivos de todos los ámbitos. (PESET, et. al., 2001).

Nesse sentido, notam-se as variáveis pelas quais se pautam os profissionais documentalistas, incluindo tanto a questão orgânica do relacionamento entre os conceitos quanto os usuários que estão envolvidos com os problemas práticos de uso da informação. Essa proposta de classificação para portais, mais bem um incipiente tesauro, é uma das atividades que deve levar a cabo os documentalistas no contexto da Internet, propondo soluções para organização e recuperação do conhecimento que não se baseiam meramente na razão probabilística dos buscadores Web.

> En definitiva, la información artística en sentido amplio se compone no sólo de unas ramas del saber, clasificadas generalmente por los lenguajes documentales que se utilizan para la indización de material documental, sino también de unos agentes que operan en el campo artístico, individuales o institucionales, que suelen ser recogidos en obras del tipo biográfico o de directorio. También, por último, incluye los sectores de actividad, del tipo formación, distribución, transformación, producción… difícilmente recogidos en ninguna fuente de información tradicional excepto si hablamos únicamente de sus datos de directorio y no de sus actividades (planes de estudio, materiales docentes o servicios o productos ofertados, precios…), que suelen suponer el know-how de los profesionales del ámbito artístico. (PESET et. al., 2001)

De um ponto de vista semiótico, essa atividade está calcada nas teorias semânticas do conceito, sejam elas de fundo lógico ou linguístico. Tendências às quais os documentalistas não precisam tomar partido, apenas extrair a melhor compreensão e encontrar o uso mais adequado.

As contribuições práticas do uso da Semântica para organizar o conhecimento na Web, também poderiam ser uma oportunidade para reedificar o projeto de Linguística Documental, contando com mais colaboradores, contribuições conceituais e não apenas depender de um teórico tomado isoladamente.

A Linguística Documental, tal como entendida no projeto de García Gutiérrez, deu lugar ao passar dos anos a incontáveis contribuições de natureza assumidamente linguística, porém sem uma sistematização que incorresse em coerência teórica, formação discursiva-epistemológica, precisão conceitual e exemplos materiais dos problemas involucrados à linguagem enfrentados pela Documentação.

Essas abordagens semióticas não peirceanas, particularmente, linguísticas e semânticas, colocam-se ao lado da Terminologia. Reunidas na confluência das bases teóricas linguísticas e terminológicas, encontram-se as preocupações de Espelt (1995), autora que arrola as bases conceituais para o ensino de linguagens documentais. A partir do conceito de Otlet de Ciência da Documentação, a autora aproximou as dificuldades conceituais desta disciplina com outra de vertente linguística, a Terminologia: "Para la correcta aplicación de los lenguajes documentales en la indización y recuperación de la información será especialmente útil el conocimiento de los sistemas de conceptos y de los métodos aplicados en la definición de términos." (ESPELT, 1995, p. 127).

Para Espelt (1995, p. 127), da terminologia é importante a aportação à construção de tesauros, especificamente a metodologia de delimitação dos conceitos com as operações: classificar (determinar gênero e estabelecendo o descritor), distinguir (diferenças específicas do mesmo sistema de conceitos), precisar (determinar características próprias). A Terminologia proporciona divisões, que, no fundo, são também linguísticas, as quais são importantes para a construção de sistema de organização do conhecimento, isto é, palavra e termo, denominação e noção, unidade gráfica e unidade de significado aplicados aos textos e discursos técnico-científicos. É desnecessário mencionar que

são dicotomias derivadas da Linguística geral e estrutural.

De um ponto de vista pedagógico, para assimilar os conceitos da Terminologia, devem-se adotar exercícios práticos, segundo recomenda a autora (ESPELT, 1995, p.128), a saber: análise de textos científicos, especificando os conceitos simples compostos e relações; elaboração de definições e listagem de termos de um mesmo campo buscando as relações do sistema de conceitos.

O contexto do movimento de busca de fundamentos teóricos para o ensino em Documentação no princípio dos anos 1990 foi o nascimento dos cursos de licenciatura na Espanha. Nesse sentido, sobressaía-se a discussão sobre quais disciplinas contribuiriam mais que outras no ensino profissional, e cientificamente, com a teoria da Documentação. O comentário de Espelt (1995, p 126) é bem sugestivo desta questão histórica:

> Todos estamos de acuerdo en que la iniciación de la licenciatura de segundo ciclo debe ser inminente, pero a pesar de tener aprobadas las directrices de los estudios, hay todavía muchos interrogantes sobre cuales son las tareas profesionales que requieren una licenciatura, y por tanto, cuales deben ser los contenidos del segundo ciclo.

A questão dos conteúdos passava também por uma articulação da Linguística Documental, caso fosse um movimento consistente, coerente e tivesse presença garantida nos currículos como disciplina teórica, e não, como se concebeu, apenas como espaço curricular para ensinar a empregar determinadas linguagens documentais. Essa tendência linguística nem sempre se refletiu nos currículos, salvo uma exceção, o curso oferecido pela Universidad de Murcia.

Nesse sentido, o emprego da Terminologia e da Semântica não tinha como pano de fundo uma Linguística geral única. É possível que essa característica tenha impulsionado o aparecimento de outras abordagens semiótico-linguísticas que não derivadas da teoria linguística clássica. Presume-se também, que as abordagens mais aplicadas, quase sempre relacionadas à Informática, tenham obtido mais êxito, em razão de sua

resposta efetiva às demandas informacionais. De todo modo, a abordagem semiótico-linguística voltada à informática está presente nos estudos recentes na Espanha. Mas o trabalho de sistematização conceitual e de elaboração de uma narrativa coerente no decorrer do tempo ainda não foi levado a cabo.

Nesse sentido, encontram-se os trabalhos de Carmen Galvez (2006; 2008; 2012) que tem desenvolvido uma reflexão teórica e estudos aplicados no campo da Linguística computacional. Essa abordagem semiótica que tem uma relação com a Linguística textual e a Linguística descritiva está se consolidando dentro da Documentação. Dentro do tema de mineração textual e de dados, a autora destaca a importância destas técnicas para a análise de dados e informações biológicas, nesse sentido, a mineração textual e a mineração de dados procuram descobrir padrões de correlação entre conhecimentos nas grandes bases de dados na área médica.

> La minería de datos (data-mining) y la minería de texto o minería textual (text-mining) surgen como tecnologías emergentes que sirven de soporte para el descubrimiento de conocimiento que poseen los datos almacenados. La minería de datos se define como el descubrimiento de conocimiento, a partir de patrones observables de datos estructurados, en bases de datos relacionales, se le denomina comúnmente Knowledge-Discovery in Databases (KDD). La minería textual se orientada a la extracción de conocimiento a partir de datos no-estructurados en lenguaje natural almacenados en las bases de datos textuales, se identifica con el descubrimiento de conocimiento en los textos y se le denomina comúnmente Knowledge-Discovery in Text (KDT). Tanto la minería de datos como la minería de texto son técnicas de análisis de información. (GALVEZ, 2008, p. 3)

Para tanto, a mineração textual necessita de técnicas de recuperação da informação automática, de processamento da linguagem natural e de extração de informação, as quais versam sobre identificação, classificação, visualização, extração de padrões, análise e agrupamentos automáticos de dados, segundo seu grau de semelhança (*clustering*). A base linguística está calcada na utilização das unidades de análise da Morfologia no sentido de ajudar a formatação dos dados a serem

recuperados. Por exemplo, a normalização de termos a serem recuperados exige a conformação de unidades linguísticas representativas, tais como palavra, raiz, afixos, sintagmas etc. Com essas unidades estabelecidas, as quais são fundamentais em uma perspectiva da Linguística estrutural, é possível voltar ao computador e desenvolver programas de recuperação de dados, segundo a estrutura da língua que se pretende tomar como objeto de análise.

> En relación con lo anterior, la minería de la literatura constituye un campo de investigación de la lingüística computacional que combina diversos procedimientos y técnicas de análisis de textos con el propósito de establecer relaciones entre entidades biológicas (como relaciones gen-gen, gen-enfermedad, gen-proteína, o gen-drogas) para interpretar funciones biológicas o formular hipótesis de investigación. La información textual, como la que se encuentra en MEDLINE, es una fuente infrautilizada de información biológica para los investigadores. Por esta razón, cada vez son más los sistemas dedicados a analizar resúmenes de MEDLINE para ofrecer servicios de información bio-relacionada. (GALVEZ, 2008, p. 4)

No exemplo utilizado para o estudo, que tratou da mineração textual em biologia molecular, acrescentam-se as funções das técnicas (ou o que poderia ser temas de estudo) que, segundo Galvez (2008, p. 5-7) poderiam ser: identificação e etiquetagem de entidades biológicas, extração e normalização de sinônimos, homônimos e abreviaturas; identificação de relações entre entidades biológicas através de redes formadas a partir da literatura; geração de hipóteses e descoberta de conhecimentos nas bases de dados textuais; genômica funcional ou estudo dos genomas em que poderia desenvolver a mineração de relações, as redes de genes baseados na literatura e a extração de conhecimento a partir do conjunto de dados.

Tais tarefas utilizam processos conhecidos como da intersecção da Ciência da Informação com outros campos, entre os quais Ciências da Linguagem, a saber: categorização de dados, indexação de assunto, estudos métricos, classificação, visualização da informação, normalização, padronização terminológica, estudo de correlações entre termos. Concluiu Galvez (2008, p. 10): "No obstante, y a pesar de estas limitaciones, nos encontramos ante un prometedor instrumento de análisis de información

en el que confluyen, debido la complejidad propia del dominio de conocimiento, diversos campos de la biomedicina, la RI y el PLN."

Em outras palavras, a recuperação da informação e o processamento da linguagem natural são processos que andam juntos. Entre os desafios lançados por esta abordagem linguística que implementa novas tecnologias e procedimentos automáticos de análise da linguagem, estão: relacionar os conhecimentos da Documentação com domínios do conhecimento que passam por problemas de organização do conhecimento e tratamento da linguagem nas fronteiras da ciências, como a biologia molecular e genômica; pensar em alterativas para a recuperação da informação que se baseiem em conhecimento efetivo da linguagem humana; não apenas organizar a informação em bases de dados com ferramentas automáticas já consolidadas, mas a partir das análises das relações entre conceitos e propriedades em uma base de conhecimento, sugerir hipóteses de pesquisa a serem realizadas. Em outras palavras, com base nas contribuições da Linguística computacional, ademais de outras colaborações, deve-se propor formas de compreender e atribuir significado a tudo o que se está gerando nos grandes bancos de dados de genoma e de outras áreas médicas, indicando correlações entre os dados que podem sugerir alguma tese para o pesquisador.

Em relação ao problema da unificação dos conceitos, Galvez analisou a aplicação de procedimentos de unificação de termos para a recuperação da informação. Esse procedimento fundamentou-se em conceitos linguísticos básicos, a maioria proveniente da Morfologia e da Linguística estrutural, como a noção de paradigma. Para tanto, foi proposta a aplicação da informática para a análise léxica, a qual deve basear-se em um algorítimo de unificação de termos, o qual pressupõe a conexão interdisciplinar entre Linguística e Informática, abrindo um campo repleto de possibilidades para a Documentação. "La unificación de términos se podría definir como un procedimiento computacional a través del cual se agrupan las variantes de un mismo término, que son semánticamente equivalentes, a una forma unificada." (GALVEZ, 2006, p.

67).

O procedimento de unificação de termos requer, como suposto, o reconhecimento dos afixos, e deve basear-se em um banco de dados que, na prática, seria um dicionário com lista de termos e palavras. Naturalmente, os problemas a serem resolvidos estão relacionados à análise flexional, conjunção verbal, pronomes enclíticos, paradigmas, categorias e estruturas simples ou complexas. O modelo proposto pela autora denomina-se método de estado finito para o controle terminológico.

> De forma sintetizada, un transductor es un sistema de representación computacional que comprende un conjunto de estados y una función de transición, que define el cambio de estado. La función de transición se etiqueta con un par de símbolo que constituyen el alfabeto del input y el alfabeto de output. Este mecanismo se puede representar en la forma de un diagrama o gráfico de estado-finito. (GALVEZ, 2006, p. 69)

Esse procedimento pode adotar diversas tecnologias ou programas de análise e padronização da linguagem, e seria aplicado a diferentes contextos, em especial, em áreas especializadas que disporiam de grandes bancos de dados com uma literatura científica extensa e de refinamento da estratégia de busca na recuperação da informação com o objetivo de propor hipóteses de conexão entre resultados de pesquisas. Como conclusão da arquitetura do sistema, Galvez (2006) utilizou como *corpus* de análise os registros da base de dados ISOC-Biblioteconomia e Documentação que reúnem revistas e anais de congresso. No que se refere aos resultados da aplicação dos analisadores léxicos de tecnologia de estados-finitos para unificação de termos, a autora explicou que:

> Primera, los analizadores léxicos consiguen reducir las variantes de términos a su radical o formas normalizada en un 26.4%, y este resultado se puede considerar satisfactorio. Segundo, los analizadores léxicos unifican las variantes con una alta precisión. Tercero, los analizadores desarrollados con técnicas de estado-finito tienen una limitación sólo agrupan las variantes que se puedan vincular a una sola forma normalizada, y en caso de ambigüedad no lematizan. (GALVEZ, 2006, p.73)

A despeito de avanços, a contribuição da Linguística teórica no desenvolvimento destes sistemas de tratamento da linguagem ainda é bem limitada, ajudando, no máximo, com as categorias morfológicas e semânticas, neste último caso, restritas às relações entre conceitos. Os demais desenvolvimentos nestes campos parecem que têm exigido o trabalho de profissionais da Computação, o que sugere uma falta de integração efetiva com a Documentação.

Díez Carrera (1993), por sua vez, analisou as diversas modalidades pelas quais as Ciências da linguagem podem ser aplicadas ao tratamento da informação. Defende a autora que as pesquisas em Linguística geram produtos, os quais formam parte de uma indústria, chamada "indústria da língua". Segundo Díez Carrera (1993, p. 139), esses produtos linguísticos – que naquela época previa-se que estariam nos centros de informação – serviriam para: uso a língua natural como meio de comunicação com a máquina; armazenar e recuperar oralmente a informação por sistema de reconhecimento de voz; tradução automática de documentos e, por fim, elaborar sistema de indexação.

> Los productos linguísticos se desarrollan, como ya dije, dentro de las denominadas industrias de la lengua, las cuales surgen de la unión de la linguística con la informática, de la linguística informática o computacional: los elementos de la lengua (fonemas, morfemas, palabras, oraciones, textos) comienzan a sistematizarse para ser informatizados, consiguiéndose con ello realizar automáticamente tareas linguísticas, no aún con la profundidad deseada ni en todas las disciplinas linguísticas (fonética-fonología, morfología, sintaxis, semántica y pragmática) pero sí asistiendo de momento a los hombres. (DÍEZ CARRERA, 1993, p. 139-140)

O trabalho de Díez Carrera sobre produtos linguísticos sublinhou a relação, nem sempre manifesta, entre a Linguística teórica e as aplicações técnicas que constituem produtos. Assim, dispôs, em princípios dos anos 1990, de uma relação das disciplinas linguísticas tradicionais com seus produtos vinculados. É uma análise que deve ser retomada para a compreensão das relações interdisciplinares entre Linguística, Computação e Documentação, em que pese o distanciamento dos teóricos em análise documental de conteúdo com os de processamento da linguagem natural

e de informática. A seguir, apresenta-se o quadro composto pelas disciplinas linguísticas relacionadas ao produto no contexto da indústria da língua.

Quadro 2: Tratamento automático da linguagem natural

DISCIPLINAS	UNIDADES	PRODUTOS
Fonética-Fonologia	Fonema-Alófono	Geração e Síntese de Voz
Morfologia	Morfemas-Palavras	Analisador morfológico
Sintaxis	Oração	Analisador sintático
Semântica e Pragmática	Significado	Analisador semântico

Fonte: Díez Carrero (1993, p. 140)**.**

A autora continua a análise expondo a conformação de novas disciplinas a partir da relação básica entre Linguística e Informática. Assim, listou os temas de estudo em Fonética informática, Morfologia informática, Sintaxe informática e Semântica informática.

A tese de Díez Carrero, defendida em 1993, versou sobre estas mesmas indústrias da língua e a interação entre Linguística e gestão da informação. Díez Carrero (2012, p. 126) constatou que as tecnologias associadas à língua são consideradas matéria-prima da tecnologia, algumas vinculadas ao tratamento do texto (redação, correção, edição, tradução, consulta e recuperação) e outras voltadas ao tratamento da fala (interação oral entre homens e máquinas). Esses problemas deveriam ser considerados no entorno da biblioteca digital, pois são, segundo define a autora, "medio de comunicación y difusión de la información".

Desse modo, deve-se considerar imprescindíveis às tecnologias linguísticas, os produtos e as disciplinas associadas à língua. Tais disciplinas seriam na visão da autora, a Linguística informática ou computacional, a Engenharia linguística (conhecimentos linguísticos para desenvolver sistemas informáticos que processam a linguagem humana) e o campo que trata do processamento da linguagem natural. "El objetivo es

que la máquina automatice los procesos linguísticos que un hablante nativo hace de manera natural, tales como la adquisición, comprensión y producción de la lengua; con el fin de que ella misma pueda emular esta capacidad humana." (DÍEZ CARRERA, 2012, p. 131).

Essa relação interdisciplinar está mais próxima da Linguística que da Documentação, pois os produtos linguísticos são resultado do trabalho de equipes multidisciplinares formadas por linguistas e informáticos, os quais compõem o espaço ocupacional da indústria da língua. Nesse sentido, os documentalistas, segundo o que se pode presumir, são consumidores dessas tecnologias linguísticas para uso nos sistemas de indexação.

Seguindo a contribuição de 1993, Díez Carrera (2012) assevera a necessidade de conhecimentos linguísticos para a recuperação da informação. A autora aponta que a Linguística descritiva, dividida em níveis de descrição (fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático), cada qual com a sua unidade de análise, contribui ao processamento da linguagem até alcançar o significado contextual. Díez Carrera (2012) explora a divisão da linguística, aprofunda as constatações feitas em 1993, a respeito da produção da língua associada às disciplinas. Assim, a autora relaciona os produtos vinculados à Fonologia e Fonética (*optical/intelligent character recognition*, dicionários, hifenizadores, silabadores, corretores ortográficos e outras tecnologias da fala para reconhecimento e síntese de voz); ao campo da Morfologia (essencial para elaboração de estratégias de busca, truncagem de palavras, analisadores/geradores morfológicos, *taggers*, lemantizadores, flexionadores, etiquetadores entre outros); à área da Semântica e Pragmática (analisadores, geradores, dicionários morfológicos, sintáticos, desambiguadores, dicionários de língua, bilíngues e plurilíngues, dicionários especializados, indexadores de conteúdo, corretores ortográficos, gramaticais e de estilo, resumidores de conteúdo, buscadores, tradutores, processadores de texto, sistemas dialógicos etc.).

Como afirma Díez Carrera (2012, p. 138) "Cada vez son más las empresas españolas que se dedican al desarrollo de estos." Nesse caso,

cita as empresas Eleka, Bitext e Linguaserve como desenvolvedoras de diversas tecnologias. “Los linguistas, asistidos por otros profesionales, elaboran productos lingüísticos que están o estarán presentes en los centros de información, y que serán de utilidad tanto para los documentalistas como para los usuarios.” (DÍEZ CARRERA, 1993, p. 145)

Esse aspecto é de grande interesse às futuras pesquisas linguísticas em Documentação, porque reconhece que infelizmente o desenvolvimento de tecnologias não está vinculado a este campo, o qual se apresenta apenas no papel de ente consumidor. Contudo, as necessidades dos usuários de sistemas de organização do conhecimento e de sistemas de recuperação da informação e de bibliotecas digitais constituem-se problemas relacionados à indústria da língua, muitos dos quais estão sendo resolvidos por empresas. Entre os problemas e os desafios está na fronteira linguística encontrada pelas bibliotecas digitais, segundo Díez Carrera (2012, p. 139), a informação precisa ser acessada independentemente do idioma do conteúdo do documento.

As tecnologias e as técnicas associadas ao tratamento da linguagem seriam genericamente: web semântica, tradução automática, tradução assistida, sistema de reconhecimento automático da fala, sistema de sintetização de voz e sistemas dialógicos que relacionam homem-máquina. Esses desenvolvimentos, mais ou menos conhecidos dos documentalistas, em especial, o primeiro, têm buscado processar a linguagem textual ou oral e repercutido no desenvolvimento de sistemas de informação.

Assim, projeta-se como fundamental estar consciente das disciplinas linguísticas, até seus níveis mais elevados de teorização – como é o caso da Semântica e da Terminologia –, os quais poderiam aportar soluções aos especialistas em documentação no desenvolvimento de sistemas de recuperação da informação. Além disso, é evidente a necessidade de um conhecimento da língua em questão e de técnicas estatísticas e informáticas para seu processamento.

Os conhecimentos do campo semiótico voltados às línguas naturais

e à sua sintetização serão de grande auxílio ao desenvolvimento de sistemas e poderão promover uma maior integração dos especialistas, os quais deixarão de participar desse ciclo apenas como consumidores de sistemas e produtos da indústria da língua.

Um fato que não se deve esquecer é que em relação a outros países, a Espanha tem uma demanda fundamental a solucionar, que é a questão das diversas línguas cooficiais. A Espanha possui uma língua oficial (castelhano) e três línguas cooficiais (catalão, basco e galego), além das não oficiais como aragonês, asturiano, estremenho, aranês. No caso das não oficiais, todas possuem um alto nível de formalização, com gramáticas e materiais voltados ao ensino, com o objetivo de preservar a língua. São elementos partícipes das políticas linguísticas e da indústria da língua que impactam no desenvolvimento de tecnologias e dos sistemas de informação e documentação.

Também no contexto das contribuições relacionadas à automatização do processamento da linguagem, não se poderia apartar os estímulos à criação de linguagens documentais. Nesse sentido, os autores Gil Urdiciain e Sánchez Jiménez (2014) aplicaram técnicas de recuperação da informação para a criação de um tesauro sobre comércio exterior. Os autores criaram um procedimento semiautomático para criação de tesauros, e ressaltaram a eficácia de algumas técnicas utilizadas em outros campos que agilizam o processamento da linguagem, mais especificamente, os termos e as suas relações semânticas hierárquicas e associativas que compõem um tesauro.

Os autores comentam que a geração automática de tesauros reparte-se em duas linhas: uma que considera os tesauros como ferramentas linguísticas e outra que entende o tesauro como ferramenta de recuperação da informação (GIL URDICIAIN; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, 2014, p. 20). O projeto de responsabilidade dos autores desenvolveu o tesauro de comércio Exterior para o Instituto Espanhol de Comércio Exterior da Espanha (ICEX). O tesauro cobre 20.000 documentos eletrônicos, 3.600 documentos textuais e 10.000 fotografias que formam

a base de dados do instituto. Para tanto, utilizaram como método os procedimentos de seleção do léxico, estabelecimento de campos temáticos, indicação de descritores a campos semânticos e desenvolvimento de relações. Para captação do léxico foi aplicado *Term Frequency and Inverse Document Frequency* (TFIDF) que responde a uma indexação automática e a indicação de candidatos a descritores. Contudo, a validação dos descritores foi revisada manualmente e verificada se representavam os conteúdos da coleção.

Em termos de unidades linguísticas trabalhadas, foi necessário utilizar outro indexador *Keywords and Keyphrases* (KEA), tal sistema deveria reconhecer sintagmas, verbos, substantivos, adjetivos, entre outras partículas (GIL URDICIAIN; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, 2014, p. 21). Conquanto, foi necessário ainda filtrar o conteúdo com um programa de *Dimensionality Reduction* e utilizar analisadores morfológicos seguindo padrões para a terminologia. Na sequência, verificou-se uma redução, de 10.000 para 4500 termos, a qual foi completada com a extração de termos disponíveis em outras linguagens documentais, dicionários, glossários e outras fontes. Com esse cotejamento, foi possível chegar a um conjunto de termos e de relações mais concretos. Não obstante, seria fundamental, como visto, combinar técnicas manuais e procedimentos automáticos, e chegar a um processo semiautomático ou assistido.

O estudo dos autores demonstrou como é difícil automatizar todo o sistema de criação de tesauros, porém se deve reconhecer que trazem agilidade. A teoria do campo semântico está relacionada à técnica de *clustering* (agrupação), tal técnica utiliza probabilidades de relacionamento e de identificação de semelhanças entre os termos. Uma técnica especial, *clustering blanco*, por exemplo, aceita um grau de incerteza na hora de construir o agrupamento. Segundo os autores "el clustering blanco asume que un mismo objeto puede pertenecer a varios grupos al mismo tiempo" (GIL URDICIAIN; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, 2014, p. 23). Assim, notaram que já existem técnicas que superam a dicotomia presente na lógica clássica e a inclusão do terceiro excluído, isto é, em

que há níveis de incerteza no momento de atribuir um qualificativo ou buscar as similitudes entre os termos agrupados. Contudo, as relações obtidas ainda são entre-mescladas com as preferenciais, as hierárquicas e as associativas.

Sobre esta linha de contribuições, pode-se concluir que a atribuição de relações entre os conceitos ainda é um procedimento não totalmente automatizado, o que requer saberes de diversos especialistas que atuam no arranjo do sistema de informação. A indexação automática, a associação de termos em porcentagem de coocorrência para facilitar a atribuição de categorias de relacionamento, isto é, a combinação de técnicas na criação assistida de tesauros, revela-se de grande auxílio às atividades do documentalista.

Em âmbito geral, a Linguística computacional, ou melhor, a fusão de conhecimentos da Computação e da Linguística, tem constituído uma linha alternativa às aportações Linguísticas clássicas à Documentação e, pelo que se verificou, tem obtido bons resultados e terá mais êxito nos próximos anos em razão de sua aplicabilidade, abrangência, economia e produtividade.

Nesse sentido, este núcleo de contribuições coloca em pauta o questionamento das teorias linguísticas clássicas associadas à Documentação, uma vez que os resultados dos procedimentos manuais, com a sua base em categorias e conceitos da Linguística Estrutural e Textual, são muito limitados em relação ao volume de informação que pode ser tratada. Pertencente ao campo semiótico, acredita-se que este núcleo de interesses se antecipará à organização da informação e do conhecimento na constituição de uma Semiótica Computacional aplicada à Documentação. Podem-se agregar nessa perspectiva os estudos e as aplicação de Figuerola et al. (2003, 2004), Gil Leiva (1997, 2003), Zazo, Figuerola e Alonso Berrocal (2007) e Sánchez-Cuadrado et al. (2007).

Coincidindo com os trabalhos linguísticos aplicados em Documentação, mas que não têm a pretensão de constituir-se como um disciplinar autônomo, encontram-se os estudos em Linguística cognitiva.

De papel ainda minoritário, segundo um ponto de vista quantitativo, estão os trabalhos realizados em Linguística cognitiva, entendida como um ramo das Ciências cognitivas que problematiza e testa hipóteses sobre a linguagem humana. A Linguística cognitiva traz questões cruciais ao futuro da Documentação, ainda que não esteja configurada como uma corrente de estudos independente. A Linguística cognitiva está associada aos trabalhos de Lakoff e Langacker em que "[...] se aboga por una concepción enciclopédica del significado en la que existen sistemas de modelación del conocimiento ligados a varias formas de convencionalización que dan como resultado modelos cognitivos de varias clases." (MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 80).

Enquanto a Linguística computacional manifesta uma relação com a Estatística para criação de modelos, a Linguística cognitiva radica, além das Ciências cognitivas, na Psicologia experimental, na medida em que é a partir dos estudos cognitivos e psicológicos que extrai elementos para conceber os modelos e as teorias que melhor explicam o funcionamento da linguagem humana.

Uma das propostas levantadas em 2000, por Mendoza Ibáñez e Pérez Hernández, é que a modelação do conhecimento depende da anotação de primitivos semânticos, isto é, unidades de significado indecomponíveis. A consideração dos primitivos semânticos leva à composição de uma metalinguagem. Segundo Jackendoff (apud MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 81) seriam exemplos de primitivos semânticos: coisa, evento, estado, ação, lugar, caminho, propriedade de quantidade. Esses primitivos semânticos poderiam chegar a compor uma lista de até sessenta itens, tal como em Wierzbicha (apud MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 82). Nesta linha de conta, poderiam ser incluídos como primitivos semânticos substantivos, predicados mentais, fala, ações, eventos, movimentos, existência, vida, determinantes, quantificadores, avaliadores, descritores, tempo, espaço, conectores, operadores entre orações, meta predicado, intensificador, taxonomia, partonímia, similaridade, entre outros.

Há uma certa semelhança entre os primitivos semânticos e a gramática de casos de Fillmore (agentivo, instrumental, dativo, factivo, locativo e objetivo), que é também considerado um dos fundadores da Linguística cognitiva. Ademais da patente semelhança com os trabalhos lógicos sobre as categorias, a exemplo de Aristóteles. A diferença consiste em manejar estes primitivos semânticos para testar modelos cognitivos que organizam as relações entre os conceitos a partir de domínios de referência. Os modelos cognitivos permitiriam definir o significado de conceitos e de metáforas. A partir dos modelos cognitivos poder-se-ia compreender as relações semânticas entre as expressões linguísticas.

A título ilustrativo, os autores explicam que os primitivos semânticos – como parte, inclusão e localização – estão vinculados a modelos cognitivos genéricos de estrutura topológica, isto é, usam esquemas de imagens (MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 92). Nesse sentido, buscam uma concepção entre esquemas cognitivos e de imagem como as relações semânticas estabelecidas entre os conceitos, de modo que um domínio de referência ou de um contexto relacional mobilizado, no instante de definição do sentido de um sintagma, atribua valores, tais como metáfora ou não metáfora.

A Linguística cognitiva, seguindo as contribuições de Lakoff, pode converter-se futuramente em uma nova abordagem semiótico-linguística em Documentação para a melhoria de sistemas de organização do conhecimento, baseando-se nos modelos cognitivos testados e a sua vinculação com as relações entre conceitos. Resultará em uma melhoria das interfaces de recuperação da informação.

Não obstante, atualmente, os sistemas de processamento da linguagem natural estão a cargo dos engenheiros e informáticos que utilizam os estudos aplicados da Linguística cognitiva para o desenvolvimento de sistemas. Nesse sentido, considera-se que a Documentação já esteja alijada das recentes descobertas desse campo, bem como de suas aplicações mais consolidadas.

Não obstante, os autores reconhecem a importância dos modelos

para a área: "Asimismo, hemos examinado la relevancia de postular modelos cognitivos genéricos para una teoría de la organización del conocimiento." (MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 95). Resta à Documentação espanhola voltar-se à teoria cognitiva e utilizar as aplicações existentes para fazer avançar uma suposta teoria linguística que se quer propriamente documental.

Outra fronteira com aportações teóricas e aplicadas importantes à Documentação, caso seja de fato objeto de análise, é o desenvolvimento de sistemas que trabalhem os discursos e expressões metafóricas, decorrente de estudos oriundos da Linguística cognitiva. Isto é, deve-se considerar que a fronteira do tratamento da linguagem científica já foi alcançada pelas técnicas tradicionais e automatizadas, e se está consistentemente avançando com as aplicações dedicadas aos textos completos.

Não obstante, a linguagem ordinária ainda não teve tratamento adequado pelos sistemas de informação. Por exemplo, não se consideraram quais relações semânticas uma narrativa de ficção estabelece com o usuário no momento da busca, pois não há tratamento robusto para os textos literários e de conteúdo polissêmico ou metafórico. Apesar disso, existem propostas de tratamento desses textos no campo da Linguística cognitiva, as quais mereceriam uma avaliação por parte dos especialistas em organização da informação e do conhecimento. A Linguística cognitiva pertence, logicamente, aos interesses semióticos que utilizam diversas matrizes teóricas, porém resolveu-se apresentá-la nesta seção pela vinculação genética com a Linguística geral.

Soma-se às aportações linguísticas não peirceanas à Documentação, reflexões com pouca sistematização, mas que têm em comum uma análise dos conflitos sociais que geram a linguagem. Essa, talvez tenha sido e continuará sendo nos próximos anos uma das mais promissoras correntes relacionadas ao estudo da linguagem na Espanha aplicada à organização da informação e do conhecimento. Ela estabelece interlocução com um campo semiótico mais sociocultural, o que não configura ainda,

em absoluto, um alinhamento à Semiótica da Cultura.

Dentre os problemas da organização da informação e do conhecimento, encontra-se a propositura de soluções linguísticas para representar a diversidade cultural existente nas diversas regiões do planeta. Sabe-se que a União Europeia, em sua motivação de integração, teve que encontrar espaço à diversidade linguística. Nesse sentido, muitos programas governamentais foram e têm sido criados para preservação das línguas. Lloret Romero (2001, p. 61) cita o programa de promoção e conservação de línguas e culturas minoritárias como formas de preservar línguas autóctones presentes na União Europeia, a exemplo do aragonês, bable, bretão, catalão, corso, galês, basco, frísio, gaélico, galego, occitano, franco-provençal, sardo etc. Claro está que parte das línguas citadas encontra-se em território espanhol (aragonês, basco, galego e catalão), o que, em si mesmo, já significaria uma questão a resolver em política linguística, a qual, ao fim e ao cabo, interferirá no acesso à informação.

Decorrem também desse debate os estudos sobre as representações da mulher, da homossexualidade, de grupos étnicos e de minorias nos sistemas de informação, em seus instrumentos de organização da informação e do conhecimento. Essas categorias de conhecimento expressam um conjunto de valores. Da mesma forma, o trabalho de tradução de instrumentos como as tabelas de classificação e os tesauros, deve levar em conta a diversidade linguística e a conservação de valores de uma comunidade.

Nesse sentido, encontra-se aberta a questão da linguagem enquanto instância que representa a realidade social e reifica uma visão de mundo, uma cultura e um conjunto de valores. A língua não é mais vista como neutra ou uma barreira, mas condição de independência, autonomia cultural e meio para manifestação de liberdades. Nesse particular, destacam-se os trabalhos de Caro Castro e San Segundo Manuel (1999), Morán Suárez e Rodríguez Bravo (2001), San Segundo Manuel (2007), Rodríguez Bravo (2007). As teorias linguísticas somam-se aos estudos

antropológicos, etnográficos, sociológicos, culturalistas e de gênero. Essa também é um tema relevante da abordagem semiótico-linguística e que parece ainda manter interessados no interior da Documentação na Espanha.

A Documentação não deixou de refletir essa conexão entre língua, linguagem e sociedade. Ademais da Linguística, esses estudos encontram guarida na Sociologia, Antropologia e Filosofia da Linguagem e podem significar uma perspectiva da Documentação em sentido externo.

Em síntese, as abordagens semióticas não peirceanas aqui resumidamente retratadas, longe de se constituírem uma trama coesa, representam a pluralidade dos temas linguísticos em Documentação, conformando-se na mais consistente via de interlocução. Desde as formas mais sistematizadas, alçando a estruturação de uma disciplina documental, como foi o caso da Linguística documental, passando por aplicações pontuais voltadas à elaboração de resumos, análise de textos, criação de categorias e redes semânticas, metodologias para definição de termos científicos, até alcançar as contribuições cognitivas e sociológicas sobre implicação da linguagem na Documentação, essas abordagens revelam uma riqueza de teorias empregadas, de técnicas aplicadas ao processamento da linguagem natural e de reflexões sobre os problemas da tradução de instrumentos de organização do conhecimento.

Se não se pode assumir a tese de que são desdobramentos coerentes sob uma mesma linha teórica, deve-se concordar com a ideia de que tratam, segundo se entende nesta pesquisa, da principal expressão teórica de aplicações semiótico-linguísticas da Documentação Espanhola, especialmente, à organização da informação e do conhecimento. Matizando as palavras de López Yepes e Ros García (1993), poderia ser dito que não é uma acabada concepção linguística da Documentação, mas que estas formam parte da principal abordagem semiótico-linguística da Documentação.

4.3 Abordagem Peirceana: da semiótica à pragmática documental

No caso da Documentação na Espanha, a Semiótica nem sempre teve um potencial de articulação conceitual, tampouco foi influente para constituir-se em uma corrente teórica coerente. Os trabalhos no sentido de uma Semiótica aplicada à Documentação ou Semiótica Documental surgiram na década de 1980. Nessa seção, serão expostas as contribuições vinculadas às abordagens semióticas peirceanas, especialmente, a que veio a ser conhecida como Semiótica documental.

O problema da teoria semiótica peirceana é que se apresenta como muito geral, o que nem sempre resulta fácil adaptá-la às questões específicas de um campo. Nos últimos anos, foram muitos os trabalhos que tiveram como objetivo aproximar os estudos da informação à Semiótica, mas não necessariamente no campo da organização da informação e organização do conhecimento. Hjorland (2003, p. 98), por exemplo, aludiu a uma Semiótica social, a qual defende que significados, signos e documentos são construídos em função das práticas padronizadas em comunidade. Em outros termos, a abordagem semiótica sustenta que as comunidades discursivas ditam o tom da significação, e toda forma de impor uma diretriz de organização dos significados externa à comunidade implicaria em desconsiderar a dinâmica própria da produção social dos signos. Raber e Budd (2003), por outro lado, defenderam que o conceito de informação pode ser elucidado com o conceito de signo. A junção entre forma e conteúdo, cuja abordagem semiótica está fundamentada na orientação estruturalista, subsuma-se à união perfeita e inseparável entre significado e significante. Por sua vez, Abreu e Monteiro (2010) analisaram a aproximação das matrizes da linguagem com a indexação da informação no ciberespaço.

De um ponto de vista mais próximo à organização da informação e à recuperação da informação, Moura (2011, p. 167) argumentou que a interoperabilidade (comunicação de padrões e protocolos comuns) no contexto digital requer como referência a representação estrutural,

sintática, semântica e lógica. Também podem ser citados os trabalhos de suma importância de Moura, Silva e Amorim (2002), Moura (2006, 2007) e Lara (1993, 1999, 2003, 2006). Especificamente no campo da organização do conhecimento, tem-se o trabalho de Friedman e Thellefsen (2011), os quais cotejaram as ideias semióticas de Peirce e a teoria do conceito de Dahlberg. Friedman e Thellefsen (2011) concluíram que a teoria semiótica analisada é fundamental para os sistemas de organização do conhecimento porque é abrangente na explicação da representação, servindo de modelo a ser aplicado a teorias mais focalizadas, como é o caso da teoria representacional do conceito erigida por Dahlberg. Na mesma linha de conta, foram de fundamental importância os trabalhos de Thellefsen (2002, 2003, 2004), Thellefsen e Thellefsen (2004) e Mai (1997a, 1997b, 2000, 2001). Contudo, em que pese à influência conceitual de Peirce em muitos desses trabalhos, não foi oferecida uma proposta disciplinar que congregasse Semiótica e Documentação.

As ideias de maior destaque nessa direção foram as de Izquierdo Arroyo – autor pouco conhecido no Brasil e mesmo na Espanha –, que cunhou a expressão "Semiótica Documental", utilizada desde final dos anos 1980. Em uma publicação de 1992, Izquierdo Arroyo destacou as pesquisas que então desenvolvia e cujo teor já indicava a preocupação com a estruturação da Semiótica Documental.

Izquierdo Arroyo (1992) procurou esquematizar uma agenda de pesquisas em quatro grandes eixos: a) para uma teoria da representação documental; b) ensaio histórico de Semiótica Documental; c) a ciência da busca secundária; d) concepção lógico-linguística da Documentação. Os dois últimos eixos foram iniciados e contam com publicações na literatura especializada. Mas são os dois primeiros que revelam a linha de análise e os fundamentos da Semiótica Documental erigidos sob a Semiótica de Peirce[28]. Izquierdo Arroyo (1992, p. 39) dividiu a sua proposta de estudo em: descrição indicativa, esquema-sumário e referências adotadas. Ele

[28] Recentemente, Lara (2014) examinou o teor desse artigo de Izquierdo Arroyo, de 1992, descreveu a sua estrutura e avaliou a sua importância para a Documentação, ressaltando que os trabalhos de Izquierdo Arroyo não foram muito divulgados, e por conseguinte houve um prejuízo no conhecimento de sua obra.

sumarizou os tópicos centrais dos estudos, identificando capítulos e seções detalhadamente, possibilitando sublinhar até as matrizes teóricas escolhidas.

No tocante à Semiótica de Peirce, no eixo que trata da representação documental, o autor pontuou como primeiro trabalho necessário "Um marco semiótico para a teoria da representação". Em outros termos, apresentou uma exposição completa dos principais conceitos da Semiótica peirceana, expondo a divisão da Semiótica em Gramática Especulativa, Retórica Pura e Lógica Geral (IZQUIERDO ARROYO, 1992, p. 39-40). Isso revela uma preocupação em articular seriamente os conceitos semióticos de Peirce com a Documentação, longe de propor uma suposta e superficial interdisciplinaridade, que apenas recebe e procura aplicar o que seja possível.

A base da teoria da representação a ser estudada ancora-se na Semiótica de Peirce. Contudo, no segundo trabalho em curso, "Análise de conteúdo e representação documental", não indicou as possibilidades de síntese com a Semiótica, preferindo pôr ênfase às contribuições do Gerativismo, Semântica Estrutural, Análise do Discurso e Linguística Textual.

O segundo eixo de trabalho trata dos estudos históricos agrupados na expressão Semiótica Documental. Izquierdo Arroyo (1992, p. 44-51) relacionou como discussões da história da Semiótica Documental a origem das seguintes problemáticas: a organização de textos, as operações de análise e síntese, a indexação, a descrição textual, a catalogação, a construção de repositórios bibliográficos, a classificação científica, a organização alfabética, a produção de glossários, dicionários, enciclopédias e tesauros, a hierarquização temática e o estabelecimento das relações associativas. Em resumo, o ensaio histórico da Semiótica Documental trataria de estabelecer um diálogo com os principais temas da análise documental de conteúdo.

No entanto, a formalização da Semiótica documental apareceu pela primeira vez no projeto docente de Izquierdo Arroyo – documento a ser

apresentado em concurso público seguindo o disposto no Real Decreto n. 1427 de 1986 – redigido para admissão como professor da Universidade de Múrcia. Em entrevista concedida em 2014, Izquierdo Arroyo esclareceu que quando estava escrevendo os "Esquemas de Lingüística Documental", entre os anos de 1989 e 1990, deparou-se com o enfoque agregador da Semiótica: "Pero el hilo conductor de mi propuesta era ya la Semiótica peirceana. Para la elaboración del trabajo Sobre la transducción, había reunido en Burgos bastante material de Semiótica y Semiología." (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 111).

Conquanto, é possível inferir que seu contato com o pensamento de Peirce mais dedicado foi no final de 1970.

> Instalado en la Filosofía del Lenguaje (de corte más bien analítico) y en la Semiótica – acababa de leer a Peirce –, consideré que la aproximación más adecuada sería la lógico-linguística (término este que ya empezaba a aparecer en algunas publicaciones recientes de entonces). A ello obedeció el titulo y orientación del libro Concepción lógico-linguística de la Documentación. (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 111)

O contato com a obra de Peirce deu-se prematuramente em uma disciplina durante os estudos de graduação (licenciatura) em Filosofia, na Universidade Pontifícia de Salamanca, entre os anos de 1962 e 1965, precisamente no ano de 1963, pelo professor Delgado. Segundo relato de Izquierdo Arroyo (2014): "[...] Delgado, nos daba un curso de Peirce en el año 63, o sea, ya te lo digo todo, o sea, era un adelantado, era un adelantado." Izquierdo Arroyo defendeu como monografia de final do curso de Filosofia, um trabalho sobre ontologia e sistema categorial de Nikolai Hartmann (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 112). Em 1981, defendeu a tese de doutorado na Universidad Complutense de Madrid sobre história da lógica medieval, trabalho intitulado "Lógica proposicional sumulista: bases histórico-textuales", infelizmente ainda não publicado.

Antes de ingressar na Universidade de Múrcia, Izquierdo Arroyo

lecionou as matérias de Literatura e Crítica Literária em Burgos, entre 1975 e 1985, depois rumou à Málaga, donde lecionou Lógica e Filosofia da Ciência na Universidad de Málaga, de 1985 a 1989.

Em 1989, foi aprovado no concurso para professor em Documentação na Universidade de Múrcia. O concurso foi convocado através do ato administrativo da referida universidade, Resolução n. 1309, de 10 de janeiro de 1989, para formar parte do grupo de professores titulares para a Diplomatura em Biblioteconomia e Documentação. O concurso foi para a área (matéria) Análise e Linguística Documentais, contando com as disciplinas *Análisis documental*, *Lingüística documental I* (10 créditos) e *Lingüística documental II* (5 créditos). Foi este o contexto da elaboração deste projeto docente, redigido em Málaga no ano de 1989 e que nasceu uma clara definição da Semiótica Documental.

As disciplinas *Lingüística documental I* e *Lingüística documental II*, segundo consta em seu livro "Esquemas de lingüística documental" (IZQUIERDO ARROYO, 1990), juntam-se a outras disciplinas em que se trabalhavam os temas semióticos, a saber: *Seminario de Estudios I*, *Seminario de Estudo II*, *Trabalho de Fin de Curso*. Esse arranjo de disciplinas congregou as reflexões originais sobre Semiótica e Linguística no campo da Documentação no contexto da Universidade de Múrcia.

Por vezes, Izquierdo Arroyo oferecia também uma optativa chamada "Aspectos lógico-lingüísticos de la Documentación". Através dessas disciplinas foram expostas aos alunos as perspectivas da Semiótica Documental como uma disciplina que viria a subsumir a Linguística documental. Nessa mesma universidade, Izquierdo Arroyo aposentou-se em 2012, após mais de 30 anos de magistério.

As bases teóricas de Izquierdo Arroyo recobrem diversos campos das humanidades, mas com uma base consistente em Filosofia e Letras.

> Del lado de la Documentación, me movieron alguns ideas redundantes en P. Otlet, J. Chaumier, M. Coyaud, Y. Courrier, M. Taube, J.C. Gardin, S.R. Ranganathan, D.J. Foskett, B.C. Vickery, D. Austin, De Grolier, Fugmann, I. Dahlberg y otros. Del lado de la formación en Filosofía, creo que puedo señalar tres referentes destacados, si bien menos conocidos en el ámbito documental: a)

> la "Grammatica Speculativa, sive De modis significandi", atribuida al Pseudo-Scoto/Tomás de Erfut – entre otros tratados de semiótica medieval -; b) los escritos lógico-semióticos de Charles Sanders Peirce (el mejor conocedor de esos tratados medievales dentro del área anglosajona); y c) el pensamiento perspectivista de don José Ortega y Gasset. (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 112)

Não se devem desmerecer as contribuições teóricas a sua formação intelectual dos pensadores Greimas, Todorov, Barthes, Kristeva, Derrida, Louis Hjelmslev, Lyons, Bühler, Jakobson e formalistas russos. Segundo Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 21), Izquierdo Arroyo pode ser considerado um filósofo, investigador que aporta contribuições no campo da Lógica formal, Filosofia da ciência e Filosofia da linguagem. Ele desenvolveu trabalhos em diversas áreas, Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014) abordaram o desenvolvimento do autor em três grandes eixos de atividades: os estudos ligados à teoria da Documentação; os estudos ligados à teoria da comunicação e Semiologia; os estudos relacionados à Semiótica documental.

> Tras su publicación em 1980 de su obra *Sobre la transducción, meditaciones semiológicas*, y desde sus primeras reflexiones a inicios de los 90 relacionadas con el *tratamiento documental de contenido* y el *tratamiento temático de la información*, formuló y conceptualizó, en el marco de un a semiótica estructural-funcional, su propuesta de *semiótica documental* y *definió sus modelos formales para la representación documental* y el estudio de los lenguajes documentales. (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 21, grifo dos autores)

Deve-se abrir um capítulo especial aos trabalhos de Izquierdo Arroyo sobre as dimensões teóricas da Documentação, forjados sob a análise do *corpus* otletiano. Izquierdo Arroyo (1995), glosando a respeito da epistemologia da Documentação presente na obra de Otlet, pontuou que este último já destacava os movimentos de troca disciplinar entre, de um lado, a Documentação, ou melhor, Documentologia, e de outro, Linguística, Tecnologia, Lógica, Psicologia e Sociologia.

Contudo, como observa Izquierdo Arroyo (1995), Otlet avançou bastante mais em sua visão inicial das conexões disciplinares e trabalhou em muitas outras como demonstra a análise do pensamento otletiano. Assim, pode-se observar no quadro exposto por Izquierdo Arroyo (1995)

que aparecem nas incursões de Otlet, nomeando-as de maneira mais atual, as seguintes disciplinas: Ciências da Linguagem, Lógica e Epistemologia, Psicologia Cognitiva, Ciências Sociais e Sociologia bibliográfica, Bibliometria e Estatística Documental, Economia, Ciência da Educação e Tecnologia documental. Desse modo, entende-se que as Ciências da Linguagem, em lugar de apenas Linguística, acolheriam as preocupações de Otlet com respeito à língua, aos códigos e à linguagem geral.

Para Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 25), Izquierdo Arroyo compilou uma proposta de teoria dos signos que estava já nos escritos de Otlet, isto quando procurou delinear os posicionamentos semióticos de Otlet. "Éstos se insertan dentro de la teoría del signo de Otlet, considerado desde cuatro perspectivas (cifras, notación, alfabeto e imagen) y vinculadas en un sistema gráfico universal." (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 25). Izquierdo Arroyo dá às Ciências da Linguagem uma acepção mais ampla que abarcaria a Semiótica Geral. Segundo define o autor:

> […] designa tanto las requeridas al lenguaje "natural", como a cualesquiera otros sistemas de signos utilizados por el hombre. Bajo esa acepción, su marco es el de la Semiótica General, y nos ocupamos de ellas bajo la rúbrica "La Semiótica: Ciencia de los Signos" (1.311). Dentro de esas ciencias, las que se ocupan del lenguaje natural abarcan el dominio más extendido y, quizás, "básico" de la Semiótica, ya que comprenden: a) la semiótica lingüística (Semiolingüística), en su acepción más amplia; de la que nos ocuparemos bajo la rúbrica "Lingüística y Filología" (1.312); b) las más recientemente llamadas Ciencias del Texto (Translingüística o Semiótica del Discurso), de las que trataremos bajo la rúbrica "Retórica y Estilística" (1.31212), y c) en su dimensión estética (artística), las ciencias de la Literatura; que se tratan bajo el epígrafe "Literatura" (1.313). (IZQUIERDO ARROYO, 1995, p. 229)

Para o autor, Otlet citou poucas referências de linguistas para desenvolver suas ideias sobre Ciências da Linguagem, e não chegou mesmo a citar a obra capital de Saussure. Izquierdo Arroyo, no intento de atualizar o espectro de preocupações de Otlet, propõe como primeiro nível das Ciências da Linguagem, a Semiótica de extração peirceana. De acordo

com Izquierdo Arroyo (1995, p. 233), Otlet se referia a estes campos apenas com as expressões "los signos en general" ou "teoría general del signo". Para confirmar que em Otlet havia uma teoria dos signos, no que tange as preocupações com os signos não linguísticos, Izquierdo Arroyo (1995, p. 236) aludiu a uma tipologia dos signos desenvolvida por Otlet, a qual classifica signos orais, signos escritos (ideografia, alfabeto, notações, formulas etc.) e signos imagéticos (desenho, gravuras, fotografia, diagramas, mapas etc.). Desse modo, dever-se-ia considerar o problema semiótico e não meramente o linguístico, já constando na origem da Documentação, desde a perspectiva de um de seus principais pioneiros, Otlet.

Na Universidade de Múrcia, Izquierdo Arroyo, além das disciplinas já mencionadas que funcionaram como laboratório para os experimentos e sistematização da Semiótica documental, vale a pena registrar o papel do grupo de pesquisa que leva este nome SemioDoc (Semiótica Documental). Fundado em 1991 junto à Universidade de Múrcia, o grupo funcionou como "comunidad de práctica investigadora y docente [...]", que, segundo Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 30), o grupo abordou os seguintes temas: semiótica documental descritiva, modelos de tratamento documental do conteúdo, gestão de linguagens documentais, taxonomia, teoria da classificação, pragmática documental da representação e reconhecimento, gramáticas gerativas aplicadas à estruturação textual, sistema de processamento de discurso, modelos e técnicas de resumo, tratamento semântico de documentos icônicos e digitais etc. Somente por esta lista pode-se constatar a amplitude do espectro temático da Semiótica documental[29].

De acordo com Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 27), o livro de Izquierdo Arroyo, "Esquemas de lingüística documental", é um material obrigatório na discussão teórica da análise documental de conteúdo e da Semiótica Documental:

[29] O grupo de pesquisa SEMIODOC continua ativo e contanto com a participação de professores, colaboradores e bolsistas. Mas informações sobre temas de pesquisa atuais podem ser levantadas em: <https://curie.um.es/curie/catalogo-ficha.du?seof_codigo=1&perf_codigo=10&cods=E053*02>.

> Constituye una monografia de referencia obligatoria en los estudios sobre análisis documental de contenido y su herramienta específica: los lenguajes documentales. En ella se asientan las bases de la concepción científica de la LD, como disciplina teórico-práctica que se plantea el almacenamiento racional y ulterior recuperación del contenido analítico de cualesquiera documentos (definición pragmática).

A Semiótica Documental assenta-se marcadamente na concepção semiótica de Peirce e na divisão das dimensões da semiose desenvolvida por Morris. Contudo, a estruturação da Semiótica documental toma como pressuposto o problema lançado por García Gutiérrez, a saber: o problema da Linguística Documental, o qual deveria ser enfrentado nos primeiros anos da década de 1990 por todos os especialistas em Documentação que se ocupam da análise e sistematização do conteúdo informativo.

Na obra "Esquemas", a Linguística documental foi definida rigorosamente, em termos pragmáticos e semânticos por Izquierdo Arroyo. Segundo o autor:

> La Lingüística Documental (LD) es una disciplina teórico-práctica que se ocupa del problema que plantea el almacenamiento racional y ulterior recuperación del contenido analítico de cualesquiera documentos. Su propósito (Fin) es resolver dicho problema mediante (Gact) agentes cualificados y especializados (Ag) que se sirven sistemáticamente (Sist) – corporativa e institucionalmente (Org) y en régimen normalizado – de unos medios semióticos (Med) llamados 'lenguajes documentales'. (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 36)

> No me atrevería, sin embargo, a calificarla, sin más, como una ciencia en el sentido moderno de la palabra; por cuanto su "estatuto científico" adolece aún de la falta de sistematización metateórica que vienen logrando otras disciplinas. (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 41)

> La LD está en vías de constitución científica. Distendida, por el momento, teóricamente en un conjunto de modelos (sistemas linguístico-documentales), se mantiene ya como un Arte o bien como una Técnica (mejor, quizás, Artes o Técnicas) para el control semiótico de los contenidos documentales. (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 41)

Esses fragmentos são muito sugestivos ao problema encontrado no final da década de 1980 e que exigiu um tratamento teórico. Isto é,

diagnosticar a situação e a natureza epistemológica da Linguística documental. Entre outras coisas, é uma disciplina teórico-prática voltada à recuperação do conteúdo dos documentos; porém falta de sistematização em seu estatuto científico e características técnicas para o controle semiótico do conteúdo dos documentos. Na sequência, descrever-se-á o panorama da Semiótica Documental, tal como pensada por Izquierdo Arroyo.

Examinando com mais acuidade, Izquierdo Arroyo (1990) apontou as características do objeto desta disciplina: "Ese objeto es algo de carácter semántico – el llamado "contenido", no muy felízmente – o semiótico, y por tal, distinto del plano material o "físico" o meramente "expresivo" (plano hjelmsleviano de la expresión)." (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 42). Para o autor, a disciplina não se confunde com análise documental, pois considera esta expressão apenas voltada à descrição bibliográfica ou física dos documentos.

No que respeita a base teórica, como foi explicitado anteriormente, a Semiótica documental deriva da concepção semiótica, em primeiro lugar, de Peirce, e em segundo, de Charles Morris.

> Por tal entiendo algo más que un simples tratamiento "lingüístico", en el sentido próprio de este término en el uso y mención que de él hace la Teoría General del Lenguaje. El adjetivo "semiótico" (que provisionalmente puede leerse como "lógico-lingüístico") lo utilizo en la acepción promovida por Ch. S. PEIRCE; para quien la Semiótica (Semeiotic) aúna ternariamente las perspectivas de Gramática (aspecto lingüístico propiamente tal), la Lógica formal-material (aspecto lógico) y la Retórica, peculiarmente entendida por nuestro autor (aspecto comunicativo y pragmático). Con ello quiero también significar que – en consonancia con la teorización de Ch. MORRIS -, dicho tratamiento semiótico se mueve en tres dimensiones que bien se conocen: sintáctica, semántica y pragmática. Y subrayo la primera por cuanto entiendo que en si falta de consideración decidida radican los principales problemas de los lenguajes documentales más en uso. (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 43).

A observação de Izquierdo Arroyo explica tanto as bases quanto o nível dos problemas em Documentação. Nesse caso, sobressai-se o grupo de problemas sintáticos. Diferente da Linguística documental que se alinha

à Linguística geral, apesar da notória influência linguística a Semiótica Documental recorre à Semiótica geral de Peirce para projetar seus ramos e colocar os problemas de tratamento do conteúdo na Documentação sob este quadro de análise. Desenvolvendo um pouco mais a reflexão sobre a disciplina e apropriando-se das dimensões da semiose de Morris, Izquierdo Arroyo destacou alguns desenvolvimentos históricos da disciplina.

> a) Fase pragmática. Con exclusividad centrada en el problema práctico que plantea el tratamiento específico, mas sin propósitos semánticos conscientes, y menos aún sintáticos. b) Fase semántica; que es la que da nascimiento científico a nuestra disciplina, desde las primeras Clasificaciones Bibliográficas o sistemas jerárquicos. c) Y fase sintáctica. Iniciada con los lenguajes de coordinación, adensada en los de descriptores controlados y jalonada – que sólo eso – con los llamados lenguajes "de estructura sintática". Fase, pues, que protagoniza la actual LD, con sus problemas aún para resolver. (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 44)"

Izquierdo Arroyo (1990, p. 46) é tributário a García Gutiérrez, pois este lançou à Documentação a questão do campo Linguística documental, contudo propõe Izquierdo a abertura da acepção empregada à disciplina, resultado da reflexão e questionamento do rótulo até então utilizado. Depreendem-se dos argumentos de Izquierdo Arroyo as seguintes considerações: os documentos, de longe, não se limitam mais ao escrito-textual, dada a abundância e a variedade dos suportes documentais; não se vinculam unicamente à tradição linguística, mas lógico-linguística; as questões semântica e pragmática mobilizam outros conhecimentos que não os tradicionalmente utilizados pela Documentação de recorte linguístico; e trabalha-se com uma multiplicidade de códigos e de processos de tradução inter e entre códigos na Documentação; nesse sentido, já se está há algum tempo em um campo semiótico por excelência. Segundo esta perspectiva, não seria mais que adequado renomear e redefinir a disciplina Linguística documental, e projetar um campo mais robusto e coerente com as novas práticas de pesquisa e desenvolvimentos da Documentação.

De acordo com Izquierdo Arroyo (1993, p. 200), a Semiótica Documental é o marco acolhedor das denominadas Ciências do Texto em sua aplicação ao tratamento documental. Por texto, Izquierdo Arroyo (1993, p. 201) definiu a representação física do discurso, escrito ou oral, e por Ciências do Texto compreende pelo menos a Linguística textual e as Ciências Cognitivas.

A definição de Semiótica tem como intenção principal reconstituir o papel da tríade recordada pelo autor de expressão/conteúdo/referente. Para constituir a Semiótica documental, o autor propôs substituir a Linguística textual, por esta não cobrir os três planos por completo: o plano de expressão (as palavras), o plano do referente (as coisas), e a base mediadora entre língua e mundo referido, o discurso ou plano de conteúdo (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 202). Como observado, a proposição da Semiótica Documental ressalta a necessidade de uma leitura dos três planos, portanto, confere à teoria triádica do signo uma importância capital.

A substituição de Linguística por Semiótica, na expressão "Linguística textual", parece oportuna para cumprir o domínio objetivo e a metodologia. Além disso, assumindo a Semiótica peirceana como matriz, tal como se depreende da análise dos conceitos de Peirce utilizados por Izquierdo Arroyo (divisões da lógica, signo, segunda tricotomia, interpretante, realidade, mundo e coisa), o autor (IZQUIERDO ARROYO, 1993) afirma que a substituição se justifica porque a Semiótica cobre todos os tipos de signos, em que representam o discurso e podem ser símbolos, ícones e índices, entretanto, apenas o símbolo seria classificado como signo linguístico.

Em resumo, o autor concluiu o argumento sustentando que a Linguística não cobria a totalidade dos signos, essa tarefa é plenamente cumprida pela Semiótica (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 202). Tal argumentação é coerente e se mostra eficaz dada a abrangência pretendida, por isso, adotou Semiótica para o lugar de Linguística como pano de fundo epistemológico.

O texto em si, na definição da Semiótica textual, localiza o objeto junto às dimensões da semiose: pragmática, sintática e semântica (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 203). O texto está no plano de expressão, e para o autor um texto não significa nada sem os atores e os contextos. O referente é definido pelo autor como um mundo de conteúdos, daí decidiu substituir Semiótica do Texto por Semiótica do Discurso. O referente no contexto da Semiótica do texto não trata do mundo de objetos, estado de coisas ou acontecimentos, tal como é para as ciências físico-naturais; também não é um mundo de expressões, como para as ciências da palavra. O referente está no mundo de conteúdo, por isso, a Semiótica enfoca o conteúdo, isto é, o discurso, o qual se difere do texto, ou seja, no plano de expressão. Portanto, propõe substituir a denominação Semiótica do texto por Semiótica do Discurso (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 203), com uma acepção particular de referente. Ressalta-se mais uma vez que a Semiótica Documental projeta-se como mais ampla que a Linguística Documental, pelas razões elencadas anteriormente.

Tal disciplina, um tipo de Linguística documental estendida, agregar-se-ia a atual análise documental (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 46-47). Por conseguinte, o autor estabelece uma divisão externa ou cruzamento de disciplinas, ou mais propriamente relações disciplinares. Izquierdo Arroyo (1990) entendeu a Linguística como Ciências da Linguagem que contemplaria a Linguística geral, a Semântica estrutural, a Lexicologia, a Lexicografia, a Gramática, ou sintaxe, lógica, a Terminologia ou Onomasiologia, as Ciências do texto e contexto (Textolinguística) e a Análise do discurso. Segundo apontou: “Todas ellas proporcionan bases teóricas para el desarrollo de nuestra disciplina, aunadas por la Semiótica (o Semiología), que está en su substrato.” (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 53).

Outras relações disciplinares derivam do campo das Ciências Formais, isto é, Lógica Simbólica, Lógica Matemática e disciplinas correlatas Lógica Matemática, Linguística Matemática, Lógico-Linguística e

teorias formais como teoria de Grafos e Teoria de Jogos. A Semiótica documental também guardaria estreita relação com o campo teórico da Ciência da Ciência (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 54), ter-se-ia assim as aportações da Teoria e História da Ciência, Filosofia da Ciência, Metodologia da Pesquisa Científica, Técnicas de Investigação e Criação Científica, Teoria da linguagem científica, Terminologia normalizada, Sociologia da Ciência e Psicossociologia da Ciência.

A Semiótica documental contaria com apoio da Teoria da Informação e da Teoria da comunicação (já presentes na Documentação). Desde a Informática pode-se citar: Inteligência Artificial, Tecnologia de automação, Teoria da codificação, Documentação automatizada, e do lado da Documentação, naturalmente figuram a Ciência da Bibliografia, Bibliologia e Biblioteconomia.

A "Linguística documental estendida", ou "Semiótica documental" pertenceria à teoria geral da Documentação (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 49, p. 54). Talvez isso significasse que a Semiótica Documental, longe de ser um espaço de aplicações e experimentações semióticas, foi mais bem uma perspectiva particular da Documentação face os problemas do tratamento documental de conteúdo que atingem várias disciplinas e profissões. Assim, a Semiótica Documental poderia ser considerada um ramo da Documentação que ofereceria soluções aos problemas de tratamento de informação a outros campos, ao mesmo tempo em que se concentrariam esforços nos problemas gerais ligados ao processamento da linguagem na sociedade.

Contrastando a Semiótica documental com a Linguística documental, nota-se um descompasso dessa última com problemas não linguísticos – mas da linguagem – que foram potencializados com o uso de documentos imagéticos, audiovisuais e da hipermídia. De um ponto de vista conceitual e interno, a Linguística documental estendida – entenda-se Semiótica Documental – dividir-se-ia, segundo Izquierdo Arroyo (1990, p. 56), a partir do critério de grau de teorização.

Nesse sentido, figuram na Semiótica documental como prefere

Izquierdo Arroyo, a Linguística Documental Teórica, a Linguística Documental Normativa, a Linguística Documental Aplicada ou Técnica. A disciplina seria ao mesmo tempo teórica, técnica e normativa. São três dimensões ou aspectos que perpassam seu conteúdo.

> 1) Es una teoría, en la medida en que especula (en subsidio de la praxis) sobre un determinado objeto que asimismo lo es de la Teoría de la Documentación (DOC).
> 2) Es una técnica o actividad práctica sistematizada – mediante instrumentos "ad doc"; o, en terminología menos común ahora, un Arte.
> 3) Se mueve en el ámbito transindividual, propio de la organización colectiva y normada. Es decir, la satisfación de su objeto mediador (el tratamiento semiótico) sería racionalmente inviable de no mediar una Normalización que regulara las distintas actividades de los distintos agentes individuales o corporativamente unificados (Servicios y Centros de tratamiento lingüístico-documental). En otros términos, esta disciplina presenta el carácter de Normatividad que encontramos en otras tales como la Ética, el Derecho y, en algún nivel, la Gramática lingüística." (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 39-40)

Esse aspecto também foi ressaltado por Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 27). A definição de tratamento documental entendido por Izquierdo Arroyo (1990, p. 55) compreende tanto os aspectos físicos quanto os de conteúdo do documento, não obstante, apenas este último seria objeto da Semiótica documental. É justamente dentro deste recorte epistemológico que se encontra o salto qualitativo da Semiótica documental, o de considerar os processos de semiose em Documentação como o centro do debate. Pelo que se tem consultado, foi o primeiro autor a usar a expressão "semiose documental" de uma maneira clara e bem fundamentada. Solicita-se permissão para expor os seguintes fragmentos:

> Sin embargo - aunque académicamente he apostado ya por la denominación "Lingüística Documental" - me inclino a proponer para nuestra disciplina una denominación más abarcadora de sus propósitos: SEMIÓTICA DOCUMENTAL. Así nombrada, aparecería como una especificación disciplinar de la Semiótica general, y habría de entenderse como ciencia que estudia la semiosis documental. El la concepción de PEIRCE y MORRIS, entre otros, la semiosis es el proceso de comunicación general de que se ocupa la Semiótica, y en él los signos se consideran em sus tres vertientes: sintáctica, semántica y pragmática. (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 63-64)

> En la medida en que la Semiótica se ocupa del estudio de cualesquiera procesos de semiosis (y no ya únicamente de los procesos que enfoca la Lingüística), la presencia de esse término en la expresión "Semiótica documental" parece más acertada. (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 65)
>
> La semiosis documental es justamente la semiosis del "arte aplicada" consistente en el almacenamiento y búsqueda controlados de los contenidos documentales. Esa peculiar semiosis – así denominada – se satisface y cumple merced a determinados "lenguajes especializados": los lenguajes documentales." (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 65)
>
> Consiguientemente, ya que el proceso documental es un proceso de comunicación, aparece como proceso de semiosis. En él los documentos (primarios y secundarios) son vehículos sígnicos que hacen posible el intercambio. (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 65)

Semiótica documental seria a opção mais adequada, segundo o autor, dado o contexto e a natureza dos problemas enfrentados pela Documentação. Entre as aulas programadas no projeto docente, destacam-se as lições previstas para o conteúdo semiótico. É este o caso, por exemplo, da lição 9, em que se pretende discutir a teoria da representação, da lição 12, que apresenta o conceito de signo documental (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 226), além da lição 14, intitulada "Semiosis y función del lenguaje documental" (IZQUIERDO ARROYO, 1990, p. 227). Há também referências claras à tradição francesa, em especial, Barthes e Greimas, o que ilustra também o exposto anteriormente sobre a influência francófona na teoria linguística e na semiologia no contexto espanhol.

A definição pragmática já considera como meios semióticos as linguagens documentais, o que realmente é um avanço conceitual dado que somente se iria estudar Semiótica detidamente em Documentação, apenas uma década mais tarde.

Infelizmente esta obra não foi divulgada na época de sua publicação na literatura científica da Documentação nos países sul-americanos, e nos estudos da Documentação de língua portuguesa, em especial, no contexto brasileiro. O alinhamento epistemológico da Semiótica documental aos novos tempos e à nova Documentação já estava sistematizado. A

substituição terminológica da Linguística documental daria lugar, por uma questão lógica, à Semiótica documental.

Porém, o que se sucedeu foi a disseminação e o uso da expressão Linguística documental pela comunidade de especialista em Documentação, principalmente no Brasil, quando as condições objetivas (avanços tecnológicos, advento de novos códigos, integração das mídias etc.) e os temas de investigação já exigiam uma reformulação radical, em razão das aproximações com a Semiótica.

Nesse sentido, é possível que a falta de acesso aos escritos de Izquierdo Arroyo em outros países tenha dificultado a divulgação de suas ideias e permitido a Documentação continuar com esta abordagem. Como exemplarmente mencionava Izquierdo Arroyo, a respeito da necessidade de avançar nos estudos interdisciplinares e olhar a outras direções: "Para saber lo que ocurre en el ascensor, es preciso salir del ascensor" (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 199).

As contribuições de Izquierdo Arroyo estão relacionadas menos a uma perspectiva estrutural da Semiótica que uma assimilação crítica da Semiótica de Peirce. Por essa razão, é uma original visão peirceana, que se soma aos contributos linguísticos, aplicada ao campo da Documentação. Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014) denominam esta corrente como "nova perspectiva", observação da qual se está de acordo:

> El posicionamiento ante una nueva perspectiva, la *semiótica documental*, dentro de un campo del saber fuertemente institucionalizado por aquel entonces com arraigada tradición francófona, la linguística documental. En este punto, subrayamos la apuesta edificadora de Izquierdo com una rica sistematización teórica y metodológica, a partir de la combinación de teorías y conceptos linguístico-semióticos y filosóficos, entre otros. (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 22, grifo dos autores)

Salienta-se que os estudos do autor não se restringem à Semiótica, mas tratam de tematizar epistemologicamente vários pontos da Documentação, com vistas a fundamentá-la. Moreno Fernandez e

Izquierdo Alonso (2014) também explicam que a Semiótica documental pode ser entendida como Linguística documental *latu sensu* ou estendida.

> La *semiótica documental* (linguística documental *latu sensu*) es el telón de fondo sobre el que el microtratamiento se proyecta em las tres dimensiones peirceanas (linguística, lógica y. comunicativo-documental). Los dos primeros traen aspectos teóricos e históricos de la Semiótica documental: representación del contenido, descripción documental, operaciones y lenguajes micro-documentales y sistematización lexicográfica. (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 24)

Esta visão, apesar da menção a Linguística, mostra como a proposta ultrapassou os limites estruturalistas impostos à explicação da linguagem na Documentação. A base fundamental da abordagem semiótica de Izquierdo Arroyo estava já presente em seus trabalhos da década de 1980, como "Sobre la transducción: meditaciones semiológicas".

A Semiótica Documental, como exposto, seria o marco acolhedor das preocupações do tratamento documental do conteúdo, abarcaria conjuntamente Linguística, Ciências Cognitivas e Ciências da Comunicação, incluídas como ramos da Semiótica geral. Para tanto, tomaria como objetos os diferentes planos (expressão, conteúdo e ontológico), diferentes códigos e os processos de interpretação – "[...] el "contenido", el emisor/receptor, en tanto que espacio sócio-cognitivo del interpretante (Peirce)" (IZQUIERDO ARROYO, 1992, p. 202) –, e teria como fundamento o campo intermediário entre Lógica e Linguística, que hoje está subsumido à Semiótica geral.

Izquierdo Arroyo (1992, p. 204) ressaltou a necessidade de reintroduzir a Semiótica documental e o tratamento documental de conteúdo como núcleo de investigação. Seu objeto seria o conteúdo tratado pela Documentação, e não a sua forma. Esse dado merece uma breve reflexão, pois as formas também requerem um tratamento semiótico, ainda que fosse central para a recuperação da informação concentrar-se no significado da mensagem.

O trabalho de Izquierdo Arroyo em Semiótica documental, a

despeito de o nível avançado de sistematização, ainda deixou pontos a avançar e exigirão dos especialistas em Documentação propostas coerentes para seu desenvolvimento. Em outras palavras, o projeto de uma nova disciplina, mais propositiva, isto é, que ofereça conhecimentos a outros campos e não somente os aplique às demandas da Documentação.

Izquierdo Arroyo tem chamado a atenção da Documentação para o problema da variedade de códigos que se apresentava já final dos anos 1980 e para o qual não se tem ainda uma teoria coerente ou abordagem disciplinar unificada na área. Ainda se atua como se o problema do conteúdo fosse apenas uma questão de tratamento textual, e o que não possui essa característica simbólica deveria adaptar-se, quando, em realidade, os diversos códigos, além dos signos icônicos e indiciais, já reclamavam um espaço próprio no consumo de informação pela sociedade.

Izquierdo Alonso e Izquierdo Arroyo (2014, p. 116) argumentam que as coleções orais e os documentos icônicos, as imagens, não têm tratamento adequado. Esse é um dos desafios atuais da Documentação, em especial, da Semiótica documental, pois os documentos imagéticos e sonoros exigem competências que estão além da teoria linguística.

Por outro lado, deve-se destacar, à luz da influência de Otlet, a concepção de Izquierdo Arroyo sobre o papel propositivo da Documentação e, consequentemente, da Semiótica documental. Nota-se que muitos objetos de investigação e soluções aplicadas às distintas áreas foram tomados de outros saberes. Assim, o nível de influência da Documentação tem diminuído, uma vez que, em sua especificidade enquanto disciplina se aceita que seu papel é mais reativo frente aos problemas de informação e de prestação de serviços. Contrariamente, quando se segue a perspectiva de Otlet e Izquierdo Arroyo, defender-se-ia um papel mais propositivo e arrojado.

Um ponto fundamental a explicar é em que medida a Semiótica Documental abrangeria os conceitos semióticos elencados para se compreender as linguagens documentais. Com efeito, a Semiótica

Documental seria constituída por um complexo de disciplinas e de correntes teóricas, o que torna uma tarefa hercúlea reunir, além da contribuição central da Semiótica peirceana, as várias teorias. Será um desafio nos próximos anos articular as teorias recentes de tratamento do conteúdo com a Semiótica documental de Izquierdo Arroyo, de modo a constituir uma narrativa ampla que explique as questões centrais do tratamento da linguagem na Documentação, sem voltar-se aos reducionismos que vigoram nas aplicações atomizadas que se encontram a miúde.

Seguramente, a Semiótica Documental poderia estudar ainda, além do tratamento documental de conteúdo, a concepção de linguagens documentais, valendo-se de conceitos semióticos úteis a estas, tais como: signo, semiose, interpretante e experiência colateral. Desse modo, estariam subsumidas à Semiótica Documental, tanto a Análise Documental de Conteúdo quanto à Linguística Documental propriamente dita.

A obra do professor Izquierdo Arroyo no campo da Documentação espanhola e, em especial, da organização do conhecimento, pode ser caracterizada como a principal contribuição teórica dessa escola no campo da Semiótica, ainda que suas ideias não tenham sido totalmente disseminadas. Colabora com esse argumento a profundidade e a sistematização dos temas tratados, a relevância dos teóricos da linguagem estudados e aplicados à Documentação, o procedimento exegético-hermenêutico empregado na análise dos clássicos e o nível de reflexão teórica sobre a Documentação como um todo. Talvez, o principal legado para a Documentação na Espanha seja o programa de estudos deixado pela Semiótica Documental, o qual deve ser retomado com urgência.

Izquierdo Arroyo desbravou um caminho para trabalhos mais voltados à pragmática, estes incluídos em um ramo da Semiótica documental. Nesse sentido, podem-se citar os trabalhos de Izquierdo Alonso. A autora acompanha os princípios de Izquierdo Arroyo e pode classificar estes interesses mais voltados à pragmática documental. Em

uma exposição sobre a análise documental, apresenta o núcleo teórico deste campo: "El Tratamiento Documental de Contenido (TDC) utiliza como marco de referencia los modelos lingüísticos destacados em cada momento, desde el estructuralismo al generativismo, y desde éste a las modernas corrientes de la pragmática, el análisis del discurso, la sociolingüística o la psicolingüística." (IZQUIERDO ALONSO, 2000, p. 144).

Os trabalhos de Izquierdo Alonso (2000, 2004), Izquierdo Alonso e Sánchez Domínguez (2011), Izquierdo Alonso e Moreno Fernandez (2009), também retomaram as bases teóricas desenvolvidas por Izquierdo Arroyo, não obstante, voltaram-se ao tratamento do resumo e à análise documental com ênfase à perspectiva pragmática. Por essa razão, pode-se afirmar que não assumiram uma linha semiótica *ipsis litteris* e têm seguido uma abordagem pragmática que, ao fim e ao cabo, relaciona-se aos fundamentos peirceanos através da Semiótica de Morris.

De um ponto de vista institucional, é bom que se diga que a disciplina Semiótica Documental não logrou o êxito esperado, assim como a própria Linguística Documental, como um rótulo teoricamente agregador, na medida em que não se constituiu como disciplina nos currículos dos cursos de diplomatura e licenciatura em Documentação. No que tange esse problema, apesar das propostas arrojadas de Linguística Documental e Semiótica documental, estas não foram adotadas como pertinentes aos colegas e não refletiram de maneira patente nos currículos e nas linhas de pesquisa na Documentação na Espanha, o que atomizou as contribuições científicas nessa direção.

Em resumo, é possível sublinhar as palavras de um dos entrevistados sobre a contribuição de Izquierdo Arroyo que representa um pouco significado obtido pela Semiótica Documental:

> Bueno, aquí hay una cosa que es muy clara: de la semiótica documental el primero y último en hablar hasta el momento ha sido José María Izquierdo. El primero en hablar de semiótica documental y, hasta donde yo sé, el último es el profesor José María Izquierdo Arroyo, eso es algo sin discusión, por lo menos yo así lo veo. Y el primero en hablar de lingüística y lingüística documental aplicada a la documentación fue el profesor Antonio

> Luis García Gutiérrez, luego siguió con esos enfoques el profesor José María Izquierdo para acabar dando una perspectiva más amplia, la de semiótica documental, pero fuera del marco teórico establecido por José María, realmente no ha habido más investigadores en España que desarrollen esos trabajos. (ENTREVISTADO 13)

Examinando o levantamento dos currículos dos cursos de diplomatura em Biblioteconomia e Documentação, Sánchez Casabón e Ubieto Artur (1994, p. 49-50) trataram dos eixos essenciais do currículo, apontando que na matéria denominada "Análise e Linguagens Documentais", a única faculdade a manter uma disciplina com o nome "Linguística documental" foi mesmo, como já citado, a Universidade de Múrcia, disciplina da qual estava a cargo Izquierdo Arroyo.

Assim, agregam-se elementos à análise do histórico da Linguística Documental, reportando a aspectos não completamente observados por Tálamo e Lara (2006) e Lara e Tálamo (2007), pois quando enfocaram esse movimento, resgatando as características da Documentação na Espanha na década de 1980, as autoras não ofereceram uma ideia precisa da projeção e impacto da Linguística Documental na própria Espanha. Uma epistemologia histórica da Linguística e da Semiótica documental não poderia ocultar os fatos que não permitiram a implementação, tanto da Linguística Documental quanto da Semiótica Documental. A análise dos depoimentos também aportará dados importantes à dificuldade de relacionamento disciplinar e de concepção semiótica, o que impactou na aceitação dessas propostas.

Por fim, deve-se registrar que a Semiótica Documental demonstrou cabalmente que os problemas da Linguística documental deveriam ser bem outros, mais condicionados à realidade da informação e aos códigos utilizados. Os problemas atribuídos à Linguística documental, acredita-se, já surgiram defasados no tempo e parece que apenas Izquierdo Arroyo notou esse fenômeno.

Com a análise construída nesta seção, pode-se avançar na compreensão das ideias de Izquierdo Arroyo, pelo menos no Brasil, e

responder a precisa constatação de Lara (2014): "No Brasil, o acesso aos textos de Izquierdo Arroyo é bastante incompleto, e essa é uma das razões pela qual sua produção é pouco conhecida".

4.4 Abordagem Híbrida

Na esteira de uma Semiótica Documental ainda carente de constituição epistemológica e repercussão institucional, devem-se apontar as alternativas de análise documental de imagens como diretamente relacionadas a códigos não linguísticos. Os trabalhos nessa direção podem ser muito bem classificados sob o rótulo de abordagem híbrida, pois utilizam elementos conceituais que pertencem às abordagens anteriores e que também podem estar relacionados a outras disciplinas, como Estética, Artes etc. Nessa seção serão apresentados os temas da análise semiótica de imagem que constituem, no que se entende aqui, uma abordagem híbrida que incorpora tanto abordagens não peirceana quanto peirceana, por estas estarem, ao fim e ao cabo, demasiado comprometidas com o código verbal.

Essa é uma das contribuições mais crescentes no âmbito da Documentação e que influenciará a discussão futura de uma teoria da linguagem nos termos da proposta de uma Semiótica Documental. Em outras palavras, a produção de documentos cujos códigos não são verbais (especialmente as imagens) cresceu nas últimas décadas em termos quantitativos, e os sistemas de informação que se viam acumulando experiências bem-sucedidas com a linguagem verbal – especialmente no campo da organização da informação e do conhecimento – fizeram poucas aportações nesse sentido, às vezes, por considerarem os códigos não verbais como traduzíveis ao verbal. Não é sem-razão que os documentalistas especializados em tratamento de imagens tiveram que buscar fundamentos conceituais e procedimentos analíticos em outros campos, pois pouca coisa havia sido elaborada do ponto de vista

conceitual sobre esta matéria.

Os estudos do tratamento de imagens em Documentação, com objetivos de recuperação da informação, estariam posicionados dentro das abordagens híbridas, pois se fundamentam em teorias tão diversas como Semiótica, Arte, Antropologia, Fotografia, Estética, Comunicação, Linguística e Documentação. O que se tem produzido em Documentação passa desde a completa ignorância às peculiaridades dos códigos não verbais até a adaptação dos procedimentos e técnicas linguísticas aplicadas à indexação de textos e seus respectivos documentos. Entre o leque de opções, podem-se incluir a fotografia, a pintura, o som, o audiovisual etc. Há uma variedade de contribuições na Documentação na Espanha que, baseando-se em outras fontes semióticas, e não mais na linguística, tem levantado uma questão estritamente Semiótica.

Entre os vários enfoques para um tipo de documento imagético, por exemplo, a fotografia, Agustín Lacruz (2015) encontra o enfoque informativo documental, o qual entende o registro dentro de um sistema de informação e estuda a gestão de coleções de informação icônica para geram representações secundárias. Segundo a autora, os enfoques são muito diversos: enfoque historiográfico, enfoque da história das técnicas fotográficas, enfoque filosófico, enfoque artístico, enfoque antropológico, enfoque sociológico, enfoque psicológico, enfoque semiótico-semiológico (em que se destacam os nomes Barthes, Dubois, Joly, Santaella, Noth, Zunzunegui, Gubern etc.), enfoque educativo e, por fim, enfoque informativo-documental. Os autores que mais se destacaram no enfoque documental, segundo Agustín Lacruz (2015), foram Felix del Valle, Joan Boadas, Cécile Kattnig, José António Moreiro, Jesús Robledano, Juan Francisco Torregrosa, Carmen Agustín, José Miguel Sánchez e Javier Marzal. Os teóricos aportados são, em sua maioria, espanhóis.

Essa corrente de estudos, se é que se pode designar assim, em Documentação, não deve excluir, em seu laborioso trabalho, o tratamento da imagem para fins de recuperação da informação, bem como a busca de fundamentos semióticos para ler as imagens. Leitura essa que supõe as

noções semióticas de código, índice, ícone etc. O propósito principal é ler a imagem, atribuir significado a ela, e, por conseguinte, organizar coleções e facilitar a recuperação desses documentos. Esse tema abre espaço para a questão: até que ponto os documentalistas estão preparados para conhecer e tratar informação em outros códigos, sobretudo, as imagens?

Um código imagético, por exemplo, requer uma estrutura conceitual vinculada à Semiótica, mesmo que seja de uma derivação da linha semiológico-estrutural. As propostas de análise documental do conteúdo imagético desenvolvidas no contexto da Documentação merecem uma análise mais ampla de seus fundamentos teóricos. A título ilustrativo, Agustín Lacruz (2006, p. 45) assevera: "Que as Ciências da Documentação, através de um enriquecedor diálogo disciplinar com outras ciências como a Semiótica e a Iconologia, possam incorporar as imagens artísticas como um de seus objetos de estudo, ampliando seu elenco tradicional." No caso específico, tratava-se de imagens artísticas, resultado da produção de quadros por um pintor consagrado. O que se sucede é um descompasso entre o discurso teórico-progressista da Documentação, e as técnicas que desenvolve, ainda devedoras das formas linguísticas de produção e tratamento do conteúdo dos documentos.

A imagem é uma entidade polissêmica, há várias possibilidades de interpretação para a mesma imagem, dependendo do sujeito e do contexto cultural. Deve-se analisá-la segundo vários níveis e formas. A esse respeito, Agustín Lacruz (2006) discute a utilização de documentação bibliográfica e informativa tradicional no processo analítico do conteúdo para complementar as informações não diretamente presentes na imagem, a exemplo do caso dos retratos de Francisco de Goya.

O texto artístico – noção que deve ser reintroduzida no debate em Documentação – é também uma evolução teórica que pode ampliar a noção de documento. Segundo Agustín Lacruz (2006, p. 26) "Essa contribuição epistemológica procedente da Semiótica alcança uma grande relevância para as Ciências da Documentação, pois possibilita que, estas

considerem as obras artísticas como produtos culturais cujo valor documental possa ser convertido em objeto de estudo." Apesar da observação da pesquisadora, deve-se ressaltar a necessidade de delinear os fundamentos de extração semiótica à Documentação. Entre os conceitos semióticos e linguísticos utilizados e que se referem à análise de imagem, pode-se citar os seguintes: código, código icônico, código verbal, denotação, conotação, conteúdo, expressão, símbolo, ícone, índice, referente, signo semiológico, contexto de produção e texto visual.

Relativamente ao contributo semiológico à análise documental, é preciso mencionar Greimas, teórico que investigou os mecanismos necessários para analisar o discurso como um todo, e procurou identificar as ações que os agentes executam na dinâmica de uma narrativa. Segundo Nöth (2005b, p. 145), o modelo greimasiano influenciou diversas áreas de aplicação, entre elas a Documentação. Pinto Molina (1993, p. 52) argumentou que Greimas contribuiu com o estabelecimento de aportes conceituais para o estudo do discurso científico, formas e tipologias discursivas, além da teoria das modalidades que facilita a compreensão dos modelos actanciais, em especial, a relação sujeito *versus* objeto.

A Semiologia de Greimas aplicada à análise do discurso propõe tratar globalmente os diversos textos, e não apenas os científicos, os quais se apresentam como principais, segundo a análise documental. Os textos narrativos de ficção, por exemplo, em oposição aos textos científicos, não procuram evidenciar de imediato seu assunto principal, não são obedientes à estrutura do texto científico, com problema, hipótese, objetivo etc. A despeito de seu vínculo germinal com o estruturalismo linguístico – principalmente na defesa implícita da tese de que há uma estrutura subjacente a todo texto, a qual regula as ações dos personagens e os movimentos no interior de qualquer narrativa, como a hipótese a qual se referia Hjelmslev –, a semiologia greimasiana mostra-se nestas aplicações como uma alternativa para superar uma lacuna da análise documental de conteúdo: o tratamento dos textos narrativos de ficção.

O objetivo da análise da imagem para fins documentais é atribuir significado por meio da análise dos códigos. Nesse caso, caminha-se no terreno da Semiótica e da Linguística em que se propõe a noção de código, enquanto um sistema de signos qualquer. Tanto para Linguística quanto para Semiótica, o código é uma unidade básica de análise e necessário a conhecer e avaliar quaisquer mensagens. Nesse caso, para fins documentais, dividem-se os códigos em níveis ou áreas para se extrair o conteúdo da imagem e representá-lo através de representações sintéticas, como descritores, termos e assuntos.

Agustín Lacruz (2015) menciona uma estratificação dos códigos necessária à Documentação quando se pretende analisar a fotografia. Como modelo de documento não verbal, a autora sublinha os seguintes códigos: código especial, código gestual, código indumentário, código cenográfico, código lúmico, código cromático e código compositivo. No caso da Documentação, o que a alija de outras formas de análise semiótica é que esta não se apropria unicamente da mensagem visual; seu interesse volta-se também ao conhecimento da autoridade e do contexto no momento de representar a informação. Sendo assim, as informações textuais do fotógrafo e do contexto de produção da mensagem são agregadas para compor a representação da informação.

Ademais de os códigos, exige-se para a leitura da fotografia, como documento do tipo não verbal, segundo considera-se aqui, habilidades e competências adicionais, tal como atesta Agustín Lacruz. São necessárias ao documentalista as competências: iconográfica, narrativa, estética, enciclopédica, linguística-comunicativa e modal. Consequentemente, essas competências deveriam estar presentes nos cursos de formação, contudo, seu vínculo com as técnicas linguísticas tradicionais de tratamento do textual não permite incluir estas questões fundamentais para o acesso à informação de um número cada vez maior de pessoas. Em linhas gerais, o contributo da semiótica à Documentação, em suas diversas perspectivas, é amplo e merece uma sistematização mais detalhada. Na mesma linha dos trabalhos anteriormente apontados, devem-se examinar as

contribuições de Agustín Lacruz (2006a, 2006b).

Também vinculado às linguagens não convencionais tratadas pela Documentação, desde um ponto de vista semiótico, acrescenta-se o trabalho de Peset (2001) que analisa a transposição de elementos artístico na rede, citando as principais ações que tratam de promover o acesso a museus e exposições virtuais como forma de atrair o público ao mesmo tempo em que oferece uma relação visual com a obra de arte. De acordo com a autora, "Al contrario de las exposiciones de algunas piezas de los museos tradicionais, suelen estar concebidas únicamente para su contemplación en línea." (PESET, 2001, p. 117).

A autora continua a sua análise e cita como exemplos, as exposições de Goya pela Universidad de Zaragoza, as exposições de Velázquez, as exposições do Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico e a exposição de Joan Brossa para Universidad Oberta de Calaluña (PESET, 2001, p. 117-118). Peset concluiu que as bibliotecas devem assumir a gestão desse processo para atender as necessidades dos usuários. Para tanto, recomenda-se o conhecimento do conteúdo audiovisual – como também se depreende de Agustín Lacruz – e dos recursos multimídia para proporcionar guias artísticos. A biblioteca deveria, por consequência, utilizar os recursos desenvolvidos em outros contextos artísticos para provocar um impacto no usuário.

De modo geral, Peset parece reconhecer as limitações do discurso promovido pelas bibliotecas, na medida em que enfatiza os códigos verbais registrados em comparação a outras formas de relacionamento com as mídias e obras de artes. Os códigos engendrados nessas obras são superiores e muito mais avançados em termos de compreensão da percepção humana e da criação de conhecimento.

Nesse caso, para difundir informação pelos ambientes virtuais, dada a diversidade de tipos de informação, segundo os códigos disponíveis, uma biblioteca não pode recorrer aos serviços já estabelecidos no contexto impresso. Para tanto, necessita-se vislumbrar o que estão realizando outras instituições, é o caso dos museus, os quais estão na

vanguarda no que diz respeito ao tratamento semiótico de seus documentos, isto é, já reconhecem que os meios de interação com os objetos, e de organizá-los, recobrem um âmbito não verbal.

Por essa razão, o apelo de Peset (2001) encontra respaldo em uma abordagem semiótica disposta a reconhecer a diversidade de linguagem e promover os sistemas de mediação à informação mais adequados às expectativas dos usuários. Contudo, supõe-se que tal consciência semiótica, seja para ressignificar o ambiente da biblioteca ou para reestruturar a arquitetura dos portais, fato que ainda não se fez presente nas bibliotecas e nos centros de documentação.

Pensar os objetos artísticos como formas semióticas que serão acessadas como informação encontra-se em um ponto em que se entrecruzam as competências da Documentação e das Ciências da Comunicação. Presume-se que os especialistas espanhóis, pelo que se investigou até aqui, já se deram conta que as novas mídias são, em realidade, uma fonte de oportunidades, problemas e dificuldades práticas para os processos de tratamento e organização da informação e do conhecimento.

De um ponto de vista semiótico, concretizaram-se a justaposição entre as linguagens, isto é, valorizar os distintos códigos. Nesse sentido, destaca-se o trabalho realizado por Lloret Romero e Canet Centellas (2008a), da Universidad de Valencia, que teve como objetivo realizar uma análise descritiva dos serviços disponíveis em rede que oferecem conteúdos e serviços audiovisuais, relacionando novas tendências para a difusão da informação audiovisual, como transmissão de eventos ao vivo, a transmissão de programas, o serviço de vídeo sob demanda e os serviços de entretenimento.

De acordo com Lloret Romero e Canet Centellas (2008a), "Programas televisivos, retransmisión de eventos en directo o en diferido, las webcams al servicio del exhibicionismo y del vouyerismo colectivo, y el vídeo bajo demanda, son entre otras una representación de las posibilidades audiovisuales que la red está poniendo al servicio de sus

usuarios.” Nessa mesma linha, inclui-se o trabalho das autoras Lloret Romero e Canet Centellas (2008b).

Essas possibilidades devem ser tomadas também pelos documentalistas como mais um de vários exemplos que atestam que uma visão estreita da informação voltada exclusivamente aos documentos tradicionais (impressos e de registro verbal), pode não oferecer o subsídio teórico e a contribuição aplicada necessária aos usuários e à sociedade.

Em decorrência disso, exige-se uma base semiótica geral, tampouco presente na exposição dos autores, que os integraria sob um mesmo pano de fundo que percebesse os códigos e os processos de semiose que ocorrem dentro e fora da Web e que envolveria o tema dos códigos híbridos. A seguir, para encerrar a exposição desses resultados, comentar-se-á a análise do discurso que agregou detalhes das teorias semióticas identificadas no campo da Documentação.

5 TEÓRICOS, CONCEPÇÕES SEMIÓTICAS E INTERDISCIPLINARIDADE

A análise dos depoimentos baseou-se, como mencionado na introdução, no procedimento conhecido como discurso do sujeito coletivo, técnica de tratamento de discurso utilizada nas Ciências Humanas e Ciências da Saúde. A técnica desenvolvida por Léfevre e Léfevre (2003) fundamenta-se na concepção de que a fala social de uma coletividade pode ser representada pelo conjunto dos depoimentos, com suas similaridades e contradições, sem a presença de categorias que substituam o discurso do grupo. Nesse sentido, as categorias, representadas pelas ideias centrais, apenas facilitam a organização dos depoimentos, e não se referem ao resultado do discurso, pois o discurso deve representar-se a si mesmo.

O que se obtém do tratamento coletivo do discurso é uma leitura do pensamento do próprio grupo de entrevistados. Para isso, a própria dinâmica da entrevista deve ajustar-se aos propósitos da técnica, e facilitar a fluidez da conversação. Nos discursos encontram-se, em geral, não apenas a resposta direta sobre uma questão, mas as reflexões feitas pelo entrevistado, muitas das quais são comuns a outros sujeitos, assim permite formar discursos francos sobre o pensamento da coletividade representado pelo agrupamento de depoimentos. Esse procedimento segue regras como o princípio da semelhança – Léfevre e Léfevre recorrem ao conceito peirceano de iconicidade que trata da ligação entre os discursos – entre os temas, tem-se a redução da redundância, pois esta se manifesta em mais de um depoimento e, por vezes, no interior do mesmo depoimento, e a estrutura textual com expressões que garantem a ligação entre as orações (note-se o que está sublinhado representa acréscimos para dar coesão ao discurso), quando sejam necessárias.

O que chama a atenção, é que o depoimento resultante representa um fragmento do pensamento social – os autores fundamentam-se na

teoria das representações sociais e na noção durkheimiana de coletivo – que ao fim e ao cabo diz respeito a uma ideia que está presente no coletivo investigado.

No caso estrito desta pesquisa, o pensamento coletivo revelado pela técnica empregada trata dos temas concepção de semiótica, nível de interdisciplinaridade e teóricos no campo da Documentação na Espanha. Os discursos estruturados representam o pensamento social, limitado pelo conjunto de depoimentos dos entrevistados, mas que reflete um conjunto de ideias presentes na comunidade científica da Documentação espanhola.

A seguir, serão apresentados os principais discursos coletivos relativamente à noção de semiótica em vigor, a avaliação dos níveis de interdisciplinaridade entre Semiótica e Documentação, e a menção resumida dos principais teóricos que aportaram contribuições nesse sentido à Documentação.

Com respeito à noção de Semiótica professada pelo coletivo de investigados, notou-se claramente a presença de dois discursos coletivos. O primeiro discurso revela negação e desconhecimento dos temas semióticos, em que se afirma que não há clareza ou um assunto comum em Documentação na Espanha. O segundo discurso, mais objetivo, revela uma clareza conceitual sobre o conceito de Semiótica e a sua posição ante a Documentação. Nesse segundo discurso coletivo, a Semiótica é concebida como a ciência dos signos, da semiose, do significado, da linguagem e da representação.

O primeiro discurso, sobre a concepção semiótica foi assim disposto:

> Nosotros aquí no se da semiótica. Es que el tema de documentación, aquí, desde luego, nunca se ha dado por esa vertiente. Pero, solo sé el nombre, no conozco realmente las teorías ni he leído nada de Semiótica. Entonces, no me atrevo a opinar, sinceramente. No soy experta en materia. No lo tengo nada claro. La semiótica yo no la trabajo. Pues mira, hay profesores muy buenos de semiótica, en Ciencias de la Información […], pero no en Documentación.

Constata-se uma insegurança em relação à Semiótica e mesmo a

discussão sobre a pertinência do assunto para a Documentação. Claro está que se trata de um assunto voltado mais à Ciência da Comunicação (*Ciencias de la Información*). Por outro lado, é representativa no pensamento coletivo da Documentação, segundo a construção discursiva empreendida, a clareza do papel da Semiótica e dos assuntos afeitos à Documentação.

O segundo discurso coletivo define Semiótica como a ciência dos signos, da semiose, do significado, da linguagem e da representação.

> Vamos a ver, desde el punto de vista teórico; el primer problema con el que nos encontramos es el nombre, la denominación "semiótica". Sabemos que es una palabra de ascendencia griega, {semiotikós}… Incluso los ingleses utilizan a veces semeiótica en lugar de semiótica; semeio, la ascendencia griega; por un lado, y por otro lado, la denominación saussuriana ¿no?, de la semiologie, la semiología, bien. Por Semiótica entiendo que es la ciencia de los signos, es decir, sería la ciencia de representar mediante el lenguaje conceptos o realidades. Entiendo que el objeto de estudio de la Semiótica son los signos, es la representación de los signos. Una ciencia que explica el significado de los sistemas de signos, no exclusivamente lingüísticos. Resulta una disciplina, o sea, un marco disciplinar muy eficaz para comprender de forma integrada la producción de los significados. También, se trata de una ciencia interdisciplinar con conexiones que irían desde la Filosofía a la Teoría de la Comunicación y la Lingüística. Es el análisis de los signos en procesos de semiosis social, si fuera Semiótica, […] yo asocio Semiótica con Comunicación, si yo entiendo que hay una comunicación documental y es verdad porque igual que hay un hecho semiótico hay un objeto documental que es lo que nos configura como disciplina diferente, tiene que haber una Semiótica Documental también. Es el análisis de los signos, de los símbolos, entendiendo el documento como símbolo, como signo y dentro del documento y del contexto los lenguajes como otro signo, de su naturaleza, de su función y todo en un proceso de semiosis comunicativa, de semiosis documental. Tiene que ver con la comunicación, con los signos, con todo ese tipo de cuestiones y ahí los sistemas tienen una parte importante porque realmente están hechos para eso, están formados por signos, símbolos, sirven para comunicarse y claro que tiene importancia desde ese punto de vista, por supuesto que sí. La semiótica es la explicación de la comunicación, de la interpretación del signo. La interpretación de la realidad a través del lenguaje (y no tanto su significado como sería el objetivo de la Semántica). Es la representación mediante signos de los documentos, bueno de los documentos, digamos del mundo, del entorno en el que nos movemos. Es una definición operativa, pero que explica los códigos de signos, las formas de producción de los sistemas de significación cuando no son lingüísticos. Y que resulta muy operativa para comprender otro tipo de realidades, otro tipo de sistemas de comunicación, de modos, sistemas de comunicación que operan en paralelo a lo

> lingüístico en todo tipo de situaciones. En nuestro caso, en lo que tiene que ver con la Documentación nos hemos dedicado a la Semiótica en el sentido de cómo representamos la información de una determinada forma. Sin embargo, yo casi prefiero hablar más de Semántica, pero por el texto, porque claro, si vamos a la imagen, el análisis de imagen, ¿cómo se hace? En primer lugar tienes que comprender cómo están estructurados determinados mensajes para que sean entendidos por los usuarios, por los destinatarios de esos mensajes. En la corriente saussuriana el texto constituye una manifestación del lenguaje y por tanto es fundamental para la Semiótica y la Lingüística. Y posteriormente, las posibilidades que aporta después para la recuperación. Yo te hablo desde el punto de vista práctico, de para qué me sirve a mí la semiótica. Yo gracias a la semiótica, puedo emplear los signos para representar los documentos, el contenido de los documentos.

Verifica-se um entendimento do significado de Semiótica que está além do denotativo, na medida em que se discutem a questão epistemológica – que tanto pode ser considerada disciplina como campo interdisciplinar – e as correntes teóricas, especialmente a saussureana. Além disso, foi destacada a relação da Semiótica com as disciplinas Linguística e Comunicação e o mais importante, o uso que se faz dela na Documentação.

Deve-se notar também um registro no discurso da Semântica como uma disciplina que concentraria os temas ligados ao significado. De todo modo, tal discurso coletivo revela a clarividência com que a comunidade científica da Documentação na Espanha associa o conceito de Semiótica, resultado de um histórico de análises teóricas e contribuições nessa direção, como pôde ser notado nas seções anteriores sobre as abordagens semióticas.

Com respeito à análise das relações disciplinares, indagada a coletividade sobre o nível de envolvimento com a disciplina Semiótica, de maneira específica, e com outras disciplinas em geral, foi apresentado um discurso coletivo majoritário que destaca que as relações interdisciplinares não existem ou estão em um nível muito baixo e elementar. A própria composição do discurso é esclarecedora a esse respeito:

> No hay buenos vínculos, está muy disociado, sí, está muy disociado. Yo creo que en general, unos están en una teoría y otros

están en lo otro. Es difícil. Yo creo que estamos en un momento, no sé si fuera, pero estamos en un momento de crisis porque va más rápido la aplicación práctica y tecnológica que la cuestión teórica, va muchísimo más rápido. Creo que vivimos de espaldas unos a otros, esa es mi sensación. No sé si en España estamos trabajando de forma interdisciplinar en ese sentido, la verdad es que desconozco si hay algún equipo de trabajo en el que participen lingüistas e investigadores del ámbito de la Documentación […]. Fíjate que aquí nosotros convivimos, […] en una facultad de letras y que hay filólogos y lingüistas y nunca o prácticamente nunca hemos trabajado en conjunto. Ellos piensan que lo suyo tiene una categoría superior, que esto nuestro es algo aplicado que se resuelve muy fácilmente y no. Los lingüistas, que encima se defienden, no quieren saber nada con la Documentación, y dentro del campo de la Documentación pues hay líneas diferentes. El contacto disciplinario está dirigido de la Documentación hacía la Semiótica y la Lingüística (fundamentalmente por encontrar respuestas a los problemas que plantea la representación lingüística del conocimiento) y no al contrario. Yo no lo veo muy estrecho sinceramente. Yo creo que son, vamos, no te digo divergentes, pero sí paralelos. Yo no creo que exista, salvo Izquierdo que trabajó más en ese ámbito, en el de la semiótica, intentando aplicarlo a este campo, que yo no sé hasta qué punto lo habrá conseguido. Comunicación, poca, desde mi experiencia poca, porque hay un cierto miedo por parte de las personas de Documentación o una sensación de que se están metiendo en nuestro terreno. Hay muy poca relación interdisciplinar. Quiero decir, muy poca en el sentido de que las personas, los investigadores de un campo trabajen con investigadores de otro campo, o incluso, en el sentido de que investigadores que proceden de un campo determinado, se muevan y acaben aterrizando en otro campo de este tipo. Es decir, yo creo que aquí, las disciplinas están muy parceladas y además en general, muy poco interconectadas entre ellas ¿eh? Hay también razones de tipo burocrático o administrativo ¿no? para eso. Desde mi punto de vista y desde mi experiencia, no solamente en España, sino también en el extranjero, la interdisciplinariedad es siempre un aspecto muy defendido, muy reivindicado por algunas áreas como la terminología y la documentación, que son de naturaleza transdisciplinaria. Teóricamente, una disciplina que se aplica a todas es más fácil que reivindique también su interdisciplinariedad, esta necesidad de coger elementos teóricos también de otras disciplinas y esto se reconoce y se vive, yo creo, como una cosa de esencia que caracteriza precisamente este tipo de disciplinas. Pero en la práctica, esto es muy difícil. Las relaciones desde mi punto de vista, muy flojas. No, ni más ni menos, ni mejor ni peor, está estancado por completo, o sea, no está. Pero ya digo, yo creo que los autores que se han apartado más a esta parte lingüística y semiótica están muy divorciados de la parte teórica y de la parte práctica. No, cada vez más.

Hay gente que está sin modelos, que se preocupa solo de productos, de procesos. Son más generalidades que otra cosa. Creo que a lo mejor es más desde el punto de vista general de la manera en que otros tratan la semántica también, más generalista. Yo creo que lo que están haciendo es excesivamente básico. El trabajo es muy, muy básico, y centrado en algunos aspectos yo creo que muy menores. Yo creo que muy menores. Yo

> encuentro que en nuestro campo en España ha habido más teóricos, más profesores con una base fuerte lingüística que han introducido una parte lingüística importante, pero no tanto. Tampoco encontraba aquí a mis teóricos de referencia y creo que eso ha sido muy perjudicial para la práctica porque no se han desarrollado métodos de acuerdo con las nuevas teorías, por lo menos para reconocer hasta dónde llega el método que tú estás enseñando.
> Aquí es dificilísimo hacer equipos individuales, es decir, equipos de una sola persona, no vas a ninguna parte. Sí, haces investigación, pero no vas a aplicarla a una auténtica solución, a una auténtica mejora de los procesos y procedimientos en nuestra área. Entonces, está muy claro que tienes que formar un equipo. Pero el corporativismo yo creo que impide que exista una interrelación entre estos colectivos. De hecho yo concretamente, si te soy sincera, no he colaborado con ningún lingüista ni con nadie que se dedique sólo a la semántica. Yo conozco poca gente que esté trabajando, por ejemplo, en elaboración teórica sobre semiótica, sobre representación de conocimiento, etc., etc. Es un trabajo más de tipo práctico, de probar sistemas, adaptar sistemas más que elaboración teórica. O sea, es verdad que yo tengo esa formación y a lo mejor no he necesitado ayuda, pero que no se ha planteado ningún proyecto de investigación ni un trabajo, pero no me suena a mí que haya mucha interacción de personas en documentación que trabajen con personas en los campos de la lingüística en general o la semántica, no lo conozco, no lo sé.
> Mi sensación sobre esto es que estamos siempre un poco dándole la vuelta a las mismas cosas. Yo treinta años casi ya, siempre veo que la gente se pregunta lo mismo y no acabo de entenderlo, porque no… El momento, el paradigma es diferente y esto es otra profesión que tiene que tener otros conocimientos y que tiene que saber hacer equis cosas, que la titulación se llamará como se llamará, pero al final la gente tiene que saber lo que tiene que saber. Está muy impulsados por las modas, las coyunturas académicas, las evaluaciones, esto y lo otro, los investigadores vamos pensando más bien en lo que puedo publicar que se ajuste a lo que ahora te están pidiendo y quedarme descansando una vez que lo saque y luego ya veré por dónde tiro, ¿entiendes?

As relações interdisciplinares com a Semiótica, a despeito de a clareza em relação ao conceito, não foram levadas a cabo. Tal fato corrobora os resultados identificados com o exame da literatura. Não somente na atualidade, mas há um comprometimento dos contatos disciplinares, seja pela estrutura acadêmica ou pela própria concepção de disciplina, a qual se guia pelas modas e tendências recentes.

Essa exacerbada preocupação com as modas, registrada no discurso, nem sempre revela o nível das pesquisas e das necessidades de conhecimento de um país, e agrava-se em um estado de crise econômica.

Os pesquisadores são levados a publicar o que em tese teria mais saída nos periódicos e não o que realmente importa ao avanço da comunidade científica e da sociedade. No caso da Semiótica, como nem sempre há uma predileção pelo tema, ficaria forçosamente fora das tendências recentes.

As condições para a interdisciplinaridade dependem do comportamento dos pesquisadores, e o que pode ser inferido pelo discurso coletivo é que não há disposição para tal, não faz parte da prática comum trabalhar com especialistas em estudos da linguagem, seja pelo desconhecimento de suas teorias, pela estrutura universitária que não o permite, ou mesmo pelo patente desinteresse desses especialistas em Linguística e Semiótica com as questões da Documentação.

Esse pensamento coletivo é um retrato vivo da incapacidade da Documentação de empreender estratégias de interdisciplinaridade junto ao campo da Semiótica, não apenas porque o tema não está entre as tendências valorizadas e os resultados das pesquisas não seriam aceitos para publicação nos principais periódicos, mas porque a própria estrutura acadêmica e a cultura da Documentação não a promovem. Algo semelhante já havia sido destacado por García Marco (1997, p. 11, 1999) sobre a dificuldade de formar grupos especializados em organização do conhecimento na Espanha.

Esse fator pode ser tomado como uma das causas que levou a Documentação na Espanha a deixar de fomentar os estudos teóricos sobre a linguagem. E merece reflexão a questão de que estas causas poderiam estar agindo em outras áreas da comunidade acadêmica. Isto é, questiona-se se os condicionantes extrínsecos e intrínsecos – muito bem sinalizados pelo discurso coletivo da interdisciplinaridade com a Semiótica – não estejam impactando em outras áreas da Documentação na Espanha, arrebatando a sua potencial autonomia e originalidade em relação aos problemas do processamento da linguagem para a recuperação da informação e a organização do conhecimento.

Com esse discurso, entendem-se algumas razões que levaram à

falta de produção teórica no campo da linguagem, especialmente, as de teor original e que lograram um nível de sistematicidade respeitável. Sem uma organicidade interna, a ciência da Documentação dependerá sempre de iniciativas particulares e personalistas, que não resistiriam às intempéries de uma convulsão econômica, social e científica.

Também parecem oportunos os discursos majoritários sobre os campos de aplicação da teoria semiótica na Documentação. Destacam-se pelos menos duas tendências: uma que trata da aplicação exclusiva aos temas da organização do conhecimento e recuperação da informação, e outra que se refere às aplicações a todo espectro da Documentação, da organização à comunicação da informação.

O primeiro discurso coletivo revela a estrita aplicação dos conceitos semióticos à organização do conhecimento e à recuperação da informação, e com matizes sobre quais teorias em concreto se pode levar à introdução dos conceitos semióticos, a saber:

> En Organización del Conocimiento y en Recuperación de Información. Al menos dentro del área en la que he trabajado serían los dos aspectos fundamentales. Pues yo creo que fundamentalmente en el Análisis de Contenido, en la Lingüística Documental en todo lo relacionado con los Lenguajes Documentales y en la Recuperación de Información. Yo casi diría lingüística aplicada a la documentación. Yo no creo que sea lingüística aplicada realmente, yo por lo que he ido viendo, no sé cuál será tu opinión al respecto. Sí, de hecho, la aplicación práctica que han hecho […] de las teorías de la textolingüística al modelo de desarrollo de resumen documental del análisis del texto, de construcción de textos o de los minitextos, que son los resúmenes, yo creo que no se adecúa muy bien a lo que es el desarrollo de lo que es un resumen documental. Creo que ese enfoque lingüístico tiene más recorrido en otras áreas o para otras disciplinas, por ejemplo para el análisis y comprensión de textos, pero no para la elaboración de resúmenes documentales, puesto que la aplicación de todos los pasos que para resumir un texto se pueden dar, según la textolingüística, son excesivamente farragosos y complejos para el desarrollo de lo que es un resumen documental, en mi opinión. Además, se podrían destacar la construcción de lenguajes documentales, sistema de clasificación del conocimiento, sistemas de organización del conocimiento, arquitectura de la información o el etiquetado social de los contenidos en la Web 2.0 como son las *folksonomías*. Y cuando aplicaba el paradigma semiótico para el estudio de las imágenes, ahora me da más igual, pero al principio lo que me sentí fue muy sola. Dentro del ámbito del análisis de las imágenes, me interesa mucho el híper, o sea, no el hipermedia sino el transmedia, o sea, cómo los significados trasvasan y sus significantes trasvasan de un medio a otro. Y como en cada medio,

> articulan un sistema de relaciones completamente distintas.

Por outro lado, encontra-se o discurso da aplicação a todos os setores da Documentação, pois o problema semiótico e do significado condiciona vários níveis da cadeia informacional, da análise da informação, da organização do conhecimento até a mediação da informação.

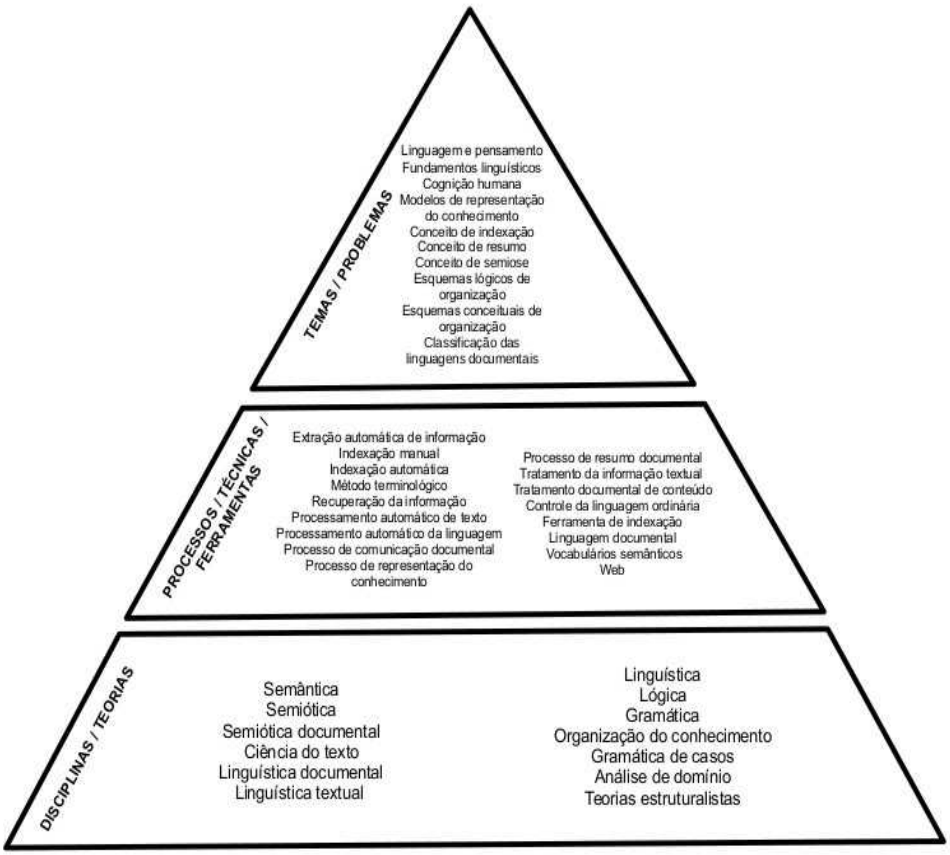
> Para mí en todas, porque ya te he dicho que yo asocio Documentación con procesos de semiosis, con Semiótica, es verdad. Es que es fundamental en todo. A mí me parece que la semántica y la lingüística dominan todo. Organización y representación del conocimiento yo diría que es como la fundamental, pero como hemos estado comentando, el análisis del diseño es fundamental y hablábamos de arquitectura, de sistemas porque la arquitectura te permite unir mucho la organización y, tal como la diseñas en la interfaz, con la arquitectura de organización de ficheros interior y por eso te dicen mira, con la arquitectura ya, pero esto quiere decir que si vamos a un entorno que no es tan web, está el análisis de sistemas y el diseño de sistemas de recuperación como un área necesitada del análisis. A lo mejor pues lo que son los sistemas de representación, los lenguajes documentales, los estudios de usuario, es que es todo, los estudios del documento también, los que se dedican a historia del documento también, documento desde el aspecto material, desde el aspecto de la forma, desde el aspecto del contenido. Sí, en lo que implica la organización, pero que va más allá, evidentemente, hay más cosas importantes como lo que hemos hablado de movimientos científicos en general, la ciencia y toda la evolución tiene mucho que ver [...], no sólo es semántica y lingüística, a eso yo lo llamo "influencias distintas", digamos que la semántica y la lingüística están más en directo con lo directo, es decir, relacionadas con acciones concretas, pero desde el punto de vista del diseño, de la concepción, no tanto, a mi modo de ver.

Neste discurso, a aplicação da Semiótica está praticamente em todos os campos da Documentação, da organização da informação à arquitetura da informação, passando pela análise de documentos e estudos de usuários. É um discurso que entende que a Semiótica deve ser vista globalmente e não apenas voltada à análise documental de conteúdo ou à organização de categorias de conhecimento. Com isso, pode-se assumir um novo estágio de aplicação de conceitos semióticos, os quais devem fundamentar agora todo o espectro de problemas da

Documentação. Presume-se que essa leitura da função semiótica passará a constituir-se em uma nova forma de propor a interdisciplinaridade e que exige uma Semiótica global, muito mais abarcadora que as abordagens semióticas brevemente resumidas neste trabalho.

A seguir, arrola-se uma parte mais quantitativa em que se identificou nos discursos a representatividade de alguns temas, conceitos e teóricos, segundo as marcas deixadas nos depoimentos. Relacionaram-se as temáticas de pesquisa destacadas pelos entrevistados e organizadas segundo as categorias disciplinas: teorias, temas/problemas, processos/técnicas e ferramentas.

Figura 1: Temáticas, Teorias e Processos Relativos à Linguagem Investigados



Fonte: O autor.

Como se pode notar, as temáticas de investigação refletem, de

certa maneira, a estrutura conceitual das abordagens semióticas apontadas anteriormente, especialmente na menção das disciplinas que estão na base da pirâmide. Os entrevistados citaram diversos temas que consideraram importantes em sua atuação docente e investigadora, com isso, foi possível agrupar esses objetos de pesquisa, segundo os rótulos citados. Nota-se, sobretudo, uma preocupação destacada com problemas e processos associados à organização da informação e do conhecimento, os quais estão associados confortavelmente a certas teorias e disciplinas.

A figura anterior foi elaborada tomando como base o que foi destacado pelos entrevistados como temas de pesquisa associado à linguagem, o que supostamente estaria associado à Semiótica. A classificação ainda é aperfeiçoável, contudo fornece uma impressão geral dos interesses dos pesquisadores que colaboraram com a pesquisa e que representam, guardadas as devidas ponderações, a comunidade de especialistas em Documentação na Espanha.

Na esteira desses temas de investigação, é preciso mencionar os conceitos semióticos utilizados pela Documentação, segundo as indicações dos especialistas. Nesse sentido, é sugestiva a apresentação da seguinte tabela:

Tabela 1: Conceitos Semióticos Utilizados

CONCEITOS	N.	%
Relação entre conceitos	5	7,3
Representação	4	5,9
Categorias lógicas e linguísticas	3	4,4
Linguagem	3	4,4
Código	2	2,9
Conceito	2	2,9
Contexto	2	2,9
Interpretação	2	2,9
Semiose	2	2,9
Paradigma	2	2,9
Signo	2	2,9
Símbolo	2	2,9
Sintagma	2	2,9
Referente	2	2,9
Estrutura	2	2,9
Outros[30]	31	45,6
	68	100[31]

Fonte: O autor.

Nota-se que os conceitos semióticos fundamentais à Documentação estão voltados à teoria linguística – vinculados consequentemente às abordagens não peirceanas –, e com menor número de conceitos indicados como pertencentes a Semiótica de extração peirceana. É o caso dos conceitos semiose e referente. Isso comprova, de certo modo, o que foi apontado em seção anterior sobre a importância da Linguística para a Documentação, o que reflete, além das formações universitárias dos pesquisadores, o pensamento coletivo sobre quais são os conceitos principais.

Se essa amostra não responde à totalidade dos pesquisadores, pelo menos fornece indícios de como o pensamento linguístico, ainda que não sendo uma das fortalezas recentes da Documentação espanhola, continua

[30] A categoria "Outros" abriga os seguintes conceitos citados apenas uma vez no conjunto dos discursos: ação, archisemema, binômios semióticos, campos de especialidades, caso, classificação, comentário, comunicação, construção de linguagens artificiais, definição, diacronia, equivalência, estruturação de textos, facetas, heurística, indicio, lexema, metonímia, nominação, normalização, pragmática, sema, significado, sincronia, sistema, terceiridade, tipo, tópico, unidades linguísticas (palavras etc.), univocidade e uso.

[31] Valor aproximado, pois houve um arredondamento do primeiro algarismo depois da vírgula.

amparando teoricamente os especialistas em Documentação. Quando confrontado às abordagens semióticas apresentadas, pode-se constatar a pertinências de tais conceitos às escolas semióticas revisadas.

Relacionando os conceitos com os teóricos da Linguística destacados, pode-se perceber uma vinculação entre os teóricos e os conceitos semióticos considerados importantes pelos especialistas em Documentação. No que se refere aos teóricos da Semiótica, isto é, aqueles pensadores que formam pioneiros da Semiótica, destaca-se novamente a colaboração dos linguístas e semiólogos, como é o caso de Saussure, Eco, Barthes, Greimas, Hjelmeslev e Peirce.

Dada a disposição dessas indicações, mais uma vez se comprova a forte tendência linguística já assinalada em seções anteriores, mas que se apresenta nas entrevistas de maneira contundente. Na sequência, destacam-se os teóricos da Semiótica reconhecidos pelo grupo analisado.

Tabela 2: Teóricos da Semiótica Geral

TEÓRICOS	N.	%	TEÓRICOS	N.	%
Albaladejo Mayordomo	1	2,6	Gubern	1	2,6
Barthes	3	7,7	Halliday	1	2,6
Baudrillard	1	2,6	Hjelmslev	2	5,1
Blair	1	2,6	Maffesoli	1	2,6
Chomsky	3	7,7	Morris	1	2,6
Coseriu	1	2,6	Peirce	2	5,1
Deleuze	1	2,6	Puridan	1	2,6
Derrida	1	2,6	Santaella	1	2,6
Eco	4	10,2	Saussure	4	10,2
Fabbri	1	2,6	Todorov	1	2,6
Firth	1	2,6	Van Dijk	2	5,1
Ginzburg	1	2,6	Van Slype	1	2,6
Gonzalo Abril	1	2,6			
Greimas	2	5,1	TOTAL	39	100[32]

Fonte: O autor.

[32]Valor aproximado.

Por outro lado, há um vínculo entre esses teóricos e os autores da Documentação na Espanha que empregaram estas teorias, o que se verificou nas seções anteriores. Esses autores da Documentação foram protagonistas das inovações interpretativas, metodológicas e conceituais que rendem contas até a presente data. Em termos de contribuição à Semiótica, independente das linhas e abordagens, não se conhecia, em concreto, a participação dos autores e se estavam ou não presentes no pensamento coletivo da comunidade de Documentação.

Nesse sentido, saber quem são e que representatividade ostentam foi fundamental para a pesquisa. Consequentemente, indicar os autores com aportações semióticas à Documentação com representatividade nos discursos dos entrevistados, conforme tabela a seguir:

Tabela 3: Teóricos da Documentação na Espanha com Contribuições Semióticas

TEÓRICOS	N.	%	TEÓRICOS	N.	%
Agustín Lacruz	1	1,1	Izquierdo Alonso	2	2,2
Ángel Esteban	3	3,4	Izquierdo Arroyo	11	12,3
Blanca Bravo	1	1,1	Jorge Morato	1	1,1
Blanca Gil	2	2,2	Juan Antonio Pastor	1	1,1
Cabré	1	1,1	López Huertas	4	4,5
Chaumier	1	1,1	Luis Codina	1	1,1
Currás	1	1,1	Montserrat Sebastián	3	3,4
Eva Mendéz	2	2,2	Moreiro González	8	9,0
Félix de Moya	1	1,1	Moreno Fernandes	3	3,4
García Gutiérrez	12	13,5	Pastor	1	1,1
García Marco	10	11,2	Pinto Molina	6	6,7
Gascón	2	2,2	Rosa San Segundo	2	2,2
Gil Leiva	5	5,6	Sonia Sánchez	1	1,1
Gil Urdiciain	2	2,2	Van Slype	1	1,1
			TOTAL	89	100[33]

Fonte: O autor.

Tomou-se a liberdade de classificar como grupo de teóricos

[33]Valor aproximado.

fundamentais os que apresentaram um número de 6 a 12 citações, estes foram considerados teóricos relevantes. Um segundo grupo, com até 5 citações, colaboraram com o tema, não obstante com menos repercussão. No primeiro grupo encontram-se os autores: García Gutiérrez, Izquierdo Arroyo, García Marco, Moreiro González e Pinto Molina, que representam 52,7 % do número de autores citados, isto é, 89 indicações. Em outras palavras, as aportações semióticas estiveram concentradas nestes nomes.

A revisão exposta nas seções anteriores denota a participação decisiva de García Gutiérrez, Izquierdo Arroyo, García Marco e Moreiro González na construção das abordagens semióticas na Documentação na Espanha. Em que pese a linha semiótica adotada, tais autores formaram o núcleo semiótico, não apenas em termos quantitativos, mas no que se refere à qualidade das abordagens. Com isso, corrobora-se o quadro revistado anteriormente, em termos dos teóricos mais importantes à teoria semiótica.

Por fim, deve-se dar lugar às conclusões da pesquisa que resumirão os principais resultados encontrados e os desdobramentos a futuros estudos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Documentação na Espanha como se pôde verificar produziu muitos avanços desde o surgimento institucional dos cursos de graduação na década de 1980. Relativamente ao campo da organização da informação e do conhecimento, nas duas últimas décadas nota-se um incremento da produção científica, a qual avançou em quantidade e qualidade.

Moneda Corrochano, Lopez-Huertas Pérez e Jiménez Contreras (2011, p. 105) examinaram o desenvolvimento da pesquisa em organização do conhecimento durante o período de 2002 a 2010, e compararam a presença de publicações de autores espanhóis em bases de dados (ISI, LISA, Dialnet, ISOC, atas ISKO) com um estudo anterior que avaliou o período de 1992 a 2001. Os autores concluíram que a produção científica consolidou-se em relação ao período anterior porque houve um aumento do número de publicações e uma renovação das autorias, uma maior interdisciplinaridade, maior qualidade dos trabalhos e visibilidade internacional comparada com os resultados anteriores, além da elevação da qualidade da produção espanhola pelas publicações em periódicos estrangeiros.

Entre as três universidades mais produtivas, também investigadas no referido estudo, encontram-se a Universidad Carlos III Madrid, a Universidad de Granada e a Universidad de Zaragoza. No que se refere aos autores mais produtivos em organização do conhecimento, o estudo listou os seguintes nomes: Moreiro Gonzalez, López-Huertas e García Marco (MONEDA CORROCHANO; LOPEZ-HUERTAS PÉREZ; JIMÉNEZ CONTRERAS, 2011). Os pesquisadores em organização do conhecimento também estão entre os principais colaboradores com a pesquisa em Semiótica, de acordo com a tabela 3.

As mudanças estruturais que influenciaram a pesquisa em organização da informação e do conhecimento talvez expliquem as dificuldades sofridas pelas investigações em Semiótica e a dissuasão de

pesquisadores pelo tema. Nesse sentido, Moneda Corrochano, Lopez-Huertas Pérez e Jiménez Contreras (2011, p. 93) comentaram como fatores intervenientes na pesquisa em organização da informação e do conhecimento a adaptação dos currículos ao espaço europeu, o novo modelo de acesso às vagas de professores com mecanismos de credenciamento e o sistema de avaliação com periodicidade de seis anos (*sexenios*).

Esta pesquisa confirma os resultados obtidos por Guimarães, Sales e Grácio (2012), mas tentou aprofundar a explicação de uma das linhas diagnosticada pelos autores, a denominada matriz lógico-linguística da Documentação. A análise empreendida enfocou um núcleo de pesquisa na Documentação na Espanha, e recorreu à bibliografia e a depoimentos para descrevê-lo de maneira mais qualitativa. A vantagem deste tipo de estudo foi a verticalização do tema, o que revelou nuances políticas e teóricas desta corrente, as quais, em última análise, resultariam inobserváveis pelo viés quantitativo.

Como visto, as mudanças estruturais alteraram o acesso à carreira docente na Espanha, forçando-lhes a produzir com melhor qualidade. Supõe-se que com as publicações qualificadas, segundo estimaram Moneda Corrochano, Lopez-Huertas Pérez e Jiménez Contreras (2011), forçou-se a ampla concorrência entre pesquisadores. Os autores também notaram uma alteração no tipo de material de veiculação das publicações, isto é, de livros para artigos.

Esses fatores que proporcionaram a indicada mudança qualitativa na passagem dos anos 1990 para 2000, e estão agora se confrontando com uma nova realidade em que as vagas para docentes foram reduzidas drasticamente. É um paradoxo, pois no momento mais brilhante do desenvolvimento da Documentação na Espanha, os pesquisadores agora devem concentrar-se na própria sobrevivência material. Fatos simbólicos que merecem destaque: o fechamento de cursos de graduação em Documentação – um exemplo foi o da Universidad de Alcalá de Henares – e a junção de cursos de pós-graduação oferecidos com outras áreas do

conhecimento, tal como o programa de pós-graduação das universidades de Zaragoza, de Barcelona e Oberta.

Sem novos quadros profissionais para a investigação em Documentação, o protagonismo de outrora está sendo substituído abruptamente por um período de estagnação ou retração, pois o desenvolvimento de novas linhas de pesquisa em campos minoritários – e deve-se assumir que a Documentação é um desses casos – que dependem da indução financeira do Estado fica comprometido, o que é dispensável em áreas estratégias e de alto desenvolvimento tecnológico que recebem amplamente o suporte do mercado e da indústria.

Esse conjunto de fatores tem revelado atualmente, senão uma tendência à diminuição, um estado negativo para as pesquisas em Documentação associada ao tema semiótico. Fato contraditório ante ao protagonismo do pensamento espanhol no campo da Documentação, altamente criativo e original.

Por outro lado, deve-se sugerir que as associações científicas como a Associação Espanhola de Semiótica poderiam se converter em um fórum que congregasse os temas da Semiótica documental e de outras abordagens semiótico-linguísticas da Documentação que se inclinam à análise textual com objetivo de representar e recuperar a informação.

Contudo, não se converteram como um espaço reconhecido como tal pelos especialistas em Documentação. O intercâmbio de ideias sobre semiótica ficou extremamente reduzido a docentes específicos. Não há contatos que podem ser notados entre os especialistas em Semiótica e Linguística Geral e os investigadores em Documentação. O discurso dos entrevistados revelou a dificuldade de estabelecer tais relações disciplinares.

A potencialização da pesquisa em Documentação na Espanha, como em outros países, depende fundamentalmente do desenvolvimento econômico, crescimento dos cursos universitários e ampliação do mercado de trabalho. Não obstante, no caso espanhol, a participação do aparelhamento estatal na regulação do mercado de trabalho (via

conselhos profissionais, credenciamento etc.) não foi determinante, promovendo assim o acirramento da competição entre profissões destinadas a ocupar o espaço de trabalho dos documentalistas.

Sob o paradigma qualitativo, a "mestiçagem teórica" promovida pela formação dos primeiros professores e áreas a compor os cursos de Documentação foi um fator determinante ao surgimento de teorias para compreensão dos problemas documentais na década de 1980 e nos anos que se seguiram. Um aspecto marcante foi o de arranjar as contribuições teóricas com a análise hermenêutica dos clássicos em Documentação, como foi o caso da brilhante exegese da obra de Otlet.

Sendo assim, houve um resgate do interesse semiótico pelos especialistas espanhóis, retrocedendo a Otlet, como ficou patente nas contribuições de Izquierdo Arroyo. Foi possível traçar uma linha de contribuições semióticas que partem de Otlet, ou mesmo antes com a Bibliologia, e continuou a ser objeto de análise até os anos 1990.

No caso particular de Izquierdo Arroyo, dentre outros, valeria a máxima de que se um pensamento não é conhecido – seja em razão da língua em que foi escrita, seja pela dificuldade de acesso à fonte –, não significa que não tenha existido. Parece ter sido o caso das aportações de Izquierdo à Semiótica no campo da Documentação na Espanha.

Voltando às diretrizes desta pesquisa, considera-se que as hipóteses puderam ser comprovadas porque, em primeiro lugar, as contribuições semióticas dos estudos espanhóis de Documentação voltados à organização do conhecimento ainda requeriam um melhor delineamento, principalmente sobre como os pesquisadores aportavam conceitos a esta questão. Sustenta-se que sim, pois as abordagens sintetizadas anteriormente respondem ao intento de sistematização das correntes semióticas levadas a cabo na Documentação na Espanha. Em segundo lugar, puderam-se delinear as influências semióticas e distingui-las das influências linguísticas com maior incidência. Em terceiro lugar, o que se poderia classificar como a corrente semiótica da Documentação na Espanha, retrata o ponto de vista linguístico dos problemas relacionados à

linguagem na organização da informação e do conhecimento, e com potencial influência no Brasil.

Ademais, mostrou-se como foi incompleta a incorporação da abordagem semiótica à agenda da Documentação, mesmo na Espanha, que se supôs mais adiantada. Ficou patente a não incorporação da disciplina Linguística Documental nos currículos de Documentação, ainda que tais temas fossem tratados na disciplina de Linguagens Documentais. E de maneira mais distante da inclusão à Documentação esteve o projeto de Semiótica Documental.

Contraditoriamente, e relembrando as palavras de Castillejo, citadas por Guy (1985, p. 10), a respeito das ideias filosóficas na Espanha - "[...] éstas han pasado al extranjero, de donde con frecuencia han vuelto posteriormente a sus orígenes hispánicos primeros, pero bajo una forma más acabada". Assim, parece que sucedeu similarmente com as propostas semióticas, as quais apareceram de maneira mais contundente em outros países como Dinamarca (pelos trabalhos de Thellefsen), Estados Unidos (de acordo com a tese de Mai) e Brasil (com destaque ao grupo TEMMA da Universidade de São Paulo, e especialistas como Moura e Drumond). Em casos específicos, aparentaram uma forma mais coerente e sistematizada, mas que não substitui de modo algum a originalidade das abordagens espanholas aqui examinadas.

Sendo assim, cumpriu-se com o preconizado plano de pesquisa, respondendo quais abordagens e teorias semióticas estão presentes no campo das Ciências da Documentação na Espanha, os conceitos semióticos aplicados e as linhas dos teóricos da semiótica. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa que consistiu em analisar as relações disciplinares e teóricas entre o campo da Semiótica e a Documentação na Espanha foi alcançado, na medida em que se enfrentaram questões histórico-político-conceituais dessas relações.

Os objetivos instrumentais também permitiram a consecução dos resultados, como a revisão da literatura importante para entender o conceito de Documentação na Espanha, a identificação dos marcos

teóricos do estudo da Semiótica nas diversas linhas dentro da Documentação e a indicação do universo de pesquisadores e instituições.

Destaca-se o trabalho de Moneda Corrochano, Lopez-Huertas Pérez, Jiménez Contreras (2011, p. 105) que também comprovou o que foi levantado sobre o protagonismo das instituições Universidad Carlos III Madrid, Universidad de Granada e Universidad de Zaragoza. Além da presença de outras universidades que abrigaram ou abrigam teóricos de peso em Semiótica, como é o caso das universidades de Múrcia, Sevilha, Complutense e Alcalá.

No que respeita ao objetivo que tratou de identificar as relações interdisciplinares, ademais da base semiótica destacada, os depoimentos revelaram as barreiras práticas para o estabelecimento de contatos contínuos com outros campos, em especial Linguística e Semiótica. A análise da relação teórica com a semiótica também foi possível pela comparação dos depoimentos.

Por fim, resta relacionar as diretrizes para a interlocução teórica, as quais foram expostas nos decorrer do relatório, mas que poderiam ser resumidas em algumas poucas linhas.

Em primeiro lugar, nota-se a convergência entre a maior parte dos teóricos com os temas semióticos tratados pela Linguística. Esta continua sendo o principal espaço de atração dos especialistas em Documentação, por diversas razões discutidas anteriormente: a formação anterior dos docentes antes da chegada à Documentação nos anos 1980 e início de 1990; a influência linguística da escola francesa na formação de linguistas na Espanha; a ênfase no registro de informação em código verbal, principal linguagem adotada pela ciência e pelas áreas especializadas; a articulação da análise documental de conteúdo de Gardin com a Linguística estrutural, entre outros que se podem extrair. Nesse sentido, sugere-se propor espaços de conversação com associações científicas em Linguística e Semiótica na Espanha, de modo a compensar a defasagem natural quando se afasta de uma área donde o avanço do conhecimento ocorre com mais rapidez.

Em segundo lugar, além da aproximação com as associações científicas mediante trabalhos em conjunto (caso da Associação de Semiótica que não conta com trabalhos voltados à Documentação em seu periódico), deve-se organizar grupos de investigação no interior dos encontros científicos para o desenvolvimento da organização de conhecimento. Esses grupos poderiam reinterpretar o papel da escola espanhola na condução das pesquisas associadas à linguagem e sistematizar contribuições desse âmbito que foram colocadas em segundo plano ou que têm pouca expressão, mas possuem potencial teórico.

Terceiro, acredita-se que se deva refundar a Semiótica documental, seguindo as diretrizes de Izquierdo Arroyo e adaptá-la às pesquisas recentes, as quais já superaram a aportação da linguística clássica à Documentação, e usam correntemente conhecimentos da língua provenientes da Linguística computacional e Ciências cognitivas. Essa refundação passaria pela fusão de áreas de interesse, abertura ao debate de conceitos básicos (língua, linguagem, código, tradução etc.), adaptação de conceitos, redefinição dos limites e correntes de pesquisa, exclusão de pseudoproblemas ou problemas de menor importância que atualmente já foram superados pelas novas tecnologias de processamento da linguagem e, sobretudo, pela revisão da função da Semiótica documental. Isto é, seguindo as premissas de Otlet, esta semiótica deve ser considerada de uma vez por todas como uma instância ativa à sociedade que oferece conhecimentos a outros campos de máxima importância ao tratamento social da informação. Um exemplo desse papel protagonista seria a revisão do espectro de interesse da Semiótica documental, que foi sendo fragmentado por diversos fazeres. Atualmente não se discute por que as atividades de editoração, que são de tratamento de conteúdo dos documentos e estabelecem normas para a recuperação, não estão associados à teoria e às aplicações da Semiótica documental, muito menos à Linguística Documental. O espaço desta disciplina não deveria estar reduzido à Documentação, caso isto ocorresse, sucumbiria definitivamente ao ostracismo, assim como a própria Documentação.

Em quarto lugar, está posto o problema metodológico no tratamento documental de conteúdo na Documentação, pois se reconhece que o processamento automático da linguagem, senão resolve por completo, pelo menos agiliza os procedimentos documentais. Nesse sentido, dever-se-ia reinterpretar o papel da tecnologia da informação e da Linguística computacional à Documentação, e avaliar seus métodos e resultados, para potencializar o aperfeiçoamento de metodologias e técnicas aplicadas ao tratamento de conteúdo em bases de dados que é um processo irreversível e para o qual a Documentação deve propor soluções se quiser ser protagonista no tratamento qualitativo da informação.

Em quinto, acredita-se ser necessário, sob os auspícios de uma Semiótica documental, superar as barreiras disciplinares, espaços institucionais fechados e grupos de investigação e de trabalho com práticas pouco integrativas de modo a permitir que o tratamento da "forma", isto é, a representação descritiva, converta-se definitivamente em um objeto de análise semiótica, pois a separação existente que toma como justificativa a especialização das disciplinas modernas não cabe em uma teoria semiótica estendida. Em outras palavras, a análise semiótica de base peirceana tomaria todo o fluxo documental e processo informacional como signo, sendo assim, haveria apenas uma separação em termos de efeito interpretativo, mas se estaria, em ambos os casos, fazendo análise formal e de conteúdo de um único processo semiósico. Em consequência, promover-se-ia uma teoria representacional mais robusta e menos atomizada.

Com respeito à análise dos discursos, pôde-se notar que quando são contrastados os depoimentos com a revisão de literatura, mostra-se um descompasso entre a riqueza das contribuições semióticas e o nível de interdisciplinaridade declarado. Na literatura, procederam-se avanços integrativos e propostas no sentido de compreender os problemas semióticos, desde diversos pontos de vista. Contudo, o discurso coletivo dos entrevistados demonstrou que na prática há muitos outros problemas intervenientes no processo de aproximação disciplinar.

No que respeita às áreas de aplicação, valoriza-se como adequado o discurso coletivo que compreende a Semiótica como teoria compatível a vários campos, que excedem a análise documental de conteúdo. Desde logo, isso pode significar uma lacuna conceitual notada pelos especialistas e sugere-se a necessidade de um trabalho de sistematização de uma disciplina semiótica aplicada a toda Documentação. Um ramo da Documentação que não seja levado a reboque dos interesses exclusivos em organização da informação e do conhecimento, mas que dele saia para abranger outros problemas enfrentados pelo documentalista. Esse desenvolvimento deve render tributo às abordagens espanholas e avançar na sistematização para constituir um espaço teórico no interior do campo da Ciência da Informação brasileira.

Com essa questão epistemológica já lançada, partindo-se dos resultados desta pesquisa, trabalhar-se-á em futuras publicações para sistematizar as teses dessa Semiótica Documental abrangente – ou outra expressão que lhe seja mais adequada –, e que estejam respaldada nas abordagens semióticas encontradas na Documentação na Espanha.

Concretamente, e também em termos de futuras investigações, procederá a análise dos discursos coletivos sobre o conceito e a história da Documentação na Espanha. Acredita-se que a análise desses discursos pode lançar luz à compreensão que se tem da própria Documentação no Brasil e assim, entender os fatores que permitiram a produção de teses originais em Documentação na Espanha em uma época dada, e estimar os entraves enfrentados para o desenvolvimento da investigação na última década. Essas explicações podem ser de máxima importância à condução das pesquisas no Brasil, que estariam conscientes do que se sucedeu na Espanha, como exemplo: o crescimento da oferta profissional, o papel das relações interdisciplinares, o impacto da burocracia e da gestão universitária no desenvolvimento da Documentação, a tendência das publicações a partir dos anos 1990 em venerar as modas etc.

Todo esse conjunto de experiências que tem vivenciado a comunidade científica em Documentação na Espanha pode servir de apoio

às politicas científicas em Ciência da Informação no Brasil que, atualmente, estão calcadas pelo expansionismo dos cursos universitários e da produção científica, no entanto, nem sempre se revertem na instauração de um campo, seja pelo aporte teórico ou pelo impacto social.

REFERÊNCIAS

ABAD, F. Epílogo: Las ideas lingüísticas en España en el siglo XX. In: ABAD, F. **Diccionario de lingüística de la escuela española**. Madrid: Editorial Gredos, 1986. p. 250-268.

ABREU, J. G.; MONTEIRO, S. D. Matrizes da linguagem e a organização virtual do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 9-26, maio/ago. 2010.

AGENCIA NACIONAL DE EVALUACIÓN DE LA CALIDAD Y ACREDITACIÓN (ANECA). ¿Qué estudiar y dónde? Disponível em: <http://srv.aneca.es/ListadoTitulos/busqueda-titulaciones>. Acesso em: 20/01/2015.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. El contexto educativo: el Espacio Europeo de Educación Superior y la innovación em las metodologías docentes. In: AGUSTÍN LACRUZ, M. C. Et al. (Coord.). **Diseño curricular y guías docentes ECTS**: desde la Diplomatura de Biblioteconomía y Documentación hasta el Grado em Información y Documentación. Zaragoza: Prensas Universitaria de Zaragoza, 2008. Cap. 2, p. 21-37.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. Et al. (Coord.). **Diseño curricular y guías docentes ECTS**: desde la Diplomatura de Biblioteconomía y Documentación hasta el Grado em Información y Documentación. Zaragoza: Prensas Universitaria de Zaragoza, 2008.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. O conceito de "texto artístico" e sua relevância para as Ciências da Documentação. **Brasilian Journal of Information Science**, Marília, v. 0, n. 0, p. 16-49, jul./dez. 2006.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. Lectura de las imágenes fotográficas orientada hacia la representación documental. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 55-88, Fev., 2015. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20nesp1p55/28639>. Acesso em: 27/01/2015.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. **Análisis documental de contenido del retrato pictórico**: propuesta epistemológica y metodológica aplicada a la obra de Francisco de Goya. Cartagena: Ayuntamiento, Concejaría De Cultura, 2006.

ALMEIDA, C. C. Pragmatismo e Semiótica de Peirce na organização da informação. **Scire**, Zaragoza, v. 16, p. 15-20, 2010.

ALMEIDA, C. C. Conceito como signo: elemento semiótico para análise e mediação da informação. **Scire**, Zaragoza, v. 18, p. 49-56, 2012a.

ALMEIDA, C. C. Desafios para uma teoria peirceana da organização da informação e do conhecimento. In: SILVA, F. C. C.; SALES, R. (Org.). **Cenários da organização do conhecimento**: linguagens documentárias em cena. Brasília: Thesaurus, 2011a, p. 71-86.

ALMEIDA, C. C. **Elementos de linguística e semiologia na organização da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011b. 207p.

ALMEIDA, C. C. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, p. 1-18, 2012b.
ALMEIDA, C. C. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação e do conhecimento. **Liinc em Revista**, v. 7, p. 104-120, 2011c.
ALMEIDA, C. C. The Methodological Influence of Peirce's Pragmatism on Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 39, p. 204-215, 2012c.
ALVITE DÍEZ, M. L. El uso de vocabularios controlados en los sistemas de información jurídica: evolución y tendencias actuales de representación. **Scire**, Zaragoza, v. 18, n. 1, p. 29-39, 2012.
ALVITE DÍEZ, M. L. Las herramientas terminológicas en los sistemas de información jurídica. **Scire**, Zaragoza, v. 10, n. 1, p. 77-90, 2004.
AQUINO, M. A. (Org.). **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: UFPB, 2002.
ARANO, S. La ontología: una zona de interacción entre la Lingüística y la Documentación. **Hipertext.net**, nº 2, mayo 2004. Disponível em: <http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-2/ontologia.html>. Acesso em: 30/11/2014.
ARANO, S. Los tesauros y las ontologías en la Biblioteconomía y la Documentación. **Hipertext.net**, nº 3, mayo 2005. Disponível em: <http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-3/tesauros.html>. Acesso em: 30/11/2014.
ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN (AENOR). **Documentación. tomo 2 – normas fundamentales**. Recopilación de normas UNE. Madrid: AENOR, 1997.
BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
BARRENA, S.; NUBIOLA, J. **Charles S. Peirce (1839-1914)**: un pensador para el siglo XXI. Pamplona: Eunsa, 2013.
BARRETO, A. A. Os destinos da ciência da informação: entre o cristal e a chama. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 9, n. 2, 1999. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>. Acesso em: 3 maio 2004.
BARRETO, A. A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994.
BARRETO, A. A. O tempo e o espaço da ciência da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 17-24, jan./jun. 2002.
BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.
BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1971.
BASTOS, R. L. **Ciências humanas e complexidade**: projetos, métodos e técnicas de pesquisa; o caos, a nova ciência. Juiz de Fora: EDUFJF; Londrina: CEFIL, 1999.
BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 2. ed. São

Paulo: Cultrix, 1985.
BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos BAD**, Lisboa, n. 2, p. 84-100, 2006.
BORKO, H. Information science: what is it? In: INTRODUTORY concepts in information science. Medford: Information Today; ASIS, 2001. p. 21-26. (ASIS Monograph Series).
BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <http://www.enancib2008.com.br/>. Acesso em: 15 dez. 2008.
BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.
BUFREM, L. S.; SILVA, H.F. N.; BREDA, S. M. Reformulación de los fundamentos teóricos de la organización del conocimiento: bases linguísticas y culturales y estructuras de representación. In: **VII Capítulo Español ISKO**. Barcelona, 2005. p. 121-127.
BUSH, V. As we may think. **The Atlantic Monthly**, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm >. Acesso em: 25 abr. 2004.
CADENAS PAZOS, C.; SALVADOR BENÍTEZ, A. Carteles de ferias y fiestas. Análisis documental e iconográfico. **Anales de Documentación**, v. 17, n. 1, p. 1-21, 2014. Disponível em: <http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/182371/160901>. Acesso em: 30/11/2014.
CALDERA SERRANO, J. La documentación sonora en los sistemas de información documental de los medios audiovisuales. **Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios**, v. 19, n. 74, p. 29-39, mar. 2004.Disponível em: <http://www.aab.es/pdfs/baab74/74a3.pdf>. Acesso em: 30/11/2014.
CALDERA SERRANO, J.; NUÑO MORAL, M. V. Etapas del tratamiento documental de imagen en movimiento para televisión. **Revista General de Información y Documentación**, v. 12, n. 2, p. 375-392, 2002.
CÁMARA DE LA FUENTE, L. La representación lingüística del conocimiento y su relevancia en la ingeniería lingüística. **Hipertext.net**, nº 2, mayo 2004. Disponível em: <http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-2/linguistica.html>. Acesso em: 30/11/2014.
CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.
CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.
CARO CASTRO, C.; SAN SEGUNDO MANUEL, R. Lenguajes documentales y exclusión social. In: LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J.; FERNÁNDEZ MOLINA,

J. C. (org.). **La representación y la organización del conocimiento en sus distintas perspectivas**: su influencia en la recuperación de la información: actas del IV Congreso ISKO-España, 22-24 de abril de 1999, Granada. Granada, 1999. p. 101-108.

CASTILLO VIDAL, J. Fundamentos teoricos del analisis de contenido en la narracion secuencial mediante imdgenes fijas: el comic. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 13, n. 4, p. 248-271, 2004.

CASTILLO, J. Aproximación a ciertas cuestiones sobre el tratamiento documental de la imagen. **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, v. 1, 2007. Disponível em: <http://www.thinkepi.net/anuario-thinkepi/anuario-thinkepi-2007#sthash.EdUIbInK.dpuf>. Acesso em: 30/11/2014.

CASTRO, C. A. **História da biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CENTELLES VELILLA, M. Taxonomías para la categorización y la organización de la información en sitios web. **Hipertext.net**, nº 3, mayo 2005. Disponível em: <http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-3/taxonomias.html>. Acesso em: 30/11/2014.

CINTRA, A. M. M. Elementos de lingüística para estudos de indexação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 5-22, 1983.

CODINA, LL. Fundamentos para la organización de un banco de fotografías**. El profesional de la información**, Barcelona, v. 9, n. 4, p. 31-34, 2000.

COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação**: diagrama da teoria dos signos. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CORTÉS ALONSO, V. Nuestro modelo de análisis documental. Boletín ANABAD, v. 36, n. 3, p. 419-434, 1986.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008.

CURRÁS, E. **Ciencia de la información bajo postulados sistémicos y sistemáticos**. Madrid: Edición Personal, 2008.

DE LA ROSA, A. Tesauros, tesauros automáticos, tesauros automáticos online. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 8, n. 7-8, p. 4-15, 1999.

DE WAAL, C. **On Peirce**. Belmont, CA: Wadsworth; Thomson Learning, 2001.

DE WAAL, C. **Sobre pragmatismo**. São Paulo: Loyola, 2007.

DECLARACIÓN DE BOLONIA. **Declaración conjunta de los Ministros Europeos de Educación**. Bolonia, 1999. Disponível em: <http://www.eees.es/es/documentacion>. Acesso em: 10 nov. 2014.

DELEDALLE, G. **Leer a Peirce hoy**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1996.

DIETERICH, H. **Novo guia para pesquisa científica**. Blumenau: EDFURB, 1999.

DÍEZ CARRERA, C. **La biblioteca digital**. Gijón: Ediciones Trea, 2012.

DÍEZ CARRERA, C. Productos lingüísticos para los centros de información. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 16, n. 2, p. 137-146, 1993.

DÍEZ CARRERA. C. Productos lingüísticos para los centros de información.

Revista Española de Documentación Científica, Madrid, v.16, n. 2, p. 137-146, 1993.
DOUCET, A.-V. Análisis de contenido de fotografías científicas de la naturaleza: propuesta de una plantilla. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 24, n. 1, p. 135-153, 2014.
ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
EÍTO BRUN, R.; SENSO, J. A. Minería textual. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 13, n. 1, p. 11-27, 2004.
ESPELT, C. Bases teóricas en la enseñanza de los lenguejes documentales. In: GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**: actas del I Encuentro de ISKO-España, 4 y 5de noviembre de 1993. Madrid: [s.n.], 1995. p. 125-134.
ESPELT, C. Improving subject retrieval: user-friendly interfaces and effectiveness. **BiD:** textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 1, jun. 1998. Disponível em: <http://bid.ub.edu/01espel1.htm>. Acesso em: 30/11/2014.
FABBRI, P. **El giro semiótico**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
FERNÁNDEZ MELLADO, R. El tratamiento documental del cartel cinematográfico. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 37, p. 11-57, 2014. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/46819/43931>. Acesso em: 30/01/2015.
FERRER MORILLO, L.M.; MENDOZA BERNAL, M. I. Carácter multidimensional de la semiotica y su representación em tesauros. In: **Capítulo Español de ISKO**: actas del X Congreso ISKO. Ferrol: Universidad da Coruña, 2012. p. 303-320.
FIGUEROLA, C. G. et. al. Algunas técnicas de clasificación automática dedocumentos. **Cuadernos de documentación multimedia**, Madrid, n. 15, 2004. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1204287>. Acesso em: 30/11/2014.
FIGUEROLA, C. G. et. al. La recuperación de información en español y la normalización de términos. **Inteligencia Artificial**: Revista Iberoamericana de Inteligencia Artificial, n. 20, p. 34-52, 2003.
FRÍAS, J. A. La formación universitaria en Información y Documentación en España a las puertas del EEES: retos y oportunidades. In: FRÍAS, J. A.; TRAVIESO, C. (Ed.). **Formación, investigación y mercado laboral em información y documentación em España y Portugal**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2008. p. 67-90.
FRIEDMAN, A.; THELLEFSEN, M. Concept theory and semiotics in knowledge organization. **Journal of Documentation**, London, v. 67, n. 4, p. 644-674, 2011.
GALVEZ, C. Aplicación de transductores de estado-finito a los procesos de unificación de términos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 67-74, set./dez. 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/754/624>.

Acesso em: 10 nov. 2014.
GALVEZ, C. Minería de textos: la nueva generación de análisis de literatura científica em Biología molecular y genómica. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 25, 1 sem. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p1/1251>. Acesso em: 10 nov. 2014.
GALVEZ, C.; MOYA-ANEGÓN, F. A diccionary-based approach to normalizing gene names in one domain of knowledge from the biomedical literature. **Journal of Documentation**, London, v. 68, n. 1, p. 5-30, 2012.
GARCÍA BERRIO, A.; VERA LUJÁN, A. **Fundamentos de teoría linguística**. Madrid: Alberto Corazón Editor, 1977.
GARCÍA GUTIERREZ, A. **Análisis documental del discurso periodístico**. Madrid: CTD, 1992.
GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Estructura lingüística de la documentació**n. Murcia: Universidad de Murcia, 1990.
GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Desclasificados**: pluralismo logico y violencia de la clasificación. Rubi: Anthropos Editorial, 2007.
GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Epistemología de la documentación**. Barcelona: Stonberg, 2011.
GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Lingüística documental:** aplicación a la documentación de la comunicación social. Barcelona: Mitre, DL, 1984.
GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Pensar en la transcultura**. Madrid: Plaza y Váldes, 2011.
GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Principios de lenguaje epistemográfico**: la representación del conocimiento sobre Patrimonio Histórico Andaluza. Sevilla: Instituto andaluz del Patrimonio Histórico, 1998.
GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Procedimientos de análisis documental automático**: estudio de caso. Sevilla: Instituto andaluz del Patrimonio Histórico, 1996.
GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. Suficiencia estructural y tipología de la omisión en análisis documental. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 13, p. 73-86,1990.
GARCÍA JIMÉNEZ, A. Una aproximació als llenguatges ¿documentals? en la web semántica. **Item**: revista de biblioteconomia i documentació, n. 42, p. 33-50, 2006. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/71697/81933>. Acesso em: 30/11/2014.
GARCÍA MARCO, F. J. Avances en organización del conocimiento en España: los II encuentros sobre organización del conocimiento en los sistemas de información y documentación. In: GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación:** actas del II encuentro de ISKO-España. Getafe (Madrid), 16 y 17 de noviembre de 1996. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1997. p. 7-12.
GARCÍA MARCO, F. J. Bases epistemológicas del ejercicio profesional. In:

VALENTIM, M.L.P. **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. Cap. 1, p. 9-38.
GARCÍA MARCO, F. J. Casi una década de la Sociedad Internacional para la Organización del Conocimiento en España. In: GARCÍA MARCO, F. J. **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**: actas del III encuentro de ISKO-España. Getafe (Madrid), 19 a 21 de noviembre de 1997. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1999. p. 7-21.
GARCÍA MARCO, F. J. Reflexiones entorno a las aportaciones de José María Izquierdo Arroyo a la representación y la organización del conocimiento: ambición teórica, perspectiva humanística y compromiso académico. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p.13-19, ene. /jun. 2014.
GARCÍA-MARCO, F. J. Educación y aprendizaje de la información y la documentación: raíces, desafíos y líneas de acción. **El Profesional de la Informació**n, Barcelona, v. 22, n. 6, p. 489-504. nov. / dic. 2013. Desponível em: <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2013.nov.01>. Acesso em: 13/02/2015.
GARCÍA-MARCO, F. J. **Fundamentos de tratamiento y recuperación de la información: aspectos informacionales cognitivos y lingüísticos**. 2. ed. Zaragoza: Kronos, 2008.
GARDIN, J. C. Éléments d´um modele pour la description de lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, v. 11, n. 5, p. 171-182, 1966.
GARRIDO ARIILA, M. R. La noción de función en la comunicación informativa. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 4, n. 1, p. 133-164,1994.
GARRIDO ARILLA, M. R. Reflexiones sobre la problemática y estado actual del análisis documental. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 17, p. 67-75, 1994.
GIL LEIVA, I. La investigación en indización y resumen en España. **Educación y Biblioteca**, n. 83, p. 40-43, 1997.
GIL LEIVA, I. Sistema para la indización semiautomática (SISA) de artículos de revista de biblioteconomía y documentación. In: JORNADAS DE TRATAMIENTO Y RECUPERACIÓN DE INFORMACIÓN, II. **Anales...** Madrid, 2003, p. 228-232.
GIL LEIVA, I.; RODRÍGUEZ MUÑOZ, J. V. El procesamiento del lenguaje natural aplicado al análisis del contenido de los documentos. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v 6, n. 2, p. 205-218,1996.
GIL URDIACIAÍN, B. Niveles de análisis documental de contenido. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 17, p. 77-84, 1994.
GIL URDICIAIN, B. Evaluación semántica y estructural de tesauros. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v.8, n. 2, p. 193-199, 1998.
GIL URDICIAIN, B. Función de los lenguajes documentales en el tratamiento de la información en las organizaciones. **Revista General de**

Información y Documentación, Madrid, v. 2, n.2, p. 195-200,1992.
GIL URDICIAIN, B. Niveles de análisis documental de contenido. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, v. 17, p. 77-84, 1994.
GIL URDICIAIN, B.; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, R. Técnicas de recuperación de información aplicados a la construcción de tesauros. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 19-26, jan./abr. 2014.
GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
GONZÁLEZ GOMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p 217-222, set./dez. 1993.
GONZÁLEZ, C. Semiotics in Spain. In: SEBEOK, T. A.; UMIKER-SEBEOK, J. (edited). **The semiotic sphere**. New York: Plenum Press, 1986. Cap. 21, p. 473-484.
GONZALO GARCÍA, C.; GARCÍA YEDRA, V. **Documentación, terminología y traducción**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005.
GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**: pesquisa de método. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
GREIMAS, A. J. **Semiótica do discurso científico**. Da modalidade. São Paulo: DIFEL; SBPL, 1976. (Monografias semióticas e lingüísticas; n. 1).
GUIMARÃES, J. A. C. ; SALES, R. Análise documental: concepções do universo acadêmico brasileiro em Ciência da Informação. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, fev. 2010. Disponível em:<http://dgz.org.br/fev10/Art_02.htm>. Acesso em: 21 ago. 2013.
GUIMARÃES, J. A. C. ; SALES, R.; GRÁCIO, M.C.C. A dimensão interdisciplinar da análise documental nos contextos brasileiro e espanhol no âmbito da organização do conhecimento. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 6, dez. 2012. Disponível em:<http://www.dgz.org.br/dez12/Art_07.htm>. Acesso em: 21 ago. 2013.
GUIMARÃES, J. A. C. A análise documentária no âmbito do tratamento temático da informação: elementos históricos e conceituais. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (org). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 100-117.
GUY, A. **Historia de la filosofía española**. Barcelona: Anthropos Editorial del Hombre, 1985.
HJELMSLEV, L. T. **Ensayos lingüísticos**. Madrid: Editorial Gredos, 1972. (Estudios y Ensayos, 177).
HJELMSLEV, L. T. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. In: SAUSSURE, Ferdinand de et al. **Textos selecionados**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 183-220. (Coleção Os Pensadores, XLIX).
HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

IBRI, I. A. **Kósmos noetós**: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva; Hólon, 1992. (Coleção estudos, v. 130).
INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR SEMIOTIC STUDIES. **Presentation**. 2014. Disponível em: < http://iass-ais.org/presentation-2/>. Acesso em: 19/10/2014.
IZQUIERDO ALONSO, M. ; SÁNCHEZ DOMÍNGUEZ, C. Los estudios de resumen documental en las ciencias de la documentación: un recorrido histórico desde sus orígenes hasta las teorías actuales. **Revista de Lingüística y Lenguas Aplicadas**, Valencia, v. 6, p. 209-227, 2011.
IZQUIERDO ALONSO, M. Nuevos enfoques en el estudio del tratamiento documental de contenido desde los presupuestos de las ciencias del lenguage. **Scire**, Zaragoza, v. 6, n. 1, p.143-163, ene./jun. 2000.
IZQUIERDO ALONSO, M. Nuevos retos en el análisis documental de contenido: gestión de la forma documental del contenido. **Scire**, Zaragoza, v. 10, n. 1, p. 31-50, ene./jun. 2004.
IZQUIERDO ALONSO, M.; IZQUIERDO ARROYO, J. M. Entrevista a José María Izquierdo Arroyo, realizada por Mónica Izquierdo Alonso em Alcalá de Henares (Madrid), junio de 2014. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p.109-116, ene. /jun. 2014.
IZQUIERDO ALONSO, M.; MORENO FERNANDEZ, L. M. **El resumen documental**: un reto didactico. Madrid: ANABAD, 2009.
IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990. Tomo II - p. 243-506.
IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990. Tomo III - p. 507-871.
IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990.Tomo I - p. I-242.
IZQUIERDO ARROYO, J. M. La ciencia de la búsqueda documental secundaría. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, n. 13, p. 87-111, 1990.
IZQUIERDO ARROYO, J. M. Cuatro trabajos en curso. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, n. 15, p. 35-65, 1992.
IZQUIERDO ARROYO, J. M. De la semiótica del discurso a la semiótica documental. In: MORENO GONZÁLEZ, J. A. **Aplicación de las ciencias del texto al resumen documental**. Madrid: Universidad Carlos III, 1993. p. 199-216.
IZQUIERDO ARROYO, J. M. **La organización documental del conocimiento**. Madrid: Tecnidoc, 1995.
JÁTIVA , J. M. El CSIC alerta del tsunami que arrasa la investigación en España. **El País**, 20 MAY 2013. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2013/05/20/valencia/1369062048_702180.html>. Acesso em: 21/01/ 2015.
LAPESA, R. Prólogo. In: ABAD, F. **Diccionario de lingüística de la escuela española.** Madrid: Editorial Gredos, 1986. p. 9-13.

LAPLANTE, Audrey. Tagged at first listen: an examination of social tagging practices in a music recommender system. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 33-54 Fev., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20nesp1p33/28636>. Acesso em: 27/01/2015.

LARA, M. L. G. Propostas de tipologias de KOS: uma análise das referências de formas dominantes de organização do conhecimento. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 89-107, Fev., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2015v20nesp1p89/28637>. Acesso em: 27/01/2015.

LARA, M. L. G. Linguagem documentária e terminologia. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 231-240, set./dez. 2004.

LARA, M. L. G. ; TÁLAMO, M. F. G. M. Uma experiência na interface Linguística Documentária e Terminologia. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, out. 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out07/Art_01.htm>. Acesso em: 03 abr. 2013.

LARA, M. L. G. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set./dez. 1993.

LARA, M. L. G. Conceitos lingüísticos fundamentais para a organização e disseminação de informações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

LARA, M. L. G. É possível falar em signo e semiose documentária? **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2º n. especial, p. 18-29, 2º sem. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>. Acesso em: 15 out. 2006.

LARA, M. L. G. **Representação e linguagens documentárias**: bases teórico-metodológicas. 1999. 207 f. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo.

LARA, M. L. G. Sobre "Cuatro trabajos en curso" de José María Izquierdo Arroyo. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p. 91-98, ene./jun. 2014.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: UDUCS, 2003.

LIBRO BLANCO DEL TÍTULO DEL GRADO EM INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN. Madrid: Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación, 2004. Disponível em: <http://www.aneca.es/var/media/150424/libroblanco_jun05_documentacion.pdf>. Acesso em: 23/10/2014.

LINARES COLUMBIÉ, R. Epistemología y ciencia de la información:

repensando un diálogo inconcluso. **Acimed**, Habana, v. 21, n. 2, p. 140-160, 2010.
LLORET ROMERO, N. ; CANET CENTELLAS, F. Nuevos escenarios y nuevas vías de distribución de contenidos audiovisuales. **Cuadernos de Documentación Multimedia**, Madrid, n. 19, 2008a. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2952918>. Acesso em: 20/02/2005.
LLORET ROMERO, N. El laberinto de la Unión Europea. **El Profesional de la Información**, Barcelona, v. 10, n. 12, p. 60-61, dic. 2001.
LLORET ROMERO, N.; CANET CENTELLAS, F. Nuevos escenarios, nuevas formas de expresión narrativa: la web 2.0 y el lenguaje audiovisual. **Hipertext.net**, n. 6, 2008b. Disponível em: <http://www.hipertext.net>. Acesso em: 01/03/2015.
LOPES, E. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
LÓPEZ YEPES, A.; SÁNCHEZ GAY, F. Bancos de imágenes: fototecas en medios de comunicación. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 4, n. 2, p. 227-237, 1994.
LÓPEZ YEPES, A.; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, R.; PÉREZ AGÜERA, J. R. Tratamiento de la documentación audiovisual en el entorno digital: iniciativas de metadatos y lenguajes de descripción multimedia. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 11, n. 6, p. 443-451, 2003.
LÓPEZ YEPES, J. Documentación. In: LÓPEZ YEPES, J. (coord.). **Manual de ciencias de la documentación**. Madrid: Pirámide, 2002. Cap. 3, p. 39-74.
LÓPEZ YEPES, J. Focos de investigación y escuelas científicas em documentación: la experiencia de las tesis doctorales. **El Profesional de la Información**, Barcelona, v. 11, . n. 1, p. 46-52, ene./feb. 2002.
LOPEZ YEPES, J. **La documentación como disciplina**: teoria e historia. Pamplona: EUNSA, 1995.
LÓPEZ YEPES, J.; ROS GARCÍA, J. **¿Qué es documentación?:** teoría e historia del concepto en España. Madrid: Editorial Síntesis, S. A., 1993.
LÓPEZ YEPES, J. (coord.). **Manual de ciencias de la documentación**. Madrid: Ediciones Pirámide, 2002.
LOPEZ YEPES, J. et. al. **Las tesis doctorales**: producción, evaluación y defensa. Madrid: Editorial Fragua, 2005.
LOPEZ YEPES, J. **Diccionario enciclopédico de ciencias de la documentació**n. Madrid: Síntesis Editorial, 2004.
LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J. Las relaciones semánticas: su papel em la materialización de la representación y organización del conocimiento. In: GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**: actas del III Encuentro de ISKO-España, 19 al 21 de noviembro de 1997. Getafe: [s.n.], 1999. p. 57-68.
LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J. Lenguajes documentales: aproximación a la evolución histórica de un concepto. **Boletín ANABAD**, v.41, n. 1, p. 61-

70, 1991. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/224133.pdf>. Acesso em: 30/11/2014.

LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J. Lenguajes documentales: terminología para un concepto. **Boletín ANABAD**, v. 41, n. 2, p. 171-188, 1991. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=902950&orden=1&info=link>. Acesso em: 30/11/2014.

LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J. Sobre el diseño de tesauros: algunas reflexiones teóricas y metodológicas. In: GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**: actas del II Encuentro de ISKO-España, 16 al 17 de noviembre de 1995. Getafe: [s.n.], 1997. p. 87-98.

LOTMAN, I. M. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra; Universitat de Valéncia, 1996.

MACHADO, I. **Escola de semiótica**: a experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial; FAPESP, 2003.

MAI, J-E. Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. **Journal of Documentation**, London, v. 57, n. 5, p. 591-522, sep. 2001.

MAI, J-E. The concept of subject in a semiotic light. In: SCHWARTS, C.; RORVIG, M. (ed.). **Digital collections**: implications for users, funders, developers and maintainers. Medford, NJ: Information Today, 1997a. p. 54-64. (Proceedins of the ASIS Annual Meeting; 34).

MAI, J-E. The concept of subject: on problems in indexing. In: McILWAINE, I. C. (ed.). **Knowledge organization for information retrieval**: 6th International Study Conference on Classification Research. The Hague: FID, 1997b. p. 60-67. (FID, n. 716).

MAI, J-E. **The subject indexing process**: an investigation of problems in knowledge representation. 2000. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Faculty of Graduate School of Library and Information Science. The University of Texas at Austin.

MANINI, M. P. Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva. **Cenário Arquivístico:** Revista da Associação Brasiliense de Arquivologia, Brasília, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2004.

MANINI, M. P. Análise documentária de imagens. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 11, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/313/236>. Acesso em: 22 set. 2007.

MARAFIOTI, R. **Charles S. Peirce**: el éxtasis de los signos. Buenos Aires: Biblos, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARTÍNEZ COMECHE, J. A. La recuperación automatizada de imágenes: retos y soluciones. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 23, n. 2, p. 423-436, 2013.

MARTÍNEZ GONZÁLEZ, M. M.; ALVITE DÍEZ, M. L. Propuesta metodológica de evaluación de gestores de tesauros compatibles con la web semántica.

Anales de documentación: Revista de biblioteconomía y documentación, Murcia, v. 17, n. 1, 2014. 18 p.
MARTÍNEZ RUIZ, E.; MAQUEDA, C.; DE DIEGO, E. **Atlas histórico de España II**. Madrid: Ediciones Istmo, 1999.
MENDOZA IBÁÑEZ, F.J.R. An interview with George Lakoff. **Cuadernos de Filología Inglesa**, Murcia, v. 6, n.2, p. 33-52, 1997.
MENDOZA IBÁÑEZ, F.J.R.; PÉREZ HERNÁNDEZ, L. Primitivos semánticos y modelos cognitivos em la organización del conocimiento. **Scire**, Zaragoza, v. 6, n. 2, p. 79-97, jul./dic. 2000.
MERRELL, F. **A semiótica de Charles S. Peirce hoje**. Ijuí: UNIJUÍ, 2012.
MONEDA CORROCHANO, M.; LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J.; JIMÉNEZ CONTRERAS, E. La investigación sobre organización del conocimiento en España (2002-2010). In: PÉREZ PAIS, C.; GONZÁLEZ BONOME, M. (ed.). **20 años del Capítulo Español de ISKO**: actas del X Congreso ISKO-España, de 30 de junio a 1 de julio de 2011. Ferrol: [s.n.], 2012. p. 91-106.
MONTESI, M. Aproximación al documento textual desde la perspectiva de los estudios sobre el discurso. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 32, n. 4, p. 92-105, 2009. Disponível em: <http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/viewFile/516/574>. Acesso em: 30/11/2014.
MONTESI, M.; GIL URDICIAIN, B. Problemas terminológicos relativos al resumen documental. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 29, n. 2, p. 205-219, 2006. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2018989&orden=1&info=link>. Acesso em: 30/11/2014.
MORAES, J. B. E. A análise documental e os textos literários. **e-F@Nzine**: Revista Eletrônica, Monte Alto, v. 1, n. 2, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.fan.edu.br/revista>. Acesso em: 20 fev. 2009.
MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. Aplicaciones al análisis automático del contenido provenientes de la teoría matemática de la información. **Anales de Documentación**, Murcia, v. 5, p. 273-286, 2002. Disponível em: <http://revistas.um.es/analesdoc/article/download/2101/2091>. Acesso em: 30/11/2014.
MOREIRO GONZÁLEZ, J. M. La enseñanza de los lenguages documentales em las diplomaturas de Biblioteconomía y Documentación: problemática y tendencias. In: GARCÍA MARCO, F. J. (coord). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**: actas del I Encuentro de ISKO-España, Madrid, 4 y 5 de noviembre de 1993. Zaragoza, 1995. p. 113-124.
MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Aplicación de las ciencias de l texto al resumen documental**. Madrid: Universidad Carlos III De Madrid; Boletín Oficial Del Estado, 1993.
MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a Web**: elementos conceituais. Salvador: UFBA, 2011.
MORENO FERNÁNDEZ, L.M.; IZQUIERDO ALONSO, M. El pensamiento de José María Izquierdo Arroyo em la organización y representación del

conocimiento: una sistematización desde fundamentos filosóficos y semióticos. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p.21-32, ene. /jun. 2014.
MORENO, R.A.; SÁ REBELO, M., GUTIÉRREZ, M. A. Representation and indexing of medical images. **Anales de Documentación**, Murcia, v. 14, n. 2, p. 1-18, 2011. Disponível em: <http://revistas.um.es/analesdoc/article/download/134011/125171>. Acesso em: 30/11/2014.
MORRIS, C. W. **Fundamentos da teoria dos signos**. São Paulo: Livraria Eldorado Tijuca; Edusp, 1976.
MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.
MOURA, M. A. ; SILVA, A. P.; AMORIM, V. R. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da Semiótica e da Semiologia. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, PB, v. 12, n. 1, p. 1-22, 2002. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev12n102.htm>. Acesso em: 13 out. 2005.
MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2º n. especial, p. 1-17, 2º sem. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>. Acesso em: 15 out. 2006.
MOURA, M. A. Interoperabilidade semântica e ontologia semiótica: a construção e o compartilhamento de conceitos científicos em ambientes colaborativos online. **Informação e Informação**, Londrina, v. 16, n. Esp., p. 165-179, jan./jun. 2011.
MOURA, M. A. Signi-fica ou signi-vai? as teorias da significação no campo da Ciência da Informação. In: REIS, A. S. ; CABRAL, A. M. (org.) **Informação, cultura e sociedade**: interlocuções e perspectivas. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 61-80.
NÖTH, W. **A semiótica no século XX**. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2005b.
NÖTH, W. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2005a.
NUALART-VILAPLANA, J.; PÉREZ-MONTORO, M.; WHITELAW, M. Cómo dibujamos textos: revisión de propuestas de visualización y exploración textual. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 23, n. 3, p. 221-235, 2014.
NUBIOLA, J.; ZALAMEA, F. **Peirce y el mundo hispánico**. Pamplona: EUNSA, 2006.
OLIVEIRA, M.; CARVALHO, G.F.; SOUZA, G.T. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009.
ORERA ORERA, L. Biblioteconomía. LÓPEZ YEPES, J. (coord.). **Manual de ciencias de la documentación**. Madrid: Pirámide, 2002. Cap. 5, p. 93-116.
ORERA ORERA, L. La evolución em la formación de los bibliotecarios.

Documentación de las Ciencias de la Información, Madrid, v. 25, p. 167-188, 2002.
ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, abril 2010. Disponível em:< http://www.dgz.org.br/abr10/F_I_art.htm >. Acesso em 20 maio 2012.
ORTIZ-REPISO, V.; CALZADA-PRADO, J.; APORTELA-RODRÍGUEZ, I. M. ¿Qué está pasando con los estudios universitarios de biblioteconomía y documentación en España? **El Profesional de la Información**, Barcelona, v. 22, n. 6, p. 505-514, nov./dic., 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2013.nov.02>. Acesso em: 22/01/2015.
PEIRCE, B. **A Catalogue of the Library of Harvard University in Cambridge**, Massachusetts. Cambridge: E.W. Metcalf and Company, 1830.
PEIRCE, C. S. **Antologia filosófica**. [s. l.]: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1998.
PEIRCE, C. S. **Charles S. Peirce**: selected writings. New York: Dover Publications, 1966.
PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Ed. Hartshorne, Charles; Weiss, Paul; Burks, Arthur. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v. (re-impressão de Thoemmes Press, 1998).
PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.
PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
PEIRCE, C. S. **The essential Peirce**: selected philosophical writings. Edited by Nathan Houser and Christian Kloesel. Blomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1992. v. 1.
PEIRCE, C. S. **The essential Peirce**: selected philosophical writings. Edited by Peirce Edition Project. Blomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998. v. 2.
PEIS REDONDO, E.; MORALES DEL CASTILLO, A. B.; DELGADO LÓPEZ-CÓZAR, E. Sistemas de recomendación semánticos : un análisis del estado de la cuestión. **Hipertext.net**, nº 6, mayo 2008. Disponível em: <http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-6/recomendacion.html>. Acesso em: 30/11/2014.
PERDICES-CASTILLO, L.; PERIANES-RODRÍGUEZ, A. Documentación de fotografías en bancos de imágenes comerciales. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 23, n. 5, p. 534-542, 2014.
PÉREZ AGÜERA, J. R. Automatización de tesauros y su utilización en la web semántica. **BiD**: textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 13, dic. 2004. Disponível em: < http://bid.ub.edu/13perez2.htm>. Acesso em: 30/11/2014.
PÉREZ-AGÜERA, J. R. Recuperación de información, procesamiento de lenguaje natural y web semántica. **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, 2007. Disponível em: <http://www.thinkepi.net/anuario-thinkepi/anuario-thinkepi-2007#sthash.EdUIbInK.dpuf>. Acesso em: 30/11/2014.

PESET, M. F. et. al. Organización de la información artística en entornos hipertexto e hipermedia. In: WORKSHOP INTERNACIONAL EN APLICACIONES MULTIMEDIA, 2001. Valencia, 2-4 de Mayo de 2001. Disponível em: <http://www.upv.es/intermedia2001/inicio.htm>. Acesso em: 25/02/2015.

PESET, M.F. La atracción del arte: las guías artísticas multimedia en las bibliotecas, un ejemplo de inteligencia emocional. **Educación y Biblioteca**, n. 123, p. 116-119, 2001.

PESET, M.F. La evaluación de los científicos em el currículo del sistema de acreditación nacional de Aneca. **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, p. 100-103, 2009.

PESET, M.F.; BAIGET, T. Catalogación, sí; pero, ¿cómo? **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, p. 55-56, 2008.

PINHEIRO, L V. R. (Org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília, DF: IBICT, 1999.

PINTO MOLINA, M. Análisis documental: fundamentos y procedimientos. 2. ed. rev. y aum. Madrid: EUDEMA, 1993.

PINTO MOLINA, M. Introducción al análisis documental y sus niveles: el análisis de contenido. **Boletín ANABAD**, v. 34 , n.2 , p. 323-341, 1989.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: PIMENTA, C. (Coord.). **Interdisciplinaridade, humanismo, universidade.** Porto: Campo das Letras, 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/pontofinal.pdf> . Acesso em: 12 dez. 2008.

POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In: POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. **Interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. Lisboa: Texto, 1993. Cap. 1, p. 8-14.

POZUELO YVANCOS, J. M. La Asociación Española de Semiótica (A.E.S.): crónica de una evolución científica. **Signa**: Revista de la Asociación Española de Semiótica, n. 8, 1999. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/partes/325954/signa-revista-de-la-asociacion-espanola-de-semiotica—3>. Acesso em: 19/10/2014.

PRIETO, L. Información y documentación radiofónica: espacios para un interés común. La experiencia de Radio Nacional de España. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 16, n. 5, p. 443-449, 2007.

PRO RUIZ, J.; RIVERO RODRÍGUEZ, M. **Breve atlas de historia de España**. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

RABER, D.; BUDD, J. M. Information as sign: semiotics and information science. **Journal of Documentation**, London, v. 59, n.5, p. 507-522, 2003.

REAL DECRETO 1497/1987, de 27 de noviembre, por el que se establecen directrices generales comunes de los planes de estudio de los títulos universitarios de carácter oficial y validez en todo el territorio nacional. Disponível em: <https://www.boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-1987-27707>. Acesso em: 21/10/2014.

REAL DECRETO 3104/1978, de 1 de diciembre, por el que se crean en la educación universitaria las enseñanzas de Biblioteconomía y Documentación. Disponível em: <https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-1979-370>. Acesso em: 10/10/2014.

RECODER-SELLARÈS, M. J.; CID LEAL, P. Traducción y documentación : cooperar para difundir la información. **Hipertext.net**, nº 1, mayo 2003. Disponível em: <http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-1/traduccion.html>. Acesso em: 30/11/2014.

REYES PRÓSPER, V. Charles Santiago Peirce y Oscar Honward Mitchell. **El Progreso Matemático**: Periódico de Matemáticas Puras y Aplicadas, Zaragoza, ano II, n. 18, p. 170-173, 15 jun. 1892.

REYES, G. **La pragmática linguística.** 2. ed. Barcelona: Montesinos, 1994.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

RODRÍGUEZ BRAVO, B. La integración de la mujer en los lenguajes documentales : una utopia necesaria en la sociedad del conocimiento. **BiD**: textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 18, jun. 2007. Disponível em: < http://bid.ub.edu/18rodri2.htm>. Acesso em: 30/11/2014.

RODRÍGUEZ BRAVO, B. La integración de la mujer en los lenguajes documentales: una utopia necesaria en la sociedad del conocimiento. **BiD**: Textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 18, 2007.

RODRÍGUEZ BRAVO, B.; MORÁN SUÁREZ, M. A. La imagen de la mujer en la Clasificación Decimal Universal (CDU). In: EXTREMEÑO PLACER, A. I. (org.). **La representación y organización del conocimiento : metodologías, modelos y aplicaciones**: actas del V Congreso ISKO-España, 25-27 de abril de 2001, Alcalá de Henares. Madrid, 2001.

RODRÍGUEZ-VAAMONDE, S.; RUIZ-IBÁÑEZ, P.; GONZÁLEZ-RODRÍGUEZ, M. Uso combinado de tecnologías semánticas y análisis visual para la anotación automática de imágenes y su recuperación. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 21, n. 1, p. 27-33, 2012.

ROS GARCÍA, J. Aplicaciones de la linguistica documental en la documentación empresarial. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 4, n. 2, p. 183-193, 1994.

SALES, R.; GUIMARÃES, J. A. C. O pragmatismo em Kaiser e Reanganathan e o pioneirismo na construção do método analítico-sintético. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p. 53-64, ene./jun. 2014.

SAN SEGUNDO MANUEL, R. Incidencia de aspectos culturales y sociales en la organización del conocimiento transdisciplinar. In: RODRÍGUEZ BRAVO, B.; ALVITE DÍEZ, M. L. (org.). **La interdisciplinariedad y la transdisciplinariedad en la organización del conocimiento científico**: Interdisciplinarityand transdisciplinarity in the organization of scientific knowledge: Actas del VIII Congreso ISKO España, León,18, 19 y 20 de Abril de 2007. Leon, 2007. p.133-138.

SAN SEGUNDO MANUEL, R. Metodología de la enseñanza de sistemas de

representación del conocimiento. In: GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**: actas del I Encuentro de ISKO-España, Madrid, 4 y 5 de noviembre de 1993. Madrid, 1995. p. 159-172.

SAN SEGUNDO MANUEL, R. **Sistemas de organización del conocimiento: la organización del conocimiento em las bibliotecas española**s. Madrid: Universidad Carlos Iii De Madrid; Boletín Oficial Del Estado, 1996.

SÁNCHEZ CASABÓN, A. I.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. (Coord.). **Grado em información y documentación**: coordinación curricular, diseño y redacción de guías docentes. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009.

SÁNCHEZ CASABÓN, A. I.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. El grado en Información y Documentación en la Universidad de Zaragoza. In: SÁNCHEZ CASABÓN, A. I.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. (Coord.). **Grado en información y documentación**: coordinación curricular, diseño y redacción de guías docentes. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009. Cap. 1, p. 15-25.

SÁNCHEZ CASABÓN, A. I.; UBIETO ARTUR, A. P. El curriculum en las diplomaturas de biblioteconomía y documentación en España. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 4, n. 1, p. 43-61, 1994.

SÁNCHEZ JUMÉNEZ, J. **La España contemporánea III**: de 1931 a nuestros días. Madrid: Ediciones Istmo, 2004.

SÁNCHEZ VIGIL, J. M. La documentación fotográfica. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 6, n. 1, p. 161-193, 1996.

SÁNCHEZ-CUADRADO, S. et. al. Definición de una metodología para la construcción de sistemas de organización del conocimiento a partir de un corpus documental en lenguaje natural. **Procesamiento del Lenguaje Natural**, n. 39, p. 213-220, 2007.

SÁNCHEZ-JIMÉNEZ, R. Lenguajes documentales y ontologías. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 16, n. 6, p. 551-560, nov./dic. 2007.

SÁNCHEZ-VIGIL, J. M.; MARCOS-RECIO, J. C.; OLIVERA-ZALDUA, M. Tesis doctorales sobre fotografía en la universidad española: análisis de la producción y dirección (1976-2012). **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 37, n. 1, p. 1-14, 2014. Disponível em: <http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/download/837/1075>. Acesso em: 30/11/2014.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2005.

SANTAELLA, L. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Unesp, 2004.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
SARACEVIC, T. Information science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.
SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Trad. Antônio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.
SEBEOK, T. A. (general editor). **Encyclopedic dictionary of semiotic**. 2. ed. Berlin; New York: Mouton De Gruyter, 1994. tomes 1-3.
SENSO, J. A. Navegadores semánticos o semantizar el navegador. **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, 2008. Disponível em: <http://www.thinkepi.net/navegadores-semanticos-o-semantizar-el-navegador>. Acesso em: 30/11/2014.
SERRANO, S. **La lingüistica**. 2. ed. Barcelona: Montesinos, 1992.
SILVEIRA, L. F. B. **Curso de semiótica geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.
SILVEIRA, L. F. B. Continuidade e descontinuidade nas questões de fronteira. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO PRAGMATISMO, 11., 2008a, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PUCSP, 2008a.
SILVEIRA, L. F. B. Informação e verdade na filosofia de Peirce. **Cognitio**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 281-323, jan./dez. 2008b.
SINI, C. Pensar el signo. Madrid: ????, 1989.
SMIT, J. W. (coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989a.
SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.
SMIT, J. W. Análise semântica e análise documentária. **Significação**: Revista Brasileira de Semiótica, São Paulo, v. 1, p. 168-176, ago. 1974.
SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. cap. 1, p. 9-24.
SOLER I FABREGAT, R. Recuperació de temes iconogràfics a bases de dades d'imatges artístiques a Internet. **Item**: revista de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 33, p. 51-70, 2003. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/22588/22422>. Acesso em: 30/11/2014.
SOUZA, F. C. **Modernização e biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003.
TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. O campo da Linguística Documentária. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 203-211, set./dez. 2006.
THELLEFSEN, T. L. Pragmaticism and the role of terminology. **Impact**: an electronic journal on formalisation in text, media and language, abr. 2003. Disponível em: <http://www.impact.hum.auc.dk>. Acesso em: 05 maio 2007.
THELLEFSEN, T. L. ; THELLEFSEN, M. M. Pragmatic semiotics and knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 31, n. 3, p. 177-187, 2004.
THELLEFSEN, T. L. **Fundamental signs and significance-effects**: a

semeiotic outline of fundamental signs, significance-effects, knowledge profiling and their use in knowledge organization and branding. 2009. 284 f. Doctoral Dissertation – Departament of internationale Culture and Comunication Studies. Copenhagen Business School.

THELLEFSEN, T. L. Knowledge profiling: the basis for knowledge organization. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 507-514, winter 2004.

THELLEFSEN, T. L. Semiotic knowledge organization: theory and method development. **Semiotica**, v. 142, n. 1 / 4, p. 71-90, 2002.

TORDESILLAS, M. La Lingüística Francesa en España: de la historia del pensamiento lingüístico al presente de la Lingüística Francesa. In: CASAL SILVA, M.L.; CONDE TARRÍO, G.; LAGO GARABATOS, J. (Org.). **La lingüística francesa en España camino del siglo XXI**. Madrid: Arrecife Producciones, 2000. p. 9-30.

TORREGROSA CARMONA, J. F. Modelos para el análisis documental de la fotografía. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 33, p. 329-342, 2010.

VÁLLEZ LETRADO, M. Keyword Research : métodos y herramientas para identificar palabras clave. **BiD**: textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 27, dic. 2011. Disponível em: <http://bid.ub.edu/27/vallez2.htm>. Acesso em: 30/11/2014.

VÁLLEZ LETRADO, M.; PEDRAZA JIMÉNEZ, R. El Procesamiento del Lenguaje Natural en la recuperación de información textual y otras áreas afines. **Hipertext.net**, nº 5, mayo 2007. Disponível em: <http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-5/pln.html>. Acesso em: 30/11/2014.

VAN BERGEIJK, D. La barerra lingüística en la diseminación de la información científica. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 3, n.4, p. 287-298,1980.

VELASCO DE LA PEÑA, E. El contexto académico: los estudios de Biblioteconomía y Documentación en la Universidad de Zaragoza. In: AGUSTÍN LACRUZ, M. C. Et al. (Coord.). **Diseño curricular y guías docentes ECTS**: desde la Diplomatura de Biblioteconomía y Documentación hasta el Grado em Información y Documentación. Zaragoza: Prensas Universitaria de Zaragoza, 2008. Cap. 1, p. 13-19.

ZAZO, A. F.; FIGUEROLA, C.G.; ALONSO BERROCAL, J. L. La detección de nombres propioss en español y su aplicación en recuperación de información. **Ibersid**, Zaragoza, p. 109-116, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é **Carlos Cândido de Almeida**, atuo como Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil, e estou realizando uma pesquisa intitulada "**ABORDAGENS SEMIÓTICAS NO CAMPO DA DOCUMENTAÇÃO NA ESPANHA: INFLUÊNCIAS TEÓRICAS E CONTRIBUIÇÕES CONCEITUAIS"**, vinculada a um estágio pós-doutoral que está sendo realizado junto a Universidad de Zaragoza, Espanha, sob a supervisão do Professor Doutor Catedrático Francisco Javier García Marco.

A pesquisa pretende conhecer as abordagens e teorias semióticas presentes no campo das Ciências da Documentação na Espanha e tem como objetivo geral **analisar as relações disciplinares entre o campo da Semiótica e o da Documentação**.

Para tanto, é de fundamental importância contar com depoimentos de especialistas do campo da Documentação na Espanha, selecionados previamente segundo suas contribuições à área. Para que isso seja possível, faz-se necessária a realização de uma **entrevista**, a qual versará sobre os seguintes temas: os conceitos semióticos, os principais teóricos, as relações disciplinares, as aplicações conceituais na Documentação e as interfaces com a organização do conhecimento.

Ressalto ainda que as respostas à entrevista serão de uso exclusivo da pesquisa, não oferecendo riscos ao entrevistado e garantindo sigilo ao mesmo. A participação do entrevistado é voluntária e sua contribuição não trará prejuízos à pessoa física ou jurídica, esclarecendo que o entrevistado pode desistir de participar da pesquisa caso não se sinta à vontade em responder as perguntas.

Eu,_____ declaro ter sido informado(a) e concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa acima descrita.

_____, _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do(a) Respondente

_____

Carlos Cândido de Almeida

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE B
ROTEIROS DE ENTREVISTA

GUIÓN DE ENTREVISTA – INVESTIGADORES DE DOCUMENTACIÓN
GUIÓN DE ENTREVISTA

I - TEMÁTICAS DE INVESTIGACIÓN

1 – Por favor, háble me respecto a sus trabajos de investigación, subrayando los trabajos relativos al tema lenguaje.

2 - ¿Cuál es la importancia de las teorias semióticas y lingüísticas en sus investigaciones?

II - LA SEMIÓTICA (SEA LAS LINEAS PEIRCEANA Y NO PEIRCEANAS) EN LA DOCUMENTACIÓN ESPAÑOLA

3 - ¿Qué usted comprende por Semiotica?

4 - ¿En su opinión, cuáles son los principales expertos de la Semiótica y de la Lingüística?

5 - ¿Cómo las teorias semióticas y lingüísticas surgieron en la Documentación en España?

III - CONCEPTOS SEMIÓTICOS

6 - ¿Cuáles son los conceptos de origen semiótico y lingüístico fundamentales a la Documentación?

IV – APLICACIONES

7 - ¿Cuáles son las ramas de la Documentación a las que podemos aplicar estos conceptos?

V – CONTACTOS INTERDISCIPLINARIOS

8 - Descríbame, por favor, el nivel de contacto interdisciplinario entre las teorias semióticas y lingüísticas y la Documentación.

VI – EXPERTOS O TEÓRICOS

9 - ¿Usted podría, por favor, indicar los autores de la Documentación española con contribuciones en las lineas semiótica y lingüística?

GUIÓN DE ENTREVISTA – INVESTIGADOR EN LINGÜÍSTICA

I - LA LINGÜÍSTICA Y LA SEMIOLOGÍA EN ESPAÑA

1 - ¿Cómo fue la introducción de la Lingüística y de la Semiologia en España? (contexto y fechas importantes)

2 - ¿Cómo fue el desarrollo de las teorias lingüístico-semiológicas en el ámbito de España? (contexto y fechas importantes)

3 - ¿Cuáles fueron las principales obras y autores que divulgaron estas teorias en España?

II - CONCEPTOS LINGÜÍSTICO-SEMIOLÓGICOS

4 - ¿Según su opinión, cuáles son los conceptos lingüístico-semiológicos más reconocidos/importantes en el contexto universitario espanol?

5 - ¿En su comprensión, cuál es la situación actual de las ideas lingüístico-semiológicas en España?

III – APLICACIONES

6 - ¿En su opinión, en cuales otros campos del conocimiento los conceptos lingüístico-semiológicos suelen ser utilizados en España?

[OBSERVAÇÃO: ESTE ROTEIRO DE ENTREVISTA NÃO FOI UTILIZADO, POIS O ENTREVISTADO NÃO PERMITIU O REGISTRO DAS RESPOSTAS, CONTUDO FOI UTILIZADO PARA GUIAR A CONVERSAÇÃO.]

GUIÓN DE ENTREVISTA – INVESTIGADOR EN SEMIÓTICA PEIRCEANA

I - LA SEMIÓTICA PEIRCEANA EN ESPAÑA

1 - ¿Cómo fue la introducción de la Filosofía de Charles Peirce en España? (contexto y fechas importantes)

2 - ¿Cómo fue el desarrollo de la Semiótica de Peirce en el ámbito de España? (contexto y fechas importantes)

3 - ¿Cuáles fueron/son las principales obras y autores que divulgaron las ideas de Peirce en España?

II - CONCEPTOS SEMIÓTICOS

4 - ¿Según su opinión, cuáles son los conceptos de la Semiótica de Peirce más reconocidos/importantes en la filosofía hispánica?

5 - ¿En su comprensión, cuál es la situación actual de los estudios del pensamiento de Peirce en España?

III – APLICACIONES

6 - ¿En cuales campos del conocimiento los conceptos de Peirce suelen ser utilizados en España?

APÊNDICE C

TRATAMENTO DOS DADOS DISCURSIVOS DE ESPECIALISTAS EM DOCUMENTAÇÃO

DSC I - TEMAS DE PESQUISA

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	No início inclinou-se à perspectiva linguística A Atualmente prefere aproximações mais críticas	En general, es la teoría que se ocupa del estudio de los signos, indicios, símbolos, etc. pero también fundamentalmente, en compañía de otras aproximaciones, de las claves de la producción de sentido (y de ahí su interés para mí). Considerando la lingüística estructural saussureana como parte de su Semiología, el interés en España surge, en los años ochenta, por la necesidad de estudiar y solucionar los problemas de herramientas documentales como el análisis o los lenguajes documentales desde perspectivas morfosintácticas y semánticas fundamentalmente estructuralistas.Un gran desarrollo e impacto académico en Europa de las bases de datos científicas y profesionales en los años setenta y ochenta estudiadas desde un mero modelo funcionalista (informe Unisist de UNESCO, Chaumier, Briet, Van Slype y George Van Dijk…) a la par que un auge de la lingüística francesa de la mano de Pottier, Greimas y de algún modo Pêcheux entre muchos otros. En España, los estudios de documentación surgieron bajo el paradigma positivista otletiano que de algún modo se mantiene alimentado y adoptado actualmente por los propios avances tecnológicos en materia de información. Personalmente me incliné por la perspectiva lingüística a inicios de los ochenta, en mi tesis doctoral de1982, para introducir observaciones de una disciplina distinta a la documentación y contribuir de ese modo a algo que se llamó (y todavía alguno lo hace) Lingüística documental. Sin embargo, a mi modo de ver las aproximaciones que trabajan desvinculadas de lo cultural, de lo político, de lo social respecto a un objeto como la información/documentación o a sujetos supuestamente objetivables como los documentalistas, etc. olvidan el alto valor simbólico e ideológico de los materiales que manejan y productos que elaboran. Así pues, empecé a interesarme por las aproximaciones críticas, antropológicas, sociológica e incluso de la teoría política al mismo objeto aprovechando mi forzado cambio de área deconocimiento (de documentación a comunicación) al trasladarme de la Complutense a la Universidad de Sevilla en 1992. En comunicación, las cuestiones ideológicas o la mediación no suelen separarse del objeto de estudio.
2		L2: ¡Uy!, es muchísimo el tema. Yo empecé haciendo la tesis sobre clasificación. Hice una historia de la clasificación en España, de los sistemas de clasificación que la titulé: "Sistemas de organización del conocimiento" y esto lo publiqué en el año 96. Fundamentalmente, me he dedicado a la CDU, en lo que trabajo fundamentalmente es, bueno, muchos años he trabajado en la CDU. Soy la que hace las adaptaciones y traducciones de la CDU en España, pero no sólo de la CDU sino de las normas de la guía de uso, las normas, etc. O sea, desde hace muchos años, soy quien actualiza la CDU, la adapta etc., que es un trabajo impresionante. Tiene muchísimo… (...) L2: Luego, he publicado bastantes cosas sobre los sistemas de clasificación, estos hace muchos años, porque claro, llevo muchos años, fundamentalmente sobre la CDU. Trabajo también en el Consorcio Internacional de la CDU, pertenezco al Consorcio. Y luego he trabajado hace muchos años sobre Ranganathan, porque para entender bien los sistemas de clasificación, tienes que conocer bien a Ranganathan sobre todo la parte teórica; los fundamentos de clasificación y los prolegómenos de clasificación. Después, he hecho

		cosas más teóricas. En principio fue la clasificación, luego me he dedicado a la CDU, luego a Ranganathan y luego he trabajado ya más temas de organización del conocimiento, de cuestiones teóricas y epistemológicas, que he estado muchos años trabajando esos temas de cuestiones teóricas y ya temas más especulativos y más generales; de tecnologías, organización…, más generales, pero vamos yo empecé lo que es la clasificación. Y en la actualidad, soy la Presidenta de ISKO España y Portugal que nos hemos unido y no sé qué más contarte… Que trabajo temas también de epistemología, la Organización del Conocimiento y Epistemología desde un punto de vista teórico. L2: Es que no sé lo que entiendes tú por estudio… L2: No, yo lo trabajo desde un punto de vista teórico, teórico de lo que es la Organización del Conocimiento, o sea, ¿qué significa Organización del Conocimiento? L2: Eso son un poco las líneas mías de trabajo. A ver, que son muchos años, que yo empecé en el año ochenta y tantos. Entonces, claro, he ido evolucionando los temas. L2: Con tantos años, vas evolucionando, vas cambiando los temas. L2: Sí, sí. Ahora estoy más en los temas teóricos. L2: Sí, sí. Estoy empezando a trabajar eso. Hemos creado o he creado un Instituto de Estudios de Género en la Universidad y en el Instituto estamos trabajando, se trata de en cada materia investigar con perspectiva de género, o sea, meter temas de integración, de igualdad y con perspectiva de género. Y entonces somos gente de todas las áreas: de Derecho, de Políticas, de Ingeniería, de Periodismo y yo que estoy de Biblioteconomía. Dani también pertenece al Instituto, que estaba aquí cuando se creó, Daniel Martínez Ávila. Y es muy interesante, claro, porque todos los lenguajes y toda la organización son muy sexistas, muy segregacionistas, muy exclusivistas. Y yo creo que en España no se trabaja tanto eso ¿no?, la segregación, pero yo creo que en América Latina… L2: No. Se trabaja más lo que es el sexismo y el segregacionismo en los lenguajes. Aquí en España quién lo ha trabajado es García Gutiérrez. L2: Sí, sí. Ha habido muy poquita gente, pero alguna persona lo ha trabajado. Lo ha trabajado Blanca Rodríguez, el que más lo ha trabajado… L2: O sea, el que más lo ha trabajado desde un punto de vista más profundo, es García Gutiérrez, lo que es el segregacionismo y el sexismo en Organización del Conocimiento.
	Trabalha menos as teorias linguísticas B	L2: Yo trabajo menos la lingüística, o sea, porque dentro de que imparto tanto clasificación como indización y encabezamientos de materia. Me dedico desde un punto de vista investigador más a la clasificación que a los encabezamientos de materia. Entonces, los encabezamientos de materia están más vinculados con la lingüística. Nosotros procedemos fundamentalmente de dos áreas: los que vienen de lingüística, se han dedicado más a lenguajes documentales, a lo que se da en lenguajes documentales, encabezamientos de materia, y tesauros y los que venimos de, yo vengo de filosofía, estamos más en Organización del Conocimiento en teoría y en clasificación o tienes más esa formación. L2: Yo soy licenciada en filosofía y ya doctora en el área de Biblioteconomía y Documentación. Soy doctora en Comunicación en la Facultad de Ciencias de la Información. L2: En Complutense porque ésta no existía. Claro, esta Universidad tiene veinticinco años, yo vine aquí pero no había doctorado todavía. Entonces, no la pude leer aquí, aunque ya estaba trabajando aquí. Tuve que ir a leerla a la Complutense.
3		L2: Pues yo creo que destacaría cinco trabajos en los que he estudiado el uso de los lenguajes controlados en sistemas de

	Não trabalho com os temas de semiótica e linguística B	información y, en concreto, me he fijado en los sistemas de información jurídica como te decía, porque habían sido poco estudiados y me interesaba saber cómo se trataba un lenguaje en algunos puntos muy especializado, pero en otros muy genérico porque un sistema de información jurídica ha de servir para juristas, pero en muchos casos también para ciudadanos. Y lo he tratado en varios trabajos, llegando a conclusiones dispares, a que no se ha profundizado demasiado en el desarrollo de lenguajes controlados puramente jurídicos y en muchos sistemas nos hemos quedado solo en listas de palabras controladas, no realmente en tesauros más profundos. Y, siguiendo con esa línea de trabajo, contacté con un grupo de investigación de la Universidad de Valladolid, desde el ámbito de la informática y desde el ámbito jurídico y hemos trabajado en la representación de lenguajes controlados en SKOS -Simple Knowledge Organization Systems-, es decir, cómo trasladar estos lenguajes controlados tradicionales en nuestro ámbito a la web semántica, cómo reutilizar estos lenguajes, cómo ponerlos en la web, cómo mejorar la recuperación semántica. Y sobre este punto hemos publicado un par de trabajos, primero sobre la representación del tesauro Eurovoc, que es el tesauro que se utiliza en la Unión Europea para la base de datos EUR-lex y que utilizan muchos parlamentos españolas también para sus propias bases de datos legislativas, cómo trasladarlo al formato SKOS. Y de ahí hemos derivado a un par de trabajos que se han publicado este mismo año sobre cómo han evolucionado las herramientas tecnológicas para construir tesauros y se han adaptado a la presentación de los lenguajes en SKOS, en un lenguaje que nos permite la recuperación semántica. Y estas serían las líneas en las que hemos trabajado, más tecnológico tal vez, más dirigido a la recuperación de información que a la idea conceptual de lenguajes que imagino que es más la idea que tú traes de línea de investigación. Mi preocupación es qué puedo aportar yo ahí. L2: Como te comentaba, digamos que la orientación de los trabajos a los que me he referido sobre el uso de vocabularios controlados, sean tesauros o sean solo listas autorizadas de términos, se ha dirigido más a la parte práctica, a cómo se incorporan esas herramientas en sistemas concretos de recuperación de información que, digamos, al interesantísimo debate conceptual sobre las relaciones con la Lingüística, con la Semiótica en general. En cualquier caso, mi primera formación universitaria fue precisamente en Filología y en Lingüística entonces me imagino que algo de eso haya quedado en el interés por estas cuestiones, pero realmente digamos que no he trabajado ni he profundizado en la línea conceptual a la que imagino que te refieres. L2: Interrelacionado, vamos a decir que sin la relación con el lenguaje no podemos hablar de vocabularios controlados, sin entender eso o sin entender tampoco cómo interactúa luego el usuario con esos lenguajes controlados que les presentamos en los sistemas de recuperación, que es una parte también yo creo que muy importante la usabilidad de estas herramientas de lenguaje controlado incorporadas a sistemas para el usuario final, no solo para el especialista que crea ese vocabulario y que le sirve para indizar, sino para el usuario final que quiere recuperar información utilizando ese vocabulario general.
4		L2: Bueno, relativos al Lenguaje en la Documentación mis trabajos se han encaminado en dos líneas, una relacionada con la representación de las imágenes, los documentos visuales y audiovisuales, sobre todo, y otra relativa a la representación de la mujer y de los aspectos relativos relacionados con la mujer y con lo femenino también en los lenguajes documentales. Básicamente, son las dos líneas que he trabajado. Y en la elaboración de tesauros, mira, hay una tercera línea referente a la elaboración de tesauros,

	Não se aprofunda nas teorias linguísticas B	no serían dos, serían tres. En esta última no he vuelto a trabajar desde hace diez años, desde 2004, por eso ahora mismo ya no lo tenía presente. Esas tres líneas. L2: La verdad es que nunca he profundizado mucho en las teorías lingüísticas, más bien en los aspectos un poco en la periferia de las teorías lingüísticas porque los lenguajes documentales están un poco en la periferia. Evidentemente, tienen una base lingüística, pero bueno, he profundizado más en lo que es la aplicación, su utilidad o sus funciones en los servicios documentales que en sus fundamentos lingüísticos, incluso más en los aspectos documentales que en los lingüísticos. L2: Sí, a mí eso me interesa, la verdad es que me interesa cómo el lenguaje condiciona el pensamiento, sí. Yo creo que lo condiciona mucho.
5	Inicialmente trabalhou com teorias estruturalistas voltadas ao texto A	L2: Na documentação. Sim, talvez a obra principal seria uma feita sobre... o resumo, que no ano 91, a partir das teorias estruturalistas. Mas é uma obra, é difícil viu, não vende muito, quero dizer é difícil de compreender, é pouco aplicada. Só a parte final que tem uma aplicação certa, mas o que eu tentava era explicar o procedimento que depois acabou, eu não esperava que acabasse lá, eu não tinha nem ideia, nas ontologias. Mas era como se fazem os textos, é como os textos tem que ser desfeitos, para chegar a sua representação na nossa área. Eu compreendi que era uma obra... eu acho que eu fui além do necessário na parte de epistemológica. Eu acho, com os anos {a gente volta a ver, mas criticar o que tem feito}. E depois tenho trabalhado muito com a gente de computação. Essa gente de computação vai pelos caminhos de fazer esquemas lógicos, esquemas conceituais para vocabulários semânticos. Então, agora mesmo estou tentando fazer uma aplicação taxonômica e tenho feito a taxonomia, precisamente do vocabulário desse serviço, vocabulário dos assuntos que cada ano são atendidos nesse lugar onde chamamos "*oficina*" em espanhol, "*Oficina del Defensor Universitario*", é toda a vida universitária, tenho já feita a parte de vocabulário, mas não tenho feita a parte {enlace 0:02:53.5} vocabulário. Ou seja, esquemas, precisamente, a transformação da taxonomia em uma ontologia. L2: Como arrumar o seu conhecimento, bem objetivo. Taxonomia, tem feito um standard para que a loja de Madrid, a loja de Zaragoza, chamem do mesmo jeito as mesmas coisas e... L2: Y es más sencillo de lo que parece. Es más sencillo hacer eso que hacer una taxonomía de un área académica o científica. La taxonomía mía es complicadísima porque las clases, ¿de dónde las cuelgas? Aquí toda la vida universitaria genera problemas aquí: docencia, investigación, salarios, contratos, trato personal, todo llega aquí, es la vida entera, todo lo que hay en la universidad. Y hacer eso una clasificación acertada es duro, incluso utilizando facetas, es muy complicado. Incluso cosas que he publicado en Brasil, yo creo que en el año 2012, que no hace tanto, era todo también relacionado con aplicaciones de Taxonomía solo que al mercado de trabajo. Es una idea que quería continuar, pero no sé si tengo fuerza y ganas. Bueno, me he extendido mucho en la primera.
	papel das teorias semióticas e linguísticas é fundamental A	L2: Hombre, pues yo pienso que el papel es fundamental, es decir, tienes que preguntarte lo que mal llamábamos lenguajes documentales porque no llegaban a ser lenguajes. Vamos a ver, me explico: de alguna manera son lenguajes porque se derivan de aplicaciones lingüísticas, pero no es un lenguaje completo, entonces vocabulario también lo reduce solo a las palabras, a los términos y es demasiado reduccionista porque es un vocabulario, pero tiene algo más que son las relaciones como poco, e incluso cada vez se va más hacia un lenguaje, es curioso. Y sin embargo, el nombre moderno o más nuevo es vocabulario y no el antiguo, lenguaje.

	prefiro chamar de semântica e não semiótica A	Tienes que tener una base porque desde el momento en que empiezas a trabajar con elementos de esos antiguos lenguajes, actuales vocabularios, tienes que saber qué es una sinonimia, qué es una polisemia, que es singular y plural. En el plano docente, tú cuando en clase dices "sintaxis y morfología", los alumnos dicen: "¡Oh!" Claro, pero tienes que tener una base lingüística y, desde luego, una base semiótica porque si vamos hacia ontologías, te vas a mover con conceptos. Luego por tanto semántica o semiótica, pero yo diría más semántica que semiótica, fíjate, pues tienes saber, tienes que tener unos apoyos, unos fundamentos que no tienen por qué ser como un especialista en Lingüística, pero sí que tienen que ser un poco orientadores de todo lo que hagas después.
6	papel das teorias semióticas é total A	L2: ¿Hasta este momento? Bueno, pues yo tengo un concepto extendido de lo que es lenguaje documental y a lo que me dedico ahora es a estructuras textuales dentro de los lenguajes, entiendo estructuras conceptuales, estructuras macrotextuales y, dentro de estas últimas a lo que me dedico actualmente es a los sistemas de resumen documental desde contextos especializados. Actualmente, estamos con patrones de resumen en dominios médicos, patrones de resumen para la nota clínica y también para la historia clínica desde los procesos de Enfermería y los estudios de caso en Medicina. L2: Totales, para mí son muy importantes porque pienso en Teoría de la Documentación y, a continuación, en mi cabeza aparece el concepto de semiosis, de Semiótica Documental, o sea, yo lo asocio con la Teoría de la Documentación en general, es verdad. Yo partiría del hecho semiótico para relacionar todo el concepto de proceso de comunicación documental.
7		L2: Mi principal tema de investigación es la minería de textos. Las técnicas de minería de textos, *text-mining*, constituyen métodos emergentes que sirven de soporte para el descubrimiento de conocimiento que poseen los datos almacenados. La minería de textos está orientada a la extracción de conocimiento a partir de datos no estructurados en lenguaje natural almacenados en las bases de datos textuales. Se identifica con el descubrimiento de conocimiento en los textos y se le denomina comúnmente *Knowledge-Discovery in Text* (KDT). Tanto la minería de datos como la minería de texto son técnicas de análisis de información. La minería de texto adopta un enfoque semiautomático, y establece un equilibrio entre el análisis humano y el automático (antes de la etapa de descubrimiento de conocimiento es necesario procesar de forma automática la información disponible en grandes colecciones documentales y transformarla en un formato que facilite su comprensión y análisis). Las técnicas de la minería textual se estructuran básicamente en tres etapas: 1) etapa de pre-procesamiento, en la que los textos se transforman en algún tipo de representación estructurada que facilite su análisis; 2) etapa de representación, que dependerá de la técnica de pre-procesamiento utilizada y determinará a su vez el algoritmo de descubrimiento a utilizar; y 3) etapa de descubrimiento, en la que a partir de una representación estructurada de la información, se aplican usa serie de algoritmos capaces de descubrir regularidades en los textos, es decir, se identifican las relaciones entre las entidades a través de análisis de coocurrencia, técnicas de *clustering*, clasificación automática y visualización gráfica. Mis publicaciones están relacionadas con todos los procesos implicados en la técnicas de minería de textos, en especial de los textos biomédicos, como: identificación y extracción de determinadas entidades (nombres personales, instituciones, términos temáticos, nombres de fármacos, genes o enfermedades) con el objetivo de procesarla para extraer conocimiento de las bases

	Iniciou-se pela linguística textual, mas atualmente trabalha com tratamento automático da linguagem A	de datos. En la primera fase de las técnicas de minería de textos (fase de pre-procesamiento) es necesario la aplicación de técnicas lingüísticas, tales como reducción de términos a la raíz, o técnicas de *stemming*, identificación de sintagmas nominales a través de Técnicas del Procesamiento del Lenguaje Natural (PLN) y normalización o reducción de variantes de términos. L2: En mis primeras investigaciones, la Lingüística Textual fue mi principal interés. Sin embargo, en mis investigaciones actuales son de gran importancia las teorías lingüísticas relacionadas con el procesamiento automático del lenguaje. Claro que, una vez procesados los textos de forma automática es necesaria su interpretación, pero este último aspecto no entra en mi ámbito de investigación.
8	Não trabalho com os temas de semiótica e linguística B	L2: Bueno. Yo creo que todo lo que son los estudios de Biblioteconomía y Documentación pues han cambiado mucho en los últimos años. Entonces realmente la pieza que ha cambiado justo más en todo esto es la parte de análisis, indexación… que tiene relación directa con lo que es la parte del lenguaje. Esto, con todo el tema de Internet y con todo el tema de la documentación digital y todo lo que es la analítica Web, cada vez es más importante. Entonces, realmente ahora mismo es una profesión que casi todos los profesionales que están ahora trabajando y en lo que se forma y en lo que se estudia, va muy encaminada a todo este bloque digamos de análisis lingüístico, indexación, metadatos, Seo, Sem… Todos los estudios están muy enfocados a que los profesionales salgan con muchos conocimientos sobre esto porque realmente es lo que más se está utilizando ahora a nivel laboral. Todo lo que es búsqueda por Internet, todo lo que es la parte de tratamiento de información; sistemas de información y analítica, métrica, todo va basado en la parte de lingüística. Entonces es importante eso poder formar a los alumnos para que realmente salgan con esto. L2: Yo, ninguna. Yo no trabajo con ello, pero la gente que trabaja aquí en estos temas, yo creo que sería mejor que hablaras con esas profesoras para que te dieran esos datos. Pues, bueno, la gente que {aquí ha dado} de indexación y todo esto son Antonia Ferrer, Fernanda Peset, que son más de ese campo y ellas te pueden indicar. Yo es que nunca toco ese tema porque no es el mío, entonces te voy a dar nombres que no tocan.
9	Tema importante A	L2: Bueno, pues mi preparación como te decía anteriormente, no es puramente lingüística, esto digamos que derivó después de yo entrar en la universidad, es cuando me empecé a preparar más en este campo porque provengo del área de Ciencias de la Información, periodismo concretamente, de la especialidad en periodismo. L2: Por supuesto, por supuesto, sí, sí, sí. Obviamente y sobre todo digo los horarios, no había fines de semana, era muy duro, entonces… Y, desde luego, cuando yo tuve la posibilidad de elegir entre las diferentes disciplinas que se impartían en documentación, no tuve ningún género de dudas porque es algo que me ha gustado siempre mucho, esto de la lingüística aplicada en este caso a la documentación, no sé si se puede llamar lingüística aplicada o cómo. Pero, bueno, según García Gutiérrez un experto que conocerás del área aquí en España, pues parece ser que sí que se le puede considerar como tal. L2: Pues en mis investigaciones y en mi docencia. Bueno, obviamente están estrechamente ligados. Pero para mí fue un descubrimiento la ciencia del texto de Van Dick que me abrió puertas, sobre todo para los modelos de representación del conocimiento y más, incluso, para el ámbito del resumen documental. Para mí fue clave, me ha ayudado muchísimo, ayuda mucho a mis alumnos en la gramática de casos y todo esto y, vamos, para mí es un referente importante.

10	Tema importante A	L2: Lo que más se acerca de lo que hacemos ahora a nivel de investigación es a cuestiones de la Web semántica, porque como la Web semántica ha de trabajar con vocabularios, bueno, con vocabularios; de datos y también con estructuras de la información y tal. Pues ahí sí que podemos aportar. Vamos a ver, este proyecto concretamente, Web semántica lo estamos viendo más o menos desde el año diez, o sea, del 2010, que sabes que… Bueno, no sé si sabes porque veo que eres de otra línea. La normalización del nombre de los firmantes en Biblioteconomía y Documentación. Esto lo convertimos a Web semántica y luego FAO por su parte y más [ininteligible 0:02:45] presentó Agribock que es su Tesauro para la base de datos Agris. Bien. Por ahí seguimos viendo algo de Web semántica y pusimos en marcha un proyecto que es un diccionario de científicos y humanistas valencianos en el siglo XX y nuestro papel ahí era no aportar contenidos, sino que fuera interoperable con la Web semántica. L2: Pues bueno, esto con respecto a la Web semántica. Y de Vestigium sale una tesis que se ha leído ahora en enero, con todas estas cuestiones… No es exactamente lingüística, pero sí que el tema de las ontologías trata esto. Y en cuestión de, bueno, ontologías o cómo se llame, e-LIS que es el archivo abierto, es eso, Biblioteconomía y Documentación se indexa… [0:07:22] *of Library and Information Science*. L2: Pues va contra un lenguaje documental para indizarlo. Tienes una clasificación que se llama {JITA} y ésta también la convertimos a Web semántica hace dos o tres años, no me acuerdo. Ahora mismo no está implementada la semántica, pero la versión sí. Bueno, pues esto es más o menos lo que hacemos con respecto a lo que a ti te interesa. Luego hacemos otras cosas, o sea, el proyecto que tenemos ahora no tiene nada que ver *especialmente* con eso. L2: Pues yo tengo una opinión muy propia, que es que las personas que venimos del mundo de la Biblioteconomía y la Documentación, pues tenemos un bagaje, una experiencia y un saber que no lo tienen otras profesiones y entonces lo que veo que hacen otras profesiones, muchas veces deja mucho que desear. Cada vez va mejor, yo no he hecho ningún estudio sobre ello, estos son opiniones puras ¿eh? El problema también que detecto es que nosotros utilizamos unas herramientas muy sofisticadas; tesauros, lenguajes controlados de otras clases y tal. Y entonces, la gente que hace Web y tal, tiene que ser mucho más ágil, si tú ves las ontologías que derivan del mundo, pues del {V3 Consortium} y tal, son menos complejas, claro. Nuestra profesión se ha basado en la calidad, pero la calidad, tanta calidad que nadie sabe usarlas, la CDU por ejemplo, yo he sido profesora de catalogación. La CDU, la Clasificación Decimal Universal.
11	Tema importante A	L2: Ya. Bueno, vamos a ver. Yo fui profesor de Lengua Española durante varios años a nivel de Enseñanza Media. Di también cursos de Actitud Pedagógica para maestros que tenían que reciclarse, pasar de un ciclo a otro y eso pues me obligó a leer bastante, a estudiar bastante, porque mi formación es de filosofía, no es de…, aparte de la formación humanística, yo soy doctor en filosofía. Entonces, leí bastante, estudié bastante de lingüística, di muchas clases de lingüística y entre la lingüística y la lógica, pues hay relaciones obvias, relaciones obvias, {un problema en} las relaciones, pues ya es un problema serio ¿no? Todo el estudio… el control del lenguaje ordinario a nivel de corrección, la lingüística básicamente, la gramática, a nivel de control de verdad, pues me preocupó siempre, o sea que hay una relación entre la lógica y la lingüística. De hecho, por la época en la que yo escribí "Concepción lógico-lingüística de la documentación", estaba emergiendo una interdisciplina que era la lógico-lingüística y fue la que dio título,

		especificó el título del libro ¿no?: concepción lógico-lingüística de la documentación. No era lógica, no era lingüística, era pues una tierra intermedia que ya digo, estaba en ebullición en el momento en que yo pues escribí ese libro y varios artículos que aparecieron con los nombres de Félix y el mío. La época pues en los ochenta, 84-85. Fue una fase en la que yo pues escribí sobre documentación inicialmente sobre documentación.
12	Tema importante A Tema importante A	A mí me interesó siempre mucho combinar esta parte de lo que es la base lingüística con la carrera que yo hice para ganarme la vida, que era de bibliotecaria. Y por tanto, lo que más me interesó de la carrera fue siempre la parte de indización, de organización y de recuperación a partir del lenguaje y del significado. En la facultad yo entré para estas materias que eran las que me habían interesado y entré a partir de la experiencia, sobre todo, en el centro de terminología. El centro de terminología para el catalán trabajaba en una línea bastante conceptual, daba mucha importancia a los conceptos, a Eugène (Inaudible 0:02:47) y, por tanto, yo veía que mi trabajo allí había sido no solamente de la parte de documentación… L2: Esto fue antes de 1985. Yo entré en la antigua escuela en el curso 88-89 y estuve en el TERMCAT, en el centro de terminología, cuando mi hijo ya había nacido, por tanto, desde 1985 hasta 1988 o 1989 porque estuve un tiempo haciendo las dos cosas. Yo empecé aquí dando la asignatura de terminología científica, que entonces la teníamos, pero ya enseñábamos a estructurar el conocimiento, es decir, tipos de conceptos. L2: Sí, en la diplomatura transformamos esa asignatura que se llamaba Terminología Científica y que había sido más bien casi una historia de la ciencia, o sea, había sido familiarizarse con conceptos de las áreas científicas y de su evolución con herramientas para analizar el significado y para reconocer cómo se representa. La última transformación en esta línea mía fue cuando me inscribí en un curso de doctorado porque después de pasar la universidad pensé que, una vez pasadas las oposiciones, iba a intentar hacer la tesis. Y me inscribí en un curso de doctorado sobre ciencia cognitiva y lenguaje porque yo había continuado mis intereses, mis lecturas y me interesaba mucho {Lakoff} que era la parte más metafórica, más de contexto. Y en ese postgrado… Actualmente estoy dando una asignatura que se llama Fundamentos de Cognición Humana en el Grado de Información y Documentación porque entendemos que entender al usuario y el lenguaje es también entender cómo piensa y las sensaciones, el lenguaje está también impregnado de la forma de sentir y, sobre todo, del espacio, de cómo reproducirlo en la pantalla, lo hemos fusionado bastante con una asignatura muy de base a partir de aquí. También influye mucho que la capacidad de análisis de los alumnos es bastante reducida, va bajando, y entonces ahí quizá {entramos} por otra parte. L2: A ver, yo creo que estaba un poco en lo que hemos comentado antes. Yo he necesitado esta teoría, creo que es muy importante y encuentro que se ha tardado bastante. Yo me he basado mucho en literatura anglosajona, que es bastante práctica y les ha costado un poco coger una parte de sustrato teórico e importarla. El manual de Taylor, uno de organización del conocimiento que lleva no sé cuántas ediciones, un manual clásico, yo diría que hará menos de diez años que incorporó la categorización mental, hasta entonces se hablaba de las categorías Platón, Kant y punto. Por ejemplo, la categorización de Leonor Rogers del año 60 y o Dick Stein, desde el punto de vista filosófico, desde todas las disciplinas se llega a decir que no hay unas categorías cerradas, sino que hay unas fronteras permeables.

13		L2: No, pero aunque no lo hayas leído, está el *Information Research*, aquí lo tienes, es éste: *Consistency between indexers in the LILAC database*. Lo hicimos Mónica, un profesor de estadística de aquí y un chaval que se llama Javier Valles Valenzuela, que es bibliotecario en México. He trabajado en eso y sobre el resumen documental fundamentalmente. También trabajé sobre la CDU, la Clasificación Decimal Universal. Supongo que conocerás la obra porque seguramente te la habrá citado Mónica. También tengo algún estudio comparativo entre la CDU y los tesauros, trabajos sobre lenguaje documentales, técnicas de indización, calidad de indización, relación entre la consistencia de la indización y la calidad en la recuperación de la información. El artículo que te acabo de mostrar intenta mostrar la relación existente entre distintas variables y la consistencia de la indización y, por ejemplo, la relación entre la longitud del documento, la consistencia de la indización, la presencia o ausencia del resumen y la consistencia de la indización, es decir, las variables que enunció Lancaster, que pueden influir en la calidad de la indización, he intentado medirlas o evaluarlas en la base de datos LILACS para ver cómo afectan a la consistencia de la indización y a la calidad y recuperación de la información. He trabajado en eso, sobre todo en la CDU. En lenguajes documentales tengo algunas cosas genéricas, pero donde más me he centrado es en la Clasificación Decimal Universal. También he participado, junto con otro compañero de por aquí, Juan Antonio Pastor, en la revisión de la norma para la construcción de tesauros y adaptación a la lengua española Tema importante A L2: En mis estudios yo he procurado utilizar, en la medida que me ha resultado posible o que se ha adaptado al objeto de mi estudio, algunos de los conceptos teóricos expuestos por el Dr. José María Izquierdo Arroyo, como el de tratamiento documental de contenido y la clasificación de los lenguajes documentales. Hace años hicimos juntos una clasificación, una tipología de los lenguajes documentales que aparece recogida en el libro sobre la CDU. He intentado utilizar algunos enfoques lingüísticos, pero tampoco me he metido muy en profundidad con el tema de la lingüística o los aportes lingüísticos al estudio de los lenguajes documentales o del resumen documental, quizá porque los aspectos que he tocado o en los que me he centrado del resumen documental no requerían un manejo muy en profundidad de determinadas fuentes lingüísticas, pero sí alguna literatura de ciencias del lenguaje, sobre todo la lingüística de género que tanto Mónica como yo, y alguna otra que está por aquí, hemos utilizado en mayor medida para la elaboración o el enfoque de lo que nosotros consideramos que debe ser el resumen documental, la lingüística de género de John Swales y otros, sí que la hemos utilizado en cierta medida. Tema importante A L2: Más que una aportación concreta de la Semiótica, hemos intentado llevar, porque yo he trabajado con Mónica, algunos conceptos expuestos por José María Izquierdo como el que te he comentado de tratamiento documental de contenido, la caracterización misma del concepto de indización y del resumen, como dos operaciones profundamente interrelacionadas que tratan de representar el contenido informativo del documento de una manera, digámoslo así, opuesta en cierta medida a lo que es la descripción formal del documento que identificamos en mayor o menor grado con la descripción física o externa de éste que suele llamarse catalogación, pero no deja de ser un enfoque. Que yo sepa, no hemos utilizado una literatura semiótica, propiamente dicha, en profundidad, para desarrollar mis análisis o investigaciones.
14	Tema importante A	L2: Vamos a ver, lo que pasa es que lo que yo he trabajado sobre lenguaje va todo orientado en hacia el procesamiento automático de lenguaje, de texto, de documentos textuales. Fundamentalmente,

		orientado hacia la indización automática de esos documentos, la clasificación automática de esos documentos y la extracción automática de información de esos documentos. L2: Yo creo que no, al menos que yo conscientemente lo sepa. Es decir, la mayor parte del trabajo que yo he hecho es un trabajo que fundamentalmente tiene una base estadística, más que semiótica. L2: En algún momento sí. En algún caso también, efectivamente, sí, sí es posible, es decir, de estructura lingüística a partir de determinadas estructuras que se encuentran en los textos, de extraer algún tipo…, identificar, por ejemplo, entidades, instituciones, personas que aparecen en los textos, utilizando la estructura sintáctica y morfológica. En parte, parcialmente, sí, sí es posible, sí.
15	Tema importante A	L2: Realmente, la relación de mi investigación con el lenguaje ha sido continua, desde distintas perspectivas, pero siempre ha estado ahí, de alguna manera, desde mis primeros artículos que hacían siempre referencia a la lingüística, hasta los más actuales que ya abordan la organización del conocimiento desde análisis del dominio, pero yo elijo el método terminológico, por ejemplo, para representar y organizar el conocimiento. Entonces, para mí ha sido una línea que no se ha interrumpido a lo largo del tiempo desde el punto de vista de la terminología más que de la lingüística general. Hace tiempo trataba más de los lenguajes documentales y de cómo abordar la semántica, la morfología, la normalización, el significante y todo ese tipo de cuestiones. Ahora estoy más centrada en uno de los aspectos que utilizó en mi investigación, que es el estudio de la terminología para la representación y la organización del conocimiento, o sea, que hay un poco de diferencia, pero al final la lingüística está de alguna manera. L2: Bueno, vamos a ver, ¿te refieres exactamente a cuáles son mis conclusiones, a dónde he llegado con eso? Yo creo que tiene una importancia esencial. A mí me parece que sobre la semántica pivota absolutamente todo porque es el significado y entonces el tratamiento del significado todo lo que hacía {Novak} con el significado y para mí la semántica tiene un papel esencial en todo lo que hacemos, porque al final todo redunda o va ahí. Y bueno, pues todo lo que hemos visto alrededor de los cambios en la consideración de la semántica, que si es más importante, que si no lo es tanto, que si cuando yo llego a Internet no se le concedió importancia, después se vio que fallaba, ahora se ha vuelto con la web semántica, ¿Por qué no se puede traicionar el significado? Porque si lo traicionas, no tienes nada. Entonces, para mí es absolutamente esencial que en todos los estudios que se hagan se tenga cuidado y se vele por el significado, pero el significado para mí contextual. Por eso los primeros artículos estos que te digo que eran de tipo más general están bien porque hay que hacerlos, hay que saber ciertas cosas, sobre todo de cara a los estudiantes que tienen que empezar a aprender, pero luego eso se queda muy pequeño y no aborda realmente los problemas que se están dando. Entonces bueno, yo que no soy generalista, sino que soy más de dominios, pienso que a la semántica se le puede sacar o dar el valor que tiene dentro de un contexto. Yo tengo muchos artículos míos que no son sobre semántica, que no dicen expresamente "la semántica", pero todos tienen semántica. Yo me acuerdo de un artículo que publiqué en el Journal Of Documentation, *Thesaurus Structure Design*, que era una nueva aproximación para hacer la estructura de un tesauro una vez que ya tenías todo el elenco conceptual extraído, era sobre instrumentos musicales y es pura semántica si me apuras porque mira, cuando tú construyes las categorías que representan un dominio, todo eso es semántica. Y a partir de las características de cada concepto, yo diseñé una

		estructura, unas categorías que después van en función de la frecuencia descrita y me dio una estructura absolutamente lógica porque resulta que tiene lógica el texto. Entonces, fue como una trasposición del texto en estructura, pero siempre con la semántica, si no respetas eso, no tienes nada, es mi opinión. O sea que fíjate si pienso que es importante y yo, si te soy sincera, solamente un par de veces he hablado de manera directa sobre semántica mencionando la palabra expresamente, pero siempre he hablado sobre ella, es ineludible. L2: Si tú te lees los artículos, te darás cuenta que está ahí. No, en mi caso desde luego sí está muy presente porque para mí, ya te lo he dicho antes, la semántica es la piedra angular de todo y, claro, yo lo tengo ahí siempre y vuelve y, aunque vaya buscando, pero ¿qué es una estructura, sino semántica?
16	Tema importante A	L2: Vale. Yo dentro de mi producción creo que hay dos bloques. Uno relacionado con herramientas de indización, o sea, con lenguajes documentales, que está presente en mi producción desde el principio en mi línea de trabajo, que está vinculada con una formación inicial en lingüística. Yo estudié Filología Hispánica y los estudios de filología se componían de estudios lingüísticos y estudios literarios. La primera de los lenguajes documentales ha sido una línea continua porque empezó desde el principio y uno de los últimos trabajos, uno de los últimos artículos que está pendiente de publicación es "Herramientas lingüísticas para la organización de la información en las bibliotecas escolares", que saldrá dentro de…, cuando quiera la editorial. L2: Pues ésta es la base de las dos líneas. Las teorías lingüísticas, yo después encontré un autor, Antonio García Gutiérrez, que sobre en trabajos suyos que yo consultaba al principio, daba un soporte a la base lingüística de las Ciencias de la Documentación. También he encontrado en Izquierdo, pero para mí fueron más importantes los trabajos de García Gutiérrez que los de José Mª Izquierdo. Sobre todo porque los trabajos de José Mª Izquierdo que tenían una base lingüística, no coincidían con la formación que yo había recibido y me resultaba poco operativo.
17	Tema importante A Não trabalho sob esta perspectiva B O significado é pouco relevante	L2: Vamos a ver, la mayor parte de la investigación ha estado relacionada con recuperación de información en la Web, básicamente en mi caso. Y en el caso de utilización del lenguaje, siempre es necesario cuando estás con recuperación de información hacer un tratamiento de la información textual con la que estamos trabajando. Toda la información siempre está centrada en utilización de texto completo, por lo tanto, no trabajamos con lenguajes controlados, pero la optimización de los motores de recuperación sí requieren de técnicas como pueden ser lematización o {steming}, mejorar el proceso de indización y utilizar algún tipo de ranking para hacer el posicionamiento de la información. L2: No. Normalmente no, normalmente no. L2: Con lenguaje natural. Claro, entonces, vamos a ver, lenguaje natural pero luego en el proceso de indización, se aplica por ejemplo, un {steming} y con eso generamos, generamos índice fundamentalmente. Por lo tanto, en nuestro trabajo, no estamos haciendo, lo que suelen hacer, por ejemplo, en procesamiento de lenguaje natural que hacen tratamiento más sofisticado, porque a nosotros nos funciona bien y además se está demostrando que se están recuperando un poco las viejas técnicas que son mucho menos costosas computacionalmente y que están dando tan buenos resultados e incluso mejores que tratamientos mucho más sofisticados. L2: No introducimos el factor de forma premeditada. Es decir, para nosotros, el significado a priori es menos relevante, pero

	B	explícitamente utilizando este tipo de técnicas estás consiguiendo eso, sí. L2: Vamos a ver, yo desde mi punto de vista, los lenguajes controlados adolecen de muchos problemas en el proceso de recuperación y estoy totalmente en contra de la utilización de lenguajes controlados personalmente. En determinadas situaciones creo que pueden ser útiles, pero no responden a la realidad y a las necesidades de información que tiene el usuario.

DSC II - HISTÓRIA DA SEMIÓTICA

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	Eco, Saussure, Ginzburg, Gonzalo Abril, Barthes, Fabbri, Deleuze, Derrida, Baudrillard, Maffesoli etc. A	Umberto Eco, Saussure, Carlo Ginzburg, Gonzalo Abril, Roland Barthes, Paolo Fabbri…También algunos posestructuralistas y posmodernos franceses que hacen hibridaciones transdisciplinares sobre cuestiones simbólicas y sígnicas como Deleuze, Derrida, Baudrillard, Maffesoli...
2	Não trabalho com semiótica B	L2: La semiótica yo no la trabajo. Pues mira, hay profesores muy buenos de semiótica, en Ciencias de la Información en la Complutense. L2: No en Documentación. L2: Sí. Hay un Departamento que yo creo que trabajan bastante en semiótica en Ciencias de la Información de la Complutense. En Documentación no hay, en España, no hay gente así que destaque y que esté especializado en semiótica. Sí que hay en Ciencias de la Información o de la Comunicación, fundamentalmente en la Complutense. Ahí sí que hay profesores especializados en semiótica. L2: Te lo voy a dar, te lo voy a pasar porque te lo voy a imprimir. L2: El listado y te voy a decir los autores que trabajan en cada área ¿sabes?, porque son muchos y esto nos facilita mucho el comentarte… Te los doy ahora y te los doy por escrito.
	história dos cursos de documentação	L2: Mira, en España los estudios de Biblioteconomía y Documentación especializados ya como carrera universitaria, al margen de Cataluña que crea en 1914 la Escuela y los Estudios en 1920, no los hacen estudios oficiales hasta la llegada de la democracia, hasta, no me sé exactamente la fecha, ahora han hecho los cien años, el centenario ha sido ahora en el 2014, exceptuando Cataluña, el resto surgen, la primera Universidad que crea los estudios de Biblioteconomía y Documentación la Universidad de Granada. Y luego ya se crean muchas, se crea en el 89. Y en esta Universidad en el 90, que yo estoy aquí desde el inicio, desde 1990. Y ¿qué me habías preguntado?
	Exílio de professores em documentação	L2: Sí, sí. ¡Ah!, bueno en España se crea… En España, durante la Segunda República hay un movimiento muy fuerte bibliotecario pero muy fuerte, muy fuerte e incluso en la Universidad Central, la que es hoy día la Complutense, sólo había doce universidades en España en ese momento, en los años treinta. Hay varias cátedras de Bibliografía, hay varias cátedras de Bibliografía y aunque no existen los estudios oficiales, sí que había catedráticos de Bibliografía en la Facultad de Filología y Filosofía y Letras en la Complutense. L2: Sí. Antes yo creo que se llamaba Filosofía y Letras y entraban todas; filosofía… Y entonces ahí, hay bastantes autores y conocidos, la mayoría se van fuera al exilio y luego son conocidos en México que montan el Instituto de Investigación Bibliotecológicas de la UNAM, o sea, pero la mayoría salen fuera y luego hay alguno pues que se va a Argentina, también a Venezuela; Millares Carlo va a Venezuela. Hay varios que se van a Argentina, o sea se reparten bastante y ahí se truncó bastante. Y luego es ya hasta los años 80, a finales, en el 89 cuando vuelven a surgir los estudios. Pero vamos, es que en España se desmonta la Universidad, se depuró al cien por cien del profesorado después de la guerra. L2: Sí, o sea, se depura al cien por cien del profesorado, o sea, se

	estudos epistemológicos em documentação	desmontó entera la Universidad, se desmonta entera, el cien por cien se depuró. Y luego ingresan algunos, pero ya muy pocos. L2: Depuraciones, depurar… L2: Sí, sí, eso es, eso es. O sea, primero se expurgó al cien por cien y luego ingresaron como profesores algunos, pero ya muy pocos, una minoría muy pequeña. L2: Nada, salieron todos. Millares Carlo, Millares Carlo, yo creo que ése se fue a Venezuela, no a México; primero Venezuela y luego México, Mantecón también, o sea, hay mucha gente, muy conocida, Bullejos que yo creo que se va Argentina, o sea, hay muchísimos bibliotecarios que se van todos. Y luego ya se queda en los años, a finales de los 80, 90 que es cuando se crea la de esta Universidad y la mayoría: la de León, Salamanca, casi todas son un año antes o un año después. L2: Claro, claro, porque creas la plaza, la dotas económicamente y claro es una persona trabajando. Yo entré con una beca, de las primeras becas que hay en la Universidad, con la Democracia crean becas que te evalúan por el currículum académico que es la misma beca que tiene Daniel Martínez, que son becas muy buenas porque te permiten irte fuera, hacer estancias fuera, están muy bien económicamente y son becas que la gente que las ha tenido tiene buena formación porque está sólo cuatro años dedicado a la investigación y encima te exigen productividad, con lo cual, es buena formación porque no te dedicas a otra cosa. L2: Claro. Se está disminuyendo muchísimo el producto interior bruto y de cara a la investigación está cayendo en picado. De hecho, está pasando lo que le ha ocurrido a Daniel, aquí ha pasado con todo el Departamento, la gente se está yendo fuera, la gente joven. O sea, nosotros somos funcionarios, yo soy funcionaria y soy funcionaria joven, o sea, la carrera profesional de docente es muy larga y son pequeños escalones. Entonces, la gente, con el nivel de formación, como por ejemplo Dani, cuando más se publica me parece que es de los treinta y cinco a los cuarenta y cinco años, que ya eres doctor, tienes mucha formación y empiezas a ser productivo. Entonces, ese perfil, que en vez de contratarles la Universidad y empezar a tener contratos fijos, es gente que se está yendo fuera, entonces es que no se está produciendo una renovación. Es muy peligroso lo que está pasando, pueden desmontar la Universidad porque no se produce la renovación. O sea, gente como Dani tendría que estar incorporándose, o sea, mi etapa ahora mismo es más de formar gente y gente con la edad de él, es la que tendría que entrar a renovar, a ocupar puestos, que es cuando está más productivo y se le nota a él ¿no? que es cuando… L2: Claro, eso es lo que te produce la renovación de lo que incorpora y la gente que aporta más y que cuesta mucho formarse y formarlos. Daniel todo lo que sabe hacer, vamos, digo Daniel como cualquiera como él, pero que ha costado, le ha costado mucho dinero al Estado. Daniel ha estado muchos años subvencionado por el estado, sin trabajar, o sea, muchos años ha estado cobrando del Estado y cobrando mucho dinero además. Entonces, estás muchos años, mucho esfuerzo, formándole porque él ahora sabe ir a Congresos, sabe publicar artículos, sabe hacer muchísimas cosas, pero eso ha costado mucho esfuerzo formarle y cuando esa renovación se va a producir, se va. L2: Para todos los sitios, sí. Pero es una catástrofe para España, o sea, si no se produce esa renovación, ese cambio, esto se envejece y esta es una Universidad joven, pero la Complutense es lo mismo que ésta, pero la media tienen diez años más o quince los profesores, con lo cual, es tremendo. Es muy peligroso lo que está pasando, sí. L2: A mí uno de los que me parece de los más importantes es la organización del conocimiento y la epistemología. En España se trabaja muy poco la epistemología, pero muy poco, exceptuando a

	origem da formação dos professores em documentação	García Gutiérrez, aquí se trabaja poco. Casi todas nuestras fuentes vienen de fuera. L2: No, quitando García Gutiérrez, no hay mucha gente trabajando en epistemología, muy poca. Casi todas las fuentes nuestras… en América Latina en cambio, en todas las Facultades que hay Documentación, la gente está trabajando en epistemología. L2: Claro, porque se crean las carreras en muchas universidades, me parece que en dieciocho universidades, entonces claro, es mucha gente la que empieza a trabajar ahí. L2: Sí, sí. Muchísima publicación, claro, porque es una masa que antes no estaba y de repente se incorpora a la Universidad hacia la investigación. L2: No, todavía continúa lo que pasa que ahora va a caer en picado eso, porque la gente, el modelo como Dani que no es sólo Dani, hay miles que tendrían que incorporarse a publicar se están yendo fuera. L2: Sí, esta Universidad ahora estamos más flojos, pero esta Universidad ha sido un referente y durante mucho tiempo éramos la Universidad de referencia en España. Esperemos volver a retomarlo. L2: O sea, en el ámbito de la lingüística ¿nos dices? L2: A ver, nosotros estamos muy relacionados con muchas áreas, pero muchísimas. O sea, por ejemplo, en Valencia, nuestros estudios están dentro de la Facultad de Medicina. Hubo un Departamento que era de Historia de la Medicina, que empezó haciéndose Historia de la Ciencia y ahora es Historia de la Ciencia y de la Documentación. Y la mayoría de los profesores son licenciados en Medicina, aunque dan el grado en Bibliotecología o Biblioteconomía e Investigación y Documentación. O sea, es que dependiendo de sitios, es bastante distinto. En Cataluña, por ejemplo… Eso es en Valencia, está dentro de Medicina. En Cataluña, como la Escuela tiene cien años la Escuela de Biblioteconomía, pues casi todos son de los estudios de Biblioteconomía. L2: Es una excepción. Sí, es una excepción. Y en el resto, como se han creado en los años 80, la mayoría de los profesores venimos de otras áreas. Muchos, casi todos los de clasificación venimos de Filosofía y todos los que dan indización-resumen vienen de filología. Entonces, hay mucha gente de filología, muchísima, pero mucha. Por ejemplo, Blanca Gil, de la Complutense es de Filología, o sea, hay mucha gente que trabaja en lenguajes documentales que viene de Filología. L2: Sin lugar a duda… L2: Sin lugar a dudas. A mí se me nota que tengo la formación de filosofía, muy teórica, a Horlan que tú conoces… L2: Horlan se le ve que es psicólogo, vamos, que filosofía y psicología son carreras muy afines, casi comparten media carrera, cuando yo estudié…, ahora ya están más separadas, pero la psicología es una ciencia que nace de la filosofía hace muy poquito.
	Na Documentação em Espanha não há muitos referências em semiótica	Y a Horlan se le nota que tiene esa formación, o sea, yo sí que lo noto. Por ejemplo, aquí, los compañeros que estudian Bibliometría se ve, vienen todos de Ciencias Puras. El que no es economista, ha hecho estadístico, vienen de ahí, o sea, se nos nota en lo que trabajamos y la gente que hay, estudia, por ejemplo, Paleografía, casi todos vienen de Historia. Los de archivística son todos historiadores, o sea, sí que se nota mucho de dónde venimos, pero muchísimo, muchísimo. L2: No, ya no, como ya tenemos licenciados nuestros, casi todos los que se incorporan ahora son ya licenciados en Bibliotecología o Biblioteconomía o Información o Documentación. L2: Claro, que ya son todos licenciados. L2: Dani es licenciado nuestro, o sea, la mayoría de la gente ahora son licenciados nuestros. Y me estoy acordando de María José López Huertas, yo creo que también es filóloga de Granada. L2: José Mª Izquierdo es filósofo, ves, se nota mucho de dónde

		vienen. Él es filósofo y era profesor de lógica José Mª y se le nota muchísimo de dónde viene. Es un poco difícil de leer ¿eh? y de entender a José Mª Izquierdo, es complicado. L2: Sí, muy complejo. A mí, García Gutiérrez me gusta más, aunque también es complejo de leerle porque tienes que tener muchos conceptos previos y tener ciertos conocimientos filosóficos, pero me interesa más la línea que tiene. Pero vamos, son cabezas complicadas ¿eh? L2: ¿Quién? L2: De semiótica y lingüística.
3	Semiótica estuda a representação dos signos C	L2: Pues la vedad es que no sé si sé contestar de una forma realmente apropiada a esa pregunta. Entiendo que el objeto de estudio de la Semiótica son los signos, es la representación de los signos. En nuestro caso, en lo que tiene que ver con la Documentación nos hemos dedicado a la Semiótica en el sentido de cómo representamos la información de una determinada forma. No sé si es lo más correcto entenderlo de este modo. L2: Cómo se representa la información, cómo utilizamos el lenguaje para representar la información de un modo controlado. L2: Me temo, Carlos, que no sé responder, no he trabajado en este sentido para poder responder. L2: Pues no me atrevo tampoco.
4	Semiótica é a ciência dos signos C Surgiu nos anos 1980 com as obras de García Gutierrez e Izquierdo Arroyo. história dos cursos de documentação não conheço a teoria semiótica D	L2: Por Semiótica entiendo que es la ciencia de los signos, es decir, sería la ciencia de representar mediante el lenguaje conceptos o realidades. Eso es lo que yo entiendo, no sé si es acertado o no porque realmente yo no he leído nunca a Peirce ni conozco a los grandes teóricos de la Semiótica. L2: ¿Cómo surgieron? Yo creo que los orígenes en España podemos retrotraerlos seguramente a los años 80 y a las primeras obras de Lingüística Documental, los autores que primero trabajaron aquí fueron yo creo que Antonio García Gutiérrez y José María Izquierdo. L2: Porque yo creo que surgieron de la mano de la Documentación en un momento de expansión de las teorías documentales en España, que yo creo que fue la década de los 80 cuando empezó a surgir enseñanza formalizada sobre Documentación, las primeras diplomaturas en Biblioteconomía y Documentación y yo creo que en ese contexto los científicos se especializaron en esa línea. En el caso de Antonio García Gutiérrez, no, porque nunca ha sido profesor en nuestro ámbito, él ha continuado siendo profesor del ámbito de la Comunicación y del Periodismo, primero en la Complutense y después en la Universidad de Sevilla. No sé si ya le has conocido o no. L2: Ya, pero porque te lo he visto aquí, en esto que me has escrito tú. He visto que aquí en un punto hablabas de algo relacionado, sí, líneas peirceanas y de ahí deduje que sí, que hay un semiótico, pero solo sé el nombre, no conozco realmente las teorías ni he leído nada de Semiótica. Entonces, no me atrevo a opinar, sinceramente.
5	Semiótica/semântica estuda as mensagens e seus destinatários C	L2: Yo casi prefiero hablar más de Semántica, pero por el texto, porque claro, si vamos a la imagen, el análisis de imagen, ¿cómo se hace? A través de la teoría de los signos, claro. Entonces bueno, vamos si quieres a coincidir en la palabra Semiótica, yo entiendo pues eso que cómo pasar, en primer lugar tienes que comprender cómo están estructurados determinados mensajes para que sean entendidos por los usuarios, por los destinatarios de esos mensajes. Y aparte, si tú te aproximas con un afán analítico tienes que tener también unos elementos que te capaciten para entender cómo está hecho ese documento y cómo puedes leerlo, verlo, oírlo para captar su significado, de tal manera que luego estés condiciones de "traducirlo", entre comillas, a un vocabulario de representación o sin que pierda lo sustancial, lo importante de su contenido pues a un vocabulario semántico, a un vocabulario controlado, como lo quieras

	Surgiu nos anos 1980 com as obras de García Gutierrez e do CINDOC	llamar. Pero claro, no puedes entender las cosas si no las traduces, si no las entiendes. No, no es lo que te quería decir. No puedes llegar al contenido si no eres capaz de hacer una lectura de lo que los mensajes contienen, o sea, no puedes llegar a representarlos si no los entiendes y de ahí ten en cuenta que nuestra cultura es más visual ya que textual, entonces ese sería el papel que entiendo que juega la Semiótica en nuestra área, que no es tan radical o tan global para aquellos que se acercan a la elaboración y explicación de los textos desde la propia Semiótica en sí, sino que nosotros lo que vamos a hacer es una Semiótica aplicada a las finalidades de acceso y recuperación de los documentos, de recuperación y acceso, si quieres. L2: ¿En la documentación? Sí, alrededor de los años 80. Hay varios textos, a ver. Hay uno publicado por el Consejo Superior de Investigaciones Científicas, por el antiguo CINDOC, la lástima es que ahora no me acuerdo del nombre, lo he manejado muchísimo, perdóname, es de principios de los 80 y se refiere precisamente a dar una base lingüística a los lenguajes documentales. ¡Santo cielo, qué cabeza tengo! Y luego, sin duda, el libro de Lingüística Documental, mal llamada así, pero… Pero el nombre no es lo que importa, lo que importa es lo que aportaba el libro de García Gutiérrez en el ámbito académico porque el CINDOC es más un ámbito aplicado a un instituto de investigación, más ámbito aplicado, pero en el ámbito académico yo creo que fue ese libro de García Gutiérrez.
6	Semiótica analisa os signos nos processos de semiose social C Peirce e Hjelmeslev em semiótica A Surgiu nos anos 1980 com as obras de García Gutierrez e Izquierdo Arroyo.	L2: Pues es el análisis de los signos en procesos de semiosis social, si fuera Semiótica, y semiosis documental, si hablamos de Semiótica Documental, porque si yo asocio Semiótica con Comunicación, si yo entiendo que hay una comunicación documental y es verdad porque igual que hay un hecho semiótico hay un objeto documental que es lo que nos configura como disciplina diferente, tiene que haber una Semiótica Documental también. [Inaudible 5:39] te había puesto aquí el análisis de los signos, de los símbolos, entendiendo el documento como símbolo, como signo y dentro del documento y del contexto los lenguajes como otro signo, de su naturaleza, de su función y todo en un proceso de semiosis comunicativa, de semiosis documental. Y todo ello desde una triple perspectiva que se parece a la que me habías hablado tú antes, una perspectiva formal, sintáctica, de nexo, de estudio de las relaciones de los signos entre sí, de los símbolos desde propiedades formales para construir los lenguajes, desde una perspectiva más de contenido, más semántica, que ahí me entraría la semántica estructural. Hay aspectos formales también, hemos hablado antes de Greimas que me definiría cuáles son las relaciones específicas entre los códigos, entre los signos y las clases de objetos, la teoría del significado, de la interpretación, del sentido y luego una vertiente que sería más contextual, más pragmática, o sea que yo dentro de la Semiótica veo todo también, no veo aspectos de Semiótica solo con contexto o pragmática, sino también aspectos formalistas, sintácticos y aspectos, es que no sé cómo llamarlos, de semántica, de contenido, pero todo como interrelacionado, por eso yo la veo siempre como la ciencia aglutinadora, la ciencia o la no ciencia, no sé, como el concepto aglutinador. L2: Pero porque ellos tienen ese concepto de símbolo del audiovisual. Para el texto, para el lenguaje verbal es más difícil, no asociamos Semiótica. Con otro tipo de discurso, de texto en sentido amplio, ahí ya sí metemos, en el audiovisual, sonido, audio, traducción, a lo mejor ahí sí entra ese concepto de signo. L2: Pues para mí son Peirce y Hjelmslev, son esos. En España, muy pocos, no hay. Sí que nos hemos preocupado de posicionarnos, sobre todo a finales de los años 80, cuando coincidió por definirnos como ciencia la Teoría de la Documentación hubo una preocupación

	Halliday, Firth etc. em linguística A	por los planes de estudio y por las titularidades de los profesores de la primera parte del programa de definir el estatus de tu disciplina y hubo una preocupación por diferenciar lo que era el análisis documental de contenido del análisis formal, en algunos sitios como en Murcia y en Madrid empezó el concepto de Lingüística Documental y, a través de intentar reafirmarnos en esa cientificidad de la Lingüística o del análisis documental de contenido como algo más allá de una mera técnica, de un mero proceso, la gente empezó a estudiar lo que eran las influencias. ...L2: Mira, yo es que para mí, aunque suena un poco fuerte, como fue mi padre… Es verdad, pero también porque hubo una serie de confluencias que lo facilitaron. Él es filósofo, él dio crítica literaria también y porque su pensamiento es así, y fue él el primero que empezó a hablar de Semiótica en seminarios, en cursos de máster, preocupándose por esos aspectos lingüísticos y lógicos de la Documentación y aterrizando siempre con esa diferencia clarísima en la cabeza entre Semiótica, Semiótica Documental y los aspectos de la Lógica y de la Semiótica que tienen que pasar por ese tamiz, por ese filtro de la Documentación porque nos hace mirar la Semiótica y la Lógica de una manera diferente. L2: Un caos, era horrible, era como estar estudiando Historia de la Lingüística, es que era igual, pero sin que tuvieras un mapa claro porque te confundían. Yo luego me iba a los libros de Historia de la Lingüística para decir, a ver, ¿dónde estoy?, porque era una cosa de moda, es verdad: gramáticas textuales, análisis del discurso, semántica cognitiva de equis, es verdad, fue un caos, sí. Pero claro, ya, de sistemas de clasificación ¿qué íbamos a decir?, ¿qué íbamos a hablar?, teníamos que decir algo que pareciera que sonaba importante y diferente, es verdad. L2: Sí, fue un lío y en la Lingüística Documental más porque parece que hablamos de Lingüística y de Recuperación como cosas diferentes y siempre yo pienso en la posible recuperación, pero claro, lo tuyo son los lenguajes, lo mío son los sistemas de recuperación y para mí, esa idea de que los sistemas de recuperación son para los informáticos nos ha hecho mucho daño. L2: Halliday, Firth, muchos, no lo sé.
7	Semiótica seria a interpretação da realidade através da linguagem, interdisciplinar e diferente da Semântica C Todorov, van Dijk, Albaladejo Mayordomo, Santaella. A Origem relacionada à representação do conhecimento B	L2: La interpretación de la realidad a través del lenguaje (y no tanto su significado como sería el objetivo de la Semántica). En la corriente saussuriana el texto constituye una manifestación del lenguaje y por tanto es fundamental para la Semiótica y la Lingüística. Se trata de una ciencia interdisciplinar con conexiones que irían desde la Filosofía a la Teoría de la Comunicación y la Lingüística. L2: T. Todorov, Teun van Dijk, Tomás Albaladejo Mayordomo, Lucia Santaella. L2: No soy experta en materia, pero su origen estuvo relacionado con la representación del conocimiento en el análisis documental de contenido y en los lenguajes documentales.
8	Não oferecemos cursos de semiótica. B	L2: Nosotros aquí no se da semiótica. Es que el tema de documentación, aquí, desde luego, nunca se ha dado por esa vertiente. O sea, ha sido mucho más tecnológico porque esto es una Universidad Politécnica, antes aquí el Grado, que siempre se ha dado… Antes teníamos una Diplomatura y una Licenciatura. La Diplomatura se daba en la Universidad de Valencia y la Licenciatura aquí. Entonces, todos los temas de semiótica y todo eso, como la Universidad de Valencia es la que toca, porque tiene filología y todo eso, eso se ha dado allí. Entonces, cuando llegaban aquí a Licenciatura, se daban más temas más tecnológicos, más informática, más sistemas… Y ahora como ya no hay tampoco ni

		Grado. Aquí no tenemos ni Grado, ni licenciatura, porque ya no funciona. En los masters se sigue apostando por la parte tecnológica, la parte más de humanidades entre comillas no se toca aquí mucho. No es la parte más fuerte nuestra.
9	Van Slip, Greimas, Blair, Van Dick, Saussure A Representação mediante signos C	También Greimas, Blair, son dos especialistas en los que yo siempre me he fundamentado pues para seguir un poco sus criterios en este campo. {Van Slip} también, que yo pensaba que solamente había trabajado en el ámbito de la indización, en el gabinete Van Dick en Bruselas, y parece que no, que él ha desarrollado otras políticas y ha trabajado mucho en el campo de la semiótica previamente, para llevar a cabo los trabajos que después hizo relacionados con la indización, tesauros y todo esto. L2: Pues la representación mediante signos de los documentos, bueno de los documentos, digamos del mundo, del entorno en el que nos movemos. Y posteriormente, las posibilidades que aporta después para la recuperación. Yo te hablo desde el punto de vista práctico, de para qué me sirve a mí la semiótica. L2: Yo gracias a la semiótica, puedo emplear los signos para representar los documentos, el contenido de los documentos. ¿No sé si es eso lo que quieres preguntar o si es eso lo que me quieres…? L2: Hombre, empezando por {Saussure}, qué quieres que te diga. Para mí, a mí me apasiona leer sus escritos y empaparme de ellos, porque realmente yo creo que es el maestro de maestros. Y a partir de ahí, ya todos los demás, que luego estos más directamente ya me han ayudado a entender cosas relacionadas con lo que yo estoy intentando hacer para el campo de la lingüística, bueno, de los lenguajes documentales. Yo ni siquiera diría lingüística aplicada, ni lingüística documental, o sea, ni lo uno ni lo otro.
10	Não sei B	L2: ¡Uf! Pues no sé qué decirte… Porque no tengo claro el término, así que no me lanzo a decirte nada.
11	Nome semiótica C Saussure, Barthes, Hjelmslev, Greimas, Puridan, Chomsky, Peirce, Morris, Coseriu, Eco A	L2: Vamos ver, desde el punto de vista teórico; el primer problema con el que nos encontramos es el nombre, la denominación "semiótica". Sabemos que es una palabra de ascendencia griega, {semiotikós}… Incluso los ingleses utilizan a veces semeiótica en lugar de semiótica; semeio, la ascendencia griega; por un lado, y por otro lado, la denominación saussuriana ¿no?, de la semiologie, la semiología, bien. Creo que es importante el emparentamiento de eso {ha sido en parte} en cuanto a las relaciones entre semiótica, semiología y lingüística. En el curso de la lingüística general, que como sabemos pues no lo escribió {De Saussure}, es un resultado de apuntes tomados por cuatro discípulos, pero parece que está atestiguado que él lo refrendó. Cuando De Saussure lo utiliza por primera vez el término "semiologie", dice literalmente: que la lingüística es como una vertiente, es una parte de la semiología. Y define la semiología como ciencia que estudia los signos, los signos. Juan Gambarte, por el contrario, que es otro de los que mencionábamos antes. L2: 89-90. Yo llegué a Murcia el último día de septiembre del año 89. Entonces, como te estaba diciendo, vamos a ver, por eso yo, dado que la lingüística se ocupa del estudio de los lenguajes naturales, pues hay todo un ámbito de lenguajes que no son lenguajes naturales, sistemas de signos distintos, pues qué sé yo, es un film, un film, un cómic, un cómic. Bueno, pues la lingüística al final es eso y entonces eso tiene que estudiarlo una disciplina que por principio no puede ser la lingüística documental, ésa fue la primera reflexión que yo me hice, cuando dije esta disciplina está mal denominada, es reduccionista en su nombre y eso de algún modo lo explico en el (Inaudible 6:53) hay otras razones, pero vamos ésa es una de ellas. Paralelamente a esto, hemos mencionado a dos grandes europeos: Desosi y Barthes son

		importantes en semiología porque digamos que prácticamente son sinónimos de semiótica y semiología, digo prácticamente. De hecho, la semiología, el estudio de otras semióticas, estoy hablando por ejemplo, semiótica de la moda y demás ¿no?, de las señales de tráfico que hizo Barthes, pero muy bien hecho, muy bien hecho, con buen estilo, etc. Pues tuvo su eco no sé si hacia o desde la Escuela de Tartu. L2: Sí, sí semiótica de la cultura, semiótica de la cultura, pues va por esa línea, va por esa línea. O sea, que quizás a Bartes se le ha de reconocer una serie de inclusiones dentro de la semiótica que no se hubieran hecho sin él y que son esbozos la mayor parte de ellos, Betofi mismo, Betofi era un conciliador de la poética, semiótica poética y eso lo ha tomado de ahí. Bien, paralelamente a esto en Europa, creó otro foco importante. Yo le he dado mucha importancia al concepto lógico de lingüística de la documentación que es la glosemática danesa, {Luis Gías Lep}, bueno, pues {Gías Lep} yo lo di bastante, lo estrujé, lo estrujé. Lo estrujé, lo apliqué en parte en concepción… L2: Sí, son más fáciles. Bueno y al margen de la síntesis que yo pude hacer ahí que son treinta y tantas páginas, treinta y tantas páginas por lo menos. Pues la obra de Gías es muy densa. Es difícil, es difícil. Para mí, es en Europa el que me gusta, que juega a matemático, o sea que anticipa una lingüística matemática. Por ejemplo, el concepto de base y exponente cuando habla de los signos lingüísticos que no tienen significado idéntico, es decir, que no reproducen, no tienen nada que ver con la imagen, sino que desempeñan una cierta función, por ejemplo, de nexo, de nexo entre dos signos, entre dos signos o de especificación o determinación de un determinado signo. Entonces, a eso, él empieza a llamarlos fultores. Exactamente igual que los fultores de la lógica clásica de enunciados, los sectores enunciativos ¿no? Y entonces distingue entre la base y argumento por ponerte un ejemplo. Pues entendiendo que la base, la base es un determinado, digamos y el exponente es un determinante, pues un sustantivo sería una base y un adjetivo sería un exponente. Y entonces es un determinado y un determinante. Entonces, a base de determinados y determinantes se construyen las expresiones superiores a una agrupación de palabras que tengan una función de sintagma. Es decir, en una cadena, en una oración, que tenga pues un grupo de sujeto, un grupo de predicado, un grupo de atributo, un conjunto, en fin, un grupo de palabras que independientemente de su significado, tienen una cierta función dentro… L2: Sí, sí, obviamente, sí, sí, sí. Bueno, lo vive también Greimas. Greimas en la semántica estructural, pues cuando utiliza términos tales como tópico, utópico y comento ¿no?, está jugando a lo mismo. De hecho, la función enunciativa como tal, es decir, la función predicativa en la oración simple ya desde Aristóteles, desde (Inaudible 11:39) tiene dos núcleos que son el nomen, el nombre, y el verbo. Es decir {Ergo noma} y cómo se llamaba, ya no me acuerdo, el verbo. De tal modo que esos dos núcleos son los que construyó lo que ahora se llaman Grupo de Sujeto y Grupo de Predicado y en cuanto a la oración que es atributiva, pues hay un sujeto y hay un predicado; el nombre que es el que habitualmente funciona como sujeto y hay un verbo. De hecho, todos los comentaristas de esa parte de {Periermeneias}; de Visvan o Juan Purillan. Es decir, todos los lógicos que yo estudié en su día, pues establecen una única diferencia entre esos dos núcleos: el nombre significa, sin tiempo, sin connotación temporal y el verbo significa siempre con connotación temporal. Y es la única diferencia de oposición que establecen entre… Bueno, está (Inaudible 12:41) con ocasión de, pero vamos que es muy antiguo. Tampoco hay que esperar a que Chomsky dé el alarido ése de su tesis doctoral ¿no?, y lance la primera idea de una lingüística matemática, en Europa no

		teníamos, o sea, que el estructuralismo descriptivista que se puede llamar de alguna forma que estaba reinando en Europa, pues el tiempo lingüístico de Praga, en Ginebra, la glosemática danesa, totaliza lo que se ha dado en llamar "Estructuralismo descriptivista" y el generativista es el americano. Chomsky reacciona a Bluffil a todos los, digamos, todos aquellos que están tratando de entender el lenguaje como un dispositivo SR rectívulo, respuesta del conductismo {de Hanior}, la conducta ¿no? Entonces, Chomsky se opone a eso, entonces ha habido Descartes, uno de los trabajos más preciosos de Chomsky. Yo siempre fui un enamorado de Chomsky, o sea, yo daba un curso gratuito a mis alumnos de crítica literaria en el Seminario de Literatura de Chomsky. Cuando iban a Valladolid, teníamos tres: primero, segundo y tercero de filología hispánica, francesa e inglesa. Cuando iban a Valladolid salía ya Chomsky, les daba sopa con {notas} a los alumnos de Valladolid. Entonces, ¡ah!, bueno sí, el libro, el librito de lingüística cartesiana está traducido y además tiene una traducción muy bien hecha en Gredos, en la [Inaudible 14:30] Románica-Hispánica de la editorial de Gredos. Entonces, ahí explica Chomsky porqué es necesario crear una lingüística, una gramática generativa. No habla todavía de gramática transformacional pero de gramática generativa por el propio mecanismo del lenguaje. Es decir, el descriptivismo europeo consiste en que ante un texto sea oral o sea escrito, hay que dar una explicación. Como ante cualquier fenómeno, ante cualquier fenómeno, la ciencia tiene que dar una explicación. {Yousi} dice que no, Yousi dice que hay que explicar otros fenómenos más complejos, tales como que yo sea capaz de construir frases que no han sido construidas hasta ahora, de tal modo que el otro me entienda y desde el punto de vista del receptor, que el receptor sea capaz de entender frases que no ha oído nunca, y combinaciones de palabras que no ha oído nunca. Para eso tiene que haber un sistema de reglas, de algún modo interiorizado, que sea capaz, que sea capaz, de encajar los comportamientos. L2: Y entonces, en ese libro de lingüística cartesiana, es lo que está defendiendo Chomsky es esto, la gran diferencia entre el estructuralismo descriptivista (inaudible 15:50) se contenta con describir hechos y el generativismo que trata de anticiparse a esos hechos. Entonces tenemos ya en el panorama de la lingüística contemporánea de finales de siglo, pues dos panoramas: un panorama europeo y un panorama estadounidense. En el panorama europeo, la lingüística ha cobrado conciencia de que hay una disciplina que la subsume, que la contiene dentro que es la semiologie, que es la semiología. Y entonces, por los años cuarenta y tantos, algunos coetáneos de {Polótelev} ya empiezan a trabajar en ámbitos que tienen que ver con la semiótica pero sin llamarla así ¿eh? Hay una parte de mi trabajo que está inédito, que se titulará algo así como "Señalética documental", que nace de una reflexión de algunas partes de Chomsky, de Chomsky, de Polotelev y discípulos que quiero comentaros ¿no?, ¿por qué ha surgido esto?, me pierdo a veces, de vez en cuando me pierdo. L2: No sé si te he entendido bien, vamos a ver. El estructuralismo es un movimiento filosófico que digamos encarnó en la lingüística, como se encarnó en la filosofía, como el deconstrutivismo que quizás sea uno de los epígonos del estructuralismo de la teoría de la deconstrucción. Estructuralismos hay muchos, te he mencionado dos por los dos continentes el descriptivista y el peruano. Dentro del panorama europeo, había sus grandes diferencias, qué sé yo, se puede oponer perfectamente la concepción del lenguaje que tiene Heisler con la de Desosi. Vamos a ver, hay dos binomios, en el caso de Heisler, a lo que corresponde uno en el caso de Desosi. Heisler distingue entre expresión y continente; Desosi distingue entre signifiance y signifié, significante, significado. Hay más o menos un

		paralelismo, pero el paralelismo se corta radicalmente en cuanto Heisler dice: "y hay una forma del contenido y hay una sustancia del contenido y hay una forma de la expresión y hay una sustancia de la expresión". Y por eso no hay ninguna correspondencia y si lees con detenimiento, te das cuenta de que cuando Heisler maneja el concepto de forma y el concepto de sustancia, está de algún modo tergiversando el significado que venían teniendo las palabras en la trayectoria aristotélica porque para Aristóteles la sustancia, toda sustancia, incluso el hombre, el texto, el texto mismo, el texto lo dice la poética y literalmente, la retórica pero más en la poética, es una sustancia que tiene una materia y una forma; por tanto, la materia y la forma son componentes de la sustancia y lo que está haciendo Heisler es retorcer el trinomio ¿eh? y sustituir materia, forma de la expresión, sustancia de la expresión; forma del contenido, sustancia del contenido, sustancia por materia. Es materia y forma. Entonces, donde dice sustancia, parece que como que debiera decir materia, eso en el caso de Barthes se cumple perfectamente. Hay una parte de la obra, ¿cómo se llama la obra de Barthes?, ensayos sociológicos. olviendo a lo del estructuralismo. Bueno, hay muchos estructurales, en filosofía y en literatura. Sobre todo cuando el estructuralismo entra en, se enfrenta o se encuentra con los problemas de la vida real y la historia, la historia. Cuando más allá del texto se echa mano a un contexto que es histórico y situacional. Todo eso, el estructuralismo puro nunca pudo explicarlo. Algunos estructuralistas, entre comillas ya, Barthes es estructuralista, pero lo es a su modo, Telmo, vamos a ver, no lo puedes comparar con Van Denise, por ejemplo. Van Denise, sus dos libros, no; lo puedes comparar con formalistas rusos. Los formalistas rusos, algunos de los cuales aterrizaron justamente en {lo mismo} que él. Los formalistas rusos tienen una visión estructuralista también del texto, pero con una diferencia y es que ellos aterrizan en la vida real, vienen del marxismo, la mayor parte de ellos. Entonces, las polémicas entre los estructuralistas y los marxistas eran permanentes, quizá fue lo que hizo que entrara en crisis, la propia idea del estructuralismo como movimiento filosófico, igual que el existencialismo. Y son dos movimientos casi coetáneos del sector, que a veces se cruzan, pues tú lees "Ser y tiempo" de Jaime León, es existencialista, es existencialismo puro, existencialismo negro, puro. Es decir, que esté en las Facultades de Letras, eso que se llama Facultades de Letras o de Humanidades, que se encuadre ahí y que a continuación se ramifiquen en todas las ciencias, porque no lo he dicho antes, pero vamos a ver, Pierce es de entre los contemporáneos, por llamarlo de alguna forma, uno de los grandes mejores conocedores de la época medieval. El único semiótico en el que he visto citado el libro Gramática Especulativa {y de} Modis significanti, es decir, la gramática especulativa o sobre los modos de significar, que era el tipo de gramática que regía en la Edad Media entre la lógica y la retórica, ese tipo de gramática, es Pierce. Pierce cita a Tomás Derfo, en eso se equivocó porque no fue el autor del primer de modis significanti, pero lo cita, es el único, lo que significa que lo había leído, no lo cita por citar. Por tanto, era un conocedor de la semiótica medieval, ¿qué debe Chomsky…?, que diga Chomsky, estamos hablando de Pierce, ¿qué debe Pierce a la semiótica medieval? Pues sería una buena tesis. L2: Sí, claro, competencias filosóficas, primero para leer a Pierce y segundo para hacer un rastreo de la gramática, la gramática medieval. La historia de la lógica medieval se ha escrito, yo hubiera seguido escribiéndola, pero se ha escrito… La historia de la gramática medieval no se ha escrito, no se ha escrito, se ha pegado un salto de Donato, Prisciano, que eran los dos grandes gramáticos de la Edad Antigua.

		L2: Vamos a ver, el libro de Morris, en la versión española del libro de Charles Morris, en los tres últimos años que yo di clases en Murcia, los alumnos tenían que leerlo y comentarlo, comentarlo en clase. L1: Sí, el fundamento de la teoría de los signos. L2: Sí, de la teoría de los signos. Sí, bueno, pues eso había una serie de páginas con textos perfectamente enmarcados, yo se los enmarcaba en clase, los explicaba, me daba de sí para hablar de todo. Hicimos un recorrido de toda la semiótica y de toda la crítica habida y por haber, o sea, para mí era una gozada aquello. Yo, encontrarme en clase con un texto y sacarle jugo, para mí es una gozada, porque eso rompe todos los esquemas. Puedo tener una idea preconcebida de qué voy a decir con ocasión de ese texto, porque ya lo he comentado más de una vez, pero es que cada vez… O sea, para mí, lo digo en un articulito pequeño, no me acuerdo cómo se titula, que el texto es un pozo sin fondo, o sea, siempre, siempre, puedes sacar algo más. Y cada vez que te enfrentas a él, ves ecos, actitudes, perspectivas distintas que no se te han ocurrido hasta ese momento. L2: ¡Ah!, bueno, perdona, lo de Morris, Charles Morris, sí, bueno, vamos a ver, mira. Que yo me he quedado con lo de la lectura que hacíamos y el comentario. Yo lo utilicé bastante en el proyecto docente, los sistemas de lingüística documental, lo cité y tal. Bueno, cité a Fray, no tiene nada que ver en principio con él ¿no? Pero lo de Charles Morris, hay dos aspectos importantes, que es el hecho de que aparezca el libro al que nos hemos referido antes, en el ideal de la enciclopedia positiva, o sea que Charles Morris se inserta dentro como Karna, (Inaudible 1:32:21) Karna dentro del neopositivismo lógico. Y el neopositivismo lógico tiene una idea muy clara de lo que quiere que sea la ciencia, va hacia una ciencia unificada y que esa ciencia unificada esté regida por una ciencia que sea nuclear. Esa ciencia nuclear para Charles Morris, está claro que es la semiótica. Yo, a mí eso me ganó, me ganó por una razón muy sencilla, porque cuando los lógicos medievales definían la dialéctica, entonces se llamaba dialéctica {a la lógica}, decía que {as ascium, exciencia, excienciarum}, que es el arte de las artes y la ciencia de las ciencias, O sea, que en lo que en la Edad Media se decía que era el papel de la dialéctica de la lógica, es lo que para Charles Morris, en ese ideal de la ciencia unificada, tenía que ser la semiótica. Y en eso coincide con Pierce, están totalmente de acuerdo los dos. O sea, la semiótica es omnipresente, está presente en todos los ámbitos, no únicamente en la documentación, eso es obvio. Bien; el segundo aspecto importante, lo digo como telón de fondo, bueno, por supuesto, el positivismo yo no lo acepto y ni creo que lo acepte nadie, ni Popper siquiera terminó ya aceptándolo, que ya es decir. ¡Ah!, bueno, estábamos con Charles Morris. La segunda idea de fondo importante a la hora de leer, yo se lo decía a los alumnos, de leer el libro de Morris, es su actitud conductista. O sea, para Charles Morris, el signo hay que entenderlo como dentro del esquema estímulo-respuesta, entonces, eso es lo que para mí, no es de (Inaudible 1:35:21), o sea, el aspecto de Morris con el que yo voy siempre con una cierta prevención. L2: Claro, claro, la sintaxis, la semántica y la pragmática. Las tres grandes ¿no? Pero es que esas ideas están, esas ideas, vamos a ver, si no son nuevas. Hay que hacer una historia de la semiótica, no son nuevas. Antes, me he referido, sin quererlo, a los tres tipos de significado: significado léxico, significado… Pero lo nuclear es el significado, pero aparte de eso, en el caso del léxico, tenemos la norma. {La terna de Coseriu}, {la terna de Coseriu}, el sistema, la norma y el habla. Las ideas de Coseriu, vienen a coincidir prácticamente en lo mismo también. O sea, vas analizando distintos estratos del lenguaje y vas viendo como hay una cierta reusividad, se va repitiendo lo mismo, con ciertas

		modulaciones distintas. Y si hiciéramos una operación análoga en la fonología, nos ocurriría prácticamente lo mismo, tendríamos que sustituir el concepto de significado por el distintividad de unos fonemas de otros, el sistema de oposiciones también sería parecido. (Inaudible 1:38:44), de hecho en los elementos de fonología lo dice literalmente. Es otra de las partes que yo exploté, exploté en un curso de la Isco, lo lancé así, con el propósito de publicarlo y está muerto de risa. De ahí surgió el concepto de archi documento, de aquel Congreso, pero hay otros muchos más, claro. ¡Ah!, bueno, hay otros autores que tenemos que mencionar, muchos, por ejemplo, a Humberto Eco no lo hemos mencionado. L2: Bueno, pues de Humberto Eco hay mucho que decir, hay mucho que decir. Yo empecé ocupándome de Humberto Eco en el año 76, 75, 76, en crítica literaria con "Estructura Ausente". La estructura ausente es un libro que hay que leer, volver a leer, releer y volver a leer, porque ya el tratado de simétrica general, signo, otros que ha ido escribiendo posteriormente ya son derivaciones sobre lo mismo, igual puedes encontrar una clasificación de los signos más clara, o sea, más desnuda en el signo mismo, en el libro de los signos, que en la estructura ausente. A mí, la estructura ausente me impactó muchísimo, sobre todo, la teoría de los códigos, que es otra de las ideas que yo en las clases he potenciado bastante, que tiene sus aplicaciones en semiótica, en semiótica documental, como una estratificación de códigos, una jerarquización de códigos; códigos de distinto nivel, de nivel…, la mayor parte de ellos son códigos lingüísticos. De hecho, pues no se puede entender una comunicación sin codificación y decodificación, sistemas de clasificación. Y ya cuando entramos en problemas, transtextuales o paratextuales, los paralenguajes ¿no?, de los gestos, los ademanes, la mímica, los objetos que nos rodean. La teoría de los objetos de {Demore}, de los alemanes, hay una semiótica de los objetos también, que está bastante estudiada. Estaba, estaba bastante estudiada. L2: Sí, sí, bueno, de lo más importante, para mí sí. Vamos, importante en el sentido de que lo machaca, lo estudia, lo clasifica, lo ejemplifica. Claro, es el gran, la palabra clave yo creo que es una de las palabras clave, sino es la palabra clave, es una de las palabras clave de la estructura ausente. El mismo grupo del que hablábamos ayer, bueno, pues ahí está la lingüística, está la semiótica, están los estudios literarios, las ciencias del lenguaje en general están presentes. Todo lo de Vladimir Propp, pues desde el mismo ámbito de la crítica literaria, tenía que recurrir forzosamente, forzosamente a ellos. Eran también temas obligados de la semántica estructural, de hecho, pues Greimas los recoge a los dos y algunos otros ¿no? Estudio de los {apuntes} y demás. Entonces, ése más o menos es el ámbito en el cual yo pues me formé, me formé en los estudios lingüísticos. laro, el texto es mucho más complejo porque los textos se están entre cruzando todos los textos que hemos tenido previamente, o sea, la idea de inter texto de Julia Kristeva es importantísima, o sea, hasta el punto de que para mí es uno de los problemas capitales de la semiótica. O sea, el problema capital de la semiótica es que todo signo está siendo cruzado permanentemente por otros signos. Y que esos conjuntos de signos que están cruzando… El signo más elemental que estamos utilizando en este momento, son signos de la experiencia de quien los usa y no sólo hay unos signos los que se cruzan en la palabra signo, cuando utilizo yo la palabra signo, que cuando los utilizas tú, porque tu experiencia es la tuya y mi experiencia es la mía.
12	Explicação da comunicação C	L2: Bueno, para mí la semiótica es la explicación de la comunicación, de la interpretación del signo. Para mí, cualquier disciplina teórica tiene el objetivo de explicar, de llegar a entender

	Gubern, Eco A	cómo funciona, qué elementos intervienen, qué es lo que lo condiciona la interpretación de los signos y, por tanto, de la comunicación visual, oral y a través de lo escrito. Por tanto, yo lo entendería así, muy simple y llanamente. L2: No mucho, quizás lo primero que me llegó fue a través del cine, cuando estaba haciendo el bachillerato porque aquí teníamos a Román Gubern que siempre hablaba mucho de la semiótica, también a través de Eco, bueno, en aquella época parecía muy moderno y quizás me llegó de esta manera. Luego, ya digo, he vuelto a la comunicación, pero me centré mucho más en lo que era la lingüística y, a través de ella, pasé más al significado y a la filosofía del significado, de comprender la noción de significado. Y, a partir de ahí, pues he vuelto a la comunicación más como aspecto cognitivo.
13	Semiótica documental C	L2: Bueno, aquí hay una cosa que es muy clara: de la semiótica documental el primero y último en hablar hasta el momento ha sido José María Izquierdo. El primero en hablar de semiótica documental y, hasta donde yo sé, el último es el profesor José María Izquierdo Arroyo, eso es algo sin discusión, por lo menos yo así lo veo. Y el primero en hablar de lingüística y lingüística documental aplicada a la documentación fue el profesor Antonio Luis García Gutiérrez, luego siguió con esos enfoques el profesor José María Izquierdo para acabar dando una perspectiva más amplia, la de semiótica documental, pero fuera del marco teórico establecido por José María, realmente no ha habido más investigadores en España que desarrollen esos trabajos.
14	Está relacionado ao significado da linguagem C Chomsky A	L2: Pues creo que es difícil responder a esa pregunta para mí. Entiendo que la semiótica es algo que tiene que ver con el significado del lenguaje o de piezas de lenguaje, pero no sé mucho más allá sobre semiótica. L2: Ya, ya, ya. Quizá aquí no utilizamos mucho en el campo nuestro ¿no?, la palabra semiótica, pero yo creo que al final sí que trabajamos con ese tipo de cosas. Lo que pasa es que yo no sé, yo creo que nosotros hacemos un tipo de trabajo que no es aquí en España muy común dentro de lo que es el campo de la Documentación. Yo creo que hay más gente del campo de la computación en España trabajando en este tipo de cosas, que en el campo de la Documentación, es una impresión que yo tengo. L2: Vamos a ver, yo creo que las teorías de tipo lingüístico llegan a la Documentación sobre todo, de la mano del uso del tesauro y descriptores a la hora de indizar documentos. De hecho, aquí por lo menos, al tesauro, una cosa de este tipo, se le llama "lenguaje controlado". Y es verdad que tienen la estructura de un lenguaje, con una serie de limitaciones grandes y demás y yo creo que llegan de la mano de ahí. En el campo computacional, yo creo que llegan de la mano de la necesidad de hacer indización automática, de recuperar automáticamente pues documentos y de buscar sistemas que fueran más allá de encontrar el documento que tiene tal palabra o tal otra. Yo creo que ése es el punto de entrada. L2: No lo sé, fíjate, según en los campos, los grandes autores: Noam Chomsky, es un autor relacionado con la semiótica, ¿sigue?
15	Está relacionada à comunicação e com os signos C Saussure, Chomsky A	L2: ¿Qué pienso? Tiene que ver con la comunicación, con los signos, con todo ese tipo de cuestiones y ahí los sistemas tienen una parte importante porque realmente están hechos para eso, están formados por signos, símbolos, sirven para comunicarse y claro que tiene importancia desde ese punto de vista, por supuesto que sí. L2: Ah, bueno, pues los estructuralistas, por supuesto. Bueno, realmente a los estructuralistas, ¿para qué te voy a decir otra cosa?, porque yo, sobre todo para la docencia, sí que me apoyo mucho en

		la lingüística. En mi clase de Organización del Conocimiento hay un tema que habla de morfología, de semántica y de sintaxis y es inmensamente largo y yo me apoyo en el modelo lingüístico para explicarlo, Saussure, es decir, todo el estructuralismo porque hablar de otras cosas, de Chomsky, de gramática generativa, yo a esos niveles no y menos para la docencia porque no saben ni qué demonios es la gramática generativa. Por cierto, yo tuve la suerte de que me la explicaran en la facultad y fue interesantísimo, me encantó esa forma de hacer análisis sintáctico con la estructura profunda.
16	Eco, Barthes A Ciência que explica o significado C	L2: Vale. Entonces, toda la parte de la lingüística documental de origen francés y {Chomier} básicamente, {van Sleep} y García Gutiérrez muy importante para los estudios de las herramientas de indización, los lenguajes documentales y después para la línea de análisis de imágenes. Yo tuve muchas dificultades al principio para rastrear ese marco teórico de naturaleza semiótica, pero no lingüística, que pudiera dar soporte a los estudios de análisis de imágenes. Y el área francesa. Bueno, Eco, pero sobre todo, Roland Barthes fue básico en esa época y en ese aporte. Y entonces en la semiótica de raíz francesa fue donde yo encontré una parte más nuclear que podría dar soporte a la investigación que estaba desarrollando sobre el análisis de imágenes, más que la semiótica anglosajona, pero yo creo que por una cuestión quizá de fuentes, de que la semiótica en España se conoció en los años ochenta, y al principio pertenecía a la raíz francesa, más a la semiología. Entonces yo encontré por ahí una vía de sustentación teórica que resultaba fructífera. Y luego como los estudios de análisis de imágenes fotográficas estaban bien sostenidos en la tradición francesa, encontré que estaba más o menos resuelto. L2: Pues una ciencia que explica el significado de los sistemas de signos, no exclusivamente lingüísticos. Es una definición operativa, pero que explica los códigos de signos, las formas de producción de los sistemas de significación cuando no son lingüísticos. Y que resulta muy operativa para comprender otro tipo de realidades, otro tipo de sistemas de comunicación, de modos, sistemas de comunicación que operan en paralelo a lo lingüístico en todo tipo de situaciones. Entonces, yo creo que la semiótica resulta una disciplina, o sea, un marco disciplinar muy eficaz para comprender de forma integrada la producción de los significados. Para mí, eso es así, me costó mucho tiempo. L2: Yo creo que en parte, es lo que hemos comentado antes. Yo creo que en los últimos quince años, se ha reducido la influencia del substrato lingüístico y se ha incrementado la presencia del substrato de raíz semiótica. Pero porque toda la parte que viene la Information Retrieval, de la recuperación de la información, no reconoce explícitamente que tiene una base lingüística, sino que los de la teoría de la recuperación de la información se piensan que con el cajetín de google ya está todo. Pero ese sistema de representación no es lingüístico, o sea, yo creo que ha perdido peso el reconocimiento de la base lingüística, pero la recuperación de la información es lingüística. Pero los tecnólogos, los informáticos la omiten. L2: Claro, claro. Es que yo creo que la matriz de raíz tecnológica considera la tecnología, que es un medio, como si fuera una disciplina, o sea, como si fuera una disciplina en sí misma. Y yo creo que debajo de toda la tecnología que nosotros utilizamos para organizar y recuperar la información está la lingüística, si no, no tiene ningún sentido. Los procesos, la manera en la que nosotros recuperamos la información, se denomina en la tecnología "etiquetar". Pero etiquetar es asignar un descriptor y ese descriptor tiene un sistema de reconocimiento, o sea, de validación social porque se utiliza, pues eso es lingüística ¿no?, o sea, que como el

		lenguaje que convenimos que las palabras significan porque aceptamos, negociamos que signifiquen. Entonces, yo creo que la semiótica que no tenía un reconocimiento explícito, ha servido para explicar el funcionamiento, o sea, ha servido para explicar el comportamiento informacional, los perfiles de usuario. Sirve para explicar otros tipos de fuentes de información que no son estrictamente las textuales, pero que la lingüística está debajo de lo tecnológico sin reconocer. L2: Entonces, el norte siempre lleva a subir. Yo creo que ese vínculo disciplinar con lo francés facilitó esa conexión con la semiótica que vino de los estudios de comunicación. Cuando en los años setenta, llegan los estudios de comunicación audiovisual y de periodismo a la universidad española, que les había pasado algo parecido a los de Documentación, que existía la práctica periodística, pero no existía la formación de Ciencias de la Comunicación. Y además ahí hubo un choque porque ellos se quedaron con la palabra información y entonces no la pudimos utilizar nosotros y nos tuvimos que poner la Documentación. L2: Ahora está cambiando, sí porque ellos ya han ido al paradigma de la comunicación, en lugar de al paradigma de la información. Entonces, nosotros hemos podido movernos. Entonces, los primeros estudios semióticos llegan al mundo de la comunicación audiovisual y al mundo del periodismo como forma de explicar los medios de comunicación, los mass media como forma de explicar la comunicación audiovisual, como forma de explicar la comunicación gráfica. L2: Claro, es que yo creo que el objeto de la disciplina, la semiótica permite considerar de forma distinta el objeto de nuestra disciplina, los objetos científicos de nuestra disciplina, aquello sobre lo que nos centramos, porque yo creo que en la mayoría de los casos se ha percibido que la función de los profesionales de la Información era facilitar el acceso al conocimiento. Pero yo creo que ahí es facilitar el acceso a la memoria del conocimiento, no el conocimiento es un intangible. Entonces, los sistemas de memoria del conocimiento han cambiado y no son sólo textuales y no son sólo lingüísticos. L2: Y la semiótica explica el mundo. Sirve para explicar el mundo, entonces yo creo que el paradigma semiótico es muy potente, porque permite ser aplicado a cualquier ámbito de la realidad social, mientras que la lingüística solamente se aplica a los sistemas de comunicación lingüísticos. Y fíjate Barthes, cuando tú lees en Roland Barthes el sistema de la moda y te explica cómo significa, claro o te explica cómo funciona la fotografía o te explica cómo es… L2: Claro y luego, yo creo que Barthes lo que da es como Eco en Italia, lo que da es una respuesta a las características del entorno real y entonces a explicar, porque a mí de Eco que me resultan sus Tratados de Semiótica duros, lo que me sirve es cuando luego hace aplicaciones al…, el mundo de los súper héroes, ¿qué significa un súper héroe?
17	Não tenho certeza sobre o conceito B	L2: Pues no creas tú que lo tengo yo muy claro, qué poder incluir sobre el término semiótica. No lo tengo nada claro.

DSC III - CONCEITOS SEMIÓTICOS

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	terceridad, símbolo, indicio, semiosis, etc. paradigma, sintagma, sema, archisemema, lexema etc. A	Puramente semióticos/semiológicos los procedentes de Peirce (terceridad, símbolo, indicio, semiosis no sé qué partenidad tiene, etc.) y de Saussure y otros (Pottier, etc.) numerosos conceptos (paradigma, sintagma, sema, archisemema, lexema...) Particularmente me han interesado los trabajos de Eco (Kant y el Ornitorrinco y Lector in Fabula) y Ginzburg (Mitos, emblemas…) en los que resuena la obra peirceana.
2	----	----
3	Prefere falar dos resultados aos conceitos B	L2: Pues más que de los conceptos, hablaría más de los resultados porque no me he acercado en mis trabajos a esa parte concreta, pero sí diría que no se puede entender el desarrollo de la documentación sin todo lo que tiene que ver con lenguajes documentales, con clasificaciones y todo eso significa tratamiento del lenguaje, el pasar del lenguaje natural a unos vocabularios controlados sin los que no se puede recuperar ni organizar la información, en mi opinión, aunque la tecnología nos ayude mucho a hacerlo de un modo automático o semiautomático, de momento, yo creo que el trabajo humano, el trabajo intelectual sigue siendo imprescindible en el control del vocabulario.
4	Representação A	L2: En la Documentación es fundamental para la recuperación de la información o para facilitar que el usuario encuentre lo que necesita, que los bibliotecarios o los documentalistas hayan representado la información contenida en los documentos de alguna manera. Yo creo que el concepto de representación es un concepto de la Semiótica, representar con unos signos un contenido.
5	Nominação, normalização, conexões verbais entre conceitos, campos de especialidades, metonímia, equivalência, definição A	L2: De todos los conceptos, ¿cuáles considero importantes? Muchísimos, por ejemplo, mira, todo lo que tenga que ver o nominación o nombramiento de las cosas, o sea dar nombre a las cosas y dar nombre regularizado, estandarizado. Todo lo que sea enlaces verbales entre conceptos para determinar acciones, que va a ser la base precisamente de lo que diferencie a los lenguajes tradicionales... Después es necesario distinguir también una parte muy importante de campos de especialidad, si quieres de terminología demostrativa o determinante o que refleja un campo de especialidad, sin lo cual todas las aplicaciones van a ser muy difíciles de entender. Se me está escapando algo. Ah, bueno sí, claro, también todas las figuras tradicionales de {meronimia}, de equivalencia, de definición, lo que decía antes, nombrado pues es atributo de lo nombrado, definiciones y que son la base también de las estructuras de las ontologías y que vienen de los llamados anteriormente lenguajes documentales, los tradicionales y que hoy día han cambiado, pero que lo que hacen es extraer una parte del lenguaje normal de las relaciones entre términos que se dan en el lenguaje natural.
6	símbolo, signo, representación, metarepresentación, semiosis, heurística, uso, interpretação, referente, proceso de referencia, acción, código, processo-ação	L2: ¿En mi opinión? Pues mira, para mí símbolo, signo, representación, metarepresentación, semiosis. Tú hablas de inferencia, yo sería como heurística, como uso, interpretación, referente, proceso de referencia y acción. Otro concepto es proceso-acción. Lo veo todo interrelacionado, dinámico, no puedo ver el signo solo o el referente solo, referente con referencia a algo, a alguien que tiene en su mente, en sus patrones, en sus modelos ese referente que hace "referencia a" desde un lenguaje concreto o

	A	desde un sistema de códigos concreto también que le hace interpretar, lo veo todo...
7	representação linguística, interpretação, comunicação, construção de linguagens artificiais, estruturação de textos A	L2: Incluiría todos los conceptos relacionadas con la representación lingüística del conocimiento, como interpretación social del lenguaje y la comunicación, la construcción de lenguajes artificiales, taxonomías, clasificaciones y estructuración de todo tipo de textos.
8	----------	----------
9	Unidades linguísticas (palavras etc.), estrutura, relações entre conceitos, relações hieráquicas, relações associativas A	L2: Pues empezando por unidades tan simples como las palabras ¿eh? Y siguiendo por efectivamente las estructuras. Sin una buena estructura, tú no puedes nunca ser capaz de hacer una buena representación de la información, en la que quede muy claramente explicado cada uno de los conceptos y cuáles pueden ser sus posibles y {potenciales} relaciones con cualquier otro, ¿si te refieres a eso? L2: Por ejemplo, para el establecimiento de las relaciones de equivalencia jerárquicas, asociativas… o tienes muy claros los conceptos o es imposible que estructures un campo del conocimiento. Y ya si quieres establecer esas relaciones a nivel multidisciplinar, con mayor razón tienes que tener clarísimo la estructuración de cada uno de los términos y sobre todo de las unidades lingüísticas. Hablemos de sustantivos, claves en el campo de los lenguajes controlados, que bueno, también quizá los verbos y demás a veces pueden apoyar en esta cuestión. Pero realmente lo que importa es, para mí, no sé, es que no sé si alcanzo a decir muy bien… a entenderte. L2: Yo creo que sí. Yo creo que sí porque es que generalmente es con lo que nos movemos, porque los demás, siguiendo con lo que comentaba anteriormente, yo creo que los otros aspectos se fundamentan más en la teoría. Y yo creo que los lenguajes documentales son eminentemente prácticos, que sí que llevan un componente claro de teoría, pero no solamente a nivel semiótico, a nivel de significados, sino también relacional y estructural, creo yo.
10	----------	----------
11	binomios semióticos (sintagma-paradigma, sincronia-diacronia, tópico-comentário, tipo-caso) A	L2: Claro, claro, claro, claro, claro. Hombre, yo no les hablaba, citaba, pues qué sé yo, por ejemplo, binomios semióticos, pues sintagma-paradigma, sincronía-diacronía, tópico-comentario, tipo-muestra. Todo este tipo de, claro, son binomios. Yo les decía: "mirad, estos son puntos cardinales para orientarnos por las ideas". Estamos perdidos por la selva y hay que orientarse. Y entonces, pues en lugar de haber cuatro puntos cardinales, la rosa de los vientos tiene muchos más, necesitamos todos estos. Vamos hacer una descripción o una clasificación de los lenguajes documentales, pues cómo vamos a distinguir unos de otros, pues utilizando este tipo de binomios, de opuestos ¿no? Y es otro de los componentes de la semiótica, es la aplicación de la semiótica a la semiótica misma. Yo hago una clasificación de los lenguajes documentales y utilizo los binomios semióticos para oponerles y alguna tabla y alguna tabla, con más y con menos análogas a las que hacía {Poper} cuando definía, pues los elementos que sirven para sentarse: la banqueta, la silla, el sillón. Lo que tienen en común, lo que tienen diferencial. Entonces, en el caso de los lenguajes documentales lo mismo, sólo que los binomios de oposición son semióticos, porque tienen que ver con la teoría de los signos. Eso lo hacíamos nosotros a la hora de definir los lenguajes documentales.
12	Contexto, categorias lógicas, categorias	L2: A ver, desde el punto de vista actual, yo ya he dicho que lo de {Lakoff} me parecía importante, o sea que yo destacaría como

	linguísticas A	elemento clave la parte contextual, es decir, el contexto, los múltiples contextos del signo, de la unidad de la comunicación. La otra parte, que yo trabajo aquí más y que también encuentro fundamental, es la de las categorías. Si fuera más joven, o incluso puede que cuando me jubile y no me dedique tantas horas a corregir, creo que la confluencia de las ontologías o, mejor, de la formalización semántica puede enriquecer muchísimo las categorías. Las categorías conceptuales clásicas, vamos a decir, con las categorías lingüísticas más fundamentales podrían unir esta confluencia entre lo que es el procesamiento del lenguaje natural y lo que es un análisis más de contexto para poder hacer una ontología que no se limite exclusivamente a representar elementos conceptuales y lingüísticos, sino también del contexto.
13	Conceito, linguagem, linguagem documental, metalinguagem A	L2: Me pones en un aprieto ahora mismo, no sabría citarte expresamente determinados conceptos que ahora mismo estemos barajando. Es que barajamos muchos: el propio concepto documental, el lenguaje, el lenguaje documental, metalenguaje. Nuestra área, por ser muy interdisciplinar, bajara conceptos no solo del ámbito de la filología o de la lingüística, sino también de la informática, de la psicología, de la psicología cognitiva, etc.
14	Relação entre conceitos, estrutura de conhecimento A	L2: ¡Buf! Pues déjame que piense… Bueno, yo creo que es importante establecer la relación entre palabras y conceptos y las relaciones entre conceptos entre sí. Esto ha llevado a una serie de trabajos que, por ejemplo, el diseño de ontologías, el manejo automático de ontologías que forman lo que se llama, lo que se conoce como el {web} semántico y que yo creo que ése es un campo donde la Documentación sí tiene que jugar muchas cosas. Pero yo creo, o sea, que eso va funcionar siempre desde el punto de vista de que se trata de estructuras y de conocimiento {medido} a esas estructuras enfocado a su utilización automática, por parte de programas y por parte de ordenadores.
15	Conceito, significado, univocidade A	L2: Bueno, lo más importante es el concepto del concepto que más semántico no puede ser. Ahí hay dos aproximaciones, una que es más positivista y dentro está Dalbert. Reconozco que ha aportado un montón, la respeto mucho y utilizo en clase su teoría de los elementos del conocimiento, que me gusta mucho. Sin embargo, no estoy de acuerdo en su aproximación porque yo no soy positivista en nada. Como decía, dos visiones, una que va en esa dirección y que yo creo que Dalbert es una representación bastante clara, en la que el concepto es cerrado, estático. L2: De la semántica no sé, lo que es el significado, es que no sé qué decirte porque es que es todo. Es que, claro, la lingüística tiene muchas partes, entonces si lo desdoblamos, la morfología, la semántica y la sintaxis, todas tiene que ver con los sistemas y, además, de una manera muy paralela a lo que sucede en el lenguaje natural, sólo que mucho más simplificada. Entonces, aportarle todo desde la forma, lo que pasa que, claro, ciertamente tenemos ahí digamos un mandato semántico enorme de la {univocidad} y si vamos a normalizar, que tenemos que hacerlo, pues ese mandato semántico es el paraguas que todos lo tienen que cuidar, tanto en la forma como en el significado, porque ahí tenemos todos las variantes formales que no son estrictamente semánticas, pero que sí son varias para un significante (Inaudible 0:59:20) y ahí, aunque la ley de la univocidad más semántica, pero no sólo semántica en el sentido escrito, sino que afecta también a la pluralidad formal que pueda existir en la expresión de un concepto, y eso pasa en la mayoría de las lenguas, aunque que sólo sea singular y plural, que eso lo tenemos todos, y lo del femenino y el masculino, que no se habla de género en nuestro ámbito y es sumamente importante, yo se lo enseño a mis alumnos para que lo sepan. Cuando se habla de la normalización formal en español

		tenemos cuatro variantes posibles, masculino, femenino, singular y plural, y sólo se habla del singular y del plural y yo me niego porque existe el femenino. Yo soy del Instituto de Investigación de la Mujer y he trabajado mucho con estudios de género y con terminología de género, y entonces los estudiantes tienen que ser sensibles a eso porque si en un documento se está hablando de "mujeres abogadas" no lo pueden indizar como "abogados" porque está mal, directamente. El género se tiene que reconocer cuando haya que hacerlo, yo todos los años les doy una clase a mis niños sobre esto. L2: Bueno, volvamos a esto porque nos hemos ido, pero encantada porque estoy disfrutando mucho. La influencia desde la lingüística y la semántica ya te estoy diciendo lo de la univocidad semántica, lo de ese paraguas, pero va más allá de nuevo de lo estrictamente semántico y afecta a la forma. La forma es un reflejo o está tomada de la lingüística, la morfología, el estudio morfológico, pues lo mismo tenemos nosotros, pero fíjate cómo en nuestro caso la semántica incide en la morfología porque tiene que controlarla también. Entonces digamos que está en un plano superior, es lo que yo te digo que la morfología sí está, claro tenemos el lenguaje natural y tiene forma de palabra, expresión y tal, pero no es suficiente, eso se tiene que someter al rigor de la semántica en sentido amplio y entonces lo que te decía de femenino y masculino, que por eso ha venido esto, singular, plural, entonces, de hecho se resuelve lo mismo que en la sinonimia en los lenguajes de los sistemas, claro, tú tienes un préstamo y tú mandas de uno a otro, ¿cómo haces con un sinónimo?, igual.
16	Sistema, código, pragmática, signo, contexto A	L2: Pues, aunque no lo parezca, yo creo que el concepto de sistema y el concepto de código son unos de los básicos. Y luego, todos los elementos que interrelacionan con ellos ¿vale? Yo creo que el código, el código, el sistema, es uno de los mecanismos básicos y luego considerar esa visión de que los signos se organizan en códigos, que los códigos tienen unas reglas y que las reglas tienen unos contextos de aplicación. O sea, el concepto de pragmática, para mí también es muy, para mí es muy importante. Luego no siempre es fácil transcender a nivel conceptual, o sea la malla conceptual no siempre es fácil, no siempre es fácil descender, pero yo creo que están ahí presentes. Tú, ¿cuáles crees que son importantes? Esto ya fuera de la encuesta. L2: Claro, para mí, el análisis del discurso, el análisis del contenido, como técnicas y como objetos tienen sentido si tú en un nivel macro, consideras la pragmática.
17	Classificação, facetas, categorias lógicas A	L2: Vale, sí, temas de clasificación sí. L1: Son conceptos lógicos, no son conceptos básicamente de la Documentación. L2. Sí, sí, no sólo de Documentación, al contrario… L1: Además de ellos, son conceptos que nacieron en la Documentación… No, son conceptos lógicos, muy antiguos por supuesto, pero son conceptos que se suelen utilizar. L2: Sí, son conceptos que en muchos casos siguen siendo válidos, siguen siendo válidos. Es decir, no hay por qué renegar de esos conceptos base, al contrario, es bueno mantenerlos, eso es interesante. Lo único que hay que hacer planteamientos nuevos posiblemente. L2: Bueno, hablan mucho del tema del facetado o el tema tesaurus. Ahora se ha puesto de moda ontologías.

DSC IV – APLICAÇÕES

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	Não concorda com a divisão positivista da ciência A	L2:No comparto la división positivista en tronco y ramas y hasta me inquieta la palabra disciplina (desde mi posición desclasificada, claro). Prefiero hablar, con Santos, deconfiguraciones transdisciplinares (y ahí habría también elementos de semiótica, junto a economía política, poscolonialidad, ecofeminismo, etnología posmoderna, teoría crítica…) en torno a objetos o para la resolución de problemas (la información/documentación/exomemoria…)
2	----	----
3	Organização do conhecimento e recuperação da informação B	L2: En Organización del Conocimiento y en Recuperación de Información. Al menos dentro del área en la que he trabajado serían los dos aspectos fundamentales.
4	Análise de conteúdo, linguagens documentais e recuperação da informação B	L2: Pues yo creo que fundamentalmente en el Análisis de Contenido, en la Lingüística Documental en todo lo relacionado con los Lenguajes Documentales y en la Recuperación de Información.
5	Falhamos na questão teórica C	L2: Y luego, es muy curioso que en la parte de ontologías los grupos sean casi todos de informática porque van más por la formalización que por la parte teórica conceptual, si quieres. Yo creo que pecamos mucho de teórico-conceptuales. Y siendo un área técnica, como es la nuestra, aplicamos poco. ¿Me entiendes? L2: Es una paradoja, pero es verdad. Tú fíjate que normalmente aplicamos poco a solucionar problemas y, sin embargo, los de Informática lo hacen. L2: Cuidado, que no quiere decir que esto no haya que hacerlo, pero que es una cuestión bastante general, empezando por mí mismo, me hago autocrítica, no pienses que me quedo fuera de los que te estoy diciendo, sino que es muy curioso porque la nuestra es un área en la que nosotros enseñamos para aplicar unas técnicas a la información, al control, al acceso, una biblioteca es eminentemente un sitio de trabajo práctico, un archivo también, un sistema de información de una empresa también y, sin embargo, los profesores tendemos más a elaborar artículos y trabajos de índole teórica que práctica.
6	Todas as áreas da documentação D	L2: Para mí en todas, porque ya te he dicho que yo asocio Documentación con procesos de semiosis, con Semiótica, es verdad. Pero bueno, quitado eso, a lo mejor pues lo que son los sistemas de representación, los lenguajes documentales, los estudios de usuario, es que es todo, los estudios del documento también, los que se dedican a historia del documento también, documento desde el aspecto material, desde el aspecto de la forma, desde el aspecto del contenido. Es bonita la historia del documento desde los procesos de semiosis social, de semiosis documental, y ahora que ha cambiado todo tanto y hablamos del mundo multiplataforma y esa mezcla, ese concepto de convergencia cultural, de multisigno, para mí se hace como mucho más necesaria una historia del documento desde el concepto semiótico o desde elementos semióticos porque es eso, es el siglo de la convergencia cultural, de la convergencia tecnológica, de la convergencia de modos comunicativos y de la

		convergencia de lenguajes de textos en sentido amplio.
7	Organização do conhecimento B	L2: Sus aplicaciones son muy extensas y difíciles de sintetizar, podrían destacar la construcción de lenguajes documentales, sistema de clasificación del conocimiento, sistemas de organización del conocimiento, arquitectura de la información o el etiquetado social de los contenidos en la Web 2.0 como son las *folksonomías*.
8	----------	----------
9	Recuperação e representação da informação B	L2: Yo casi diría lingüística aplicada a la documentación. Yo no creo que sea lingüística aplicada realmente, yo por lo que he ido viendo, no sé cuál será tu opinión al respecto. Entonces, yo veía ahí la necesidad de no tanto profundizar en las raíces semióticas de las que tú me hablas, que sí que hay que tener conocimiento obviamente de todas las posibles acepciones de los diferentes conceptos para representar los documentos y de sus posibles relaciones, para que no exista ningún accidente lingüístico que interfiera en la recuperación. No tanto esto, como su aplicabilidad, o sea, la posibilidad de que si te viene cualquier persona en cualquier momento, tú seas capaz de darle una respuesta, pero de modo inmediato.
10	----------	----------
11	Representação da informação B	L2: Pues vamos a ver. Yo daría el salto de la palabra, a la agrupación de palabras y a la frase. Esto, esto obedece a una actitud nominalista, en el sentido de nomen, de ónoma, de nombre, de nombre. Es decir, esto funciona perfectamente con nombres propios y nombres comunes. O sea, obviamente, de entre las palabras, algunas son nombres, pero hay otras que no son nombres; el verbo. Esto no funciona como verbo, no funciona como verbo. Es decir, la designación y la denotación tienen que ver con el ónoma, con el nombre, pero el lenguaje es mucho más que nombres. Entonces, fíjate si tengo todo un campo de estudio ¿eh? Problema de relaciones entre unidades lingüísticas. L2: Claro, es que es eso, es lo que te estoy diciendo. Ése es el problema, o sea, el estado actual, el estado actual de la semiótica, tal como yo lo veo, es el estado del atomismo, o sea, las disciplinas avanzan de una actitud atomista, es decir, de dividir en parte las cosas, incluso en orden de poderlas estudiar más detenidamente cada una de ellas. Y después viene el problema de las agrupaciones y las relaciones entre ellas y ese paso no le hemos dado. O sea, en lingüística se ha dado obviamente, se ha dado regularmente porque la morfología se quedó atrás, la lexicografía o lexicología se quedaron atrás; la fonética se quedó atrás. Ha evolucionado mucho la sintaxis, o sea en el siglo XX, desde los formalismos, o sea, el hecho de que la sintaxis formada haya evolucionado, pues se ha podido evolucionar también las gramáticas. De hecho, Chomsky en su tesis doctoral era una matematización de la sintaxis. Pero se mantenían los problemas semánticos. Entonces, Chomsky, en parte, como {Freidor Catch} y algunos otros, fueron capaces de resolver problemas de semántica nominal, de semántica… Pero los problemas de la semántica, de la transfrase… Vamos a ver, la semántica de la frase y de lo que está detrás de la frase, que ya son las citas del lenguaje, las mismas del texto, {Bettofi} y compañía que ahí sí se han acuñado un montón de términos, archi estructuras,… L2: ¡Buf! Bueno, vamos a ver, yo creo que he incorporado bastantes en los esquemas de lingüística documental, o sea, vas recorriendo los epígrafes de las lecciones, algunos precedentes y yo creo que ése es el mejor modo de ver qué pienso yo sobre la integración de los conceptos, de las ciencias del lenguaje, las ciencias del lenguaje, la semiótica ¿no? Aunque la expresión ciencia del lenguaje se esté restringiendo bastante al lenguaje natural, o sea que si no fuera por

		eso, habría un sinónimo entre semiótica y ciencias del lenguaje ¿no? Quizás la idea de una unificación tal como la tenía Morris, no, vamos, es un ideal, es un ideal de aproximación más… La ciencia unificada no creo que pueda existir.
12	Aplicação a todas às àreas D	Los postgrados y los másteres en nuestra área son muy aplicados, esto es más propio de un doctorado, pero yo creo que todos los profesores, incluso los que enseñan arquitectura web, necesitan tener una base muy clara de lo que es el lenguaje, el significado y la comunicación porque si no… L2: Es que es fundamental en todo. Evidentemente, está lo que hemos dicho de organización, por tanto organización, clasificación. Organización y representación del conocimiento yo diría que es como la fundamental, pero como hemos estado comentando, el análisis del diseño es fundamental y hablábamos de arquitectura, de sistemas porque la arquitectura te permite unir mucho la organización y, tal como la diseñas en la interfaz, con la arquitectura de organización de ficheros interior y por eso te dicen mira, con la arquitectura ya, pero esto quiere decir que si vamos a un entorno que no es tan web, está el análisis de sistemas y el diseño de sistemas de recuperación como un área necesitada del análisis. L2: Sí, en el sentido de crear productos de organización y productos de difusión. A ver, si no es una chorrada de cosa, un community manager necesita saber analizar estos datos, saber ver qué hay en unos datos importantes y saber darles muchas vueltas para ver interpretaciones distintas, esto cada vez es más importante. Cuantos más datos tienes y cuánto más se centra tu trabajo en estos datos, más necesitas de estos elementos. Yo creo que esta parte teórica de la semiótica tiene que ser parte de la formación de muchos de estos profesionales que se hacen a partir de distintas carreras. Como la gente no encuentra trabajo, los economistas se van a poner a hacer trabajo de análisis de datos de marketing, que es nuestro trabajo también. Pues todas estas profesiones nuevas necesitan esta base clarísimamente.
13	Organização do conhecimento B	Por ejemplo, el profesor D. Antonio Moreiro y la profesora María Pinto Molina sí que han utilizado muchos conceptos procedentes de la textolingüística o la lingüística del texto de van Dijk, etc., pero tampoco han tenido un desarrollo y un alcance tan grande como para que adquieran una relevancia notoria. L2: Sí, de hecho, la aplicación práctica que han hecho la profesora Pinto Molina y el profesor José Antonio Moreiro de las teorías de la textolingüística al modelo de desarrollo de resumen documental del análisis del texto, de construcción de textos o de los minitextos, que son los resúmenes, yo creo que no se adecúa muy bien a lo que es el desarrollo de lo que es un resumen documental. Creo que ese enfoque lingüístico tiene más recorrido en otras áreas o para otras disciplinas, por ejemplo para el análisis y comprensión de textos, pero no para la elaboración de resúmenes documentales, puesto que la aplicación de todos los pasos que para resumir un texto se pueden dar, según la textolingüística, son excesivamente farragosos y complejos para el desarrollo de lo que es un resumen documental, en mi opinión. Yo no creo que, a grandes rasgos, ahora mismo en el área nuestras líneas de investigación estén muy condicionadas ni por la semántica ni por la lingüística ni por otras ramas del lenguaje. Sí que, por ejemplo, en el desarrollo de la web semántica, puede pesar la semántica, pero es de una manera como muy tangencial. Yo no advierto en modo alguno desarrollos teóricos a ese respecto, no los veo, acaso más bien aplicaciones a lo mejor de cómo vincular o relacionar conceptos según la lógica, la lingüística, la semántica, las relaciones entre los términos, sí, tras eso subyacen unas teorías de carácter lingüístico, semántico, etc., pero no veo yo así una… L2: una creación propiamente dicha, un desarrollo documental de esas teorías lingüísticas ni mucho menos, si acaso aplicaciones de

		esas teorías y muy cogidas por los pelos, de soslayo, a veces sin comprenderse bien los conceptos que se manejan procedentes de esas disciplinas. Entonces más bien somos aplicadores, y a veces no buenos aplicadores, de esas teorías que han elaborado otros campos o los teóricos procedentes de otros campos. Cuando surgen líneas de trabajo que nos parecen apropiadas o que creemos que somos capaces de desarrollar nosotros porque se están haciendo fuera, los países anglosajones ahí marcan la pauta, no cabe duda, si creemos que nosotros podemos desarrollarlas con cierto éxito aquí y podemos publicarlas y venderlas nos aplicamos a ello, sin más. Y eso no resulta fácil porque no tenemos una tradición propiamente dicha de investigación o de líneas de investigación sólidas en determinadas ramas o áreas. Claro, están muy de moda los estudios de usuarios, bueno, más que de usuarios, que ya no se llaman así, de comportamientos de búsqueda de los usuarios, de eficacia del sistema de recuperación de información, pero desde unos puntos de vista que, en mi opinión, a veces no hay por donde cogerlos, pero que ahí están.
14		----------
15	Aplicação a todas às áreas D Aplicação a todas às áreas D	L2: En la organización, ya. A mí me parece que la semántica y la lingüística dominan todo. Si te vas a la informática, tienes lo mismo, pero de otra manera. Ellos también trabajan con lenguajes que son artificiales como los nuestros y que poseen las mismas características, no sirven para lo mismo, pero estructuralmente tienen un parecido inmenso. Pues fíjate el ejemplo que te pongo dentro de nuestro ámbito, si te vas a la archivística y te vas al archivo y te vas a la documentación de archivo, claro que tienen influencia en la gestión; si te vas a la biblioteconomía en sentido estricto de historia de las bibliotecas no tanto, a menos que empiecen a hablarle de los sistemas de organización en las biblioteca o de cuestiones históricas, pero todo lo que sea gestión y e implique un lenguaje, un sistema de comunicación porque al final la informática es lo que pasa, tú te comunicas con un sistema informático, con el que sea, con el programa, lo que quieras, al final haces un sistema y ya está y entonces todo lo que se hace en un sistema participa de esas dos cuestiones, de la forma y del significado y eso viene de la lingüística y por eso permea tanto la lingüística. Y la semántica, ¿qué te voy a contar?, es el nudo gordiano de todos nosotros. L2: Sí, en lo que implica la organización, pero que va más allá, evidentemente, hay más cosas importantes como lo que hemos hablado de movimientos científicos en general, la ciencia y toda la evolución tiene mucho que ver con (Inaudible 1:16:34), no sólo es semántica y lingüística, a eso yo lo llamo "influencias distintas", digamos que la semántica y la lingüística están más en directo con lo directo, es decir, relacionadas con acciones concretas, pero desde el punto de vista del diseño, de la concepción, no tanto, a mi modo de ver. Eso tiene más que ver con modelos más generales de conocimiento, con teorías de este tipo, como de las que hemos hablado, no todas, pero algunas, de lo que es el diseño, es que yo diferencio entre el diseño, que es la teoría, los modelos y la elaboración porque es "ponerse a trabajar en".
16	Representação da informação B	L2: Cuando aplicaba el paradigma semiótico para el estudio de las imágenes, ahora me da más igual, pero al principio lo que me sentí fue muy sola. Es verdad, sola, o sea es como ¡buf!, sí muy bien pero… L2: A mí me interesa, fíjate, dentro del ámbito del análisis de las imágenes, me interesa mucho el híper, o sea, no el hipermedia sino el transmedia, o sea, cómo los significados trasvasan y sus significantes trasvasan de un medio a otro. Y como en cada medio, articulan un sistema de relaciones completamente distintas.

17	----------	----------

DSC V - RELAÇÕES DISCIPLINARES

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	As categorias epistemológicas vigentes não compreende os problemas de interação disciplinar A	Creo que en parte está respondido arriba: he tratado de extraer algunos conceptos de la semiótica al mismo nivel que de otras materias para observar problemas de la memoria registrada en un entorno tecnológico cultural cambiante y vertiginoso al que llamo transcultura. Pienso que las categorías occidentales que operaban desde su vieja cultura, y la epistemología –como dice Rorty- es un episodio de esa culturas, una subcultura occidental (y ella organiza y regula las "disciplinas"), no son suficiente para entender las propiedades y consecuencias de la transcultura digital, en la cual la comunicación y la interacción son los elementos claves por lo que hay que reinventar y horizontalizar la epistemología y todo el espectro de sus ciencias y ponerlos a dialogar con conocimientos sumamente ricos de muchas otras culturas pre o paraepistemológicas. El problema es que la colonización ha arrasado esos otros modos de producción de conocimiento y la transcultura digital está generando un auténtico "vatapá" con ellos. En breve habrá que hacer estudios arqueológicos y forenses de sus restos simbólicos…
2		L2: Sí, sí. Y tienes todas las Actas ahí y ahí puedes ver todos los temas que se han trabajado. De hecho, yo creo que {Guimarães} quería hacer un estudio de todo lo que se ha publicado en la revista, en el Knowledge Organizacion… L2: Sí, tenía esa idea y aquí tenemos, o sea que si te interesa un poco hacer el mapa del tema, ahí vas a tener todo lo que se ha, porque éramos todos los profesores participábamos ahí en el Congreso de ISKO, entonces ahí sí que vas a tener todos los que participan, ahora te voy a mandar el enlace; todos los que participan y lo que han ido produciendo. Y se ve que se va subiendo el nivel. Yo creo que desde mi punto de vista, hay un nivel mucho más, se ve que la gente está más formada ahora que al principio. L2: Sí. O sea, hace veinte, veinticinco años pues éramos muy jovencitos, nos estábamos formando, teníamos que hacer las asignaturas, o sea, hubo que hacer todo y ahora hay un poso más teórico. L2: Ahora en España, tenemos total libertad, o sea, lo que es la libertad de cátedra es real, o sea, puedes investigar lo que quieras, o sea, nadie te dice, tienes que investigar… Bueno, pues tu director de tesis, te puede asesorar, pero tú tienes libertad para investigar como quieras, con el punto de vista que quieras. Y eso vamos, está cuidada la libertad de cátedra, lo que ocurre es que ahora la tendencia, hay una presión muy fuerte en la Universidad, los másteres están compitiendo, se compite económicamente entre un máster… L2: Y con los que tienen que ver y se empieza a competir en las Universidades, ha empezado a subir el precio de las Universidades,

	A relação disciplinar com informáticos é dissociada e difícil B	o sea, porque ahora cuestan, antes la Universidad prácticamente era gratuita, en estos últimos cuatro años, la Universidad cuesta, pues un máster te cuesta cuatro mil euros o cinco mil, no es barato. L2: Mucho más. L2: No sé los precios, pero vamos que ya es bastante dinero. Entonces, esa tendencia, puede llevar a la mercantilización de la Universidad y a que no se interesen por cuestiones teóricas. O sea, la línea que llevamos, la Universidad española lleva una dirección que nos puede llevar a eso, que cuestiones teóricas que no tengan una, que no sean una aplicación práctica inmediata las pueden eliminar, porque hay mucha presión ahora mismo. La convergencia Bolonia significó esa tendencia ¿sabes?, el mundo de la empresa que presiona a la Universidad, la Universidad tiene que ser competitiva, los títulos tienen que ser competitivos, hay que competir entre los demás y hay que sacar títulos que sean rentables económicamente, o sea, ya estamos en esa dinámica. Lo que pasa que en el campo teórico todavía no ha calado, pero vamos, si seguimos en esta línea, va a terminar calando, o sea, vamos a estar al servicio de aplicaciones prácticas más que de cuerpo teórico. Y el cuerpo teórico es mucho más difícil y mucho más complicado que lo práctico. L2: Es más difícil, más complejo. Es una tarea mucho más complicada. Hacer algo práctico es muy fácil, es muchísimo más fácil y podemos estar corriendo el riesgo en España de ir hacia cuestiones más prácticas. Y luego lo que está pasando ahora, que como es tan rápida la automatización de todo, o sea, yo creo que el mundo va más rápido de lo que nosotros reaccionamos ¿no? y se nos está viendo en todo. La gente haciendo teorías sobre los lenguajes documentales, los tesauros y salen las folsonomías ¿no?, o sea, el mundo va más rápido de lo que nosotros proponemos. L2: Ya, pero que es importante también…, si tú no conoces lo que es la CDU, no puedes aportar para que se cree una…, o sea, lo que yo creo es que hay que compartir entre ambos grupos de investigación interdisciplinares, porque tú le tendrás que decir cómo se clasifica, porqué es importante el acceso directo, si el acceso directo tiene que estar sistematizado o todo en grupos, o sea, tienes que tener claro determinadas ideas para que eso luego se pueda hacer una aplicación práctica. O sea, de hecho, las clasificaciones sistemáticas tienen mala recuperación porque no hay buenos vínculos entre informáticos y gente que trabaja, especialistas en Información y Documentación. L2: Sí, en general. L2: Sí, está muy disociado, sí, está muy disociado. Yo creo que en general, unos están en una teoría y otros están en lo otro. A mí me encantaría poder vincular esto ¿no?, poder… para qué sirve esto. Esto tendría grandes utilidades y es un lenguaje jerárquico, sistemático, salta barreras lingüísticas, o sea, tiene muchas ventajas que tenía una aplicación en Internet impresionante. O sea, no se han acabado los lenguajes, lo que pasa es que tienen que tener una aplicación ahí. L2: Es difícil. Yo creo que estamos en un momento, no sé si fuera, pero estamos en un momento de crisis porque va más rápido la aplicación práctica y tecnológica que la cuestión teórica, va muchísimo más rápido. O sea, nos incorporamos mal, nosotros tendríamos que estar proponiendo, pero para eso tendríamos que tener a alguien que le pudiéramos decir: "quiero esta aplicación o quiero esto o esto tendría que tener valor para esto" y eso se hace poco. O sea, no están teniendo, no se hacen aplicaciones informáticas teniendo en cuenta el corpus teórico de nuestro, de nuestras disciplinas, no se hace. Y, vamos, aportaría muchísimo. L2: Por ejemplo, yo lo que conozco, la CDU, fíjate si se pudiera sistematizar, de hecho, hay páginas Web que se sistematizan con la {Digui} ¿no?, te vale para hacer páginas, para organizar la

		jerarquía, la estructura, para navegar por la jerarquía sistemática. En fin, vale para muchísimas cosas como lenguaje internacional. Yo busco en la Biblioteca Nacional de Tokio sin saber japonés porque busco el cero dos punto cero, el cero dos cinco punto cuatro y busco clasificación y organización del conocimiento, o sea, que podría tener unas aplicaciones impresionantes; hacerlos navegables los sistemas de clasificación, interoperables también entre ellos, o sea, que yo creo que lo que se tienen es que complementar, no decir que esto es una… Lo que pasa que no se complementan; van por un lado unos, y por otro lado los otros. L2: Y yo creo que la gente que se especializa en nuestra área en informática, es una cosa muy truncal, yo no se lo recomiendo a nadie, claro, porque tú siempre tienes un especialista que sabe más que tú que es el que ha hecho la Ingeniería Informática. Yo me especialicé en esto y tú, es bueno que seas la persona de referencia a una parcela muy pequeña ¿no?, eso que dicen, que el especialista es uno que cada vez sabe más de menos ¿no? En cambio, si tú tienes una Ingeniería detrás, nunca vas a ser una persona de referencia, entonces no es bueno, no es bueno, es como si haces algo jurídico, yo qué sé, derecho de la Información, pues siempre vas a tener juristas que saben más que tú. Y yo creo que el problema es que no estamos sabiendo adaptarnos ahí. Y de hecho, hay muchas áreas que nos están comiendo terreno ¿no? L2: Pues estadística con Big Data, gestión de Big Data, o sea, empiezan muchísimas áreas a meterse en nuestros ámbitos. En vez de nosotros expandirnos, hace unos años, nosotros nos expandíamos y ahora nos están quitando terreno. Vamos, yo lo veo así en general, o sea que no hemos sabido ocupar ese espacio. L2: Y éramos muy necesarios. Ahora se están incorporando médicos que se meten en nuestros temas. L2: Y así está pasando yo creo que en todos los ámbitos. Nosotros, hace unos años nos metíamos en… L2: Claro.
	situação atual da documentação em Espanha	L2: Es una disciplina con mucha invisibilidad, tiene mucha invisibilidad y les falta, o sea, porque lo notas que hay muchos ámbitos trabajando que les falta conocer las herramientas y cómo funcionan, pero desde el periodismo, que los servicios de documentación son muy malos y fíjate, podríamos estar aportando muchas cosas, cómo se indizan fotos ¿no? Para un periódico es más fácil y más barato sacar o para un medio de prensa o para la televisión, es más barato sacar de archivo que ponerte a filmar y a grabar. El archivo es muy interesante, pero como no lo tienen, no tienen buenos especialistas en Información y Documentación, no pueden hacer el archivo que es lo que pasa, por ejemplo, en televisión y en prensa escrita y en audio, en radio, que si estuviera bien indizado, es baratísimo recuperar todo eso y además muy interesante ¿no?, que en la televisión te estén dando una noticia y te pongan la imagen antigua. No sé en Brasil, pero aquí, se utiliza muy poco archivo porque no está bien trabajado. O sea, yo creo que tenemos una carrera muy invisibilizada y que además que tiene gran futuro ¿no?, dicen que en cada etapa de la historia, ha habido una disciplina que ha marcado un siglo o un periodo y yo creo que el siglo XXI, es el siglo de las Ciencias de la Información, de la Información digital, pero no estamos sabiendo posicionarnos o nos están comiendo el terreno, no se sabe qué nos pasa, algo nos pasa.
	Ensino em documentação	L2: En general. Nosotros, en la investigación en España, los últimos veinticinco años está totalmente mediada por la creación de los Estudios de Biblioteconomía y Documentación. Se crean Diplomaturas de Biblioteconomía y licenciaturas de Documentación, que eran de postgrado y eran carreras de cinco años y ahora por los estudios de Información y Documentación y eso es lo que ha incidido en la investigación. La mayoría de los profesores ha publicado sobre su área, sobre su asignatura, sobre las materias

		que tenía que impartir, la mayoría de los profesores. O sea, que estamos muy mediados por lo que es los Planes de Estudio, las disciplinas, lo que es el marco universitario nos ha marcado el camino prácticamente a todos; a la gente pero de cualquier disciplina ¿eh? O sea, la gente se ha… Todos los de Zaragoza, Valencia, Salamanca, Granada, la gente se puso a trabajar…, o Cataluña. La gente se puso a trabajar en su ámbito de investigación, en su asignatura o en su materia. Y la mayoría eran sus libros para dar las clases. O sea, es así un poco el ámbito nuestro, como hemos… L2: Al principio, había muchísimos manuales, ahora como hay mucha presión en la Universidad para que publiques con factor de impacto artículos. La gente ha empezado a publicar artículos, pero hasta hace muy poco, la gente publicaba libros. A mí, por ejemplo, esto, es que lo estoy dejando desactualizar porque esto no me cuenta y fíjate que trabajo es esto. Esto no me cuenta. L2: No cuenta nada, no me cuenta nada. Cuando me presenté a la evaluación, un cero, no cuenta nada. L2: Entonces, por eso no lo actualizo. La CDU en España está sin actualizar por el trabajo que es y no te puntúa, o sea, estamos muy mediados ahora porque hay que artículos con factor de impacto y yo, por ejemplo, he dejado de trabajar, al último Congreso de la CDU ya no he ido, es que es una pérdida de tiempo, un esfuerzo tan grande, tan grande, publicarlo en la revista. Es que además, como no tiene factor de impacto que es sólo para especialistas de la CDU que somos, yo qué sé, doscientos o cien en el mundo, pues eso no puntúa nada y eso es un esfuerzo…, que yo al último Congreso ni he ido. L2: Sí. Bueno y ésta es la CDU pequeña, la CDU grande es así y tres tomos, o sea, que nos está cambiando, o sea, esa presión nos está cambiando. Y eso también es peligroso porque son los actores de impacto e indización son empresas privadas. Yo trabajo con fondos públicos, subvención pública, publico para una empresa privada que luego lo que yo publico, que se lo doy gratis, lo publica, saca dinero, le gana productividad y mi Institución o mi Biblioteca tiene que pagar por acceder a eso ¿no? Eso es un poco el sistema que es un poco perverso. Es muy perverso este sistema, pero vamos, supongo que en Brasil estaréis también con lo mismo. L2: Y se han caído muchísimas publicaciones, muchísimos libros, muchísimas revistas que tenían mucho interés. L2: Yo, a Dani se lo dije pero muy claro, que la publicara en… Porque yo he hecho mucho esfuerzo en cosas que luego no tienen, que sí, que a mí en España me conoce todo el mundo por la CDU, pero que luego para evaluarme pues no… L2: No, eso no cuenta nada y eso es un esfuerzo sobrehumano, vamos, eso son, para sacar esto tienes que estar… L2: Pero sacando horas diarias, o sea, eso significa que tienes que estar sacándole cinco seis horas diarias, o sea porque si no no llegas, o sea, con un esfuerzo muy grande. O sea, que vas con la CDU a todos los sitios, o sea, te tienes que poner con la CDU todos los días, o sea, no es un trabajo… Exige muchas horas, entonces no merece la pena. L2: Y así estamos.
3		L2: Por favor, descríbame el nivel de contacto interdisciplinario entre las teorías Semiótica y las de la Documentación. L2: Fíjate, no me lo había planteado hasta hoy que has llegado, o sea que te contesto de forma honesta. Pienso que tiene muchísima relación con los compañeros de los que hablábamos en el café, con lo que tiene que ver con Filosofía del Lenguaje, por ejemplo, y la lógica aplicada al Lenguaje. Y yo cursé alguna asignatura en concreto sobre Filosofía del Lenguaje en mi primera titulación y creo que tiene mucho que ver con la Lingüística Computacional o que

	Não sei se algum grupo trabalha de forma interdisciplinar B	tenemos que pensar que guarda mucha relación con los desarrollos de Lingüística Computacional. No sé si en España estamos trabajando de forma interdisciplinar en ese sentido, la verdad es que desconozco si hay algún equipo de trabajo en el que participen lingüistas e investigadores del ámbito de la Documentación, o sea que cuando acabes con tu investigación, estaremos encantados de saber si has encontrado estas interrelaciones. Ojalá.
4	Não há interdisciplinaridade B	L2: Yo creo que vivimos de espaldas unos a otros, esa es mi sensación. Fíjate que aquí nosotros convivimos, igual que en Zaragoza, en una facultad de letras y que hay filólogos y lingüistas y nunca o prácticamente nunca hemos trabajado en conjunto. L2: Es muy importante y sería interesante, seguramente, trabajar con los lingüistas. L2: Sí, yo creo que sí. Ellos piensan que lo suyo tiene una categoría superior, que esto nuestro es algo aplicado que se resuelve muy fácilmente y no…
5	Difícil fazer equipes individuais B necessitamos entrar em contato com outros especialistas B	Los profesores veteranos venimos todos de otras áreas, nos hemos formado fuera de lo que luego se llamó Biblioteconomía y Documentación de la actual Información y Documentación. Entonces yo me formé en los comunes de Filosofía y Letras y luego, curiosamente, hice Historia y Pedagogía. L2: Sí, entre el 85 que leí la tesis, que no tuvo nada que ver con esto, sino que tuvo más parecido con la Archivística, fíjate, cosas curiosas, y la Archivística enlazada con la Historia a través de las Técnicas y Ciencias Historiográficas. Bien. Pero me contrataron en la Complutense y allí había un núcleo que yo te diría encabezado por el profesor García Gutiérrez y… Y creo que, además, es de las áreas más complicadas, entiéndeme lo de áreas, de los sectores más complicados de nuestra área de conocimiento en cuanto estar al día por lo mucho que avanza cada año es esto. Tienes que estar encima porque hay constantes cambios hasta en la normativa. Si te das cuenta, la última normativa inglesa apareció en el 2005, en el 2007 ya había otra versión, la del 2011, la internacional de la ISO es de hace tres años escasos y ya se están revisando, o sea, es una cuestión de un cambio continuo y que exige además equipos multidisciplinares y quizás por eso a veces no investiguemos en cuestiones más aplicadas porque se requeriría un grupo de gente con estadísticos, con lingüistas, con gente de aplicación de estándares, con gente de informática, lógicamente, y con especialistas del campo al que lo apliques. Y no sé cuál es la otra. L2: Eso te lo estaba diciendo ahora mismo. Aquí es dificilísimo hacer equipos individuales, es decir, equipos de una sola persona, no vas a ninguna parte. Sí, haces investigación, pero no vas a aplicarla a una auténtica solución, a una auténtica mejora de los procesos y procedimientos en nuestra área. Entonces, está muy claro que tienes que formar un equipo. Pasa en otros, a ver, los compañeros que investigan en Bibliometría necesitan tener estadísticos y gente de informática con un nivel bastante avanzado en programación, luego necesitan saber de lo que se va a medir y, aparte, científicos de Historia de la Ciencia o de Comunicación de la Ciencia, o sea, se necesitan equipos. En lo nuestro, totalmente. Vamos a ver, mira, yo aquí cuando en esa taxonomía que estoy intentando enlazar, que estoy intentando darle una variante ontológica, cada poco tengo que estar llamando a compañeros de Derecho, a compañeros de Empresa, a compañeros de Sociología porque hay una serie términos que en el nivel más básico de esa taxonomía que es denominar, dar nombre a los elementos de la taxonomía y establecer las equivalencias, necesito que me digan cómo se llaman. ...Me han hecho un traslado de datos de unos ficheros que había en Excel y en Word a Alfresco porque vamos a intentar en Alfreco enseñarle a buscar en texto libre, él ya tiene un buscador, pero

		enseñar a buscar con las necesidades que nosotros tenemos. Y todo esto me lo hace gente de informática, claro, si no... Y yo, encima, no soy nativo digital, que los jóvenes estáis más, pero yo hasta esa época…
6		L2: Fíjate, yo estoy en una posición que empecé a estudiarlo justo cuando sucedió y vi la evolución. Yo siempre digo que tenemos suerte de vivir en esta época en la que pasan tantas cosas y tan rápido y somos testigos de esa historia, de esa época y de cómo influía la formación de los profesores que venían de Historia, de Filología, de Informática, de Ciencias Empresariales, en la manera en que concebían las disciplinas y determinados modelos para esas disciplinas. Cuando yo empecé a estudiar la Lingüística era muy estructuralista y centrada solo en el código, en el lenguaje, después vinieron los modelos cognitivos, la teoría de comprensión lectora, la Psicología Cognitiva y empezaron a hablar de modelos mentales a la hora de construir tesauros en los procesos de indización eran importantes y luego después en torno a los años 90, yo ya estaba en el doctorado, empezó el concepto de usuario. María José López Huertas fue quien integró también esa importancia cuando vino de EEUU donde hizo una estancia ella posdoctoral, no me acuerdo si había hecho la tesis o no, y empieza cómo integramos esa parte del usuario tan importante que venía con ese concepto de empresa también dentro de los tesauros, dentro de todos sus modelos y todas sus teorías y, a partir de ahí, empiezan las teorías sociocognitivas porque también hay una corriente cultural, una corriente sociológica en España dentro de las ciencias de la Documentación y entonces o eres fisicalista-estructuralista, dato-información, o te centras en modelos mentales, conocimiento, eres más psicocognitivo. También la Psicología del Lenguaje en ese momento de los años 90 en España dentro del lenguaje era una corriente que estaba en boga y, como importamos todo, pues se llevaba, entonces entraron la Cognición, la Teoría de Conceptos, los modelos mentales y luego ya los modelos socioculturales, que también son lo que se llevan en Lingüística y los que justifican un poco esa integración del concepto de usuario, de comunidad de usuarios también, que los modelos tecnológicos, ese concepto de comunidad también estaba entrando en nuestra jerga documental, como yo digo, y es verdad que ya nadie se posiciona solo en el modelo estructuralista. ...Si te toca estar en Granada, pues hay ciertos intereses equis y va a haber asignaturas que prevalezcan por encima de otras, va a haber muchas de lenguajes, en Granada no precisamente, pero aquí había muchas de aspectos de Lingüística que se quedaban en optativas, dependiendo si eres más bibliómetra, si eres más de recuperación de información, más tecnólogo, más de gestión, eso luego se ve y, por supuesto, la Semiótica se hubiera quedado atrás, superatrás, ni en un máster, pero es por esa concepción mala que tenemos del "palabro", como yo digo, te da miedo, dices, ¡huy!, ¿de qué estás hablando? Eso no vende, eso no es tecnológico, eso es para los filólogos, para los filósofos, ese afán que tenemos también en nuestra área de definirnos como Ciencias Sociales, fuera de las Humanidades, ay, no, no, nosotros somos de Ciencias Sociales. Una pena porque en Ingeniería Lingüística han hecho avances interesantísimos en diccionarios, en recuperación automática del discurso, filólogos que sí se pusieron de acuerdo con informáticos porque les interesaba cooperar a ambos. En el caso de la Documentación, teníamos que posicionarnos: ¿qué es más, la recuperación de información o el análisis? Si tú no puedes recuperar nada que no esté previsto antes, reconocido y representado. A mí me da pena que no hayamos sabido entendernos, mucha pena. L2: Ahora ya no sé, es diferente porque ahora tenemos la pugna con la Ingeniería de Sistemas con otro tipo de…, parece que esta

	Não há interdisciplinaridade: Linguistas não se interessam por documentação B	cuestión de los motores de búsqueda y las bases de datos ya no es tan importante. Ahora son otros, las ontologías y todos los informáticos con ellas. L2: Mira, yo veo niveles macro, quizás mi concepto también de estructuras y de análisis {descriptivo}, niveles macro y niveles micro. ¿Cuál era la pregunta? L2: No, no hay, están los filósofos que van por su parte… L2: Los lingüistas, que encima se defienden, no quieren saber nada con la Documentación, y dentro del campo de la Documentación pues hay líneas diferentes. Hay gente que está sin modelos, que se preocupa solo de productos, de procesos. Yo estudio la Teoría de la Comprensión Lectora, las Teorías de la Clasificación, pero sin los fundamentos que hay detrás y sin estudiar bien esos modelos comparativos o de esos elementos…
7	Não há interdisciplinaridade, apenas buscamos conceitos em outros campos B	L2: A mi parecer, el contacto disciplinario está dirigido de la Documentación hacía la Semiótica y la Lingüística (fundamentalmente por encontrar respuestas a los problemas que plantea la representación lingüística del conocimiento) y no al contrario.
8	Estamos estagnados e não aproveitamos a oportunidade tecnológica B	L2: A ver, es que realmente nosotros aquí no tenemos Grado, ni tenemos ya licenciatura. Aquí lo único que tenemos es un máster que se da en Gandía y que ya ni siquiera el perfil es muy de Documentación. El perfil es más Comunicación Audiovisual. Comunicación Audiovisual y algo de Documentación. Luego aquí en el Centro hay un máster que es de Sistemas de Información en donde va gente del Grado de Documentación de la Universidad de Valencia y alumnos de informática de aquí, buscando digamos perfil híbrido entre Informático y Documentalista. Entonces eso se da aquí en la Facultad de Informática, que yo doy clases en ese máster, que es el máster MUGI. Y luego el CAL sí que era el que se daba aquí como máster digamos de Documentación, traspasó a Gandía, es la UPV pero del Centro de Gandía y allí se ha enfocado más hacia la parte de Comunicación Audiovisual. L2: Realmente, a ver, yo no soy especialista en esta parte. Yo soy más parte de la parte de Comunicación. Entonces realmente yo creo que sí que hay ahí mucho trabajo y muchas posibilidades de investigación. Hay muchísima gente que está trabajando mucho en esa línea para crear proyectos de investigación fuertes y yo creo que es el presente y también el futuro realmente. Pero yo creo que ahí hay una línea importante que es, que para todo esto los conocimientos de informática tienen que elevarse, o sea, la gente tiene que tener unos muy buenos conocimientos de aplicaciones, de semántica lingüística…, pero sobre todo de tecnología, para poder aplicarlos, sino es imposible ahora trabajar si no se tienen esos conocimientos. El tema de lenguajes híbridos, etc., va muy encaminado a la parte de Red, si no se tienen los conocimientos tecnológicos para hacer esos análisis difícilmente se va a poder llegar a tener productos o servicios o algún tipo de investigación como dios manda. L2: ¿Mi opinión personal? Pues, a ver, yo llevo muchos años en esto. Llevo tantísimos años que ya ni me acuerdo porque empecé, pues eso, muy jovencita y he estado muy metida en los temas profesionales porque en los años noventa fui Presidenta de FESABID, de la Federación Española de Asociaciones de Biblioteconomía y Documentación. Y luego he estado vinculada por los estudios y tal… Mi sensación sobre esto es que estamos siempre un poco dándole la vuelta a las mismas cosas. Yo treinta años casi ya, siempre veo que la gente se pregunta lo mismo y no acabo de entenderlo, porque no… El momento, el paradigma es diferente y esto es otra profesión que tiene que tener otros conocimientos y que tiene que saber hacer equis cosas, que la titulación se llamará

		como se llamará, pero al final la gente tiene que saber lo que tiene que saber. Y que es una profesión que si se hubiera montado cuando tocaba en el carro de la tecnología como dios manda, ahora seguramente tendríamos mucho más espacio, porque todo lo que es la sociedad ahora mismo de la Información, nosotros somos gente de información que podíamos habernos metido en muchísimos más puestos de trabajo de los que se ha… Realmente nos han como apartado hacia Centros de Documentación, Bibliotecas, siendo que somos especialistas en Información y podemos trabajar en cualquier cosa. Yo creo que eso se ha peleado mucho desde las asociaciones, pero no se ha conseguido del todo. Y, bueno, se sigue con ello, pero me recuerda a las mismas críticas que yo viví en los noventa, las oigo ahora en los colegios profesionales en el 2014, con lo cual, es como si fuera el día de la Marmota ¿no?, otra vez la misma cosa. No entiendo, algo no hacemos bien, es mi impresión. Como segmento profesional, algo no se está haciendo bien porque no conseguimos tener visibilidad, pasan los años, pasan las décadas. Podemos estar dentro de un ámbito que tiene más campo y no conseguimos abarcarlo, algo tiene esta profesión que no somos capaces de visualizar todo lo que somos capaces de hacer porque si no, no lo entiendo. L2: Claro, sí, sí. Si se forma en una cosa y se forma en muy equis temas y no se tocan otras temáticas más novedosas, más transversales, más multidisciplinares, pues al final te encasillan. Y el alumno también sale con esos conocimientos y también se siente encasillado. Todos somos culpables, aquí nadie se libra. Somos culpables; los profesionales son culpables, los profesores somos culpables. El único que no es culpable son los alumnos que vienen y estudian lo que nosotros les ofrecemos y luego trabajan en los sitios donde encuentran trabajo. Pero bueno, yo creo que hay que ser optimista también y ver que, bueno, la sociedad va cambiando y la propia gente se recicla. La propia gente se da la vuelta y consigue colocarse en cosas teniendo el título que tenga.
9	Relação não é estreita B	L2: Yo creo que más bien esto ha sido casi una preparación. Mira, hay una cuestión que no sé otros colegas del área, otros compañeros también del ámbito de la documentación. Pero casi ha tenido que ser una preparación autodidacta porque, para que te hagas una idea, por ejemplo, los primeros profesores del ámbito de la documentación de esta nueva carrera en España no somos documentalistas, obviamente, porque esta especialidad no existía, entonces te has tenido que preparar. Yo recuerdo que estas asignaturas no se habían impartido prácticamente en este país cuando yo empecé con ellas, se habían impartido sobre todo en Granada y no sé si también en Salamanca o Murcia, no recuerdo muy bien. Pero había mucha dispersión o como muy poco apoyo, vamos, yo recibí muy poco apoyo o nulo apoyo por parte de colegas de otras universidades para poderlo preparar. De tal manera, que tenías que… No sé si conocerás a Moreiro, seguramente sí. L2: Porque yo creo que realmente no es una disciplina aparte. Yo no lo creo, a diferencia de lo que dice García Gutiérrez. Por mucho que él diga y que…, no lo veo. L2: {Creo que son}, el lenguaje, yo creo que tomas de la semiótica los símbolos para después generar unas estructuras, unos lenguajes controlados, unas estructuras muy particulares, cada vez más complejas, eso sí… L2: …y gracias a ellas, después representar los documentos y después recuperarlos. Pero yo lo veo puramente pragmático. L2: Pue yo no sé qué decirte, pero yo no lo veo muy estrecho sinceramente. Yo creo que son, vamos, no te digo divergentes, pero sí paralelos. Yo no creo que exista, salvo Izquierdo que trabajó más en ese ámbito, en el de la semiótica, intentando aplicarlo a este campo, que yo no sé hasta qué punto lo habrá conseguido. Porque,

	Corporativismo impede a relação interdisciplinar B	bueno, yo no he visto los resultados, he visto sus publicaciones y demás, pero no he visto su aplicabilidad en el campo de la práctica. Realmente, re-insisto en que el lenguaje documental es fundamentalmente una herramienta, un útil al servicio de la recuperación de información. Entonces, yo no veo que haya una interrelación muy clara. L2: Pues porque… te voy a decir porqué quizá. Porque lo idóneo… Yo siempre he propuesto una causa cuando asisto a congresos y demás. Ahora mismo acabo de venir de uno de traducción, de la Escuela de Traducción conjuntamente con la Facultad de Informática y demás que me invitaron. Y hablamos… Yo resulta que digo, que si informáticos, lingüistas y documentalistas trabajáramos conjuntamente, conseguiríamos el sumo a la hora de recuperar información, de representarla y de trabajar en una proyección pues cada vez más compleja y, a su vez, más útil y más práctica para el ámbito de la documentación y también de las otras disciplinas. Pero el corporativismo yo creo que impide que exista una interrelación entre estos colectivos.
10	----------	----------
11	Em termos de linguística documental não houve outra disciplina B	L2: Quién diseñó el Plan de Estudios, de los estudios de documentación, entonces se llamaban estudios, no se llamaba ni Diplomatura, ni Licenciatura, Estudios de Documentación, una especia de Escuela, una Escuela Universitaria que tenía pues un régimen distinto de las facultades, incluso un rango, si prefieres, si quieres, inferior a una Facultad. Y entonces, entre otras asignaturas, pues se creó esa. Se creó también el Seminario de Estudios Unos y Seminario de Estudios Dos. Yo, el Primer Seminario de Estudios era Pierce y el Segundo era Semiótica. Y fue el primer lugar donde se habló de Pierce dentro de la Escuela de Documentación. Tenía poquitos alumnos ¿eh?, pero leíamos a Pierce, lo comentábamos. L2: No solamente cuajó… L2: Cuajó en Murcia nada más, nada más. Y es que además no hubo ni un connato.
12	Não há relação disciplinar na prática B	Yo encuentro que en nuestro campo en España ha habido más teóricos, más profesores con una base fuerte lingüística que han introducido una parte lingüística importante, pero no tanto. Tampoco encontraba aquí a mis teóricos de referencia y creo que eso ha sido muy perjudicial para la práctica porque no se han desarrollado métodos de acuerdo con las nuevas teorías, por lo menos para reconocer hasta dónde llega el método que tú estás enseñando. Pero ya digo, yo creo que los autores que se han apartado más a esta parte lingüística y semiótica están muy divorciados de la parte teórica y de la parte práctica. Además, cuando lees algo o te encuentras en congresos o en reuniones este tema es muy limitado. Yo siempre digo se habla demasiado de oposiciones y plazas y poco de lo que se necesitaría hablar mucho más para decir, aparte de lo que has escrito, cómo lo estás experimentando con tus alumnos cada día porque estas cosas no se comunican por escrito. Es muy importante para entender de qué le sirve realmente todo esto a esta persona, si no, se queda como muy vacuo. Por tanto, no sé si es que no se lo creen o es que piensan que así hacen más currículum, es que, seamos claros, lo que te están exigiendo es que tú publiques y así vas más rápido. L2: Esto es una parte importante a tener en cuenta. Yo he tenido buenos alumnos a los que les interesaba este ámbito, pero bueno, esta gente tiene que comer, ¿no?, y han estado un tiempo aquí de profesores asociados, pero luego se han ido a hacer cursos por ahí, es normal, no se puede vivir de eso. Hay muchas cosas que han sido reivindicativas y yo creo que esta

	Não existe relação interdisciplinar B	explosión que he dicho me ha parecido nefasta en el sentido de que el Gobierno tendría que haberlo prohibido, pero esto dice mucho de los profesionales y de los profesores de esta área, o sea, en beneficio de un mercado laboral coherente, tendrían que haberlo abortado, pero este núcleo de primeras escuelas trabajó muy intensamente y defendió mucho estos estudios que siempre se han visto muy amenazados, no sé si realmente o no, yo siempre digo que en todas partes hay intrusismo, que no somos los únicos, hay que trabajar bien y da lo mismo que lo haga otra gente, mejor, se hará desde otros puntos de vista y saldrá mejor el trabajo al final, pero quiero decir que mucha gente hemos tenido trayectorias de defender la profesión y de expandirla, entonces yo no soy un buen informador sobre la evolución del área de investigación, te lo van a decir mejor los que han trabajado más directamente en esto. L2: Claro, sí, equipos interdisciplinares. A mí lo que me gusta mucho de esta área es que puedes disfrutar hablando con gente muy distinta a ti, que está haciendo cosas distintas. Por ejemplo, de esta asignatura de Fundamentos de Cognición yo hago dos temas y el resto los hace un psicólogo que, además, es físico y es fantástico. L2: Desde mi punto de vista y desde mi experiencia, no solamente en España, sino también en el extranjero, la interdisciplinariedad es siempre un aspecto muy defendido, muy reivindicado por algunas áreas como la terminología y la documentación, que son de naturaleza transdisciplinaria. Teóricamente, una disciplina que se aplica a todas es más fácil que reivindique también su interdisciplinariedad, esta necesidad de coger elementos teóricos también de otras disciplinas y esto se reconoce y se vive, yo creo, como una cosa de esencia que caracteriza precisamente este tipo de disciplinas. Pero en la práctica, esto es muy difícil. Es muy difícil el diálogo, tienes que empezar por decir cómo le llamas tú a esto. Tenemos que ser conscientes de que estamos hablando del lenguaje y que esta gente ha estudiado otra cosa. Yo he trabajado con gente de otras carreras y me han confesado que no saben ni lo que estamos haciendo nosotros ni lo que están haciendo ellos aquí. Digo vamos bien, lo importante es reconocerlo, a partir de aquí ya podemos empezar. A ver, normalmente no se hace esto y se va tirando por tu carril poniendo un poco las bases de decir no, cuidado, esto es interdisciplinar y aquí tiene mucha importancia cada… Pero en la práctica cuesta mucho relacionarte. Lo que yo digo es que en el día a día es realmente difícil crear dinámicas conjuntas entre profesores de distintos departamentos, de distintas áreas y especialidades, trabajar conjuntamente y crear juntos teoría, eso es muy complicado.
13		No sé si te has dado cuenta, pero la investigación en documentación en España es un área muy polifacética o muy multifacética, está muy atomizada, muy diseminada en múltiples facetas. Lo mismo te encuentras estudios sobre bibliometría que índices de citas, citas, estudios coyunturales sobre lenguajes documentales, cosas sobre resumen documental, cosas sobre inteligencia artificial, redes neurales, etc. Desde el punto de vista de la investigación, creo que es un área muy poco sistemática, muy dispersa, que se mueve mucho al compás de intereses académicos concretos, coyunturales, de modas, no es una investigación tan consolidada como en otras disciplinas en la que haya grupos que tengan una tradición de seguir investigando en una o varias líneas de investigación a lo largo del tiempo, con mucha continuidad, sino que son investigaciones muy concretas sobre aspectos puntuales como los que te he podido citar. Ahora quizás se empiezan a atisbar, a esbozar, a plantear, pero como tal vez es una disciplina relativamente joven en España, no hay líneas de investigación consolidadas y establecidas como puede haber en otras disciplinas o como a lo mejor ha habido en otros países de más tradición como los anglosajones.

	Recebemos muita influência dos temas em moda B	Entonces eso quizás le ha ayudado a tener una perspectiva más abierta, más generalista de lo que es la documentación, de lo que pueden ser las líneas en documentación, de hacia dónde puede ir la disciplina. La formación específica de los distintos profesores que integramos el área también ha tenido un peso. La mayoría de los que superamos cierto rango de edad no tenemos la titulación de documentación, hemos llegado a este ámbito desde otras titulaciones muy variopintas y nos hemos ido formando sobre la marcha, a través de una formación clásica en bibliotecas y archivos, fundamentalmente leyendo bibliografía de carácter anglosajón sobre lo que es la documentación, nos ha pesado nuestra formación a lo mejor humanística, pero ya más limitada, por ejemplo en el ámbito de la Geografía, la Historia, en el ámbito de la Lingüística, la Filosofía, pero ya son formaciones más especializadas, de menor espectro y calado que las que ha podido recibir alguna otra personas del área. L2: Sí, ya te digo que el problema del investigador español ahora, en esta área de conocimiento, ya no hablo de la universidad, que también, es que va muy a caballo de lo que es la evaluación y de lo que puede publicar. A ver, ¿qué publica esta revista?, ¿dónde me interesa colocar un trabajo?, pues esta revista está publicando sobre esto, ah, pues voy a ver si puedo hacer yo algo de eso, punto. Claro, así difícilmente vas a poder llevar una trayectoria investigadora coherente, algo que se valora mucho en otras disciplinas, pero no en la nuestra, en la nuestra como que estamos muy a caballo de… L2: de las modas, muy impulsados por las modas, las coyunturas académicas, las evaluaciones, esto y lo otro, los investigadores vamos pensando más bien en lo que puedo publicar que se ajuste a lo que ahora te están pidiendo y quedarme descansando una vez que lo saque y luego ya veré por dónde tiro, ¿entiendes? Si se quiere pensar en aportar algo nuevo a esos enfoques de investigación, no, mejor si es un modelo que yo puedo aplicar y ya me lo dan hecho que no ponerme yo ahora a repensar algo con el tiempo que lleva, buscar bibliografía, esto, analizarla, a ver por dónde tiro, por dónde no tiro, a ver si esto tiene salida o no tiene recorrido, cosas así, estamos en una coyuntura complicada. L2: Sí, igual, así te lo puede confirmar el propio José María Izquierdo, tal vez te lo haya dicho, y otros profesores, antes de la crisis era igual. Aquí estamos muy influidos por las modas y constantemente estamos pendientes nada más que lo que es la evaluación de la investigación, de que se te reconozca el sexenio, que es importante para dejar tranquilo a tu ego, más que la compensación económica, es la compensación anímica o psicológica que obtienes cuando te han reconocido un sexenio de investigación. Entonces, estamos muy volcados, estamos pendientes de ello. Aquí lo cierto es que publicamos para ver si podemos colocar esto en una u otra revista de impacto, ahora he hecho algo de bibliometría, pero si mañana tengo que pasar a eso del comportamiento de usuarios o de búsqueda de información o a web semántica, de redes neurales a web semántica, aunque no tengamos ni idea de lo que es una red neural, nos aplicaremos a ello. En eso estamos, ese siempre ha sido un mal endémico de nuestra área de conocimiento, no te quepa duda. De hecho, si tú buscaras en cada profesor unas constantes de investigación, te resultaría muy difícil, nuestras investigaciones serían muy dispersas. L2: Son pocos, son investigaciones muy dispersas porque se mueven al compás de las coyunturas. Y en ello no tiene nada que ver la actual recesión porque ya era así antes, ¿Sobre qué escribe Fulanito, que me ha gustado?, ¿sobre el resumen?, hombre, voy a ver si yo también me pongo a ello. ¿Sobre qué escribe Fulanito?, ¿sobre los tesauros? Ahora, con la web semántica, el que no escribe sobre este tema es un desgraciado, es muy infeliz. Sobre los

		metadatos, ¡huy cuando salieron los metadatos!, ¡qué marabunta de literatura sobre los metadatos! Puedes identificar las modas científicas españolas por los temas de investigación, mira, eso sería un buen {estudio}. Tú puedes decir que ahora está de moda en esta área investigar sobre esto, ¿por qué se sabe?, porque en tal plazo de tiempo se han producido equis artículos, que luego ya se han perdido. L2: Hubo una época en la que se pusieron de moda los tesauros, bueno, el que no tenía algo sobre tesauros era un pelagatos, era un muerto de asco, un muerto de hambre. Puedes identificar las modas por el número de estudios que se publican en un determinado rango de años, mayor o menor, sobre distintos temas, esto no falla. Y no tiene nada que ver con la crisis, ahora la crisis lo explica todo, es un comodín que lo mismo explica por qué llueve más que por qué no llueve y eso no es, ni mucho menos. Nosotros tenemos una dinámica interna establecida desde hace tiempo que está condicionada más por estos parámetros de consumo interno, que no tienen nada que ver con grandes disquisiciones teóricas ni con grandes enfoques, modas académicas importantes o de peso, con que haya surgido un movimiento importante en Centroeuropa o en los países anglosajones, no, lo nuestro es más doméstico, atiende más a la supervivencia académica… L2: En los años 90. Fue el boom de la documentación en España la década de los 90 realmente, la época de máxima expansión. L2: Sí, algo que ahora se está volviendo en contra nuestra por lo que estábamos hablando ayer de la sobredimensión de la estructura porque precisamente ahora mismo es difícil mantenerla si no tienes una base humana, un público estudiantil interesado en hacer la carrera. L2: Y con perspectivas profesionales, es difícil mantenerla. Como te decía ayer, yo creo que ahí influye sobre todo nuestra propia indefinición como área de trabajo y de investigación porque por ejemplo lo que te decía ayer, con independencia de que estés mejor o peor, todo el mundo sabe que yo soy periodista. Antes también se sabía lo que es un bibliotecario, te gustara o no la labor. Bueno, un documentalista se asimilaba más a un bibliotecario, los no especialistas, quiero decir, el público en general, que es el que tiene que venir a la facultad, no estamos hablando de lo que pensamos los profesionales, no. Bueno, pero ahora mismo, ¿qué es lo que hace un bibliotecario?, ¿qué es lo que hace un documentalista?, no se le ve un rango profesional, un perfil profesional universitario definido, ni universitario ni profesional, no se le ve una perspectiva profesional. L2: Aquí es que las figuras del archivero, el bibliotecario, el museólogo y el documentalista se ha subsumido bajo el nombre de documentación, bajo ese término genérico. Muchos profesionales no están de acuerdo, por ejemplo los que trabajaban en los museos, muchos archiveros y bibliotecarios. Bueno, los bibliotecarios y los documentalistas aquí no han tenido grandes problemas de integración, los archiveros, pero sí los de museología y todo eso que siempre han pensado que eso es una prolongación de los estudios de bellas artes, de historia del arte, de historia y han reservado, de hecho es curioso cuando se ponen a hablar de documentación y de tratamiento documental de piezas ver lo poco que saben a veces de documentación y de tratamiento documental. Pero bueno, ellos por su cuenta, una vez conseguida el perfil profesional y la plaza, intentan aprender lo que pueden de documentación porque claro, la necesitan. Sin embargo, se cuidan muy mucho de guardar las distancias con el personal de documentación. L2: Sí, pero bueno, ahora mismo no sé porque tampoco creo que haya nadie que sepa o se atreva a pronosticar qué es lo que va a ocurrir no ya con la investigación, sino con nuestra propia área aquí, qué va a ser de la disciplina, cómo se va a transformar, no hablo ya

	Pesquisa encontra-se estancada B	de la investigación, sino de la propia existencia de lo que es el área de conocimiento, el dominio. Biblioteconomía y Documentación se va a descomponer, se va a transformar en una especialidad del máster especializado, ¿cuántos van a sobrevivir como máster especializado?, ¿cuántos van a sobrevivir como carreras con titulación universitaria?, ¿se van a refundir con otras titulaciones y a transformarse en especialidades de otras áreas de conocimiento?, no sabemos qué es lo que va a ocurrir con nuestra área, así de claro, no digamos ya con la investigación, si no sabemos qué es lo que va a suceder con nuestra área, difícilmente podemos tener claro qué líneas de investigación vamos a seguir. Nos seguimos moviendo al día, buscando la subsistencia, sobrevivir. Así es tal y como yo lo veo, a lo mejor es una visión pesimista, seguramente lo es, pero así es como yo lo veo. L2: Pero no veo yo unas perspectivas halagüeñas ni claras ni despejadas para nuestra área de conocimiento, ni mucho menos, porque mire, en otras áreas puedes decir que se cierran tal y cual facultad o se refunden varias titulaciones y se crea una facultad, pero el área está subsistiendo, la lingüística subsistirá, la filología subsistirá, la historia subsistirá, a lo mejor se estudiará conjuntamente con la geografía, la historia y el arte, pero ahí estarán. Pero la nuestra puede ocurrir que de la noche a la mañana en mayor o menor grado como tal área no desaparezca, pero se quede reducida a muy pocas facultades, a materias que se estudien dentro de otras carreras, por ejemplo materias especializadas, documentación en los medios de comunicación social. L2: No, ni más ni menos, ni mejor ni peor, está estancado por completo, o sea, no está. De hecho si observas la trayectoria investigadora de casi todos los investigadores del área, verás algo que no observarás en otras disciplinas, que es profundamente heterogénea, aquí todo el mundo investiga de todo. L2: Lo has percibido, ¿no? Todo el mundo investiga sobre todo, lo mismo puedes encontrar que alguien ha investigado sobre bibliometría, que sobre archivística, lenguajes documentales, gestión de información, redes neurales… L2: Entonces tienes investigaciones del mismo profesor totalmente heterogéneas. L2: …. algorítmicas, y cosas así, claro, y con la semiótica pasa eso, la gente piensa que no tiene recorrido, que no tiene perspectiva, que no tiene futuro, que no es de una utilidad inmediata para tu línea de trabajo, para el desarrollo de tu currículum. Aquí los estudios teóricos, es un inciso, esa es otra, en nuestra área, por lo menos aquí en España no se han valorado nunca. L2: Menos que los teóricos. Si quieres ser un friki, es decir alguien raro, extraño, que está fuera de toda órbita, ponte a hacer estudios históricos o teóricos: serás un incomprendido total, vas a estar totalmente fuera del traste. Para mí, el gran mérito de Francisco Javier García Marco es que ha sabido conjugar sus planteamientos, su fe en los estudios teóricos con los estudios de tipo práctico o los desarrollos empíricos, lo cual no es fácil. L2: Hombre, mi experiencia ahí está, a las pruebas me remito, mi amistad con José María es anterior. Durante el grupo y ahora mismo el grupo existe, quizás los que trabajamos más en esta línea somos Mónica y yo, por eso precisamente voy a Alcalá a seguir con algunas con nuestras líneas de investigación. Creo que el grupo podría haber desarrollado más y mejores trabajos si las circunstancias hubiesen sido otras, en otro contexto académico y universitario, por lo que estábamos hablando ayer tarde, ¿te acuerdas? Creo que podría haber sido una experiencia más, ha sido muy enriquecedora desde el punto de vista personal, pero desde punto de vista científico podría haber sido más fructífera, más fuerte, más

		importante si hubiéramos tenido más tiempo y otras circunstancias para desarrollarlo. Quizás nos ha faltado un contexto favorable para desarrollarnos, como las semillas, tú sabes que algunas semillas cuando caen, si las circunstancias no son muy favorables, están ralentizadas hasta que cambian y pueden prosperar, pues yo creo que a nosotros nos ha faltado un contexto un poco más favorable para poder desarrollar nuestros trabajos. L2: Es que los años pasan tan rápido, te iba a decir entre 15 y 20 años un poco azarosos. Por eso te comento que quizás podría haber desarrollado una labor más importante, pero bueno, ahí está toda la trayectoria científica de Mónica, que creo que es muy importante, también la de Celia, aunque ella trabaja en otras áreas de gestión del conocimiento, de gestión de la información, de los archivos, la bibliometría, la infometría, por lo que te estaba hablando, pero bueno también ha estado en contacto con nosotros y mi humilde investigación también tiene que ver con los del grupo {SemiDos}, pero creo que podíamos haber hecho bastante más, aunque todavía estamos trabajando, pero de una manera mucho más espaciada, más lenta, más tranquila porque tenemos muchas horas de clase, no tenemos tiempo para sentarlos a leer y a investigar, siempre vamos a contracorriente, nos cuesta trabajo ponernos con un taco de fotocopias a leer la bibliografía que vaya saliendo sobre nuestras áreas de interés. Luego nuestras área de interés se está desarrollando más y tenemos a lo mejor más facilidad para publicar…
14	Interdisciplinaridade limitada B baixa relação interdisciplinar B	L2: Sí, a mí, evidentemente me parece que es una limitación para la Documentación, que ahora mismo la Documentación tiene un montón de puertas cerradas o caminos que no, probablemente en un futuro mediano no van a llevar a ningún sitio y claro, tiene que abrir, tiene que abrir campos. Pero yo incluso casi, diría más, incluso desde el punto de vista de la computación, el trabajo que normalmente hacemos o hace la gente en computación, es un trabajo muy, muy aplicado y a veces falta reflexión teórica. Yo conozco poca gente que esté trabajando, por ejemplo, en elaboración teórica sobre semiótica, sobre representación de conocimiento, etc., etc. Es un trabajo más de tipo práctico, de probar sistemas, adaptar sistemas más que elaboración teórica. L2: Desde mi punto de vista, muy flojas. Hay muy poca relación interdisciplinar. Quiero decir, muy poca en el sentido de que las personas, los investigadores de un campo trabajen con investigadores de otro campo, o incluso, en el sentido de que investigadores que proceden de un campo determinado, se muevan y acaben aterrizando en otro campo de este tipo. Es decir, yo creo que aquí, las disciplinas están muy parceladas y además en general, muy poco interconectadas entre ellas ¿eh? Hay también razones de tipo burocrático o administrativo ¿no? para eso. L2: Sí. Lo que pasa es que yo tengo la idea, la impresión de que aquí en España, por lo menos, la gente que trabaja en Documentación se ha ido cerrando, que en lugar de relacionarse con otros campos del conocimiento, ir hacia trabajos multidisciplinares, buscar su hueco ahí en equipos multidisciplinares, yo tengo la impresión de que se ha ido replegando un poco sobre sí mismo y ahora mismo pues yo veo que está en una encrucijada que tiene mala salida. L2: Sí, sí, claro. Vamos, sí, sí. Hay una serie de factores que no son científicos, pero que tiene un impacto brutal. En primer lugar, en la Universidad española se acabaron las plazas de docentes y de investigadores, no hay más puestos, entonces al no haber plazas nuevas, a los que están ya dentro, están dentro y no necesitan hacer currículum, publicar… Ir a Congresos etc., etc. Y el número de Congresos del campo de Documentación en España, cada vez es más pequeño, se van cerrando los Congresos, las revistas se van

		cerrando, cada vez publicamos menos. Eso es un factor importante; otro factor importante, es que la crisis ha hecho que nuestros estudiantes tampoco tengan puestos de trabajo cuando terminan. En consecuencia, cada vez tenemos menos estudiantes, a los que cada vez les cuesta más caro estudiar como efecto de la crisis ¿eh? Hay otro motivo secundario y es que en España hemos tenido los años 90, incluso hasta principios de los 2000, toda una época de, bueno, de apertura de muchas bibliotecas públicas, de puesta al día de archivos, o sea, que estaba, pues en fin, pero esa época se ha terminado ya. Es decir, ya no se abren más bibliotecas, ya tenemos muchas bibliotecas, ya no hay puestos de trabajo ahí. En los años 90 e incluso a principios de los 2000, hubo muchos puestos de trabajo en ese campo, ya no, porque ya está, esa parte del avance del país más o menos está hecha. Entonces, todo eso incide que cada vez tenemos menos alumnos, los profesores, no hay profesores jóvenes que renueven y etc., etc. Y entonces, pues claro, yo creo que estos estudios van un poco cuesta abajo, es decir, están… Vamos, yo he conocido momentos en los cuales, a lo mejor si teníamos en primero ciento cincuenta plazas para alumnos, unos ochocientos querían entrar. Y ahora tenemos veinte que se matriculan en primero, tenemos que salir a buscarlos, son los que tienen peores notas, peor expediente, mientras que entonces eran los mejores. Así que sí, sí que tiene impacto la crisis. Sí, sí, ya lo creo que sí. L2: Claro, sí. Yo la tesis mía es ésa, que la gente se ha replegado, naturalmente para poder trabajar en esos campos, bueno, hay que reciclarse, hay que aprender cosas ¿eh? Y lo más fácil pues es, bueno, pues en lugar de aprender esas cosas y enfrentarse a un mundo nuevo, pues replegarse un poco en sí mismos y tal, que yo creo que se ha optado por esta segunda opción en general. L2: Claro, aquí ese paso ya se dio hace tiempo y pasamos también en los años ochenta de no tener nada, ninguna biblioteca o tener a lo mejor en las capitales de provincia pues una biblioteca pública solamente, y en muy malas condiciones, a tener bibliotecas en todos los sitios en buenas condiciones. Entonces, eso dio trabajo a mucha gente, pero ya, eso ya está cubierto, ahí ya no hay más ¿no? Lo que no hemos abierto son nuevos campos ¿no?, nuevos yacimientos de empleo, no hemos abierto. L2: De esa manera no. Es decir, aquí, cuando empezaron los Estudios de Documentación aquí, tuvimos algún problema de ese tipo. Bueno, los bibliotecarios querían que los profesores de Documentación fueran todos bibliotecarios, los archiveros igual, pero no lo consiguieron. También es verdad que aquí, los sindicatos en general no son corporativos, o sea, son más, una estructura más horizontal, los grandes sindicatos, los que tienen fuerza, no son por profesión. Es decir, no hay un sindicato de bibliotecarios, hay un sindicato; la UGT o Comisiones Obreras, o lo que sea, que tiene trabajadores de todas las ramas y de todos los sitios. Y entonces, quizás eso sí que haya hecho que esos intentos de que los profesores tuvieran que ser bibliotecarios y tal no hayan fructificado. Pero, sin embargo, tenemos un problema, ése sí es un problema real. Es decir, hay quien entiende que un profesor de Documentación tiene que haber estudiado la carrera de Documentación. L2: No, efectivamente, que yo creo que es un poco lo que ha pasado aquí. Es decir, mientras el campo de la Documentación estaba en formación, se avanzó mucho, pero una vez que se estabilizó, ahí nos hemos cerrado, dando vueltas sobre lo mismo y demás, no sé, no sé… Yo veo, soy poco optimista, es decir, no veo que, porque además veo que a la gente…, además es que hay un fenómeno aquí también que es que, el profesorado cada vez somos más viejos. Tenemos una edad media mayor y entonces eso añade dificultad si tienes que reciclarte y aprender cosas nuevas, más etc,

		etc. Es más difícil.
15	Documentação anos 1980	L2: En mi opinión, no había casi nada escrito. Si te soy sincera, un pelín antes, cuando me preparaba oposiciones, no había nada. Era una búsqueda incesante y tenías que prepararte todo con mucho esfuerzo. En el 86-87 ya empezaron a salir algunos libros. Me acuerdo del libro de {Paul} (Inaudible 0:06:04) que fue uno de los primeros que se escribieron sobre estas cuestiones. Ahora los ves y es curioso, pero claro, en ese momento era lo que había y se bebían esos libros, pero había muy poca publicación, dos, tres libros. Emilia Currás fue más pionera porque nos lleva mucha edad, después estaban los Yepes, pero había muy poco material en español. Fuera sí que había más, por ejemplo, yo recuerdo que en esa época la escuela francesa pegaba fuerte, entonces pues (Inaudible 0:06:58) y otros más publicaban en francés y leíamos en francés más que en inglés. Y después aquello se fue ampliando. Por mi parte te puedo decir que ahora casi todo lo que leo es en inglés, no porque se escriba en inglés porque yo escribo en esa lengua y soy española, sino por lo que se produce en el mundo anglosajón, porque creo que su organización del conocimiento tiene una fuerte huella e influencia. L2: Mira, yo te voy a hablar de lo que yo conozco. No sé qué decirte, yo estoy un poco desorientada porque aquí, en Granada, que es lo que yo conozco, y fuera de Granada nos tuvimos que ajustar al Plan Bolonia y la manera de hacerlo no fue la que debió haber sido ni se hizo como debió haberse hecho. Entonces, según mi modesto entender, ha salido una especie de especialidad inconcreta con la que no sabemos adónde vamos y que no tiene un perfil profesional claro. Para mí está poco definida. No se pueden organizar unos estudios sin tener en la cabeza qué profesionales y qué especialidades quieres sacar y en qué se quieren especializar. No vale con decir cualquier cosa con relacionada con la información, eso es demasiado vago, pero es que no se ha hecho el estudio, se ha ido a lo fácil, a acortar un año y a repartirse créditos, más o menos, muy pobre. Si se hubiera aprovechado para hacer una revisión en profundidad empezando por qué es lo que demanda la sociedad, qué profesional es necesario y qué formación necesita ese profesional, si se hubiera aprovechado en esa dirección yo estaría muy satisfecha, pero no ha sido así, con lo que ya te puedes imaginar que no estoy contenta porque no se está haciendo ningún favor a los estudiantes, se ve que ellos mismos están desorientados y que no saben dónde van. Está claro que el tema de la biblioteca es una pequeña parte de todos los perfiles profesionales, pero existe. Aquí, en este país, por lo menos en mi facultad, hay una especie de prevención contra las bibliotecas que no entiendo tampoco. L2: Sí, prevención en el sentido de que son como dinosaurios, como que ya no hay que hacerlas caso. Pero, ¿existen o no?, hay que ser pragmático, mientras existan tendrás que hacerles caso, el día que desaparezcan, lo quitamos, pero yo creo que es un poco de esnobismo, falta de realismo y prejuicios. L2: En España, los museólogos nunca han estado dentro de la carrera, ellos van por otro lado. Sin embargo, archivos, bibliotecas y centros de documentación sí. Pero lo que sí es verdad es que hoy en día el tema de la biblioteca no representa todo y es verdad, eso hay que reconocerlo. El tema del nombre, mira, en mi facultad hemos cambiado ya tres veces de nombre. L2: Pues desde que yo estoy, veinte años. Dirás que son muchos, pero bueno, tres veces en veinte años es mucho cambio. Y lo último que tenemos, como ahora también tenemos comunicación audiovisual, que está en otro departamento, la facultad se llama de Comunicación y Documentación. Documentación es la palabra más fea y más ambigua que hay y menos expresiva de nada. ¿Qué es eso de documentación? Y el departamento se llama de Información

	Pouca profundidade teórica B Não tenho colaborado com outros especialistas em linguística B	y Comunicación, date cuenta, eso puede ser cualquier cosa. L2: Date cuenta, eso ya te expresa el caos que hay, la indefinición porque, vamos a ver, ponle Ciencias de la Información por lo menos. Ya sé que eso en España es como periodismo, es que aquí tenemos un problema terminológico porque a la facultad de lo que era el antiguo Periodismo, que es un nombre precioso y no sé por qué tuvieron que cambiarlo, ahora la llaman Ciencias de la Información. Entonces nosotros ahí estamos {pillados}. Bueno, pues eso ha sido así, entonces, para ser justo hay que poner todas las cosas encima del tapete que se dice aquí, que por un lado no sé tampoco si ha favorecido por parte de la administración porque, en el fondo yo creo: ¿le interesa? Es la pregunta, o esto se ha convertido no sé, en una fábrica de hacer dinero donde interesa la matrícula. Esto es duro decirlo, y después hablan continuamente de calidad, yo es que estoy muy descreída a estas alturas de mi vida, en serio, porque ya he visto mucho y cuando se les llena la boca de calidad y yo veo lo que veo desde dentro entonces digo vaya, que si {calidad}, que si la ISO, no, la calidad es otra cosa a mi modo de ver y no se vela por ella. Entonces yo supongo que esto ha sido parecido a lo que ha sucedido en otras universidades, pero no te podría decir porque es que yo no lo he vivido en directo. L2: No, cada vez más. L2: A mí me parece que no tanto, me da la sensación. L2: Sí, pero son más generalidades que otra cosa L2: Sí, yo creo, tampoco me he leído todo de todo el mundo. Creo que a lo mejor es más desde el punto de vista general de la manera en que otros tratan la semántica también, más generalista. Yo es que eso ya te lo he explicado antes porque el interés que yo tengo por el diseño de la estructura conceptual no es otro que la semántica, es que eso es semántica pura y dura ¿Qué es una estructura, si no eso?, porque es el significado, lo que pasa es que es otro abordaje, es más desde arriba, es desde abajo, es como un método más inductivo que es el que a mí me gusta, es que a mí me gusta esa aproximación mucho y es la que uso yo en mi trabajo casi siempre. Sí, es que estamos acostumbrados a que la semántica tenga que ser como grandes declaraciones y para mí es mucho más que eso, ya te lo estoy diciendo, es decir, que aunque yo no diga expresamente que son estudios semánticos, el hecho de ese artículo que has visto que construyendo una estructura es pura semántica, yo lo entiendo así. ¿De dónde salen las relaciones semánticas si no de una estructura? Y si esa estructura está mal hecha, las relaciones son malas o si no es bastante representativa, es una mezcla, ahí hay una mezcla de lingüística general y de semántica, una estructura es una mezcla de eso porque tiene la representación simbólica que es más tipo de la forma y de eso y del significado y entonces yo estoy mucho más interesada en ese enfoque que en estudiar cuestiones generales de la semántica, de hecho, lo he puesto en práctica en bastante veces. L2: No muchas, de hecho yo concretamente, si te soy sincera, no he colaborado con ningún lingüista ni con nadie que se dedique sólo a la semántica. O sea, es verdad que yo tengo esa formación y a lo mejor no he necesitado ayuda, pero que no se ha planteado ningún proyecto de investigación ni un trabajo, se me han presentado a lo mejor con otras especialidades como el de la enfermería, música también, pero no creo que el nivel de interacción sea muy grande, no, vamos, yo juraría que no o yo no lo sé, pero no me suena a mí que haya mucha interacción de personas en documentación que trabajen con personas en los campos de la lingüística en general o la semántica, no lo conozco, no lo sé.
16		L2: Hay un trabajo que tiene aspectos de calidad diferente. Hay una parte que está muy bien y hay otra parte que es más floja. Pero la autora es una profesora de la Universidad de Alcalá de Henares,

	Relação com linhas de investigação B	Purificación Moscoso, que está publicado en una revista de la Complutense y habla de los estudios de la Información y la Documentación en España. Y hay una primera parte del trabajo en la que habla de cómo cuando los estudios, la formación específica, llega a la Universidad en España, conviven una tradición que procede del ámbito de las Humanidades y que está vinculada al conocimiento bibliográfico, a la tradición de salvaguarda de los soportes, la organización de las colecciones. Y luego hay otra tradición que viene de la norteamericana, de la Information Science, la recuperación de la información, entonces las dos están ahí básicamente desde el principio y lo cuenta bien. Ya te busco la referencia porque yo para alguna cosa lo he utilizado, para explicar, para hacer comprensible el marco. L2: …de los profesores, o sea, de los estudios en España para compararlos. Y yo recuerdo haber hablado con él, en el sentido de que dependiendo de cuál era la formación inicial de los profesores de las facultades, digamos que la adscripción a líneas de investigación variaba. Y recordaba que he hablado con él porque yo le decía, es que la primera generación, los estudios de Información en España llegaron a la universidad cuando la profesión estaba en el mundo real, pero no había una formación reglada dentro de la universidad para esa profesión. Es decir, era una profesión carente de disciplina, de disciplina académica, porque el acceso a la profesión se realizaba a través de un control por un cuerpo facultativo, que era el que estaba encargado de acreditar el acceso a la profesión. Y mi hipótesis es que dependiendo de cuál fuese su formación inicial, orientaban sus líneas de investigación. L2: Porque no tenían en la mayoría de los casos praxis profesional. Eso empieza a romperse a partir de la segunda parte de los años noventa, finales de los noventa y ya, los dos mil ya está rota, porque ya acceden a la universidad… L2: …las primeras promociones o las segundas o las terceras de egresados que tienen una formación disciplinar en Ciencias de la Información y la Documentación. L2: Por dos razones: una, porque todos esos profesores que habían accedido a los estudios de Documentación en España, empiezan a implantar, sea a partir de 1985. Entonces, todos esos profesores tienen que asegurar su ingreso en los cuerpos de funcionario y entonces publican, o sea, mejoran su currículum, es una parte de su proceso de ingreso. Entonces, publican cosas para que el acceso tenga garantías. Y en segundo lugar, porque a finales de la década de los noventa, a todos los profesores universitarios en España, hay una política de mejora de la producción científica. Entonces se crea un reconocimiento económico acompasado a la producción científica y surgen esos momentos. En la década de los años ochenta, lo que ocurre con la universidad española es que hay un boom de natalidad, llegan a la universidad española todos los niños que habían nacido en la década de los años sesenta, que había sido un periodo de crecimiento económico del país muy grande. Y además, se democratiza el acceso a la universidad pública, con un sistema de becas muy generoso. Hacen falta muchos profesores de universidad porque la universidad multiplica, crece de una forma espectacular. Entonces, acceden a la universidad personas que no tienen…, por ejemplo, era habitual en la década de los años ochenta que los profesores no tuvieran todavía el doctorado porque hacía falta profesorado… L2: Fue una generación que proporcionaba una formación muy teórica, una formación muy teórica, pero que esas fuentes teóricas no tenían, no siempre tenían los fundamentos bien asentados, porque había muchos profesores que procedían de una formación histórica. Entonces, el método histórico está basado en las fuentes documentales, eran buenos profesores de archivística porque

		conocían las ciencias y las técnicas historiográficas, pero eran malos profesores de Documentación porque no tenían ni idea de cuáles eran las tipologías de las fuentes, salvo las de Humanidades ¿vale? Entonces, esa primera generación tenía un déficit de formación en metodología de Ciencias Sociales, Técnica de trabajo en Ciencias Sociales, que tardó mucho tiempo en resolverse porque estaba muy orientada, o sea estaba muy "handicapada", la palabra es… L2: Yo creo que esa etapa duró aproximadamente hasta diez años, desde el 85 hasta el 95 y luego las cosas cambiaron. Entonces, esos profesores podían tener experiencia profesional o no, pero una experiencia profesional como era la profesión en los años 80 ¿vale? O sea, una profesión en la que los sistemas de información estaban poco tecnologizados, en las que las tareas estaban en la etapa primera de tecnificación, automatizándose en la que no existían en las bibliotecas catálogos automatizados, porque, por ejemplo, en Zaragoza, el primer catálogo automatizado llegó a una biblioteca pública en el año 92. Entonces, hasta que no llegó desde mi punto de vista, la segunda generación de profesionales de la Academia, o sea, de estudiantes que ya tenían otros elementos de contraste, o sea, de contraste con la realidad y que su visión del espacio profesional era distinto, no cambiaron las cosas. La visión inicial era muy, o de biblioteca o archivo o Centro de Documentación en España. L2: Sí. Y las líneas de investigación de los profesores también, porque muchos profesores empezaron a vincularse a proyectos de investigación aplicada que estaban relacionados con esos nuevos espacios de empleo. Es decir, la administración necesitaba poner en marcha un sistema de educación para el consumidor. Entonces, buscaba un profesor en la universidad y contrataba a unos alumnos con una beca y se ponía en marcha ese sistema. El profesor lo que hacía era aplicar sus conocimientos teóricos y producir ¿vale? Entonces, se empezaron a generar en el entorno universitario muchos estudios aplicados que ya rompieron ese primer ámbito disciplinar inicial. Y luego desarrollaron un poco, como políticas de amnesia, se les empezó a olvidar a todos ellos de dónde venían, como si eso fuera…, como si eso fuera algo peyorativo ¿no? L2: Mira es que yo creo que en España, la historia de la profesión y la historia de las enseñanzas, o sea, la historia de la Academia y la historia de la profesión son distintas y van en momentos completamente diferentes, porque la profesión es antes que la disciplina en España, pero mucho antes. La profesión en España estaba vinculada a una formación en Humanidades y a una especialización posterior, pero muy, muy, muy concreta porque la formación especializada estaba orientada al trabajo en el ámbito de la administración. Entonces, había un cuerpo que se llamaba "el cuerpo facultativo", que era el que se dedicaba a gestionar el patrimonio documental, cuerpo facultativo en archivos y en bibliotecas. Entonces, ese cuerpo de funcionarios controlaba el acceso, entonces, preparaba el acceso y sabía quiénes eran los que accedían. Entonces, estaba la formación inicial en Humanidades, conocían básicamente las técnicas: la paleografía, las fuentes históricas, el conocimiento de los archivos y ya está. Cuando se rompe el monopolio del control de la profesión, entonces es cuando empieza la formación en las universidades, no una cosa como consecuencia de la otra, sino que se solaparon en un determinado momento. En el año 39, Javier Laso de la Vega que era de…, la guerra civil se desarrolla en el 30. En España, conocer una periodización básica de la historia de España, el final de la monarquía, la Primera República, la Guerra Civil, la Dictadura y la Democracia es básico para entender todo. O sea, el marco político condiciona. Entonces, un alto funcionario del cuerpo facultativo, Javier Laso de la Vega, súper vinculado con el gobierno franquista, era de una familia fascista,

		bueno falangista sevillana. Un niño bien que se había educado, con un conocimiento del inglés y con una posibilidad de viajar que no era común en la época, tiene acceso a redactar una de las primeras leyes de bibliotecas y dice que en España se utiliza la CDU. Luego no había bibliotecas en las que utilizar la CDU, pero él que había viajado a Estados Unidos y a Gran Bretaña lo pone en una ley, pues vale. Entonces eso es, esa parte… L2: Sí, sí. Tuvo una vinculación muy estrecha con la dictadura, lo que no quita para que fuera un gran bibliotecario y que tuviera una visión de por dónde iban las líneas de las bibliotecas occidentales, impecable. L2: Es la España de los años treinta en el contexto de la Europa de los años treinta. Entonces, las políticas de instrucción pública, pero las políticas de desarrollo de la cultura que llevan el teatro, llevan la literatura a todos los sitios, a todos los pueblos. España es un país súper montañoso, con dificultades de comunicación porque después de Suiza, es el segundo país más montañoso de Europa. España es un país que el norte y el sur tienen dificultades para conectarse, pero dificultades geográficas en un espacio relativamente pequeño. Y las bibliotecas escolares y las bibliotecas públicas acompañan a ese proceso de educación. Entonces, la guerra civil lo interrumpe, el país no solamente es que se desangra, sino que la concepción de la cultura cambia, o sea, las clases dominantes consideran que la cultura tiene que ser elitista y que no tiene que acceder todo el mundo. Entonces no es que no haya bibliotecas porque no hay dinero para sostener bibliotecas, que no había dinero al principio, sino porque la concepción ideológica dice que la cultura tiene que estar reservada. L2: Pero en España, la dictadura está impulsada por la propia reacción, el sistema tan igualitario que proponía la República era un peligro para las clases, las élites dominantes. Entonces, por un lado, son las élites las que financian el golpe militar, o sea, banqueros, familias de banqueros, que sostienen esa visión oligárquica, pues alimentan a los militares. L2: Entonces, se queda pobre y aislada. Entonces, durante los años cuarenta España vive como si fuera en una cápsula, ella misma, la reserva moral de occidente. Y ahí hasta que Estados Unidos decide cuando se está configurando la guerra fría entre Estados Unidos y la URSS y Estados Unidos tiene que sumar más aliados y entonces dice, ¡oh! Necesito… Bueno, primero Estados Unidos necesita bases militares en el sur del Mediterráneo. España que sigue siendo la reserva mundial, la reserva espiritual de occidente en esa época, busca la mediación del Vaticano y a través de la mediación del Vaticano, Estados Unidos empieza a exigirle a España que se abra, que no practique unas políticas de represión, o sea que el régimen se abra. Represión política tan duras dejan de…, en España la gente no muere durante la guerra civil, los matan después. O sea, no porque tienen…, son como los alemanes, son primos hermanos. En España lo que más se venera, o sea, en el subconsciente de cada español lo que se quiere es ser alemán. Entonces, se los venera y se los odia ¿vale? Se los odia porque, o sea, porque nos ganan en el fútbol ¿eh? y a la vez se los admira. L2: Dice: "esta cocina es alemana" y ya para un español ya no tienes que decirle nada más. Ser alemán es lo que todo español quiere ser, alemán. Eso es histórico en la Edad Media, pero sobre todo es del último siglo. L2: Espera. La primera profesora de Documentación en España fue Emilia Currás. L2: Emilia Currás. Emilia Currás tenía una asignatura en la Universidad Autónoma de Madrid que se llamaba "Documentación Científica". Ella era de formación química, ¿sabes dónde había estudiado químicas? L2: Sí, pero disciplinar. O sea, Francia era nuestro país, a lo mejor

		no lo percibíamos como el mejor, pero sí que era nuestro espacio natural. O sea, era como… Y sin embargo, por ejemplo, no Portugal, que en el caso de nuestra disciplina es un tremendo error porque en Portugal se hacen cosas interesantes. Y España siempre ha decidido que no mire a Portugal, no es que no lo considera, es que no lo mira. Sí, es que la inercia es subir… Para nosotros, el norte es riqueza en lugar del sur.
17	Pouca comunicação entre as disciplinas B	Y eso requiere tiempo y requiere dinero, tiene un coste, tiene un coste elevado. Es decir, a veces no se tiene en cuenta y te dice, no, no, si no cuesta nada porque ya tengo a estas personas trabajando en el Centro y entonces no me cuesta nada porque yo les pago lo mismo. Dices, sí, pero están haciendo una labor que es muy costosa en tiempo, que le quita de hacer otras labores. Pero bueno, imaginemos que disponemos de tiempo y disponemos de dinero, no hay problema, pero sí hay un problema en el proceso de recuperación de información. Si vamos al antiguo esquema de disponer de un documentalista que nos hace las consultas, como ha sucedido en muchos Centros. El proceso de indización es costosísimo y normalmente en muchos sitios la generación de nueva documentación supera el tiempo de generación de esos índices. Cuando trabajas a texto completo, puedes acudir a las técnicas de recuperación de información clásicas, trabajar con modelos vectoriales o con modelos probabilísticos, en los que reduces enormemente el proceso de generación de los índices. Desde mi punto de vista hay que hacerlo así, porque si no lo otro es elucubraciones que uno hace, dice, bueno, esto puede funcionar, no, no, pero hagámoslo y montémoslo sobre un sistema real. Entonces, montémoslo en una empresa, en una institución pública que tiene una generación de documentos muy grande. ¿Funciona ahí?, ahí es donde lo tenemos que probar. Lo que está claro es que los sistemas de recuperación utilizando un modelo vectorial o un modelo probabilístico funcionan en situación real y con grandísimos volúmenes de información. Por ejemplo, es los buscadores Web: Google, Yahoo… Es decir, estamos trabajando con millones de documentos y se está trabajando fundamentalmente con modelo vectorial. L2: Mira, está pasando algo muy curioso con la recuperación de información, además se está viendo en los últimos años de forma muy clara. Los profesionales que están en el mundo de la Documentación siguen trabajando con la recuperación, básicamente con lenguajes controlados. Hay profesionales que no, que están trabajando en recuperación probabilística, vectorial etc. Algunos incluso, hacen algo relacionado con procesamientos de lenguaje natural. Digamos que el nicho de lo que es la recuperación de información ha estado medio vacío de la gente de la Documentación y ahora son los informáticos los que están ocupando, están copando además, todo lo relacionado con recuperación de la información. Además clarísimamente. En los últimos tiempos han empezado a ver que es un campo con enormes posibilidades y se está copando por parte de los informáticos. Y yo creo, desde mi punto de vista, que los documentalistas, información-documentación se están viendo un poco relegados en este caso. Comunicación, poca, desde mi experiencia poca, porque hay un cierto miedo por parte de las personas de Documentación o una sensación de que se están metiendo en nuestro terreno. L2: Yo creo que lo que están haciendo es excesivamente básico. El trabajo es muy, muy básico, y centrado en algunos aspectos yo creo que muy menores. Yo creo que muy menores. L1: Sí, entonces yo puedo afirmar que efectivamente el campo de la traducción está más adelantado que la Documentación en las relaciones con la lingüística y la informática.

		L2: Sí, claramente, claramente. De hecho, una prueba buena es que los compañeros de traducción se están planteando ese cambio, pero ellos mismos dicen que en otros centros a nivel europeo el trabajo es absolutamente multidisciplinar. Y que necesitan de la parte informática y que trabajen en común. Es claramente. Es una situación muy extraña, porque no suele ser lo habitual en España ¿eh? De hecho, lo que son las facultades de Documentación, digámoslo en sentido genérico, la mayor parte de la docencia que realmente es informática, salvo algunas excepciones, la están haciendo profesores de Documentación. L2: Ha sido una excepción, pero sin embargo… Mira, yo, el día cinco he hecho veinte años en la casa, o sea que ya llevo veinte años de profesor. Bueno, a estas alturas deberíamos tener una mucha mejor comunicación. No existe, no existe ese intercambio, es así. En Docu no es tan habitual, no es tan habitual. Hay algunas titulaciones de alguna universidad que son prácticamente en exclusividad los de Docu y no tienen mucha más relación con otras disciplinas. Entonces, ellos solos son los que se organizan todo. L2: Sí, sí, sí. Yo creo que en el conjunto de lo que son las titulaciones en España, no es lo habitual ¿eh? Yo creo que eso no es habitual en absoluto. Ahora bien, son personas que vienen, dan sus clases y no tienen mayor relación con lo que es la titulación. Entonces, claro, aunque sí están inmersas esas personas en la parte docente, el que es de Derecho está en Derecho y entonces, viene, da sus clases y su investigación, su trabajo es allí, pero no hay una relación fuerte relacionado con esto. Y entonces, claro, desde ese punto de vista, pues se queda un poco cojo esa comunicación. L2: Sí. Es que a veces lo que se intenta es, bueno, vamos a ver, estas personas que están trabajando en otro ámbito si no las tengo, no me hacen competencia, cuando es todo lo contrario, tú lo que necesitas para crecer es competencia. L2: No, no, no. En aquel momento no había… L2: No, no. En aquel momento no había ninguna crisis, al contrario, era época de bonanza, eran las épocas buenas, eran las épocas buenas. Bueno, son circunstancias…

DSC VI - TEÓRICOS

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	Izquierdo Arroyo	Pienso que en una aportación general de la semiótica, e incluso en introducir el mismo concepto, solo ha insistido Izquierdo e infelizmente con escasa repercusión.
2	López-Huertas, García Gutiérrez, Gil Urdiciain, Ángel Esteban	L2: María José López Huertas, tiene enfocado de semiótica y lingüística, porque por ejemplo, García Gutiérrez y los de Zaragoza, yo creo que es más organización del conocimiento, Miguel Ángel Esteban y Javier son más de organización del conocimiento. Pero de lingüística yo creo que María José y Blanca Gil de la Complutense, lo que pasa que Blanca Gil publicó un libro sobre lenguajes documentales, pero yo creo que ahora no es muy activa publicando. L2: Fundamentalmente en semiótica. Claro, yo creo que la semiótica tiene más intereses, es más profunda, el concepto sólo de la lingüística. Pero mira, fíjate, te voy a decir que en España no hay mucho referente, vamos, en semiótica no hay, del área no hay gente que se haya especializado en semiótica. L2: Ni actualmente, ni antes, porque hay gente que ha trabajado haciendo tesauros, pero no desde un punto de vista de la semiótica o historia de los lenguajes documentales, pero lo que es estrictamente semiótica aplicada a la Documentación, yo creo que poco, hay poca investigación desde ese punto de vista. ¿Sabes un poco lo que nos ha ocurrido?, que hemos tenido que ir haciendo casi los manuales y lo más elemental ¿sabes?, porque ha habido que construir todo el campo teórico, entonces hemos tenido que ir... Yo, desde la historia de la CDU hasta la CDU, o sea, cosas como muy elementales y nos ha pasado a todos. Y si ves, por ejemplo, los Congresos de ISCO, que un poco se recoge ahí la línea, al principio empezamos todos, ¿cómo impartir enseñanza de clasificación o de catalogación? O sea, que eran cosas muy elementales y ahora ya van siendo cosas más teóricas. Y ahí, no sé si has entrado en la página Web de ISCO en España, pero tenemos todas las Actas de todos los Congresos.
3	García Marco, López Huertas, Moreiro, Rosa San Segundo	L2: Pues no sé contestarte tampoco a esta pregunta. L2: No sé qué autores en España se han dedicado específicamente. Yo me atrevería más a hablar de investigaciones en España sobre Organización del Conocimiento y sobre Lenguajes. Hablaría de García Marco, del profesor Moreiro de la Universidad Carlos III, de María José López Huertas de la Universidad de Granada. No me atrevo a afirmar que realmente esté interrelacionado con la Semiótica, pero yo ahora mismo en España hablaría de estos tres profesores dentro del ámbito de estudio de los lenguajes documentales. No sé si se me queda alguien, seguramente. Tendría que haberlo reflexionado un poco antes. Podemos completarlo luego, incluso se me está ocurriendo ahora que debería revisar alguno de mis trabajos para saber a quién he citado yo misma. L2: Para contestar de una forma más serena, debería repasar los propios autores a los que yo he podido citar en mis trabajos porque estos últimos a los que me he dedicado, que son más de usos de lenguajes controlados y cómo trasladarlos a la web semántica, no incluyen esta perspectiva y a lo mejor me he quedado muy corta con los investigadores que te he citado para la pregunta anterior porque estoy recordando a Rosa San Segundo de la Universidad Carlos III que puede que también haya trabajado en esta línea y ya, respecto a lo de distinguir la influencia o la línea de Peirce o no

		tampoco he leído nada al respecto en castellano o no lo tengo ahora mismo en mente para poder contestarte, Carlos, me va a perdonar. L2: Muchas gracias a ti por haber venido a León, aunque digamos que mi línea de trabajo sea un poco colateral a la temática que tú vienes estudiando.
4	García Gutiérrez, José María Izquierdo, José Antonio Moreiro, Rosa San Segundo, Javier García Marco, Blanca Gil, Isidoro Gil, Jesús Gascón, María Pinto	L2: ¿Cómo surgieron? Yo creo que los orígenes en España podemos retrotraerlos seguramente a los años 80 y a las primeras obras de Lingüística Documental, los autores que primero trabajaron aquí fueron yo creo que Antonio García Gutiérrez y José María Izquierdo. L2: Porque yo creo que surgieron de la mano de la Documentación en un momento de expansión de las teorías documentales en España, que yo creo que fue la década de los 80 cuando empezó a surgir enseñanza formalizada sobre Documentación, las primeras diplomaturas en Biblioteconomía y Documentación y yo creo que en ese contexto los científicos se especializaron en esa línea. En el caso de Antonio García Gutiérrez, no, porque nunca ha sido profesor en nuestro ámbito, él ha continuado siendo profesor del ámbito de la Comunicación y del Periodismo, primero en la Complutense y después en la Universidad de Sevilla. No sé si ya le has conocido o no. L2: Yo creo que fueron los que primero trabajaron con seriedad en este ámbito. Después yo creo que también ya José Antonio Moreiro, quizás a continuación. L2: No lo sé, en cantidad de contribuciones no sé quiénes serán las personas que más han contribuido, seguramente una sea Antonio García Gutiérrez, con toda seguridad. Otros pues José María Izquierdo, José Antonio Moreiro, Rosa San Segundo, Javier García Marco. No sé, no sabría decirte en este momento, tendría que hacer un repaso por todas las universidades. A lo mejor Blanca Gil, Isidoro Gil. En Barcelona, Jesús Gascón, quizás. En cantidad, no podría dar más datos. A lo mejor, en media docena pondríamos… María Pinto también, fíjate, me olvidaba, aunque yo creo que en los últimos trabajos ha cambiado de línea, pero también en los primeros años trabajó mucho. Bueno, pues a lo mejor en cantidad Antonio García Gutiérrez, María Pinto quizás entraría también por cantidad, José Antonio Moreiro, José María Izquierdo, a lo mejor Javier García Marco también entraría y Rosa San Segundo quizás. Si tuviera que decir seis personas, [serían ellos].
5	García Gutiérrez, Blanca Gil, Izquierdo, Luis Miguel Moreno, Juan Antonio Pastor, Isidoro Gil, Montserrat Sebastiá, Javier, Miguel Ángel, Blanca Rodríguez Bravo, Eva Méndez, Jorge Morato y Sonia Sánchez	L2: Pues yo me voy haciendo así el mapa de España. Yo me atrevo a decirte que García Gutiérrez en Sevilla. En su universidad han continuado un poco, aunque desde otra perspectiva, Blanca Gil. Espera, tengo que ser justo y no olvidar a gente que sé que está investigando. Hubo un profesor en Murcia, Izquierdo, que ya está jubilado, que hablaba más de la Lógica Lingüística, difícil, porque provenía de Filosofía, pero con unos fundamentos sólidos. Ahora Luis Miguel Moreno allí y un poco su hija, que está en Alcalá de Henares, han seguido esa línea, pero la parte más avanzada quizás en relación de esquemas con {esquemes}, el lío este de relacionar vocabulario, si quieres, relacionar metadatos con estructuras lógicas, con estructuras formalizadas, se llama Juan Antonio Pastor, me parece, en Murcia. Y desde luego, en Murcia el que más ha hecho es Isidoro Gil en la perspectiva de la indización y de la lectura de los documentos, yo creo. Después en Barcelona la que más se movía, se murió este año, era Montserrat Sebastiá, yo creo que de Cataluña, del núcleo de Barcelona era la más… L2: Sebastiá. Con tilde en la a. Después Javier en Zaragoza, aunque allí también Miguel Ángel ha hecho alguna cosa aplicada a los archivos. No sé si esto es lo que esperas que te diga. En León está también Blanca Rodríguez Bravo. Se me escaparán sitios y me van a matar. Espérate. En mi universidad han trabajado mucho de manera aplicada y siempre hacia los metadatos Eva Méndez y hacia la parte informática o de fusión de procesos informáticos con procesos

		lógico-lingüísticos Jorge Morato y Sonia Sánchez, aunque Sonia ya no está en la universidad tampoco. Me refiero casi siempre a gente de lo que antiguamente se llamaban lenguajes documentales más que a gente de Clasificación y que a gente de Catalogación en absoluto, a gente de lo que antes se llamaban lenguajes documentales y que hoy pues tiene que ver con esa interpretación siempre representada por términos, por palabras o por conceptos, si se quiere. Sigo con el mapa de España. Esto es muy injusto porque me estoy quedando gente fuera, seguro.
6	Izquierdo, Moreiro, María Pinto, López Huertas, José María. Luis Miguel, García Gutiérrez,	Tampoco nos ponemos de acuerdo. Estaba pensando, en Semiótica, mi padre, por ejemplo; yo semiótica también pero con una dimensión de uso, función y estructura relacionada importante también y estoy pensando en escuelas ahora porque además yo he tenido la suerte de que a mí me han dado clase todos los teóricos de la Documentación, cómo empezó Moreiro también con sus modelos de corte de las ciencias del texto aplicadas al resumen, cómo fue una pena que aquello no se extendiera a los procesos de indización ni a los procesos de clasificación tampoco. Estoy pensando en cómo María Pinto también se dedicó a ese análisis del resumen desde esas Ciencias del Lenguaje y cómo ahora nos dedicamos a otras cosas, María ha estado después con estudios de calidad, con estudios de alfabetización informacional también; cómo Moreiro también está en cosas…, bueno, se ha mantenido también en cuestiones de resumen y de lenguajes documentales; María José López Huertas, cómo sigue con sus tesauros, ahora la pobre lo tiene difícil con los conceptos de ontología, de indización social, de etiquetas, con ese protagonismo que tiene el usuario y la cuestión va a ser cómo reconducimos ese concepto de tesauro, que ya el mismo nombre suena antiguo. L2: Uf, pues para mí es uno, José María. Luis Miguel, también, no lo sé. Nuestro grupo de investigación, formado por Luis Miguel y yo misma, lo ve con otra mirada diferente. Papá es más filosófico, más formalista, más matemático, es verdad, esas formulaciones que hace en todo y Luis Miguel y yo somos diferentes. L2: En la Documentación en España, García Gutiérrez también. Son García Gutiérrez y luego María Pinto, que también ha tenido cosas que me han servido para traducir, para aproximarme a la vertiente más documental porque a veces estás en la otra vertiente más lingüística o más filosófica y pierdes y entonces yo necesito de Moreiro, de María, la de Granada, que te la acabo de decir, María José López Huertas, para aterrizar, para no perder el hilo conductor, eso que ellos tienen tan claro y yo a veces pierdo porque me gusta mucho salir a explorar. Y entonces, en ese sentido sí que hay cosas de María que me encantan, y lo reconozco, de Moreiro y de María José López Huertas, es verdad, cómo a mí fue una de las personas que me hizo tener ese interés por el concepto del contexto, del uso en el lenguaje documental, del usuario y cómo era importante incorporar el usuario en los lenguajes documentales, pero desde la construcción misma del lenguaje, no solo en el sistema de recuperación de información luego, al final.
7	García Marco, Antonio Gutiérrez, María Pinto, López Huertas, Luis Codina, Cabré	L2: Francisco Javier García Marco, Antonio Gutiérrez, María Pinto, María José López Huertas, Luis Codina, María Teresa Cabré
8	----------	----------
9	Izquierdo Arroyo, García Gutiérrez, García Marco	L2: Hombre, pues los que he mencionado anteriormente: García Gutiérrez y Germán Izquierdo. Yo no tengo en realidad muchos más. García Marco ha trabajado también en cosas sobre este ámbito, pero yo no me atrevería a dar más nombres, fíjate. L2: Pues yo sinceramente creo que ha habido diferentes tendencias. Marcó bastante tendencia Izquierdo, efectivamente. Marcó

		tendencia a García Gutiérrez. Los dos no se llevaban precisamente muy bien ambas tendencias, no sé si ellos entre sí también tenían sus cosas. Pero yo si tuviera que seguir a uno de ellos, ¡puf!, no sé si seguiría, no lo tengo claro. Tendría parte de razón uno y parte de razón el otro. Pero los dos yo creo que van mucho por el campo precisamente de la teoría, o sea, de teorizar. Y yo insisto en que creo que se trata…, no sé si quizás sea muy práctica por el hecho de que veo en los lenguajes documentales, en los modos de representación del conocimiento en sí, yo veo pues un potencial muy grande de cara a la recuperación de información y, en consecuencia, lo que puede abrir puertas a los alumnos de cara a futuros trabajos.
10	García Marco, García Gutiérrez, Gil Leiva, Gil Urdiciain, Moreiro González, Eva Mendéz	L2: Yo no, no conozco… Conozco autores que han escrito sobre lenguajes documentales, entre ellos, Javier García Marco. L2: ¡Ah! Antonio Gutiérrez recuerdo además que hizo un Tesauro gordísimo de patrimonio histórico andaluz. Y actualmente, espérate… Bueno, aquí tuvimos a Isidoro Gil que está en Murcia. L2: Él estuvo aquí de profesor un tiempo y le daba al tema de la indización, pero desde un punto de vista muy teórico. Luego, claro, gracias a Isidoro conocimos a unas cuantas personas de esto; Blanca Gil {Urdiziaín} o algo así, que está creo en la Complutense… Y luego de cosas más actuales digamos ¿no?, que han seguido una línea más actual, desde mi punto de vista: José Antonio Moreiro que es catedrático en la Carlos III. Y entonces él trabaja con grupos interdisciplinares, informáticos y él es de documentación y tal. Y él lleva la parte de ontologías y todas estas cosas. Dio clases en el máster que dirigía Nuria, que dirige Nuria, dio clases en el pasado y eso. Y luego, cosas más modernas todavía es Eva Méndez de la Carlos III, está haciendo pues semántica pero a nivel de lenguajes. El proyecto Hive y {Lot} Hive o algo así se llamaba un proyecto europeo, no sé. L2: Creo que ya te lo he dicho. Que era García Marco, Isidoro Gil Leyva, Moreiro, Eva Méndez, Gil Urdiciarin. No sé…
11	García Gutiérrez, Pinto Molina, Moreiro González, García Marco, Currás, Moreno Fernandes, Izquierdo Alonso	L2: Bueno, ni están todos los que son ni son todos los que están, decimos en español ¿no? Vamos a ver, que utilicen exprofeso el término semiótica, hay pocos, hay pocos. Yo creo que están aquí, o sea, hay muy pocos y además con poco predicamento, o sea que a mí se me conoce muy poco. Si yo hubiera actuado de otro modo, se me conocería mucho más, pero por vocación y por talante pues ya sabes que tengo otros propósitos, o sea que nunca me ha movido para nada, el tener más publicaciones y figurar y moverme de acá para allá. Si voy a Brasil, es la primera vez que salgo de…, que paso el charco, lo más lejos que he ido ha sido a Canarias, que he ido tres o cuatro veces, pero no he ido para allá nunca. L2: Mira, vamos a ver, Antonio Luis García Gutiérrez, que lo hemos citado en más de una ocasión, es una persona a quien se debe, no digo el florecimiento, pero por lo menos, la identificación de los problemas de la lingüística documental, eso está claro. Nadie le puede quitar ese triunfo ¿eh? Pero bueno, la ciencia puede ir por un lado y la investigación por otro, eso en cuanto a Antonio García Gutiérrez, es una persona que ha trabajado en lenguajes documentales. María Pinto Molina ha trabajado en lenguajes documentales, pero la semiótica yo creo que le trae sin cuidado José Antonio Moreiro, José Antonio Moreiro viene del mundo de la historia. Cuando llegó a Murcia, llegamos prácticamente juntos, el mismo año, él se examinó de titularidad dos meses o tres después de examinarme yo, éramos bastante amigos, bastante amigos con Carmen también, o sea, incluso he estado en su casa de Canarias dos veces. Hombre, José Antonio Moreiro están sus cosas escritas, ha escrito bastante, aunque no utilice el término semiótica pero trabaja en

		esos ámbitos, o sea, hay que reconocerlo. (…) Vamos a ver, hay bastantes más personas a las que tenemos que mencionar, o sea, vamos a ver, está Javier [Inaudible 1:39:37], el maño, que tiene cosas muy bien escritas sobre lenguajes documentales y que hay que reconocer lo que ha escrito y, sobre todo, lo que ha hecho y lo que está haciendo. Ha permitido que otros hagamos, él ha hecho y ha hecho que hagan y eso es tan importante… L2: (…) O sea, hay que reconocerlo, hay que reconocerlo, o sea, tiene un doble valor: el primero que ha escrito sobre el tema, que se ha preocupado en hacerlo, revisando literatura que no es precisamente la peninsular, a nivel internacional. Eso no lo hacemos todos. En segundo lugar, se ha preocupado de crear un ámbito, en el cual se piense y se diga y con bastante liberalidad, o sea que no ha condicionado a la gente. Y, bueno, pues yo lo pondría en cabeza a pesar de que no es García Gutiérrez porque no inventó la criatura, pero a la hora de valorar lo que han hecho y han potenciado para hacer las personas, pues lo pondría en primer lugar. Más personas, si a mí no me gusta olvidarme de nadie, porque yo debo a todos mucho, debo a todos bastante, o sea… A García Gutiérrez le debo cosas, las reconozco, las he reconocido en las clases. Emilia Currás, pues Emilia Currás, yo la cito cada dos clases, pero le pego cada palo que la dejo tiesa y ella lo sabe, o sea que… A García Gutiérrez, le pego cada palo de la leche porque claro, tengan ustedes en cuenta que esto se escribió en el año 83, 84, 85, o sea que ya, bueno, ya pensamos de otra forma. Y entonces hay que valorarlo en el momento en el que se escribió, que no había alternativa, o sea, que tampoco había tantas fuentes. Tuvo el mérito de traducir del francés al español, pues muchos, muchos decires ¿no? A veces, traducciones literales, pero bueno, muy bien hechas, muy bien hechas. Y bueno, hay muchas más personas, o sea, ¿preguntas por los españoles o en general? L2: Españoles, pues no sé si omito alguno. Bueno, por supuesto, mi compañero de fatigas y de estudio Miguel Moreno Fernández. Miguel Moreno Fernández, con el cual hemos hecho algunas cosillas juntos, otras bastante más separados y hemos estado juntos toda la vida y nos queremos un montón. Mi hija Mónica pues que la están llevando de un sitio para otro, en cuanto a investigación, pero que yo creo que la brújula no la ha perdido, o sea, que sigue con aficiones lingüísticas y semióticas y seguirá con ellas, seguirá con ellas; cosas interesantes, algunas con Luis Miguel, otras sola.
12	Pinto Molina, Moreiro González, García Marco, Monserrat Sebastián, Izquierdo Arroyo, Gil Leiva, García Gutiérrez	L2: No sé qué decir. Yo conozco y admiro a María Pinto y a Moreiro porque ambos tienen mucho de esta vertiente práctica, es decir, ellos demuestran la importancia de lo teórico como una base y trasladan todo esto a una parte más práctica. Yo en los demás autores veo más divorcio entre la parte teórica y la parte práctica, no me han ayudado a entender o a cultivar esta aplicación de los parámetros y las bases más teóricas a nuestra área más práctica. Bueno, Javier García Marco también es de estos. Yo le he leído muchas cosas de él y antaño hemos disfrutado mucho hablando. Él también ve todas estas preocupaciones teóricas como una forma de entender y enriquecer la práctica profesional. Revisando la bibliografía de jornadas españolas, hubo teóricos como la profesora Montserrat Sebastián, que nosotros teníamos y que la pobre murió, seguro que la conoces. Pues ella que estaba muy interesada en la semiótica y en cuestiones de organización del conocimiento se pasó muchos años hablando de las tecnologías y defendiendo si tenían que estar juntas o separadas. L2: He dicho María Pinto. L2: Es evidente que cuando yo comentaba este divorcio de la realidad, hablaba de Izquierdo. Él es una persona que se ha preocupado mucho por esto y ha aportado mucho, pero yo no he

		conseguido ver cómo podíamos aplicarlo. Creo que es uno de los grandes que hay que mencionar, pero hay otra persona que también había estado en Murcia, que le veo la cara y no tengo el nombre, que también ha escrito libros. L2: Sí, pero Gil Leiva para la parte esta más de indización automática, de ponerle un marco pues es de estos chicos para mí más jóvenes que han contribuido a demostrar que en España se ha tenido en cuenta la teoría porque la pone y dice cuidado, esto para entenderlo hay que pasar por aquí. Por tanto diría que es como sucesor de alguna manera, pero yo no encuentro que Gil Leiva en esta parte haya innovado nada. L2: ¿Antonio García? L2: Pues él también. Aparte de García Marco, que siempre ha tenido preocupaciones teóricas claras, de Izquierdo y de los que hemos mencionado, yo diría que después son esta gente más joven que para mí ha demostrado que en España se ha tenido en cuenta la teoría, pero no ha… L2: Pero no significa una evolución teórica.
13	Izquierdo Arroyo, García Marco, García Gutiérrez, Izquierdo Alonso, Moreiro González, Pinto Molina,	L2: Retomo la idea que exponía al principio, aquello fue de manera coyuntural, basado en modas, en la influencia personal de algunos profesores, por ejemplo José María Izquierdo, el propio Francisco Javier García Marco, que es, en mi opinión, quien más y mejor ha tratado de seguir los pasos de José María Izquierdo, dejando a un lado a Mónica que, por otras circunstancias, quizás no ha podido desarrollar más esos aspectos que ha dejado planteados el profesor Izquierdo. Yo creo que quien más y mejor ha desarrollado esos aspectos es Francisco Javier García Marco. Fuera de estas circunstancias, realmente creo que no se está trabajando en ese ámbito, que yo sepa. L2: Estancado es la palabra; más que bajo, estancado. El nivel llegó a donde llegó en la década de los 80 y, a partir de ahí, se ha estancado. De hecho, si quieres que te sea sincero, las únicas personas a las que he oído hablar últimamente en serio de semiótica documental sois Francisco Javier García Marco y tú. No ha habido otras personas que retomen la idea de la semiótica documental, sus perspectivas teóricas y metodológicas, su desarrollo y sus posibles aplicaciones, quizás también porque los intereses profesionales y los de la propia ciencia documental son muy variopintos están muy dispersos. Ahora hay otras modas, más comportamiento de búsqueda de información, estamos muy sujetos a las modas en esta área. L2: Esa pregunta es muy fácil. En primer lugar está claro que José María Izquierdo Arroyo. Luego yo creo que han hecho aportaciones importantes Francisco Javier García Marco, sin lugar a dudas; Mónica Izquierdo no ha tenido mucho tiempo, pero sus planteamientos son de lo más original e interesante; luego tienes a la profesora María Pinto que también ha hecho cosas; José Antonio Moreiro también ha hecho otras; luego tienes a Antonio Luis García Gutiérrez que también ha hecho planteamientos interesantes. Yo creo que si nos salimos de ahí, gente que haya hecho investigación sí que tienes bastante. Investigación bien, pero si me preguntas por planteamientos teóricos, que es diferente, pues los que te he citado. Planteamientos teóricos de envergadura más bien los que he citado y, si me apuras para que te dé solo tres nombres, pues te los voy a dejar en el propio José María, Francisco Javier García Marco y bueno, ya ahí puedes hablar al mismo tiempo de María Pinto, José Antonio Moreiro, Mónica, Antonio Luis García Gutiérrez, pero ya en un plano ya más retirado, más lejano.
14	Gil Leiva, Izquierdo Arroyo, Félix de Moya	L2: Del campo de la Documentación, yo creo que están trabajando con eso, al menos han hecho algunas cosas, mis colegas de Murcia, de la Universidad de Murcia, fundamentalmente. Yo no, estaba tratando de acordarme de alguno de la Carlos III, digo porque

		Carlos III es una universidad potente y tiene mucha gente, pero relacionado con estas cosas, a mí no me suena ahora mismo ninguno. La gente de Murcia yo creo ¿eh?, del campo de la Documentación. L2: Gil Leiva, sí. Y hay otro chico, yo creo que es un poquito más joven que Isidoro que ha ido mucho por Zaragoza, pero no me acuerdo del nombre ahora mismo. L2: José Luis Izquierdo. Él es filósofo, es catedrático de filosofía. Sí, sí, efectivamente… L2: Sí, pero no me suenan más del campo de la Documentación, alguno más debe haber porque, que a mí se me escape, pero básicamente… Vamos a ver, trabajaba mucho en cosas de éstas relacionadas Félix de Moya, de Granada, pero yo creo que Félix de Moya, ahora trabaja en otras cosas, en Bibliometría y cosas de este tipo ¿eh? Pero en su día, yo sí que es verdad, que él escribió cosas relacionadas más con esto.
15	García Marco, Izquierdo Arroyo, García Gutiérrez, Ángel Esteban, Moreiro González, Agustín Lacruz, Gascón, Monserrat Sebastián	L2: Ah, ¿dentro de mi tema?, ¿dentro de la organización del conocimiento? Hombre, se ha venido escribiendo siempre bastante sobre ello, a mí me parece que sí. Estoy acordándome ahora mismo de Moreiro. Rosa San Segundo no ha escrito mucho sobre eso, ella va por otro lado. Y tu colega Javier también ha escrito sobre eso. También Izquierdo, en su tiempo, cuando estaba en Murcia y escribía. Sí, las personas que nos dedicamos a esto, que no somos muchas en España, pues lo que te he dicho antes, yo creo que ese es un tema que siempre ha estado ahí. Ahora si lo que me estás preguntado es si tienen un papel absolutamente estrella como personas que se dediquen a estudiar la semántica y sólo la semántica, pues tal vez no, yo no conozco ese tipo de libros. L2: Los pocos que somos. Pues mira, están Javier y Antonio García Gutiérrez. En cuanto a Rosa, ella habla de la organización del conocimiento, pero en lo que yo he leído de ella, no he visto que aborde temas de lingüística y semántica, entonces no la voy a incluir por esto, porque hace otras cosas; Izquierdo lo fue en su momento, ya está más que jubilado; Moreiro también trabaja con esto y no muchos más. En su momento, Miguel Angel Esteban hacía algo, pero yo creo que ya se ha ido para otro lado. Estaba o está en Zaragoza y era compañero de Javier, pero no sé, no le sigo la pista y allí hay otra chica, Carmen Agustín o algo así. L2: Espera que voy a ir por regiones. En Cataluña la organización del conocimiento la trabaja Jesús, no recuerdo ahora mismo el apellido, uno que se llama Jesús {Gascuña} pero no mucho, lo he visto en (Inaudible 1:15:38) y ha presentado cosas allí, pero no mucho, digo que me suena, y {Espriu} que la he visto, pero tampoco mucho. Y la que sí que estaba porque tiene un tesauro es Monserrat Sebastián, que la pobre murió el año pasado, es muy triste. Tiene un tesauro de la *dona*, la mujer en catalán, y ya está. Somos pocos los que nos dedicamos a esto, que yo conozca, ¿eh?
16	Chaumier, Van Slype, García Gutiérrez, Izquierdo Arroyo	L2: ¿Sabes lo qué pasó con Izquierdo?, que yo creo que Izquierdo es una de las personas que ha llevado a cabo una reflexión teórica más importante en nuestro ámbito, que él estuviera en una universidad del sur y el que él fuera una persona de trato no fácil. L2: Vale. Entonces, toda la parte de la lingüística documental de origen francés y {Chomier} básicamente, {van Sleep} y García Gutiérrez muy importante para los estudios de las herramientas de indización, los lenguajes documentales y después para la línea de análisis de imágenes.
17	Não conheço nenhum teórico	L2: De Documentación no se me ocurre, a mí no se me ocurre nadie, ¿de Documentación con lingüística? L2: No. Yo no conozco. De España, no. L2: De España no.

APÊNDICE D

TRATAMENTO DOS DADOS DISCURSIVOS DE ESPECIALISTA EM SEMIÓTICA

DSC I - LA SEMIÓTICA EN ESPAÑA

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	As primeiras traduções foram importantes A	L2: Es lo que está estudiado en el libro, creo que ahí están todos los datos en concreto. Pero por hacerte un resumen, te diré que durante muchos años aquí no se supo nada de él. Fueron muy importantes las primeras traducciones, que fueron como tres volúmenes con recopilación de textos que se hicieron en Argentina en los años 70 u 80, no recuerdo exactamente la fecha. Fueron las primeras traducciones un poco sistemáticas de sus textos. Aquello fue importante porque era lo primero, no había nada más.
	Espanha não era muito aberta A	L2: ¿Por qué el hueco? Creo que Jaime tiene algunos artículos sobre eso, no sé si los has visto. Creo que hay varios factores. A mí me parece que España no era muy abierta intelectualmente en aquella época, era un poco nacionalista en el mal sentido y, por ejemplo, se despreciaba un poco lo que venía de EEUU. Digamos que había ciertas ideas que se podrían considerar pragmatistas, pero Peirce era un desconocido, esa es la verdad. No había nada por la cerrazón de la época: se miraba lo de aquí y se potenciaba la filosofía española, creo yo. L2: No, creo que eso sí es correcto, que había otros intereses. Aquí no había influencia de EE.UU. y la influencia pragmatista que llegó fue muy poca, o sea, que sí que es verdad que había más influencia europea que de otro tipo de escuelas.
	Peirce passou muito tempo desconhecido A	L2: Bueno, lo tienes todo ahí, yo realmente tampoco conozco mucho de esa época. Te mencionaría esta tesis de Wenceslao Castañares, que no sé ahora decirte de qué año es de memoria, que creo que es la primera que se hizo. L2: Pues tampoco sé decirte muy bien porque no lo he vivido, pero yo creo que se tiraba a lo que comentabas tú, a las corrientes europeas, creo que todavía dominaba ese tipo de cosas, aquí, en España. En EE.UU. en esa época los departamentos estaban llenos de filosofía analítica, es lo que había. No sé hasta qué punto eso llegó a España, no lo he profundizado, porque aparentemente la filosofía analítica y el pragmatismo son cosas contrarias, aunque luego hay gente que ha estudiado las afinidades y son más afines de lo que parecía, pero Peirce, por ejemplo, tampoco era superestudiado en EE.UU, a pesar de que ser de allí, pero es que los departamentos de filosofía estaban llenos de filosofía analítica, al final un tipo de filosofía que se quedaba también en las distinciones un poco estériles, que no profundizaba, que despreciaba lo que es la metafísica, la filosofía, eso ha sucedido, entonces se hacía otro tipo de filosofía, yo creo, que es lo que estaba de moda y es lo que dominaba.
	Situação do estudo de Peirce em Espanha B	L2: Sí, desde que muere, en el 14, hasta mitad del siglo XX, hay ahí al menos 50 años en los que es prácticamente un desconocido, en parte por la dificultad que hubo para editarlo, para organizar sus papeles. Es que claro, cuando Peirce muere deja creo que fueron cien mil páginas manuscritas, ponte a ordenar eso.
	poucos doutorando fazendo tese sobre Peirce B	L2: Sí, quiero decir pues ahora ya como que hay mucho más interés, pero en España en concreto seguimos un poco en lo mismo. Creo que hay mucho más crecimiento proporcionalmente en Hispanoamérica que en España, aquí tampoco hay tanta gente, al final estamos nosotros que creo que somos el centro más importante, que somos los que estamos haciendo investigación y por lo demás, hay alguna persona que aisladamente hace cosas y luego el tema de la semiótica aparte, pero Peirce como filósofo yo creo que, aparte de lo que hacemos aquí, no hay mucho más, y lo que hacemos aquí más o menos ya te lo he contado, aparte del tema de traducir los proyectos sobre correspondencia y dar apoyo a los que se acercan a estudiarlo, eso es lo que hacemos, orientar. L2: Sí, hablándote ya no de España en general, sino de nosotros en

		concreto en estos momentos no hay nadie que estudie a Peirce, o que esté haciendo una tesis sobre Peirce. Esa es la situación, no sé exactamente por qué, pero al final viene más gente de allí que doctorandos aquí. Aquí hubo un chico español también, pero este era doctorando de Wescenlao, del profesor de Madrid, y al final defendió su tesis sobre Pierce en París, porque no me acuerdo qué estaba haciendo en Francia.

DSC II - CONCEPTOS SEMIÓTICOS

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	Abdução e metodologia A pragmatismo A	L2: Bueno, igual te doy una interpretación un poco en función de mis intereses, que es lo que a mí me interesa, pero yo destacaría lo que es la abducción, o sea la metodología de Peirce, que al final es mucho más que una metodología. Él habla mucho de la metodología científica, pero va mucho más allá, es toda una visión, en mi opinión, novedosa de la creatividad, de cómo se produce conocimiento en la ciencia. Él, como científico, habla casi siempre de la ciencia, pero creo que se puede aplicar a otros ámbitos como al arte y a la educación. Yo creo que ese es un aporte muy importante de Peirce y que todavía está por desarrollar en gran parte, es decir, que se puede hacer mucho más todavía. Claro que se ha estudiado muchísimo la metodología científica, se han escrito miles de páginas sobre la abducción, pero, por ejemplo, a la hora de aplicarlo, creo que es una noción de Peirce que es muy importante, o sea, que tiene mucho que aportar en muchas áreas, que lo está haciendo. Eso por un lado y luego, en el tema de lo que es el pragmatismo, pero bien entendido, o sea el pragmatismo del que él hablaba, porque muchas veces se interpreta el pragmatismo como resaltar la importancia de la acción, la acción por la acción y no es eso, el (Inaudible) no es eso. Es la idea de conocer las cosas por sus posibles consecuencias. Eso tiene una serie de implicaciones también, no solo para la ciencia, sino también para la conducta humana, para la ética, para la estética. Todo eso lo hemos tratado de estudiar un poco aquí, de hecho cuando él está tratando de reformular el pragmatismo es cuando empieza a hablar más de las ciencias normativas y considera que en el fondo la clave del pragmatismo está en las ciencias normativas porque son las que hablan de autocontrol, por ejemplo. El pragmatismo viene a decir que hay que considerar las cosas por sus fines, o sea por aquello a lo que pueden dar lugar, por su finalidad en el fondo, y aquello que está sujeto a fines es lo que puede ser autocontrolado. Bueno, luego hay cantidad de nociones que entran que me parecen muy interesantes para estudiar todo lo que tiene que ver con el ser humano al final.

DSC III – APLICACIONES

R	IDEIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES-CHAVE
1	Ética empresarial A	L2: John Ford Rodona, es un catalán, él es profesor del IESE, que es la escuela de negocios de la Universidad de Navarra. Él es filósofo e hizo esa tesis sobre Peirce y luego ya se metió con cosas más como de ética empresarial, pero él hizo una tesis sobre Peirce y los negocios. *Peirce y la Dirección*, sí, creo que lo tenemos por aquí.
	Comunicação A	L2: Ya, bueno, es un poco lo que hemos dicho, campos, filosofía y luego ha venido gente de todo un poco. Creo que en comunicación, por ejemplo, Peirce también ha atraído a mucha gente porque al final está toda la teoría del signo y tiene mucho que ver con la comunicación, todo que ver. Entonces ahí hay una teoría muy importante que puede aportar muchas cosas.
	história da ciência, lógica, direito, teologia, filosofia e ética A	L2: Ah, los campos. Comunicación yo creo que es lo más importante y luego todo el tema de la Semiótica, pero esos ya van por libre. Bueno, ha habido aquí un poco de todo, gente que viene, que le interesa la historia de la ciencia, la lógica y luego, como cosas puntuales, pues siempre hay lo que te decía, el campo del derecho, siempre hay alguien que de pronto le interesa Peirce, que tiene que ver con teología, o sea por haber ha habido de todo, o sea Peirce se puede relacionar con cantidad de cosas, pero bueno, como campos más importantes pues yo creo que están la filosofía y el arte, creo que se está haciendo bastante, la ciencia, la historia de la ciencia, por ejemplo, lo que es metodología de la ciencia y eso, comunicación.

ANEXOS

ANEXO A
TÍTULOS DE REVISTAS IN-RECS E DICE

IN-RECS - ÍNDICE DE IMPACTO REVISTAS ESPAÑOLAS DE CIENCIAS SOCIALES
DOCUMENTACIÓN

ÍNDICE DE IMPACTO: 2011
POBLACIÓN DE REVISTAS: 33

QUARTIL	POSICION	TITULO DE LA REVISTA	INDICE IMPACTO 2011	TOTAL ARTICULOS	TOTAL CITAS	CITAS NACIONALES	CITAS INTERNACIONALES
1º	1	El profesional de la información	0.945	91	86	68	18
	2	Revista española de documentación científica	0.894	66	59	27	32
	3	BiD: Textos universitaris de biblioteconomia i documentació	0.564	55	31	28	3
	4	Cybermetrics: International Journal of Scientometrics, Informetrics and Bibliometrics	0.250	8	2	0	2
	5	Anales de documentación: Revista de biblioteconomía y documentación	0.205	44	9	8	1
2º	6	Papeles médicos: Revista de la Sociedad Española de Documentación Médica	0.158	19	3	0	3
	7	Documentación de las ciencias de la información	0.116	43	5	5	0
	8	Ocnos: revista de estudios sobre lectura	0.100	20	2	2	0
	9	Lligall. Revista Catalana d´Arxivística	0.071	14	1	0	1
	10	Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios	0.068	44	3	3	0
3º	11	Hipertext.net	0.067	15	1	0	1
	12	Scire: Representación y organización del conocimiento	0.065	46	3	1	2
	13	Tabula: revista de archivos de Castilla y León	0.064	47	3	1	2
	14	Boletín de la ANABAD	0.057	159**	9	3	6
	15	Revista general de información y documentación	0.049	61	3	3	0
4º	16	Item: Revista de biblioteconomia i documentació	0.041	49	2	2	0
	17	Anuario ThinkEPI	0.037	136	5	5	0
	18	Educación y biblioteca	0.036	281	10	5	5
	19	Ibersid: revista de sistemas de información y documentación = journal of information and documentation systems	0.020	101	2	1	1
	20	RdM. Revista de Museología: Publicación científica al servicio de la comunidad museológica	0.015	131	2	2	0
	21	AEDOM: Boletín de la Asociación Española de Documentación Musical	0.000	13	0	0	0
	21	Bilduma: Revista del Servicio de Archivo del Ayuntamiento de Errenteria = Errenteriako Udal Artxibo Zerbitzuko aldizkaria	0.000	14	0	0	0
	21	Cartas Diferentes: revista canaria de patrimonio documental	0.000	26	0	0	0
	21	Cuadernos de documentación multimedia	0.000	34	0	0	0
	21	Cultura escrita y sociedad	0.000	55	0	0	0
	21	Elucidario: Seminario bio-bibliográfico Manuel Caballero Venzalá	0.000	72**	0	0	0
	21	Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España	0.000	68	0	0	0
	21	Pecia Complutense	0.000	26	0	0	0
	21	PH: Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico	0.000	167	0	0	0
	21	RedIRIS: boletín de la Red Nacional de I+D RedIRIS	0.000	74	0	0	0
	21	Revista d'arxius	0.000	30	0	0	0
	21	Sociedad de la Información	0.000	150	0	0	0
	21	Tk (Asociación Navarra de Bibliotecarios)	0.000	38	0	0	0

Fonte: http://ec3.ugr.es/ec3/Documentacion.html

DICE - DIFUSIÓN Y CALIDAD EDITORIAL DE LAS REVISTAS ESPAÑOLAS DE HUMANIDADES Y CIENCIAS SOCIALES Y JURÍDICAS

BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN

ORDENADO POR DIFUSIÓN INTERNACIONAL

Resultados: 39 registros encontrados

No	Título de revista		Año C-F	Área de conocimiento	Val. DI	BB.DD.
1	El Profesional de la Información	C	1998-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	46.5	ACADEMIC SEARCH COMPLETE ; ACADEMIC SEARCH PREMIER ; FRANCIS; INSPEC ; ISTA ; LISA ; LISTA ;PASCAL ; SCOPUS ; SSCI ;ISOC ;
2	Revista Española de Documentación Científica	C	1977-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	39	FRANCIS ; IBZ ; INSPEC ; LISA; PASCAL ; PIO ; SCOPUS ;SSCI ; ISOC ;
3	Revista Española de Documentación Científica (Ed. electrónica)	C	1998-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	39	FRANCIS ; IBZ ; INSPEC ; LISA; PASCAL ; PIO ; SCOPUS ;SSCI ; ISOC ;
4	Anales de Documentación (Ed. electrónica)	C	2004-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	19.5	DOAJ ; LISA ; LISTA ; RED ALyC ; ISOC ;
5	Revista General de Información y Documentación	C	1992-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	16.5	FRANCIS ; PASCAL ; SCOPUS; ISOC ;
6	Revista General de Información y Documentación (Ed. electrónica)	C	1991-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	16.5	FRANCIS ; PASCAL ; SCOPUS; ISOC ;
7	BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació	C	1998-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	13.5	DOAJ ; LISA ; LISTA ; ISOC ;
8	Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios	C	1984-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	13.5	ACADEMIC SEARCH COMPLETE ; LISTA ; RED ALyC ; ISOC ;
9	Anales de Documentación	C	1998-2010	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	10.5	LISA ; LISTA ; RED ALyC ;ISOC ;
10	Documentación de las Ciencias de la Información	C	1976-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	10.5	FRANCIS ; PASCAL ; ISOC ;
11	Scire. Representación y Organización del Conocimiento	C	1995-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	10.5	LISA ; LISTA ; ISOC ;
12	Documentación de las Ciencias de la Información (Ed. electrónica)	C	1976-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	10.5	FRANCIS ; PASCAL ; ISOC ;
13	Cybermetrics. International Journal of Scientometrics, Informetrics and Bibliometrics	C	1997-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	7.5	SCOPUS ; ISOC ;

14	Item. Revista de Biblioteconomía i Documentació	C	1987-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	7.5	LISA ; ISOC ;
15	Pecia complutense	C	2004-	CIENCIAS Y TÉCNICAS HISTORIOGRÁFICAS BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	4.5	REGESTA IMPERII ; ISOC ;
16	Anuario ThinkEPI	C	2007-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	4.5	LISTA ; ISOC ;
17	Cuadernos de Documentación Multimedia (Ed. electrónica)	C	1996-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	4.5	DOAJ ; ISOC ;
18	Hipertext.net	C	2003-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	4.5	DOAJ ; ISOC ;
19	Ibersid. Revista de Sistemas de Información y Documentación	C	2007-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	3	ACADEMIC SEARCH COMPLETE ;
20	Boletín de la ANABAD		1950-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	1.5	ISOC ;
21	Cartas diferentes	C	2005-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	1.5	ISOC ;
22	PH. Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico	C	1996-	HISTORIA DEL ARTE BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	1.5	ISOC ;
23	Revista d'arxius	C	2002-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	1.5	ISOC ;
24	Revista de Museología		1994-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	1.5	ISOC ;
25	Tábula	C	1992-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	1.5	ISOC ;
26	Red Iris. Boletín de la Red Nacional de I+D	C	1991-		0.75	ICYT ;
27	Bilduma		1987-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	0	
28	Educación y Biblioteca. Revista Mensual de Documentación y Recursos Didácticos		1989-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	0	
29	FORINF@. Revista Iberoamericana de los usuarios de la Información	C	1998-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN	0	
30	Métodos de Información	C	1994-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN		
31	Aedom. Boletín de la Asociación Española de Documentación Musical		1994-2005	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN		
32	Boletín de AABADOM		1990-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN		
33	Cuadernos de Documentación Multimedia		1992-2002	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN		
34	Lligall. Revista Catalana d'Arxivística		1988-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN		

35	Métodos de Información	1994-2002	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN
36	Museo. Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España	1996-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN
37	PALIMPSESTO	2000-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN
38	Parabiblos	1987-2002	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN
39	Sociedad de la Información	2001-	BIBLIOTECONOMÍA Y DOCUMENTACIÓN PERIODISMO

Fonte: <http://dice.cindoc.csic.es/resultados.php?arriba=1&vorder=per&at=BIBLIOTECONOM%CDA%20Y%20DOCUMENTACI%D3N&&criterios_latindex=n&>

LISTA DE PERIÓDICOS SELECIONADOS PARA LEVANTAMENTO

QUARTIL	POSICION	TITULO DE LA REVISTA	INDICE IMPACTO 2011	TOTAL ARTICULOS	TOTAL CITAS	CITAS NACIONALES	SITE
1º	1	El profesional de la información	0.945	91	86	68	http://www.elprofesionaldelainformacion.com/
	2	Revista española de documentación científica	0.894	66	59	27	
	3	BiD: Textos universitaris de biblioteconomia i documentació	0.564	55	31	28	
	4	Cybermetrics: International Journal of Scientometrics, Informetrics and Bibliometrics	0.250	8	2	0	
	5	Anales de documentación: Revista de biblioteconomía y documentación	0.205	44	9	8	
2º	6	Papeles médicos: Revista de la Sociedad Española de Documentación Médica	0.158	19	3	0	
	7	Documentación de las ciencias de la información	0.116	43	5	5	
	8	Ocnos: revista de estudios sobre lectura	0.100	20	2	2	
	9	Lligall. Revista Catalana d´Arxivística	0.071	14	1	0	
	10	Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios	0.068	44	3	3	
3º	11	Hipertext.net	0.067	15	1	0	
	12	Scire: Representación y organización del conocimiento	0.065	46	3	1	
	13	Tabula: revista de archivos de Castilla y	0.064	47	3	1	

		León					
	14	Boletín de la ANABAD	0.057	159**	9	3	
	15	Revista general de información y documentación	0.049	61	3	3	
4º	16	Item: Revista de biblioteconomia i documentació	0.041	49	2	2	
	17	Anuario ThinkEPI	0.037	136	5	5	
	18	Educación y biblioteca	0.036	281	10	5	
	19	Ibersid: revista de sistemas de información y documentación = journal of information and documentation systems	0.020	101	2	1	
	20	RdM. Revista de Museología: Publicación científica al servicio de la comunidad museológica	0.015	131	2	2	

Fonte: Adaptado de ÍNDICE DE IMPACTO REVISTAS ESPAÑOLAS DE CIENCIAS SOCIALES DOCUMENTACIÓN, ÍNDICE DE IMPACTO: 2011 (http://ec3.ugr.es/ec3/Documentacion.html)

ANEXO B

ENTREVISTAS TRANSCRITAS DE ESPECIALISTAS EM DOCUMENTAÇÃO

ENTREVISTADO 1

[Resposta por questionário]

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L1: ¿Qué comprende por Semiotica y cúal es el objecto de estudio semiótico?
L2:En general, es la teoría que se ocupa del estudio de los signos, indicios, símbolos, etc. pero también fundamentalmente, en compañía de otras aproximaciones, de las claves de la producción de sentido (y de ahí su interés para mí)
L1:¿En su evaluación, cómo las teorias semióticas surgieron el la literatura científica y en las teorias de la documentación en España?
L2: Considerando la lingüística estructural saussureana como parte de su Semiología, el interés en España surge, en los años ochenta, por la necesidad de estudiar y solucionar los problemas de herramientas documentales como el análisis o los lenguajes documentales desde perspectivas morfosintácticas y semánticas fundamentalmente estructuralistas.
L1:¿Cuándo y cuál fue el contexto científico en el que estas teorias surgieron?
L2: Un gran desarrollo e impacto académico en Europa de las bases de datos científicas y profesionales en los años setenta y ochenta estudiadas desde un mero modelo funcionalista (informe Unisist de UNESCO, Chaumier, Briet, Van Slype y George Van Dijk…) a la par que un auge de la lingüística francesa de la mano de Pottier, Greimas y de algún modo Pêcheux entre muchos otros. En España, los estudios de documentación surgieron bajo el paradigma positivista otletiano que de algún modo se mantiene alimentado y adoptado actualmente por los propios avances tecnológicos en materia de información. Personalmente me incliné por la perspectiva lingüística a inicios de los ochenta, en mi tesis doctoral de1982, para introducir observaciones de una disciplina distinta a la documentación y contribuir de ese modo a algo que se llamó (y todavía alguno lo hace) Lingüística documental. Sin embargo, a mi modo de ver las aproximaciones que trabajan desvinculadas de lo cultural, de lo político, de lo social respecto a un objeto como la información/documentación o a sujetos supuestamente objetivables como los documentalistas, etc. olvidan el alto valor simbólico e ideológico de los materiales que manejan y productos que elaboran. Así pues, empecé a interesarme por las aproximaciones críticas, antropológicas, sociológica e incluso de la teoría política al mismo objeto aprovechando mi forzado cambio de área deconocimiento (de documentación a comunicación) al trasladarme de la Complutense a la Universidad de Sevilla en 1992. En comunicación, las cuestiones ideológicas o la mediación no suelen separarse del objeto de estudio.
L1:¿Cuáles son los conceptos de origen semiótico usted cree son los más fundamentales a la Documentación?
L2: Puramente semióticos/semiológicos los procedentes de Peirce (terceridad, símbolo, indicio, semiosis no sé qué partenidad tiene, etc.) y de Saussure y otros (Pottier, etc.) numerosos conceptos (paradigma, sintagma, sema, archisemema, lexema...) Particularmente me han interesado los trabajos de Eco (Kant y el Ornitorrinco y Lector in Fabula) y Ginzburg (Mitos, emblemas…) en los que resuena la obra peirceana.
L1:¿En su evaluación, cuáles son las ramas de la disciplina documentación que podemos aplicar los conceptos semióticos?
L2: No comparto la división positivista en tronco y ramas y hasta me inquieta la palabra disciplina (desde mi posición desclasificada, claro). Prefiero hablar, con Santos, deconfiguraciones transdisciplinares (y ahí habría también elementos de semiótica, junto a economía política, poscolonialidad, ecofeminismo, etnología posmoderna, teoría crítica…) en torno a objetos o para la resolución de problemas (la información/documentación/exomemoria…)
L1:¿Describame, por favor, el nivel de contato interdisciplinario entre las teorias semióticas y la Documentación?
L2: Creo que en parte está respondido arriba: he tratado de extraer algunos conceptos de la semiótica al mismo nivel que de otras materias para observar problemas de la memoria registrada en un entorno tecnológico cultural cambiante y vertiginoso al que llamo transcultura. Pienso que las categorías occidentales que operaban desde su vieja cultura, y la epistemología –como dice Rorty- es un episodio de esa culturas, una subcultura occidental (y ella organiza y regula las "disciplinas"), no son suficiente para entender las propiedades y consecuencias de la transcultura digital, en la cual la comunicación y la interacción son los elementos claves por lo que hay que reinventar y horizontalizar la epistemología y todo el espectro de sus ciencias y ponerlos a dialogar con conocimientos sumamente ricos de muchas otras culturas pre o paraepistemológicas. El problema es que la colonización ha arrasado esos otros modos de producción de conocimiento y la transcultura digital está generando un auténtico "vatapá" con ellos. En breve habrá que hacer estudios arqueológicos y forenses de sus restos simbólicos…
L1: ¿En su opinión, cuáles son los principales expertos de la disciplina semiótica, sea de las lineas peirceanas o no peirceanas?
L2: Umberto Eco, Saussure, Carlo Ginzburg, Gonzalo Abril, Roland Barthes, Paolo Fabbri…También algunos

posestructuralistas y posmodernos franceses que hacen hibridaciones transdisciplinares sobre cuestiones simbólicas y sígnicas como Deleuze, Derrida, Baudrillard, Maffesoli...
L1: ¿Usted podría, por favor, indicar los autores/teóricos de la Documentación española con más contribuciones en la linea semiótica?
L2: Pienso que en una aportación general de la semiótica, e incluso en introducir el mismo concepto, solo ha insistido Izquierdo e infelizmente con escasa repercusión.

ENTREVISTADO 2

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

(...)
L1: Háble me, por favor, respecto a sus trabajos de investigación, que tienen una relación con los estudios de lenguaje.
L2: ¿Desde que empecé?
L1: Sí, sí.
L2: ¡Uy!, es muchísimo el tema. Yo empecé haciendo la tesis sobre clasificación. Hice una historia de la clasificación en España, de los sistemas de clasificación que la titulé: "Sistemas de organización del conocimiento" y esto lo publiqué en el año 96. Fundamentalmente, me he dedicado a la CDU, en lo que trabajo fundamentalmente es, bueno, muchos años he trabajado en la CDU. Soy la que hace las adaptaciones y traducciones de la CDU en España, pero no sólo de la CDU sino de las normas de la guía de uso, las normas, etc. O sea, desde hace muchos años, soy quien actualiza la CDU, la adapta etc., que es un trabajo impresionante. Tiene muchísimo…
(...)
L2: Luego, he publicado bastantes cosas sobre los sistemas de clasificación, estos hace muchos años, porque claro, llevo muchos años, fundamentalmente sobre la CDU. Trabajo también en el Consorcio Internacional de la CDU, pertenezco al Consorcio. Y luego he trabajado hace muchos años sobre Ranganathan, porque para entender bien los sistemas de clasificación, tienes que conocer bien a Ranganathan sobre todo la parte teórica; los fundamentos de clasificación y los prolegómenos de clasificación. Después, he hecho cosas más teóricas. En principio fue la clasificación, luego me he dedicado a la CDU, luego a Ranganathan y luego he trabajado ya más temas de organización del conocimiento, de cuestiones teóricas y epistemológicas, que he estado muchos años trabajando esos temas de cuestiones teóricas y ya temas más especulativos y más generales; de tecnologías, organización…, más generales, pero vamos yo empecé lo que es la clasificación. Y en la actualidad, soy la Presidenta de ISKO España y Portugal que nos hemos unido y no sé qué más contarte… Que trabajo temas también de epistemología, la Organización del Conocimiento y Epistemología desde un punto de vista teórico.
L1: Dentro de estos temas de epistemología y desde el punto de vista teórico, ¿cuál de ellos está relacionado al estudio del lenguaje?
L2: Es que no sé lo que entiendes tú por estudio…
L1: De manera general; sean estudios filosóficos, de lenguaje, semióticos, lingüísticos.
L2: No, yo lo trabajo desde un punto de vista teórico, teórico de lo que es la Organización del Conocimiento, o sea, ¿qué significa Organización del Conocimiento?
L1: Conceptual.
L2: Sí.
L1: Sí, sí.
L2: Eso son un poco las líneas mías de trabajo. A ver, que son muchos años, que yo empecé en el año ochenta y tantos. Entonces, claro, he ido evolucionando los temas.
L1: Sí, por supuesto.
L2: Con tantos años, vas evolucionando, vas cambiando los temas.
L1: Y ahora estás más en los temas teóricos.
L2: Sí, sí. Ahora estoy más en los temas teóricos.
L1: He leído algo respecto del uso del lenguaje en la Organización para la representación de género. No sé si ha trabajado en algo…
L2: Sí, sí. Estoy empezando a trabajar eso. Hemos creado o he creado un Instituto de Estudios de Género en la Universidad y en el Instituto estamos trabajando, se trata de en cada materia investigar con perspectiva de género, o sea, meter temas de integración, de igualdad y con perspectiva de género. Y entonces somos gente de todas las áreas: de Derecho, de Políticas, de Ingeniería, de Periodismo y yo que estoy de Biblioteconomía. Dani también pertenece al Instituto, que estaba aquí cuando se creó, Daniel Martínez Ávila. Y es muy interesante, claro, porque todos los lenguajes y toda la organización son muy sexistas, muy segregacionistas, muy exclusivistas. Y yo creo que en España no se trabaja tanto eso ¿no?, la segregación, pero yo creo que en América Latina…
L1: ¿Más que España?
L2: No. Se trabaja más lo que es el sexismo y el segregacionismo en los lenguajes. Aquí en España quién lo ha trabajado es García Gutiérrez.
L1: Sí, pero está un poco más lejos de la documentación.
L2: Sí, sí. Ha habido muy poquita gente, pero alguna persona lo ha trabajado. Lo ha trabajado Blanca Rodríguez, el que más lo ha trabajado…
L1: Blanca, de León.
L2: Sí.
(...)

L2: O sea, el que más lo ha trabajado desde un punto de vista más profundo, es García Gutiérrez, lo que es el segregacionismo y el sexismo en Organización del Conocimiento.
L1: Vale. ¿Cuál es el papel de las teorías lingüísticas y semióticas en sus investigaciones?
L2: Yo trabajo menos la lingüística, o sea, porque dentro de que imparto tanto clasificación como indización y encabezamientos de materia. Me dedico desde un punto de vista investigador más a la clasificación que a los encabezamientos de materia. Entonces, los encabezamientos de materia están más vinculados con la lingüística. Nosotros procedemos fundamentalmente de dos áreas: los que vienen de lingüística, se han dedicado más a lenguajes documentales, a lo que se da en lenguajes documentales, encabezamientos de materia, y tesauros y los que venimos de, yo vengo de filosofía, estamos más en Organización del Conocimiento en teoría y en clasificación o tienes más esa formación.
L1: Sí. ¿Cómo fue su formación? Primero, filosofía, después…
L2: Yo soy licenciada en filosofía y ya doctora en el área de Biblioteconomía y Documentación. Soy doctora en Comunicación en la Facultad de Ciencias de la Información.
L1: Aquí no, en Complutense.
L2: En Complutense porque ésta no existía. Claro, esta Universidad tiene veinticinco años, yo vine aquí pero no había doctorado todavía. Entonces, no la pude leer aquí, aunque ya estaba trabajando aquí. Tuve que ir a leerla a la Complutense.
L1: Sí, vale. ¿Qué comprende por semiótica?
L2: La semiótica yo no la trabajo. Pues mira, hay profesores muy buenos de semiótica, en Ciencias de la Información en la Complutense.
L1: Pero no en Documentación.
L2: No en Documentación.
L1: En Lógica, Filosofía, ¿es posible?
L2: Sí. Hay un Departamento que yo creo que trabajan bastante en semiótica en Ciencias de la Información de la Complutense. En Documentación no hay, en España, no hay gente así que destaque y que esté especializado en semiótica. Sí que hay en Ciencias de la Información o de la Comunicación, fundamentalmente en la Complutense. Ahí sí que hay profesores especializados en semiótica.
L1: Sí. Bueno y ¿los autores y teóricos de la lingüística que en su opinión están haciendo algo…?
L2: Te lo voy a dar, te lo voy a pasar porque te lo voy a imprimir.
(...)
L2: El listado y te voy a decir los autores que trabajan en cada área ¿sabes?, porque son muchos y esto nos facilita mucho el comentarte… Te los doy ahora y te los doy por escrito.
L1: Sí, sí, vale. Esta parte teórica que había dicho ¿cuándo empezó en España?, ¿la teorización o los estudios epistemológicos de la documentación?
L2: Mira, en España los estudios de Biblioteconomía y Documentación especializados ya como carrera universitaria, al margen de Cataluña que crea en 1914 la Escuela y los Estudios en 1920, no los hacen estudios oficiales hasta la llegada de la democracia, hasta, no me sé exactamente la fecha, ahora han hecho los cien años, el centenario ha sido ahora en el 2014, exceptuando Cataluña, el resto surgen, la primera Universidad que crea los estudios de Biblioteconomía y Documentación la Universidad de Granada. Y luego ya se crean muchas, se crea en el 89. Y en esta Universidad en el 90, que yo estoy aquí desde el inicio, desde 1990. Y ¿qué me habías preguntado?
L1: No, no es aparte de la temática, quiero mirar cuando el artículo que escribió respecto de la década de los 40, después de la guerra.
L2: Sí.
L1: Y como muchos, principalmente bibliotecarios salieron de España.
L2: Sí, sí. ¡Ah!, bueno en España se crea… En España, durante la Segunda República hay un movimiento muy fuerte bibliotecario pero muy fuerte, muy fuerte e incluso en la Universidad Central, la que es hoy día la Complutense, sólo había doce universidades en España en ese momento, en los años treinta. Hay varias cátedras de Bibliografía, hay varias cátedras de Bibliografía y aunque no existen los estudios oficiales, sí que había catedráticos de Bibliografía en la Facultad de Filología y Filosofía y Letras en la Complutense.
L1: Estaban ubicados en Filosofía o Filología.
L2: Sí. Antes yo creo que se llamaba Filosofía y Letras y entraban todas; filosofía… Y entonces ahí, hay bastantes autores y conocidos, la mayoría se van fuera al exilio y luego son conocidos en México que montan el Instituto de Investigación Bibliotecológicas de la UNAM, o sea, pero la mayoría salen fuera y luego hay alguno pues que se va a Argentina, también a Venezuela; Millares Carlo va a Venezuela. Hay varios que se van a Argentina, o sea se reparten bastante y ahí se truncó bastante. Y luego es ya hasta los años 80, a finales, en el 89 cuando vuelven a surgir los estudios. Pero vamos, es que en España se desmonta la Universidad, se depuró al cien por cien del profesorado después de la guerra.
L1: Sí, hasta el 75 más o menos.
L2: Sí, o sea, se depura al cien por cien del profesorado, o sea, se desmontó entera la Universidad, se desmonta entera, el cien por cien se depuró. Y luego ingresan algunos, pero ya muy pocos.
(...)
L2: Depuraciones, depurar…
L1: Es como en portugués expurgar.
L2: Sí, sí, eso es, eso es. O sea, primero se expurgó al cien por cien y luego ingresaron como profesores algunos, pero ya muy pocos, una minoría muy pequeña.
L1: Entonces, es posible que los profesores de Bibliografía que empezaron la carrera más o menos allí, en los años cincuenta.
L2: Nada, salieron todos. Millares Carlo, Millares Carlo, yo creo que ése se fue a Venezuela, no a México; primero Venezuela y luego México, Mantecón también, o sea, hay mucha gente, muy conocida, Bullejos que yo creo que se va Argentina, o sea, hay muchísimos bibliotecarios que se van todos. Y luego ya se queda en los

años, a finales de los 80, 90 que es cuando se crea la de esta Universidad y la mayoría: la de León, Salamanca, casi todas son un año antes o un año después.
L1: Sí, las oposiciones para la carrera de docente en Documentación fueron que efectivamente impactaron en la promoción docente del campo.
L2: Claro, claro, porque creas la plaza, la dotas económicamente y claro es una persona trabajando. Yo entré con una beca, de las primeras becas que hay en la Universidad, con la Democracia crean becas que te evalúan por el currículum académico que es la misma beca que tiene Daniel Martínez, que son becas muy buenas porque te permiten irte fuera, hacer estancias fuera, están muy bien económicamente y son becas que la gente que las ha tenido tiene buena formación porque está sólo cuatro años dedicado a la investigación y encima te exigen productividad, con lo cual, es buena formación porque no te dedicas a otra cosa.
L1: Sí, en los últimos años están bajando las becas.
L2: Claro. Se está disminuyendo muchísimo el producto interior bruto y de cara a la investigación está cayendo en picado. De hecho, está pasando lo que le ha ocurrido a Daniel, aquí ha pasado con todo el Departamento, la gente se está yendo fuera, la gente joven. O sea, nosotros somos funcionarios, yo soy funcionaria y soy funcionaria joven, o sea, la carrera profesional de docente es muy larga y son pequeños escalones. Entonces, la gente, con el nivel de formación, como por ejemplo Dani, cuando más se publica me parece que es de los treinta y cinco a los cuarenta y cinco años, que ya eres doctor, tienes mucha formación y empiezas a ser productivo. Entonces, ese perfil, que en vez de contratarles la Universidad y empezar a tener contratos fijos, es gente que se está yendo fuera, entonces es que no se está produciendo una renovación. Es muy peligroso lo que está pasando, pueden desmontar la Universidad porque no se produce la renovación. O sea, gente como Dani tendría que estar incorporándose, o sea, mi etapa ahora mismo es más de formar gente y gente con la edad de él, es la que tendría que entrar a renovar, a ocupar puestos, que es cuando está más productivo y se le nota a él ¿no? que es cuando…
(...)
L2: Claro, eso es lo que te produce la renovación de lo que incorpora y la gente que aporta más y que cuesta mucho formarse y formarlos. Daniel todo lo que sabe hacer, vamos, digo Daniel como cualquiera como él, pero que ha costado, le ha costado mucho dinero al Estado. Daniel ha estado muchos años subvencionado por el estado, sin trabajar, o sea, muchos años ha estado cobrando del Estado y cobrando mucho dinero además. Entonces, estás muchos años, mucho esfuerzo, formándole porque él ahora sabe ir a Congresos, sabe publicar artículos, sabe hacer muchísimas cosas, pero eso ha costado mucho esfuerzo formarle y cuando esa renovación se va a producir, se va.
L1: Pero ellos están saliendo ¿para dónde, Alemania, Francia?
L2: Para todos los sitios, sí. Pero es una catástrofe para España, o sea, si no se produce esa renovación, ese cambio, esto se envejece y esta es una Universidad joven, pero la Complutense es lo mismo que ésta, pero la media tienen diez años más o quince los profesores, con lo cual, es tremendo. Es muy peligroso lo que está pasando, sí.
L1: ¡Ah!, sí, los conceptos lingüísticos semióticos que cree que son fundamentales para la documentación, ¿qué le parece?
L2: A mí uno de los que me parece de los más importantes es la organización del conocimiento y la epistemología. En España se trabaja muy poco la epistemología, pero muy poco, exceptuando a García Gutiérrez, aquí se trabaja poco. Casi todas nuestras fuentes vienen de fuera.
(...)
L2: No, quitando García Gutiérrez, no hay mucha gente trabajando en epistemología, muy poca. Casi todas las fuentes nuestras… en América Latina en cambio, en todas las Facultades que hay Documentación, la gente está trabajando en epistemología.
(...)
L1: Entonces, hay una referencia de los años 80 y principios de los años 90 con prácticamente una Escuela Española de Documentación.
L2: Claro, porque se crean las carreras en muchas universidades, me parece que en dieciocho universidades, entonces claro, es mucha gente la que empieza a trabajar ahí.
(...)
L2: Sí, sí. Muchísima publicación, claro, porque es una masa que antes no estaba y de repente se incorpora a la Universidad hacia la investigación.
L1: Esto dura ¿hasta cuándo?, ¿hasta los años 2000?
L2: No, todavía continúa lo que pasa que ahora va a caer en picado eso, porque la gente, el modelo como Dani que no es sólo Dani, hay miles que tendrían que incorporarse a publicar se están yendo fuera.
(...)
L2: Sí, esta Universidad ahora estamos más flojos, pero esta Universidad ha sido un referente y durante mucho tiempo éramos la Universidad de referencia en España. Esperemos volver a retomarlo.
(...)
L1: ¡Ah, sí! En su opinión, ¿cómo está el nivel de contacto interdisciplinario entre las teorías lingüísticas y las teorías de la documentación actualmente?
L2: O sea, en el ámbito de la lingüística ¿nos dices?
L1: Sí. ¿Cómo ve el nivel interdisciplinario entre lingüística y documentación?, aunque no esté estudiando la temática de manera efectiva…
L2: A ver, nosotros estamos muy relacionados con muchas áreas, pero muchísimas. O sea, por ejemplo, en Valencia, nuestros estudios están dentro de la Facultad de Medicina. Hubo un Departamento que era de Historia de la Medicina, que empezó haciéndose Historia de la Ciencia y ahora es Historia de la Ciencia y de la Documentación. Y la mayoría de los profesores son licenciados en Medicina, aunque dan el grado en Bibliotecología o Biblioteconomía e Investigación y Documentación. O sea, es que dependiendo de sitios, es bastante distinto. En Cataluña, por ejemplo… Eso es en Valencia, está dentro de Medicina. En Cataluña, como la

Escuela tiene cien años la Escuela de Biblioteconomía, pues casi todos son de los estudios de Biblioteconomía.
L1: Sí. Entonces, Cataluña está, es una…
L2: Es una excepción. Sí, es una excepción. Y en el resto, como se han creado en los años 80, la mayoría de los profesores venimos de otras áreas. Muchos, casi todos los de clasificación venimos de Filosofía y todos los que dan indización-resumen vienen de filología. Entonces, hay mucha gente de filología, muchísima, pero mucha. Por ejemplo, Blanca Gil, de la Complutense es de Filología, o sea, hay mucha gente que trabaja en lenguajes documentales que viene de Filología.
L1: Es posible concluir que esta formación básica influyó en las discusiones teóricas en la documentación, por ejemplo, la formación básica en filosofía y también…
L2: Sin lugar a duda…
L1: Por otra parte, la formación básica en filología.
L2: Sin lugar a dudas. A mí se me nota que tengo la formación de filosofía, muy teórica, a Horlan que tú conoces…
L1: Sí, sí.
L2: Horlan se le ve que es psicólogo, vamos, que filosofía y psicología son carreras muy afines, casi comparten media carrera, cuando yo estudié…, ahora ya están más separadas, pero la psicología es una ciencia que nace de la filosofía hace muy poquito. Y a Horlan se le nota que tiene esa formación, o sea, yo sí que lo noto. Por ejemplo, aquí, los compañeros que estudian Bibliometría se ve, vienen todos de Ciencias Puras. El que no es economista, ha hecho estadístico, vienen de ahí, o sea, se nos nota en lo que trabajamos y la gente que hay, estudia, por ejemplo, Paleografía, casi todos vienen de Historia. Los de archivística son todos historiadores, o sea, sí que se nota mucho de dónde venimos, pero muchísimo, muchísimo.
L1: Sí, ¿pero sigue siendo así?
L2: No, ya no, como ya tenemos licenciados nuestros, casi todos los que se incorporan ahora son ya licenciados en Bibliotecología o Biblioteconomía o Información o Documentación.
L1: Entonces, hay como dos generaciones.
L2: Sí.
L1: De los profesores que empezaron la carrera a final de los años 80 y ahora más o menos desde los años 2000.
L2: Claro, que ya son todos licenciados.
L1: Sí, sí.
L2: Dani es licenciado nuestro, o sea, la mayoría de la gente ahora son licenciados nuestros. Y me estoy acordando de María José López Huertas, yo creo que también es filóloga de Granada.
(...)
L2: José Mª Izquierdo es filósofo, ves, se nota mucho de dónde vienen. Él es filósofo y era profesor de lógica José Mª y se le nota muchísimo de dónde viene. Es un poco difícil de leer ¿eh? y de entender a José Mª Izquierdo, es complicado.
L1: Sí, un poco complejo.
L2: Sí, muy complejo. A mí, García Gutiérrez me gusta más, aunque también es complejo de leerle porque tienes que tener muchos conceptos previos y tener ciertos conocimientos filosóficos, pero me interesa más la línea que tiene. Pero vamos, son cabezas complicadas ¿eh?
(...)
L1: ¡Ah!, sí, y para elegir a los teóricos, autores del campo de la Documentación española, ¿quién tiene alguna contribución en la semiótica y lingüística?
L2: ¿Quién?
L1: Sí, en su opinión, además de García Gutiérrez.
L2: De semiótica y lingüística.
L1: Sí.
L2: María José López Huertas, tiene enfocado de semiótica y lingüística, porque por ejemplo, García Gutiérrez y los de Zaragoza, yo creo que es más organización del conocimiento, Miguel Ángel Esteban y Javier son más de organización del conocimiento. Pero de lingüística yo creo que María José y Blanca Gil de la Complutense, lo que pasa que Blanca Gil publicó un libro sobre lenguajes documentales, pero yo creo que ahora no es muy activa publicando.
L1: ¿En este tema?
L2: Sí. Y yo creo que ella viene de filología también, de lingüística. Tú tienes formación de lingüista ¿no?
L1: No, no.
(...)
L2: Fundamentalmente en semiótica. Claro, yo creo que la semiótica tiene más intereses, es más profunda, el concepto sólo de la lingüística. Pero mira, fíjate, te voy a decir que en España no hay mucho referente, vamos, en semiótica no hay, del área no hay gente que se haya especializado en semiótica.
L1: ¿Actualmente?
L2: Ni actualmente, ni antes, porque hay gente que ha trabajado haciendo tesauros, pero no desde un punto de vista de la semiótica o historia de los lenguajes documentales, pero lo que es estrictamente semiótica aplicada a la Documentación, yo creo que poco, hay poca investigación desde ese punto de vista. ¿Sabes un poco lo que nos ha ocurrido?, que hemos tenido que ir haciendo casi los manuales y lo más elemental ¿sabes?, porque ha habido que construir todo el campo teórico, entonces hemos tenido que ir... Yo, desde la historia de la CDU hasta la CDU, o sea, cosas como muy elementales y nos ha pasado a todos. Y si ves, por ejemplo, los Congresos de ISCO, que un poco se recoge ahí la línea, al principio empezamos todos, ¿cómo impartir enseñanza de clasificación o de catalogación? O sea, que eran cosas muy elementales y ahora ya van siendo cosas más teóricas. Y ahí, no sé si has entrado en la página Web de ISCO en España, pero tenemos todas las Actas de todos los Congresos.
(...)

L2: Sí, sí. Y tienes todas las Actas ahí y ahí puedes ver todos los temas que se han trabajado. De hecho, yo creo que {Guimarães} quería hacer un estudio de todo lo que se ha publicado en la revista, en el Knowledge Organizacion…
L1: Sí, sí, creo que estaba investigándolo.
L2: Sí, tenía esa idea y aquí tenemos, o sea que si te interesa un poco hacer el mapa del tema, ahí vas a tener todo lo que se ha, porque éramos todos los profesores participábamos ahí en el Congreso de ISKO, entonces ahí sí que vas a tener todos los que participan, ahora te voy a mandar el enlace; todos los que participan y lo que han ido produciendo. Y se ve que se va subiendo el nivel. Yo creo que desde mi punto de vista, hay un nivel mucho más, se ve que la gente está más formada ahora que al principio.
L1: Sí, en términos de discusión teórica.
L2: Sí. O sea, hace veinte, veinticinco años pues éramos muy jovencitos, nos estábamos formando, teníamos que hacer las asignaturas, o sea, hubo que hacer todo y ahora hay un poso más teórico.
(...)
L2: Ahora en España, tenemos total libertad, o sea, lo que es la libertad de cátedra es real, o sea, puedes investigar lo que quieras, o sea, nadie te dice, tienes que investigar… Bueno, pues tu director de tesis, te puede asesorar, pero tú tienes libertad para investigar como quieras, con el punto de vista que quieras. Y eso vamos, está cuidada la libertad de cátedra, lo que ocurre es que ahora la tendencia, hay una presión muy fuerte en la Universidad, los másteres están compitiendo, se compite económicamente entre un máster…
L1: Y entre másteres que no tienen nada que ver.
L2: Y con los que tienen que ver y se empieza a competir en las Universidades, ha empezado a subir el precio de las Universidades, o sea, porque ahora cuestan, antes la Universidad prácticamente era gratuita, en estos últimos cuatro años, la Universidad cuesta, pues un máster te cuesta cuatro mil euros o cinco mil, no es barato.
L1: Para un español, porque un extranjero creo que tiene que abonar…
L2: Mucho más.
L1: Creo que sí.
L2: No sé los precios, pero vamos que ya es bastante dinero. Entonces, esa tendencia, puede llevar a la mercantilización de la Universidad y a que no se interesen por cuestiones teóricas. O sea, la línea que llevamos, la Universidad española lleva una dirección que nos puede llevar a eso, que cuestiones teóricas que no tengan una, que no sean una aplicación práctica inmediata las pueden eliminar, porque hay mucha presión ahora mismo. La convergencia Bolonia significó esa tendencia ¿sabes?, el mundo de la empresa que presiona a la Universidad, la Universidad tiene que ser competitiva, los títulos tienen que ser competitivos, hay que competir entre los demás y hay que sacar títulos que sean rentables económicamente, o sea, ya estamos en esa dinámica. Lo que pasa que en el campo teórico todavía no ha calado, pero vamos, si seguimos en esta línea, va a terminar calando, o sea, vamos a estar al servicio de aplicaciones prácticas más que de cuerpo teórico. Y el cuerpo teórico es mucho más difícil y mucho más complicado que lo práctico.
L1: Sí, se tarda mucho más a publicar algo.
L2: Es más difícil, más complejo. Es una tarea mucho más complicada. Hacer algo práctico es muy fácil, es muchísimo más fácil y podemos estar corriendo el riesgo en España de ir hacia cuestiones más prácticas. Y luego lo que está pasando ahora, que como es tan rápida la automatización de todo, o sea, yo creo que el mundo va más rápido de lo que nosotros reaccionamos ¿no? y se nos está viendo en todo. La gente haciendo teorías sobre los lenguajes documentales, los tesauros y salen las folsonomías ¿no?, o sea, el mundo va más rápido de lo que nosotros proponemos.
(...)
L2: Ya, pero que es importante también…, si tú no conoces lo que es la CDU, no puedes aportar para que se cree una…, o sea, lo que yo creo es que hay que compartir entre ambos grupos de investigación interdisciplinares, porque tú le tendrás que decir cómo se clasifica, porqué es importante el acceso directo, si el acceso directo tiene que estar sistematizado o todo en grupos, o sea, tienes que tener claro determinadas ideas para que eso luego se pueda hacer una aplicación práctica. O sea, de hecho, las clasificaciones sistemáticas tienen mala recuperación porque no hay buenos vínculos entre informáticos y gente que trabaja, especialistas en Información y Documentación.
L1: ¿Esto en general?
L2: Sí, en general.
L1: Entre informática y los especialistas del conocimiento.
L2: Sí, está muy disociado, sí, está muy disociado. Yo creo que en general, unos están en una teoría y otros están en lo otro. A mí me encantaría poder vincular esto ¿no?, poder… para qué sirve esto. Esto tendría grandes utilidades y es un lenguaje jerárquico, sistemático, salta barreras lingüísticas, o sea, tiene muchas ventajas que tenía una aplicación en Internet impresionante. O sea, no se han acabado los lenguajes, lo que pasa es que tienen que tener una aplicación ahí.
L1: ¿Pero hay un interés de ambas partes para mantener una relación, o sea, hacer un cambio de conocimientos?
L2: Es difícil. Yo creo que estamos en un momento, no sé si fuera, pero estamos en un momento de crisis porque va más rápido la aplicación práctica y tecnológica que la cuestión teórica, va muchísimo más rápido. O sea, nos incorporamos mal, nosotros tendríamos que estar proponiendo, pero para eso tendríamos que tener a alguien que le pudiéramos decir: "quiero esta aplicación o quiero esto o esto tendría que tener valor para esto" y eso se hace poco. O sea, no están teniendo, no se hacen aplicaciones informáticas teniendo en cuenta el corpus teórico de nuestro, de nuestras disciplinas, no se hace. Y, vamos, aportaría muchísimo.
L1: Sí, me lo imagino sí.
L2: Por ejemplo, yo lo que conozco, la CDU, fíjate si se pudiera sistematizar, de hecho, hay páginas Web que se sistematizan con la {Digui} ¿no?, te vale para hacer páginas, para organizar la jerarquía, la estructura, para navegar por la jerarquía sistemática. En fin, vale para muchísimas cosas como lenguaje internacional. Yo busco en la Biblioteca Nacional de Tokio sin saber japonés porque busco el cero dos punto cero, el cero dos cinco

punto cuatro y busco clasificación y organización del conocimiento, o sea, que podría tener unas aplicaciones impresionantes; hacerlos navegables los sistemas de clasificación, interoperables también entre ellos, o sea, que yo creo que lo que se tienen es que complementar, no decir que esto es una… Lo que pasa que no se complementan; van por un lado unos, y por otro lado los otros.
L1: Sí, vale.
L2: Y yo creo que la gente que se especializa en nuestra área en informática, es una cosa muy truncal, yo no se lo recomiendo a nadie, claro, porque tú siempre tienes un especialista que sabe más que tú que es el que ha hecho la Ingeniería Informática. Yo me especialicé en esto y tú, es bueno que seas la persona de referencia a una parcela muy pequeña ¿no?, eso que dicen, que el especialista es uno que cada vez sabe más de menos ¿no? En cambio, si tú tienes una Ingeniería detrás, nunca vas a ser una persona de referencia, entonces no es bueno, no es bueno, es como si haces algo jurídico, yo qué sé, derecho de la Información, pues siempre vas a tener juristas que saben más que tú. Y yo creo que el problema es que no estamos sabiendo adaptarnos ahí. Y de hecho, hay muchas áreas que nos están comiendo terreno ¿no?
L1: Sí, además de informática.
L2: Pues estadística con Big Data, gestión de Big Data, o sea, empiezan muchísimas áreas a meterse en nuestros ámbitos. En vez de nosotros expandirnos, hace unos años, nosotros nos expandíamos y ahora nos están quitando terreno. Vamos, yo lo veo así en general, o sea que no hemos sabido ocupar ese espacio.
L1: Antes, íbamos a Medicina, por ejemplo, a trabajar con documentación.
L2: Y éramos muy necesarios. Ahora se están incorporando médicos que se meten en nuestros temas.
L1: Sí.
L2: Y así está pasando yo creo que en todos los ámbitos. Nosotros, hace unos años nos metíamos en…
L1: Creo que en gestión también, porque hay mucha gente de Gestión y Análisis de Sistemas que desarrollan sistemas.
L2: Claro.
L1: Sin la participación de un documentalista o del alguien del área.
L2: Es una disciplina con mucha invisibilidad, tiene mucha invisibilidad y les falta, o sea, porque lo notas que hay muchos ámbitos trabajando que les falta conocer las herramientas y cómo funcionan, pero desde el periodismo, que los servicios de documentación son muy malos y fíjate, podríamos estar aportando muchas cosas, cómo se indizan fotos ¿no? Para un periódico es más fácil y más barato sacar o para un medio de prensa o para la televisión, es más barato sacar de archivo que ponerte a filmar y a grabar. El archivo es muy interesante, pero como no lo tienen, no tienen buenos especialistas en Información y Documentación, no pueden hacer el archivo que es lo que pasa, por ejemplo, en televisión y en prensa escrita y en audio, en radio, que si estuviera bien indizado, es baratísimo recuperar todo eso y además muy interesante ¿no?, que en la televisión te estén dando una noticia y te pongan la imagen antigua. No sé en Brasil, pero aquí, se utiliza muy poco archivo porque no está bien trabajado. O sea, yo creo que tenemos una carrera muy invisibilizada y que además que tiene gran futuro ¿no?, dicen que en cada etapa de la historia, ha habido una disciplina que ha marcado un siglo o un periodo y yo creo que el siglo XXI, es el siglo de las Ciencias de la Información, de la Información digital, pero no estamos sabiendo posicionarnos o nos están comiendo el terreno, no se sabe qué nos pasa, algo nos pasa.
(...)
L2: En general. Nosotros, en la investigación en España, los últimos veinticinco años está totalmente mediada por la creación de los Estudios de Biblioteconomía y Documentación. Se crean Diplomaturas de Biblioteconomía y licenciaturas de Documentación, que eran de postgrado y eran carreras de cinco años y ahora por los estudios de Información y Documentación y eso es lo que ha incidido en la investigación. La mayoría de los profesores ha publicado sobre su área, sobre su asignatura, sobre las materias que tenía que impartir, la mayoría de los profesores. O sea, que estamos muy mediados por lo que es los Planes de Estudio, las disciplinas, lo que es el marco universitario nos ha marcado el camino prácticamente a todos; a la gente pero de cualquier disciplina ¿eh? O sea, la gente se ha… Todos los de Zaragoza, Valencia, Salamanca, Granada, la gente se puso a trabajar…, o Cataluña. La gente se puso a trabajar en su ámbito de investigación, en su asignatura o en su materia. Y la mayoría eran sus libros para dar las clases. O sea, es así un poco el ámbito nuestro, como hemos…
L1: ¿Y el nivel de publicación de materiales en los últimos años?, por ejemplo, de manuales que estábamos diciendo.
L2: Al principio, había muchísimos manuales, ahora como hay mucha presión en la Universidad para que publiques con factor de impacto artículos. La gente ha empezado a publicar artículos, pero hasta hace muy poco, la gente publicaba libros. A mí, por ejemplo, esto, es que lo estoy dejando desactualizar porque esto no me cuenta y fíjate que trabajo es esto. Esto no me cuenta.
L1: Imagino, el trabajo…
L2: No cuenta nada, no me cuenta nada. Cuando me presenté a la evaluación, un cero, no cuenta nada.
(...)
L1: Entonces, por eso no lo actualizo. La CDU en España está sin actualizar por el trabajo que es y no te puntúa, o sea, estamos muy mediados ahora porque hay que artículos con factor de impacto y yo, por ejemplo, he dejado de trabajar, al último Congreso de la CDU ya no he ido, es que es una pérdida de tiempo, un esfuerzo tan grande, tan grande, publicarlo en la revista. Es que además, como no tiene factor de impacto que es sólo para especialistas de la CDU que somos, yo qué sé, doscientos o cien en el mundo, pues eso no puntúa nada y eso es un esfuerzo…, que yo al último Congreso ni he ido.
(...)
L2: Sí. Bueno y ésta es la CDU pequeña, la CDU grande es así y tres tomos, o sea, que nos está cambiando, o sea, esa presión nos está cambiando. Y eso también es peligroso porque son los actores de impacto e indización son empresas privadas. Yo trabajo con fondos públicos, subvención pública, publico para una empresa privada que luego lo que yo publico, que se lo doy gratis, lo publica, saca dinero, le gana

productividad y mi Institución o mi Biblioteca tiene que pagar por acceder a eso ¿no? Eso es un poco el sistema que es un poco perverso. Es muy perverso este sistema, pero vamos, supongo que en Brasil estaréis también con lo mismo.
(...)
L2: Y se han caído muchísimas publicaciones, muchísimos libros, muchísimas revistas que tenían mucho interés.
(...)
L2: Yo, a Dani se lo dije pero muy claro, que la publicara en… Porque yo he hecho mucho esfuerzo en cosas que luego no tienen, que sí, que a mí en España me conoce todo el mundo por la CDU, pero que luego para evaluarme pues no…
L1: No se cuenta.
L2: No, eso no cuenta nada y eso es un esfuerzo sobrehumano, vamos, eso son, para sacar esto tienes que estar…
L1: Dos años de trabajo más o menos.
L2: Pero sacando horas diarias, o sea, eso significa que tienes que estar sacándole cinco seis horas diarias, o sea porque si no no llegas, o sea, con un esfuerzo muy grande. O sea, que vas con la CDU a todos los sitios, o sea, te tienes que poner con la CDU todos los días, o sea, no es un trabajo… Exige muchas horas, entonces no merece la pena.
L1: Sí.
L2: Y así estamos.
(...)

ENTREVISTADO 3

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L1: La primera pregunta es respecto a sus temáticas. Háble me, por favor, de sus trabajos de investigación subrayando los trabajos relativos al lenguaje en la Documentación.
L2: Pues yo creo que destacaría cinco trabajos en los que he estudiado el uso de los lenguajes controlados en sistemas de información y, en concreto, me he fijado en los sistemas de información jurídica como te decía, porque habían sido poco estudiados y me interesaba saber cómo se trataba un lenguaje en algunos puntos muy especializado, pero en otros muy genérico porque un sistema de información jurídica ha de servir para juristas, pero en muchos casos también para ciudadanos. Y lo he tratado en varios trabajos, llegando a conclusiones dispares, a que no se ha profundizado demasiado en el desarrollo de lenguajes controlados puramente jurídicos y en muchos sistemas nos hemos quedado solo en listas de palabras controladas, no realmente en tesauros más profundos. Y, siguiendo con esa línea de trabajo, contacté con un grupo de investigación de la Universidad de Valladolid, desde el ámbito de la informática y desde el ámbito jurídico y hemos trabajado en la representación de lenguajes controlados en SKOS -Simple Knowledge Organization Systems-, es decir, cómo trasladar estos lenguajes controlados tradicionales en nuestro ámbito a la web semántica, cómo reutilizar estos lenguajes, cómo ponerlos en la web, cómo mejorar la recuperación semántica. Y sobre este punto hemos publicado un par de trabajos, primero sobre la representación del tesauro Eurovoc, que es el tesauro que se utiliza en la Unión Europea para la base de datos EUR-lex y que utilizan muchos parlamentos españolas también para sus propias bases de datos legislativas, cómo trasladarlo al formato SKOS. Y de ahí hemos derivado a un par de trabajos que se han publicado este mismo año sobre cómo han evolucionado las herramientas tecnológicas para construir tesauros y se han adaptado a la presentación de los lenguajes en SKOS, en un lenguaje que nos permite la recuperación semántica. Y estas serían las líneas en las que hemos trabajado, más tecnológico tal vez, más dirigido a la recuperación de información que a la idea conceptual de lenguajes que imagino que es más la idea que tú traes de línea de investigación. Mi preocupación es qué puedo aportar yo ahí.
L1: Pero otra línea es la Semiótica Computacional que no es {posible estudiar} en Brasil tampoco y {necesito} información y documentación y es algo que creo que en el futuro pensaré en algo. Pero ha aportado lo importante respecto a la importancia de los estudios del lenguaje en sus investigaciones. Una segunda pregunta respecto a la importancia de los estudios y teorías lingüísticas y no lingüísticas en sus investigaciones.
L2: Como te comentaba, digamos que la orientación de los trabajos a los que me he referido sobre el uso de vocabularios controlados, sean tesauros o sean solo listas autorizadas de términos, se ha dirigido más a la parte práctica, a cómo se incorporan esas herramientas en sistemas concretos de recuperación de información que, digamos, al interesantísimo debate conceptual sobre las relaciones con la Lingüística, con la Semiótica en general. En cualquier caso, mi primera formación universitaria fue precisamente en Filología y en Lingüística entonces me imagino que algo de eso haya quedado en el interés por estas cuestiones, pero realmente digamos que no he trabajado ni he profundizado en la línea conceptual a la que imagino que te refieres.
L1: Ahora, voy a preguntarle en general para evaluar sus conocimientos o para ver cómo un experto en Documentación ve un área que no es parte de sus investigaciones recientes, pero que está cerca.
L2: Interrelacionado, vamos a decir que sin la relación con el lenguaje no podemos hablar de vocabularios controlados, sin entender eso o sin entender tampoco cómo interactúa luego el usuario con esos lenguajes controlados que les presentamos en los sistemas de recuperación, que es una parte también yo creo que muy importante la usabilidad de estas herramientas de lenguaje controlado incorporadas a sistemas para el usuario final, no solo para el especialista que crea ese vocabulario y que le sirve para indizar, sino para el usuario final que quiere recuperar información utilizando ese vocabulario general.
L1: ¿Qué comprende por semiótica y cuál cree que es el objeto del estudio semiótico?
L2: Pues la vedad es que no sé si sé contestar de una forma realmente apropiada a esa pregunta. Entiendo que el objeto de estudio de la Semiótica son los signos, es la representación de los signos. En nuestro caso, en lo que tiene que ver con la Documentación nos hemos dedicado a la Semiótica en el sentido de cómo representamos la información de una determinada forma. No sé si es lo más correcto entenderlo de este modo.
L1: No, lo más correcto es comprender cómo entiende el área, es eso.
L2: Cómo se representa la información, cómo utilizamos el lenguaje para representar la información de un modo controlado.
L1: En su evaluación, ¿cómo surgieron en España las teorías semióticas en la literatura científica y en las teorías de la documentación?
L2: Me temo, Carlos, que no sé responder, no he trabajado en este sentido para poder responder.
L1: Bien, seguimos. ¿Cuándo y cuál fue el contexto científico en que surgieron esas teorías? ¿Tampoco?
L2: Pues no me atrevo tampoco.
L1: Bien. Ahora una parte respecto a los conceptos semióticos. ¿Qué conceptos de origen semiótico cree usted que son los fundamentales en la Documentación?

L2: Pues más que de los conceptos, hablaría más de los resultados porque no me he acercado en mis trabajos a esa parte concreta, pero sí diría que no se puede entender el desarrollo de la documentación sin todo lo que tiene que ver con lenguajes documentales, con clasificaciones y todo eso significa tratamiento del lenguaje, el pasar del lenguaje natural a unos vocabularios controlados sin los que no se puede recuperar ni organizar la información, en mi opinión, aunque la tecnología nos ayude mucho a hacerlo de un modo automático o semiautomático, de momento, yo creo que el trabajo humano, el trabajo intelectual sigue siendo imprescindible en el control del vocabulario.
L1: Ahora la otra parte respecto a las aplicaciones. ¿En qué ramas de la disciplina de la Documentación podríamos aplicar conceptos semióticos?
L2: En Organización del Conocimiento y en Recuperación de Información. Al menos dentro del área en la que he trabajado serían los dos aspectos fundamentales.
L1: Por favor, descríbame el nivel de contacto interdisciplinario entre las teorías Semiótica y las de la Documentación.
L1: Fíjate, no me lo había planteado hasta hoy que has llegado, o sea que te contesto de forma honesta. Pienso que tiene muchísima relación con los compañeros de los que hablábamos en el café, con lo que tiene que ver con Filosofía del Lenguaje, por ejemplo, y la lógica aplicada al Lenguaje. Y yo cursé alguna asignatura en concreto sobre Filosofía del Lenguaje en mi primera titulación y creo que tiene mucho que ver con la Lingüística Computacional o que tenemos que pensar que guarda mucha relación con los desarrollos de Lingüística Computacional. No sé si en España estamos trabajando de forma interdisciplinar en ese sentido, la verdad es que desconozco si hay algún equipo de trabajo en el que participen lingüistas e investigadores del ámbito de la Documentación, o sea que cuando acabes con tu investigación, estaremos encantados de saber si has encontrado estas interrelaciones. Ojalá.
L1: Respecto de los expertos, como conoce la comunidad de científicos en España, en su opinión, ¿cuáles son los principales expertos de la disciplina Semiótica, sean las líneas peirceanas o no peirceanas?
L2: Pues no sé contestarte tampoco a esta pregunta.
L1: Tiene relación con la tercera que habló muy bien. Creo que tiene relación con la tercera.
L2: No sé qué autores en España se han dedicado específicamente. Yo me atrevería más a hablar de investigaciones en España sobre Organización del Conocimiento y sobre Lenguajes. Hablaría de García Marco, del profesor Moreiro de la Universidad Carlos III, de María José López Huertas de la Universidad de Granada. No me atrevo a afirmar que realmente esté interrelacionado con la Semiótica, pero yo ahora mismo en España hablaría de estos tres profesores dentro del ámbito de estudio de los lenguajes documentales. No sé si se me queda alguien, seguramente. Tendría que haberlo reflexionado un poco antes. Podemos completarlo luego, incluso se me está ocurriendo ahora que debería revisar alguno de mis trabajos para saber a quién he citado yo misma.
L1: Creo que ha contestado también la última pregunta aquí, porque era para indicar los autores teóricos de la Documentación española con más contribuciones en la línea Semiótica.
L2: Para contestar de una forma más serena, debería repasar los propios autores a los que yo he podido citar en mis trabajos porque estos últimos a los que me he dedicado, que son más de usos de lenguajes controlados y cómo trasladarlos a la web semántica, no incluyen esta perspectiva y a lo mejor me he quedado muy corta con los investigadores que te he citado para la pregunta anterior porque estoy recordando a Rosa San Segundo de la Universidad Carlos III que puede que también haya trabajado en esta línea y ya, respecto a lo de distinguir la influencia o la línea de Peirce o no tampoco he leído nada al respecto en castellano o no lo tengo ahora mismo en mente para poder contestarte, Carlos, me va a perdonar.
L1: Bien. Podemos finalizar. Gracias por tus respuestas.
L2: Muchas gracias a ti por haber venido a León, aunque digamos que mi línea de trabajo sea un poco colateral a la temática que tú vienes estudiando.
Autores españoles citados en mis trabajos (relacionados con "lenguajes documentales": García Jiménez, A., García Marco, F. J. , García Torres, A., Gil Leiva, I. , Gil Urdiciain, B., Gómez-Pérez, A. , López Alonso, M. A. , López-Huertas Pérez, M. J., Maciá, M. ,Martín Galán, B. , Méndez, E. , Moreiro González, J. A. , Pastor Sánchez, J.A. , Polo Paredes, L., Sánchez-Jiménez, R.

ENTREVISTADO 4

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L1: Hable respecto a sus trabajos de investigación subrayando los trabajos relativos al Lenguaje en la Documentación.
L2: Bueno, relativos al Lenguaje en la Documentación mis trabajos se han encaminado en dos líneas, una relacionada con la representación de las imágenes, los documentos visuales y audiovisuales, sobre todo, y otra relativa a la representación de la mujer y de los aspectos relativos relacionados con la mujer y con lo femenino también en los lenguajes documentales. Básicamente, son las dos líneas que he trabajado. Y en la elaboración de tesauros, mira, hay una tercera línea referente a la elaboración de tesauros, no serían dos, serían tres. En esta última no he vuelto a trabajar desde hace diez años, desde 2004, por eso ahora mismo ya no lo tenía presente. Esas tres líneas.
L1: ¿Cuál es la importancia de sus teorías lingüísticas o no lingüísticas en sus investigaciones?
L2: La verdad es que nunca he profundizado mucho en las teorías lingüísticas, más bien en los aspectos un poco en la periferia de las teorías lingüísticas porque los lenguajes documentales están un poco en la periferia. Evidentemente, tienen una base lingüística, pero bueno, he profundizado más en lo que es la aplicación, su utilidad o sus funciones en los servicios documentales que en sus fundamentos lingüísticos, incluso más en los aspectos documentales que en los lingüísticos.
(...)
L2: Sí, a mí eso me interesa, la verdad es que me interesa cómo el lenguaje condiciona el pensamiento, sí. Yo creo que lo condiciona mucho.
L1: Yo sí, creo que es algo que tiene que ver con Semiótica.
L2: Sí, sí.
L1: La tercera pregunta. ¿Qué comprende por Semiótica y su objeto de estudio? Estaba empezando a hablar de eso.
L2: Por Semiótica entiendo que es la ciencia de los signos, es decir, sería la ciencia de representar mediante el lenguaje conceptos o realidades. Eso es lo que yo entiendo, no sé si es acertado o no porque realmente yo no he leído nunca a Peirce ni conozco a los grandes teóricos de la Semiótica.
L1: Pero lo importante son los temas del lenguaje, no necesariamente lo que conoce. Creo que esto es lo importante. A continuación, ¿cómo surgieron las teorías semióticas en la literatura científica y en las teorías de Documentación en España?
L2: ¿Cómo surgieron? Yo creo que los orígenes en España podemos retrotraerlos seguramente a los años 80 y a las primeras obras de Lingüística Documental, los autores que primero trabajaron aquí fueron yo creo que Antonio García Gutiérrez y José María Izquierdo.
L1: Interesante, importante. ¿Y cuál fue el contexto científico en el que surgieron estas teorías?
L2: ¿El contexto en que surgieron teorías sobre los lenguajes documentales en España?
L1: Las teorías semióticas aplicadas a los lenguajes documentales que estaba diciendo, por ejemplo, Izquierdo, Arroyo y de García Gutiérrez. ¿Cómo evalúa el contexto de los años 80 para estos temas?
L2: Porque yo creo que surgieron de la mano de la Documentación en un momento de expansión de las teorías documentales en España, que yo creo que fue la década de los 80 cuando empezó a surgir enseñanza formalizada sobre Documentación, las primeras diplomaturas en Biblioteconomía y Documentación y yo creo que en ese contexto los científicos se especializaron en esa línea. En el caso de Antonio García Gutiérrez, no, porque nunca ha sido profesor en nuestro ámbito, él ha continuado siendo profesor del ámbito de la Comunicación y del Periodismo, primero en la Complutense y después en la Universidad de Sevilla. No sé si ya le has conocido o no.
(...)
L2: Yo creo que fueron los que primero trabajaron con seriedad en este ámbito. Después yo creo que también ya José Antonio Moreiro, quizás a continuación.
L1: ¿Qué conceptos de origen semiótico cree usted que son los más fundamentales en la Documentación?
L2: En la Documentación es fundamental para la recuperación de la información o para facilitar que el usuario encuentre lo que necesita, que los bibliotecarios o los documentalistas hayan representado la información contenida en los documentos de alguna manera. Yo creo que el concepto de representación es un concepto de la Semiótica, representar con unos signos un contenido.
L1: ¿En Qué ramas de la disciplina de la Documentación podríamos aplicar los conceptos semióticos?
L2: Pues yo creo que fundamentalmente en el Análisis de Contenido, en la Lingüística Documental en todo lo relacionado con los Lenguajes Documentales y en la Recuperación de Información.
L1: ¿Con estas aportaciones es posible evaluar el nivel de contacto interdisciplinario entre las teorías semióticas en la Documentación? ¿Qué nivel de contacto hay entre en estas disciplinas?
L2: Yo creo que vivimos de espaldas unos a otros, esa es mi sensación. Fíjate que aquí nosotros convivimos, igual que en Zaragoza, en una facultad de letras y que hay filólogos y lingüistas y nunca o prácticamente nunca hemos trabajado en conjunto.

L1: Ese es un detalle muy importante.
L2: Es muy importante y sería interesante, seguramente, trabajar con los lingüistas.
(...)
L2: Sí, yo creo que sí. Ellos piensan que lo suyo tiene una categoría superior, que esto nuestro es algo aplicado que se resuelve muy fácilmente y no…
(...)
L2: No, no aportan, no.
L1: La penúltima pregunta. En su opinión, ¿cuáles son los principales expertos de la disciplina Semiótica, en general? Estaba hablando de algo, pero se refiere a la última. Pero, en general, ¿cuáles son los principales expertos?
L2: ¿De Semiótica en general? No sé, no tengo ni idea.
L1: Sí, me había dicho autores.
L2: Ya, pero porque te lo he visto aquí, en esto que me has escrito tú. He visto que aquí en un punto hablabas de algo relacionado, sí, líneas peirceanas y de ahí deduje que sí, que hay un semiótico, pero solo sé el nombre, no conozco realmente las teorías ni he leído nada de Semiótica. Entonces, no me atrevo a opinar, sinceramente.
L1: Ahora sí está diciendo algo respecto a la última. ¿Podría indicar los autores o teóricos de la Documentación española con más contribuciones en la línea semiótica?
L2: No lo sé, en cantidad de contribuciones no sé quiénes serán las personas que más han contribuido, seguramente una sea Antonio García Gutiérrez, con toda seguridad. Otros pues José María Izquierdo, José Antonio Moreiro, Rosa San Segundo, Javier García Marco. No sé, no sabría decirte en este momento, tendría que hacer un repaso por todas las universidades. A lo mejor Blanca Gil, Isidoro Gil. En Barcelona, Jesús Gascón, quizás. En cantidad, no podría dar más datos. A lo mejor, en media docena pondríamos… María Pinto también, fíjate, me olvidaba, aunque yo creo que en los últimos trabajos ha cambiado de línea, pero también en los primeros años trabajó mucho. Bueno, pues a lo mejor en cantidad Antonio García Gutiérrez, María Pinto quizás entraría también por cantidad, José Antonio Moreiro, José María Izquierdo, a lo mejor Javier García Marco también entraría y Rosa San Segundo quizás. Si tuviera que decir seis personas, [serían ellos].
(…)

ENTREVISTADO 5

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L1: Bom, vamos começar. São dez perguntas, estruturadas, elas tratam da temática sobre a semiótica na Espanha. A primeira delas procura indagar sobre os seus trabalhos sobre linguagem. Destacaria algum trabalho que vem desenvolvendo e que desenvolveu no passado sobre linguagem, de estudos de linguagem na documentação?
L2: Na documentação. Sim, talvez a obra principal seria uma feita sobre... o resumo, que no ano 91, a partir das teorias estruturalistas. Mas é uma obra, é difícil viu, não vende muito, quero dizer é difícil de compreender, é pouco aplicada. Só a parte final que tem uma aplicação certa, mas o que eu tentava era explicar o procedimento que depois acabou, eu não esperava que acabasse lá, eu não tinha nem ideia, nas ontologias. Mas era como se fazem os textos, é como os textos tem que ser desfeitos, para chegar a sua representação na nossa área. Eu compreendi que era uma obra... eu acho que eu fui além do necessário na parte de epistemológica. Eu acho, com os anos {a gente volta a ver, mas criticar o que tem feito}. E depois tenho trabalhado muito com a gente de computação. Essa gente de computação vai pelos caminhos de fazer esquemas lógicos, esquemas conceituais para vocabulários semânticos. Então, agora mesmo estou tentando fazer uma aplicação taxonômica e tenho feito a taxonomia, precisamente do vocabulário desse serviço, vocabulário dos assuntos que cada ano são atendidos nesse lugar onde chamamos "*oficina*" em espanhol, "*Oficina del Defensor Universitario*", é toda a vida universitária, tenho já feita a parte de vocabulário, mas não tenho feita a parte {enlace 0:02:53.5} vocabulário. Ou seja, esquemas, precisamente, a transformação da taxonomia em uma ontologia. Mesmo que seja uma ontologia ainda em partes associadas em atributos em... mas o que a gente tenta é que quando chega uma novo assunto em espanhol é "*queja*" {0:03:16.2}, dos alunos ou dos professores ou do pessoal da universidade, tem antecedentes, ver como tinha sido estudado enlaçar com as normativas nacionais e universitárias sobre o assunto da "queja" {0:03:31.2} e tentar adiantar trabalho e ao mesmo tempo ir fazendo a memória anual e funcionar como todo centro tenha um vocabulário documentário para recuperação e até para que tenha vantagens os usuários. Sabendo que já o caso seu tem sido estudado e analisado, um caso similar ao seu, e que tem antecedentes. Não sei se o português está indo, mas tudo bem. Eu acho que dá.
L1: Está indo bem.
L2: Às vezes com mais necessidade de domínio dos *estándares* (padrões) da área para fazer todos os dias, e sobretudo, dos *estándares* que estão sendo aplicados por instituições, empresas, que tem um monte deles, um monte, que a gente já não conhece e que solucionam muitas vezes os problemas de informação que não são de informação.
(...)
L2: Então, essa parte do enlaces esquemáticos com as normativas *estándares*, vamos falar *estándares* porque não são normativas. As grandes empresas, muitas vezes tem *estándares* em Espanha posso falar de algum Ministério, posso falar de alguma grande empresa que tenha *estándares* para fazer taxonomia. *Estándares* seus, *estándares* industriais para organizar não ideias, produtos, não sei, *El Corte Inglés*. Então tem de tudo. Como arrumar o seu conhecimento, bem objetivo. Taxonomia, tem feito um standard para que a loja de Madrid, a loja de Zaragoza, chamem do mesmo jeito as mesmas coisas e...
L1: Sim.
L2: Engraçado isso.
L1: Y para mantener una buena relación con quien hace los suministros de las mercancías…
L2: Sí. Y por la taxonomía saben hasta el número de unidades que tienen de un producto determinado, a no ser que alguien lo haya robado. Lo saben.
L1: O alguien {mete los datos de la…}
L2: Y es más sencillo de lo que parece. Es más sencillo hacer eso que hacer una taxonomía de un área académica o científica. La taxonomía mía es complicadísima porque las clases, ¿de dónde las cuelgas? Aquí toda la vida universitaria genera problemas aquí: docencia, investigación, salarios, contratos, trato personal, todo llega aquí, es la vida entera, todo lo que hay en la universidad. Y hacer eso una clasificación acertada es duro, incluso utilizando facetas, es muy complicado. Mientras que para ellos, como son productos, la clasificación es mucho más sencilla. Y está claro que de la clasificación depende después la mejor distribución. Su finalidad es comercial, de control mercantil, por decirlo así. Y también puede ser de control empresarial porque también refleja lo que la empresa quiere o cómo lo quiere organizar, evidentemente. Pues ahí estamos, en ese cruce. Aunque yo, que eres joven, te diría una cosa: yo me he dedicado mucho a la gestión…
L1: La gestión, la parte administrativa.
L2: De la universidad. Yo he sido casi una década director de la Facultad, que es muy grande. Aquí solo hay tres centros, tres facultades en toda la universidad y yo estuve en una, estuve otros ocho años de director de departamento y ahora estoy con esto y realmente alguien lo tiene que hacer, pero te quita mucha dedicación, mucha fuerza, yo te diría que hasta solidez del trabajo porque haces las cosas deprisa, quitándotelo de los fines de semana. Es terrible.
L1: Sí, la parte administrativa.
L2: Sí, bueno, yo últimamente lo que publico es casi todo aplicado a mí. Tengo un grupo que ahora casi ni veo

desde hace dos años, desde que estoy aquí, en Leganés, que son de Informática. Tres de ellos son doctores en Documentación, aunque sean informáticos, o sea, es gente que provenía de Ciencias o de Ingeniería y luego hicieron el doctorado aquí, pero hay otros que toda su formación es en Ingeniería y funcionan mucho aplicando cosas, contrastando la teoría con la realidad. Incluso cosas que he publicado en Brasil, yo creo que en el año 2012, que no hace tanto, era todo también relacionado con aplicaciones de Taxonomía solo que al mercado de trabajo. Es una idea que quería continuar, pero no sé si tengo fuerza y ganas. Bueno, me he extendido mucho en la primera.
L1: En la segunda, hacer una presentación del papel de las teorías semióticas lingüísticas o no lingüísticas en sus investigaciones.
L2: Hombre, pues yo pienso que el papel es fundamental, es decir, tienes que preguntarte lo que mal llamábamos lenguajes documentales porque no llegaban a ser lenguajes. Vamos a ver, me explico: de alguna manera son lenguajes porque se derivan de aplicaciones lingüísticas, pero no es un lenguaje completo, entonces vocabulario también lo reduce solo a las palabras, a los términos y es demasiado reduccionista porque es un vocabulario, pero tiene algo más que son las relaciones como poco, e incluso cada vez se va más hacia un lenguaje, es curioso. Y sin embargo, el nombre moderno o más nuevo es vocabulario y no el antiguo, lenguaje. Tienes que tener una base porque desde el momento en que empiezas a trabajar con elementos de esos antiguos lenguajes, actuales vocabularios, tienes que saber qué es una sinonimia, qué es una polisemia, que es singular y plural. En el plano docente, tú cuando en clase dices "sintaxis y morfología", los alumnos dicen: "¡Oh!" Claro, pero tienes que tener una base lingüística y, desde luego, una base semiótica porque si vamos hacia ontologías, te vas a mover con conceptos. Luego por tanto semántica o semiótica, pero yo diría más semántica que semiótica, fíjate, pues tienes saber, tienes que tener unos apoyos, unos fundamentos que no tienen por qué ser como un especialista en Lingüística, pero sí que tienen que ser un poco orientadores de todo lo que hagas después. A ver, sabes que nuestra titulación en España tiene apenas 25 años, aunque haya algún centro que tenga más, pero unos veintitantos, entre 25 y 30, como quieras poner, pero así, en general en toda España, unos 25. Los profesores veteranos venimos todos de otras áreas, nos hemos formado fuera de lo que luego se llamó Biblioteconomía y Documentación de la actual Información y Documentación. Entonces yo me formé en los comunes de Filosofía y Letras y luego, curiosamente, hice Historia y Pedagogía.
L1: ¿Pedagogía?
L2: Sí, lo que hoy se llama Ciencias de la Educación. Pero cuando me metí con estas cosas de los vocabularios controlados, sobre todo a finales de los años 80, por cuestiones de investigación y hasta de docencia en la Complutense, pues me tuve que detener a fundamentarme un poco más porque si no corrías el peligro de transmitir concepciones muy superficiales.
L1: Más o menos en los años 80.
L2: Sí, entre el 85 que leí la tesis, que no tuvo nada que ver con esto, sino que tuvo más parecido con la Archivística, fíjate, cosas curiosas, y la Archivística enlazada con la Historia a través de las Técnicas y Ciencias Historiográficas. Bien. Pero me contrataron en la Complutense y allí había un núcleo que yo te diría encabezado por el profesor García Gutiérrez y…
L1: ¿En la Complutense?
L2: Sí, en la Complutense, desde el 85 al 89, que me fui a Murcia, personalmente. Creo que él continuó dos o tres años más porque luego se marchó también a Sevilla, que es donde está, aunque no está en nuestra área, está en Periodismo, pero sigue haciendo las investigaciones.
L1: Sí, sus artículos son utilizados por los investigadores en Brasil. Bueno, ¿qué comprende por Semiótica y su {origen} de estudio?
L2: Yo casi prefiero hablar más de Semántica, pero por el texto, porque claro, si vamos a la imagen, el análisis de imagen, ¿cómo se hace? A través de la teoría de los signos, claro. Entonces bueno, vamos si quieres a coincidir en la palabra Semiótica, yo entiendo pues eso que cómo pasar, en primer lugar tienes que comprender cómo están estructurados determinados mensajes para que sean entendidos por los usuarios, por los destinatarios de esos mensajes. Y aparte, si tú te aproximas con un afán analítico tienes que tener también unos elementos que te capaciten para entender cómo está hecho ese documento y cómo puedes leerlo, verlo, oírlo para captar su significado, de tal manera que luego estés condiciones de "traducirlo", entre comillas, a un vocabulario de representación o sin que pierda lo sustancial, lo importante de su contenido pues a un vocabulario semántico, a un vocabulario controlado, como lo quieras llamar. Pero claro, no puedes entender las cosas si no las traduces, si no las entiendes. No, no es lo que te quería decir. No puedes llegar al contenido si no eres capaz de hacer una lectura de lo que los mensajes contienen, o sea, no puedes llegar a representarlos si no los entiendes y de ahí ten en cuenta que nuestra cultura es más visual ya que textual, entonces ese sería el papel que entiendo que juega la Semiótica en nuestra área, que no es tan radical o tan global para aquellos que se acercan a la elaboración y explicación de los textos desde la propia Semiótica en sí, sino que nosotros lo que vamos a hacer es una Semiótica aplicada a las finalidades de acceso y recuperación de los documentos, de recuperación y acceso, si quieres.
L1: ¿Cómo surgieron estas teorías en España en la documentación en España?
L2: ¿En la documentación? Sí, alrededor de los años 80. Hay varios textos, a ver. Hay uno publicado por el Consejo Superior de Investigaciones Científicas, por el antiguo CINDOC, la lástima es que ahora no me acuerdo del nombre, lo he manejado muchísimo, perdóname, es de principios de los 80 y se refiere precisamente a dar una base lingüística a los lenguajes documentales. ¡Santo cielo, qué cabeza tengo! Y luego, sin duda, el libro de Lingüística Documental, mal llamada así, pero…
L1: ¿Por qué?
L2: Bueno, porque realmente la Documentación no es una lingüística lo que tiene, quizás tiene lenguajes, pero no lingüística, aunque sí tiene base lingüística. Pero el nombre no es lo que importa, lo que importa es lo que aportaba el libro de García Gutiérrez en el ámbito académico porque el CINDOC es más un ámbito aplicado a un instituto de investigación, más ámbito aplicado, pero en el ámbito académico yo creo que fue ese libro de García Gutiérrez. Bueno, aparte de los precedentes lejanísimos que hay sobre vocabularios y lenguajes desde el

propio (Inaudible 0:19:12) y hasta de Eurlex si quieres, pero que lo tocaban casi de paso, o sea, no profundizaban demasiado. No me acuerdo del nombre de ese libro, perdona.
L1: ¿Es un libro o un artículo del CINDOC?
L2: Es un libro de CSIC, del CINDOC, no sé. Si me das un segundo, yo creo que soy capaz de… Me parece que es… Espera. Dame un segundo. Ay, por favor. Nada, que no sale. A ver, espérate un momentito. No lo encuentro. Seguro que cuando deje de hablar contigo, aparece. Sí, lo veré y diré: ¡ay, Dios mío! Es (...). Sí, no, pues tampoco es este. No lo encuentro ni a la de tres. No lo encuentro. Mira, era un profesor alemán que estuvo como profesor investigador visitante, no sé si era [Fonética: Pitcher], es parecido, es que no me acuerdo ahora y estuvo a principios de los 80 en lo que luego fue el CINDOC y el ICYT del CSIC, que es como vuestro IBICT, pero aquí es general, tenía una parte de documentación y ahí lo publicaron. Y yo creo ahí que fue el momento en que se generó, aparte de que había otras contribuciones, pero menores, no básicas. Perdóname. Como tengo tu correo, si viene te lo mando. Por favor.
L1: Sí, por favor.
L2: Incluso haz una cosa, me escribes, con toda confianza y me dices, oye, mándame el libro, anda, deja de dudar.
L1: Está todo bien. De todos los conceptos de origen lingüístico y semiótico, ¿cuáles considera importantes en la Documentación?
L2: De todos los conceptos, ¿cuáles considero importantes? Muchísimos, por ejemplo, mira, todo lo que tenga que ver o nominación o nombramiento de las cosas, o sea dar nombre a las cosas y dar nombre regularizado, estandarizado. Todo lo que sea enlaces verbales entre conceptos para determinar acciones, que va a ser la base precisamente de lo que diferencie a los lenguajes tradicionales, planos, pasivos de los actuales activos, enlazados, valga la redundancia, ontológicos si se quiere, que la diferencia principal es que en los vocabularios anteriores estaban enlazados, pero lo estaban de una manera plana, mediante unos enlaces que tenían que estar intuitivamente en la cabeza del que leía o del que usaba el lenguaje, mientras que ahora las máquinas lo van a precisar todo mediante procedimientos lógicos y lo van a necesitar manifiesto, expresado, explícito y para ello se necesita clarísimamente cómo se enlazan nodos nominales con enlaces verbales que va a ser lo que se llamaba antiguamente en los tesauros relaciones de asociación y que hoy puedes seguir llamándolas así, pero que son totalmente vivas, ilimitadas, cambiantes y que el mejor ejemplo es, precisamente, ese enlace entre dos nodos por verbos, igual que se hace sujeto- predicado- objeto, que además esto se repita después en los modelos de automatización de la expresión, también la terna de unidad es enlace-objeto, estoy hablando de RDF. Después es necesario distinguir también una parte muy importante de campos de especialidad, si quieres de terminología demostrativa o determinante o que refleja un campo de especialidad, sin lo cual todas las aplicaciones van a ser muy difíciles de entender. Se me está escapando algo. Ah, bueno sí, claro, también todas las figuras tradicionales de {meronimia}, de equivalencia, de definición, lo que decía antes, nombrado pues es atributo de lo nombrado, definiciones y que son la base también de las estructuras de las ontologías y que vienen de los llamados anteriormente lenguajes documentales, los tradicionales y que hoy día han cambiado, pero que lo que hacen es extraer una parte del lenguaje normal de las relaciones entre términos que se dan en el lenguaje natural. Tenemos {muchos más}…
L1: Bueno, voy a adelantar y a hacer algunas preguntas. (...) ¿cuáles son los teóricos del campo de la Documentación española con más aportaciones en el campo de la Semiótica?
(...)
L2: Pues yo me voy haciendo así el mapa de España. Yo me atrevo a decirte que García Gutiérrez en Sevilla. En su universidad han continuado un poco, aunque desde otra perspectiva, Blanca Gil. Espera, tengo que ser justo y no olvidar a gente que sé que está investigando. Hubo un profesor en Murcia, Izquierdo, que ya está jubilado, que hablaba más de la Lógica Lingüística, difícil, porque provenía de Filosofía, pero con unos fundamentos sólidos. Ahora Luis Miguel Moreno allí y un poco su hija, que está en Alcalá de Henares, han seguido esa línea, pero la parte más avanzada quizás en relación de esquemas con {esquemes}, el lío este de relacionar vocabulario, si quieres, relacionar metadatos con estructuras lógicas, con estructuras formalizadas, se llama Juan Antonio Pastor, me parece, en Murcia. Y desde luego, en Murcia el que más ha hecho es Isidoro Gil en la perspectiva de la indización y de la lectura de los documentos, yo creo. Después en Barcelona la que más se movía, se murió este año, era Montserrat Sebastiá, yo creo que de Cataluña, del núcleo de Barcelona era la más…
L1: ¿Montserrat?
L2: Sebastiá. Con tilde en la a. Después Javier en Zaragoza, aunque allí también Miguel Ángel ha hecho alguna cosa aplicada a los archivos. No sé si esto es lo que esperas que te diga. En León está también Blanca Rodríguez Bravo. Se me escaparán sitios y me van a matar. Espérate. En mi universidad han trabajado mucho de manera aplicada y siempre hacia los metadatos Eva Méndez y hacia la parte informática o de fusión de procesos informáticos con procesos lógico-lingüísticos Jorge Morato y Sonia Sánchez, aunque Sonia ya no está en la universidad tampoco. Me refiero casi siempre a gente de lo que antiguamente se llamaban lenguajes documentales más que a gente de Clasificación y que a gente de Catalogación en absoluto, a gente de lo que antes se llamaban lenguajes documentales y que hoy pues tiene que ver con esa interpretación siempre representada por términos, por palabras o por conceptos, si se quiere. Sigo con el mapa de España. Esto es muy injusto porque me estoy quedando gente fuera, seguro. Y luego, es muy curioso que en la parte de ontologías los grupos sean casi todos de informática porque van más por la formalización que por la parte teórica conceptual, si quieres. Yo creo que pecamos mucho de teórico-conceptuales. Y siendo un área técnica, como es la nuestra, aplicamos poco. ¿Me entiendes?
L1: Paradoja.
L2: Es una paradoja, pero es verdad. Tú fíjate que normalmente aplicamos poco a solucionar problemas y, sin embargo, los de Informática lo hacen.
L1: Es verdad, sí.
L2: Cuidado, que no quiere decir que esto no haya que hacerlo, pero que es una cuestión bastante general,

empezando por mí mismo, me hago autocrítica, no pienses que me quedo fuera de los que te estoy diciendo, sino que es muy curioso porque la nuestra es un área en la que nosotros enseñamos para aplicar unas técnicas a la información, al control, al acceso, una biblioteca es eminentemente un sitio de trabajo práctico, un archivo también, un sistema de información de una empresa también y, sin embargo, los profesores tendemos más a elaborar artículos y trabajos de índole teórica que práctica. Cuidado, que no te estoy diciendo que no haya que hacer lo teórico, por favor, pero que no pasamos a esa parte donde sí pasan los de Informática, los de Computación. Y eso lo vas a ver ahora en Salamanca con Carlos, él por otro camino que es el de la traducción, pero por otros caminos a lo mejor conocieron lo que era un tesauro y desde allí empezaron a hacer aplicaciones informáticas para sacar ventaja a lo que ya estaba estructurado. Y creo que, además, es de las áreas más complicadas, entiéndeme lo de áreas, de los sectores más complicados de nuestra área de conocimiento en cuanto estar al día por lo mucho que avanza cada año es esto. Tienes que estar encima porque hay constantes cambios hasta en la normativa. Si te das cuenta, la última normativa inglesa apareció en el 2005, en el 2007 ya había otra versión, la del 2011, la internacional de la ISO es de hace tres años escasos y ya se están revisando, o sea, es una cuestión de un cambio continuo y que exige además equipos multidisciplinares y quizás por eso a veces no investiguemos en cuestiones más aplicadas porque se requeriría un grupo de gente con estadísticos, con lingüistas, con gente de aplicación de estándares, con gente de informática, lógicamente, y con especialistas del campo al que lo apliques. Y no sé cuál es la otra.

L1: La otra es sobre la relación interdisciplinaria entre las teorías semióticas de la Documentación.

L2: Eso te lo estaba diciendo ahora mismo. Aquí es dificilísimo hacer equipos individuales, es decir, equipos de una sola persona, no vas a ninguna parte. Sí, haces investigación, pero no vas a aplicarla a una auténtica solución, a una auténtica mejora de los procesos y procedimientos en nuestra área. Entonces, está muy claro que tienes que formar un equipo. Pasa en otros, a ver, los compañeros que investigan en Bibliometría necesitan tener estadísticos y gente de informática con un nivel bastante avanzado en programación, luego necesitan saber de lo que se va a medir y, aparte, científicos de Historia de la Ciencia o de Comunicación de la Ciencia, o sea, se necesitan equipos. En lo nuestro, totalmente. Vamos a ver, mira, yo aquí cuando en esa taxonomía que estoy intentando enlazar, que estoy intentando darle una variante ontológica, cada poco tengo que estar llamando a compañeros de Derecho, a compañeros de Empresa, a compañeros de Sociología porque hay una serie términos que en el nivel más básico de esa taxonomía que es denominar, dar nombre a los elementos de la taxonomía y establecer las equivalencias, necesito que me digan cómo se llaman. Evidentemente, los que estamos en estas oficinas de aquí que trabajamos en el Servicio del Defensor Universitario entendemos de algunas cosas, pero no de toda la vida universitaria, entonces hay veces que tenemos que hacer llamadas fuera para que los especialistas nos, o sea, a partir de ahí todo, o sea, que necesitas por tanto especialistas, necesitas personas que sepan cómo elaborar y enlazar un buen vocabulario y luego necesitas, evidentemente, gente con formación lingüística, yo te diría que muchas veces gente con conocimientos matemáticos aplicados estadísticos a un nivel no muy alto, pero también se necesitan y algo más, bueno, gente de informática, claro. Me han hecho un traslado de datos de unos ficheros que había en Excel y en Word a Alfresco porque vamos a intentar en Alfreco enseñarle a buscar en texto libre, él ya tiene un buscador, pero enseñar a buscar con las necesidades que nosotros tenemos. Y todo esto me lo hace gente de informática, claro, si no... Y yo, encima, no soy nativo digital, que los jóvenes estáis más, pero yo hasta esa época…Yo, cuando estuve en la USP en toda la ECA había tres ordenadores, en toda, y los de Documentación eran {unos modernos} porque tenían uno para todo el pasillo aquel, que ardió después, para todo aquel pasillo había un ordenador. Tú imagínate cómo han cambiado las cosas y hoy necesitas ser un usuario muy avanzado o, desde luego, en algunas cosas necesitas gente que te solucione y que te programe a la carta las cosas. Bueno, no sé si te he hablado mucho, ahora sí que nos tenemos que ir.

ENTREVISTADO 6

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L1: Bueno, hablemos respecto a sus trabajos de iniciación relativos al tema del lenguaje.
L2: ¿A los lenguajes documentales? ¿A los sistemas de representación?
L1: En general, cómo están los estudios de lenguaje en sus investigaciones, no solamente en las que hiciste en Documentación, digo hasta este momento.
L2: ¿Hasta este momento? Bueno, pues yo tengo un concepto extendido de lo que es lenguaje documental y a lo que me dedico ahora es a estructuras textuales dentro de los lenguajes, entiendo estructuras conceptuales, estructuras macrotextuales y, dentro de estas últimas a lo que me dedico actualmente es a los sistemas de resumen documental desde contextos especializados. Actualmente, estamos con patrones de resumen en dominios médicos, patrones de resumen para la nota clínica y también para la historia clínica desde los procesos de Enfermería y los estudios de caso en Medicina.
L1: Muy bien. ¿Qué importancia tienen las teorías semióticas y lingüísticas en tus investigaciones?
L2: Totales, para mí son muy importantes porque pienso en Teoría de la Documentación y, a continuación, en mi cabeza aparece el concepto de semiosis, de Semiótica Documental, o sea, yo lo asocio con la Teoría de la Documentación en general, es verdad. Yo partiría del hecho semiótico para relacionar todo el concepto de proceso de comunicación documental.
L1: Claro, tenemos que marcar el hecho semiótico como una unidad conceptual.
L2: Sí, y además es que cada vez más. Cuando he estado en otros campos, en Comunicación por ejemplo, o en cuestiones de Psicología Educativa, que ahora estamos en Educación, o en cuestiones socioeducativas que también damos, cada vez más, me he dado cuenta de que esa diferencia que pretendíamos marcar antes entre Documentación y Comunicación asociando Comunicación a las Ciencias del Periodismo, que es lo que nos pasa en España, no es tan grande. Yo partiría del concepto de Semiótica y Comunicación, es verdad.
L1: ¿Qué quiere decir con "lo que pasa en España en los últimos años"?
L2: Sí, pues que Comunicación se asocia con la carrera de Periodismo, de Comunicación Audiovisual, parece que es suya. La nuestra es Información y Documentación también. Ahora se habla, como nos han juntado con los estudios de Periodismo con "Información y Comunicación", pero en Lingüística también manejamos ese concepto amplio de Lenguaje y Comunicación. Si tuviera que asociar Comunicación con algo, primero sería con la Lingüística, con la Semiótica, después con Documentación y luego con los modelos comunicativos de las Ciencias del Periodismo. Como nos toca darlo en Periodismo, le estoy dando muchas vueltas últimamente al concepto de Comunicación para diferenciar esta comunicación de la de los filólogos o de los fenómenos de comunicación documental y, en el fondo, comunicaciones solo hay una, es Comunicación. Los modelos sí que son diferentes, dependiendo de las distintas disciplinas que abordan un aspecto concreto de la Comunicación.
L1: ¿Qué entiendes por Semiótica?
L2: Pues es el análisis de los signos en procesos de semiosis social, si fuera Semiótica, y semiosis documental, si hablamos de Semiótica Documental, porque si yo asocio Semiótica con Comunicación, si yo entiendo que hay una comunicación documental y es verdad porque igual que hay un hecho semiótico hay un objeto documental que es lo que nos configura como disciplina diferente, tiene que haber una Semiótica Documental también. [Inaudible 5:39] te había puesto aquí el análisis de los signos, de los símbolos, entendiendo el documento como símbolo, como signo y dentro del documento y del contexto los lenguajes como otro signo, de su naturaleza, de su función y todo en un proceso de semiosis comunicativa, de semiosis documental. Y todo ello desde una triple perspectiva que se parece a la que me habías hablado tú antes, una perspectiva formal, sintáctica, de nexo, de estudio de las relaciones de los signos entre sí, de los símbolos desde propiedades formales para construir los lenguajes, desde una perspectiva más de contenido, más semántica, que ahí me entraría la semántica estructural. Hay aspectos formales también, hemos hablado antes de Greimas que me definiría cuáles son las relaciones específicas entre los códigos, entre los signos y las clases de objetos, la teoría del significado, de la interpretación, del sentido y luego una vertiente que sería más contextual, más pragmática, o sea que yo dentro de la Semiótica veo todo también, no veo aspectos de Semiótica solo con contexto o pragmática, sino también aspectos formalistas, sintácticos y aspectos, es que no sé cómo llamarlos, de semántica, de contenido, pero todo como interrelacionado, por eso yo la veo siempre como la ciencia aglutinadora, la ciencia o la no ciencia, no sé, como el concepto aglutinador.
L1: Que es otro problema que tenemos: cómo definir la epistemología de la Semiótica.
L2: Claro, hay que poner un orden, pero a mí ya me ha dejado de preocupar el definirnos constantemente, el justificarnos: eres de Lingüística Documental, de lenguajes, eres semiótico… Es lo que te decía yo al principio, no sé en qué posición estoy yo, si soy sistémico-funcionalista, si soy pragmatista, si soy semiótica, si soy... ¿Tú qué eres, Carlos?
L1: Bueno, para algunas cosas soy pragmatista, sí, para otras "practicalista". En la vida en general somos muy prácticos, no pragmatistas porque si lo fuéramos, tendríamos problemas con las personas. Pero para conseguir algunas cosas, creo de alguna manera más en la pragmática para conseguir el sentido del lenguaje. Ahora para hablar de situaciones comunicativas somos relativistas, no necesariamente pragmáticos. Ahora para definir un concepto a veces somos muy realistas, muy realistas porque tenemos que extraer lo que permanece del concepto y la idea de concepto supone eso, lo que permanece, entonces no tenemos una línea muy clara

porque depende del hecho semiótico, lo que estábamos diciendo, si el hecho que estamos definiendo sigue una línea relativista, una línea realista, una línea pragmática, pues es así que voy a comportarme.
L2: A mí me hace gracia porque, ahora que estamos hablando del relativismo, mi padre siempre hablaba de dos conceptos que había en la carrera: relativización de contenidos y el perspectivismo, el mismo de Ortega, aplicado al contenido, es verdad, y del relativismo en el contenido a la hora de interpretarlo y de representarlo, siempre. Así que sería interesante volver a ese concepto.
L1: Sí, es una discusión que tenemos que tener en otro momento, ¿cómo nos definimos?, cómo definir una línea, si hay una corriente de pensamiento en un campo como la Documentación.
L2: Porque hay muchas veces que confundimos los nombres, es verdad, que necesitamos de otra persona para que diga no, yo te he leído y estás más en esa otra posición, o que tú crees que eres esto y no lo eres.
L1: Creo que nosotros menos porque está muy claro que una cosa es respecto a las Ciencias del Lenguaje, respecto a las clases de {teoría de la relación}, pero para otro es muy difícil. Por ejemplo, cuando digo que trabajo en algo como una fuerza relacional semiótica, siempre me dicen: "Ah, sí, ¿estudias sobre cómo hacer el tratamiento de las películas, de los audiovisuales?". No, no es eso lo que estudio.
L2: Pero porque ellos tienen ese concepto de símbolo del audiovisual. Para el texto, para el lenguaje verbal es más difícil, no asociamos Semiótica. Con otro tipo de discurso, de texto en sentido amplio, ahí ya sí metemos, en el audiovisual, sonido, audio, traducción, a lo mejor ahí sí entra ese concepto de signo.
L1: Sí, pero yo no sé, no estoy convencido que ellos piensen de esta manera. Por ejemplo, si pienso que hay una hibridación del lenguaje, por eso tenemos que hablar de Semiótica. Pero no sé si este es el argumento, no estoy convencido de que cuando ellos clasifican a la gente que trabaja con la Semiótica es porque estén convencidos de que hay un hibridismo cultural, un hibridismo en términos del lenguaje, no sé, creo que a lo mejor las cosas son más fáciles de etiquetar.
L2: Puede ser, habrá que entrevistar a los de Ciencias de la Información, a los periodistas, a Núñez {Ladevéze}, a esta gente que está en la Complutense. Los conoce Félix. Yo te puedo poner en contacto con ellos para que leas cosas de ellos, que te van a ayudar.
L1: Sí.
L2: Y luego, me interesa mucho el concepto de uso-función.
(...)
L2: Sí, me encanta, es verdad. Y para estudiar al usuario también, me doy cuenta, sí. Y luego siempre es esa vertiente del documento como el soporte, también tiene la forma, la materia, el contenido, el lenguaje como código, luego el emisor, su intención, su manera de expresarlo, el receptor en un contexto determinado,… todo ese proceso de semiosis. Yo cuando analizo un texto, por eso a mí me gusta estudiar lo de las estructuras textuales, veo que el autor siempre está escribiendo pensando en una comunidad, no en un lector concreto, y pienso también en esos posibles usuarios de la comunidad que van a recuperar, dependiendo en qué contexto, ciertas partes de ese texto en un momento concreto porque en otros serán otras, es como las múltiples lecturas de un texto.
L1: ¿Y cuáles son los principales expertos de la Semiótica y Lingüística en tu opinión?
L2: ¿En España, como decías?
L1: No, de Semiótica y Lingüística en general.
L2: Pues para mí son Peirce y Hjelmslev, son esos. En España, muy pocos, no hay. Sí que nos hemos preocupado de posicionarnos, sobre todo a finales de los años 80, cuando coincidió por definirnos como ciencia la Teoría de la Documentación hubo una preocupación por los planes de estudio y por las titularidades de los profesores de la primera parte del programa de definir el estatus de tu disciplina y hubo una preocupación por diferenciar lo que era el análisis documental de contenido del análisis formal, en algunos sitios como en Murcia y en Madrid empezó el concepto de Lingüística Documental y, a través de intentar reafirmarnos en esa cientificidad de la Lingüística o del análisis documental de contenido como algo más allá de una mera técnica, de un mero proceso, la gente empezó a estudiar lo que eran las influencias.
L1: ¿Cuándo fue eso?
L2: Fíjate, yo estoy en una posición que empecé a estudiarlo justo cuando sucedió y vi la evolución. Yo siempre digo que tenemos suerte de vivir en esta época en la que pasan tantas cosas y tan rápido y somos testigos de esa historia, de esa época y de cómo influía la formación de los profesores que venían de Historia, de Filología, de Informática, de Ciencias Empresariales, en la manera en que concebían las disciplinas y determinados modelos para esas disciplinas. Cuando yo empecé a estudiar la Lingüística era muy estructuralista y centrada solo en el código, en el lenguaje, después vinieron los modelos cognitivos, la teoría de comprensión lectora, la Psicología Cognitiva y empezaron a hablar de modelos mentales a la hora de construir tesauros en los procesos de indización eran importantes y luego después en torno a los años 90, yo ya estaba en el doctorado, empezó el concepto de usuario. María José López Huertas fue quien integró también esa importancia cuando vino de EEUU donde hizo una estancia ella posdoctoral, no me acuerdo si había hecho la tesis o no, y empieza cómo integramos esa parte del usuario tan importante que venía con ese concepto de empresa también dentro de los tesauros, dentro de todos sus modelos y todas sus teorías y, a partir de ahí, empiezan las teorías sociocognitivas porque también hay una corriente cultural, una corriente sociológica en España dentro de las ciencias de la Documentación y entonces o eres fisicalista-estructuralista, dato-información, o te centras en modelos mentales, conocimiento, eres más psicocognitivo. También la Psicología del Lenguaje en ese momento de los años 90 en España dentro del lenguaje era una corriente que estaba en boga y, como importamos todo, pues se llevaba, entonces entraron la Cognición, la Teoría de Conceptos, los modelos mentales y luego ya los modelos socioculturales, que también son lo que se llevan en Lingüística y los que justifican un poco esa integración del concepto de usuario, de comunidad de usuarios también, que los modelos tecnológicos, ese concepto de comunidad también estaba entrando en nuestra jerga documental, como yo digo, y es verdad que ya nadie se posiciona solo en el modelo estructuralista.
L1: ¿En España?
L2: En España todos hablan también de los modelos socioculturales, de los modelos pragmáticos. Es curioso ver

esa evolución, en los planes de estudio lo vas a ver muy bien de las diferentes escuelas, en los antiguos y los nuevos, la historia de la disciplina. Va a ser interesante que hagas ese recorrido, ese barrido por los planes de estudio en cuestión de diez años, esas influencias.
L1: Sí, la dificultad es encontrar la documentación, sí, la historia de España.
L2: En internet o en los programas, y si no, en las escuelas.
L1: No, en los planes actuales, no. Lo que es más difícil es encontrar los planes antiguos.
L2: Los planes actuales van a ser muy difíciles porque además nos vienen dados ya con los libros verdes famosos y con las reuniones de la gente de Documentación y luego pues luchas en función de los intereses y de la formación del profesorado. Si te toca estar en Granada, pues hay ciertos intereses equis y va a haber asignaturas que prevalezcan por encima de otras, va a haber muchas de lenguajes, en Granada no precisamente, pero aquí había muchas de aspectos de Lingüística que se quedaban en optativas, dependiendo si eres más bibliómetra, si eres más de recuperación de información, más tecnólogo, más de gestión, eso luego se ve y, por supuesto, la Semiótica se hubiera quedado atrás, superatrás, ni en un máster, pero es por esa concepción mala que tenemos del "palabro", como yo digo, te da miedo, dices, ¡huy!, ¿de qué estás hablando? Eso no vende, eso no es tecnológico, eso es para los filólogos, para los filósofos, ese afán que tenemos también en nuestra área de definirnos como Ciencias Sociales, fuera de las Humanidades, ay, no, no, nosotros somos de Ciencias Sociales.
L1: En Brasil añadimos "aplicadas", Ciencias Sociales aplicadas, lo que es algo que ahora es solamente Ciencias Sociales.
L2: Porque valemos más, por eso somos aplicadas, porque no estamos al nivel del Derecho ni al nivel de la Economía, ya se encargan los economistas y los abogados de decir: ¿eh?
L1: Es curioso.
L2: Tenemos que diferenciarnos, tenemos que tener ese "estatus de".
L1: Vamos a hablar sobre las teorías semióticas y lingüísticas en la Documentación. ¿Cómo surgieron?
L2: Mira, yo es que para mí, aunque suena un poco fuerte, como fue mi padre… Es verdad, pero también porque hubo una serie de confluencias que lo facilitaron. Él es filósofo, él dio crítica literaria también y porque su pensamiento es así, y fue él el primero que empezó a hablar de Semiótica en seminarios, en cursos de máster, preocupándose por esos aspectos lingüísticos y lógicos de la Documentación y aterrizando siempre con esa diferencia clarísima en la cabeza entre Semiótica, Semiótica Documental y los aspectos de la Lógica y de la Semiótica que tienen que pasar por ese tamiz, por ese filtro de la Documentación porque nos hace mirar la Semiótica y la Lógica de una manera diferente.
L1: ¿Y qué te pareció por las lecturas, por las conversaciones este contexto científico de los años 80?
L2: Un caos, era horrible, era como estar estudiando Historia de la Lingüística, es que era igual, pero sin que tuvieras un mapa claro porque te confundían. Yo luego me iba a los libros de Historia de la Lingüística para decir, a ver, ¿dónde estoy?, porque era una cosa de moda, es verdad: gramáticas textuales, análisis del discurso, semántica cognitiva de equis, es verdad, fue un caos, sí. Pero claro, ya, de sistemas de clasificación ¿qué íbamos a decir?, ¿qué íbamos a hablar?, teníamos que decir algo que pareciera que sonaba importante y diferente, es verdad. Yo me acuerdo cuando esos modelos para hacer resumen de base de Semántica Estructural y de base proposicional y yo decía, por Dios, ¿este sistema de reglas formales y de macroestructuras y microestructuras para hacer un resumen? ¿Por qué? Porque en ese momento los psicólogos cognitivistas de la Teoría de la Comprensión Lectora para poder hacer sistemas automáticos se preocupaban de ese tipo de cosas y era lo que se llevaba, y estaba van Dijk y todos nos apuntábamos a la moda, bueno, ellos se apuntaban a la moda de van Dijk . Yo me rebelé y dije que no, que tenía que haber patrones formales de otra manera diferente, y entonces, por ser diferente hay problemas, es verdad, cuando cuestionas cosas muy establecidas hay problemas.
L1: Sí, entonces los años 80 fue un lío en la Documentación.
L2: Sí, fue un lío y en la Lingüística Documental más porque parece que hablamos de Lingüística y de Recuperación como cosas diferentes y siempre yo pienso en la posible recuperación, pero claro, lo tuyo son los lenguajes, lo mío son los sistemas de recuperación y para mí, esa idea de que los sistemas de recuperación son para los informáticos nos ha hecho mucho daño. "Tú eres filóloga". Sí, lo soy, y no sabré hacer un diseño, pero sé decirte lo que quiero y cómo lo quiero y soy capaz de ponerme las pilas para poder entenderme contigo, cosa que tú no haces conmigo y, al final, estás diseñando un sistema ¿para quién?, ¿para qué?, y parece que tenemos que dejar muy claro que esto es de lenguajes documentales y que esto es de sistemas de recuperación de información, que vale más, y, por supuesto, son probabilistas y son de otro tipo. Una pena porque en Ingeniería Lingüística han hecho avances interesantísimos en diccionarios, en recuperación automática del discurso, filólogos que sí se pusieron de acuerdo con informáticos porque les interesaba cooperar a ambos. En el caso de la Documentación, teníamos que posicionarnos: ¿qué es más, la recuperación de información o el análisis? Si tú no puedes recuperar nada que no esté previsto antes, reconocido y representado. A mí me da pena que no hayamos sabido entendernos, mucha pena.
L1: ¿Y sigue siendo así en España, en tu opinión?
L2: Ahora ya no sé, es diferente porque ahora tenemos la pugna con la Ingeniería de Sistemas con otro tipo de…, parece que esta cuestión de los motores de búsqueda y las bases de datos ya no es tan importante. Ahora son otros, las ontologías y todos los informáticos con ellas.
L1: Sí, pero con una aportación muy distinta.
L2: Muy, muy diferente, hasta que alguien venga y ponga orden.
L1: Sí. ¿Cuáles son los conceptos de origen semiótico y lingüístico fundamentales en la Documentación, en tu opinión?
L2: ¿En mi opinión? Pues mira, para mí símbolo, signo, representación, metarepresentación, semiosis. Tú hablas de inferencia, yo sería como heurística, como uso, interpretación, referente, proceso de referencia y acción. Otro concepto es proceso-acción. Lo veo todo interrelacionado, dinámico, no puedo ver el signo solo o el referente solo, referente con referencia a algo, a alguien que tiene en su mente, en sus patrones, en sus

modelos ese referente que hace "referencia a" desde un lenguaje concreto o desde un sistema de códigos concreto también que le hace interpretar, lo veo todo...
L1: Todo junto.
L2: Sí, y es importante verlo todo junto en ese proceso de semiosis, en ese proceso de comunicación.
L1: ¿Cuáles son las ramas de la Documentación en las que podemos aplicar esos conceptos?
L2: Para mí en todas, porque ya te he dicho que yo asocio Documentación con procesos de semiosis, con Semiótica, es verdad. Pero bueno, quitado eso, a lo mejor pues lo que son los sistemas de representación, los lenguajes documentales, los estudios de usuario, es que es todo, los estudios del documento también, los que se dedican a historia del documento también, documento desde el aspecto material, desde el aspecto de la forma, desde el aspecto del contenido. Es bonita la historia del documento desde los procesos de semiosis social, de semiosis documental, y ahora que ha cambiado todo tanto y hablamos del mundo multiplataforma y esa mezcla, ese concepto de convergencia cultural, de multisigno, para mí se hace como mucho más necesaria una historia del documento desde el concepto semiótico o desde elementos semióticos porque es eso, es el siglo de la convergencia cultural, de la convergencia tecnológica, de la convergencia de modos comunicativos y de la convergencia de lenguajes de textos en sentido amplio.
L1: Estoy cogiendo apuntes para hablarlo después. ¿Y cuál es nivel de contacto interdisciplinario entre las teorías semiótico-lingüísticas y la Documentación? ¿Cómo está este contacto entre los campos Lingüística, Semiótica y Documentación?
L2: Mira, yo veo niveles macro, quizás mi concepto también de estructuras y de análisis {descriptivo}, niveles macro y niveles micro. ¿Cuál era la pregunta?
L1: Describe, por favor, el nivel de contacto interdisciplinario entre las teorías semióticas y lingüísticas y la Documentación. Es más una opinión tuya respecto a la situación de estos contactos en España.
L2: No, no hay, están los filósofos que van por su parte…
L1: Los lingüistas.
L2: Los lingüistas, que encima se defienden, no quieren saber nada con la Documentación, y dentro del campo de la Documentación pues hay líneas diferentes. Hay gente que está sin modelos, que se preocupa solo de productos, de procesos. Yo estudio la Teoría de la Comprensión Lectora, las Teorías de la Clasificación, pero sin los fundamentos que hay detrás y sin estudiar bien esos modelos comparativos o de esos elementos…
L1: Sí, ¿verdad? Es "yo empleo".
L1: Claro, es "yo empleo", es verdad. Gente que se dice: yo estudio modelos de indización y el resumen desde el proceso y desde reglas de macroestructuras de van Dijk, por ejemplo. Tampoco nos ponemos de acuerdo. Estaba pensando, en Semiótica, mi padre, por ejemplo; yo semiótica también pero con una dimensión de uso, función y estructura relacionada importante también y estoy pensando en escuelas ahora porque además yo he tenido la suerte de que a mí me han dado clase todos los teóricos de la Documentación, cómo empezó Moreiro también con sus modelos de corte de las ciencias del texto aplicadas al resumen, cómo fue una pena que aquello no se extendiera a los procesos de indización ni a los procesos de clasificación tampoco. Estoy pensando en cómo María Pinto también se dedicó a ese análisis del resumen desde esas Ciencias del Lenguaje y cómo ahora nos dedicamos a otras cosas, María ha estado después con estudios de calidad, con estudios de alfabetización informacional también; cómo Moreiro también está en cosas…, bueno, se ha mantenido también en cuestiones de resumen y de lenguajes documentales; María José López Huertas, cómo sigue con sus tesauros, ahora la pobre lo tiene difícil con los conceptos de ontología, de indización social, de etiquetas, con ese protagonismo que tiene el usuario y la cuestión va a ser cómo reconducimos ese concepto de tesauro, que ya el mismo nombre suena antiguo. Es cierto, y nos pasamos a otras áreas importantes, a la Bibliometría, a la gestión de calidad, al diseño de evaluación de servicios de información, al diseño de sistemas de información. Yo estoy en eso ahora también, en diseño de servicios y en procesos de liderazgo, pero yo tengo una cosa muy clara, cómo influye para mí en todo el contexto la cultura, las subculturas. Me dais envidia porque siempre tiene que venir alguien de fuera, ya sea Augusto, ya seas tú, a estudiar esos patrones, esas regularidades o esas diferencias de investigación en España desde el modelo semiótico, desde el modelo del análisis documental, desde la gestión. Eso es algo que deberíamos hacer los propios españoles también. Quizás vosotros, como lo veis desde otra perspectiva y con esa conciencia en la cabeza de los modelos franceses y anglosajones, estáis en posición desde una perspectiva idónea para poder hacer ese estudio más objetivo e integral a la vez, pero me ha llamado la atención, no nos ponemos de acuerdo, no hay líneas definidas y los que estamos en una línea más confluyente tampoco trabajamos juntos.
L1: Pero además de eso, tuvieron muchas buenas ideas, creo que es por eso por lo que los compañeros vienen aquí a sacar algo distinto, además de todo eso que hablamos ustedes siguen siendo referencia en temas de creación cultural, de ideas, de situaciones, de interpretaciones, creo que es por eso.
L2: Al final es un problema de organización y representación que es lo que vais vosotros con nuestras ideas. Curioso.
L1: Bueno, la última pregunta es para que indiques los autores teóricos de la Documentación española con contribuciones en las líneas semiótica y lingüística. Es una cuestión muy {objetiva}.
L2: Uf, pues para mí es uno, José María. Luis Miguel, también, no lo sé. Nuestro grupo de investigación, formado por Luis Miguel y yo misma, lo ve con otra mirada diferente. Papá es más filosófico, más formalista, más matemático, es verdad, esas formulaciones que hace en todo y Luis Miguel y yo somos diferentes. Yo siempre le decía: "A ver, Luis Miguel, por Dios, tradúceme, no sé si le estoy entendiendo, tradúcemelo". Fuera de esas bases formales de José María o de esos modelos con esos patrones, antes estábamos hablando, él te hablaba de la poética generativa, esa gramática generativo-transformacional traducida a reglas es algo que él tiene en su cabeza también para analizar los discursos, para desglosar los conceptos desde esa semántica de Greimas, también. A mí me gusta mucho su teoría definicional, su teoría de las definiciones para buscar patrones que sirvan para la indización, patrones que sirvan para la recuperación de zonas de contenido en los textos también. Para mí, semiótico, semiótico, él.
L1: En términos lingüísticos, ¿hay alguien?

L2: Halliday, Firth, muchos, no lo sé.
L1 Sí, pero en la Documentación en España.
L2: En la Documentación en España, García Gutiérrez también. Son García Gutiérrez y luego María Pinto, que también ha tenido cosas que me han servido para traducir, para aproximarme a la vertiente más documental porque a veces estás en la otra vertiente más lingüística o más filosófica y pierdes y entonces yo necesito de Moreiro, de María, la de Granada, que te la acabo de decir, María José López Huertas, para aterrizar, para no perder el hilo conductor, eso que ellos tienen tan claro y yo a veces pierdo porque me gusta mucho salir a explorar. Y entonces, en ese sentido sí que hay cosas de María que me encantan, y lo reconozco, de Moreiro y de María José López Huertas, es verdad, cómo a mí fue una de las personas que me hizo tener ese interés por el concepto del contexto, del uso en el lenguaje documental, del usuario y cómo era importante incorporar el usuario en los lenguajes documentales, pero desde la construcción misma del lenguaje, no solo en el sistema de recuperación de información luego, al final. Si entrevistas a gente de mi generación, tenemos la suerte de que les hemos visto crecer a todos como profesores y madurar a la hora de escribir y poder leerlos luego, con la perspectiva del tiempo y desde otro estatus de conocimiento.
L1: Vale, muchas gracias.

]

ENTREVISTADO 7

[Resposta por questionário]

LEGENDA	
[]	Notas del transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistada

L1: Por favor, háble me respecto a sus trabajos de investigación, subrayando los trabajos relativos al tema lenguaje.
L2: Mi principal tema de investigación es la minería de textos. Las técnicas de minería de textos, *text-mining*, constituyen métodos emergentes que sirven de soporte para el descubrimiento de conocimiento que poseen los datos almacenados. La minería de textos está orientada a la extracción de conocimiento a partir de datos no estructurados en lenguaje natural almacenados en las bases de datos textuales. Se identifica con el descubrimiento de conocimiento en los textos y se le denomina comúnmente *Knowledge-Discovery in Text* (KDT). Tanto la minería de datos como la minería de texto son técnicas de análisis de información.
La minería de texto adopta un enfoque semiautomático, y establece un equilibrio entre el análisis humano y el automático (antes de la etapa de descubrimiento de conocimiento es necesario procesar de forma automática la información disponible en grandes colecciones documentales y transformarla en un formato que facilite su comprensión y análisis).
Las técnicas de la minería textual se estructuran básicamente en tres etapas: 1) etapa de pre-procesamiento, en la que los textos se transforman en algún tipo de representación estructurada que facilite su análisis; 2) etapa de representación, que dependerá de la técnica de pre-procesamiento utilizada y determinará a su vez el algoritmo de descubrimiento a utilizar; y 3) etapa de descubrimiento, en la que a partir de una representación estructurada de la información, se aplican usa serie de algoritmos capaces de descubrir regularidades en los textos, es decir, se identifican las relaciones entre las entidades a través de análisis de coocurrencia, técnicas de *clustering*, clasificación automática y visualización gráfica.
Mis publicaciones están relacionadas con todos los procesos implicados en la técnicas de minería de textos, en especial de los textos biomédicos, como: identificación y extracción de determinadas entidades (nombres personales, instituciones, términos temáticos, nombres de fármacos, genes o enfermedades) con el objetivo de procesarla para extraer conocimiento de las bases de datos. En la primera fase de las técnicas de minería de textos (fase de pre-procesamiento) es necesario la aplicación de técnicas lingüísticas, tales como reducción de términos a la raíz, o técnicas de *stemming*, identificación de sintagmas nominales a través de Técnicas del Procesamiento del Lenguaje Natural (PLN) y normalización o reducción de variantes de términos.
L1: ¿Cuál es la importancia de las teorías Semióticas y Lingüísticas en sus investigaciones?
L2: En mis primeras investigaciones, la Lingüística Textual fue mi principal interés. Sin embargo, en mis investigaciones actuales son de gran importancia las teorías lingüísticas relacionadas con el procesamiento automático del lenguaje. Claro que, una vez procesados los textos de forma automática es necesaria su interpretación, pero este último aspecto no entra en mi ámbito de investigación.
L1: ¿Qué usted comprende por Semiótica?
L2: La interpretación de la realidad a través del lenguaje (y no tanto su significado como sería el objetivo de la Semántica). En la corriente saussuriana el texto constituye una manifestación del lenguaje y por tanto es fundamental para la Semiótica y la Lingüística. Se trata de una ciencia interdisciplinar con conexiones que irían desde la Filosofía a la Teoría de la Comunicación y la Lingüística.
L1: ¿En su opinión, cuáles son los principales expertos de la Semiótica y de la Lingüística?
L2: T. Todorov, Teun van Dijk, Tomás Albaladejo Mayordomo, Lucia Santaella.
L1: ¿Cómo las teorías semióticas y lingüísticas surgieron en la Documentación en España?
L2: No soy experta en materia, pero su origen estuvo relacionado con la representación del conocimiento en el análisis documental de contenido y en los lenguajes documentales.
L1:¿Cuáles son los conceptos de origen semiótico y lingüístico fundamentales a la Documentación?
L2: Incluiría todos los conceptos relacionadas con la representación lingüística del conocimiento, como interpretación social del lenguaje y la comunicación, la construcción de lenguajes artificiales, taxonomías, clasificaciones y estructuración de todo tipo de textos.
L1: ¿Cuáles son las ramas de la Documentación a las que podemos aplicar estos conceptos?
L2: Sus aplicaciones son muy extensas y difíciles de sintetizar, podrían destacar la construcción de lenguajes documentales, sistema de clasificación del conocimiento, sistemas de organización del conocimiento, arquitectura de la información o el etiquetado social de los contenidos en la Web 2.0 como son las *folksonomías*.
En el siguiente trabajo encontrarían parte de esta respuesta:
Lidia Cámara de la Fuente. *La representación lingüística del conocimiento y su relevancia en la ingeniería lingüística* [en linea]. "Hipertext.net", núm. 2, 2004. <http://www.hipertext.net>
L1: Descríbame, por favor, el nivel de contacto interdisciplinario entre las teorías semióticas y lingüísticas y la Documentación.
L2: A mi parecer, el contacto disciplinario está dirigido de la Documentación hacía la Semiótica y la Lingüística (fundamentalmente por encontrar respuestas a los problemas que plantea la representación lingüística del conocimiento) y no al contrario.

L1: ¿Usted podría, por favor, indicar los autores de la Documentación española con contribuciones en las líneas semiótica y lingüística?
L2: Francisco Javier García Marco, Antonio Gutiérrez, María Pinto, María José López Huertas, Luis Codina, María Teresa Cabré

ENTREVISTADO 8

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistada

L1: Bueno, me gustaría que hablaras sobre los estudios del lenguaje desde el punto de vista de la Documentación.
L2: ¿Del lenguaje?
L1: Sí. Por ejemplo, el lenguaje audiovisual, que creo que tienes algunos trabajos, también concepción del lenguaje. ¿Cómo es de importante los estudios del lenguaje a la Documentación?
L2: Vale. ¿Con todo el tema de (ininteligible 0:00:29) datos y todo eso?
L1: Sí, sí. Todo lo que creas que es importante.
L2: Bueno. Yo creo que todo lo que son los estudios de Biblioteconomía y Documentación pues han cambiado mucho en los últimos años. Entonces realmente la pieza que ha cambiado justo más en todo esto es la parte de análisis, indexación… que tiene relación directa con lo que es la parte del lenguaje. Esto, con todo el tema de Internet y con todo el tema de la documentación digital y todo lo que es la analítica Web, cada vez es más importante. Entonces, realmente ahora mismo es una profesión que casi todos los profesionales que están ahora trabajando y en lo que se forma y en lo que se estudia, va muy encaminada a todo este bloque digamos de análisis lingüístico, indexación, metadatos, Seo, Sem… Todos los estudios están muy enfocados a que los profesionales salgan con muchos conocimientos sobre esto porque realmente es lo que más se está utilizando ahora a nivel laboral. Todo lo que es búsqueda por Internet, todo lo que es la parte de tratamiento de información; sistemas de información y analítica, métrica, todo va basado en la parte de lingüística. Entonces es importante eso poder formar a los alumnos para que realmente salgan con esto.
L1: Sí. Según tu opinión, ¿los cursos de Grado en Documentación están preparando a los alumnos para eso?
L2: A ver, es que realmente nosotros aquí no tenemos Grado, ni tenemos ya licenciatura. Aquí lo único que tenemos es un máster que se da en Gandía y que ya ni siquiera el perfil es muy de Documentación. El perfil es más Comunicación Audiovisual. Comunicación Audiovisual y algo de Documentación. Luego aquí en el Centro hay un máster que es de Sistemas de Información en donde va gente del Grado de Documentación de la Universidad de Valencia y alumnos de informática de aquí, buscando digamos perfil híbrido entre Informático y Documentalista. Entonces eso se da aquí en la Facultad de Informática, que yo doy clases en ese máster, que es el máster MUGI. Y luego el CAL sí que era el que se daba aquí como máster digamos de Documentación, traspasó a Gandía, es la UPV pero del Centro de Gandía y allí se ha enfocado más hacia la parte de Comunicación Audiovisual.
L1: Sí, sí. Y también el tema de los lenguajes híbridos, ¿cómo ves esto?
L2: Realmente, a ver, yo no soy especialista en esta parte. Yo soy más parte de la parte de Comunicación. Entonces realmente yo creo que sí que hay ahí mucho trabajo y muchas posibilidades de investigación. Hay muchísima gente que está trabajando mucho en esa línea para crear proyectos de investigación fuertes y yo creo que es el presente y también el futuro realmente. Pero yo creo que ahí hay una línea importante que es, que para todo esto los conocimientos de informática tienen que elevarse, o sea, la gente tiene que tener unos muy buenos conocimientos de aplicaciones, de semántica lingüística…, pero sobre todo de tecnología, para poder aplicarlos, sino es imposible ahora trabajar si no se tienen esos conocimientos. El tema de lenguajes híbridos, etc., va muy encaminado a la parte de Red, si no se tienen los conocimientos tecnológicos para hacer esos análisis difícilmente se va a poder llegar a tener productos o servicios o algún tipo de investigación como dios manda.
L1: Sí. Además de los temas de semántica, ¿hay también algunas preocupaciones con la semiótica?
L2: Nosotros aquí no se da semiótica. Es que el tema de documentación, aquí, desde luego, nunca se ha dado por esa vertiente. O sea, ha sido mucho más tecnológico porque esto es una Universidad Politécnica, antes aquí el Grado, que siempre se ha dado… Antes teníamos una Diplomatura y una Licenciatura. La Diplomatura se daba en la Universidad de Valencia y la Licenciatura aquí. Entonces, todos los temas de semiótica y todo eso, como la Universidad de Valencia es la que toca, porque tiene filología y todo eso, eso se ha dado allí. Entonces, cuando llegaban aquí a Licenciatura, se daban más temas más tecnológicos, más informática, más sistemas… Y ahora como ya no hay tampoco ni Grado. Aquí no tenemos ni Grado, ni licenciatura, porque ya no funciona. En los masters se sigue apostando por la parte tecnológica, la parte más de humanidades entre comillas no se toca aquí mucho. No es la parte más fuerte nuestra.
L1: Bueno ¿y las teorías lingüísticas y semánticas que suelen utilizar?
L2: Yo, ninguna. Yo no trabajo con ello, pero la gente que trabaja aquí en estos temas, yo creo que sería mejor que hablaras con esas profesoras para que te dieran esos datos. Pues, bueno, la gente que {aquí ha dado} de indexación y todo esto son Antonia Ferrer, Fernanda Peset, que son más de ese campo y ellas te pueden indicar. Yo es que nunca toco ese tema porque no es el mío, entonces te voy a dar nombres que no tocan.
L1: Sí, sí. ¿Y cómo están los contactos interdisciplinarios entre Documentación e Informática en su opinión?
L2: Nosotros muy bien, porque esto es una Escuela de Informática. Entonces realmente es una titulación de la Escuela de Informática, con lo cual, nosotros no tenemos ningún problema porque vivimos dentro y, además, ya ni siquiera es Documentación porque ya no está la titulación, con lo cual, el Máster MUGI que sería lo que ha continuado, es Máster en Sistemas de Información, con lo cual ni siquiera hay ya una duda entre qué hacemos o no, estamos todos juntos.

L1: Sí, sí. ¿Y en términos de investigación también?
L2: Sí.
L1: ¿No hay ningún problema?
L2: No, porque es que realmente ahora no se puede investigar casi nada en Documentación si no se trabaja con Informática. Entonces, en todos los equipos hay gente multidisciplinar.
L1: Es interesante. ¿Y suele trabajar bien?
L2: Sí.
L1: ¿Se lleva bien?
L2: Muy bien. Sí.
L1: Sí, interesante. Bueno, y de una manera general, ¿tu opinión respecto a la situación de la Documentación en España?
L2: ¡Uf!
L1: Algo muy, muy personal.
L2: ¿Mi opinión personal? Pues, a ver, yo llevo muchos años en esto. Llevo tantísimos años que ya ni me acuerdo porque empecé, pues eso, muy jovencita y he estado muy metida en los temas profesionales porque en los años noventa fui Presidenta de FESABID, de la Federación Española de Asociaciones de Biblioteconomía y Documentación. Y luego he estado vinculada por los estudios y tal… Mi sensación sobre esto es que estamos siempre un poco dándole la vuelta a las mismas cosas. Yo treinta años casi ya, siempre veo que la gente se pregunta lo mismo y no acabo de entenderlo, porque no… El momento, el paradigma es diferente y esto es otra profesión que tiene que tener otros conocimientos y que tiene que saber hacer equis cosas, que la titulación se llamará como se llamará, pero al final la gente tiene que saber lo que tiene que saber. Y que es una profesión que si se hubiera montado cuando tocaba en el carro de la tecnología como dios manda, ahora seguramente tendríamos mucho más espacio, porque todo lo que es la sociedad ahora mismo de la Información, nosotros somos gente de información que podíamos habernos metido en muchísimos más puestos de trabajo de los que se ha… Realmente nos han como apartado hacia Centros de Documentación, Bibliotecas, siendo que somos especialistas en Información y podemos trabajar en cualquier cosa. Yo creo que eso se ha peleado mucho desde las asociaciones, pero no se ha conseguido del todo. Y, bueno, se sigue con ello, pero me recuerda a las mismas críticas que yo viví en los noventa, las oigo ahora en los colegios profesionales en el 2014, con lo cual, es como si fuera el día de la Marmota ¿no?, otra vez la misma cosa. No entiendo, algo no hacemos bien, es mi impresión. Como segmento profesional, algo no se está haciendo bien porque no conseguimos tener visibilidad, pasan los años, pasan las décadas. Podemos estar dentro de un ámbito que tiene más campo y no conseguimos abarcarlo, algo tiene esta profesión que no somos capaces de visualizar todo lo que somos capaces de hacer porque si no, no lo entiendo.
L1: Y también algo que tiene que ver con las universidades.
L2: Sí.
L1: No solamente el campo profesional.
L2: Claro, sí, sí. Si se forma en una cosa y se forma en muy equis temas y no se tocan otras temáticas más novedosas, más transversales, más multidisciplinares, pues al final te encasillan. Y el alumno también sale con esos conocimientos y también se siente encasillado. Todos somos culpables, aquí nadie se libra. Somos culpables; los profesionales son culpables, los profesores somos culpables. El único que no es culpable son los alumnos que vienen y estudian lo que nosotros les ofrecemos y luego trabajan en los sitios donde encuentran trabajo. Pero bueno, yo creo que hay que ser optimista también y ver que, bueno, la sociedad va cambiando y la propia gente se recicla. La propia gente se da la vuelta y consigue colocarse en cosas teniendo el título que tenga. O sea, los conocimientos le sirven, lo que pasa que a veces pues no, tienen que vender lo que saben, no cómo se llama lo que han estudiado. Es un poco vestir las cosas para que el empleador entienda que esa persona sabe de eso. Entonces, pues bueno, es un poco de trabajo de búsqueda activa de trabajo por conocimientos, más que por titulación.
L1: Sí, no una etiqueta.
L2: Exacto.
L2: Si una persona sabe SEO y sabe SEM. Pues sabe SEO y SEM, ¿qué hace falta? Si lo sabe porque el título se llama Biblioteconomía y Documentación como si se llama Informática, como lo que se llame. Esa persona tiene ese conocimiento y es capaz de trabajar de eso.
L1: Sí. Vale, creo que ya está.

ENTREVISTADO 9

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistada
L1: Bueno, la primera pregunta es sobre los trabajos relacionados con el lenguaje. ¿Cómo fueron los estudios?
L2: O sea, ¿mis estudios?
L1: Sí.
L2: ¿Mi preparación?
L1: Sí.
L2: Bueno, pues mi preparación como te decía anteriormente, no es puramente lingüística, esto digamos que derivó después de yo entrar en la universidad, es cuando me empecé a preparar más en este campo porque provengo del área de Ciencias de la Información, periodismo concretamente, de la especialidad en periodismo.
L1: ¿Cuándo fue eso?
L2: Pues hace treinta años, puede ser.
L1: Treinta años.
L2: Hace muchos años, sí. Yo trabajé en periodismo varios años, en medios de comunicación escrita, sobre todo escrita. Y bueno, opté después por la docencia por puro agotamiento y por el estrés que supone la competitividad tan fuerte que existe en ese campo y, sobre todo, los horarios tan duros. Eso es lo que me llevó a… Que tampoco aquí las cosas son fáciles y el corporativismo también es muy grande, sobre todo en algunos ámbitos.
L1: ¿Pero eso ya se notaba hace treinta años?
L2: Sí, claro.
L1: La competencia entre los campos profesionales, digo de la profesión de periodista.
L2: Por supuesto, por supuesto, sí, sí, sí. Obviamente y sobre todo digo los horarios, no había fines de semana, era muy duro, entonces… Y, desde luego, cuando yo tuve la posibilidad de elegir entre las diferentes disciplinas que se impartían en documentación, no tuve ningún género de dudas porque es algo que me ha gustado siempre mucho, esto de la lingüística aplicada en este caso a la documentación, no sé si se puede llamar lingüística aplicada o cómo. Pero, bueno, según García Gutiérrez un experto que conocerás del área aquí en España, pues parece ser que sí que se le puede considerar como tal.
L1: Sí. ¿Cómo lo prefieres nombrar: lingüística documental, lingüística aplicada a la documentación?
L2: Yo casi diría lingüística aplicada a la documentación. Yo no creo que sea lingüística aplicada realmente, yo por lo que he ido viendo, no sé cuál será tu opinión al respecto.
L1: No. No tengo como una opinión muy formada sobre el tema porque me gustaría conocer cómo los investigadores de España están pensando la temática. Aunque tenga una comprensión más establecida como lingüística documental, hay autores que proponen, por ejemplo, semiótica documental, como fue el caso de Izquierdo Arroyo. Entonces, no… La idea es conocer cómo están comprendiendo ustedes la temática. Bueno, y el papel de las teorías lingüísticas y semióticas en tus investigaciones.
L2: Pues en mis investigaciones y en mi docencia. Bueno, obviamente están estrechamente ligados. Pero para mí fue un descubrimiento la ciencia del texto de Van Dick que me abrió puertas, sobre todo para los modelos de representación del conocimiento y más, incluso, para el ámbito del resumen documental. Para mí fue clave, me ha ayudado muchísimo, ayuda mucho a mis alumnos en la gramática de casos y todo esto y, vamos, para mí es un referente importante. También Greimas, Blair, son dos especialistas en los que yo siempre me he fundamentado pues para seguir un poco sus criterios en este campo. {Van Slip} también, que yo pensaba que solamente había trabajado en el ámbito de la indización, en el gabinete Van Dick en Bruselas, y parece que no, que él ha desarrollado otras políticas y ha trabajado mucho en el campo de la semiótica previamente, para llevar a cabo los trabajos que después hizo relacionados con la indización, tesauros y todo esto.
L1: Sí. Entonces, el contacto con estas teorías fue algo que ocurrió justamente cuando empezó en la documentación, antes en periodismo no.
L2: En periodismo mi tendencia era preparar trabajos relacionados, casi siempre, con estas áreas, lo que pasa es que no siempre era posible. Yo, por ejemplo, estuve varios años trabajando en el ámbito de deportes, entonces ¿hay mucha semiótica? No, no había ¿sabes? Pero sí yo creo que fue a raíz de entrar en la universidad como docente.
L1: Sí, pero también creo yo que tuviste una preparación muy fuerte, muy dura en las ciencias del texto en periodismo.
L2: No, no, no.
L1: Con asignaturas de Grado, en la Diplomatura, Licenciatura…
L2: Yo creo que más bien esto ha sido casi una preparación. Mira, hay una cuestión que no sé otros colegas del área, otros compañeros también del ámbito de la documentación. Pero casi ha tenido que ser una preparación autodidacta porque, para que te hagas una idea, por ejemplo, los primeros profesores del ámbito de la documentación de esta nueva carrera en España no somos documentalistas, obviamente, porque esta especialidad no existía, entonces te has tenido que preparar. Yo recuerdo que estas asignaturas no se habían impartido prácticamente en este país cuando yo empecé con ellas, se habían impartido sobre todo en Granada y no sé si también en Salamanca o Murcia, no recuerdo muy bien. Pero había mucha dispersión o como muy poco apoyo, vamos, yo recibí muy poco apoyo o nulo apoyo por parte de colegas de otras universidades para poderlo preparar. De tal manera, que tenías que… No sé si conocerás a Moreiro, seguramente sí.

L1: Sí, sí.
L2: Pues Moreiro me dice, me decía siempre, a mí me dice niña: "a ver niña", porque es que bueno, nos conocemos desde el año ochenta y seis exactamente que empezamos a dar clase en un centro juntos, íbamos con otra compañera de aquí.
L1: ¿Moreiro estaba aquí en el 86?
L2: Sí, un poquito después.
L1: Se fue a Murcia y después…
L2: Exactamente y luego a la Carlos III, sí. Y entonces él me decía: "te tiras a la piscina sin saber si tiene agua. Ten cuidado" decía: "bueno, tengo que hacer algo, ¿qué voy hacer? Tengo que darle contenido a estas asignaturas". Entonces, bueno, pues era duro porque había que estudiar mucho para poder, efectivamente, darle un contenido que tuviera un sentido y que tuviera una aplicabilidad también en el mundo laboral posteriormente. Que los alumnos lo que quieren es eso, después poder manejar la documentación y el lenguaje y aplicarlo pues en la recuperación de información y a la representación previa.
L1: Sí, sí. Bueno. ¿Qué comprendes por semiótica?
L2: Pues la representación mediante signos de los documentos, bueno de los documentos, digamos del mundo, del entorno en el que nos movemos. Y posteriormente, las posibilidades que aporta después para la recuperación. Yo te hablo desde el punto de vista práctico, de para qué me sirve a mí la semiótica.
L1: Sí.
L2: Yo gracias a la semiótica, puedo emplear los signos para representar los documentos, el contenido de los documentos. ¿No sé si es eso lo que quieres preguntar o si es eso lo que me quieres…?
L1: Sí, sí, perfecto, perfecto. Sí, no. Yo me gustaría solamente de que pasara algunos teóricos que ya había dicho anteriormente, que son los teóricos del campo de la semiótica. ¿Cuáles son estos teóricos? Yo sé que hablamos de Greimas, ¿pero en tú opinión, hay alguno más?
L2: Hombre, empezando por {Saussure}, qué quieres que te diga. Para mí, a mí me apasiona leer sus escritos y empaparme de ellos, porque realmente yo creo que es el maestro de maestros. Y a partir de ahí, ya todos los demás, que luego estos más directamente ya me han ayudado a entender cosas relacionadas con lo que yo estoy intentando hacer para el campo de la lingüística, bueno, de los lenguajes documentales. Yo ni siquiera diría lingüística aplicada, ni lingüística documental, o sea, ni lo uno ni lo otro.
L1: ¿Por qué?
L2: Porque yo creo que realmente no es una disciplina aparte. Yo no lo creo, a diferencia de lo que dice García Gutiérrez. Por mucho que él diga y que…, no lo veo.
L1: Sí, interesante, interesante.
L2: {Creo que son}, el lenguaje, yo creo que tomas de la semiótica los símbolos para después generar unas estructuras, unos lenguajes controlados, unas estructuras muy particulares, cada vez más complejas, eso sí…
L2: …y gracias a ellas, después representar los documentos y después recuperarlos. Pero yo lo veo puramente pragmático.
L1: Sí. Más que una perspectiva epistemológica como algunos buscan retratarla.
L2: Yo opto más por el empirismo en este caso.
L1: Sí, sí. ¿Cómo fue la introducción de estas teorías en la documentación? Estas teorías semánticas, semióticas y lingüísticas.
L2: ¿Como que cómo fue?
L1: ¿Cómo fueron?
L2: ¿Cómo yo…?
L1: Sí. ¿Cuál es tu opinión respecto al proceso de introducción de estas teorías en la documentación en España?
L2: Pues yo sinceramente creo que ha habido diferentes tendencias. Marcó bastante tendencia Izquierdo, efectivamente. Marcó tendencia a García Gutiérrez. Los dos no se llevaban precisamente muy bien ambas tendencias, no sé si ellos entre sí también tenían sus cosas. Pero yo si tuviera que seguir a uno de ellos, ¡puf!, no sé si seguiría, no lo tengo claro. Tendría parte de razón uno y parte de razón el otro. Pero los dos yo creo que van mucho por el campo precisamente de la teoría, o sea, de teorizar. Y yo insisto en que creo que se trata…, no sé si quizás sea muy práctica por el hecho de que veo en los lenguajes documentales, en los modos de representación del conocimiento en sí, yo veo pues un potencial muy grande de cara a la recuperación de información y, en consecuencia, lo que puede abrir puertas a los alumnos de cara a futuros trabajos. Por eso que quizá me he vuelto muy poco, ¿cómo diría yo?, ¿qué expresión emplear?, que más que las teorías y demás, me avengo pues a lo que necesitan los centros de documentación realmente y qué es lo que es más operativo. Quizá también aquí hayan influido mis antecedentes en el campo, o sea, mis antecedentes laborales. Yo dirigí el Centro de Documentación de Juventud del Ministerio de Asuntos Sociales aquí durante cinco años y otros cinco anteriores, trabajé en el Centro de Documentación de la Mujer, que tuve el privilegio de montar con otras dos personas más. Ahí es donde yo me vi en la necesidad de generar procedimientos de control del vocabulario para poder tanto organizar el fondo documental como para poder después recuperar la información. Y recuerdo que conseguimos entonces un Tesauro que estaba publicado en Europa, creo que era por una Asociación de mujeres inglesas, que era {Unequal Terms} se titulaba. Y bueno, recuerdo que de allí lo que hicimos fue combinar, me estoy quizá yendo por otros derroteros ahora, pero lo que combinamos fue ese Tesauro con la clasificación decimal universal, de tal manera que pudiera permitirnos también la ordenación del fondo, a través de un Tesauro, cosa que no es adaptable, entonces no es posible poner. Pero sí gracias a la aplicación conjunta con un catálogo topográfico que generamos a partir de la CDU, nos permitió combinar ambos procedimientos. Entonces, yo veía ahí la necesidad de no tanto profundizar en las raíces semióticas de las que tú me hablas, que sí que hay que tener conocimiento obviamente de todas las posibles acepciones de los diferentes conceptos para representar los documentos y de sus posibles relaciones, para que no exista ningún accidente lingüístico que interfiera en la recuperación. No tanto esto, como su aplicabilidad, o sea, la posibilidad de que si te viene cualquier persona en cualquier momento, tú seas capaz de darle una respuesta, pero de modo inmediato.

L1: Sí. Estupendo. Sí, comprendo, es una perspectiva… Creo que la mejor etiqueta creo que es pragmática, sí pragmática.
L1: Y no hay ningún problema en utilizarla. Sí, utilizando perspectiva pragmática. Creo que a veces tienes razón, perdemos muchísimo la dirección, el foco de las discusiones cuando no planteamos soluciones efectivas.
L2: Yo lo que sí que tengo claro es que mis alumnos salen de aquí sabiendo cómo manejar un centro, cómo generar lenguajes de diferentes tipos controlados para poder representar la información en cualquier ámbito y en cualquier disciplina. Y a mí eso me parece que es lo esencial, que puedan abrirse puertas, independientemente de que les pique después el gusanillo como vulgarmente se dice, de que les guste el campo de la semiótica porque es apasionante, es cierto. Y les apetezca después hacer un trabajo de investigación sobre el tema, que es posible.
L1: Sí.
L2: Y bueno…
L1: A pesar de eso he notado que tus trabajos son trabajos también teóricos, conceptuales.
L2: Los trabajos, pero los aparto un poco del campo de la docencia. Intento que los alumnos no se vuelvan locos.
L1: Que no es fácil, no es fácil.
L2: No.
L1: Sería apartar los dos mundos.
L2: Sí.
(...)
L1: ¿Cuáles son los conceptos de la semiótica y de la lingüística que utilizamos en la documentación, en tu opinión?
L2: Hablas de términos, o sea, ¿ya a nivel de terminología?
L1: Sí, a nivel de terminología, por ejemplo; concepto de estructura, concepto de…
L2: Pues empezando por unidades tan simples como las palabras ¿eh? Y siguiendo por efectivamente las estructuras. Sin una buena estructura, tú no puedes nunca ser capaz de hacer una buena representación de la información, en la que quede muy claramente explicado cada uno de los conceptos y cuáles pueden ser sus posibles y {potenciales} relaciones con cualquier otro, ¿si te refieres a eso?
L1: Sí, sí, sí.
L2: Por ejemplo, para el establecimiento de las relaciones de equivalencia jerárquicas, asociativas… o tienes muy claros los conceptos o es imposible que estructures un campo del conocimiento. Y ya si quieres establecer esas relaciones a nivel multidisciplinar, con mayor razón tienes que tener clarísimo la estructuración de cada uno de los términos y sobre todo de las unidades lingüísticas. Hablemos de sustantivos, claves en el campo de los lenguajes controlados, que bueno, también quizá los verbos y demás a veces pueden apoyar en esta cuestión. Pero realmente lo que importa es, para mí, no sé, es que no sé si alcanzo a decir muy bien… a entenderte.
L1: Sí, alcanzas. Sí, yo solamente para esto, el principal. ¿Entonces crees que fundamentalmente la documentación utiliza los conceptos lingüísticos más que los conceptos semióticos en la práctica?
L2: Yo creo que sí. Yo creo que sí porque es que generalmente es con lo que nos movemos, porque los demás, siguiendo con lo que comentaba anteriormente, yo creo que los otros aspectos se fundamentan más en la teoría. Y yo creo que los lenguajes documentales son eminentemente prácticos, que sí que llevan un componente claro de teoría, pero no solamente a nivel semiótico, a nivel de significados, sino también relacional y estructural, creo yo.
L1: Sí, sí.
L2: No sé si nos estamos entendiendo.
L1: Sí, sí, estoy comprendiendo, sí, vale. Ahora es una evaluación respecto del nivel de contacto interdisciplinario entre las teorías lingüísticas y semióticas de la documentación en España.
L1: ¿Cómo ves este contacto entre estos dos campos?
L2: Pue yo no sé qué decirte, pero yo no lo veo muy estrecho sinceramente. Yo creo que son, vamos, no te digo divergentes, pero sí paralelos. Yo no creo que exista, salvo Izquierdo que trabajó más en ese ámbito, en el de la semiótica, intentando aplicarlo a este campo, que yo no sé hasta qué punto lo habrá conseguido. Porque, bueno, yo no he visto los resultados, he visto sus publicaciones y demás, pero no he visto su aplicabilidad en el campo de la práctica. Realmente, re-insisto en que el lenguaje documental es fundamentalmente una herramienta, un útil al servicio de la recuperación de información. Entonces, yo no veo que haya una interrelación muy clara.
L1: ¿Por qué, en tu opinión?
L2: Pues porque… te voy a decir porqué quizá. Porque lo idóneo… Yo siempre he propuesto una causa cuando asisto a congresos y demás. Ahora mismo acabo de venir de uno de traducción, de la Escuela de Traducción conjuntamente con la Facultad de Informática y demás que me invitaron. Y hablamos… Yo resulta que digo, que si informáticos, lingüistas y documentalistas trabajáramos conjuntamente, conseguiríamos el sumo a la hora de recuperar información, de representarla y de trabajar en una proyección pues cada vez más compleja y, a su vez, más útil y más práctica para el ámbito de la documentación y también de las otras disciplinas. Pero el corporativismo yo creo que impide que exista una interrelación entre estos colectivos.
L1: ¿Entonces no es solamente algo de una diferencia teórica, también hay un componente político muy fuerte?
L2: Yo creo que sí, más que político, de…
L1: Quiero decirte…
L2: Corporativista.
L1: Sí, sí. Corporativismo, que hay una pelea.
L2: Más que pelea, falta de… Yo no sé si es que hay celos profesionales o falta de interés o que no se ha abierto la brecha. Quizá es que hay que abrir la brecha. Yo siempre lo digo en los congresos, a lo mejor es el momento. Ahora tengo otros dos pendientes y estaría bien comentarlo, a ver si… Se lo tengo que decir a García Marco,

que él, yo creo que a lo mejor es capaz de en [ininteligible 0:22:49] comentar algo de esto, me deja decir algo de esto y a ver si nos empezamos a mover en esa dirección.
L1: Sí, sí. Sería interesante conversar también con algunos expertos de informática que trabajan en la documentación, pero me parece que ellos no creen en la importancia, por ejemplo, de los lenguajes documentales.
L2: No, hay… Es que son compartimentos estancos ahora mismo. Cada uno tiene su ámbito y yo no creo que haya ninguna, no hay posibilidad de interrelación. Yo creo que sería fundamental. Yo ahora estoy trabajando con Antonio Pareja, es mi pareja como yo le digo en el ámbito de las ontologías y demás. Y estamos intentando trabajar conjuntamente en los dos ámbitos. Él es, como digo, informático puro y duro, pero, bueno, nos une el gusto por este tipo de nuevo modelo de representación, que no es tan nuevo, ni tan, a lo mejor, tan modelo, porque realmente excede los otros, los tradicionales ¿no? Pero es posible que podamos hacer algo en ese sentido, estamos en ello.
L1: ¿Y cuáles son, en tu opinión, los expertos en España que han contribuido con las temáticas de lingüística y semiótica en la documentación?
L2: Hombre, pues los que he mencionado anteriormente: García Gutiérrez y Germán Izquierdo. Yo no tengo en realidad muchos más. García Marco ha trabajado también en cosas sobre este ámbito, pero yo no me atrevería a dar más nombres, fíjate.
(...)
L1: Perfecto. Concluimos la entrevista. Pero yo tengo algunas dudas respecto a tus trabajos sobre la conexión entre los sistemas automáticos y la creación de Tesauros. Sí, que creo yo que fue un trabajo reciente de 2014.
L2: Sí, del modelo de espacio vectorial.
L1: Sí.
L2: Sí, sí. Que Rodrigo y yo, un compañero de aquí, aplicamos. Mira, este trabajo es fruto de un Tesauro que elaboramos para…, bueno, fue un proyecto de investigación que me pidieron desarrollar en el Instituto de Comercio Exterior. Entonces, elaboramos, realmente lo hicimos casi él sólo y yo, porque había más gente en el grupo, pero al final, pues unos y otros fueron desapareciendo ¿no? Fue un trabajo (Inaudible 26:23). Conseguimos desarrollar un Tesauro de siete mil setecientos noventa términos finalmente, de carácter multidisciplinar, obviamente, porque se comercia con todo. Y, bueno, lo que aplicamos ahí fue el modelo de espacio vectorial para conseguir pues establecer relaciones entre los términos, también otras herramientas, otros útiles como indización automática, la clasificación automática y demás, pues para poder también seleccionar términos de forma semiautomática. Y, bueno, no sé qué me quieres preguntar sobre ello, pero fue un trabajo…
L1: Me gustaría preguntar cómo ves esta cuestión en España. Porque me parece que son pocos los trabajos que están efectivamente haciendo una integración con la informática, para automatizar procesos en la creación de Tesauros, de generación de otros lenguajes.
L2: Muy poco, muy poco hay sobre el tema. Yo por eso te digo que estoy intentando más que trabajar con colegas de aquí, además me estoy tendiendo a irme a la Facultad de Informática, porque bueno, ya te digo, con este colega estamos intentando abrir un poco de brecha en esa dirección. Pero no es fácil y, sobre todo, no es fácil después su aplicabilidad, porque es compleja, es muy compleja para que los alumnos lo entiendan. Y sinceramente, a mí me mueve el alumnado. Que me importa la investigación, pero me importa más la docencia, fíjate, entonces...
L1: Sí. ¿Que es cómo utilizar eso para dejar de una manera muy, más sencilla posible para los alumnos?
L2: Claro. Entonces es complicado, porque yo a veces he intentado comentarles cómo llevar a cabo estas tareas, pero, bueno, con que aprendan a manejar un gestor de Tesaurus, como puede ser Thesaurus Building, como puede ser…
L1: {Tematres}.
L2: Tematres no lo utilizo. Lo he utilizado, por ejemplo, para el Tesauro del Instituto de Comercio Exterior, para el ICEX. Utilizamos Tematres, pero como necesita de un servidor ajeno, o sea, aparte, para poder trabajar en línea y demás. Con los alumnos yo eso no lo puedo hacer, yo no puedo estar manejando el servidor de la Universidad, ni nada por el estilo, sin un permiso especial y un trabajo ímprobo que no estoy en condiciones de asumir. Pero, sin embargo, Multitext, con Multitext nos manejamos muy bien también y es el que utilizamos generalmente en las prácticas aquí.
L1: Sí.
L2: Y bueno… Luego intentamos trabajar un poquito también con Protégé porque antes me manejaba muy bien con {Methondology, Grupo D}, ¿no sé si conoces de…?
L1: Éste no, no.
L2: Es aplicable a las ontologías. Lo que pasa que éste, se trabaja con él a través de un servidor que tienen en la Facultad de Informática. Si por una casualidad, ese día coincide con la clase, están llevando a cabo la actualización de la base o el servidor, o se cae el servidor o están haciendo cualquier trabajo con él, la clase no se puede impartir, no la que tenías programada, tienes que pasar a otra. Entonces, yo pasé por eso a Protégé. Pero ahora han hecho una nueva versión que está bien. Tengo que averiguar un poquitín sobre todo las instancias, cómo elaborarse y demás porque ahora mismo no lo tengo muy claro.
L1: Sí.
L2: Con la anterior versión sí, pero ahora habrá que, cómo vulgarmente se dice, trastear hasta que demos con… ¿no?
L1: Sí. Bueno, perfecto. Así concluimos.

ENTREVISTADO 10

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistada

L1: Es para que me hable sobre los temas de tus investigaciones sobre el lenguaje de manera general.
L2: ¿Sobre el lenguaje?
L1: Sí.
L2: Lo que más se acerca de lo que hacemos ahora a nivel de investigación es a cuestiones de la Web semántica, porque como la Web semántica ha de trabajar con vocabularios, bueno, con vocabularios; de datos y también con estructuras de la información y tal. Pues ahí sí que podemos aportar. Vamos a ver, este proyecto concretamente, Web semántica lo estamos viendo más o menos desde el año diez, o sea, del 2010, que sabes que… Bueno, no sé si sabes porque veo que eres de otra línea. El {V3 Consortium} pidió al mundo de las bibliotecas que dijeran los casos de estudio y cómo podía participar el mundo de las bibliotecas en la Web semántica. ¿Por qué? Yo según mi apreciación, la Web semántica estaba siendo desarrollada tecnológicamente por un sector profesional muy ligado a la tecnología y, sin embargo, los contenidos, los mejores, los contenidos de más calidad residían en bibliotecas, museos, archivos… porque somos instituciones que trabajamos desde hace años con información y entonces había grandes depósitos de información, pero no eran interoperables con la Web semántica. Bien, entonces, a partir de entonces nosotros presentamos dos casos de estudio a ese informe que se publica en el diez u once o algo así. Un caso de estudio es Iralis y otro en el que estamos algo relacionados tiene que ver con la FAO porque una persona que trabaja en Iralis también trabaja en la FAO. Y esto es… Iralis es un proyecto sobre los nombres de las personas ¿eh? La normalización del nombre de los firmantes en Biblioteconomía y Documentación. Esto lo convertimos a Web semántica y luego FAO por su parte y más [ininteligible 0:02:45] presentó Agribock que es su Tesauro para la base de datos Agris. Bien. Por ahí seguimos viendo algo de Web semántica y pusimos en marcha un proyecto que es un diccionario de científicos y humanistas valencianos en el siglo XX y nuestro papel ahí era no aportar contenidos, sino que fuera interoperable con la Web semántica. ¿Por qué te cuento todo esto? Porque en todo ello, tienes que escoger vocabularios adecuados, tienes que saber cuáles existen para reutilizar los que existen y tal. Y entonces Vestigium pues es un proyecto que no tiene muchos contenidos todavía, pero todo el armazón sí que está desarrollado, es una dirección Web.
L1: Sí. Cuando me dices que estamos desarrollando, ¿quieres decir que hay un equipo?
L2: Sí. Nosotros trabajamos… A ver, nosotros… ¡ah! y otra cosa que se me ha olvidado; e-LIS, ahora luego te lo cuento. Nosotros trabajamos desde hace muchos años con cuestiones de acceso abierto ¿vale? en un archivo *open access* que se llama e-LIS, no sé si lo conoces.
L1: Sí, no, {lo} conozco.
L2: Bien. Esto lo hacemos con esta persona de la FAO, surgieron otros proyectos complementarios como Iralis para la normalización de nombres ¿vale? Y a partir de ahí, tenemos esto como gordo, luego Vestigium lo desarrollamos con la Universidad Católica de Valencia, con la Universidad de Valencia, con Murcia. Bueno, tendría que mirarlo en un póster que está en el otro… Bien, trabajamos con una serie de gente. Y bien.
L1: ¿Solamente de España?
L2: Sí.
L1: ¿Personas solamente españolas?
L2: Sí y además era muy valenciano, muy de la zona de Valencia.
L1: Sí.
L2: Es como un diccionario de historia de la ciencia de los de siempre ¿no?, de personajes y tal, pero, bueno, el objetivo era recuperar el patrimonio porque aquí, en fin, si los proyectos se llevan a nivel español, pues la periferia queda siempre muy desmerecida. Es cierto que Madrid y Barcelona son las grandes metrópolis a todos los niveles y también en ciencia, obviamente. Pero por eso mismo queríamos recuperar a los científicos valencianos. Y por eso la mayoría de las instituciones son Valencia, cogemos más o menos todos menos CEU están casi todos.
L1: Y como curiosidad, ¿cómo está posicionada la ciencia en Valencia?
L2: Bueno, no está mal. Tenemos datos, ahí por ejemplo en COTEC, en la Fundación Conocimiento y Desarrollo se produce bastante y el impacto… Pues bueno, hay personalidades; mira, por ejemplo, el último premio Príncipe de Asturias a la investigación es de aquí, de la Politécnica. Entonces está bien. En los ránquines por ejemplo, la Universidad de Valencia está muy bien posicionada, en el ranking de Shanghái, ésa también está bien, aunque ésta es muy joven y muy tecnológica.
L1: Muy joven, sí.
L2: Setenta y cinco años o una cosa así. Bueno, para nosotros muy joven porque aquella tiene cinco o seis siglos, la Universidad de Valencia.
L1: Sí.
L2: Entonces, ésta es la que se considera joven.
L1: Sí.
L2: Pues bueno, esto con respecto a la Web semántica. Y de Vestigium sale una tesis que se ha leído ahora en enero, con todas estas cuestiones… No es exactamente lingüística, pero sí que el tema de las ontologías trata esto. Y en cuestión de, bueno, ontologías o cómo se llame, e-LIS que es el archivo abierto, es eso,

Biblioteconomía y Documentación se indexa… [0:07:22] *of Library and Information Science*.
L1: e-LIS. Sí, sí, he consultado.
L2: Pues va contra un lenguaje documental para indizarlo. Tienes una clasificación que se llama {JITA} y ésta también la convertimos a Web semántica hace dos o tres años, no me acuerdo. Ahora mismo no está implementada la semántica, pero la versión sí. Bueno, pues esto es más o menos lo que hacemos con respecto a lo que a ti te interesa. Luego hacemos otras cosas, o sea, el proyecto que tenemos ahora no tiene nada que ver *especialmente* con eso.
L1: Sí, vale. ¿En tu opinión, cómo son tratadas las teorías lingüísticas semióticas o semánticas en estos abordajes?
L2: Pues yo tengo una opinión muy propia, que es que las personas que venimos del mundo de la Biblioteconomía y la Documentación, pues tenemos un bagaje, una experiencia y un saber que no lo tienen otras profesiones y entonces lo que veo que hacen otras profesiones, muchas veces deja mucho que desear. Cada vez va mejor, yo no he hecho ningún estudio sobre ello, estos son opiniones puras ¿eh?
L1: Sí, sí, sí.
L2: Y no he hecho ningún estudio, pero sí que hace años, muchos años, allá por el 2001, fue cuando empieza a eclosionar aquí un poco la Web y tal. Hice un trabajito viendo los lenguajes…, o sea, los Webs que se implementaban tenían unas categorías y unos directorios ¿no? para acceder a la información. Y claro, desde mi perspectiva bibliotecaria, veía que mezclaban, tú sabes de documentación ¿verdad?, mezclaban un {routerun con una routerun} al mismo nivel. Luego volvían a no sé dónde, estaban hechos un desastre. Eso lo vi para arte porque yo, mi tesis es de Información Artística y tal.
L1: ¿Este trabajo está publicado?
L2: Sí, te lo puedo mandar.
L1: ¡Ah! Sí, por favor.
L2: Sí, vale. Yo no me acuerdo ni cómo se llama el intermedio. Así lo tengo controlado, porque acabo de reubicar todo mi currículum para agregar…
L1: Para la {Aneca}.
L2: Exactamente, para acreditación a cátedra. Sí.
L1: Existe un texto sobre los cambios del currículum vitae.
(...)
L2: No lo sé. Supongo que temen problemas de protección de datos, de protección personal de los datos y cosas de éstas, supongo, no lo sé. O no quieren darlos, a saber… Eso es una fuente de muchísima información, que supongo que la explotan para otros usos. Entonces, así sólo la tienen ellos.
(...)
L1: Bueno, su opinión sobre las teorías que son utilizadas.
L2: Las teorías, pues eso, que yo creo que nuestra profesión necesita transvasar cierto conocimiento a otros ámbitos. Pero esos ámbitos más o menos han ido evolucionando y ahora sí que no se producen esos errores que vi yo en el año 2001 tan graves. Pero ciertamente sí que deberíamos relacionarnos más. El problema también que detecto es que nosotros utilizamos unas herramientas muy sofisticadas; tesauros, lenguajes controlados de otras clases y tal. Y entonces, la gente que hace Web y tal, tiene que ser mucho más ágil, si tú ves las ontologías que derivan del mundo, pues del {V3 Consortium} y tal, son menos complejas, claro. Nuestra profesión se ha basado en la calidad, pero la calidad, tanta calidad que nadie sabe usarlas, la CDU por ejemplo, yo he sido profesora de catalogación. La CDU, la Clasificación Decimal Universal.
L1: Sí, sí.
L2: Yo creo que es un gran instrumento. Y ya ves que el Tesauro de la Unesco sí que se utiliza en muchos niveles y la CDU es tan compleja que yo creo que la usan poco, pero a mí me gusta mucho. Me parece una obra fantástica, dentro de todas las limitaciones que quieras, porque todas las clasificaciones están limitadas, pero bueno…
L1: Pero busca la exactitud.
L2: Sí. Y que te permite unos grados increíbles de precisión y de enriquecimiento. Mis alumnos se volvían locos con la CDU. Yo es que era bibliotecaria, entonces, no me, eso es un entrenamiento y entonces te acostumbras.
L1: ¿Eres de aquí?
L2: De Valencia.
L1: ¿Pero hiciste el doctorado en otro sitio?
L2: En Murcia. Yo estudié Historia Contemporánea que no tiene nada que ver con esto, pero, como profesión, aquí no había documentación. Y entonces estudié las asignaturas de historia, de cosas de archivos y paleografía y tal.
L1: ¿No existía la Diplomatura?
L2: En mi época, no. En Valencia, no. Entonces hice las asignaturas que tenían que ver con Biblioteconomía, bueno, con archivos básicamente.
L2: Después empecé el doctorado en Historia Contemporánea, lo dejé, me fui al doctorado de la Universidad de Valencia que daban Documentación Científica. La tesis que era de Bibliometría la dejé a mitad. Y cuando entré aquí de asociado que es un profesor contratado por pocas horas, entonces me dijeron: "pues has de acabar la tesis, nosotros tenemos relación con Murcia". Y nada, ya la hice de Información Artística porque nuestro departamento está en Bellas Artes y con un profesor de Murcia. Por eso, pero en realidad mi carrera está aquí.
L1: Sí, sí. Bueno, sobre las teorías entonces, ¿crees que el nivel es muy elevado para los usos que empleamos informáticos, más o menos?
L2: Yo creo que sí, que los instrumentos son complejos y que nosotros llevamos tanto tiempo reflexionando, digo como profesión ¿eh?, reflexionando sobre ello, que ahora resulta muy complejo de transvasar. Pero sí que es cierto que hay cosas muy buenas que se han hecho, estoy pensando por lo de artístico. La Fundación Goethe tiene unos vocabularios, tiene un Tesauro, tiene una {*Union List*} de autores y un Tesauro, no estoy segura, bueno, un vocabulario de nombres geográficos antiguos, modernos, sus equivalencias y tal. Y eso sí que está

bastante utilizado en la Red. Y pienso que sí, que ahora por esto de la Web semántica, muchos de los vocabularios que estaban limitados al mundo de las bibliotecas y escondidos entre comillas, ahora están muy valorados. Los vocabularios de la {*Library of Congress*} de materiales y también su Tesauro, eso está muy, muy valorado ahora.
L1: ¿Incluso por los informáticos?
L2: Yo creo que sí, sí. En España no lo sé. Yo lo veo a nivel internacional.
L1: ¡Ah! Sí, sí, sí. Vale. ¿Qué comprendes por semiótica?
L2: ¡Uf! Pues no sé qué decirte… Porque no tengo claro el término, así que no me lanzo a decirte nada.
L1: Sí, vale. ¿Y los temas de lingüística y semiótica en España, en la documentación en España?
L2: Yo no, no conozco… Conozco autores que han escrito sobre lenguajes documentales, entre ellos, Javier García Marco.
L1: Sí. ¿Además de García Marco?
L2: ¡Ah! Antonio Gutiérrez recuerdo además que hizo un Tesauro gordísimo de patrimonio histórico andaluz. Y actualmente, espérate… Bueno, aquí tuvimos a Isidoro Gil que está en Murcia.
L1: ¡Ah! Sí, conozco.
L2: Él estuvo aquí de profesor un tiempo y le daba al tema de la indización, pero desde un punto de vista muy teórico. Luego, claro, gracias a Isidoro conocimos a unas cuantas personas de esto; Blanca Gil {Urdiziaín} o algo así, que está creo en la Complutense… Y luego de cosas más actuales digamos ¿no?, que han seguido una línea más actual, desde mi punto de vista: José Antonio Moreiro que es catedrático en la Carlos III. Y entonces él trabaja con grupos interdisciplinares, informáticos y él es de documentación y tal. Y él lleva la parte de ontologías y todas estas cosas. Dio clases en el máster que dirigía Nuria, que dirige Nuria, dio clases en el pasado y eso. Y luego, cosas más modernas todavía es Eva Méndez de la Carlos III, está haciendo pues semántica pero a nivel de lenguajes. El proyecto Hive y {Lot} Hive o algo así se llamaba un proyecto europeo, no sé.
L1: Es importante. ¿Cómo están los contactos entre las disciplinas de informática y documentación? Cuando pensamos bajo el tema del lenguaje.
L2: Yo con los informáticos puros no tengo ni idea. O sea, yo no… Estamos en estos despachos que esto es la [ininteligible 0:19:57] y llevamos muchos años compartiendo titulaciones, pero para mí es como si habláramos un poco lenguajes diferentes.
L1: Sí.
L2: No hemos logrado nunca trabajar juntos porque sus temas son unos y los nuestros son otros. Ahora parece que sí, hay un máster nuevo, un máster de Gestión de la Información que dirige Antonia, la compañera ésta. Y entonces muy bien no sé lo que hacen informáticos, pero han logrado que los alumnos sí que provengan de informática y entonces aprenden un poco. Aprenden, siguen su formación, parte de documentación y parte de informática y está bien. Y este año estamos teniendo una experiencia buenísima con unos que son todos informáticos; son dos ecuatorianos, una de "teleco", de telecomunicaciones y una de informática y hemos hecho un portal que se llama {*Transparency Science*} y en cuanto a lo que te interesa de lingüística y esto. Este portal es para ver dónde invierte el gobierno español en investigación ¿vale? en qué sectores. Pero la gracia para mí es que tienen que encontrar fuentes abiertas los alumnos. Es un trabajo de alumnos ¿eh?, que ha ganado, ha sido seleccionado y ahora se van a la {Conferencia de las e-Schools} en California y han sido seleccionados sólo cinco. Y es importante porque estas {e-Schools} en realidad son de Biblioteconomía y Documentación. Y por tanto, a mí me resulta, vamos, muy interesante que podamos estar allí por el hecho de que es una aplicación tecnológica, pero que la base es de documentación y te voy a decir por qué. Porque lo primero que tienen que hacer es identificar las fuentes abiertas de donde pueden extraer los datos.
L1: Sí, ¿clasificar las fuentes?
L2: Exacto. Clasificarlas y utilizarlas.
L1: Establecer las categorías.
L2: Exactamente. Y entonces se han dado cuenta que las categorías que por ejemplo utilizan FECIT, la Fundación Española para la Ciencia y la Tecnología… Estos hacen estadísticas sobre la investigación en España ¿vale? Luego está Hacienda, Hacienda saca los presupuestos generales del Estado, otras categorías diferentes. Luego los proyectos de investigación que se rigen por un Ministerio, Mineco se llama. El Mineco a su vez tiene sus categorías que pueden venir por ejemplo de la clasificación de la Unesco, pero por supuesto no tiene nada que ver con Hacienda y con FECIT relativamente. Entonces, no sólo tienen que identificar las fuentes, tienen que extraer los datos porque aunque estén en abierto, están en PDF y por tanto, no hay manera de reutilizarlo. Extraer datos y armonizar. Bueno, eso es un trabajo intelectual, es un trabajo lingüístico y tienes que conocer las áreas bien. Claro, son alumnos, como estamos nosotras detrás…
L1: ¿Son alumnos de máster?
L2: Son alumnos de máster. Cómo estamos detrás, nosotras podemos identificar esto, pero para ellos lo mismo es una cosa que otra ¿vale?
L1: Interesante, interesante.
L2: Pero esto es el trabajo con fuentes, pero después hacen una aplicación que hace unas visualizaciones que crean ellos. Pues, ¿cuánto, según FECIT, cuánto han invertido por Comunidades Autónomas?
L1: Porque las Comunidades también generan otros datos distintos.
L2: No.
L1: ¿Distintos o no? ¿Hay solamente…?
L2: No, no, esto es estado a nivel de Estado central porque si no, nos moríamos. Sí, Estado central es Madrid.
L1: Sí, ¿pero existe en las Comunidades Autónomas un informe sobre inversión?
L2: Sí, pero no… Es una locura. A lo mejor es que yo conozco mi Comunidad Autónoma y como son tan opacos, no hay manera de hacerlo. Entonces cogemos fuentes generales, porque además la idea es que sea exportable, o sea, que se pueda aplicar a otros países. Entonces, no nos podemos meter a afinar muy, muy fino. Bueno, total que hacen unas visualizaciones de cómo se invierte o lo que sea, lo que sea comentadas. Y después tienen

unas herramientas participativas que las personas pueden votar en qué sector les gustaría que se invirtiera más: en salud, ingenierías, lo que sea…
L2: Y, bueno, y comentar lo que sea y lo que sea. Entonces, aquí se le da voz al ciudadano o al científico y aquí se hace un trabajo de investigación como dios manda. No sé por qué te contaba esto. Sí, porque todo esto son ontologías, esto es control del conocimiento, del vocabulario. No sé si tú te refieres a eso cuando hablas de lingüística.
L1: También en términos de investigación. ¿Cómo está el contacto interdisciplinario entre estas áreas, por ejemplo, los estudios semióticos lingüísticos y la informática?
L2: Ni idea. Yo ya tengo bastante con ocuparme de mi…
L1: Sí, desde tu punto de vista.
L2: Nada, ni idea. No lo sé. Yo trabajo con gente, por ejemplo, la Bibliometría, también hacemos cosas de Bibliometría, como es aplicable a muchas cosas, a muchos ámbitos, pues nosotros colaboramos con gente de deportes, bueno, de actividad física, trabajamos con gente de empresa, gente también de organización de empresa para la cosa de las start-ups y la innovación. Bueno, trabajamos a diversos niveles. Pero en general, mi investigación es en Documentación. Sí que es todo muy permeable, pero en fin, el núcleo del proyecto que llevamos, por ejemplo, es documentación. Tenemos expertos, es que no te quiero contar mi vida, pero vamos, el núcleo es de documentación y luego tenemos expertos que nos asesoran.
L1: Sí, sí, que son de otros campos.
L2: Sí. Es que el proyecto que tenemos del Plan Nacional es sobre datos de investigación. Entonces, una cosa es la gestión de datos, pero después las costumbres en las diferentes disciplinas, pues humanidades se comporta de una manera; química de otra y así. Y entonces, tenemos diferentes personas que para contrastar si es correcto lo que nosotros podemos tener.
(...)
L2: Sí. Es que no tengo aquí los posters, están aquí al lado. Básicamente dicen que por el tema en el mal uso y que se interpreten mal básicamente. De todas maneras, yo te puedo asegurar que no los comparten porque no te dan ningún tipo de reconocimiento y porque no tienes tiempo. Si no tienes tiempo, pues sólo te dedicas a lo que te van a reconocer en currículum, la Aneca, así que eso. O lo que te obligan si Europa…Europa ahora ha lanzado un proyecto piloto sobre datos de investigación, o sea, en gestión de datos. Y entonces, aquí a los que participan en ese proyecto piloto, les obligan a entregar un Plan de Gestión de Datos y a liberar los datos, no hablo de publicaciones ¿eh? que eso ya lo exigían hace tiempo, pero eso… Entonces, si te obligan, claro, si te sueltan pasta y te obligan lo haces, si no, no.
L1: {Pensé que} era algo como la preocupación con el plagio, alguna cosa así.
L2: ¿El plagio? No.
L1: ¿No?
L2: Bueno, no lo creo, la verdad. Porque esto es lo mismo que podríamos decir sobre las publicaciones. Cuando empezó el acceso abierto, se decía eso, es que claro, sabrán mi idea o me copiarán. Pues ahora te copia todo el mundo y ya está. Yo creo que no es ése el problema, pero en fin, es mi opinión. Creo que es porque no te lo reconocen básicamente y se lleva muchísimo rato. Y luego además da muchos problemas porque con la gente que trabajamos de salud, estos de actividad física, claro, ellos toman datos. Y por ejemplo, si reúnen veinte casos. A mí me han explicado cómo hacen los experimentos, bueno, he participado y tal. Y eso es un trabajo, grandísimo ¿eh? la recogida de datos. Si tú aportas veinte casos y se mezclan con cincuenta que puedan tener en Italia, pero se mezclan mal porque no está todavía bien armonizado, aquello puede ser un desastre.
(...)
L1: Sí. ¡Ah!, una última pregunta. ¿Cuáles son en tu opinión los expertos del campo de la documentación que hacen contribuciones en semiótica y lingüística?
L2: Creo que ya te lo he dicho. Que era García Marco, Isidoro Gil Leyva, Moreiro, Eva Méndez, Gil Urdiciarin. No sé…
L1: No me suena Eva Méndez.
L2: ¿No?
L1: No. ¿De dónde?
L2: De la Carlos III.
L1: ¿De la Carlos III?
L2: Está de Vicerrectora Adjunta de no sé qué. Es una chica encantadora. Ahora tenemos esto con ella, una cosa sobre [ininteligible 0:35:57]. Es una chica que trabaja muy bien a nivel internacional y es la introductora del Dublin Core. Es la primera que la oí yo hablar de Dublin Core en España y es nada, es muy competente, muy joven y muy bien.
(...)
L1: Sí, sí, claro. Y a veces son los más importantes. Bueno, es esto, si me gustaría agradecerte por la contestación y por el tiempo que me dejó.
(...)

ENTREVISTADO 11-A

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L1: No, en general, en general porque no es... El cuestionario es como un rutero de tópicos y yo añadí un tópico que es respecto a la semiótica documental, exclusivamente respecto de la historia de las teorías de la semiótica. Si quieres, ¿empezamos por este tema?
L2: Bueno, vamos a ver… Yo preferiría empezar con semiótica.
L1: Todo bien y después llegamos…
L2: Vamos ver, desde el punto de vista teórico; el primer problema con el que nos encontramos es el nombre, la denominación "semiótica". Sabemos que es una palabra de ascendencia griega, {semiotikós}… Incluso los ingleses utilizan a veces semeiótica en lugar de semiótica; semeio, la ascendencia griega; por un lado, y por otro lado, la denominación saussuriana ¿no?, de la semiologie, la semiología, bien. Creo que es importante el emparentamiento de eso {ha sido en parte} en cuanto a las relaciones entre semiótica, semiología y lingüística. En el curso de la lingüística general, que como sabemos pues no lo escribió {De Saussure}, es un resultado de apuntes tomados por cuatro discípulos, pero parece que está atestiguado que él lo refrendó. Cuando De Saussure lo utiliza por primera vez el término "semiologie", dice literalmente: que la lingüística es como una vertiente, es una parte de la semiología. Y define la semiología como ciencia que estudia los signos, los signos. Juan Gambarte, por el contrario, que es otro de los que mencionábamos antes.
L1: Sí.
L2: Del grupo (Inaudible 2:35), pues de los más importantes, de los más importantes probablemente, le da la vuelta a la tortilla y entonces dice que justamente ocurre todo lo contrario, que la semiología es una parte de la lingüística. Bueno, eso en ningún lugar lo demuestra ni lo explica que yo sepa Barthes y a Barthes lo he leído de pe a pa. Te voy a explicar por qué, pues porque tuve que dar crítica literaria durante cuatro años, cuatro cursos en Burgos y entonces para la crítica textual, la crítica de textos pues Barthes es el que estaba pegando, {Comansé}, todos, o sea, había que estar por ahí. No lo justificó en ninguna parte, en consecuencia, para mí, la lingüística es una parte de la semiótica. Es decir, depurando un poco la definición que avanza Desosi porque no utiliza sistema de signos. La lingüística, la semiótica se entiende que es la ciencia y el arte, ahora explico esto, la ciencia y el arte de los sistemas de signos, en plural, sistemas de signos. Uno de esos sistemas de signos es el lenguaje ordinario, con todas sus variantes idiomáticas, de idiomas distintos, con todas sus diferencias de registros. Bueno, por tanto, la lingüística es una parte de la semiótica. ¿Por qué digo esto y por qué lo subrayo? Cuando yo tuve que explicar, perdón, primeramente tuve que hacer un proyecto docente para explicar la lingüística documental, yo me encontré con la criatura bautizada ya, la había bautizado Antonio Luis García Gutiérrez, pero él no utilizó nunca el nombre a nivel de disciplina, entonces fue Don José López Yepes, en su elaboración, en el Primer Plan de Estudios de la Universidad de Murcia introdujo la asignatura lingüística documental.
L1: Sí, sí. ¿No fue algo que nació en Murcia?, sí fue el Plan.
L2: Sí, nació, nació en Murcia porque se creó una disciplina que era lingüística muerta.
L1: Pero no de los profesores de Murcia.
L2: No, no, no.
L1: Un proyecto.
L2: Quién diseñó el Plan de Estudios, de los estudios de documentación, entonces se llamaban estudios, no se llamaba ni Diplomatura, ni Licenciatura, Estudios de Documentación, una especia de Escuela, una Escuela Universitaria que tenía pues un régimen distinto de las facultades, incluso un rango, si prefieres, si quieres, inferior a una Facultad. Y entonces, entre otras asignaturas, pues se creó esa. Se creó también el Seminario de Estudios Unos y Seminario de Estudios Dos. Yo, el Primer Seminario de Estudios era Pierce y el Segundo era Semiótica. Y fue el primer lugar donde se habló de Pierce dentro de la Escuela de Documentación. Tenía poquitos alumnos ¿eh?, pero leíamos a Pierce, lo comentábamos.
L1: Fue en el 89.
L2: Eso fue en el 89-90.
L1: Sí.
L2: 89-90. Yo llegué a Murcia el último día de septiembre del año 89. Entonces, como te estaba diciendo, vamos a ver, por eso yo, dado que la lingüística se ocupa del estudio de los lenguajes naturales, pues hay todo un ámbito de lenguajes que no son lenguajes naturales, sistemas de signos distintos, pues qué sé yo, es un film, un film, un cómic, un cómic. Bueno, pues la lingüística al final es eso y entonces eso tiene que estudiarlo una disciplina que por principio no puede ser la lingüística documental, ésa fue la primera reflexión que yo me hice, cuando dije esta disciplina está mal denominada, es reduccionista en su nombre y eso de algún modo lo explico en el (Inaudible 6:53) hay otras razones, pero vamos ésa es una de ellas. Paralelamente a esto, hemos mencionado a dos grandes europeos: Desosi y Barthes son importantes en semiología porque digamos que prácticamente son sinónimos de semiótica y semiología, digo prácticamente. De hecho, la semiología, el estudio de otras semióticas, estoy hablando por ejemplo, semiótica de la moda y demás ¿no?, de las señales de tráfico que hizo Barthes, pero muy bien hecho, muy bien hecho, con buen estilo, etc. Pues tuvo su eco no sé si hacia o

desde la Escuela de Tartu.
L1: La semiótica de la cultura.
L2: Sí, sí semiótica de la cultura, semiótica de la cultura, pues va por esa línea, va por esa línea. O sea, que quizás a Bartes se le ha de reconocer una serie de inclusiones dentro de la semiótica que no se hubieran hecho sin él y que son esbozos la mayor parte de ellos, Betofi mismo, Betofi era un conciliador de la poética, semiótica poética y eso lo ha tomado de ahí. Bien, paralelamente a esto en Europa, creó otro foco importante. Yo le he dado mucha importancia al concepto lógico de lingüística de la documentación que es la glosemática danesa, {Luis Gías Lep}, bueno, pues {Gías Lep} yo lo di bastante, lo estrujé, lo estrujé. Lo estrujé, lo apliqué en parte en concepción…
L1: Sí, para mí me resulto muy difícil.
L2: Sí, es difícil.
L1: Es más fácil Desosi o Barthes son más fáciles.
L2: Sí, son más fáciles. Bueno y al margen de la síntesis que yo pude hacer ahí que son treinta y tantas páginas, treinta y tantas páginas por lo menos. Pues la obra de Gías es muy densa. Es difícil, es difícil. Para mí, es en Europa el que me gusta, que juega a matemático, o sea que anticipa una lingüística matemática. Por ejemplo, el concepto de base y exponente cuando habla de los signos lingüísticos que no tienen significado idéntico, es decir, que no reproducen, no tienen nada que ver con la imagen, sino que desempeñan una cierta función, por ejemplo, de nexo, de nexo entre dos signos, entre dos signos o de especificación o determinación de un determinado signo. Entonces, a eso, él empieza a llamarlos fultores. Exactamente igual que los fultores de la lógica clásica de enunciados, los sectores enunciativos ¿no? Y entonces distingue entre la base y argumento por ponerte un ejemplo. Pues entendiendo que la base, la base es un determinado, digamos y el exponente es un determinante, pues un sustantivo sería una base y un adjetivo sería un exponente. Y entonces es un determinado y un determinante. Entonces, a base de determinados y determinantes se construyen las expresiones superiores a una agrupación de palabras que tengan una función de sintagma. Es decir, en una cadena, en una oración, que tenga pues un grupo de sujeto, un grupo de predicado, un grupo de atributo, un conjunto, en fin, un grupo de palabras que independientemente de su significado, tienen una cierta función dentro…
L1: ¿Es posible que Left tenga sacado algo de la lógica?, por ejemplo, cuando decimos la cópula, ¿algo semejante…?
L2: Sí, sí, obviamente, sí, sí, sí. Bueno, lo vive también Greimas. Greimas en la semántica estructural, pues cuando utiliza términos tales como tópico, utópico y comento ¿no?, está jugando a lo mismo. De hecho, la función enunciativa como tal, es decir, la función predicativa en la oración simple ya desde Aristóteles, desde (Inaudible 11:39) tiene dos núcleos que son el nomen, el nombre, y el verbo. Es decir {Ergo noma} y cómo se llamaba, ya no me acuerdo, el verbo. De tal modo que esos dos núcleos son los que construyó lo que ahora se llaman Grupo de Sujeto y Grupo de Predicado y en cuanto a la oración que es atributiva, pues hay un sujeto y hay un predicado; el nombre que es el que habitualmente funciona como sujeto y hay un verbo. De hecho, todos los comentaristas de esa parte de {Periermeneias}; de Visvan o Juan Purillan. Es decir, todos los lógicos que yo estudié en su día, pues establecen una única diferencia entre esos dos núcleos: el nombre significa, sin tiempo, sin connotación temporal y el verbo significa siempre con connotación temporal. Y es la única diferencia de oposición que establecen entre… Bueno, está (Inaudible 12:41) con ocasión de, pero vamos que es muy antiguo. Tampoco hay que esperar a que Chomsky dé el alarido ése de su tesis doctoral ¿no?, y lance la primera idea de una lingüística matemática, en Europa no teníamos, o sea, que el estructuralismo descriptivista que se puede llamar de alguna forma que estaba reinando en Europa, pues el tiempo lingüístico de Praga, en Ginebra, la glosemática danesa, totaliza lo que se ha dado en llamar "Estructuralismo descriptivista" y el generativista es el americano. Chomsky reacciona a Bluffil a todos los, digamos, todos aquellos que están tratando de entender el lenguaje como un dispositivo SR rectívulo, respuesta del conductismo {de Hanior}, la conducta ¿no? Entonces, Chomsky se opone a eso, entonces ha habido Descartes, uno de los trabajos más preciosos de Chomsky. Yo siempre fui un enamorado de Chomsky, o sea, yo daba un curso gratuito a mis alumnos de crítica literaria en el Seminario de Literatura de Chomsky. Cuando iban a Valladolid, teníamos tres: primero, segundo y tercero de filología hispánica, francesa e inglesa. Cuando iban a Valladolid salía ya Chomsky, les daba sopa con {notas} a los alumnos de Valladolid. Entonces, ¡ah!, bueno sí, el libro, el librito de lingüística cartesiana está traducido y además tiene una traducción muy bien hecha en Gredos, en la [Inaudible 14:30] Románica-Hispánica de la editorial de Gredos. Entonces, ahí explica Chomsky porqué es necesario crear una lingüística, una gramática generativa. No habla todavía de gramática transformacional pero de gramática generativa por el propio mecanismo del lenguaje. Es decir, el descriptivismo europeo consiste en que ante un texto sea oral o sea escrito, hay que dar una explicación. Como ante cualquier fenómeno, ante cualquier fenómeno, la ciencia tiene que dar una explicación. {Yousi} dice que no, Yousi dice que hay que explicar otros fenómenos más complejos, tales como que yo sea capaz de construir frases que no han sido construidas hasta ahora, de tal modo que el otro me entienda y desde el punto de vista del receptor, que el receptor sea capaz de entender frases que no ha oído nunca, y combinaciones de palabras que no ha oído nunca. Para eso tiene que haber un sistema de reglas, de algún modo interiorizado, que sea capaz, que sea capaz, de encajar los comportamientos.
L1: Yo me imaginaba que…
L2: Y entonces, en ese libro de lingüística cartesiana, es lo que está defendiendo Chomsky es esto, la gran diferencia entre el estructuralismo descriptivista (inaudible 15:50) se contenta con describir hechos y el generativismo que trata de anticiparse a esos hechos.
L1: Yo me imaginé que Kech estaba más en Chomsky que Descartes.
L2: Sí, claro sí.
L1: Porque como hay una tesis de negatismo muy presente. Yo imaginé que más que Descartes estaba…
L2: Sí, bueno, vamos a ver, es Lainif, Lainif, eso, lo sabemos por el entendimiento, por el conocimiento, niega la existencia de ideas innatas, en ese sentido, se opone a Descartes, pero ideas innatas como contenidos de

conciencia. Más bien lo que defiende es una especie de esquemas, esquemas de integración. O sea, hay una cierta predisposición por parte del hablante a que le encajen en su a priori, algunos ensamblajes de palabras, entonces eso lo entiende; el concepto entender, justamente presupone un a priori {constrictivo}. Es decir, eso Cencillo, Luis Cencillo que te lo mencionaba antes, él lo llamaba "alveolos de la percepción", una especie de, como los alveolos de los dientes que están previstos para que encajen ahí, algo de eso. Es muy burda la explicación dirás Cencillo, pero más o menos eso es lo que el apriorismo está diciendo ¿no? Cuando te he dicho antes que yo le hice un trabajo, vamos, a Cencillo sobre el concepto de a priori, pues el trabajo mío sobre Ortega era del a priori. Ortega y Gasset y el problema del a priori y de la conciencia es el trabajo que yo hice. Bueno, a ver cómo hemos derivado, nos estamos volviendo un poco…
L1: Sí, sí, pero está bien.
L2: Hemos dado un salto a Chomsky y hemos dado, bueno, trataba de oponer, de alguna forma el estructuralismo descriptivista europeo y el estructuralismo generativista alternativo transformacional Chomskiano. Bien, eso es importante tenerlo en lontananza. Vamos a ver, hasta tal punto que así como podemos hablar de una sustitución de la concepción descriptivista de la lengua por una concepción generativista de la lengua, mutatis, mutatis, eso era perfectamente aplicable a la idea de una lingüística documental de una semiótica documental. Y tanto la lingüística como la semiótica pueden ser meramente descriptivas o pueden ser generativas. Yo siempre he tratado de ver cuáles son las reglas que subyacen a la conducta, a la pragmática del lenguaje, al uso que hacemos del lenguaje, es la pragmática la que exige la existencia de reglas, para justificar una conducta en lugar de otra. Es decir, en función de que yo utilizo en primer lugar la expresión en función de qué, que es una muletilla, ¿no? Por qué razón, por qué motivo y por qué he elegido una de estas expresiones que de algún modo clausulan una parte anterior del discurso y paso a otra ¿no? Ése es un nexo de otro párrafo distinto. Entonces, tiene que haber unas reglas, unas reglas interiorizadas ¿no?, en este momento del lenguaje, de algún modo automático o semiautomático te llevan hacer ese uso de esa porción del lenguaje en lugar de otra. Vamos a ver…
Entonces tenemos ya en el panorama de la lingüística contemporánea de finales de siglo, pues dos panoramas: un panorama europeo y un panorama estadounidense. En el panorama europeo, la lingüística ha cobrado conciencia de que hay una disciplina que la subsume, que la contiene dentro que es la semiologie, que es la semiología. Y entonces, por los años cuarenta y tantos, algunos coetáneos de {Polótelev} ya empiezan a trabajar en ámbitos que tienen que ver con la semiótica pero sin llamarla así ¿eh? Hay una parte de mi trabajo que está inédito, que se titulará algo así como "Señalética documental", que nace de una reflexión de algunas partes de Chomsky, de Chomsky, de Polotelev y discípulos que quiero comentaros ¿no?, ¿por qué ha surgido esto?, me pierdo a veces, de vez en cuando me pierdo.
L1: Sí, estábamos hablando del panorama europeo.
L2: Sí, el panorama europeo.
L1: Y el norteamericano también.
L2: Eso es importante para hacernos cargo del problema semiótico. O sea, si hemos mencionado la lingüística y hemos dicho que la lingüística es una parte de la semiótica, entonces seamos consecuentes con el desarrollo histórico que ha tenido la lingüística y pensemos en la posibilidad de que ese desarrollo aún no ha tenido lugar para la semiótica, no sé si me explico. Es decir, que una semiótica generativa, una semiótica generativa transformacional, la expresión misma puede ser chocante, pero no tiene por qué serlo ¿eh? Cuando yo, en los esquemas de lingüística documentada, ya por la lección tercera o cuarto, hablo de una lingüística documental extendida, una concesión al nombre ¿no?, semiótica documental extendida, pues me estaba refiriendo a eso, me estaba refiriendo a eso. Y cuando yo defino la lingüística documental pues recurriendo a una serie de componentes, llamémoslo facetas y los integro dentro de lo que llamo fórmula concepcional, donde cada uno de los componentes tiene su función, estoy haciendo algo que no es nuevo, ya lo había hecho previamente en concepción lógico-lingüística de la documentación para tratar de definir la documentación en general ¿no? En el caso de la lingüística, el problema es más serio, la lingüística documental, es más serio porque yo no sé en Brasil, pero aquí a veces se confunden las cosas, incluso en las denominaciones de las disciplinas. Cuando utilizamos la expresión: "análisis documental", pues algunos compañeros míos decían que una de las partes del análisis documental era una catalogación y otra de las partes del análisis documental era el análisis de contenido, pues léase, lenguajes documentales, que era el nombre que predominaba en España cuando a partir de la propuesta del profesor López Yepes para el Primer Plan de Estudios de Murcia, se crea el término lingüístico documental como disciplina, lo que denominaba eran lenguajes documentales, o sea eran herramientas, no era una disciplina, era el objeto… O sea, era el objeto del estudio de una disciplina. O sea, no se puede confundir una disciplina con su objeto de estudio, es decir, una cosa es el hombre y otra cosa es la antropología. Si los lenguajes documentales {suelen optar}, es obvio, la más elemental reflexión te lleva a no aceptar lo que te han dado simplemente porque lo has recibido. A veces, hay que pararse un poco en decir, ¡hombre!, pero si esto, pero si esto se puede hacer mejor ¡hombre! Y la verdad es que tanto Luis García Botero lo hizo estupendamente, o sea, ese manual que tiene de lingüísticas documental, la idea es fabulosa, es la primera integración que se hizo, es admirable pero podía haber dado un paso más. Entonces, en aquel momento le faltaba la idea, el germen de la semiótica. Vamos a ver, voy a dar un poco marcha atrás, porque empezaba a comentártelo en el café cuando estábamos antes, a propósito de mi trabajo sobre la transducción y (Inaudible 24:28) semiológicas. Bien, yo ahí utilizaba semiología, no utilizaba semiótica, entonces coincidió, coincidió mi defensa de la titularidad, el día dos o tres de septiembre del año 89, en la Universidad de Murcia, la defensa del proyecto docente y el primer ejercicio que era un tema, un tema que elegía uno, ese tema está inédito. Es decir, ha circulado por ahí… (…) Bueno, pues ese tema, ese tema era en documentación "modelos de semiosis lingüísticas secundaria", el título de esa lección, que les pasé en esquema, en reproducción de láminas, había cincuenta y tantas láminas, que se lo pasé a un tribunal porque allí no había posibilidad de presentar un Power Point ni nada de eso, o sea, lo celebramos en la cátedra de la historia de la Medicina fue un sábado por la mañana.
(…) En aquel momento, vamos a ver, tengo que decir que nadie hablaba de semiótica documental más que yo,

que nadie hablaba de semiótica en el mundo de la documentación más que yo. Yo utilizaba términos de semiótica y había una profesora de análisis documental que era (...) que se me echaba a reír porque decía: "eso ¿qué es?": "bueno, algo que no es de letras, tú como eres de historia, pues quizás no te has enterado". Los de letras, de literatura y demás, de lingüística conocemos, conocemos. Y bueno, al final sí, o sea, al final entró por el aro y se dio cuenta de que efectivamente eso era importante, tan importante que en lo que te decía antes que yo llamo lingüística documental extendida, semiótica documental extendida. La semiótica no únicamente se aplica a lo que llamamos indización o resumen, se aplica a otros ámbitos de la conducta, de la redacción lingüística que se establece entre documentalistas, la catalogación también. Una de las preguntas que aparece por allí era ¿cómo se proyecta la lingüística, la semiótica en el mundo de la documentación? Va más allá de los tópicos de la lingüística documental. O sea, vamos a ver, en la lingüística documental amplia el objeto, no únicamente son los documentos textuales los que son objeto de la semiótica documental, también los documentos icónicos, de imagen fija, de imagen móvil y los documentos híbridos, aquellos documentos en los que está supeditado el texto a la imagen o la imagen al texto, cualquiera de los documentos. Es más, es más, el estudio de objetos del Museo, Otlet tiene una concepción, yo lo he defendido también en el trabajo sobre el documento, palabra-objeto, no sé si lo has leído…
(...) Entonces, el título exacto en este momento no lo recuerdo, pero sí recuerdo que es un artículo dedicado íntegramente al documento y al final hay dos puntos: palabra barra objeto. Y el documento considerado como palabra y el documento considerado como objeto, entonces se hace un estudio de la tipología documental; los tipos de documento y salen los documentos {buseísticos}. Es decir, cuales quiera objetos, incluso acciones humanas, acciones humanas que se pueden registrar, lo que podemos filmar. Nos da la impresión de que las cosas cuando están filmadas son documentos, pero antes de ser filmadas no son documentos. Es decir, tú y yo ahora somos documentos, o sea, vamos a ver, depende de lo que entendamos por documento, claro, ahora si el documento es algo que se pueda aducir desde el punto de vista jurídico, para justificar algo o para negarlo, entonces de eso no hablamos. Pero si es algo que aparte de su carácter más o menos efímero o duradero en el tiempo, puede estar, puede ser recogido en la memoria individual, eso es documento. Entonces, de eso también se ocupa, tiene un pase la semiótica. O sea, que no es sólo únicamente los documentos textuales, ni son únicamente los documentos icónicos; imagen fija o imagen móvil; cuales quiera otros documentos, otros tipos de documentos de los que ya se ocupó Otlet en el Tratado de Documentación. Entonces, en ese artículo yo lo recojo.
L1: Pero en esa época, todavía, ellos, los sucesores no estaban muy acostumbrados a…
L2: No, no, en absoluto. No en absoluto.
L1: Por ejemplo, a concebir el documento como algo más allá de lo científico.
L2: Hombre, no, no, no. En aquel momento, en aquel momento, vamos a ver, no se pueden utilizar nombres, prefiero no citar nombres propios, basta con leerlos, basta con leer los libros, pero vamos a ver. En el nacimiento de la documentación, en el nacimiento de cualquier disciplina, los reduccionismos afloran por doquier, eso es normal, es normal, o sea, hay un campo, un campo de visión muy reducido.
L1: Sí, los recortes.
L2: Y tenemos que separarlo un poco, separar para verlo, para abrir óptica, para ver… No es que, tenemos puestas unas ciertas orejeras, las orejeras las recibimos, entonces con esas orejeras, de un hilito tiro. Pero con el tiempo, pues nos vamos liberando de esas orejeras, el ámbito, el campo de estudio se hace más amplio y basta con tener uno la actitud de no aceptar las cosas porque están hechas, sino reflexionar sobre las cosas recibidas, es lo característico de una nueva generación. Como dice Ortega, la nueva generación durante los primeros quince o quizás casi treinta años, acepta acríticamente lo que le han dado, a partir de ese momento, empieza a poner en tela de juicio todo, a veces se pasa de rosca, lo tira todo, pero bueno, entonces al someter a duda y a someter a crisis activa lo recibido, es cuando se puede transformar alguna cosa y eso ocurre también con la semiótica que plantean también. Yo, cuando me encontré con ella, yo venía del mundo de la lógica, había escrito un libro sobre documentación, había hecho alguna cosilla. Entonces yo llevaba un bagaje de aptitudes y de procedimientos de lingüística y de lógica básicamente que me costó muy poco esfuerzo el aplicarlo ¿no? Y eso digamos que era las nuevas lentes con las cuales yo estaba viendo aquello con lo que me encontraba, que la gente que tenía al lado no podía ver porque no había salido del ascensor. La imagen del ascensor ¿ya la conoces? Era preciso haber vivido los problemas de otras disciplinas para volver de ellas a esta otra o a estas otras y de algún modo, inyectar un poco de sangre, sangre nueva con esas ideas, que es lo que yo he intentado hacer, o sea que… Lo que ocurre es que uno de mis problemas es que, bueno no es un problema, es una actitud, es algo (Inaudible 34:36), tengo menos preocupación por publicar que por conocer, o sea y a veces soy un poco ególatra, es decir, Mónica me lo dice: "papa, tienes que comunicar a los demás". Yo prefiero hacerlo así ¿sabes?, mis clases eran así. Una de las cosas, he publicado muchísimo, publicar en el sentido de que he dado ideas originales que no estaban escritas y tal, porque yo empezaba diciendo, para repetir lo que está escrito, no vengo a clase. Y el primer día de clase os dicto trece o catorce obras ¿eh? Y os mando hacer un trabajo. ¿Eh?, como mandaba hacer Fradejas de literatura y no tenemos por qué venir ni ustedes ni yo aquí, a clase. Si vengo aquí es porque les voy a decir algo nuevo o se lo voy a decir de un modo nuevo o se pueden contrastar otro modo de decir ¿no? Y a mí me ha gustado más eso que la documentación, digamos que esa disciplina férrea de, "haz un trabajo" y no, déjalo todo lo demás que te vayas encontrando y céntrate; no, no y van quedando atrás {montones de cosas}.
(…) Vamos a ver, la mayor parte de las cosas que he hecho, las he hecho con ocasión de otras que venían relativamente impuestas, pues así, así funciona prácticamente todo hijo de vecino, o sea porque tienes que hacer una tesis doctoral, pues empiezas acumular materiales y tal, resulta que al final tienes una serie de materiales que no lo has utilizado para la tesis doctoral y las has ido a publicar poco a poco. (...) Así que bueno, estaba muy tranquilo el lunes explicando literatura medieval, siglos de oro, española y universal y crítica literaria cuando me llamaron a Málaga para dar clase (inaudible 36:43). (...)
L1: ¿Pero eso fue la filosofía?
L2: Sí, claro, eso fue la Facultad de Filosofía, lógica, claro, cuando vine yo a Málaga, que diga a Murcia, hice la

oposición de titular de Murcia en el año 89. O sea, yo pasé de Burgos el año 85, estuve cuatro años en Málaga y en el 89 vine a Murcia. Entonces pasé de literatura a lógica y de lógica a documentación.
(…) Entonces, vamos a ver, pero a pesar de eso, a pesar de eso, yo no me arrepiento de haber pasado por la lógica en absoluto. Yo cuando estaba en Burgos explicando literatura, crítica literaria, estaba estudiando lógica medieval, estaba haciendo mi tesis doctoral, yo solito, fuera de un departamento de lógica, entré yo a trabajar un poco a contra corriente prácticamente toda la vida. Eso tiene sus desventajas, pero tiene sus ventajas.
L1: ¿Y sus ventajas?
L2: Pues no tienes que agacharte ante nadie y ese tipo de cosas.
L1: Por ejemplo, en crítica literaria en los años 60, por ejemplo, pocos profesores…
L2: Sí. No, vamos a ver, a mí me contrataron en crítica literaria en el Colegio Universitario de Burgos, entonces era Colegio Universitario integrado de Valladolid porque no encontraban a profesores que dieran crítica literaria.
L1: Sí, además de eso, pocos profesores conocían, por ejemplo, la filosofía lógica, semiótica…
L2: Sí, por supuesto. Sí, no, no, en absoluto. Vamos a ver, el que se diera en una persona el conocimiento en cuanto a formación se refiere, de ideas filosóficas, ideas del pensamiento, tener una buena visión de entrevista del pensamiento y de la teoría literaria, eso era difícil, era difícil, o sea, porque una persona o tenía formación en filosofía o tenía formación en literatura. En mi caso, a qué se debe eso, bueno, yo desde niño he tenido mucha afición a la lingüística, tengo algo de poeta también y las ciencias del lenguaje siempre han andado por mi biblioteca. En Enseñanza Media tuve que dar lengua en todos los niveles educativos. Soy una persona que siempre ha ido bastante más allá de lo que el libro de texto me pueda pedir o el alumno me pueda preguntar. Yo cuando estaba en Reinosa dando clases de cuarto de bachillerato de Lengua y hablaba pues de la teoría perceptiva, pues ya tenía, ya estaba hablando, leyendo la nueva retórica francesa, por ponerte un caso. Entonces, cuando me encontré en Burgos con que tenía que dar clases de crítica literaria, pues aquello en realidad no era nada nuevo, o sea, como que tenía una preparación a largo plazo. Y ese tipo de formación que vas haciendo pues en el día a día de otras disciplinas, pues va surgiendo, o sea, surge de improviso cuando estás planteándote otro tipo de problemas, esto mismo que estamos hablando ahora. Vamos a ir más…
L1: Sí, sí. Por ejemplo, la línea semiótica, la europea y la línea, por ejemplo, de generativismo de Chomsky. Y ¿cómo añadió la semiótica en estos tiempos, la semiótica de (Inaudible 44:01)?, ¿cómo fue?, por ejemplo, pensando además, pensando más adelante que los profesores, los textos que estaban siendo publicados sobre lingüística documental.
L2: Vamos a ver, una cosa es la teoría sobre la lingüística documental o la semiótica documental y otra cosa es el uso de la lingüística documental o de la semiótica documental. Cuando, vuelvo a repetirme otra vez, cuando yo planteo el problema de dar con una definición de documentación, de aceptarla, aceptar, utilizo una metodología que es lingüístico-documental. Si yo utilizo un conjunto de facetas para especificar de alguna forma las competencias de esa disciplina que llamamos documentación o de esa disciplina que llamamos lingüística documental o de esa disciplina que llamamos semiótica documental, estoy aplicando la lingüística documental, ¿por qué te digo esto? Hay un tópico, de acuerdo con el cual, las competencias de la lingüística documental son post documentales, me explico: una vez que el documento está hecho, la lingüística documental se ocupa de él, indizándolo o resumiéndolo. No, ése es el paradigma americano. Otlet nos dice que antes, en y después de la construcción del documento, están presentes las competencias de la lingüística documental. O sea, vamos a ver, si yo quiero construir un documento de un modo adecuado para su recuperación, tengo que diseñarlo de tal forma que la voy buscando, me resulta fácil dar con él. Desde esta perspectiva constructivista si quieres, llámalo como quieras o generativista, la lingüística documental es una disciplina que se ocupa del estudio del documento tanto en su construcción como una vez construido, o sea, a lo largo de la construcción. Cuando yo me planteo un problema de cualquier naturaleza que sea y busco un título que de algún modo centre nuclearmente el problema planteado y busco, tengo una idea de lo que hay hecho, habrá poco porque si no no me ocupo de ello, o sea, hay algo que pueda hacer. Todo este tipo de reflexiones que el investigador se va planteando, están conducidos no únicamente por una metodología del trabajo científico, que eso es una cosa previa alguna filosofía de (Inaudible 47:17) que eso es muy ateo. No, de construcción que al final le van a dar la trama y {el timbre} al documento. Y ahí está presente la lingüística. Entonces, bueno, esto es un paradigma que no es mío, no es mío, o sea, el enfrentamiento entre paradigma norteamericano, que es recuperación de información, damos por sentado que ya la información está ahí. No, mire usted, no, la información no nace por generación espontánea como nacen las margaritas en el campo. Oye, la información la construimos nosotros, con esfuerzo y esa información tiene ciertas reglas de construcción, esas reglas de construcción son, entre otras, lingüísticas o lingüístico-documental. Te voy a poner un ejemplo. Yo siempre digo que en casa del herrero, cuchillo de palo. No creo que sea {digno} de estadísticas, pero estoy seguro que si hacemos estadísticas respecto de las monografías en el ámbito de la documentación y en cualquier otro ámbito; libros que han sido debidamente indizados, con un índice sistemático y un índice alfabético. De tal forma, que yo en pocos movimientos de hojas, pueda decidir si ese libro me interesa o no. Bueno, pues se da la circunstancia de que la mayor parte de los libros, los libros, monografías o poligrafías, pero libros, libros, de documentación están sin índice y pasa cualquier otro…En casa del herrero, cuchillo de palo. O sea, usted aplique la lingüística documental ¿eh?, no al documento después de estar hecho, cuando lo vaya hacer usted. Diseñe usted un esquema y de acuerdo con ese esquema, usted tiene ya hecho lo que los ingleses llaman (inaudible 49:03) y señores, construyan, vayan construyendo, acoplando ¿eh?, haciendo referencias, va construyendo usted el índice. El índice no está al final, está al principio, decir, no está al principio ni al final, está, entonces la indización también y el resumen también. Es decir, vamos construyendo un artículo, tenemos una serie de, digamos, calas hechas en el objeto, buscamos lo que hay de común en esas calas y lo presentamos, eso es un resumen, un resumen. La división en partes de un capítulo, por ejemplo, un capítulo, un apartado, pues invita hacer un resumen, un esbozo de lo que yo llamo (Inaudible 49:43) El resumen no está al final, está al principio. La indización no está al final, está al principio por lo menos {la mía}. Pues ése es el aspecto de la lingüística documental o la semiótica documental, en este caso es lo mismo; lingüística que sea semiótica, que de algún modo va contra, va contra el tópico, el atavismo tradicional. Es

decir, nos han puesto ésta y aquí ya…
L1: Este reactivismo como… sí…Esta parte creativa de la lingüística y más allá de la lingüística en enseñanza documental, creo yo que los expertos y profesionales no están comprendiendo muy bien qué es la parte creativa de la documentación. Cómo le pasó a Otlet y su libro está muy claro.
L2: La idea.
L1: La idea que Otlet planteó y que debemos continuar, que va una idea de por ejemplo, de una documentación creativa, no solamente de una documentación reactiva.
L2: No, no, la presencia de la documentación en la construcción y la creación de documentos. Entonces, eso tiene tal importancia que desde incluso el punto de vista de lo profesional estamos dejando que se nos vaya de las manos, lo que hacen muchos. Yo recuerdo, en cuanto al profesor Moreiro empezó hacer unos estudios, pasó de Murcia a la Carlos III, estuve en Murcia con él, estábamos juntos en Murcia y se examinó pues pocos días después de examinarme yo y cuando empezó uno de esos escarceos {más allá} de profesionales y tal, me decía: "José Antonio, hay que cambiar de paradigma". Nunca me entendió, nunca me entendió. Se obsesionó claro, en un texto de documentación y tal, para manejar documentos y quizá el fallo, el fallo en España ha estado en separar los estudios de documentación de los estudios lingüísticos. A ver si me explico: había una obsesión que ahora se ha dado contra la pared, una obsesión por crear facultades de documentación y por separar las competencias documentales de las otras competencias. Y eso, pues creo que no nos ha venido bien.
L1: ¿Y eso fue en los años 80?
L2: Claro, claro; 89, 90. Yo recuerdo una reunión que tuvimos en el Rectorado, era de convalecencia se llama, Rectorado de Murcia, pues varias Universidades sobre la oportunidad de crear una primera Facultad, que entonces se creaba. Y discutimos lo que quisimos, solamente había una persona de letras de la Universidad de León, no me acuerdo cómo se llama, pero un tío bueno que tenía las ideas muy claras y yo también estaba remando a contra corriente ¿eh? Yo no, no es preciso crear una Facultad. El rector me miraba ahí, cómo diciendo, éste, venía del pueblo, quería hacer que la primera Facultad fuera de la de Murcia y los otros la suya, claro. A ver, quién llega antes ¿no?, quién llega antes. El problema no era qué es lo más adecuado para que esto progrese y que la documentación se aplique debidamente. (…) Yo no sé en vuestro caso, pero en el nuestro, yo he recorrido la Universidad Complutense de Madrid, fui profesor de clases seis meses y medio; la Universidad de Valladolid, la de Burgos, o sea, dependíamos de la Universidad de Valladolid. En Valladolid, se le emancipó Vitoria, se le emancipó León y al final, después de marcharme yo, se le emancipó también Burgos. Pero mientras tanto teníamos estudios del primer ciclo, o sea; primero, segundo y tercero. Después entramos en la diplomatura. Después estuve en Málaga y estuve en Murcia, o sea, te puedo hablar del problema de la Universidad, no de una Universidad ni un departamento. No, hay una constante, una constante problemática, que está allende lo que debería ser la idea de la Universidad. Una de las lecturas de Ortega que más he repasado es la idea de la Universidad y lo que tenemos ahora no se parece en nada a la idea de la Universidad que tenía Ortega. Lo he vivido, lo he vivido y entonces yo me he negado, por ejemplo a dejarles a los chicos los apuntes en la multicopiadora para que lo reproduzcan, para eso fundo una academia y ya está. Una Universidad no es una academia, entonces se ha dado la circunstancia de que el alumno que estaba acostumbrado a estudiar con los apuntes que le daban los profesores, llevaba la mochila vacía de libros, no tenía ni un libro. Yo recuerdo que al final, cuando les dábamos las clases de resumen, yo empezaba con un Seminario de Prácticas de Lectura y Comprensión. Y entonces, una de las primeras partes que tenían que hacer era seleccionar de entre diez libros, de entre los diez libros que ellos quisieran, uno, uno y hacerme un resumen sobre él. Y yo podía a continuación, preguntarle, decirle al día siguiente que me trajera el libro número cuatro o el libro número cinco. La mayor parte de los chavales y chavalas no usaban la cabeza porque no tenían diez libros, digo: "no, no, si no es preciso que los tengáis vosotros, no, diez libros que los tengáis en casa, en vuestra casa, si no tenéis que ir a la biblioteca y sacarlos, que los tengáis en vuestro hábitat donde vivís ¿no?". Su problema es que no tenían libros, y estudiaban biblioteconomía. O sea, son paradojas y los hemos formado así. Entonces, yo me negaba a eso, yo me negaba a eso: "tomad apuntes, tomad apuntes": "no podemos seguir": "es que si hablo más despacio, pues resulta que se me van las ideas". El pensamiento va más o menos rápido, entonces un curso de escenografía: "bueno lo que queráis, lo grabáis". "Podéis grabarlo". Yo le decía a los chavales: "podéis grabarme las clases cuando queráis". Habrá más de uno que las ha dejado (Inaudible 56:19)
L1: Pero tiene que ver… Sí.
L2: Pero eso se concilia con la idea de la clase, o sea, en una parte sobre la {transducción}, me parece que yo recuerdo con ocasión de una reflexión que yo hice sobre Carpentier, la diferencia entre la Universidad medieval y la Universidad moderna, la napoleónica. El hombre, el hombre medieval entraba en el aula sin libro y salía con él, o sea, los libros se generaban, se producía la reportati, se hacían en el aula, o sea, los alumnos toman apuntes; el profesor hace una reportati o lo asume y sale un libro. En la Universidad moderna, entra con libro y sale sin él, o sea, el problema de la crítica, entra con un libro. ¿Cuál es mejor, la una o la otra? Son imprescindibles las dos, son imprescindibles. Es preciso que en la docencia se esté de algún modo investigando, que en la clase se esté produciendo algo, independientemente de que eso se publique o no se publique. Mira, de eso, por ejemplo, sí tuve la suerte de que se lo publicaron, gracias a dios, hubo cuatro alumnos aventajados que siguieron el curso. Hay una edición preciosa de Pulio Di Mauro, no sé si la conoces, un italiano, una edición anotada del curso de lingüística general que de esos…, en francés, Pulio Di Mauro es un italiano, entonces ha hecho una edición voluminosa, tiene muchos años, {me lo traje en los años setenta}. Y entonces ahí explica pues cómo nació el libro, tomando notas y de quién se ha tomado esa parte del libro, quién no la tenía. Un estudio casi de crítica textual, cómo han cotejado los cuatro coautores.
L1: Sí, hay veces que se repiten…
L2: Claro, sí quien toma una nota o cuando la toma, se fusiona, como cuando se hace una comisión de apuntes. Vamos a ver, aquí, en Murcia por lo menos y en Madrid también, se hacían comisiones de apuntes. O sea, se juntaban unos cuantos alumnos y tenían puestas en común y ponían en común las notas y elaboraban los apuntes. Sí, sí, una suerte histórica si eso no lo hubieran hecho, no habríamos tenido… Porque la producción previa de eso, sí, no tenía nada que ver con eso, absolutamente nada. Los estudios son del mundo europeo, era

de la lingüística histórica, de evolución de la lingüística. Era la diacronía, la lingüística diacrónica frente a la lingüística sincrónica, la que está presente en el curso, de la estructural.
L1: Otra cosa, esta lingüística documental, me parece a veces que está demasiado manejada por los estructuralistas, mucho más por ejemplo, que la propuesta de una semiótica, que es más grande y más compleja, que una línea solamente lingüística. No, estoy diciendo respecto de sus trabajos, pero de cómo ellos son entendidos, por ejemplo, por la comunidad académica de documentación. A veces quieren una receta, algo muy rápido, muy unitivo y esto ¿cómo concurre para no crear una concepción teórica que sale de la documentación para otros campos?
L2: No sé si te he entendido bien, vamos a ver. El estructuralismo es un movimiento filosófico que digamos encarnó en la lingüística, como se encarnó en la filosofía, como el deconstrutivismo que quizás sea uno de los epígonos del estructuralismo de la teoría de la deconstrucción. Estructuralismos hay muchos, te he mencionado dos por los dos continentes el descriptivista y el peruano. Dentro del panorama europeo, había sus grandes diferencias, qué sé yo, se puede oponer perfectamente la concepción del lenguaje que tiene Heisler con la de Desosi. Vamos a ver, hay dos binomios, en el caso de Heisler, a lo que corresponde uno en el caso de Desosi. Heisler distingue entre expresión y continente; Desosi distingue entre signifiance y signifié, significante, significado. Hay más o menos un paralelismo, pero el paralelismo se corta radicalmente en cuanto Heisler dice: "y hay una forma del contenido y hay una sustancia del contenido y hay una forma de la expresión y hay una sustancia de la expresión". Y por eso no hay ninguna correspondencia y si lees con detenimiento, te das cuenta de que cuando Heisler maneja el concepto de forma y el concepto de sustancia, está de algún modo tergiversando el significado que venían teniendo las palabras en la trayectoria aristotélica porque para Aristóteles la sustancia, toda sustancia, incluso el hombre, el texto, el texto mismo, el texto lo dice la poética y literalmente, la retórica pero más en la poética, es una sustancia que tiene una materia y una forma; por tanto, la materia y la forma son componentes de la sustancia y lo que está haciendo Heisler es retorcer el trinomio ¿eh? y sustituir materia, forma de la expresión, sustancia de la expresión; forma del contenido, sustancia del contenido, sustancia por materia. Es materia y forma. Entonces, donde dice sustancia, parece que como que debiera decir materia, eso en el caso de Barthes se cumple perfectamente. Hay una parte de la obra, ¿cómo se llama la obra de Barthes?, ensayos sociológicos.
L1: Elementos de semiología.
L2: Elementos de semiología, donde hace un estudio de esos planos de la expresión y del contenido y la interpretación que hace es a partir de (Inaudible 1:04:08). Bueno, de eso {sí, en eso no entra}, o sea que hay diferencias, hay diferencias. Sin embargo, pues la tesis de Mónica, de mi hija, fue la forma del contenido, o sea, el objeto y núcleo de la tesis era la forma del contenido. Teníamos un documento, bueno sí, el contenido interesa, la sustancia, pero interesaba básicamente la forma. Es lo que los estructuralistas llamarían "estructura", es que los medievales llamaban ordo. Tomás de Aquino llamaba ordo, que es la distribución de las partes en el espacio; espacio físico o espacio de otro tipo. Volviendo a lo del estructuralismo. Bueno, hay muchos estructurales, en filosofía y en literatura. Sobre todo cuando el estructuralismo entra en, se enfrenta o se encuentra con los problemas de la vida real y la historia, la historia. Cuando más allá del texto se echa mano a un contexto que es histórico y situacional. Todo eso, el estructuralismo puro nunca pudo explicarlo. Algunos estructuralistas, entre comillas ya, Barthes es estructuralista, pero lo es a su modo, Telmo, vamos a ver, no lo puedes comparar con Van Denise, por ejemplo. Van Denise, sus dos libros, no; lo puedes comparar con formalistas rusos. Los formalistas rusos, algunos de los cuales aterrizaron justamente en {lo mismo} que él. Los formalistas rusos tienen una visión estructuralista también del texto, pero con una diferencia y es que ellos aterrizan en la vida real, vienen del marxismo, la mayor parte de ellos. Entonces, las polémicas entre los estructuralistas y los marxistas eran permanentes, quizá fue lo que hizo que entrara en crisis, la propia idea del estructuralismo como movimiento filosófico, igual que el existencialismo. Y son dos movimientos casi coetáneos del sector, que a veces se cruzan, pues tú lees "Ser y tiempo" de Jaime León, es existencialista, es existencialismo puro, existencialismo negro, puro.
L1: Pero los conceptos surrealistas que la lingüística ha recomendado que dicen, que ha propuesto García Gutiérrez no es por ejemplo, demasiado estrecho, porque las propuestas que un señor podría optar…
L2: Vamos a ver, a ver si me explico. No quiero molestar a las personas. García Gutiérrez escribió bastante de lingüística, no tenía conocimientos de lingüística, García Gutiérrez no recuerdo el año que se celebró la oposición de Félix Sagredo que fue el año que publicó "El Sonido", yo acaba de publicar: "Concepción lingüística de la documentación". Él se había formado en una Escuela de Periodismo, los conocimientos que tenía de lingüística, al margen ya de lo que él hubiera estudiado por sí mismo, son los de un auto didacta y tampoco había explicado nunca, no sé, digamos que la dinámica de la docencia no le había obligado a hincarle el diente más allá de lo que pueda de uno, de un autor, cosa que a otros pues no nos ha ocurrido, o sea, yo tenía que explicar crítica literaria. Y bueno, pues llegado cierto momento, pues digo vamos a ver y cómo se aplica la morfología del cuento ruso a este cuento de Caperucita Roja, por poner un caso ¿no? Pues claro, tengo que saber cuáles son los actuantes, haber leído a Greimas o no haberlo leído. Pero no sé si me explico, o sea, adquiero un conocimiento más allá de lo episódico. Eso requiere el que se haya posado de alguna forma, se hayan posado las ideas de la disciplina que se está utilizando para aplicar la… El esfuerzo que hizo García Gutiérrez fue tremendo, yo lo puedo entender, pero las limitaciones que tenía que tener forzosamente, no dependían de él también. Es como si una persona se pone hablar de lógica elemental o de lógica yo qué sé, difusa o borrosa y no tiene ni idea de lógica clásica, pues no puede. Puede haber leído cuatro o cinco ideas y las aplica y tal. Entonces, ésa es una de las limitaciones del esfuerzo cuando se aplica porque no se conoce en parte. O sea, vamos a ver, quién no haya hecho nunca una prueba de sustitución y una prueba de conmutación en un texto, sea poético o no sea poético, pues oye hablar de la oposición de los fonemas y de la aplicación del sistema fonológico a otros niveles de análisis de la lengua y pues no lo entiende, no lo entiende. Si yo hablo del archi documento y el transcriptor de turno de la revista de la Complutense me lee archivo documento, porque eso de archi documento no le suena, pues usted ya me lo ha dicho todo, (...), le puso eso, digo me has jodido el invento. Archi fonema, archi lexema, archi senema, archi documento, así de sencillo. Es una aplicación de

una categoría lingüística a una categoría documental, se puede hacer, no es ninguna extrapolación que fuerce la dinámica de las cosas ¿no? Entonces, eso requiere un conocimiento de lo que es un archi lexema, un archi fonema. Haber dedicado más tiempo, monoficio, no por apremio, no por apremio, por apremio se pueden hacer montajes documental, un montaje psicológico de la documentación y estudio rápidamente unos cuantos manuales de psicología, no, con eso no lo arreglas. Tiene que haber una preparación más a largo plazo, que se vayan posando las ideas, las ideas se van llamando unas a otras, se van haciendo sugerentes, entonces ya sí, entonces ya preparas (Inaudible 1:11:25) para poderlo aplicar a otro ámbito. No sé si eso es lo que me estabas preguntando.
L1: Sí, porque por ejemplo en Brasil, las ideas de la lingüística documental son muy utilizadas.
L2: Bueno, sí, yo leí al principio mucho al {Grupo Telmal}, hay muchísimos, pero mucho, mucho y me gustaba, coincidía, quizás el único interlocutor válido que yo tenía al principio cuando venía del mundo de la lógica, mundo de la documentación eráis vosotros, por eso mucho de lo que yo sé lo he aprendido de vosotros: las ideas, por ejemplo. Pues claro, mis competencias iniciales eran distintas de las personas que habían escrito aquello, pero las ideas, muchas ideas me las habéis dado vosotros y tengo que reconocerlo.
L1: Me parece que en los años 80 en España fue muy productivo.
L2: Sí, más adelante, más adelante. En el 88. Sí.
L1: Finales de los años ochenta, a principios de los noventa.
L2: Sí, sí. Son los años en los que yo hice mi tesis doctoral. El año 83 se publicó el {concepto} (Inaudible 1:12:32) de documentación. Dos años después me parece que publicó Antonio Luis su lingüística documental, sí y son años bastante productivos. Si tú sigues en la tabla de las definiciones de documentación, sabes a lo que me refiero ¿no?
L1: Sí.
L2: Con los autores que van apareciendo, eso te puede servir porque está ordenado más o menos cronológicamente, que fue otra de las proyecciones del análisis de facetas, no de los primeros atisbos.
L1: Porque así que algunas teorías de discusiones que fueran hechas en España, los brasileños empezaron a estudiar…
L2: Bueno, pero otro tipo de estructuralismo, el estructuralismo generativista. Vamos a ver, en España en aquel momento no había nadie en documentación y no creo que eso sea ser presumido, nadie en documentación que pudiera hacer algo análogo o diseñar la idea de hacer algo análogo en documentación, a lo que había ocurrido con la historia de la lingüística, por una razón muy sencilla, porque a Chomsky no se le conocía, porque meterse en la gramática estándar de Chomsky o en la gramática equis barra, pues es costoso, o sea, es que tienes que estudiar. Tienes que cogerte una serie de libros y machacarlos y machacarlos, es imposible, tienes que hacer otras cosas. O sea, es muy fácil explicar por qué no se hizo otro tipo de cosas en documentación, porque no había tiempo para hacerlo. Es decir, porque era una disciplina reciente y hemos venido viviendo un poco de rentas y cuidando bastante las palabras del maestro, eso en una disciplina nunca es bueno. Es preciso que existan nuevos turcos como le ocurrió a Chomsky en la semántica, ¿por qué hizo tac el sistema chomskiano?, porque los semantistas, los semantidistas, le salieron, vamos, enanos por todas partes. Eso en documentación no ha ocurrido, no ha ocurrido, o sea, quizás la próxima generación, la vuestra, es la que tiene que hacerlo, de olvidaros un poco de la reverencia a lo que se dijo ¿eh? y ateneros a las cosas mismas, la vuelta a las cosas mismas, ser más positivos. Y eso en realidad es lo que puede generar un cambio en la documentación o un mantenimiento, porque el problema actual pragmático es un mantenimiento. Está que desaparece. En España está que desaparece. Yo he sugerido ya cómo se puede salvar, que es la vuelta a los orígenes. Es decir, que esté en las Facultades de Letras, eso que se llama Facultades de Letras o de Humanidades, que se encuadre ahí y que a continuación se ramifiquen en todas las ciencias, porque no lo he dicho antes, pero vamos a ver, Pierce es de entre los contemporáneos, por llamarlo de alguna forma, uno de los grandes mejores conocedores de la época medieval. El único semiótico en el que he visto citado el libro Gramática Especulativa {y de} Modis significanti, es decir, la gramática especulativa o sobre los modos de significar, que era el tipo de gramática que regía en la Edad Media entre la lógica y la retórica, ese tipo de gramática, es Pierce. Pierce cita a Tomás Derfo, en eso se equivocó porque no fue el autor del primer de modis significanti, pero lo cita, es el único, lo que significa que lo había leído, no lo cita por citar. Por tanto, era un conocedor de la semiótica medieval, ¿qué debe Chomsky…?, que diga Chomsky, estamos hablando de Pierce, ¿qué debe Pierce a la semiótica medieval? Pues sería una buena tesis.
L1: Sí, sería una buena tesis.
L2: Sería una buena tesis, pero esa tesis requeriría competencias y conocimiento…
L1: Una tesis de filosofía.
L2: Sí, claro, competencias filosóficas, primero para leer a Pierce y segundo para hacer un rastreo de la gramática, la gramática medieval. La historia de la lógica medieval se ha escrito, yo hubiera seguido escribiéndola, pero se ha escrito… La historia de la gramática medieval no se ha escrito, no se ha escrito, se ha pegado un salto de Donato, Prisciano, que eran los dos grandes gramáticos de la Edad Antigua. Bueno, los epígonos del helenismo, del periodo alejandrino pos-aristotélicos. Se ha pegado un salto de los estudios gramaticales sobre estos, salvo el mencionado de modis significanti, que se han hecho algunos estudios. Tengo dos conferencias, tres carpetas así para publicar, pero bueno, también está muerto de risa. Mi primera incursión en Málaga fue un año antes de irme y hablé del de modis significanti en la gramática; tres manuales, tres libros distintos de {Thomas}. Y se pegó un salto sin más en los estudios históricos a las gramáticas cartesianas; la gramática de Port-Royal y la lógica de Port-Royal iban siempre juntas, que fue lo que conoció Chomsky precisamente de la lingüística, la gramática de Port-Royal, la gramática de antes. Y bueno, ya lo demás es contemporáneo, pero lo propiamente medieval, lo que está incluido dentro de los Tratados de Lógica, la (inaudible 1:19:02), eso desde el punto de vista gramatical, no se estudia. Yo tengo ficheros enteros de notas tomadas, que iba haciendo pues paralelamente a la tesis: esto para un artículo, esto para esto y ya está…
L1: Siempre así, siempre así.
L2: Muerto de risa. Yo siempre he trabajado así, además ficheros, unos en metálico, pero otros son cajas de

zapatos, cajas de zapatos que después con papeles les he atado y están llenos de polvo, claro, a ver quién se ocupada de eso ahora ¿no? Si me da la vena de dejar lo que estoy haciendo ahora y me pongo a publicar eso. Pero tengo la alternativa entre eso y la documentación, o sea, es que hay cosillas que están ya hechas, ésas tenía que publicarlas, tengo que hacerme con un editor, que sea promotor editorial ¿no?, promotor editor, porque someterlo al juicio de los lógicos no quiero hacerlo, o sea, ésa es una de las razones por la cual yo no he publicado.
L1: Sí.
L2: Porque terminé de ellos hasta aquí, hasta aquí. No quería saber nada de la lógica académica y si yo enviaba algo para publicar que tuviera que ver con la lógica, automáticamente los *referees* iban a ser los académicos de la lógica. Y por eso este cura no pasa eso.
L1: Qué pena, qué pena.
L2: Sí, no sé, se quedará ahí, pero bueno eso está en la (Inaudible 1:20:23)
L1: ¡Ah!, sí, no sé…
L2: Eso está {mecanografiado}, no, no, hecho a máquina.
L1: Yo pensé que era unos manuscritos.
L2: No, no. Por ejemplo, el sistema de… es pasigrafía es parecido al de Fray, de las proposiciones de oblicuo, que era uno de los trabajos que yo tenía iniciados cuando hice la oposición en Murcia, que diga en Murcia, en Málaga. Bueno, eso tiene una pasigrafía, un simbolismo muy parecido al que utiliza Pierce, muy parecido. Lo que utiliza es lógica y la teoría de Grafos, de él también me impactó bastante. De hecho, en los esquemas de {hechos} documentales está recogida la bibliografía, la referencia. Las disciplinas que de algún modo se cruzan con la lingüística documental. Andando el tiempo, se me dio la razón, como los grafos están presentes, esto ocurrió pues también, {dicho algo} de Porfirio, cuando yo les obligaba a mis alumnos a aprenderse los cinco predicables, decía uno: "eso es filosofía", digo: "sí, sí que es filosofía, pero sin filosofía nos quedamos sin documentación". Vamos a ver: "y usted a Javier Tesauro, dónde no exista el concepto de {filosofía, existe otro} concepto especie, a ver cómo lo hace usted. Pues mire, esos son dos, faltan tres, faltan tres, piense usted que esos tres tienen su papel y nadie se ha ocupado de ellos, así que porque usted los aprenda, que queden ahí, usted los aplica u otro los aplicará, pero por lo menos que quede constancia que aquí yo que vengo de la filosofía he hablado de eso, porque de eso se habla". Es así, eso es así, pues claro, son las aportaciones que te vienen de otras disciplinas, que eso es preciso haberlo vivido, o sea, hombre, si solamente hubiera estudiado filosofía, me hubiera metido en el mundo de la lógica, pues eso me daría pues nada…Una ocurrencia que tuvo pues Porfirio cuando comentó las categorías de Aristóteles y pare usted de contar y nada más. Un comentario entre otros, no mire usted, es que es muy importante. Es que esto es muy importante sin eso no se entiende nada; la teoría de la definición, la teoría de la adhesión, la clasificación misma no se entiende ¿entiendes?
L1: Hubo otro autor que había dicho que Charles Morris, quizás es poco conocida…
L2: Sí, Morris, quizás es poco conocido.
L1: Sí, en documentación.
L2: Sí, sí.
(...)
L2: Vamos a ver, el libro de Morris, en la versión española del libro de Charles Morris, en los tres últimos años que yo di clases en Murcia, los alumnos tenían que leerlo y comentarlo, comentarlo en clase.
L1: Sí, el fundamento de la teoría de los signos.
L2: Sí, de la teoría de los signos. Sí, bueno, pues eso había una serie de páginas con textos perfectamente enmarcados, yo se los enmarcaba en clase, los explicaba, me daba de sí para hablar de todo. Hicimos un recorrido de toda la semiótica y de toda la crítica habida y por haber, o sea, para mí era una gozada aquello. Yo, encontrarme en clase con un texto y sacarle jugo, para mí es una gozada, porque eso rompe todos los esquemas. Puedo tener una idea preconcebida de qué voy a decir con ocasión de ese texto, porque ya lo he comentado más de una vez, pero es que cada vez… O sea, para mí, lo digo en un articulito pequeño, no me acuerdo cómo se titula, que el texto es un pozo sin fondo, o sea, siempre, siempre, puedes sacar algo más. Y cada vez que te enfrentas a él, ves ecos, actitudes, perspectivas distintas que no se te han ocurrido hasta ese momento.
L1: Entonces, en estas clases de lingüística documental.
L2: Sí.
L1: ¿Tenían clase de semiótica?
L2: Hombre, claro, claro.
L1: De semiótica en general: Morris, Pierce.
L2: Claro, claro, claro, claro, claro. Hombre, yo no les hablaba, citaba, pues qué sé yo, por ejemplo, binomios semióticos, pues sintagma-paradigma, sincronía-diacronía, tópico-comentario, tipo-muestra. Todo este tipo de, claro, son binomios. Yo les decía: "mirad, estos son puntos cardinales para orientarnos por las ideas". Estamos perdidos por la selva y hay que orientarse. Y entonces, pues en lugar de haber cuatro puntos cardinales, la rosa de los vientos tiene muchos más, necesitamos todos estos. Vamos hacer una descripción o una clasificación de los lenguajes documentales, pues cómo vamos a distinguir unos de otros, pues utilizando este tipo de binomios, de opuestos ¿no? Y es otro de los componentes de la semiótica, es la aplicación de la semiótica a la semiótica misma. Yo hago una clasificación de los lenguajes documentales y utilizo los binomios semióticos para oponerles y alguna tabla y alguna tabla, con más y con menos análogas a las que hacía {Poper} cuando definía, pues los elementos que sirven para sentarse: la banqueta, la silla, el sillón. Lo que tienen en común, lo que tienen diferencial. Entonces, en el caso de los lenguajes documentales lo mismo, sólo que los binomios de oposición son semióticos, porque tienen que ver con la teoría de los signos. Eso lo hacíamos nosotros a la hora de definir los lenguajes documentales. Claro, pues es otra de las cosas que tengo que comunicar, está muerto de risa ahí, incluso utilizamos dos programas de los que se servían los psicólogos, psicólogos-clínicos para emitir diagnósticos. Entonces, yo los utilizaba, con la caracterización de los lenguajes documentales y funcionaban que no veas… Eran programas de libre disposición, eran dos programitas muy interesantes,

terminaban haciéndote unos gráficos, con los cuadrados famosos de oposición dentro de los lenguajes, te lo explicaba perfectamente, como puntitos…
L1: ¿Y esta asignatura no fue copiada por otra Universidad en España?
L2: No. No, no. Vamos a ver… No, vamos a ver, solamente había lingüística documental en Murcia y en los demás lugares había lenguajes documentales, ha terminado habiendo lenguajes documentales, lo que hubo al principio, o sea, no hubo ningún cambio, lenguajes documentales. Resumen, a veces, no siempre, te viene el resumen. Hay facultades en las que no ha habido una asignatura que se llame resumir, teoría del resumen. Hombre, yo no voy a decir que la lingüística documental se pueda reducir a teoría de la indización, teoría y práctica de la indización, teoría y práctica del resumen, pero sí que son dos grandes núcleos, no son los únicos. Esos son los aspectos de la lingüística documental o semiótica documental extendida. Hay otras aplicaciones distintas de la lingüística o de la semiótica documental que no son propiamente indización ni son resumen. A pesar de la proximidad que pueda haber en cierto momento, entre un indizado y un resumido, o sea, es prácticamente lo mismo. Un resumen telegráfico y un indizado de encabezamiento de materias, pues son prácticamente lo mismo, o sea que no, no hay diferencia, en cuanto a estructura, pero la función en sí está claro. La función de reescribir o la función del sustituir un documento cara a una opción.
L1: Yo me imaginaba que la idea de lingüística documental tenía…
L2: No solamente cuajó…
L1: En Murcia, pero en otras Universidades.
L2: Cuajó en Murcia nada más, nada más. Y es que además no hubo ni un connato.
L1: ¿Y por qué?, ¿dependía de algún experto, alguien que fuera…?
L2: No lo sé. Vamos a ver…
L1: ¿Conocer alguna otra cosa…?
L2: Es que mira, el mundo de la Universidad es un mundo que se mueve de un modo extraño. Vamos a ver, son los departamentos los que deciden, proponen, crean comisiones ¿eh? A veces crean omisiones, en lugar de crear comisiones, crean omisiones.
L1: Omisiones.
L2: Ratifican los acuerdos tomados o decididos por una Comisión ¿eh?
L1: O decidido antes.
L2: Sí, sí, sí o decidido antes, porque tienen mayoría, más que mayoría absoluta, lo que sea para ganar una votación. Si no, pues no se plantea el tema, o sea, si no se puede cambiar el Plan de Estudios porque no va haber votos suficientes, pues se mantiene, pero si hay votos suficientes, pensamos a ver qué nueva asignatura podemos poner porque fulanito de tal que está ahí esperando, acaba de hacer la tesis y tal, tiene que entrar al departamento y a ver si conseguimos que entre y tal, pues una asignatura para él. Ésa es la tragedia de la Universidad. Pero no la de Murcia, es de todas.
L1: De todas. Todas, eso va en el talante del sistema. Es un mal endémico, eso no hay modo de hacerlo, o sea, mientras la democracia del voto sea cuantitativa, asépticamente cuantitativa, lo que pasa es eso. O sea, hay que arbitrar un dispositivo político, para conseguir el máximo número de votos, y con eso tengo alumnos que en su día estarán donde estoy yo ahora, porque esos alumnos estarán votando ahí dónde estoy yo o dónde estás tú. Y pasado mañana crearán planes y conseguirán que saquen a concurso plazas que les vayan a ellos y no a otros. Y así sigue la bola, lo he vivido, lo he vivido, nada más lejano del fin de la universidad, del fin de la enseñanza. Pero eso bueno, eso, en otro orden de cosas ocurre también, en otros niveles de enseñanza, no creas que ocurre únicamente en la universidad. No estamos hablando de semiótica en este momento…
L1: Sí, no, no, no. ¿Es lo que impide que la semiótica…?
L2: Sí.
L1: Que se desarrolle.
L2: Que se desarrolle. Las ideas…
(...)
L1: Sí, tocamos los puntos de la semiótica, los fundamentos de la semiótica.
L2: ¡Ah!, bueno, perdona, lo de Morris, Charles Morris, sí, bueno, vamos a ver, mira. Que yo me he quedado con lo de la lectura que hacíamos y el comentario. Yo lo utilicé bastante en el proyecto docente, los sistemas de lingüística documental, lo cité y tal. Bueno, cité a Fray, no tiene nada que ver en principio con él ¿no? Pero lo de Charles Morris, hay dos aspectos importantes, que es el hecho de que aparezca el libro al que nos hemos referido antes, en el ideal de la enciclopedia positiva, o sea que Charles Morris se inserta dentro como Karna, (Inaudible 1:32:21) Karna dentro del neopositivismo lógico. Y el neopositivismo lógico tiene una idea muy clara de lo que quiere que sea la ciencia, va hacia una ciencia unificada y que esa ciencia unificada esté regida por una ciencia que sea nuclear. Esa ciencia nuclear para Charles Morris, está claro que es la semiótica. Yo, a mí eso me ganó, me ganó por una razón muy sencilla, porque cuando los lógicos medievales definían la dialéctica, entonces se llamaba dialéctica {a la lógica}, decía que {as ascium, exciencia, excienciarum}, que es el arte de las artes y la ciencia de las ciencias, O sea, que en lo que en la Edad Media se decía que era el papel de la dialéctica de la lógica, es lo que para Charles Morris, en ese ideal de la ciencia unificada, tenía que ser la semiótica. Y en eso coincide con Pierce, están totalmente de acuerdo los dos. O sea, la semiótica es omnipresente, está presente en todos los ámbitos, no únicamente en la documentación, eso es obvio. Bien; el segundo aspecto importante, lo digo como telón de fondo, bueno, por supuesto, el positivismo yo no lo acepto y ni creo que lo acepte nadie, ni Popper siquiera terminó ya aceptándolo, que ya es decir. A Popper lo conocí en un Congreso de Historia de la Lógica, y casi se nos muere porque yo fumaba, estaba (Inaudible 1:34:10), fumaba que no veas, en un autobús yendo a Covarrubias, tuvimos que bajar todos porque echaba las tripas, bueno… No sé qué te iba a decir, es que me han venido los recuerdos.
L1: Sí, de Morris. Sí, habla de Morris.
L2: Sí, sí, sí, sí. Me estoy viendo, firmando en el libro de Covarrubias, con Karl Popper a mi izquierda y yo firmando al lado de él, ahí está el año 67, 66, 67, un Congreso que hubo en Burgos de Historia de la Lógica; el primero, hubo dos. Entonces no sé qué te iba a decir, vamos a ver, porque ha surgido lo de Pierce. ¡Ah!, bueno,

estábamos con Charles Morris. La segunda idea de fondo importante a la hora de leer, yo se lo decía a los alumnos, de leer el libro de Morris, es su actitud conductista. O sea, para Charles Morris, el signo hay que entenderlo como dentro del esquema estímulo-respuesta, entonces, eso es lo que para mí, no es de (Inaudible 1:35:21), o sea, el aspecto de Morris con el que yo voy siempre con una cierta prevención. Fue justamente contra lo que {luchó Chomsky} pero en {Blonffil}, o sea, en otro orden de cosas dentro del mundo de la lingüística, la idea que tenía {Blonffil} de los dos planos significantes y significado y la asociación con su amentalismo galopante, o sea, Chomsky era un mentalista, por eso prácticamente era imbatista también, por eso sintonizó con Descartes. {Blonfill} y en el caso del que estamos hablando, de este positivista en absoluto, o sea que, por lo demás, pues es íntegramente salvable.
L1: Sí, por ejemplo, la idea de pragmática, la concepción…
L2: Claro, claro, la sintaxis, la semántica y la pragmática. Las tres grandes ¿no? Pero es que esas ideas están, esas ideas, vamos a ver, si no son nuevas. Hay que hacer una historia de la semiótica, no son nuevas. Antes, me he referido, sin quererlo, a los tres tipos de significado: significado léxico, significado…
L1: Contextual.
L2: Contextual, significado usual y vamos a ver, significado léxico, significado contextual, ¿cuál era el otro?, se me van las ideas…
L1: ¿No es usual?, no.
L2: El usual, el usual, sí, el contexto. El uso, el uso, mencionamos a {Birdie Epstein}, ahí están prácticamente las tres dimensiones de la semiótica: la sintaxis, la semántica y la pragmática.
L1: Sí, tienes razón. Deberíamos hacer un repaso…
L2: Sí. Hay una especie de paralelismo, paralelismo de significado usual, que corresponde, o sea, dentro de la semántica. O sea, está claro que la semántica {necesita significado}, aunque no sea {privativamente} significado, en el sentido de la verdad, coherencia etc. ¿no? Una serie de propiedades que tiene el lenguaje, están de algún modo asociadas con el significado ¿no? De hecho las palabras tienen significado. Las agrupaciones de palabras ya, pueden tener significado, pero ya tienen otros caracteres distintos, de los nombres mismos ya… Cada una de las categorías oracionales, tiene también su tipo de significatividad por llamarlo de alguna forma. Entonces, de todo esto se ocupa la semántica obviamente. Pero lo nuclear es el significado, pero aparte de eso, en el caso del léxico, tenemos la norma. {La terna de Coseriu}, {la terna de Coseriu}, el sistema, la norma y el habla. Las ideas de Coseriu, vienen a coincidir prácticamente en lo mismo también. O sea, vas analizando distintos estratos del lenguaje y vas viendo como hay una cierta reusividad, se va repitiendo lo mismo, con ciertas modulaciones distintas. Y si hiciéramos una operación análoga en la fonología, nos ocurriría prácticamente lo mismo, tendríamos que sustituir el concepto de significado por el distintividad de unos fonemas de otros, el sistema de oposiciones también sería parecido. (Inaudible 1:38:44), de hecho en los elementos de fonología lo dice literalmente. Es otra de las partes que yo exploté, exploté en un curso de la Isco, lo lancé así, con el propósito de publicarlo y está muerto de risa. De ahí surgió el concepto de archi documento, de aquel Congreso, pero hay otros muchos más, claro. ¡Ah!, bueno, hay otros autores que tenemos que mencionar, muchos, por ejemplo, a Humberto Eco no lo hemos mencionado.
L1: No.
L2: Bueno, pues de Humberto Eco hay mucho que decir, hay mucho que decir. Yo empecé ocupándome de Humberto Eco en el año 76, 75, 76, en crítica literaria con "Estructura Ausente". La estructura ausente es un libro que hay que leer, volver a leer, releer y volver a leer, porque ya el tratado de simétrica general, signo, otros que ha ido escribiendo posteriormente ya son derivaciones sobre lo mismo, igual puedes encontrar una clasificación de los signos más clara, o sea, más desnuda en el signo mismo, en el libro de los signos, que en la estructura ausente. A mí, la estructura ausente me impactó muchísimo, sobre todo, la teoría de los códigos, que es otra de las ideas que yo en las clases he potenciado bastante, que tiene sus aplicaciones en semiótica, en semiótica documental, como una estratificación de códigos, una jerarquización de códigos; códigos de distinto nivel, de nivel…, la mayor parte de ellos son códigos lingüísticos. De hecho, pues no se puede entender una comunicación sin codificación y decodificación, sistemas de clasificación. Y ya cuando entramos en problemas, transtextuales o paratextuales, los paralenguajes ¿no?, de los gestos, los ademanes, la mímica, los objetos que nos rodean. La teoría de los objetos de {Demore}, de los alemanes, hay una semiótica de los objetos también, que está bastante estudiada. Estaba, estaba bastante estudiada.
L1: Entonces de Eco, saltó más el concepto de código.
L2: ¿Cómo?
L1: De Humberto Eco, saltó como más importante el concepto de código.
L2: Sí, sí, bueno, de lo más importante, para mí sí. Vamos, importante en el sentido de que lo machaca, lo estudia, lo clasifica, lo ejemplifica. Claro, es el gran, la palabra clave yo creo que es una de las palabras clave, sino es la palabra clave, es una de las palabras clave de la estructura ausente.
L1: A mí, me parece, la idea de código más democrática para la documentación, porque pone en el mismo nivel varios sistemas de signos.
L2: Sí, sí, es dialógica. Vamos a ver, reconsidera distintos planos del lenguaje. En cada plano del lenguaje hay su código, su código, vamos a ver, el subsistema vocálico o el subsistema consonántico de un sistema fonológico, pues está claro que son códigos o componentes de código. A la hora de estructurar una morfología de que esos fonemas se realicen en palabras y se puedan construir sílabas, sílabas pronunciables, que acopladas unas con otras den significantes, significantes elementales de las palabras simples. Y dando un paso más, las reglas de composición, derivación, parasíntesis, de las palabras unas con otras, para formar agrupaciones de palabras que son dadoras de sentido, que tienen sentido o dando un paso más, grupos funcionales, que tienen un papel en una frase simple o en una frase compuesta hasta llegar al concepto de párrafo, de unidad, con un tópico definido ¿no?, que se puede ensamblar con otros y ya pasamos al concepto de {lexos}. Son niveles de código distintos. Yo les ponía a los alumnos, cuando hacía este comentario de los códigos, el ejemplo de las combinaciones que se pueden hacer sin repetición y con orden de las letras que aparecen en la palabra Amor, se lo ponía como ejemplo de combinatoria, de combinatoria. Entonces, veíamos

las combinaciones que se pueden hacer ¿no?, de pues cuatro elementos, tomados de cuatro en cuatro sin repetición pero con orden. Entonces, la combinatoria pone ya un límite, ni más ni menos, es un código. Es un código posibilítante, es decir que nos da las posibilidades. Después, en una lengua determinada, de entre las combinaciones posibles que se pueden hacer de esas cuatro letras, algunas no son pronunciables, en consecuencia no son viables en la lengua, eso tiene que ver con la fonética. Entonces, hay un código fonético, una aliteración de consonantes que como no somos semíticos pues no podemos meter la vocal ¿no? Dando un paso más, pues de entre las palabras, que las combinaciones que son viables, que son pronunciables en español, por ponerte un ejemplo, pues cuáles son las que tienen significado y cuáles son las que no tienen significado. Y es otro código, es otro código, antes era morfológico o fonético, éste será ya de carácter semántico y habrá a continuación pues otro código que me diga, pues qué sé yo Omar, Omar, Omar, Omar. Pues Omar es un nombre, es un nombre propio, pero es importado, es un neologismo fuera, pues esa combinación nada. O bien, necesitamos tener combinaciones que den nombres, pues algunas de las combinaciones no son nombres. Entonces, se van sobre conformando los códigos ¿no? hasta llegar a de entre las posibilidades que hay que son limitadas, cuáles son las realizaciones que tiene una lengua aquí y ahora, un sistema…
L1: Sí, sí, muy semejante a las clases de signos después…
L2: Claro, claro.
L1: Que son las clases válidas y hay muchas clases que no son válidas pero posibles, en términos de…
L2: Mira, el concepto, el concepto de combinación y posibilidad en ciencia es importantísimo, yo creo que no se ha explotado. Yo le solía poner a los alumnos el ejemplo de la tabla de {Dimitri} Mendeleiev de los elementos, de los elementos químicos. Ese hombre que fue capaz de prever en casillas, elementos que aún no se habían descubierto, estaban por descubrir, algo parecido a lo de la ecuación fundamental de Heisenberg en el principio de indeterminación, muy parecido. Yo creo que casi todas las ciencias tienen algo de eso y entonces la evolución de una ciencia pues obedece en gran parte también a los sitios que se le vaya haciendo, es decir, las previsiones que se vayan haciendo para ella ¿no?, con una visión de futuro. La lingüística documental, la semiótica documental en su día, en su día, estudiará las relaciones sintagmáticas y paradigmáticas independientemente de las frases. Y ¿qué relaciones sintagmáticas y paradigmáticas puede haber dentro de una colección de documentos?, pues seguro que las hay. Seguro que podemos permitrar un dispositivo para localizarlas y habrá que inventar nuevos términos, porque no serán partes de documento, serán agrupaciones de palabras, que están distribuidas de algún modo en documento, que son constantes en un grupo de documento otras que son variantes, eso nos permitirá, pues establecer relaciones como quién dice, pues la expresión española, bueno, la prueba de sustitución y la prueba de conmutación que se hace en fonología o se hace en semántica, es decir, para decidir cuál es el significado de una palabra cuando se le cambia de orden en la frase, en la agrupación de palabras o cuando se le sustituye por otra o por cero y se la elimina o por una eliminación se introduce un nuevo elemento. Pues todos esos juegos tenemos que hacerlos en semiótica, sólo que hay que ir más allá del documento, hay que tener una idea de inter o intra documento.
(…)

ENTREVISTADO 11-B

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L1: Ayer tratamos básicamente dos temas: los fundamentos de la semiótica.
L2: Sí, sí.
L1: Y de algunos fundamentos de la semiótica documental.
L2: Sí.
L1: Pero hay algunas preguntas muy…
L2: Sí, voy a pasar a lo concreto, si quieres…
L1: Sí. Por ejemplo, hable de manera general, sobre sus trabajos de investigación ¿y cómo los estudios de lenguaje estuvieron relacionados?
L2: Ya. Bueno, vamos a ver. Yo fui profesor de Lengua Española durante varios años a nivel de Enseñanza Media. Di también cursos de Actitud Pedagógica para maestros que tenían que reciclarse, pasar de un ciclo a otro y eso pues me obligó a leer bastante, a estudiar bastante, porque mi formación es de filosofía, no es de…, aparte de la formación humanística, yo soy doctor en filosofía. Entonces, leí bastante, estudié bastante de lingüística, di muchas clases de lingüística y entre la lingüística y la lógica, pues hay relaciones obvias, relaciones obvias, {un problema en} las relaciones, pues ya es un problema serio ¿no? Todo el estudio… el control del lenguaje ordinario a nivel de corrección, la lingüística básicamente, la gramática, a nivel de control de verdad, pues me preocupó siempre, o sea que hay una relación entre la lógica y la lingüística. De hecho, por la época en la que yo escribí "Concepción lógico-lingüística de la documentación", estaba emergiendo una interdisciplina que era la lógico-lingüística y fue la que dio título, especificó el título del libro ¿no?: concepción lógico-lingüística de la documentación. No era lógica, no era lingüística, era pues una tierra intermedia que ya digo, estaba en ebullición en el momento en que yo pues escribí ese libro y varios artículos que aparecieron con los nombres de Félix y el mío. La época pues en los ochenta, 84-85. Fue una fase en la que yo pues escribí sobre documentación inicialmente sobre documentación. La dedicación a la lingüística vino motivada entonces pues por esa dedicación docente, inicialmente en la Enseñanza Media y después especialmente por la crítica literaria. Y la crítica literaria me obligó a coger el toro del lenguaje por los cuernos y a meterme en algunos temas que no eran propiamente filosofía, ni eran propiamente de lingüística, eran también de metodología, en fin, era un área bastante difusa. Pues qué sé yo, te podría poner muchos ejemplos. El mismo grupo del que hablábamos ayer, bueno, pues ahí está la lingüística, está la semiótica, están los estudios literarios, las ciencias del lenguaje en general están presentes. Todo lo de Vladimir Propp, pues desde el mismo ámbito de la crítica literaria, tenía que recurrir forzosamente, forzosamente a ellos. Eran también temas obligados de la semántica estructural, de hecho, pues Greimas los recoge a los dos y algunos otros ¿no? Estudio de los {apuntes} y demás. Entonces, ése más o menos es el ámbito en el cual yo pues me formé, me formé en los estudios lingüísticos. Esos estudios los apliqué posteriormente ya estando en el Área de Conocimiento de {Biblioteconomía} y Documentación, los apliqué pues en varios niveles: al nivel de la lingüística documental, obviamente, integré muchísimos conceptos, tú, los esquemas los conoces, ¿los de lingüística documental?
L1: Sí.
L2: Bueno. Integré muchos conceptos de lingüística en lingüística documental, algunos, bastantes de los cuales no habían sido hasta entonces contemplados en los trabajos del Área, al menos en los medios escritos en español. Creo que en inglés tampoco. Introduje dos Seminarios de Estudios, como te señalaba ayer, o sea, el Primer Plan de Estudios que tuvimos en Murcia, que estuvo vigente desde el año 89, 88-89, porque yo el primer año no estuve. Yo estuve en el 89-90. Desde el 89, enero hasta el 93, 94 más o menos, pues ahí teníamos…
L2: …lingüística Documental 1 y lingüística Documental 2. Por tanto, se explicaba la asignatura, la materia, perdón, llamada lingüística documental en dos cursos. Bien, la explicaba prácticamente yo sólo y al segundo curso me empezó ayudar Luis Miguel Moreno, de Zaragoza. Después él asumió algunas partes permanentemente de los estudios de lingüística. Aparte de eso, había, como te decía dos Seminarios de Estudios: Seminario de Estudios 1 y Seminario de Estudios 2, llamados así sin más. Era obligatorio la elección de los dos Seminarios, pero cada profesor o prácticamente todos ofertábamos un título específico, o sea, como si fuera un curso de doctorado, pero era de Diplomatura. Los estudios que teníamos entonces, en la antigua Escuela {de Biblioteconomía}, pues eran estudios de Diplomatura. Ahí es donde yo empecé a buscar específicamente temas de {semiótica}, pero mucho más concretos que los que aparecen en los esquemas de lingüística documental. La idea está presente ya en el primer tomo de los esquemas de lingüística documental en el proyecto docente, donde yo hablo de los Seminarios de Estudios y los Seminarios de Trabajo. Entonces, en realidad son desarrollos de determinados epígrafes de los esquemas de lingüística documental, pues qué sé yo, un sub, sub epígrafe muy específico, pues vamos a ver, la aproximación que hace Greimas al estudio {ditópico} o el comentario, por ejemplo ¿no? de un texto. El Seminario pues podía dedicarse a eso o un grupo de epígrafes más o menos próximos, pues se compactaban y se preparaba un Seminario. Durante tres o cuatro años, estuvimos dedicándonos a uno de los Seminarios, el de los Estudios 1 a Pierce, a Pierce, la obra completa de Pierce, el método de trabajo permanentemente era llevar, distribuir entre los alumnos pues unos cuantos textos, con anterioridad a la fecha en la que se celebraba la serie de mesa redonda que monitorizaba yo. Había unos diez, no solía llegar a diez alumnos, se trabajaba muy bien, muy bien con ellos. Y bueno, era estímulo-

respuesta, tormenta de ideas. Ése era el Seminario de Estudios, después había otra asignatura que ésa la introducimos creo que fue en el Plan de Estudios siguiente, en el del 94 en adelante, que era vamos a ver; aspectos lógico-lingüísticos de la documentación. Esa asignatura era optativa, tenía, yo no sé cuántos créditos tenía, se aplicaba a lo largo de un cuatrimestre; el primer trimestre o el segundo trimestre, tenía muy poquitos alumnos: cuatro, cinco o seis. Yo creo que no pasó nunca de seis alumnos. La idea era, bueno, pues estudiar en profundidad algunos aspectos que tienen que ver con la lógica y tienen que ver con la lingüística, que yo consideraba que estaban en la base de la documentación, por poner un caso. La teoría de redes, booleanas y álgebras de Morgan, que están, que subyacen a un esquema clasificatorio, por poner un caso ¿no?, toda la teoría relacionada. Todo eso se explicaba, entonces se daban unas nociones elementales de lógica de enunciados y álgebra de Boole en paralelo, se estudiaban una serie de reglas, se veían las posibilidades que tenían de aplicación, de paso se aprovechaba para organizar esquemas de búsqueda en línea. Y bueno, era bastante compleja la asignatura. Dos de los cursos los explicó conmigo Mónica, Mónica era becaria y entonces parte de la asignatura, lo que tenía más que ver con lingüística y con lógica, porque Mónica de lógica pues tiene idea, pero muy poca, no la ha estudiado en profundidad nunca, a pesar de que yo le he insistido que hiciese…
L1: Sí, no le encanta la lógica.
L2: No, no, no le encanta en absoluto.
L1: Prefiere la…
L2: Prefiere la lingüística. Prefiere la lingüística y la lingüística del texto; las ciencias del texto y la semiótica. Vamos a ver, desde el punto de vista docente, yo creo que ésas son las actividades que más tienen que ver con la lingüística ¿no?, desde el punto de vista profesional.
L1: Por ejemplo, una duda que tengo…
L2: Sí.
L1: Es sobre los fundamentos lógicos de la teoría de Greimas, por ejemplo, que utiliza el cuadrado lógico semiótico que es un cuadrado lógico.
L2: Sí, sí.
L1: Que busca otros manuales de lógica.
L2: Bueno, vamos a ver, ahí hay un problema, un problema relativamente gordo.
L1: No sé si discutís estos temas.
L2: No, vamos a ver… Sí, en el aspecto lógico-lingüístico se estudiaban las relaciones entre términos. Cuando salieron una serie de problemas de lógica, que estudian específicamente en lógica, no precisamente en la lógica-matemático o la lógica simbólica contemporánea, sino en la historia de la lógica, que están relacionados con los enunciados. De hecho, el famoso cuadrado lógico, pues se remonta a Apuleyo de Madaura, tiene que haber correlaciones entre enunciados o proposiciones no entre términos. Y bueno, se establece relaciones de contradicción, de contrariedad, relaciones de subcontrariedad, relaciones de contradicción y relaciones de subalternación o de inferencia. Pero claro, esas relaciones se dan entre enunciados, entre contenidos de juicio ¿no?, no entre términos. Bien, ese problema de las relaciones entre enunciados que yo paso a la presencia de un cuadrado lógico, que se llama así siempre, cuadrado lógico, de oposición y subalternación ante enunciados. La historia de la lógica, tomando lógica en el sentido amplio, es semiótica también, pues ha tenido pues muchas manifestaciones. Por ejemplo, me estoy acordando ahora, detrás de los enunciados, detrás de los enunciados o proposiciones están los términos, están los términos. A nivel de control de la inferencia lógica, en concreto, dentro de la silogística que viene de Aristóteles, pues existía un problema medieval que era la localización del término medio, del término medio de un silogismo. Bien, como sabes, el término medio es el que se relaciona con el término mayor y el término menor, que corresponden respectivamente a la premisa mayor y a la premisa menor de una inferencia silogística. Uno de los problemas que tenían los medievales era pues controlar el término medio, porque dando con el término medio y estableciendo el término mayor y el término menor, es decir, el término que tiene mayor comprensión y el término que tiene menor comprensión o menor extensión y mayor extensión, pues se podía empezar a construir el núcleo del predicado, de la primera premisa y la segunda premisa. Y a partir de una serie de reglas, obtener la conclusión correspondiente. Entonces, eso en lógica, era digamos una especie de piedra angular que sostenía el arco de la argumentación. Entonces, había una figura, una figura mucho más complicada y aparece desde los comentaristas de Aristóteles, ya de los segundos analíticos, pues Armonio, Armonio Armeas, comentaristas griegos, en los cuales, en algunos manuscritos aparecen ya el diseño de alguna estructura arborescente, con unos dieciséis puntos que se relacionan unos con otros y se relacionan pues con todas las posibilidades habidas y por haber, o sea, es un gráfico archi complicado, totalmente conexo, no hay ningún punto que no esté conectado con al menos dos de los restantes. Y eso da paso a un problema que se llamó Pons asinorum, el puente de los asnos. Bien el Pons asinorum fue un tópico, bastante conocido en la historia de la lógica, sobre todo en el siglo XIV, mediados del siglo XIV. De hecho se le ha atribuido Juan Buridán. Juan Buridán fue un profesor de la Universidad de París, fue rector cuatro veces, cuatro veces alternas, pero fue rector cuatro veces y una de las cabezas grandes en la Universidad de París. Y él se dedicó básicamente a la lógica.
L2: Tiene un comentario en las súmulas de Pedro Hispano, después se comentaron sus propias súmulas, Juan {Torio también}. Y este hombre también se ha dedicado a la ética y entonces uno de los desarrollos éticos que hizo fue "El estudio de la motivación", de la motivación para la evaluación, pues la calidad de los actos, de los actos morales ¿no? Y uno de los problemas que se punteaba era el de la existencia de actos indiferentes, o sea, actos que no son buenos y que no son malos, son indiferentes, nada más. Bueno, la doctrina que regía entonces en torno a los actos indiferentes, pues era la doctrina tomista de Tomás de Aquino, que había defendido él en la suma {contra gentes} y en la suma teológica, en otras cuestiones disputadas ¿no? de Tomás de Aquino. Entonces él había defendido que eran las circunstancias las que decidían la bondad o la maldad de un acto que de suyo no es ni bueno ni malo. Entonces, la teoría era que no había actos indiferentes, o sea, teóricamente sí había actos indiferentes, pero en la realidad, la circunstancia y la motivación y la finalidad que se proponía a la persona con ese acto, que de suyo podía ser indiferente, pues le confería un valor al acto. Ése era el problema con el cual se encontró este Juan Buridán. Juan Buridán inventa una especie de apólogo, un

apólogo con una moraleja, bueno, él sitúa a un asno, a un asno ante dos pesebres igualmente repletos de heno; un asno famélico, con mucha hambre ¿eh? Y bueno y se plantea el problema de hacia cuál de los dos pesebres pues va a levantarse el asno, el asno que está muerto de hambre. El pobre asno tiene los dos pesebres a la misma distancia, los dos están exactamente igual repletos de heno, entonces es su voluntad, ahí el asno sustituye a la voluntad humana, pues no tiene ninguna motivación más ni menos que desvíe la balanza hacia un lado u otro y el pobre asno se muere de hambre, o sea, ése es el apólogo. Bueno, pues eso fue lo que dio nombre posteriormente a la elección del término medio dentro de esa red, de esa retícula a la que me refería antes, que es bastante más complicada que el cuadrado lógico. En los comentaristas posteriores a esa parte de proposición lingüística {de iniciación} y que era uno de los tratados de las súmulas de Pedro Hispano, que a su vez venían del Peri Hermeneias de Aristóteles, los comentarios del órgano, de los libros del órgano, van dando origen a distintos libros, esos libros se integran habitualmente en número de siete, por aquello de la cater (inaudible 18:13) que tiene el número siete ¿no? y formar lo que se llamó las súmulas, Pedro Hispano y toda la serie de comentaristas. Bueno, pues hay un pasaje en algunos de los comentaristas de los Tratados sobre los Términos, de Terminis, de Terminis. El Tratado de Terminis se origina también en el Peri Hermeneias, en el libro de interpretaciones de Aristóteles cuando él dice que hay dos tipos de términos que integran los enunciados: el nombre y el verbo, que había salido el tema ya. Bueno, pues entonces, eso da origen a los Tratados de Terminis, terminus es el último resultado del análisis de un enunciado, por eso se llama terminus, donde termina el análisis. A nivel de análisis del enunciado, los últimos constituyentes que tiene el significado o tienen co-significado, que son significantes o (Inaudible 19:13) significante, términos categoremáticos o sin categoremáticos, eso da origen a otro Tratado también, pues origina el Tratado del Terminis. Esto de Terminis, pues claro define lo que es un término, se plantea el problema del significado, la relación entre significante y significado, plantea el problema del signo, qué tipos de signos hay; signos naturales, signos artificiales, ya está la semiótica ahí, ambulante. Y exactamente igual que los Tratados sobre la Enunciación, se hace una definición del concepto de enunciado, se hace una clasificación de los enunciados, proposiciones universales…

L2: …particulares, singulares, indefinidas, etc. Y después se hace, se plantea el problema de las relaciones entre los distintos tipos de enunciados, pues en los tratados sobre los términos se hace algo análogo. Es decir, se define el término, se hace una explicación de la definición, eso lleva a desarrollos tremendos. Eso origina varios tipos de tratados distinto, pues ponerte un caso, una de las partes que termina integrando las súmulas logicales, los comentarios a las súmulas logicales, es el de {propietativus terminorum} sobre las propiedades de los términos. Entonces, claro, entre esas propiedades está la significación, entre otras, pero está la {subposivio}, no sé si te suena, está la {ampliatio} está la {restrictio}, está la {diminutio}, que son propiedades que tienen que ver con el modo de significar que tienen los términos en el enunciado del cual forman parte y que hacen que se pueda verificar como verdadero o como falso el enunciado que estamos construyendo en ese momento, en función de la temporalidad que tenga y de acuerdo con las propiedades, las que te he mencionado ¿no? Este es un mundo muy complejo, algunos especialistas pues lo estudiamos en su momento, se ha escrito bastante sobre ello, muy, muy repetido ¿eh? Pero es un aspecto de la semiótica, digamos, semiótica medieval, propiamente medieval, que en paralelo con los tratados de {modis significanti}, sobre los modos de significar, pues están formando parte de la semiótica con otro nombre, como decíamos ayer. Bien, pues una vez que se plantea el paralelismo entre la estructura, el modo de estar tejidos los tratados sobre los enunciados, se hace (Inaudible 21:54) sobre los términos, llega el momento en el que se plantea el problema de las relaciones entre los términos. Claro, pues se habla de relaciones; dos términos son sinónimos; dos términos son antónimos, qué tipo de oposición puede haber entre dos términos; término superior, término inferior; es decir, término inferente, también inferido, según que formen parte de un enunciado. Es decir, sustituyendo en un enunciado, el término inferente por el término inferido, los enunciados resultantes se refieren {al primero o el segundo}. Ese tipo de estudios que derivan del estudio de los enunciados hacia el estudio de los componentes de los enunciados que son los términos. Bueno, de hecho, tuvo tanta importancia en la historia de la lógica que a la hora de organizarse los sistemas lógicos-formales, los formalismos, la lógica contemporánea, pues se habla de lógica de enunciados y lógica de los términos; lógica enunciativa o lógica proposicional, que tiene sus reglas de juego. Y el siguiente paso será el estudio de la cuantificación, el estudio de los argumentos, las inferencias que concluyan o no concluyan en razón de los términos que integran los enunciados. Son términos generales, son términos particulares, son términos singulares, las reglas de juego ¿no?, participador universal, el particular,… Entonces, hay una veta muy rica en el estudio de las relaciones entre los términos por parte de los medievales. Me estoy acordando en este momento, de la súmula maguntina. La súmula de Maguntina son los comentarios escritos en {Murcia}, en mil cuatrocientos noventa y tantos, o sea, es el libro que se conserva, el ejemplar que se conserva, en la Biblioteca pública de Burgos, que yo utilicé hace un montón de años, pues es un incunable, de los primeros incunables, o sea, lo tienen allí guardado como una joya. Es difícil, es difícil encontrarlo. Ese libro y una de las biblias de Gutenberg, pues son las dos grandes joyas de la corona allí. Bueno, pues yo ese libro lo estudié bastante para mi tesis doctoral. La primera lectura que hice de él fue, bueno, lo que yo podía hacer en aquel momento, eso es una tragedia, lo cuento casi siempre, pero una tragedia de la tecnología diacrónica. Yo llevaba un magnetofón, entonces era a la Casa de Cultura, estaba en el salón, me sacaban el libro, no se podía reproducir nada en absoluto, claro, ni se te ocurriera, ni fotocopias, ni fotografías, ni nada. Y me encerraba en una habitación, bueno, me encerraban. Yo ponía un magnetofón, no eso, sino un aparato grande de los que había en los años sesenta y pocos ¿no?, sesenta y cuatro o sesenta y cinco.

L2: Y yo empezaba (Inaudible 25:00), en mi folio tenía cuatro columnas: dos columnas en la izquierda, dos columnas en la derecha, la letra era gótica, con un montón de abreviaturas que no te puedes imaginar, texto continúo, con los indicadores de salto de párrafo. Es decir, el colo, el famoso colo.

L1: Sí.

L2: El salto de párrafo. Yo leía, yo iba leyendo e iba grabando y llegaba a casa y agarraba la máquina de escribir, ponía el magnetofón y pum, pum, pum. Volvía otra vez a la biblioteca, cogía un boli y punteaba porque la percepción de la frase, pues la puntuación no la podía poner. Y así trabajaba yo… En la primera lectura que

hice de las súmulas maguntinas fue ésa, pero me estaba acordando que cuando estaba trabajando en la Menéndez Pelayo, en los fondos antiguos de Santander, pues varios lógicos de principios del siglo XVI, pues Gaspar Lax de Sariñena, Rodrigo de Cueto, unos cuantos; cuyos libros se encontraban únicamente en la Menéndez Pelayo, era incunables y para incunables, porque yo trabajaba en (inaudible 26:13) Porque yo al cabo de siete, ocho años más o menos, estaba yo dando clases en Reinosa, pues ya permitieron en la Menéndez Pelayo que llevara a un fotógrafo, y me hiciera un micro film, una especie de micro film. Entonces, yo me llevaba el micro film para casa, lo metía en un proyector de diapositivas, lo proyectaba en la pared, entonces así… Ése era el modo de trabajar, para que te hagas una idea ¿no? Y así, así, con eso, de ese modo, pues al final ya era yo mismo quien revelaba los microfilmes y creé un laboratorio fotográfico en el Instituto y mis alumnos pues me ayudaban a revelar algunos de los carretes que traía de Santander ¿no? Y así, pues conseguí escribir pues cuatro tochos así de gordos de textos latinos, que son las bases de mi tesis doctoral. Mi tesis doctoral es un tomo de texto continúo, bueno, lo que suele ser habitualmente una tesis. Es otro tomo de, pues figuras, diagramas, pero muy rico ¿eh?, con ideas bastante originales para aquella época, lástima que no lo tenga aquí. Está en Murcia, cuando vayas por Murcia, te lo puedo enseñar.
L1: ¡Ah!, sí, sí.
L2: Porque está inédito. Yo, en el momento en el que me ofrecieron en la Complutense publicarla, en la época de los 80, pues publicaban todas las tesis porque no había muchas, dije que no, o sea, que esa tesis era totalmente inacabada, o sea, había un montón de ideas sueltas y yo no tenía ganas de que nadie se aprovechara de la fiesta, ya conocía algo del funcionamiento de algunos hispanos respecto a la propiedad intelectual ¿no? Y en consecuencia, no la publiqué, ni la he publicado, o sea, he hablado de ella en ocasiones, he sacado algunos puntos, algunos se han aprovechado de ella, porque ha circulado bastante, pues qué sé yo, López Nieves, por ejemplo, tiene un ejemplar, estuvo de vocal en la tesis. Y entonces por la Complutense, en algunos de los despachos, pues habrá circulado mi tesis.
L1: Ahora, ¿está en la biblioteca?
L2: No, está depositada, claro, hay dos ejemplares en la Complutense, claro, pero supongo que seguirán las reglas del juego de que sin permiso del autor, no se puede leer la tesis, aunque eso es muy convencional. Yo he visto de la gente, tesis de otros y nadie ha impedido que las lea, o sea que… Bueno, esto venía a propósito de las relaciones entre términos, eso es un capítulo muy importante de la historia de la lógica que está intacto. Entonces, lo que ha hecho Greimas, indistintamente en su semántica estructural y posteriormente en el famoso diccionario, como lo ha hecho (Inaudible 29:01) también. Pues ha sido, algo análogo a lo que te comentaba ayer que hizo Heisler con los términos materia-forma-sustancia. O sea, es un popurrí, un enjuague raro, que rompe con el significado que vienen teniendo los términos ¿no? No sé hasta qué punto, el cuadrado lógico de Greimas es útil. Yo lo he visto, lo he visto utilizado, vamos a ver… El primer año que estuve yo en Málaga, de Rodríguez, me hospedé en el Seminario del Cesal, tenía un amigo y tal, tenía una residencia arriba de estudiantes; había chicos de económicas, de varias facultades. Y entonces, bueno, pues aquello era un ambiente en el que yo estaba sólo, pues lo prefería a estar en una pensión y estuve allí. Y entonces, al mes de estar allí…
L2: …pues el rector del Seminario me conoció, me conoció a través de uno que había sido ordenado cura allí, y que había sido compañero mío en Valladolid, sí en Valladolid, Rubio. Y entonces me dijo: "oye, ¿tú tendrías inconveniente en explicar a los seminaristas?, ya del Seminario Mayor, ¿filosofía de lenguaje?", digo: "no, al contrario, la filosofía del lenguaje forma parte de mi área de conocimiento". Entonces, el área del conocimiento era lógica, filosofía de la ciencia pero entraba dentro de ella, filosofía del lenguaje también. Y estuve un año explicándoles filosofía del lenguaje, pero claro, era una filosofía del lenguaje adaptada a las posibles necesidades que pudiera tener un sacerdote. Entonces, yo a la hora de elegir textos, {pues Biblia que te crió} y a la hora de pues qué sé yo, te estoy poniendo, cogía a Barthes, por ejemplo y elegía pues dos o tres textos, los que Barthes había elegido; un texto de la Biblia para tratar de sacarle el jugo. Por ejemplo, en el artículo, bueno artículo, en el fascículo que tiene *par où comencer*, por dónde empezar ¿no?, pues yo elegí eso ¿no? Entonces había un fascículo, un fascículo publicado por…, no sé si había sido la Conferencia Episcopal o por quien era, que era algo así como una aproximación a la hermenéutica bíblica, o sea, para interpretar el texto sagrado. Eso me llevó a mí pues a revolver en la biblioteca todo lo habido y por haber entorno a exégesis, a hermenéutica y tal. Aparte de los fundamentos que yo tenía del Seminario, porque yo estuve en el Seminario hasta hacer primero de Teología, tenía introducción a la sagrada escritura y la anterior. Pues estudié bastante, estudié bastante ese tema. Y en uno de los fascículos, que era una aproximación a la exégesis bíblico así, se aplicaba el cuadrado de Greimas para la exégesis del génesis en concreto. Entonces, ése era uno de los textos de lectura y comentario que teníamos en las clases. Y lo que yo recuerdo en este momento, es que a mí el cuadrado lógico de Greimas me satisfacía mucho menos que el cuadrado lógico de los medievales, bastante menos. El cual, no cita nadie.
L1: Sí, es por eso.
L2: Se cita el cuadrado lógico de oposición de las proposiciones. En una historia de lógica como la de José María Bochenski. José María Bochenski era un lógico, era un clérigo, pues creo que era jesuita, que yo conocí en un Curso de Verano de la Universidad de Santander, en el curso de verano, él no hablaba inglés, chapurreaba un poco el alemán, entendía un poco el alemán, hablaba un poquito. Yo estuve dos meses en verano en Alemania, fui sabiendo un poco alemán y volví sin saber nada. Lo he utilizado dos o tres veces en mi vida, para traducir sendos artículos que eran de apremio el poderlos utilizar, lo pasé fatal y quizás, por eso, porque lo pasé fatal al traducirlos, dije, bueno fuera. Y tengo amigos que a veces me han ayudado a hacer alguna cosilla en alemán. Entonces, José María Bochenski es un historiador de la lógica muy conocido, bueno, es quizás el mejor manual de historia de la lógica que se ha escrito ¿no?, está traducido al español, lo tradujo Millán Bravo Lozano, otro conocido mío de la Universidad de Valladolid y conocido de un amigo, es que es un latinista muy bueno. Y ése sí, ése hace un estudio… Bueno, en realidad, la historia de la lógica de Bochenski, en letra pequeña, tiene un meta discurso que habla de la historia, pero lo que hace es extraer textos, textos de autores, o sea, son ordenados cronológicamente, va explicando un periodo, pues de una forma muy sucinta, muy sumaria e inserta

una selección del texto, una especia de florilegio ¿no? Y entonces, ahí es donde, pues hace una referencia al {colegio de Madaura}, ahí es donde se ve cómo va surgiendo el cuadrado, la historia está muy bien escrita, hay referencias de unos lugares a otros, o sea, que tú puedes seguir perfectamente la línea de evolución que ha tenido el cuadrado lógico. A lo largo de los siglos, desde el punto de vista, la perspectiva, que enfoca el autor ¿no? Este tema es muy importante porque hay una parcela muy amplia, de comentaristas griegos, te he citado a Armonio Armeas antes, hay varios. Es que yo a Armonio lo he machacado, lo machaqué, claro, y al final no lo utilicé en la tesis. Qué influyen, influyen posteriormente en los comentaristas latinos de Aristóteles, o sea, hay algo en la historia del pensamiento que no se ha valorado y es el hecho de que un texto que se asume para docencia…
L2: …da origen a un comentario. Ese comentario, entre otros, da origen a un segundo texto. Esos textos se van sumando, forman una suma. Si inicialmente estaba de texto, porque la expresión que utilizamos actualmente, de modo vulgar, estaba de texto en tal libro. Estaba en el texto el Órgano de Aristóteles porque fue el primer ejemplo, es decir, todos los libros de lógica de Aristóteles. Posteriormente a lo largo de los siglos, a resultas, como resultado de los comentarios que se han hecho, se hace una síntesis que son las súmulas de Pedro Hispano. Los siete Tratados de Pedro Hispano, se comentan, proliferan, cada uno de los Tratados da origen a Tratados y Sub Tratados, llega un momento en que eso se suma, se simplifica y se forman una segunda generación de súmulas. Por ejemplo, las de Juan Buridán que te he mencionado antes. Esas súmulas de Juan Buridán dan origen a otros comentarios, me estoy acordando de Juan D'or o Alberto de Sajonia o Jorge de Bruselas. Son tres comentaristas que publicaron sendos comentarios a las súmulas de Juan Buridán. Entonces, en el texto aparece en letra grande el texto de la súmula de Juan Buridán y en letra pequeña el comentario de Juan D'or o el comentario de Jorge de Bruselas o el comentario de Alberto de Sajonia. Andando el tiempo, esto da origen a otros comentarios y de ese modo va evolucionando la tradición ¿no? Es un dispositivo tremendo, que la gente no conoce, pues que hace que haya una serie de constantes a lo largo de toda la historia y una serie de variables, de variantes y que nos permite pues un estudio comparativo, pues ver cuáles son las innovaciones y cuáles son las tradiciones que aparecen en un corte dado de esa evolución. De hecho, cuando te he mencionado antes la {suma} maguntina, porque es la primera que yo recuerde, en la {relatividad} aparece el cuadrado con los términos. O sea, cuadrados de oposición, de proposiciones así, pero de oposición de términos, no, salvo los comentaristas griegos. O sea, en Armonio están ya. Vamos a ver, los famosos diagramas que después utiliza, ¿cómo se llama el escritor éste inglés?, Lewis Carroll en su Tratado de Lógica ¿eh?, no los libros de Alicia sino el Tratado de Lógica, pues diagramas muy parecidos a esos están ya en el mundo griego, en los comentaristas de Aristóteles. De tal modo que un estudio de la historia de los grafos, por ejemplo, tendría que retrotraerlo. Por cierto, digo grafos, tengo un libro de teoría de grafos que está inédito, o sea, está escrito, mecanografiado, relacionado con el cuadrado lógico de oposición y con problemas de álgebra. O sea, problemas de álgebra porque es un grupo, o sea, es un grupo {abeliano} perfecto. O sea, el estudio de las relaciones que hay entre los componentes, creo que eran dieciséis, los componentes de ese diagrama.
L1: Lo que llevó Greisma a reducir el cuadrado lógico.
L2: No. Bueno es que eso, vamos a ver…
L1: No sé, ¿cómo hizo para adaptar eso a los problemas lingüísticos del análisis textual?
L2: Vamos a ver, mira, de hecho, los niveles de análisis sea de lenguaje o sea lógico de los enunciados, las oraciones y de los términos, vamos a ver, van paralelos en los estudios lógicos y en los estudios gramaticales. O sea, las tres grandes disciplinas de la propedéutica griega, la propedéutica griega porque eso aparece ya en Paideia de Jaeger, no sé si has leído el…
L1: No.
L2: Hay un libro de un alemán, que está en el Fondo, traducido al español en el Fondo de Cultura Económica. Vosotros, en Hispanoamérica tenéis montones de libros traducidos.
L1: Sí.
L2: Bueno, pues éste, Jaeger, escribió un libro titulado "Paideia", no sé si era paideia o era en la versión española. Ahí estudia, estudia las distintas frases de la formación digamos elemental que tenían los griegos, los griegos. Y el mejor modo, por ejemplo, de ver cómo surge el trívium, es decir, la formación medieval de la gramática, la retórica y la dialéctica, es verlo en la paideia, porque nace de ahí.
L2: O sea, no se inventa nada nuevo los medievales. Los medievales tradujeron al latín a través de Boecio, Casiodoro y otros transmisores de la cultura griega, pues los libros y los modos de hacer que tenían los griegos. La latinidad se inventó, se inventó muy poco ¿eh?: los latinos, los romanos eran muy listos a la hora de copiar y adaptar, adaptar y pasaban por cualquier parte y cogían todas las costumbres y las integraban. Para eso se las valían como ellos solos. Pero lo que es el ingeniero que descubre no, eran como los japoneses más o menos, como los japoneses ahora. Es decir, que te crean cosas a partir de las ya hechas, te las hacen mejor, más pequeñas, más útiles, pues los romanos eran por el estilo. Ya me estoy perdiendo yo cuando hablo de los romanos. No sé qué te iba a contar… Vamos a ver, estábamos con…
L2: ¡Ah!, sí, bueno, la evolución. Sí, bueno, de hecho hay un paralelismo entre lo que hay que ver en los enunciados desde el punto de vista lógico y verlos desde el punto de vista gramatical. Hombre, obviamente, una clasificación de la oración, de la oración gramatical, por parte de un gramático y una clasificación de las proposiciones por parte de un lógico, pues no da el mismo resultado porque los intereses son distintos. O sea, el primero se ocupa de la corrección y el segundo se ocupa de la verdad. Entonces, de hecho, los lógicos, lo que ocurre es que esto, esto se separa en la modernidad, o sea, hasta la modernidad están unidas la gramática propiamente y la lógica. Tú coges un tratado de términos y dices, pero ¡anda!, esto es semiótica, lo coge un gramático, ¡anda!, pero esto es lingüística. Y esto es gramática, lo coge un lógico, ¡anda!, pero si esto es lógica, lógica de los términos, esto es cuantificacional. Te hablan de las categoremas y sin categoremas, los términos que son significativos de los suyos, los términos que significan con otros, pero si estos son los autores del cálculo del enunciado, o sea, está todo ahí pero posteriormente la evolución del pensamiento te permite extraer puntos de vista y hacer desarrollos correspondientes a esos puntos de vista que pueden ir más o menos paralelos, pero que sí que son complementarios. Entonces, esa idea, es la que asiste también en el tratamiento

de los términos. Desde el punto de vista lógico, pues está claro que existen enunciados o proposiciones que son universales. Todo hombre es mortal, hay enunciados que son particulares; algunos hombres son sabios y enunciados que son singulares; fulano de tal es bueno. Entonces, son los enunciados que se manejan habitualmente en el discurso de cada día y entonces, en consecuencia son los tipos de enunciados que pueden pasar a formar parte de una argumentación. Y si queremos controlar la inferencia correcta o no correcta que rige un conjunto de premisas a una conclusión, pues tiene que ser analizando la tipología de los enunciados. Eso es lo que da paso al planteamiento de las relaciones que existen entre los tipos de enunciados, una vez que se han detectado. O sea, se ha definido la oración, la enunciación o la propositium o la enuntiatum, como una oración portadora de verdad, una oración indicativa, que significa lo verdadero o lo falso y a partir de ahí se hace toda la derivación. Tipos de enunciados, esos… Siguiente paso; además es el tratamiento que se hace siempre desde el punto de vista metodológico a lo largo de todas las medidas de la antigüedad. Es decir, definición; explicación de la definición. Con ocasión de la explicación, surgen una serie de términos que son componentes del definiente y que al explicarlos, permiten desarrollos. Siguiente paso; una vez que se ha agotado el punto de vista de la comprensión del concepto, división, tipos que hay de esto, tipos que hay de esto [inaudible 44:12]. De hecho, la teoría de la definición es una teoría que propiamente desarrolla el aspecto de la comprensión de un concepto y la teoría de la división desarrolla el aspecto de la extensión de un concepto. Aquellos singulares, a los cuales se tiene que aplicar la definición y si no se aplica a todos y sólo a esos, está mal hecha las reglas de juego. Este control de la definición y de la división, lo que llamamos nosotros clasificación, o partición como dicen los matemáticos, es importante ¿no? El siguiente paso desde el punto de vista metodológico, es una vez que se han detectado partes o ejemplos que forman parte de lo definido, qué relación hay entre ellos. Ya estamos dando otro paso más hacia lo que es la ciencia, porque la ciencia no es el hecho,…

L2: …sino las relaciones entre hechos. Entonces, se plantea el problema de las relaciones entre esos elementos que se han identificado. En el caso de la lógica de enunciados, relaciones entre los enunciados universales, particulares, singulares, pues se colocan los universales arriba; los particulares abajo; los afirmativos a la izquierda; los negativos a la derecha y ahora se establecen las relaciones entre ellos. Siguiente paso; bueno, como no están los enunciados singulares, habrá que añadir pues otros dos puntos más, habrá que colocarles abajo del todo ¿eh? y a ver qué relación hay entre ellos, con lo cual, el cuadrado, pues ya no tiene cuatro ángulos, tendrá seis, tendrá seis. El que te he mencionado antes, tiene dieciséis, o sea que es un montón, no te lo puedes imaginar, o sea, hay que verlo, además es una gozada, está hecho desde el punto de vista de la grafía, es decir, es perfecto, o sea, se supone que son planchas perfectamente diseñadas en los {penicunables} y que posteriormente han sido pasadas totalmente a los incunables. Te puedo mostrar montones, muchos ejemplos ¿no? Eso a propósito de las relaciones entre términos. Solamente hay un libro contemporáneo, en el que se recogen relaciones entre términos, tan, tan o casi tan ricas como las de los lógicos medievales, digo lógicos medievales porque siempre se han clasificado en sus libros dentro de la lógica, que es la semántica de John Lyons, no sé si la conoces, un tocho grande. Si no la has manejado…

L1: Lyons, sí.

L2: Bueno, pues Lyons cuando plantea problemas de relaciones entre términos dentro de lo que es la semántica, pues se aproxima un poco a lo que hicieron estos. Quizás tenga algo que avanza sobre los medievales y es la idea de que…

L1: ¿Pero cita a los medievales?

L2: No los cita.

L1: ¿No reconoce los créditos?

L2: No los conoce, no los conoce. Pierce los conoce, éste no los conoce, o sea, hay cortes en la historia del pensamiento, en virtud de los cuales, hay teóricos que son teóricos puros, pero no han seguido una línea de la historia, es decir, no reconocen las cabezas sobre las cuales están trabajando, no saben a quién tienen debajo.

L1: Yo pregunté específicamente por Greimas porque mucha gente, la documentación que ahora está estudiado Greimas, toma el cuadrado lógico semiótico como algo que nació en la teoría de Greimas.

L2: No, no, qué va…

L1: Sí.

L2: No, qué va, está claro que no…

L1: Algunas cosas fueron hechas antes.

L2: No, no. Eso es igual que el triángulo semiótico de Richards. Ayer te mencionaba a Polodoro de…, es que no me acuerdo del nombre, lo tengo escrito, o sea, te mencioné el trabajo mío, bueno, no es un trabajo porque fue la defensa de una lección magistral en documentación y modelos {sobre lingüística secundaria}. Tengo ejemplares por ahí ¿eh? y tengo que publicarlo, eso tengo que publicarlo porque hago un recorrido.

L1: ¿Es posible sacar fotocopias o hacer algo así?

L2: No, tengo que publicarlo. Ahí hago un recorrido histórico de lo que después se llamó triángulo semiótico, que es paralelo al cuadrado lógico. Triángulo semiótico atribuido {a} Richards, que no son de ellos ni muchísimo menos, que está presente en Frege, en un lógico, Gottlob Frege, que está presente en los cursos de arte, que está presente en la lógica.

L1: Está presente en el esquema, la figura…

L2: En los lógicos medievales. No, no, la idea, la idea, la figura no, la figura no, la figura no que yo sepa.

L1: Frege tenía una idea de… [Inaudible 49:02]

L2: Sí, Pierce.

L1: Sí, también Frege.

L2: Hombre, uno de los que más ha explotado, no sé si conoces a Max Bense, un alemán, pues Max Bense cita bastante a Pierce y además tiene un estudio sobre la integración de los {signos} icónicos, unos en otros formando cadenas. Es decir, el sintagma icónico que llama él. Bueno, pues Max Bense hace el estudio del triángulo. muchísimos, bueno {Talber} también lo ha hecho y ¿cómo se llamaba éste?, este filósofo alemán que es el maestro directo a {Galber}, ¿cómo se llamaba?, ¿cómo se llamaba?, empieza por f. Los nombres ya…

L1: Alemán con f.
L2: Con f, con f, sí, {Fuhrman}. {Fuhrman} tiene un libro, en el cual hace un desarrollo, hace una exposición, entre otras cosas. El libro muy bueno. Yo recuerdo me lo dedicó, me lo regaló...
L2: …{Talber}, en uno de los congresos de {ISKO} España y yo no sé si se lo pasé a Mónica, debe de estar en la casa de Mónica de Murcia, debe de estar el libro, porque yo, en la mía no lo tengo, ése y unos cuantos más, pues me han ido dedicado y se los he ido pasando a Mónica. Entonces, ahí lo recoge, pero eso tiene una tradición que va hasta los estoicos. O sea, por ejemplo, vamos a ver, Wuster, Wuster y Frege se plantean un problema que es lo que los estoicos denominaban lecton. El lecton… ¿Tienes un papel a mano?
L2: Mira, vamos a ver, voy hacerlo hacia ti [dibuja o escribe en el papel]. Bueno, en el triángulo tradicional de Richards, tenemos aquí la expresión, aquí la expresión. Aquí, por llamarlo de alguna forma, el contenido y aquí el referente. Bueno, o si se prefiere el significante, el significado o concepto y el objeto, aquello a lo que se refiere la cosa ¿no? Bien, entonces, hay una relación entre cada uno de estos elementos; ésta es una relación, ésta es otra relación y ésta es otra relación. Sabemos que la relación que existe entre este punto y éste, es una relación de mediación a través de éste, en la teoría de Richards. Bueno, esta teoría se corresponde con una teoría estoica donde aparece aquí el lecton. El lecton es una entidad intermedia que no es ni el concepto, la palma distenta que decían los estoicos ¿eh? ni es la cosa. Es una cosa intermedia. Bueno, ese mismo problema se lo plantea posteriormente Frege, cuando llega al concepto de descripción definida. Y de hecho Russell en su compilación, bueno, en la versión española, un libro publicado en no sé qué editorial es, un tocho grande, que recoge el primer estudio que hace Bertrand Russell de las descripciones definidas, hay una referencia al lucero del alba, al lucero de la mañana, lucero vespertino, Venus, Venus, que está presente ya en Frege. Y Frege plantea el problema de los tres, no utiliza ningún diagrama pero está presente. Los lógicos medievales, los gramáticos medievales, te lo he citado ya varias veces, en la gramática, la llamada gramática especulativa, el título es: "Gramática especulativa si de modis significanti", es decir: "gramática especulativa o sobre los modos de significar". El término modis significanti, modo de significar, es muy importante porque paralelamente a ellos, modi significanti, están los modi esendi.
(...)
L2: Sí. Y están los modi intelligenti. O sea, te estoy localizando, modi significandi, modi intelligendi, modi esendi. Los modi significandi, son modos de significar que se estudian inmediatamente en las gramáticas especulativas. O sea, la gramática especulativa es como una especie de gramática universal, pero que proyecta la estructura de la lengua latina sobre todas las demás lenguas. Digamos que aún no ha surgido el problema de la diferenciación de las lenguas y entonces hay una concepción universalista del lenguaje y eso es lo que da origen por parte del {pseudo Tomás de Erfur}, que es el primer autor al que se le asigna esto, después se le asignó a Juan Escoto Eurígena. Bueno, lo del autor es lo de menos porque hay tres tradiciones de los modis significanti. Esos modis significanti, que son modos de significar, tienen mucho que ver con los predicables y con los predicamentos, te lo podría explicar largo y tendido. Voy a dedicar unas clases a esto. Pero paralelamente a los modos de significar, están los modos de entender, los modi intelligendi, que habría que situarlos en este ángulo del triángulo.
L2: Y están los modos de ser. Los modos de ser en sus orígenes era la metafísica, o sea, aquí hay que situar la metafísica. Hay que situar, yo diría, la lógico-lingüística y hay que situar la teoría del conocimiento, la epistemología, la criteriología, la fraseología y ya tenemos estas tres disciplinas. Aquí, la gramática en un sentido amplio. Bueno, pues ya te lo he dicho, ya te lo he explicado ¿eh?, o sea, detrás de los modis significanti está el triángulo semiótico, o sea, está hasta en la sopa, está hasta en la sopa y ahí son tres. En el {Periyar Medeiras}, en el primer capítulo, nada más empezar, está ahí, perfectamente escrito y lo que decimos es la palabra está presente en el ánimo, {la sigé}, pues es lo mismo, las cosas referidas, la diferencia entre los tres. O sea, es todo una tradición greco-latina, secular, multi secular hasta llegar a nosotros. Claro, pues los más conocidos pues {Orders} y Richards obviamente, obviamente están ahí. En {Polotele} está, si lees la conchita detenidamente, incluso lo he reproducido en una figura para llamar la atención sobre eso, dicho de otro modo, pero está presente ahí. Algunos tratadistas han hecho del triángulo un cuadrado ¿eh?, o sea, que eso ha ido, ha ido evolucionando. En Potier ha evolucionado, ha evolucionado y yo Greismas no sé si lo cita, no, no lo recuerdo.
L1: A Greimas se le acusa, por ejemplo, de atrapar la vinculación con los objetos.
L2: Sí, sí, claro, sí, sí, sí. Vamos a ver, hay un estudio, lo conoces sin duda, muy bien realizado por parte de Humberto Eco, sobre el carácter indefinido de este triángulo, aunque él no menciona expresamente que yo recuerde el triángulo. Por parte de Pierce, o sea, vamos a ver, aquello a lo que nos estamos refiriendo es siempre una unidad cultural, olvídate del objetos.
L1: Sí, sí.
L2: Los objetos no existen. Objeto es una creación filosófica, eso que yo he llamado referente, he aludido a [inaudible 57:30], lo que está ahí, lo designado. Designatum y denotatum, recuerda, son dos términos que acuña Charles Morris que son distintos. El ejemplo que pone Charles Morris, a mí me llamo siempre mucho la atención, es decir, para explicar, yo se lo explicaba a los alumnos, la diferencia entre designación y denotación. La designación prescinde de la existencia de lo designado. La denotación por definición, cuenta con la existencia de lo denotado y pone el ejemplo de la persona que se levanta por la noche y va al frigorífico, abre el frigorífico y avanza la mano en la oscuridad para coger una naranja que ha dejado allí, ya no está la naranja, es un movimiento fallido, eso tiene designatum, el movimiento, pero no tiene denotatum, no existe el objeto. A la hora de plantear esta diferencia entre designación y denotación a aquellos textos en los cuales aparecen mundos fantásticos o mundos fabulosos; pues sirena, centauro, sátiro, ¿qué designación es ése? Problemas paralelos que tienen que ver con la semántica, pues la diferencia que pueda haber en un nombre propio y una expresión definida. Es decir, el actual rey de Francia, el actual rey de Francia, pues claro, como no hay actualmente rey en Francia…, pero es que resulta que los nombres propios de suyo presuponen la existencia de lo nombrado. Y en el caso de las expresiones definidas, del tipo de las que hemos mencionado, no. Entonces, si la expresión utilizada entraña unicidad y existencia, es aceptable dice Russell, si no la entraña, no es aceptable.

El nombre, pues hombre, imponemos un nombre, yo me acuerdo ahora del primer perro que tuve, y le puse Crates que era uno de los sabios de Grecia. En el supuesto de que Crates no hubiera existido, pues Crates es un nombre, es posible que solo exista un Crates. Pero, vamos, que tenga la unicidad, la propiedad de la unicidad, pero no tendría probablemente la propiedad de la existencia. Entonces ¿qué decir ahí? y ¿cómo se relaciona eso con la diferencia entre designación y denotación? Porque está claro que no únicamente, el nombre designa y/o denotan, sino que las expresiones definidas también designan y/o denotan.
L2: Pero su modo de designar o denotar es distinto. O sea, es distinto el modo de designar un nombre propio de un nombre común, eso es obvio, o sea, es una teoría de la significación, pero dentro de la significación, se va hilando pues mucho más fino de lo que se hila en la contemporaneidad.
L1: Sí. ¿Qué te parece la idea de Humberto Eco, de unidad cultural?, porque aparece, digo Humberto Eco, por ejemplo.
L2: Sí, sí, sí.
L1: Más próximo a los lingüistas, a los nominalistas.
L2: Sí, sí, sí.
L1: Que un realista, un señor realista.
L2: Bueno, vamos a ver, para mí…
L1: Alguna cosa está muy asociada en el concepto…
L2: Bueno, yo acepto el pensamiento, ese pensamiento de Humberto Eco, porque en el fondo, yo en la teoría del conocimiento soy constructivista. O sea, vamos a ver, yo leí mucho a Kant.
(...)
L2: Vamos a ver, estábamos entonces con la idea de que el triángulo semiótico, como paralelamente ocurre con el cuadrado, el llamado cuadrado lógico, pues tiene una larga tradición histórica, o sea que eso… Y, bueno, en esa tradición, hay algunos puntales ¿eh? que son dignos de estudio y de revisión desde puntos de vista concretos, concretamente, el punto de vista de la semiótica o el punto de vista de la lógica. Te comentaba ayer que el año antes de incorporarme yo a la Universidad de Málaga, cuando permutó el director del departamento, Óscar Martínez Freire, pues yo pronuncié una serie de conferencias, no sé si fueron tres conferencias o cuatro, estuve tres días allí y fue solo el de modis insignificanti. O sea, yo recogí bastante material, de hecho tres versiones, tres versiones del modis significanti distintas, algunos trabajos hechos, había poco, dos o tres trabajos en inglés y no sé si había una revista hispano-americana. Y bueno, yo vi las posibilidades que tenía eso ¿no?, yo tengo las ediciones anotadas, con notas preparadas. Aquella conferencia, claro, tampoco se publicó, de lo que recuerdo es que estuvieron tres o cuatro profesores de letras, pues concretamente había uno de crítica literaria, Garrido y otros dos de lingüística general, que decían que por qué yo me dedicaba a la lógica y no me dedicaba a la lingüística. O sea, que me estaban diciendo vente con nosotros pero bueno… Ojalá les hubiera hecho caso. En Málaga me hubiera ido mucho mejor que con los lógicos ¿no? El problema de las relaciones entre términos es… Y surgió John Lyons. Vamos a ver, los lógicos medievales, ya ante predicamentos. Vamos a ver, ¿cómo te lo diría yo?, es que el lenguaje que estoy utilizando presupone a veces varias cosas que no tienes por qué conocerlas. Vamos a ver, el primer libro de Aristóteles que forma parte del Órgano como sabes, son las categorías. Bueno, las categorías, categorías o predicamentos, tradicionalmente se han dividido en tres partes: los antepredicamentos, los predicamentos y los post-predicamentos. Los antepredicamentos plantean problemas de carácter semiótico, pues por ejemplo, el problema de la sinonimia, el problema de la homonimia. Son problemas evidentemente semióticos y de relaciones entre términos.
L2: De tal modo que cuando se va haciendo el estudio, la segunda parte que son las categorías propiamente tales, el estudio de cada una de las categorías, pues digamos que los ítems, las partes, los jalones en las que se va estructurando el tratamiento de cada una de las categorías, están ya de un modo configurados por parte de los antepredicamentos, entonces se llama antepredicamentos, digamos fundamentando los predicamentos. Y después en los post-predicamentos, hacen algunos desarrollos que se supone que no han quedado muy claros en los predicamentos ¿no? Entonces, ya ahí en los antepredicamentos, se plantea el problema en las relaciones entre los términos. Otros lugares en los cuales Aristóteles plantea ese problema, en los primeros analíticos, cuando hace el estudio de los enunciados también hace un estudio {incoa}, un estudio de los términos, plantea el problema de relaciones entre términos ¿eh? De tal modo que también ahí está presente la teoría del cuadrado, el cuadrado de oposiciones, y seguramente que de ahí lo tomó [Inaudible 1:06:24] cuando configuró el cuadrado. Hay que decir por otra parte que en los manuscritos medievales y posteriormente en los impresos medievales se economizaba bastante la imagen. O sea, el hecho de que, pues por ponerte un caso, {Jean Marie Derrick} fue un estudioso belga, supongo que está vivo todavía, que se dedicó a recoger toda la literatura manuscrita que había precedente, inmediatamente precedente y que tenía que ver directamente con las súmulas de Pedro Hispano. Entonces él recoge una serie de manuales, de tratados, de compendios en torno a 1230, que fue la época en la que hubo una huelga en la Universidad de París y presuntamente Pedro Hispano, a quien se llamó siempre Petrus Hispanus Portugalensis porque se suponía que era de Portugal o lusitano, era lusitano, vino a León, estuvo en León durante la huelga [Inaudible 1:07:42] de los franceses. Y durante esa estancia en España, se dice que escribió las súmulas lógicas en ese terreno. Ya no sé a qué venía esto, de unas ideas se me van a otras y me pierdo.
L1: Estabas haciendo un recorrido para explicar un problema planteado por Humberto Eco que es la unidad cultural.
L2: ¡Ah!, sí, bueno, no, no, no era eso en concreto. Eso era la pregunta que tú me has hecho, pero yo estaba navegando por…
L1: Sí, no, estábamos aquí por ejemplo.
L2: El concepto de unidad cultural de Humberto Eco, yo no creo que tenga precedentes en la Edad Media, o sea, no creo en absoluto. En eso los medievales eran mucho más absolutistas, mucho más absolutistas. Yo estoy de acuerdo con Humberto Eco, te estaba diciendo que yo soy más bien constructivista. O sea, vamos a ver, y tengo, mi ideología respecto de la teoría del conocimiento está más próxima a Kant que a Aristóteles en esto, porque mi formación ha sido propiamente escolástica, he reaccionado en muchas ocasiones al legado

recibido, pero vamos… Entonces, para mí Kant, tiene una idea muy clara, no existen los objetos, el objeto es una construcción de la mente, pues percibir es categorizar ya. O sea, es una proyección de un esquema categorial sobre una masa informe ¿eh?, que es lo que está ahí, dependiente o independiente de mí y que yo configuro y bueno y detecto, detecto unidades, a las que llamo objetos, objetos de {obvietum}, lo que está, lo que se le opone. El primer objeto para el niño en la cuna son las barras de la misma con las que topa ¿no? Eso es totalmente de recibo, ¿por qué lo de la unidad cultural? Bueno, el lenguaje y el pensamiento…
L2: …decía Ortega, corren paralelos, corren paralelos y según cuáles sean las vías del lenguaje, son las vías del pensamiento. La tesis de Benjamin Whorf, de que existen tantos mundos cuantas lenguas, para mí es una hipérbole, pero es una gran verdad, o sea, es una gran verdad. La posibilidad de detectar objetos depende del mundo en el que vives y, de hecho, en los estudios que se han hecho del significado, por ejemplo, de los términos que designan o denotan los colores o que designan otras… Por ejemplo, uno que trae Lyons, los estados del agua. En un mundo de esquimales, está claro que la percepción de los estados del agua, la nieve, el hielo…, es distinta de la del hombre del desierto, de un sahariano, es obvio. No le preocupa en absoluto ¿eh?, la diferencia que hay entre un estado de la nieve en la que puedes resbalar, un estado de la nieve en que no puedes resbalar, siendo pragmático a machamartillo. En consecuencia, pondrá nombre a ese estado de la nieve cuando quiera decir a su compañero: "oye, ten cuidado que la nieve está en estado… y te puedes resbalar". En esa lengua, en ese idioma habrá más términos para designar una misma masa, que diría Kant, y sin embargo, en otras habrá menos. El mundo es distinto para un hombre que para otro, ése es un ejemplo obvio, o sea, a nivel de nombres, a nivel nominal y por supuesto, a nivel de hechos, de acontecimientos, de procesos, de sucesos, pues podemos decir lo mismo. El concepto teórico es mucho más rico, pero quizás se pueda entender desde ahí, o sea, lo que estamos designando, ¿qué designa la palabra nieve? Bueno, yo recuerdo cuando llegué a Málaga, la primera experiencia que tuve de carácter nominal, te la apunté ayer que fueron lo de los peros, las manzanas, las peras… Pero otra fue encontrarnos con los hijos de un amigo que decían que el frigorífico estaba averiado porque tenía nieve. O sea, aquellos pobres hijos no habían visto nunca la nieve, le llamaban nieve pues aquella especie de escarcha que se forma, cuando tiene una fuga y tal, si no lo han visto, los nombres no saben, son distintos. Yo recuerdo en Murcia, a los dos años de llegar, no, más años, más años, pasaron años, pues el hijo de Luis Miguel, lo sacaron un día a la calle y empezó a llover y el chaval tenía cuatro o cinco años: "mamá, mamá, han soltado la ducha". No había visto nunca llover el pobre, pues en Murcia llueve muy poco, pero claro, él era un niño, ahí tienes otro ejemplo, o sea que… Lluvia, la ducha, es lo que has experimentado y lo experimentas dentro de un mundo, de una cultura que tiene un [1:13:20] un modo de ver las cosas, un conjunto de tópicos, de prejuicios, un conjunto de expectativas. Un conjunto de expectativas que yo creo que en última instancia totaliza la unidad cultural.
L1: Yo tengo dificultades, por ejemplo, de juntar el concepto de unidad cultural de Humberto Eco y el interés de {Proust}, por el acuerdo, el acuerdo entre sobre el significado {en sí}, tenemos que poner, extraer un término común para justificar algo, resulta muy difícil de hacer. {Proust} es un realista muy radical en algunos momentos y deja muy claro que al acuerdo siempre tenemos que pasar en algún momento. El acuerdo y tenemos que llegar a eso. ¿Cómo analiza esto?
L2: Sí, vamos a ver. Te digo cómo lo veo yo. Vamos a ver, ese problema, ese problema es anterior obviamente a Pierce, o sea, es el problema de la relación entre significante y significado en un signo y que da origen a distintos tipos de signos. Si esa relación es natural, no es lo mismo que si es institucional. Es decir, el signo natural es un signo…, si el humo es signo del fuego, ves el humo y automáticamente "fuego" es porque hay una relación causa-efecto entre el humo y el fuego, ahí no hay ninguna convención.
L2: Y no hay ninguna razón, incluso [Inaudible 1:15:02] de la onomatopeya, para que a esto se la llame mesa o se le llama *table*, en absoluto. Ha habido una convención, o sea, se ha identificado y eso sí es arbitrario. Una de las características del signo lingüístico humano es que es arbitrario, ¿qué significa arbitrario? Bueno Tullio Di Mauro que te citaba ayer la edición de este editor italiano, con unas notas muy bien hechas, muy ajustadas. Pues el concepto de arbitrariedad ha planteado problemas en toda la lingüística europea, ¿cómo se interpreta esto? Bueno, no es que se pueda hacer cualquier tipo de convención, no es que se pueda convenir cualquier cosa, no se puede convenir cualquier relación entre cualquier significante y cualquier significado. Yo le digo a mis alumnos: "las palabras no andan solas por la calle, cada una de las palabras tiene su historia y en la historia de una palabra, esa palabra arrastra prácticamente al resto". O sea, yo no puedo hacer una [Inaudible 1:16:04], ni un colectivo ¿no? y si lo hacemos no es duradero, prescindiendo de la etimología de las palabras y de la historia, y la carga de significado que a lo largo de los siglos ha ido teniendo en una lengua determinada esa palabra. Que en determinado momento ha habido un desplazamiento de significado en una lengua tal que un significante que significaba… La palabra azafata ¿no?, azafata era la señorita que cuidaba a la reina, ahora la azafata es la que está en el Congreso o la que está en el avión. El significante ha permanecido pero el significado se han desplazado, pero por qué se ha desplazado, pues son costumbres culturales distintas, ha entrado en desuso la función inicial, ha entrado en uso una nueva función, entonces, en lugar de crearse un neologismo, se ha aplicado…, se ha desplazado de un significado a otro significado, el significante viejo. Entonces, en este planteamiento, el concepto de arbitrariedad queda bastante más reducido. Es decir, no es necesario, absolutamente necesario que sea este significante el que designe ese objeto, el que signifique eso, pero digamos que hay una limitación del conjunto de significantes que podrían designar, manteniendo la lengua en su estatus, ese determinado significado. Y eso es la cultura, o sea, en el fondo, ésa es la cultura. O sea, que el concepto de unidad cultural está latente en la idea de un tipo de signo que no significa por naturaleza, sino por convención. Pero esa convención no es individual, tampoco es digamos institucional, es heredara, la heredamos, queramos o no, aprendemos el lenguaje materno y a partir de ahí adquirimos otros lenguajes. Y todo lo que conocemos, lo conocemos a través de ese camino. Yo lo veo así ¿eh? O sea, que es en este punto de la relación entre significante, significado, donde está el problema de la unidad cultural.
L1: Sí, comprendo.
L2: Yo lo veo así.
L1: Sí, hay una distinción que ha hecho que son los signos naturales, por ejemplo.

L2: Sí, vamos a ver, signo natural y signo artificial, es la diferencia tradicional.
L1: Pero es muy importante, porque {Porset} [Inaudible 18:37]
L2: Ése es el punto de partida de los tratados de términos: signo natural, signo artificial. El ejemplo que ponían los latinos, un rótulo con una jarra colgada en una taberna, eso es un signo, es un signo y sin embargo, pues ese significante no tiene nada que ver con el lenguaje. Un ejemplo que ponían del signo artificial y signo natural, signo no lingüístico. Es muy interesante la teoría, la teoría medieval de los signos, de signis, de terminis y de signis. Ahí la versión que trae Luis de Losada que te mencionaba el otro día, hay tres o cuatro capítulos dedicado al estudio de los signos o Juan de Santo Tomás, son ya epílogos, son ya del siglo XVIII, o sea, 1720. Pero claro, por supuesto que los anteriores lo han estudiado con mucho más detenimiento. Pues por ejemplo, Juan Martínez Silíceo, que era un cardenal que fue profesor de la cátedra de prima, la cátedra de prima de lógica de Salamanca, y aquí en Alcalá también, era en la que se explicaban los primeros analíticos y el {Perier Meneillas} y las categorías se quedaban por la tarde en la Universidad de Salamanca, y por la tarde se comentaban los otros libros del Órgano: cátedra de prima…
L2: …y cátedra de vísperas, porque eran las dos horas canónicas; las horas de la mañana y la hora de la tarde. Y éste, el cardenal Silíceo, tuvo unas súmulas muy interesantes que estudió Vicente Muñoz Delgado, y yo también estudié, claro, en el siguiente grado de… Y es uno de los Tratados de súmulas que desarrolla de un modo más detenido y extenso los términos, el estudio de los términos. Entonces, claro, ahí hay aspectos que le interesan de un modo especial y casi privativo al lógico y otros pues que le interesan indistintamente al lógico, al gramático o al estudio de la semiótica. Pero sí, la tipología de los signos, las tipologías de los signos, tienen muchos siglos de andadura antes de que lleguemos a las clasificaciones de Pierce o a la clasificación misma que trae Humberto Eco, como más divulgador ya dentro de la semiótica o las clasificaciones elementales, no recuerdo si son dos o tres que trae Morris en el fundamento entre los signos.
(…)

ENTREVISTADO 11-C

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado
(...)
L1: Sí, la historia de…
L2: Sí, la historia, más o menos, el rastreo del triángulo semiótico, del cuadrado lógico de lo que Greimas {llamaba} el cuadrado lógico.
L1: Greimas hizo una reducción.
L2: Sí, si es una reducción, sí. El cuadrado lógico no es ése, o sea, eso se lo saca de la manga, o sea, eso ni es el cuadrado de proposiciones, ni es el cuadrado lógico.
L1: Y { tuvo la oportunidad de reunir} las dos cosas.
L2: Sí, vamos a ver…
L1: Porque tenía una semántica estructural, que [Inaudible 1:25] ya había escrito algunas cosas, algunas ponencias sobre el asunto.
L2: Sí, sí, sí.
L1: {Susil}, y tenía la oportunidad de juntar ambas cosas.
L2: No, incluso tiene todos los desarrollos de Bernard Pottier, que son previos a él, a quien cita de vez en cuando, pues los tenía a mano. O sea, podía haber echado mano de ellos, incluso pues Pottier establece relaciones entre términos análogas a ésas, aunque no las llame cuadrado. Hay un diagrama de Pottier, que me parece que yo lo reproduje también en Concepción {Lógico} Lingüística aplicado a los términos de documentación, información y comunicación, cuando establezco relaciones entre los tres ¿no? Hay bastante materia, en Concepción Lógico Lingüística de la Documentación, yo metí bastante material lingüístico de relaciones a términos aplicados ex profesos ya a términos del mundo de la comunicación, pues los que hemos mencionado; comunicación y formación, documentación, instrucción, etc.
L1: Pero antes, había encontrado algo en la documentación.
L2: Nada, de eso, nada. No, eso, eso me lo saqué yo de la manga, estudios de la manga porque no había, no había, no había. O sea, a las definiciones que daba el diccionario, los usos que había hecho López Yepes en un manual que había escrito previamente, no había, no había. Vamos a ver, la recopilación de definiciones de documentación que yo hice por ejemplo en el Estudio de las Definiciones, pues aparte de la ordenación cronológica, el análisis de componentes que aparecen en las definiciones, por digamos, inducir, a partir de las definiciones dadas, una definición casi consensuada de lo que se entendía en aquel momento por documentación. La última obra que aparece, me parece que es la tesis doctoral Mercedes {Carrias} Sebastián, el último ítem del cuadro que yo tabulé ¿no? Era un modo de, vamos a ver, de expresar una definición, implícitamente consensuada, es decir, tomar de lo que hay de común en todos, dejar lo diferente a un lado, todo lo que se entiende por documentación en aquel momento. Que no era precisamente, digamos, la actitud metodológica que a mí más me iba ¿no?, en absoluto, por eso yo, el resto de libro, en la Concepción Lógico Lingüística, adopto otra actitud, incluso pues trato de seguir más o menos o integrar en lo posible, dentro de las facetas que aplico, el pensamiento de Otrer, pero no siempre ¿no?, no siempre. Y algo análogo ocurre también en la relación documental del conocimiento, el libro éste que llamamos la tortilla, porque se da la vuelta y… El primero, el modo de citar en las clases, el llamado a citar en el entorno en el que yo me movía Concepción Lógico Lingüística era la conchita, Concepción Lógico Lingüística era la conchita. Entonces, en español, a una mujer que se llama Concepción, la llaman conchita.
L1: Conchita.
L2: Conchi, Conchita, pues la conchita es el libro Concepción Lógico Lingüística. Y este otro, que por un lado, es un libro y por otro lado es otro, pues se ha dado la vuelta a la tortilla, pues la tortilla. Se quedó con la tortilla.
L1: Sí, sí.
L2: También tiene su semántica ¿no?
L2: Es un modo de abreviar. Pero como digo yo en la conchita o como dice la tortilla, es un modo de…
L1: No sé, ¿qué ideas plantearía en la semiótica documental? Si tuvieras, por ejemplo, unos treinta años para estudiar…
L2: ¡Uy!
L1: De manera así, continua, la temática.
L2: Pues vamos a ver. Yo daría el salto de la palabra, a la agrupación de palabras y a la frase. Esto, esto obedece a una actitud nominalista, en el sentido de nomen, de ónoma, de nombre, de nombre. Es decir, esto funciona perfectamente con nombres propios y nombres comunes. O sea, obviamente, de entre las palabras, algunas son nombres, pero hay otras que no son nombres; el verbo. Esto no funciona como verbo, no funciona como verbo. Es decir, la designación y la denotación tienen que ver con el ónoma, con el nombre, pero el lenguaje es mucho más que nombres. Entonces, fíjate si tengo todo un campo de estudio ¿eh? Problema de relaciones entre unidades lingüísticas. Bueno, obviamente la palabra es una unidad lingüística, pero una agrupación de palabras, pues qué sé yo, pues las chicas del cuarto. Ayer, yo veía con mi mujer una película que se titulaba: "las chicas del cuarto". Bueno, supongamos que en vez de ser las chicas del cuarto, fuera la rubia del cuarto, la rubia del cuarto. Sí, efectivamente, si en el cuarto piso de un edificio en el que vivimos, pues hay una rubia, pues está claro que eso designa a una persona concreta. Está en lugar de un nombre propio. Problema, eso es una descripción definida, existe la rubia del cuarto y solamente hay una rubia en el cuarto, es

una descripción definida, vale, le damos la razón a Russell, descripción definida. Da igual utilizar el nombre que utilizar la descripción definida, da igual decir Cervantes que decir el Manco de Lepanto o decir el autor del Quijote, no sé hasta qué punto. Pero ese tipo de unidades, de unidades significativas, las que se mantiene el problema de significado, son las menos estudiadas. De hecho, a nivel lingüístico, el concepto de descripción definida o descripción indefinida no se estudia. Han tenido que ser los lógicos, Bertrand, Russell y compañía, Freire, los que han planteado problemas. Por eso, distinguimos entre una semántica lingüística y una semántica lógica.
L1: Sí.
L2: Que son distintas.
L1: Es muy apropiado.
L2: Son distintas. Son distintas pero desde el punto de vista semiótico, son complementarias, son complementarias, o sea, hay que echar mano del autor. Claro, semiótica.
L1: Sí, puntos de vista semióticos, la perspectiva lingüística, por ejemplo, hablan de la semántica lógica, como hay un libro y un manual en portugués de un especialista de la Universidad de Sao Paulo, que clasifica la semántica, las lógicas como semánticas de la palabra *isolada*.
L2: De la palabra aislada.
L1: Aislada.
L2: Claro, es que es eso, es lo que te estoy diciendo. Ése es el problema, o sea, el estado actual, el estado actual de la semiótica, tal como yo lo veo, es el estado del atomismo, o sea, las disciplinas avanzan de una actitud atomista, es decir, de dividir en parte las cosas, incluso en orden de poderlas estudiar más detenidamente cada una de ellas. Y después viene el problema de las agrupaciones y las relaciones entre ellas y ese paso no le hemos dado. O sea, en lingüística se ha dado obviamente, se ha dado regularmente porque la morfología se quedó atrás, la lexicografía o lexicología se quedaron atrás; la fonética se quedó atrás. Ha evolucionado mucho la sintaxis, o sea en el siglo XX, desde los formalismos, o sea, el hecho de que la sintaxis formada haya evolucionado, pues se ha podido evolucionar también las gramáticas. De hecho, Chomsky en su tesis doctoral era una matematización de la sintaxis. Pero se mantenían los problemas semánticos. Entonces, Chomsky, en parte, como {Freidor Catch} y algunos otros, fueron capaces de resolver problemas de semántica nominal, de semántica… Pero los problemas de la semántica, de la transfrase… Vamos a ver, la semántica de la frase y de lo que está detrás de la frase, que ya son las citas del lenguaje, las mismas del texto, {Bettofi} y compañía que ahí sí se han acuñado un montón de términos, archi estructuras,…
L2: …súper estructuras que a mí no me dicen nada. O sea, son palabras, fla, fla, {flatabosis}, que no tienen denotatum, no tienen denotatum. Está muy bien, o sea, es que no designan nada nuevo, o sea, no inventes un nombre nuevo para…, ya tienen nombre. Estructura, pues muy bien, pues ya vale con la estructura; infraestructura, mecaestructura, súper estructura, paraestructura… Bueno, vale, bien. No es necesario, o sea, hay que crear un nombre nuevo cuando lo designado no se puede nombrar sin equívoco con los nombres que ya existen. Y se ha abusado muchísimo de palabras nuevas, de componer palabras nuevas, es un esnobismo, que viste muy bien y suena muy bien, hay palabras que suenan muy bien, pero no si designan algo.
L1: Sí, a veces, no hay un justificante.
L2: Yo recuerdo, recuerdo al principio de las charlas que daba Xavier Zubiri en la Complutense, yo tuve ocasión de asistir a dos de ellas. En alguno de los escritos lo cuento. Asistían gente de la alta sociedad, señoras mayores, vestidas de visón, enjoyadas a oír una conferencia de Zubiri, pues sobre la esencia y la diferencia entre su concepción de la esencia y la diferencia a la concepción que tenía Tomás de Aquino o tenían los jesuitas, sobre la relación entre esencia y existencia, consistencia y estas señoras aguantándole a Zubiri durante toda la conferencia que no se enteraban absolutamente de nada, porque no conocían nada de lo que estaba hablando Zubiri. Y le preguntabas a la señora decía que eso no importaba, lo importante es que le he estado viendo y habla muy bien este hombre: "¿pero de qué habla?": "pues no", eso no cuenta. O sea, se queda en pura función fática, o sea, es la misma función de la persona que se encuentra en el departamento de un ferrocarril y no se conocen de nada y dice: "buen tiempo hace ¿verdad?" y hablan por hablar, o sea, es por estar en contacto.
L1: Por mantenerse…
L2: Efectivamente, por mantener contacto: "sí, sí, sí", por teléfono, por mantener el contacto, la función fática. ¿Qué se dicen?, nada, si no interesa lo que se diga, lo importante es decir y saber que no estás solo y está el otro ahí. Bueno, eso lo sabemos que la antropología lo explica, o sea, el hombre sale de su soledad en el lenguaje. Y no importa en absoluto cómo salga ni quién sea el interlocutor que tiene delante, eso es lo de menos, lo importante es que uno no se encuentra solo. Es que eso es un problema que a veces tiene el hombre. Y ésa es la explicación antropológica de esa función, de esa pobre preterida función, mínima como diría Jackobson, función de contacto, función de contacto ¿no?, que es muy importante. O sea, yo sobre la transducción, en algún momento doy a entender que con eso basta. O sea, yo puedo {ocultar} de si tenemos capacidad de comunicarnos o estamos en una incomunicación absoluta ¿eh?, de tal modo, que bueno, si lo que yo digo tiene ecos en mi mente muy definidos, en función de mi experiencia vivida, mi experiencia personal. Y pues quizás, porque lo reconozco como positivo, pues trato de transmitírselo a mi interlocutor ¿no? Y hablo y digo, y puedo utilizar palabras, con un lenguaje totalmente llano o utilizar un conjunto de imágenes y de mitos, pues para que surjan ecos parecidos en la mente de mi interlocutor, ¿por qué?, porque pienso, estoy en la creencia de que eso le va a hacer más feliz. Y bueno, pues de algún modo, puedo sintonizar con él y eso es la comunicación. El pretender que el lenguaje es capaz de reproducir en la mente del interlocutor las mismas ideas que hay en la mía, pues no sé… el problema ya no es si es posible o no es posible, el problema es por qué y para qué. El problema es para qué, es que yo quiero hacer al otro a mi imagen y semejanza. Es que esa vocación de ser Dios que llevamos todos de algún modo dentro, ¿la ejercemos en el lenguaje?, son cosas que, vamos, tienen que ver con el lenguaje. Entonces, son problemas semióticos, están en la raíz misma de la semiótica. Yo, en algunos de los textos sobre la transducción, si mal no recuerdo, los lemas, algunos de los lemas, aludía a eso, aludía a eso. Ese trabajo que como te comenté el otro día…

L2: …lo hice, hice un alto en el camino en mi tesis doctoral y consideré necesario escribir lo que yo entendía que tenía que ser el modelo tópico de comunicación, aplicado a mi estudio histórico. Eso me llevo a rastrear un montón de literatura, que yo, hasta aquel momento, conocía, de oídas, había visto las citas pero no había leído. O sea, yo, a Barthes lo había leído pues nada, en los sacramentos de semiología y tres o cuatro cosillas sueltas. Pero Barthes de pé a pá no lo había leído, no lo había leído. Pues cómo hacer una búsqueda de pé a pá de Barthes pues no la pude hacer hasta hace tres meses, o sea, cogí toda la obra de Barthes, la volqué en una carpeta, en Txt, en ASCII y tengo los cuatro programas que automáticamente, pongo una palabra y me sale palabra clave, contexto, bom, bom, voy directamente a… O sea, toda la obra de Barthes la puedo recorrer rápidamente ¿no? Ya no es el cálculo de palabras, me importa un pito las palabras, pero me interesa en qué contexto aparece la palabra y en qué contexto aparece una terna de palabras ¿no? o qué palabras están relacionadas, en qué obras aparecen y cuando las obras están ordenadas, a qué altura de la evolución, de las obras publicadas por Barthes aparece ese término o esa idea, esa definición, ese uso que hace de la palabra ¿no? Y eso es importante.
L1: Sí. Habíamos conversado ayer respecto a la función creativa de la documentación.
L2: Sí.
L1: ¿Cómo podríamos, por ejemplo, extraer la función creativa de la documentación y ponerla en la semiótica documental? ¿Cómo sería una función creativa, propositiva de la semiótica documental?, ¿cómo lo maneja este tema?
L2: Bueno. Sí, vamos, el mejor modo de conocer las cosas, como decía Ortega, es verlas nacer {inestatus nascenti}, es decir, como se conoce, es verlas nacer. Yo no sé si es él o fue una ocurrencia mía, el sacarle jugo a esa idea a propósito de un dicho, un dicho español, que seguramente tiene correspondencia con otro dicho portugués: "te conozco como si te hubiera parido" ¿eh?, o sea, el mejor modo de conocer es el conocimiento genético, el saber a qué viene esto, de dónde viene esto ¿no? De tal modo, eso es importante, que si no se conoce a qué viene esto, a veces no se entiende en absoluto el momento en el que estamos. Yo les ponía a los alumnos el ejemplo de la persona que llega tres o cuatro minutos tarde a una clase, y trata de incorporarse a esos apuntes, los apuntes, lo que el profesor está diciendo, sobre todo si el profesor soy yo, que no sigo ningún texto. O sea, hoy, puedo dar un tema ahora, dentro de tres horas doy el mismo y no se parece en nada, o sea, en cuanto a la fluidez, el orden, incluso los elementos que aparecen ahí. ¿Por qué no puede seguir el tema que yo estoy explicando o de lo que se está hablando?, porque no tiene el precedente, porque no sabe de dónde viene. Es decir, el contexto precedente, lo que da sentido desde antes, antes, precedente; antes, a la hora ¿eh?, eso es imprescindible conocer. Entonces, cuando se utiliza esa idea de que las cosas se conocen inestatus nasendi, el subgénesis. El mejor modo de saber cómo se hace algo es verlo desarrollarse, verlo desarrollarse, en acción, verlo en acción, verlo funcionar. Podemos empeñarnos en saber cómo está estructurado, cómo está hecho un reloj ¿eh? Yo les ponía a mis alumnos, cuando hablábamos del análisis y la síntesis, la composición y la descomposición, lo que me ocurrió a mí de niño, cuando tenía yo diez años, con un despertador que tenía mi abuela que en paz descanse, un despertador, de esos que cuando sonaba, se movía toda la vecindad, brbrbr… Era una máquina de hacer ruido aquello. Bueno, pues un buen día, mi abuela Petra se le paró el reloj-despertador y me dice: "oye José, tú que sabes tanto…". Mi abuela aprendió a leer a los ochenta y pocos años, o sea, que no sabía leer. Yo la inicié un poquito y ella solita aprendió a leer, ya leía el periódico ella sola, bueno… Pues claro, cuando me contaba a mí que ya sabía leer, leía perfectamente, la leía cuentos a mi abuela: "tú qué sabes mucho", bueno… Dice: "¿por qué no me arreglas el despertador?" Y yo recuerdo que efectivamente, yo lo intenté y desmonté el despertador, pieza por pieza, fui colocándoles por orden, digo, esto tiene que venir ahí y al final monté el despertador. La primera vez funcionó, funcionó el despertador, pero se me volvió a parar. Yo no sé, es que…
L2: Se volvió a parar. Yo, una vez que vi funcionar el despertador, yo veía el engranaje y veía cómo se movían las piezas. Es decir, ese aspecto, digamos fisiológico del despertador que no tiene nada que ver con el aspecto anatómico de la… Bueno, eso me daba a mí la idea de lo que era la descomposición y lo que era la composición. Es decir, la composición y la descomposición son procesos inversos, inversos, pero que no se explican por sí solos. Es decir, el uno llama al otro, pero hay algo distinto, algo distinto que los complica a los dos. Eso quizás, eso distinto, no sé cómo se llama, estará en la mente, en la memoria que se va depositando en la posición de las piezas para después ponerlas al orden que estaban. El orden de las piezas que está en el espacio, una vez que las has sacado de su sitio, no es el orden que tienen en su sitio. Hay por tanto, una correspondencia entre el orden que tienen en el espacio una vez que las he analizado y el orden que tengan cuando están otra vez compuestas. Mi mente no iba, no está tan analítica como para entrar en los detalles de cómo yo conseguí la primera vez que eso funcionaba. Pero lo que sí recuerdo, es que estuve un buen rato viendo cómo funcionaba aquello y yo me daba cuenta de que era más importante el ver cómo funcionaba aquello, que el cuidado que yo ponía, el tal pieza que está aquí o el tal pieza que está ahí, o sea, ya no es únicamente el aspecto meramente anatómico sino la fisiología, es decir… Fisis en griego, significa salto desde un planeta, pero es unir, es moverse, es movimiento, es dinas, en el fondo es dinamis. Pues con todos los {conceptos} humanos, ocurre algo análogo, un texto, un documento, es como un despertador, como el despertador de mi abuela y quizás tenemos que desmontarlo para ver cómo funciona. Claro, el texto es mucho más complejo porque los textos se están entre cruzando todos los textos que hemos tenido previamente, o sea, la idea de inter texto de Julia Kristeva es importantísima, o sea, hasta el punto de que para mí es uno de los problemas capitales de la semiótica. O sea, el problema capital de la semiótica es que todo signo está siendo cruzado permanentemente por otros signos. Y que esos conjuntos de signos que están cruzando… El signo más elemental que estamos utilizando en este momento, son signos de la experiencia de quien los usa y no sólo hay unos signos los que se cruzan en la palabra signo, cuando utilizo yo la palabra signo, que cuando los utilizas tú, porque tu experiencia es la tuya y mi experiencia es la mía. Eso no se ha estudiado todavía, o sea, la idea de inter texto sí es muy importante y la idea, bueno, de que hay referencias de unos documentos a otros y que hay un aparato crítico a veces en el documento, sobre todo si es un documento científico, estará a pie de página, estará en el margen derecho o en el margen interior. Hay referencias. Pero aparte de eso, es que cada una de las palabras, está siendo

atravesada por toda la experiencia vivida. Hay un momento en el que Ortega cuando habla del valor del concepto… Ortega era un gran conocedor de Desosi, hasta tal punto de que cuando en España y prácticamente en Europa no se conocía, no se leía al menos ¿no?, no se comentaba, el curso de Lingüística General, cuando por ejemplo el concepto de campo semántico no se utilizaba, Ortega acuñó el concepto de campo pragmático, se lo sacó de la manga, el campo pragmático, redujo, trataba de reducir la semántica a pragmática, la pobre de la familia que dice Greimas ¿no?, la pragmática. Bueno, Ortega, hay un momento en que se refiere al concepto como algo que no significa de suyo. O sea, el término, el término que está en la frase, no tiene un significado, no tiene un determinado significado, sí lo que tiene la posibilidad de significar ¿eh? Entonces, el significado del término es circunstancial, o sea, dependiendo del contexto en el cual se mueva significa una o significa la otra. Lo que hace Ortega es aplicar a términos cualesquiera lo que ocurre con algunos términos, es decir, términos que son polísemos y que según el contexto en el que aparezcan, tienen un significado o tienen otro, eso lo acepta todo hijo de vecino, o sea, eso está claro. Lo que dice Ortega es que eso no únicamente ocurre con los términos que son polísemos, sino con todos los términos, con todos los términos. Y que eso ocurre en dos niveles: a nivel de las palabras que le preceden, le siguen,…

L2: …en el texto, en el sintagma, relaciones sintagmáticas y a nivel de las relaciones, él no utiliza la expresión relación paradigmática, pero está aludiendo a ellas ¿no?, las relaciones de sustitución. Es decir, en lugar de esto podía haber utilizado aquella otra expresión, pero ¿por qué utiliza esta expresión y no utiliza la otra? La paleta de que nos servimos para elegir esta palabra o aquella, cambia en cada hablante, depende de la competencia lingüística, depende de la historia de cada uno y ahí está el concepto de inter texto. Ahí se está cruzando en un punto concreto del discurso, de lo que yo estoy profiriendo, lo que llaman los daneses de curso, de curso, de curso, el fluir de la frase, en cada uno de los puntos están, digamos confluyendo como un conjunto de posibilidades limitado por la historia de cada hablante, que es motivado por fenómenos concretos, es decir; el funcionamiento de la mente, la memoria, lo recientemente hablado, los ecos de lo que se ha pronunciado anteriormente, el entorno. Es decir, hay una serie de motivaciones que te llevan a utilizar esta expresión en lugar de la otra. Entonces la paleta del pintor es distinta en cada pintor, la paleta del hablante es distinta en cada hablante. Entonces, en cada punto del curso se está cruzando prácticamente todo el lenguaje. Yo, esto a los alumnos se lo explicaba del siguiente modo: en la geometría tradicional, se define la línea como una sucesión de puntos, hasta el modo que una línea es algo así como el corrimiento de un punto a lo largo del espacio ¿eh?, sea recta o no sea recta. Pues el plano, el plano pues se puede entender como el movimiento de una recta, el movimiento de una recta genera el plano. Y ya, en la geometría del espacio, pues el volumen, pues se puede entender como el movimiento de un plano. Tenemos pues, las dimensiones de la geometría tradicional. En las geometrías, en las metro geometrías de Riemann, Lobachevski, de principios de siglo pasado, ese principio se va al traste, o sea, la geometría euclidiana que es una geometría atomista, que explica el todo a partir de las partes; es decir, el todo-línea se explica a partir del punto "parte". El todo "plano" se explica a partir de línea "parte". El todo "volumen" se explica a partir de la parte "planos". Esa concepción atomista de la geometría y, por tanto, de los componentes de la geometría, las relaciones de los componentes unos con otros, que es de corte atomista, se va al traste con la venida de Riemann. ¿Qué dice Riemann? Riemann dice que un punto es la intersección de dos rectas, con lo cual, en lugar de presuponer la recta el punto, el punto presupone la recta. En lugar de presuponer el todo las partes, las partes presuponen el todo relativo. ¿Qué es la recta?, pues bueno, la recta, pues la recta es el corte de dos planos, ¿te das cuenta la diferencia? Entonces, frente a un atomismo, que se puede entender en geometría como te lo estoy tratando de explicar, pero se puede entender en lingüística también ¿eh? Podemos tratar de entender la frase, la sintaxis, a partir de la morfología por combinaciones de palabras, como se entiende la recta como una sucesión de puntos. Podemos entender la palabra como una sucesión de sílabas, de acuerdo con ciertas reglas de ensamblaje; estas sí y las otras no, hasta llegar a las unidades más elementales de análisis que serán los monemas, como decía {Martinet}, bueno cómo tú quieras ¿no?, o los fonemas o los grafemas, como quieras llamarlo ¿no?, los {alomófonos}, los amorfos… Pero lo que está claro es que la gramática tradicional era de corte atomista. La enseñanza de las letras de la lectura tradicional, era de corte atomista. A mí me enseñaban primero las letras: A, B, C,… Había una letra que se me atravesaba, por lo visto cuando era pequeño yo era incapaz de aprender, que era la A, y mi padre me la enseñó del siguiente modo. Hay un término, bueno, yo a los cuatro años y medio me llevaron los abuelos del pueblo a Santander y ya viví con mis abuelos hasta que fui mayor.

L2: Y mis padres siguieron en el pueblo con mi hermano y tal. Pero hay un término en el pueblo que se llama el Carrascal porque había muchos árboles, carrascos, carrascas. Y claro, en Carrascal, pues tiene tres apariciones de la A y entonces mi padre para que yo aprendiera la A, me hacía la A, decía: "A". Yo [Inaudible 30:19], decía: "Carrascal tráeme {la A aquí}", "Carrascal tráeme…", me lo decía cuando era mayor. Recuerdo pues cuando tuve el doctorado, yo llegué al pueblo y mi padre estaba arando, estaba con un arado de vertedera, una yunta de buey es, pues en una finca se llama "La Olmera". Y yo me abracé a mi padre y le dije: "papá, pues ya soy doctor": "¡ah!, ¿ya eres médico?". Cuando fui a Salamanca, pues tenía idea de hacer medicina, te puedo contar por qué no hice medicina, pero bueno, no hice medicina, hice filosofía. Y cuando me doctoré en filosofía, pues ya digo, llegué al pueblo y tal, yo estaba en Reinosa, viviendo con mi familia ya, en el Instituto, cogí el autobús, bajé al pueblo a saludar a mis padres, me abracé a él y dice: "¡ah!, ya eres doctor. Ya has aprendido la A", digo: "Sí, sí, ya he aprendido la A". Lo que te quería comunicar, es que en el aprendizaje, también el método que se utiliza, es el método {altruista}. Es decir, primeramente aprendemos las letras, ahora ya no, ahora las letras se aprenden al final si es que se aprenden, con lo cual genera un problema, un problema alfabético. Mis nietos, mis nietos no saben probablemente el abecedario de pé a pá, con lo cual una búsqueda alfabética difícilmente la pueden realizar, o sea, que eso es otro problema cultural. No he hecho la experiencia, pero estoy seguro que mi nieto Enrique que toca el violín como los ángeles, no sé si tengo en casa alguna…, para que lo vieras cuando vayas.

L1: Sí, porque los métodos en general, ahora cambiaron…

L2: Sí, sí. De hecho, a continuación el silabeo, silabear y de hecho Escatón que era una cuartilla con la cual aprendíamos a leer, pues te mostraba primeramente las letras, después ya va juntando sílabas hasta que juntas

las palabras y tal. O sea, está claro que vamos de lo más elemental a lo más complejo. Y lo último que termina sabiendo el niño, pues justamente claro, es el sentido que tiene una frase. Eso se dio al traste por la década de los sesenta más o menos, que empezaron en España, al menos, métodos de lectura global. O sea, que al niño se le enseñaba, escribir una frase en el encerado, se asociaba la frase con una imagen, un conjunto de imágenes y lo último que aprendía el niño era las letras y su nombre.
L1: Sí, sí.
L2: Si es que lo aprendía. Entonces ha habido una inversión. Entonces, la sustitución del método atomista en la geometría por el método estructural, yo lo llamo el método estructural, eso ha tenido ecos prácticamente en todas las ciencias, te he puesto a {Gosrt} en el aprendizaje…
L1: Un momento, me había dicho sobre Ortega y Gasset. Ortega, hay una monografía que habla de la filosofía del lenguaje de Ortega.
L2: Sí, hay muchas, hay muchas.
L1: Específicamente, del tratamiento sobre lenguaje.
L2: Sí. Yo, vamos a ver, hay muchas. De Ortega se ha escrito mucho. Lo primero serio que escribí yo sobre Ortega, lo primero serio que escribí sobre Ortega, que es sobre la {teoría} de la conciencia ¿no? Y la teoría del conocimiento, también aparece ya el problema. Sobre la transducción, cuando hablo de la teoría del decir, en Ortega, se ha escrito mucho. O sea, vamos a ver, hay dos lugares del pensamiento orteguiano donde se contiene, yo diría lo más original, lo más sugeridor de Ortega y es: "El hombre y la gente", "El hombre y la gente" y "Miseria y Esplendor de la traducción". El fascículo, es una especie de artículo, Miseria y Esplendor de la traducción, por supuesto, aparte que está en las obras completas, las tres versiones de las obras completas, pues puedes encontrar si no lo has leído nunca en, "Misión de bibliotecario", que seguro lo conocerás, y "Misión de la Universidad" y está recogido bajo el título del "Libro de las misiones", en la colección Austral de Espasa Calpe y ahí tienes "Miseria y Esplendor de la traducción". Es como el chorizo que está dentro del bocata. Miseria es, el primero es La misión del bibliotecario, el otro es La misión de la Universidad, pan y pan y en el centro está lo más sabroso que es Miseria y esplendor de la traducción. Ahí Ortega dice verdades como puños…
L2: …en lingüística y es original, vamos, párrafo a párrafo. O sea, coges un párrafo ¡coño!, coges otro ¡coño! O sea y no era especialista en lingüística, era un hombre… Era chocante, o sea, yo que vengo del mundo de la filosofía, que he leído bastante a Ortega justamente como te decía porque me lo prohibieron de niño, o sea, cuando entré en el Seminario y no podía leer a Kant me leí a Kant de pé a pá, La Crítica de la razón práctica, pude comprar cuando terminé las prácticas pero… Y a Ortega me pasa lo mismo, o sea, yo recuerdo que en clase lo teníamos entonces nosotros, nuestra religión, pues "citas y creencias", "citas y creencias" de Austral, el libro que me compré yo de Ortega, digo, hay que comprar esto. Y cada vez que hacía un viaje, pues me compraba un libro de Ortega. Entonces, sí, y en Miseria y esplendor de la traducción Ortega tiene verdades como puños de filosofía del lenguaje, o sea, es un auténtico filósofo del lenguaje, que no se propone ser filósofo del lenguaje.
L1: Sí, voy a buscar esa lectura.
L2: Sí, merece la pena. O sea, si lo lees, es una gozada, o sea, para una persona que conoce la terminología y los problemas, es un descubrimiento para la gente.
L1: Entonces, con Ortega y otros…
L2: Con Ortega, lo que ha ocurrido, deja que te lo explique rápidamente, se me cruzan las palabras. Se cruzan en un momento del discurso, a mí se me cruzan las ideas ¿no?, porque tendría que decir mucho en muy poco tiempo. Vamos a ver, yo he hablado de Ortega en clases de historia de la filosofía, he hablado de Ortega en clases de historia de la literatura. Sabes lo que ocurre con Ortega por parte de los historiadores de la filosofía, sé lo que ocurre en parte por los historiadores de la literatura, que unos por otros, la casa sin barrer. O sea, unos y otros van repitiendo lo que dijeron los otros ¿eh?, quitado un dominico emérito, que se metió con Ortega pegándole palos de ciego, por obsesiones religiosas, que era el padre Santiago Ramírez, a quién tuve el gusto de conocer ya muy viejo, decrépito en San Esteban de Salamanca donde yo estaba estudiando. Y bueno, tengo el libro, me regaló uno, uno de sus novicios ¿no?, de los que estaban con él, un ejemplar. Pues, no sé qué te iba a decir… Ortega, Ortega vamos a ver, Ortega te cautiva, o sea, una vez que te pones a leerlo te cautiva. Entonces ¿qué ha pasado? Bueno, pues el filósofo puro no admite florituras del lenguaje, pues qué sé yo, un filósofo como Sharp, que presenta su filosofía nueva en el teatro o en novelas y tal, "La náusea", "El emir". Bueno, pues por parte de la filosofía académica no es de {recibo}, no es de {recibo}, ¿por qué?, pues porque estábamos acostumbrados o estaba acostumbrada a teoría de los manuales, de las monografías, se repite y tal. Pero ya esos modos de decir, anómalos y tal ¿no?, de chabacanos, de cafetería, pues no son de recibo. ¿Qué hace Ortega?, Ortega se permite el lujo de jugar con el lenguaje como juegan muy pocos. O sea, Ortega fue un creador de lenguaje un poco menos que Unamuno, o sea, Unamuno era mucho más creador de lenguaje y creador de palabras, pero que hablaba pensando y pensaba hablando, o sea, no sé cómo decirte, que estaba creando permanentemente. Es decir, que hacía usos y unos valores del lenguaje que a la hora de explicar un concepto, pues echaba mano de metáforas insólitas, que tiene una teoría de metáfora que no la esperaba nadie, nadie. Un compañero mío de Málaga, Pedro Chamizo Domínguez, le sugerí yo, estudia la metáfora de Ortega: "estudia la metáfora de Ortega ¡coño!", Ya le pasé las tres grandes metáforas, una de las partes del Espectador y me dijo: "oye, pues sabes que aquí hay filón". Y estuve cuatro años en Málaga y en cuatro años, le corregí tres o cuatro artículos sobre la metáfora de Ortega y Gasset. Fíjate si la cosa daba de sí ¿no? Y la metáfora es un problema eminentemente semiótico, o sea, no tiene nada que ver la metáfora, la metonimia, todas aquellas famosas imágenes, los trópicos que se llamaba ¿no? de la antigua retórica. La retórica fue una parte de la semiótica, de la semiótica tal y como yo la entiendo. Y ¿qué es semiótica? Semiótica es gramática, retórica, dialéctica. Ahora ya, diferencia retórica de la imagen, todo eso que entran…
L1: Sí, sí.
L2: Los italianos y tal. Pero eso, la retórica forma parte de la semiótica. La lógica forma parte de la semiótica, la gramática, las ciencias del lenguaje ya, pues forman parte de la semiótica. Son dimensiones distintas y eso Pierce lo tenía claro y conocía a los medievales, sabía cuáles eran las artes triviales, el trívium:

L2: Gramática, retórica, dialéctica. Artes del cuadrilium: la aritmética, geometría, música, astronomía; eso son las ciencias, pero los otros son las humanidades. Por eso la semiótica son las humanidades, o sea, son las humanidades porque tienen aplicaciones a las otras ciencias. No sé si lo que te digo ¿tiene interés?
L1: Sí, sí, porque no conozco mucho de Ortega, pero las aportaciones que habíamos empezado ayer, si hay algunas cosas de lenguaje en Ortega, que hace falta que…
L2: Sí, yo he apuntado algunas de ellas en algunas ocasiones. Difícilmente me contengo cuando hay que citar a alguien, lo inmediato es citar a Ortega, claro, me preocupa un poco que piensen que estoy obsesionado con Ortega. Ortega, hay cosas que acepto y cosas que no acepto obviamente. Nunca he jurado en las palabras de ese maestro y de ningún otro, no. La única palabra que acepto sin más en la escritura, la Sagrada Escritura y ésa la acepto pues con una interpretación crítico-romana, o sea que tampoco, tampoco soy {creyente} del todo.
L1: ¡Ah! De una manera objetiva, ¿cuáles son las ramas de la documentación en las que podemos aplicar conceptos semióticos en su opinión?
L2: ¡Buf! Bueno, vamos a ver, yo creo que he incorporado bastantes en los esquemas de lingüística documental, o sea, vas recorriendo los epígrafes de las lecciones, algunos precedentes y yo creo que ése es el mejor modo de ver qué pienso yo sobre la integración de los conceptos, de las ciencias del lenguaje, las ciencias del lenguaje, la semiótica ¿no? Aunque la expresión ciencia del lenguaje se esté restringiendo bastante al lenguaje natural, o sea que si no fuera por eso, habría un sinónimo entre semiótica y ciencias del lenguaje ¿no? Quizás la idea de una unificación tal como la tenía Morris, no, vamos, es un ideal, es un ideal de aproximación más… La ciencia unificada no creo que pueda existir. Pero sí, una herramienta que al mismo tiempo es ciencia, es ciencia de los aspectos teóricos y es arte, es técnica, es aplicación, es herramienta aplicable a otras cosas, por supuesto también a sí misma. La primera condición es que se aplique a sí misma. Eres semiótico documental, sí, aplica la semiótica documental a la semiótica documental, a tu modo de hablar de ella y si el cuento funciona, tiene que funcionar con la semiótica también y si no, no vale, no lo acepto. Si eres médico, cúrate a ti mismo y si eres cura y predicas, aplica lo que predicas, si no, no lo creo. O sea, eso mismo hay que decirlo en la ciencia. Entonces es ciencias y es ars, es cientiarum; de todas las ciencias, de todas las artes, de las ciencias y de las artes. Y ése es el papel que yo creo le corresponde a la semiótica y si en este momento, se puede redimir de algún modo la documentación, es extendiéndola a terrenos en los cuales no ha aterrizado y la semiótica, digamos, es una especie de alfombra voladora de Aladino que las puede llevar de un mundo a otro, por eso yo creo que hay que explotarlo.
L1: Sería por vía semiótica.
L2: Sí, sí, sí. Yo creo que sí. Sí, por vía semiótica y además tenemos un terreno ya abonado, o sea, esa idea no nos la inventamos, está en Pierce y está en Charles Morris y yo de hecho… Bueno está en Morris, está en Pierce, está en {Husserl}. Me parece que es, en el primer tomo de los esquemas de lingüística documental cito a Husserl en ese contexto de la sintaxis semántica y pragmática, no es nada nuevo, no hay nada nuevo. Husserl era así con las ideas.
L1: Entonces, el próximo paso ¿sería, salir de la documentación y llegar a otros sitios?
L2: No, es llevar la documentación…, no, no, es llevar… Vamos a ver, la semiótica, la semiótica tiene funciones que no son documentales obviamente, propiamente. O sea, ¿cuál es la función de la documentación? Creo que la función de la documentación es aportar ideas y técnicas, herramientas para construir documentos, o sea, para encarnar el conocimiento en documentos, de tal forma que ese conocimiento que se ha encarnado en documentos, se pueda recuperar rápidamente. Para mí, eso es la documentación, podíamos modular la idea de conocimiento, como información, como datos, como quieras, pero vamos, ésa es la idea general. Bien.
L2: Ese objetivo y ese propósito, ese propósito lo conseguimos por lo menos también a través de la semiótica, no digo que la semiótica sea una panacea ¿eh? Hay aspectos de la documentación que probablemente no tengan nada que ver con la semiótica, tampoco podemos adorar a la semiótica. No, no es el ombligo del mundo, vale. Pero dicho esto, entonces claro, la semiótica se puede aplicar a otras disciplinas, pero con propósitos documentales o con propósitos no documentales. Creo que nuestra competencia es aplicar la semiótica a cualquier otro arte, a cualquier otra ciencia, cuando digo arte, me refiero a técnicas, a las técnicas, no a las artes bellas, desde el punto de vista de los propósitos que tiene el documentalista, que tiene la documentación y que ésa es la competencia ¿no? Y además creo que eso se puede hacer de un modo elegante, es decir, con palabras aceptables, con palabras bien dichas, con documentos y monografías, bien escritas y persuasivas, o sea, que incluso con una retórica publicitaria y un marketing para vender esta idea ¿eh? en otros dominios de las ciencias académicas y de las no tanto.
L1: Por ejemplo, ¿podríamos pensar así como una opción, una semiótica documental, con objetivos documentales?
L2: Sí, sí, sí.
L1: Por ejemplo, ¿en una asignatura de semiótica documental para lingüística?
L2: Sí, claro, obviamente, obviamente.
L1: Sería la forma de trasladar…
L2: Si yo tuviera que hablar de semiótica a un médico, le diría: "oye majo, resulta que la semiología la utilizáis vosotros". Una de las ideas, de los significados de la semiología, es la descripción de la enfermedad, no a Cramer, la historia empieza en Schummer cuando nos habla de las primeras tablillas que aparecen en la descripción de las enfermedades, lo que está haciendo es un diagnóstico y eso los médicos lo llaman semiología, semiología.
L1: ¿Y la finalidad?
L2: Eso supongo que es [Inaudible 47:18] ellos. El concepto de recuperación, pues también lo utilizan los médicos, o sea, yo incluso uno de los Seminarios que oferté un año, yo no sabía qué hacer cuando ya me quedaba sin alumnos, no quería repetir los mismos, era terminología médica y terminología documental, coincidencias y disidencias. O sea, yo recuerdo que recogí unos veinte o treinta términos que estaban en las dos disciplinas: en documentación y en medicina y tenían propósitos distintos. Bueno, muy bien, vale, era un

modo de estudiar, la evolución del léxico en dos disciplinas que aparentemente no tienen nada que ver la una con la otra. Obviamente, sí que tienen que ver…
L1: Medicina con un ejemplo que utiliza la semiótica documental para perfeccionar la…
L2: La semiología.
L1: El registro de los términos, para potenciar la recuperación del programa.
L2: Claro, claro. Las historias clínicas, para organizar las historias clínicas, por ejemplo.
L1: No vemos otra salida para la documentación.
L2: Claro.
L1: Sino crear una disciplina, recuperar lo que fue hecho hace…
L2: Mira, incluso, la idea misma de hacer una revolución en los géneros, los géneros literarios. Vamos a ver, cuando yo hablo de géneros literarios me refiero a los documentos, a los tipos de documentos, a los tipos de documentos que se utilizan, desde un simple artículo o una comunicación a un Congreso, unas Actas, una Monografía, una tesis de doctorado o tesis de grado. Una…, un qué sé yo, el resumen de una reunión, la elaboración de unas Actas… Es decir, todo este tipo de géneros que venimos utilizando en las culturas, indistintamente europeas y otros continentes, eso habría que revisarlo, porque yo estoy seguro que no es lo único. Y si no es lo único, probablemente no será lo más adecuado. ¿Qué es lo que se puede hacer?, no sé, la tabla de Mendeleiev, para esos elementos no está construida todavía, o sea que no puedo, me has entendido ¿no?
L1: Sí, sí.
L2: Pero hay que hacerlo. Hay que hacerlo, hay que hacerlo.
L1: Unas tipologías textuales que…
L2: Posibles, posibles.
L1: Una semiótica documental no está aportando…
L2: En este momento, por ejemplo, vamos a ver, si los grandes platos fuertes de la lingüística semiótica documental; indización y resumen, pues no son los únicos. Aunque explotemos las diferencias dentro del concepto de indización, de índice y concepto de resumen, por muchos tipos de resúmenes que elaboremos, las tipologías de resumen que elaboremos, muchos tipos de indización, de los que podamos hablar, no hay únicamente indización y resumen, estoy seguro de que hay muchas más posibilidades y todas entran dentro. Bueno, vamos a ver, el desarrollo… Un diagrama, un esquema, un esquema obvio. Cuando hago un esquema de lingüística documental, cuando yo {hago} trabajos en curso como significante, como significante, no hago una teoría, utilizo como significante, utilizo diagramas de ese tipo, eso es un resumen y tampoco es un indizado, ni es un resumido, ni es un indizado. Pero yo estoy seguro de que eso tiene una función lingüístico documental, aunque aún no le hayamos puesto nombre. Yo les llamo esquemas, vamos, les llamo esquemas. Pues una clasificación…
L1: Que es otra forma. Por ejemplo, me acuerdo de una tesis de máster en Brasil, no en documentación, creo que en educación, en las ciencias de la educación en Brasil, que el resumen fue hecho en lenguaje de señales, porque es una forma que para las personas…, sé que no, tengan alguna dificultad, puedan acceder al contenido. Y es una norma del programa de máster en educación de la Universidad Federal de Santa Catalina. Entonces, hay otros géneros documentales que están surgiendo, que no estamos aportando nada. Por ejemplo, me acuerdo que en Brasil, por ejemplo, cómo hay una diferencia entre biblioteconomía y archivística muy fuerte. Los archiveros están estudiando la tipología de los documentos, no son los bibliotecarios. Entonces, la tipología, qué es una Acta, qué es un informe, es la archivística, pero con herramientas que no salieron de la lingüística por ejemplo.
L2: Está claro, las funciones sociales, las funciones sociales van por delante de los tipos de documentos, eso es obvio. Y la función crea al órgano y cuando se dejar de utilizar algo, desaparece ese tipo de documento, pero están surgiendo otros.
L1: Hay que integrar eso, todo.
L2: Vamos a ver, yo ahora abro esto, bueno, no lo voy abrir porque estamos grabando. Pero entro en el WhatsApp de family, de mi familia y entonces claro, hay un problema, me están mandando permanentemente videos, y tengo que borrar videos para poder subir los otros. Mis hijos están en Tenerife, de viaje de novios, me han mandado un montón de videos, he tenido que borrar los videos anteriores para poder mantener los otros y aunque los estoy grabando permanentemente en el portátil, pues eso tiene una limitación. Pero lo que es la historia entera de una conversación. Por ejemplo, lol, lol, la palabra que utiliza mucho mi nieto, pues me hace reír, bueno, vale. Con ocasión de eso, estuvimos hablando, mi nieto, mi nieta y yo, los dos hermanos y yo toda una tarde y la conversación está ahí. Ese documento, ¿qué es eso?, ¿cómo se registra eso?
L1: ¿Cómo se clasifica?
L2: Sí, además tengo que borrarlo, tengo que borrarlo para poder darle acceso porque el WhatsApp, tú utilizas WhatsApp ¿no?
L1: Sí.
L2: Bueno, llega un momento en que ya no te cabe más, o sea, tienes que borrar lo anterior. Entonces, muy fácil, ese documento que es prácticamente interminable, si haces un corte, lo guardas, ¿eso qué es?, o sea, en qué género de los…, ni es tragedia, ni es comedia, es tragicomedia, o sea, es lo de la Celestina, hay que crear géneros nuevos.
L1: Y cuando, por ejemplo, añadimos una imagen.
L2: Claro, igual.
L1: O un sonido, hace falta…
L2: Sí, sí, lo arropas igual. Ayer, le comentaba, bueno, pues había visto yo el día anterior, la película ésta de "Cowboy de medianoche". Bueno, me gusta mucho la armónica, pues enseguida fui a YouTube, a buscar interpretaciones con armónica acrobática y armónica diatónica, las había preciosas, digo pues voy a tentar a Rafa, mi yerno, que es profesor del Conservatorio de Málaga por eso conoció a mi hija y tengo nietos que son malagueños, ellos viven en Málaga. Bueno, pues me bajé dos o tres versiones del tema y digo, voy a tentar a

este hombre a ver si lo conoce. Respuesta de Rafa: "la primera melodía me encanta, me entusiasma, la segunda no la conozco". Las dos eran de lo mismo, Cowboy de medianoche.
L2: Entonces, bueno, son interpretaciones distintas y tal. Exactamente con el WhatsApp, o sea, tú sigues y paralelamente, paralelamente están las mujeres hablando otro tema. Clara que está esperando al autobús, su madre no va a recogerla, su madre que no le funciona el teléfono porque está en una reunión y lo ha apagado, o sea, y todo eso está ocurriendo simultáneamente aunque aparezcan unos textos tras otros con sus nombres respectivos, con los dialogantes, eso no es una obra de teatro, aunque tenga la estructura de una obra de teatro, con diálogo. No es un monólogo, es un diálogo, en paralelo de varios, con texto, con imagen, con sonido, con sonido. Yo a veces, hablo, grabo, es decir: "viva mi nieta, qué guapa estás tía" y se lo digo, no se lo escribo. Entonces, éste es un género distinto y ¿por qué lo vamos a despreciar?, si además es el que está ahora más en uso, hay que abrirse a eso. Y claro, es opera aperta, es lo que decía Eco, es obra abierta, o sea todo lo que el hombre hace es obra abierta. Y está abierto a un perfeccionamiento, está abierto a un cambio y esta palabra que yo utilizo ahora, el ejemplo que poníamos antes "azafata", pues dentro de dos siglos, desaparece y tendrá otro uso. Estará ahí el lenguaje y para entender lo que yo digo ahora, tendrán que dar marcha atrás y reconstruir los significados previos del lenguaje, con lo cual la diacronía también será importante. Pero los aspectos hay que cuidarlos.
L1: La documentación ¿qué le parece?, ¿no está haciendo mucha cosa?
L2: Yo, verás. Yo, de la documentación he dicho hace años que le está ocurriendo lo que decía Kant que decía que le ocurrió a la metafísica, que no le ocurre como a la física, que fue productiva ¿eh?, si no que no dijo nada y de puro no decir nada, no tiene sentido. Por eso, Kant la cortó y la mandó a otro barrio, es una hipérbole, es una hipérbole. La documentación está diciendo las mismas cosas que decía en los años 30, eh, hay algunas diferencias, en cuanto a técnica o tecnología como dicen ahora, se refiere, por supuesto que eso ha avanzado muchísimo, pero el resto, muy poquito, muy poquito a unos desarrollos. Tienes un ejemplo claro, los tesauros, los tesauros. Estamos viviendo de unas normas que son del año catapun. Las normas ISO para la elaboración de tesauros monolingües, están ahí muertas de risa, por mucho que se revisen, es que no hay por dónde cogerlas. O sea, yo, en una de las asignaturas últimas que tenía en Murcia, diseño y gestión de sistemas de indización {de resumen} documental, pues yo me tiraba con los alumnos casi un mes entero comentando y desmontando la norma ISO de los tesauros monolingües. Y recorriendo definiciones y divisiones y sin sentido el uso de la palabra categoría, el uso de la palabra jerarquía, mal utilizadas, sistemáticamente una vez, otra, otra… Si esto ocurre en un documento de normas, si esto ocurre en un manual, qué ocurrirá en un artículo de revista, donde se está esbozando o desbrozando, indizando un tema. No es de {recibo}. Y ha pasado muchos años y seguimos utilizando lo mismo, se sigue repitiendo lo mismo, las mismas interpretaciones. Y nos planteamos el problema de, por ejemplo, las relaciones asociativas, que ni son relaciones jerárquicas, ni son relaciones de equivalencia, ni entran en interlingüística, que son una tercera cosa. Pues mire usted, señor, yo en la conferencia de Zaragoza, lo cité, lo vuelvo a citar otra vez, así definía Aristóteles la materia prima, de un modo negativo. Lo que no es ni esto, ni otro, ni lo de más allá, pero qué coño es, dígame usted lo qué es. Pero si es muy sencillo, si ya Aristóteles, {generatiotie animalium}, sobre la generación de los animales, bueno los Tratados de la memoria que tiene, hablaba de las leyes de asociación, o sea, esos términos que algunos llamaron términos de relacionales asociativas, en lugar de relaciones entre términos, relaciones no jerárquicas, son relaciones de proximidad, son relaciones de equivalencia, o sea, son relaciones de contraste, de oposición entre ideas o entre enunciados. Con eso basta, en principio para distinguirla de las otras. O sea, son otro tipo de relaciones, no son relaciones jerárquicas, ni son relaciones de equivalencias, no son relaciones verticales, son, digamos, están al mismo nivel, pero entre términos distintos y volvemos otra vez al problema de las {relaciones} de términos. Pero por supuesto,…
L2: …si entramos en una teoría de facetas como es debido, ahí están metidas las facetas; relación causa-efecto, todas las relaciones que hay. Agente-instrumento, medio, fin, origen, están todas ahí y, sin embargo, eso no se ha desarrollado, eso estaba inicialmente, vamos a ver, en las normas, las normas que precedieron a la norma ISO, la primera norma ISO inglesa, eran las de Unisist ¿no?, era Unisist, las normas Unisist. Yo recuerdo que uno de los Seminarios dedicamos dos o tres días a hacer una tormenta de ideas con las versiones de las facetas que aparecían en Unisist y la norma ISO y la norma Sanse, de los tesauros monolingües y bilingües. Y la verdad es que era muy importante, o sea, eso hay que desarrollarlo y eso no se desarrolla. Entonces, la pregunta es o no se puede desarrollar de suyo y entonces corta y vámonos ¿eh?, o que a pesar de que se puede desarrollar, no se desarrolla, pues apaga y vámonos también, o sea que no. Me has preguntado por el sentido que tiene la documentación.
L1: Sí.
L2: Está estancada. Yo la veo estancada. Vamos a ver, está menos estancada en nuestras disciplinas que en otras ¿eh?, a ver si me explico. O sea, en lo que podríamos llamar lingüística y semiótica documental, ha tenido desarrollos, para los cuales no hay paralelos, si restas el componente tecnológico en el resto de los ámbitos. O sea, ha habido desarrollo, por eso digo, en catalogación, pues sí, se han dictado nuevas normas, se han hecho nuevos análisis en algunos tipos de documentos, pero en muy poquitos ¿eh?, desde el punto de vista teórico no, no hay, no hay, no hay.
L1: Sí, tienes razón.
L2: Los lenguajes marcadores, los lenguajes marcadores. Bueno, pues se ha desarrollado con los mismos tópicos, siempre los mismos, siempre los mismos. El SGML, el XML, todos estos lenguajes que sirven, que son unas herramientas tremendas para jalonar las ideas que hay en los textos, no se están aplicando. Son marcadores externos todos, marcadores externos, son etiquetas, son encabezamientos distintos, paralelos y que se etiquetan, se acoplan al texto, pero no entran en el texto, no están en el texto, o sea, la gente no tiene, no ha tenido la ocurrencia hasta ahora que yo sepa, no lo he visto en ninguna parte… Yo se lo sugerí a Mónica en un momento de su tesis doctoral, sí, está esbozado en la tesis doctoral, que la tiene sin publicar también, por cierto, para que los marcadores inter-lingüísticos, es decir, los marcadores que marcan los movimientos dentro de un documento, de un párrafo a otro, pues qué sé yo, el sacar una consecuencia que se deriva de

ideas que se han expuesto en los párrafos anteriores, el decir que paralelamente a lo que se ha dicho antes, como otro argumento podría utilizarse éste. En otro orden de cosas, podía decirse lo otro, es decir, este tipo de nexos, de transición que no conectan una palabra con una palabra, ni una frase con una frase, sino que lo que conectan son unidades de discurso mayor, ésas se pueden marcar, exactamente igual que se pueden marcar en el lenguaje HTML las partes de un documento y sin embargo no se hace. No se hace, ni se hace, ni se teoriza sobre ello y la herramienta está ahí muerta de risa. No, no hemos avanzado, o sea, hay montones de cosas que se pueden hacer, montones de cosas que se pueden hacer. Yo recuerdo en este momento, bueno, son muchas cosas, vamos a ver, el diseño de árboles genealógicos, el diseño de árboles genealógicos, la genealogía documental. A mí se me ocurrió que eso se podía aplicar a la documentación y que podía tener aplicaciones muy interesantes incluso en medicina. O sea, es muy importante hacer un árbol genealógico para el control de las historias clínicas. Bueno, pues vamos a ver, si en un Centro de Datos médicos o bio-médicos se guardan las historias clínicas y se guardan no la de los médicos de turno, sino las de generaciones enteras de médicos que ha habido y se tiene el cuidado de que haya una conexión, construyendo paralelamente los árboles genealógicos de los pacientes, es muy fácil ver qué tipo de enfermedades comparándolas posteriormente ¿eh?, conectan o no conectan dentro de arborescencia. Y eso, por ejemplo, no se ha hecho y eso forma parte de la investigación, digo yo, vamos ¿no? Y eso, ni se les ocurre hacerlo a los médicos, ni se le ocurre hacerlo a los demás.
L2: Yo eso lo sugerí en uno de los Congresos de Brasil.
L1: Sí, porque estamos haciendo solamente aplicaciones técnicas, con base de datos.
L2: Sí, sí, pero instantáneas, al momento, para salir de este apuro nada más.
L1: Para ir, indizar algo, no para crear.
L2: No, no, no.
L1: Proponer una solución. Crear un producto algo así…
L2: Lo que te digo yo es crear un archi documento, o sea, es vincular, vincular un conjunto de historias clínicas con uno o varios árboles genealógicos. De tal modo, que si yo pincho por decirlo de alguna forma, en un ítem de ese árbol genealógico, me sale su historia clínica, porque yo tengo paralelamente un software capaz de ver cuáles son las constantes a lo largo de todas esas historias clínicas y podrías ir señalando el árbol genealógico, cuál es…, incluso los estudios genéticos, ahora ya la genealogía se hace {con estudio de la génesis}, o sea que se puede acoplar más. O sea, la medicina ayuda también a la genealogía y la genealogía ayuda, puede ayudar a la medicina. Esto los médicos ni lo huelen, o sea, que no se lo plantean en absoluto. Bueno, pues una disciplina como semiótica documental que se impartiera a médicos, tendría que meterles el gusanillo para ver si entre ellos, hay alguno al que se le ocurra empezar a trabajar el tema o formar un equipo de investigación interdisciplinar, capaz, capaz de meterse con ese problema. Hay montones de problemas de ese tipo. Y para mí ése podría ser el futuro de la documentación, o sea, un modo de redimirla, de sacarla del carácter miserable en la que está metida, en España más todavía con ocasión de la crisis. Pero independientemente de la crisis, que eso en veinte o veinticinco años se va al garete, o sea, se va como vino. Se va como vino, o sea, la venida en España al menos, la venida de [Inaudible 1:06:48] totalmente anecdótico; tres o cuatro personas.
L1: Lo que me preocupa a veces es que las varias partes de la semiótica documental o de la documentación, están siendo realizadas por otros campos. Por ejemplo, los editores trabajan una edición y una configuración, una urgencia sobre los documentos, cosas que podríamos aportar muchísimo ahí. Otra parte son los informáticos, que hacen, pero hacen algunas cosas, pero dicen que están haciendo como una lingüística normal, normativa, una lingüística descriptiva. No hablan de lingüística, pero están utilizando conceptos ¿no?
L2: Sí, sí, sí.
L1: Lo que estábamos hablando ayer también. Entonces, lo que me preocupa es justamente, cosas que nacieron en la documentación, en la semiótica documental que ahora están siendo hechas de una manera a veces no tan buena por otros campos.
L2: Vamos a ver, ése es el problema de la unificación de la ciencia. La semiótica ha de ser capaz de dar ideas, de ir y venir a las demás ciencias y de mantener un cierto control, por lo menos, un cierto conocimiento de lo que está ocurriendo en las nuevas ciencias y unificar de algún modo el desarrollo de las demás ciencias y surtir de problemas, de problemas reales y recoger los problemas reales, de llevar y traer problemas. Eso incide incluso en los grupos de investigación.
L1: Es importante, problemas reales.
L2: Claro, problemas reales.
L1: Que a veces estamos haciendo cosas…
L2: Problemas actuales, problemas actuales, estaría en desuso completo. Eso sí, pero si es que ésa es la función de las ciencias del trívium. Las ciencias del trívium están presentes en todas las demás ciencias, o sea, vamos a ver, para una formación medieval, están las ciencias triviales, las ciencias del cuadrivio y las ciencias llamadas, bueno, éstas eran las ciencias de los laicos, eran las ciencias del trívium, y estaban las clericales: la teología, el derecho canónico, bueno, el derecho canónico vino del Trento, pero ya había una normativa eclesiástica ¿no?, en Polonia justamente, donde se desarrollaron… Entonces, esas ideas eran las bases de la teología y eran las bases de las demás ciencias. Las tres Marías, esas tres: la gramática… Lo digerían todo y lo absorbían todo. Y los ejemplos que se ponían eran de las demás ciencias, en las tres: en la gramática, en la retórica y la dialéctica. Ahí la distinción que establece el modis entre el médico {acerverán} y semióticas especiales y semióticas particulares, también es interesantísimo, o sea, hay problemas semióticos comunes a todas las ciencias, comunes a todas las artes, a todas las tecnologías. Yo prefiero las ciencias tecnologías y las ciencias y artes, pues algunas son comunes, algunas son comunes y otros son específicos,…
L2: …característicos de cada una de ellas. Entonces, el semiótico tiene que conocer las características generales, las que son comunes a todas las ciencias, y las de cada una de las ciencias. Entonces, eso ¿cómo se conoce?, pues como se conoce en la ciencia, por inducción y por deducción. Es decir, tiene que haber un suministro de información que viene de cada una de las ciencias a una central de semiótica, en la cual se vaya recogiendo los estados de cada una de las ciencias, las preocupaciones. Y decir, no mire, este problema que os

planteáis vosotros, pues resulta que hay problemas que son más capitales que ése, no digo que no, pero hay que tratarlos o hay que tenerlos en cuenta. Incluso, los grupos de investigación tendrían que nutrirse de un archivo de problemas ¿eh?, pero de problemas reales que se están recogiendo con un trabajo de campo, pero bien, científico, riguroso. Y de ese modo, lo que se enseña en la Universidad, lo que se trabaja en las empresas, tendrían un modo de estar conciliado y buscar {nuevos propósitos}.
L1: ¿Eso sería uno de los retos de la semiótica documental?
L2: También, también, sí, también, sí, sí. Política aparte, política aparte, lo cual es muy difícil, o sea, ése iba a ser el primer problema. Como dice [Inaudible 1:11:16] automáticamente el control, el control, la unidad, la metodología y la unidad, la unidad, ése es el problema. O sea, para mí, ése puede ser el problema dentro de treinta años.
L1: Es la política, las introducciones.
L2: Sí, se va a meter en todas partes. Vamos a ver, la política, bueno, ten en cuenta que la política misma tiene herramientas que no son políticas. O sea, la política, si las herramientas que tiene que no son políticas, no es nada. Por eso, yo creo que el modo de destruir la política, por lo menos, la política vigente, es privarle de las armas de las que se sirve, o sea, los que la mantienen que no son únicamente los de [Inaudible 1:12:03], son otras, otras. Herramientas de comunicación mucho más potentes, quizás las de Internet pues sean un medio ¿no? Ya lo estamos demostrando, en España, al menos, se está viendo los desarrollos paralelos, las disputas políticas en la red, al margen de lo que se puede hacer en un Parlamento, o sea ahí está claro que en el Parlamento no ha servido de nada. Al final, se legisla, se legisla, pero nada más, o sea, las ideas cuecen en otra parte y se legislan allí. Y eso, eso hay que estudiarlo, o sea, ¿y cómo funciona?, eso también tiene su semiótica, el control de esos medios de comunicación y esos procesos comunicativos y el estudio de los mediadores, el condicionamiento de los mediadores, los documentos que utilizan los mediadores… El tipo de documento que se le puede suministrar, los documentos que se les pueden suministrar a los mediadores, los que no se le van a suministrar para que no haga tal, para que no haga… Control.
L1: Los aspectos de los documentos. Claro que podría aportar, por ejemplo, los efectos {e interpretación} de los documentos, algo que en periodismo se estudia, los estudios de recepción de información.
L2: Todo eso, todo eso, la hermenéutica.
L1: Sí, esto pensando en una gran semiótica documental.
L2: Sí, sí, sí, sí. Semiótica que tiene que ver con los documentos, que no tiene que ver con los aspectos lingüístico-documentales necesariamente, es decir, con las tareas tradicionales de la indización y el resumen. Si me apuras un poco, ni siquiera con la recuperación de la información, porque la recuperación de la información es uno de los objetivos de la documentación, no es una panacea ¿eh? O sea, si volvemos a la idea del paradigma {uteletiano}, para poder recuperar documentos, es preciso que existan, es una perogrullada, pero a veces como dice Ortega, las perogrulladas son las cosas que tenemos tan cerca, que de puro cerca no las vemos, necesitamos alejarlas por ley de óptica. Pone el ejemplo y con el amor dice pasa lo mismo, a las personas que tenemos cerca, no las vemos y no las queremos, vemos a los que tenemos más lejos. Entonces por ley de óptica, como un cuadro que un turista necesita separarlo para que se configure, te pasa lo mismo, en las ideas pasa lo mismo. Entonces, hay tópicos que de puro tópico, pues no le damos importancia y sin embargo, sobre ellos está construido todo en lo que estamos trabajando y de puro cerca no lo vemos y lo tienes delante, lo tienes delante y no lo ves. Y estoy seguro que en documentación nos pasa esto pero permanentemente, pasamos por delante de problemas, que no percibimos como tales problemas, porque estamos obsesionados con buscar otro tipo…, vamos con un problema en la búsqueda.
L1: Sí, no sabemos distinguir por ejemplo, problemas reales de…
L1: …problemas irreales.
L2: Sí, incluso, es que en la lectura vamos ya con ciertos prejuicios de búsqueda. O sea, vamos a ver, no somos una tabla rasa como decían los empiristas a la hora de meternos con un documento, vamos con ciertas expectativas, con ciertos esquemas de pregunta. Esos esquemas de pregunta son los idolafori e idolateatri que decía el filósofo ¿no? Y esos van cambiando, van cambiando con el tiempo y la función de la política es hacerlos cambiar. Y de quien controla la política es hacer que cambien en un signo o en otro o que no cambien, es muy compleja. La vida social es muy compleja. En realidad, cuando tú hablabas antes de unidades culturales, la cultura. El concepto mismo de cultura, colere, cultivar, viene del ámbito agrario. El hombre culto es el hombre que cultiva; cultiva las plantas, cultiva las berzas, las zanahorias…
L1: Las palabras también.
L2: Claro, claro, claro. No el hombre que simplemente se limita a utilizar. Es como los informáticos; informático se considera cualquiera, desde el que maneja un programa hasta el que es capaz de programar un determinado software ¿no? No, no, un informático es una persona que ante un problema real, es capaz de innovar un programa con un autómata que te resuelva el problema. Ése es el informático, el otro es un usuario que no tiene por qué saber ni hacer programas, ni cómo está hecho el programa, o sea, yo puedo utilizar el reloj, sin saber si es de cuarzo o de qué es. Me marca la hora pues ya está, no tengo más que utilizar los ojos y ponerlo en hora cuando cambien el huso horario ¿no? Y en documentación pasa lo mismo, el bibliotecario de turno que se limita simplemente a utilizar cuatro conocimientos básicos para que funcione la biblioteca; funcionen los préstamos y los lectores pues se les sirvan los libros. Pero claro, el bibliotecario tradicional que es omnisciente, que le preguntan de algo y empieza a decirte, aquello, aquello, lo de más allá, pum, o sea que es una biblioteca. La biblioteca está dentro del bibliotecario, no está afuera, es la diferencia. O sea, ahora la biblioteca está fuera del bibliotecario, antes la biblioteca estaba en el bibliotecario, o sea, podía tener treinta o cuarenta libros, pero ibas a una biblioteca y te decía: "allí, allí. Éste allí, la página tal…" y hasta las páginas. Yo recuerdo, la primera vez que fui al Archivo Catedralicio de Palencia, Palencia con P no Valencia. Palencia, bueno tiene una iglesia…
L1: ¿Cerca de León?
L2: Sí, sí, la llaman la bella desconocida, es una joya, o sea, no tiene comparación con Burgos, pero tiene un archivo catedralicio, que aparte de archivo es biblioteca y es suculenta, es suculenta. La primera vez que fui yo

a esa biblioteca, a ese archivo, iba buscando pues tres o cuatro obras de lógica, o sea, que no, no, había estado en tres o cuatro cabildos catedralicios y no los había encontrado, en las bibliotecas públicas tampoco, en la Nacional no estaba. Bueno, y tuve la suerte de encontrarme con un bibliotecario que lo sabía todo, lo sabía todo. Aquel hombre, pues igual había dos mil o tres mil encuadernados, pues muchos incunables, había varios incunables, con tres o cuatro encuadernados dentro, o sea, tres o cuatro obras en el mismo encuadernado. Y le hice dos o tres preguntas y decía: "allí, allí, allí". Y después al cabo de una temporada, volví otra vez, estaba el mismo, ya la tercera vez que vine ya había fallecido, era una persona mayor. Y empecé a manejar el fichero, que había dos ficheros y le dije: "oiga, por favor, estos libros no están aquí", dice: "no, no están": "¿y por qué?", dice: "mire, hay libros que están y no deberían de estar y hay libros que deberían estar y no están, pero las fichas las tenemos aquí", dije: "¿por qué?", dice: "mire usted, a la Biblioteca Nacional hemos mandado en varias ocasiones, yo llevo aquí treinta años,", yo estoy hablando de la década de los sesenta y cinco, sesenta y seis, sesenta y siete, estuve yo {antes en} León y me desplacé a Palencia para eso, y entonces me dijo: "mire, es que tenemos la obligación de enviar todos los ejemplares que no tiene la Biblioteca Nacional, tenemos que enviárselos a la Biblioteca Nacional", dice: "y algunos, pues claro, nos los han devuelto, pero otros no, se han quedado allí. Entonces, hemos adoptado la resolución de que todos aquellos libros que están aquí y no están en la Biblioteca Nacional, oficialmente no están, por eso usted nos lo va a encontrar en este fichero, mire en éste otro"

L2: Y dabas al otro fichero y estaba, o sea, había libros que estaban allí y en el primero que era el oficial, no estaban. Es como si hubiera dos cuentas, las dos cuentas de las empresas: una cuenta oficial para dar a Hacienda lo que hay que dar a Hacienda y la otra para dar a dios lo que es de dios ¿no? Era tremendo aquel hombre, era un cura, mayor, ya viejo, un santón, un santón, pero que se lo sabía todo, o sea… Entonces, la imagen que te ponía es la biblioteca que está en la cabeza del bibliotecario, la biblioteca que está alrededor del bibliotecario ¿eh? Actualmente, nuestros bibliotecarios tienen alrededor la biblioteca, pero en la cabeza muy poco. Hay cuatro guías de documentación y alguna de lingüística documental, pero el conocimiento de mundo y del contenido que tienen los libros de las distintas disciplinas, de eso nada, de eso nada. Los bibliotecarios anteriores eran, vamos, eran enciclopedias ambulantes, se lo sabían, tenían conocimiento de todo y además la ventaja que tenían, es que tenían un saber global, o sea, un saber de unificación ¿eh? O sea, el mismo problema que a nivel de Ciencias bio-médicas plantea, no sé si has leído el libro éste de Alexis Carrel {"*l'homme cet inconnu*"} "el hombre este desconocido", bueno, pues es un libro muy interesante, es Alexis Carrel, es un escritor francés, era médico, era médico. Es uno de los {convertidos de Lourdes}, o sea, era un ateo, un ateo integral y fue a Lourdes y volvió medio católico. Y escribió un libro que es El hombre, ese desconocido. Los problemas que plantea radicalmente son los problemas que tenían la medicina en su momento, en su época, tales como que existen muchas ramas de la medicina que conocen distintas partes del cuerpo humano, distintas funciones fisiológicas del cuerpo humano, pero no hay una visión global, se ha perdido la visión global del hombre, se ha perdido la visión antropológica, es la idea que defiende él ahí. Y ese problema que él denunciaba en su época respecto a la medicina, es más o menos el problema que nosotros podemos plantear, que se nos ha ido de las manos, se nos han emancipado las hijas y hacen lo que quieren. Entonces, se requiere un cierto control o, al menos, conocimiento ¿no?, de lo que se cuece en otras disciplinas. Por dos motivos: porque si se conoce y se hacen propuestas, quizá lo que se hace se pueda mejorar y en cualquier caso, por ley de retorno, quizá la misma semiótica general pueda enriquecerse también ¿no?, del conocimiento.

L1: Bueno, para finalizar, ¿cuáles son los teóricos y autores de la documentación que están trabajando todavía ahora o trabajaron con el tema de semiótica documental?

L2: Vamos a ver…

L1: En documentación.

L2: En documentación, ¿en España?

L1: En España.

L2: Bueno, ni están todos los que son ni son todos los que están, decimos en español ¿no? Vamos a ver, que utilicen exprofeso el término semiótica, hay pocos, hay pocos. Yo creo que están aquí, o sea, hay muy pocos y además con poco predicamento, o sea que a mí se me conoce muy poco. Si yo hubiera actuado de otro modo, se me conocería mucho más, pero por vocación y por talante pues ya sabes que tengo otros propósitos, o sea que nunca me ha movido para nada, el tener más publicaciones y figurar y moverme de acá para allá. Si voy a Brasil, es la primera vez que salgo de…, que paso el charco, lo más lejos que he ido ha sido a Canarias, que he ido tres o cuatro veces, pero no he ido para allá nunca. He tenido ocasiones pero nunca he querido ir. Vamos a ver, yo me lo paso pipa trabajando, me lo paso pipa trabajando en todo lo que trabajo, o sea, que si me he dedicado durante años a la lógica y he trabajado seriamente en esto de la lógica y he hecho algunas cosillas que de otro modo no se hubieran hecho, que a mí es lo que me importa, pues es porque me dediqué a fondo a trabajarlo. Si algún día, hojeas mi tesis, pues te puedes enterar de ello. Después, en la parte de lingüística, a la que yo dediqué pues seis años, seis años de docencia elemental, de Enseñanza Media y de estudio particular, pues también fue gratificante y fue una fase de formación que yo no tuve en la Universidad y que sí tuve en el Seminario, porque tuve muy buenos profesores en el Seminario.

L2: Pero profesores en todos los niveles, o sea, desde los profesores de Humanidades (latín, lengua, literatura), los profesores de Historia de la Filosofía, la Historia del Pensamiento, los profesores de Arte, o sea, de lo mejorcito y en Salamanca igual, o sea, en la Universidad Pontificia de Salamanca, tuve la suerte, en algunas asignaturas se repetían conceptos, pero vamos, yo aprovechaba para hacer otras cosas, otras cosas distintas. Teníamos gente muy buena, bastante mejor de la que había en la Complutense en Madrid, eso es reconocido por los módulos de [Inaudible 1:25:32], los Comités que controlan…

L1: Y en filosofía, en filosofía la Pontificia en Salamanca está muy…

L2: Sí, sí. Bueno, sí, en aquella época, te estoy hablando de los años 62-65, la época que yo estuve allí. Por aquella época, además tenía fama la Pontificia, incluso más que en Comillas. Entonces, los jesuitas tenían una Facultad Pontificia en Comillas, en Santander. Comillas es un centro que construyeron los indianos, tiene una

Universidad preciosa, si alguna vez te acercas a Cantabria, vas a Santander, no dejes de ver Comillas. Bueno, pues era superior a Comillas. Estaba la Gregoriana de Roma, el Antoniano en Roma y la Pontificia de Salamanca, o sea, eran además las que de algún modo mantenían la antorcha, la llama de lo que habían sido las Universidades Medievales y se habían adaptado {al giornat}, se habían adaptado a los nuevos tiempos. Antes te contaba, por eso digo, el padre [Inaudible 1:26:34] Delgado, nos daba un curso de Pierce en el año 63, o sea, ya te lo digo todo, o sea, era un adelantado, era un adelantado. Bueno, pues como eso, en otras disciplinas. En antropología, pues estudiamos, yo hace tres meses, estábamos en Burgos, visitando por tercera o cuarta vez el Museo de la Evolución Humana, han hecho en Burgos un museo precioso, con el descubrimiento del homo antecesco y tal, todos los problemas del homo sapiens, del homo [Inaudible 1:27:03]. Bueno, todos estos temas… Teníamos un profesor {que era Mauricio Iriarte} que nos explicaba y nos forzaba, era el coco del… Y nos obligaba a estudiarlo.
L1: Más que en la Complutense.
L2: ¡Uf!, mucho más. Teníamos un profesor de economía política, que ardía Troya con él, o sea, mi hija mayor Ana, hizo económicas, cuando le pasé los dos tochos, dice: "papá, pero si lo tienes subrayado", digo: "claro hija, cómo que lo tenía que estudiar". Lo tenía subrayado con tres colores, dice: "con tres colores", digo: "claro, digo te has dado cuenta al final, verás lo que significan los tres colores". Efectivamente, era un color azul, un color rojo y un color azul, rojo y verde. Y tenía las funciones de cada uno de los colores: "¡ah!, pues ahora lo entiendo papá". Teníamos profesores muy buenos, pero muy buenos. Freijo, no me acordaba del nombre de ayer, Freijo, el que había hecho la tesis doctoral sobre La moral en Sigmund Freud. Bueno, pues ése daba las clases de lo que se llamaba entonces "psicología racional", pero que no las daba en latín, ni seguía textos latinos, pero fabulosas. Una teoría de la imagen, teoría, asociaciones de pum, pum…, de fábula, de fábula. La interpretación de los sueños, las histerias, todo, todo. Ése se empeñó en que yo hiciera psicología clínica y cuando yo conocí a Angelines, me entraron las prisas por casarme y no me fui a Ginebra, pero su idea era que yo hubiera hecho psicología clínica. Y cuando yo terminé en el año 75 la Pontificia que me fui a Madrid, a convalidar estudios, estuve dos años en Madrid, pues estudiando. Pues se creó el gabinete psicotécnico en la Pontificia, yo me hubiera podido quedar ahí. Pero tenía una doble obligación; tenía que haber entrado más o menos en el Opus y no estaba por la labor ¿eh? y tenía que haber pospuesto las relaciones con mi mujer, que entonces era mi novia y dije que por eso no pasaba. Como me ofertaron ir a Puerto Rico nada más terminar, yo la carrera en el año 63, teníamos tres puestos de tres compañeros; yo y otros dos compañeros para ir a Puerto Rico a dar clase, sin más, directamente, pero mis padres no quería dejarnos solos. O sea, todo eso, me condicionó. La vida humana está condicionada por las cosas más triviales, las vidas a lo largo, bueno, cuando terminé yo, el año que me casé, pues podía haberme ido a dar clases de filosofía a Motril que está en Granada, allá en la otra parte, pero yo estaba en Cantabria, mis padres estaban en Cantabria, pues no, lo más cerquita posible, Reinosa que está a treinta kilómetros de mi pueblo y está pues a ochenta kilómetros de Burgos, pues elegí Reinosa. Entonces, todo ese tipo de cosas, te van condicionando, eso ¿a qué me llevó?, pues en lugar de dar clases de filosofía como hubiera hecho en Motril que me daban el cargo de cátedra, pues tenía que dar; lengua, literatura, latín, repaso de francés, ese tipo de cosas.
L2: Pero, claro, al dar las clases, tienes que prepararlas y mi talante me lleva a ir bastante más allá de lo que tengo que decir y de lo que puedan preguntarme. Tengo que leer y eso me formó, o sea que indirectamente, tu vida se va atrasando, a veces son meras anécdotas, pero esas circunstancias son las que hacen al yo y hace que yo sea así y no de otra forma. No te estoy respondiendo a nada ¿eh?
L1: No, sí, de los teóricos.
L2: Bueno, los teóricos.
L1: De los que trabajan con semiótica.
L2: Mira, vamos a ver, Antonio Luis García Gutiérrez, que lo hemos citado en más de una ocasión, es una persona a quien se debe, no digo el florecimiento, pero por lo menos, la identificación de los problemas de la lingüística documental, eso está claro. Nadie le puede quitar ese triunfo ¿eh? Después se ha dedicado a escribir sobre el lenguaje, a veces, a veces sobre cosas que digamos presuponían unos fundamentos lingüísticos que no tenían por qué estar a su alcance. Ni él se lo puede exigir, ni nadie se lo podíamos exigir ¿no? Entonces, eso, pues quizás se acusa en algunas de sus publicaciones, pero él ha seguido trabajando, trabaja mucho, ha publicado bastante, mucho más que yo. En las clases, bueno, pues no sé lo que haría, él se ha dedicado después más al periodismo más que a eso ¿no?, desde el punto de vista docente. Pero bueno, la ciencia puede ir por un lado y la investigación por otro, eso en cuanto a Antonio García Gutiérrez, es una persona que ha trabajado en lenguajes documentales. María Pinto Molina ha trabajado en lenguajes documentales, pero la semiótica yo creo que le trae sin cuidado,(...) José Antonio Moreiro, José Antonio Moreiro viene del mundo de la historia. Cuando llegó a Murcia, llegamos prácticamente juntos, el mismo año, él se examinó de titularidad dos meses o tres después de examinarme yo, éramos bastante amigos, bastante amigos con Carmen también, o sea, incluso he estado en su casa de Canarias dos veces. (…) Hombre, José Antonio Moreiro están sus cosas escritas, ha escrito bastante, aunque no utilice el término semiótica pero trabaja en esos ámbitos, o sea, hay que reconocerlo.
L1: No sé, creo que el método filosófico, la forma…
L2: ¡Ah!, no, eso no tiene nada que ver.
L1: El método filosófico que da una cierta atención a la cita, a los comentarios, creo que eso es algo más marcado que en la tradición de historia.
L2: Sí, sí, eso es obvio, eso es obvio, incluso la literaria.
L1: Es una forma de decir…
L2: La tradición literaria. Es decir, vamos a ver, las personas que vienen o venimos del mundo de las humanidades…
L2: …en sentido amplio, porque para mí la historia es otra cosa. Tenemos un modo de pensar, tenemos una formación, una formación y unas actitudes, talantes como quieras llamarlo, actitudes, no aptos, que son distintas, es decir, lo hemos mamado como decimos en castellano, lo hemos mamado. A mí no me cuesta nada

reconocer que pues la mayor parte de las ideas que yo haya tenido a lo largo de mi vida pues se deben a la lectura de tres o cuatro autores o de tres o cuatro profesores. Reconocer, bueno, pues que mis inquietudes por la lógica se las debo al Padre Vicente Muñoz Delgado, lo recuerdo y que dios lo tenga en la gloria. Y que mis conocimientos de historia de la filosofía moderna y contemporánea se los debo a Demetrio Rodríguez Rivero, un cura que terminó mal, que me dio clases en el Seminario, que tradujo directamente del danés a {Kierkegaard} que se pasaba las noches de turbio en turbio como Don Quijote leyendo textos y aprendiendo danés para poderlo traducir. Llegaba a clase por la mañana, te leía un texto de {Kierkegaard}, que hablaba del amor humano en un Seminario, hablaba del amor humano, de sus relaciones con Melina Orsen y nos poníamos a llorar tres o cuatro alumnos al mismo tiempo. Es decir, a mí esas clases no se me olvidan y lo reconozco, y esa persona me hizo vivir la filosofía, o sea, que yo me enfrento con un texto y me estoy acordando de Vicente Muñoz Delgado, de Demetrio Rodríguez Rivero, por la noche, restando horas al sueño, estudia danés, trata de sacarle jugo a un texto sobre las florecillas del campo de Kierkegaard y nos lo lee en una clase, como una primicia porque no estaba publicado. Son cosas que te han ido marcando, eso hay que reconocerlo.
L1: El trabajo del hombre.
L2: Claro, sí, sí. O el mismo fraile, en la historia de la filosofía, que nos contaba cuentos que no tiene nada que ver con la historia de la filosofía publicada, o sea, la persona que no va con un libro a veces a clase: "eso ya lo he escrito, eso léanlo ustedes, yo ahora tengo que contarles otro cuento". Y agarraba un día y te llegaba a clase vestido de masón. El archivo de la masonería estaba debajo de nuestra clase en la Universidad Pontificia, entonces se ponía la toga, vestido de masón: "voy hablarles a ustedes de la masonería y si yo les contara a ustedes…". En la clase te quedabas desconcertado, bueno, pues a mí ese tipo de personas me ha marcado, me ha marcado. No es la persona que te suelta un rollo y ya está escrito, no, o sea, ésas también las recuerdo.
L1: Es una forma de conducir la labor filosófica.
L2: Mira, hay una disciplina, hay una disciplina, hay un método, son más o menos los mismos ¿eh?, los métodos tradicionales, que bueno, por decirlo [Inaudible 1:37:50], que era la historia, a la historia le falta poco para ser ciencia y la filosofía no es una ciencia pero, vamos, es la ciencia de las ciencias. Esa formación los que la hemos recibido, la hemos recibido de tal modo que nos ha conformado para poderlo aplicar a aspectos de la vida que no tienen nada que ver con lo que nos han enseñado. Por eso yo distingo entre la filosofía académica y la otra ¿eh? Yo he estado haciendo filosofía toda la vida, aplicando unos cuantos métodos toda la vida, pero lo aplico adaptándome a la situación en la que estoy. Si ahora estoy en una entrevista, pues tengo de algún modo que manifestar mi modo de ser y mi talante, mi actitud, pues tengo que manifestarla así ¿no? (…) Vamos a ver, hay bastantes más personas a las que tenemos que mencionar, o sea, vamos a ver, está Javier [Inaudible 1:39:37], el maño, que tiene cosas muy bien escritas sobre lenguajes documentales y que hay que reconocer lo que ha escrito y, sobre todo, lo que ha hecho y lo que está haciendo. Ha permitido que otros hagamos, él ha hecho y ha hecho que hagan y eso es tan importante…
L1: Sí, es importante en la Universidad.
L2: (…) O sea, hay que reconocerlo, hay que reconocerlo, o sea, tiene un doble valor: el primero que ha escrito sobre el tema, que se ha preocupado en hacerlo, revisando literatura que no es precisamente la peninsular, a nivel internacional. Eso no lo hacemos todos. En segundo lugar, se ha preocupado de crear un ámbito, en el cual se piense y se diga y con bastante liberalidad, o sea que no ha condicionado a la gente. Y, bueno, pues yo lo pondría en cabeza a pesar de que no es García Gutiérrez porque no inventó la criatura, pero a la hora de valorar lo que han hecho y han potenciado para hacer las personas, pues lo pondría en primer lugar. Más personas, si a mí no me gusta olvidarme de nadie, porque yo debo a todos mucho, debo a todos bastante, o sea… A García Gutiérrez le debo cosas, las reconozco, las he reconocido en las clases. Emilia Burdas, pues Emilia Burdas, yo la cito cada dos clases, pero le pego cada palo que la dejo tiesa y ella lo sabe, o sea que… A García Gutiérrez, le pego cada palo de la leche porque claro, tengan ustedes en cuenta que esto se escribió en el año 83, 84, 85, o sea que ya, bueno, ya pensamos de otra forma. Y entonces hay que valorarlo en el momento en el que se escribió, que no había alternativa, o sea, que tampoco había tantas fuentes. Tuvo el mérito de traducir del francés al español, pues muchos, muchos decires ¿no? A veces, traducciones literales, pero bueno, muy bien hechas, muy bien hechas. Y bueno, hay muchas más personas, o sea, ¿preguntas por los españoles o en general?
L1: Respecto de los españoles.
L2: Españoles, pues no sé si omito alguno. Bueno, por supuesto, mi compañero de fatigas y de estudio Miguel Moreno Fernández. Miguel Moreno Fernández, con el cual hemos hecho algunas cosillas juntos, otras bastante más separados y hemos estado juntos toda la vida y nos queremos un montón. Mi hija Mónica pues que la están llevando de un sitio para otro, en cuanto a investigación, pero que yo creo que la brújula no la ha perdido, o sea, que sigue con aficiones lingüísticas y semióticas y seguirá con ellas, seguirá con ellas; cosas interesantes, algunas con Luis Miguel, otras sola.
L1: Sí, sobre la [Inaudible 1:43:03], por ejemplo, la concepción.
L2: Sí, es una pena que no haya publicado la tesis doctoral. Yo voy a forzarla para que la publique, lo que pasa que no le gusta volver, dar marcha atrás. (...)
(...)
L1: Voy a {parar la grabación}.
L2: Sí.

ENTREVISTADO 12

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistada

L1: La primera parte trata de los temas que investiga en los últimos años y prácticamente sobre la experiencia profesional acerca de los temas relacionados con el lenguaje en general, no solamente con lenguajes documentales, sino sobre sus intereses acerca de los estudios del lenguaje.
L2: Bueno, mi trayectoria ha hecho un largo viaje. Para mí el lenguaje ha sido siempre muy importante. Yo estudié filología y estudié filología semítica porque me interesaba mucho la lingüística general y Chomsky había hecho la tesis sobre las estructuras semánticas del hebreo y yo creí que esto me iba a iluminar porque era muy joven. En aquella época, en la universidad de Barcelona había pocas asignaturas de lingüística general, pero yo salí de la carrera con una mentalidad bastante transformacional. La escuela que a mí me interesaba y que ya empezaba a apuntar en las clases, era la escuela de cómo el lenguaje tiene sus partes, se entronca y se articula a partir de los significados de las distintas combinaciones. A mí me interesó siempre mucho combinar esta parte de lo que es la base lingüística con la carrera que yo hice para ganarme la vida, que era de bibliotecaria. Y por tanto, lo que más me interesó de la carrera fue siempre la parte de indización, de organización y de recuperación a partir del lenguaje y del significado. En la facultad yo entré para estas materias que eran las que me habían interesado y entré a partir de la experiencia, sobre todo, en el centro de terminología. El centro de terminología para el catalán trabajaba en una línea bastante conceptual, daba mucha importancia a los conceptos, a Eugène (Inaudible 0:02:47) y, por tanto, yo veía que mi trabajo allí había sido no solamente de la parte de documentación…
L1: ¿Cuándo fue eso?
L2: Esto fue antes de 1985. Yo entré en la antigua escuela en el curso 88-89 y estuve en el TERMCAT, en el centro de terminología, cuando mi hijo ya había nacido, por tanto, desde 1985 hasta 1988 o 1989 porque estuve un tiempo haciendo las dos cosas. Yo empecé aquí dando la asignatura de terminología científica, que entonces la teníamos, pero ya enseñábamos a estructurar el conocimiento, es decir, tipos de conceptos.
L1: Pero eso ya en la diplomatura.
L2: Sí, en la diplomatura transformamos esa asignatura que se llamaba Terminología Científica y que había sido más bien casi una historia de la ciencia, o sea, había sido familiarizarse con conceptos de las áreas científicas y de su evolución con herramientas para analizar el significado y para reconocer cómo se representa. La última transformación en esta línea mía fue cuando me inscribí en un curso de doctorado porque después de pasar la universidad pensé que, una vez pasadas las oposiciones, iba a intentar hacer la tesis. Y me inscribí en un curso de doctorado sobre ciencia cognitiva y lenguaje porque yo había continuado mis intereses, mis lecturas y me interesaba mucho {Lakoff} que era la parte más metafórica, más de contexto. Y en ese postgrado…
F1: ¿El postgrado fue en la Universidad de Barcelona?
F2: Interuniversitario, o sea, en la Universidad de Barcelona solamente se daban las asignaturas filosóficas, en la de Tarragona estaba…
F1: ¿En qué departamento estaba ubicada?
F2: Es que es inter, es decir, había lingüística, antropología, psicología, informática no, pero sí que había muchos compañeros de doctorado que eran de informática también y fue realmente muy interesante. De hecho, no hice la tesis, ¿conoces a José Antonio Moreiro?
F1: Sí, también lo he entrevistado.
F2: Pues Moreiro se pasó años riñéndome porque no hacía la tesis, pero por circunstancias familiares las cosas se fueron complicando. Entonces, claramente esto me influyó mucho en cómo veo incluso el significado y el lenguaje en nuestra área. Actualmente estoy dando una asignatura que se llama Fundamentos de Cognición Humana en el Grado de Información y Documentación porque entendemos que entender al usuario y el lenguaje es también entender cómo piensa y las sensaciones, el lenguaje está también impregnado de la forma de sentir y, sobre todo, del espacio, de cómo reproducirlo en la pantalla, lo hemos fusionado bastante con una asignatura muy de base a partir de aquí. También influye mucho que la capacidad de análisis de los alumnos es bastante reducida, va bajando, y entonces ahí quizá {entramos} por otra parte.
L1: ¿Ha notado eso en los últimos años?
L2: Sí, hay mucho menos interés por la parte de reconocer las grandes categorías conceptuales, al final lo trabajas mucho con imágenes porque con textos es muy complicado de obtener.
L1: Sí, pasa lo mismo en Brasil. Allí tenemos muchas dificultades principalmente en los temas teóricos. Los temas conceptuales son muy difíciles porque creo que llegan a la universidad con un interés que está fuera de ella, que se centra en cómo van a conseguir un trabajo o un concurso público. Lo que les importa son las asignaturas que les preparan para el trabajo de forma general.
L2: Más instrumentales.
L1: Eso es, una cuestión muy práctica. Y sí, ocurre lo mismo en Brasil.
L2: Yo enseguida tuve este interés por la parte del lenguaje. Cuando era joven y estaba decidiendo qué estudios cursaba, dudaba entre lingüística o matemáticas porque las matemáticas siempre me han gustado mucho. Me gusta jugar y hacer jeroglíficos y para mí tanto el lenguaje como las matemáticas son formas de jugar. A pesar de esto, yo siempre he tenido muy claro que nuestros estudios son para trabajar, no los he visto como una parte teórica. Yo me lo he pasado muy bien con el conocimiento teórico, pero lo he hecho más fuera

de la facultad y ahora estamos dando esta asignatura de Fundamentos de Cognición Humana porque los grados tienen asignaturas de primero y de segundo curso que son comunes a todos y tenemos unos objetivos que yo digo que son de bachillerato porque es así. Por ejemplo, uno de los objetivos de esta asignatura es que sepan hacer gráficos porque entendemos que la parte visual es muy importante y porque con estos contenidos va bien, aparte de que aprendes cómo funcionan las personas y qué cosas son importantes, pues aprendes también a jugar con la información y a transmitirla con una habilidad que yo creo que para un documentalista, para un profesional es muy básico dominar. Ahora no se pueden presentar las cosas solamente de forma escrita, sino que hay que saber presentar resultados muy bien de forma gráfica. Lo importante del análisis es que para mí es una herramienta fundamental para proporcionar unos buenos resultados a tu cliente o para organizar cualquier cosa, incluso una biblioteca escolar que empieza. Yo llevo las prácticas de la facultad y les digo a mis alumnos que me pongo muy contenta cuando alguien que no es de nuestro campo me dice que quiere un alumno nuestro porque tiene, no sé cómo se dice en castellano, pero en catalán decimos "*el cap ben endressat*", la cabeza bien amueblada.
L1: Sí, arreglada, cómo organizar las cosas realizadas.
L1: Es de esta gente que ve, coloca y te dice: "¿Así?" y tú le dices: "No, que eso no me gusta" "Vale, espera un momento que te lo cambio", y así va mejor. Yo creo que esto requiere unas capacidades importantes de análisis y hay que practicarlas. No he pretendido nunca que los alumnos supieran mucho concepto teórico, pero sí lo necesario para tener instrumentos de organización y de análisis para poder ver la realidad e interpretarla porque si no tienes ningún instrumento, es mucho más difícil.
L1: En aquel momento trabajaba de forma más personal los temas teóricos de la cognición de Chomsky y de {Lakoff} y de otros teóricos y estuvo un poco aislada de los temas de la biblioteconomía y documentación.
L2: Bueno, de los teóricos de biblioteconomía yo más bien cogí como referentes a Altanés, (Inaudible 0:13:02), el constructivista, porque desde el punto de vista terminológico casan muy bien. Él dice entender una disciplina es básico para entender cómo se producen los textos, de dónde vienen, a dónde van, qué pretenden, no es sólo entender qué palabras hay. Elaine Svenonius pone la idea de que la clasificación y la indización no se pueden desligar de la catalogación, yo creo que esto ha sido un problema nuestro importante.
L1: Vuestro, ¿en qué sentido?
L1: Al menos en Cataluña, las personas a la que le ha gustado la clasificación y que ha escrito sobre ella no eran catalogadores, éramos de otra especie. Es una asignatura que siempre ha ido separada, catalogación y clasificación e indización cuando en el fondo, para recuperar el arte, el autor es fundamental y, sin embargo, para otra cosa, no lo será nada, ¿no? Hasta hace poco los cocineros no eran importantes y ahora lo son mucho, eso depende del año. Yo creo que esto ha deformado muchísimo, o sea, yo me he esforzado mucho para hacer entender al alumno que lo importante es captar cuáles son las claves del significado, las claves de la representación, independientemente de si es un dato descriptivo o de contenido. Es algo importante y relevante que la gente recuerda y que necesita para organizarlo o para recuperarlo y ya está, pero hacer esa separación es muy perjudicial, luego cuesta porque cuando hay unidades que ya tienen dimensiones importantes los profesionales que hacen una cosa u otra están separados.
L1: Sí, están separados.
L2: Y claro, lo las materias es muy subjetivo, aquí como todo es muy subjetivo, pues cada uno hace lo que le da la gana. Entre que es muy subjetivo y que depende del usuario, como yo digo, todo es justificable y eso no puede ser.
L1: Es un relativismo exagerado.
L2: Sí, bastante exagerado.
L1: Sí, ¿cuál es la importancia de las teorías lingüísticas y semióticas en sus investigaciones y en sus clases?
L2: A ver, yo creo que estaba un poco en lo que hemos comentado antes. Yo he necesitado esta teoría, creo que es muy importante y encuentro que se ha tardado bastante. Yo me he basado mucho en literatura anglosajona, que es bastante práctica y les ha costado un poco coger una parte de sustrato teórico e importarla. El manual de Taylor, uno de organización del conocimiento que lleva no sé cuántas ediciones, un manual clásico, yo diría que hará menos de diez años que incorporó la categorización mental, hasta entonces se hablaba de las categorías Platón, Kant y punto. Por ejemplo, la categorización de Leonor Rogers del año 60 y o Dick Stein, desde el punto de vista filosófico, desde todas las disciplinas se llega a decir que no hay unas categorías cerradas, sino que hay unas fronteras permeables. Yo encuentro que en nuestro campo en España ha habido más teóricos, más profesores con una base fuerte lingüística que han introducido una parte lingüística importante, pero no tanto. Tampoco encontraba aquí a mis teóricos de referencia y creo que eso ha sido muy perjudicial para la práctica porque no se han desarrollado métodos de acuerdo con las nuevas teorías, por lo menos para reconocer hasta dónde llega el método que tú estás enseñando. Yo creo que para un profesor es muy importante tener estos referentes teóricos, incluso para entender las respuestas de tus alumnos, para que no te desesperes tanto y yo diría que entender que todo esto tiene sus límites y unos puntos muy claros de fracaso porque la mente realmente tampoco funciona así, pues te ayuda a proporcionarle un marco de explicación que yo creo que nosotros no tenemos que transmitirlo en una diplomatura de ninguna manera y ahora en un grado tampoco. Los postgrados y los másteres en nuestra área son muy aplicados, esto es más propio de un doctorado, pero yo creo que todos los profesores, incluso los que enseñan arquitectura web, necesitan tener una base muy clara de lo que es el lenguaje, el significado y la comunicación porque si no…
(...)
L2: Sinceramente yo me estoy haciendo mayor y veo el mundo un poco… intento no deprimirme y ya está, Como dice hoy el periódico "el optimismo es para la salud mental propia". No, pero en el mundo en general y también en el mundo laboral y comercial, todo es como una carrera contrarreloj, las aplicaciones actuales muchas veces se quedan en un beta, entonces, ¿para qué vas a romperte los cascos y hacer un buen análisis? y tener datos porque sin ellos tampoco puedes hacerlo, antes tienes que poder recoger elementos de aquel para el que estás diseñando esa interfaz, ese sistema, haces una prueba simplemente con las cuatro cosas que

sabes, te inventas, haces un beta, luego hacemos unos test de evaluación y después sale otra cosa que es para hacer otro beta. Yo creo que el mundo empresarial no está apoyando mucho el trabajo laborioso, bien hecho y con buen fundamento. A partir de ese buen fundamento, se pueden recambiar las piezas para ir acomodando, pero los buenos cimientos, los buenos fundamentos duran y son importantes. Yo creo que hay pocos proyectos que puedan tener esto, cuesta un poco de ver. La gente del {Getty} ha tenido mucha influencia en los del arte y creo que hay algunos proyectos europeos que han aprovechado mucho esto, o sea que sí que se nota que todavía hay gente que va, pero son proyectos macro, en lo que es el día a día, la oportunidad que tiene de trabajar la gente es en estas pequeñas cosas que se convierten en chapuzas porque van a durar poco. No conozco mucho el mundo de la formación de los analistas…
L1: Seguimos. ¿Qué comprende por semiótica en general?, sin especificar solo la concepción académica, sino de manera general.
L2: Bueno, para mí la semiótica es la explicación de la comunicación, de la interpretación del signo. Para mí, cualquier disciplina teórica tiene el objetivo de explicar, de llegar a entender cómo funciona, qué elementos intervienen, qué es lo que lo condiciona la interpretación de los signos y, por tanto, de la comunicación visual, oral y a través de lo escrito. Por tanto, yo lo entendería así, muy simple y llanamente.
L1: ¿Tuvo contacto con los teóricos de la semiótica?
L2: No mucho, quizás lo primero que me llegó fue a través del cine, cuando estaba haciendo el bachillerato porque aquí teníamos a Román Gubern que siempre hablaba mucho de la semiótica, también a través de Eco, bueno, en aquella época parecía muy moderno y quizás me llegó de esta manera. Luego, ya digo, he vuelto a la comunicación, pero me centré mucho más en lo que era la lingüística y, a través de ella, pasé más al significado y a la filosofía del significado, de comprender la noción de significado. Y, a partir de ahí, pues he vuelto a la comunicación más como aspecto cognitivo.
L1: Vale. ¿Puede hacerme una evaluación sobre las teorías lingüísticas de semiótica en la documentación en España? ¿Qué le parece el uso de estas teorías?
L2: No sé qué decir. Yo conozco y admiro a María Pinto y a Moreiro porque ambos tienen mucho de esta vertiente práctica, es decir, ellos demuestran la importancia de lo teórico como una base y trasladan todo esto a una parte más práctica. Yo en los demás autores veo más divorcio entre la parte teórica y la parte práctica, no me han ayudado a entender o a cultivar esta aplicación de los parámetros y las bases más teóricas a nuestra área más práctica. Bueno, Javier García Marco también es de estos. Yo le he leído muchas cosas de él y antaño hemos disfrutado mucho hablando. Él también ve todas estas preocupaciones teóricas como una forma de entender y enriquecer la práctica profesional. Pero ya digo, yo creo que los autores que se han apartado más a esta parte lingüística y semiótica están muy divorciados de la parte teórica y de la parte práctica. Además, cuando lees algo o te encuentras en congresos o en reuniones este tema es muy limitado. Yo siempre digo se habla demasiado de oposiciones y plazas y poco de lo que se necesitaría hablar mucho más para decir, aparte de lo que has escrito, cómo lo estás experimentando con tus alumnos cada día porque estas cosas no se comunican por escrito. Es muy importante para entender de qué le sirve realmente todo esto a esta persona, si no, se queda como muy vacuo.
L1: Y dónde va a llegar con todos esos estudios, sí.
L2: Bueno, creo que una forma de juzgar y evaluar esto es ver los productos de aquí y lo cierto es que no tenemos mucha gente que se dedique a esto.
L1: ¿En España?
L2: La gente joven trabaja, pero no escribe o no parece preocupada por estos temas.
L1: Es lo que siente. Y respecto a las teorías cognitivas, ¿cómo ve el uso en la documentación en España?
L2: Bueno, yo creo que no está mal.
L1: Optimismo siempre.
L2: Sí, siempre. Yo creo que, en este caso, sí que se nota que en España ha dado sus frutos la evolución, o sea, aquí ha habido un abuso de estos estudios, han proliferado como setas, de forma excesiva para el mercado laboral.
L1: ¿Por abuso quiere decir aumento del número de facultades?
L2: De facultades. Es una cosa desproporcionada, pero bueno, esto ha implicado que ha habido más publicaciones y, por ejemplo, que *El Profesional de la Información,* que es eminentemente práctica, dediqué un número al enfoque cognitivo está muy bien y que mucha gente de arquitectura de la información se moleste en poner un articulito de cuatro palabras sobre lo que es la percepción y la Gestalt, pues no está mal porque después vamos a lo práctico. Yo creo que sí ha habido ese aprender un poco la lección de decir que hay que sustentar algo las cosas y que esto se ha visto más y quizás son cuatro cosas muy repetidas, por esto hasta este punto yo antes he dicho que no sabía si nosotros habíamos triunfado mucho en que la gente joven lo considere realmente importante. Yo creo que la gente joven que escribe más y que ahora se ve hace los deberes, pues yo voy a escribir para que me lo publiquen, ¿cómo lo que tengo que hacer? Pues hay una primera parte que es el marco, y pam, ven el marco, aparece el cognitivo, que es lo más moderno, y los dos enfoques, el enfoque al usuario y el enfoque al sistema, {si no sale lo que tiene que salir, siempre es lo mismo}.
L1: Sí, he notado que los temas en España en documentación están muchas veces volcados a las métricas.
L2: Sí, mucho.
L1: ¿Qué le parece esto?
L2: Yo soy muy optimista y también me parece bien. Yo he dicho que sin datos no hay análisis, o sea, si tenemos gente…
L1: Sí, pero para mí es demasiado
L2: Sí, pero si tuviéramos una buena cepa de analistas de los que les gusta hacer mucha, con los datos que vamos teniendo, haríamos maravillas. Ahora es muy fantástico que tengamos gente realmente interesada en datos porque, ya digo, si pudieran colaborar con buenos analistas sería muy fantástico, pero nos faltaría cultivarlo más. Estábamos en este tema de la parte cognitiva, yo digo que no sé si la gente se cree realmente la

importancia de esto. Ha aparecido lo justo para decir que estamos al día, que somos modernos, pero ¿realmente lo hacemos?, ¿lo utilizamos? Con esta explosión de lo métrico, la gente va diciendo por ahí que la métrica es la base para extraer unas conclusiones y que esas conclusiones no están puramente limitadas a esto, sino que intervienen muchos elementos de contexto. O sea, hay muy pocos que se atrevan a confesarse que son puramente sistema, están diciendo no, estamos contribuyendo a un paradigma, pero lo que están haciendo es pura métrica. Por tanto, no sé si es que no se lo creen o es que piensan que así hacen más currículum, es que, seamos claros, lo que te están exigiendo es que tú publiques y así vas más rápido.
L1: Sí, mucho más, por ejemplo los temas de cognición y de semiótica son
L2: Lentos, claro.
L1: Muy lentos. Consigues un artículo al año y gracias.
L2: Esto es una parte importante a tener en cuenta. Yo he tenido buenos alumnos a los que les interesaba este ámbito, pero bueno, esta gente tiene que comer, ¿no?, y han estado un tiempo aquí de profesores asociados, pero luego se han ido a hacer cursos por ahí, es normal, no se puede vivir de eso.
L1: Sí, es normal. ¿Qué conceptos teóricos de la lingüística, de la semiótica y de la cognición considera importantes en la documentación?
L2: A ver, desde el punto de vista actual, yo ya he dicho que lo de {Lakoff} me parecía importante, o sea que yo destacaría como elemento clave la parte contextual, es decir, el contexto, los múltiples contextos del signo, de la unidad de la comunicación. La otra parte, que yo trabajo aquí más y que también encuentro fundamental, es la de las categorías. Si fuera más joven, o incluso puede que cuando me jubile y no me dedique tantas horas a corregir, creo que la confluencia de las ontologías o, mejor, de la formalización semántica puede enriquecer muchísimo las categorías. Las categorías conceptuales clásicas, vamos a decir, con las categorías lingüísticas más fundamentales podrían unir esta confluencia entre lo que es el procesamiento del lenguaje natural y lo que es un análisis más de contexto para poder hacer una ontología que no se limite exclusivamente a representar elementos conceptuales y lingüísticos, sino también del contexto. Y es en este punto en el que se necesitan los datos, o sea, ahora es un momento fantástico, tienes datos sociales, tienes datos de uso, puedes entender al usuario, puedes saber muchas cosas de lo que está buscando, pero hay que fusionarlo con las otras dos vertientes. Yo creo que esa riqueza ahora es el *súmmum,* es un momento muy bueno para eso porque permite unir los pilares. Antes decíamos el usuario y su contexto, entonces este contexto ahora, antes era una incógnita, la gente se lo inventaba y decía ¿este señor qué es?, ¿químico?, ¿está en una fábrica o está en la facultad? Ahora sabes qué está buscando, sabes si es un tío complicado o si es una persona que sólo utiliza dos palabras en todas sus búsquedas. Todo esto se puede combinar con sus intereses conceptuales y con cómo se expresan en los textos estos intereses. Yo encuentro que este es un tema muy bueno para investigarlo, pero hace falta tiempo.
L1: Hacen falta tiempo y personas, sí.
L2: Claro, sí, equipos interdisciplinares. A mí lo que me gusta mucho de esta área es que puedes disfrutar hablando con gente muy distinta a ti, que está haciendo cosas distintas. Por ejemplo, de esta asignatura de Fundamentos de Cognición yo hago dos temas y el resto los hace un psicólogo que, además, es físico y es fantástico.
L1: Un psicólogo físico, interesante. ¿Cuáles son las ramas de la documentación a las podemos añadir estos conceptos?
L2: Es que es fundamental en todo. Evidentemente, está lo que hemos dicho de organización, por tanto organización, clasificación. Organización y representación del conocimiento yo diría que es como la fundamental, pero como hemos estado comentando, el análisis del diseño es fundamental y hablábamos de arquitectura, de sistemas porque la arquitectura te permite unir mucho la organización y, tal como la diseñas en la interfaz, con la arquitectura de organización de ficheros interior y por eso te dicen mira, con la arquitectura ya, pero esto quiere decir que si vamos a un entorno que no es tan web, está el análisis de sistemas y el diseño de sistemas de recuperación como un área necesitada del análisis.
L1: No solamente para la organización, sino también para crear productos.
L2: Sí, en el sentido de crear productos de organización y productos de difusión. A ver, si no es una chorrada de cosa, un community manager necesita saber analizar estos datos, saber ver qué hay en unos datos importantes y saber darles muchas vueltas para ver interpretaciones distintas, esto cada vez es más importante. Cuantos más datos tienes y cuánto más se centra tu trabajo en estos datos, más necesitas de estos elementos. Yo creo que esta parte teórica de la semiótica tiene que ser parte de la formación de muchos de estos profesionales que se hacen a partir de distintas carreras. Como la gente no encuentra trabajo, los economistas se van a poner a hacer trabajo de análisis de datos de marketing, que es nuestro trabajo también. Pues todas estas profesiones nuevas necesitan esta base clarísimamente.
L1: Creo que de este tema también hemos hablado un poco, pero me gustaría oír más respecto del nivel de contacto interdisciplinario en la documentación y sobre cómo se comporta la documentación respecto de las disciplinas semiótica, lingüística y podemos añadir cognición, teoría de la cognición.
L2: Desde mi punto de vista y desde mi experiencia, no solamente en España, sino también en el extranjero, la interdisciplinariedad es siempre un aspecto muy defendido, muy reivindicado por algunas áreas como la terminología y la documentación, que son de naturaleza transdisciplinaria. Teóricamente, una disciplina que se aplica a todas es más fácil que reivindique también su interdisciplinariedad, esta necesidad de coger elementos teóricos también de otras disciplinas y esto se reconoce y se vive, yo creo, como una cosa de esencia que caracteriza precisamente este tipo de disciplinas. Pero en la práctica, esto es muy difícil. Es muy difícil el diálogo, tienes que empezar por decir cómo le llamas tú a esto. Tenemos que ser conscientes de que estamos hablando del lenguaje y que esta gente ha estudiado otra cosa. Yo he trabajado con gente de otras carreras y me han confesado que no saben ni lo que estamos haciendo nosotros ni lo que están haciendo ellos aquí. Digo vamos bien, lo importante es reconocerlo, a partir de aquí ya podemos empezar. A ver, normalmente no se hace esto y se va tirando por tu carril poniendo un poco las bases de decir no, cuidado, esto es interdisciplinar y aquí tiene mucha importancia cada… Pero en la práctica cuesta mucho relacionarte. A ver, hay experiencias muy

interesantes. Hay un grupo en la politécnica, por ejemplo, que ha trabajado en tesauros y se ha visto en la necesidad de asociarse en algunos proyectos con la gente de lingüística computacional de la Universidad de Barcelona, que son gente con la que yo también he hablado, y aquí tienes claramente esta fusión de lingüística, informática y, por lo tanto, comunicación en esta vía. Entonces, claro que hay experiencias muy interesantes y ese curso de doctorado del que yo te estaba hablando también lo es, lo era claramente y continúa haciéndose, en aquel momento era un encarrilamiento de muchas disciplinas distintas desde lingüística, la parte de filosofía del significado, antropología, terminología. Por tanto, claro que hay experiencias interesantes . Yo estoy dando cursos de grado y he hecho licenciatura de segundo ciclo, pero no he hecho doctorados y porque yo soy optimista y siempre lo veo todo muy bien, pero los profesores que estén haciendo doctorado tienen que tener mucho más claro que se están haciendo realidades de esto. Lo que yo digo es que en el día a día es realmente difícil crear dinámicas conjuntas entre profesores de distintos departamentos, de distintas áreas y especialidades, trabajar conjuntamente y crear juntos teoría, eso es muy complicado.
L1: Sí, no solamente en la documentación, también es difícil en otros sitios.
L2: Sí, pero hay dinero y aquí no lo hay. Por ejemplo, mi compañero, el físico que trabaja en el cerebro, está en un área donde hay dinero y además de haberlo, existen unas prioridades. Por ejemplo, se pone dinero para estudiar cómo la gente percibe que la música puede llegar a curar o hacer avanzar el alzhéimer y, por tanto, hay dinero para que haya un equipo de gente de disciplinas distintas y el físico trabaja con un psicólogo y, como es de buena pasta, cuando le dicen que tendrá que sacarse la psicología, se la saca en dos años y ya está, pero quiero decir que hay una confluencia porque se fuerza a que la haya. Aquí no nos fuerza nadie.
L1: Por ejemplo, creo que cuando empezó a impartir clase de documentación había catorce cursos en distintas facultades de España. ¿Cómo era la dinámica con la voluntad de comprender, de investigar los temas en documentación?
L2: A ver, yo creo que era una época muy activa y con motor, mucha gente de aquella época ha hecho muchas cosas, pero yo no puedo hablarte mucho de este punto de vista porque yo he sido presidente de una asociación profesional aquí, he sido directora de esta escuela cuando no estaba integrada en la universidad, he dedicado muchas horas, muchos esfuerzos a gestión, a conseguir que esta escuela estuviera en la universidad, a elaborar planes de estudios nuevos, a defender el segundo ciclo a partir de los profesionales, a crear un colegio oficial. Hay muchas cosas que han sido reivindicativas y yo creo que esta explosión que he dicho me ha parecido nefasta en el sentido de que el Gobierno tendría que haberlo prohibido, pero esto dice mucho de los profesionales y de los profesores de esta área, o sea, en beneficio de un mercado laboral coherente, tendrían que haberlo abortado, pero este núcleo de primeras escuelas trabajó muy intensamente y defendió mucho estos estudios que siempre se han visto muy amenazados, no sé si realmente o no, yo siempre digo que en todas partes hay intrusismo, que no somos los únicos, hay que trabajar bien y da lo mismo que lo haga otra gente, mejor, se hará desde otros puntos de vista y saldrá mejor el trabajo al final, pero quiero decir que mucha gente hemos tenido trayectorias de defender la profesión y de expandirla, entonces yo no soy un buen informador sobre la evolución del área de investigación, te lo van a decir mejor los que han trabajado más directamente en esto.
L1: Sí, pero justamente me gustaría entender este periodo que también hubo una motivación profesional muy grande, no solamente de la academia porque la academia estaba empezando de manera objetiva, sino que los profesionales estaban con mucho interés por las cosas.
L2: Sí, la automatización en España crea muchos puestos de trabajo, en otras profesiones no pasa, pero en biblioteconomía y en documentación, en cuanto se automatizan los catálogos de las universidades se crean muchos puestos de trabajo de bibliotecarios. Claro, esto es un paso que en aquella época fue muy importante y fue un acelerón para los estudios, pero no sé yo si fue muy teórico, o sea, contribuyó más a trabajar en preocupaciones de asociacionismo, de defensa y de aspectos más de sistema. Lo importante era elegir que eso podía ir mejor, organizar estos equipos de trabajo que han pasado de cinco a veinte personas, o sea, que podríamos decir que hay unas preocupaciones nuevas. Revisando la bibliografía de jornadas españolas, hubo teóricos como la profesora Montserrat Sebastián, que nosotros teníamos y que la pobre murió, seguro que la conoces. Pues ella que estaba muy interesada en la semiótica y en cuestiones de organización del conocimiento se pasó muchos años hablando de las tecnologías y defendiendo si tenían que estar juntas o separadas. Por favor, esto no es lo importante, o sea, todos vemos que hay un ingrediente tecnológico imprescindible, pero yo creo que nos estorbó, nos hizo despistarnos un poco de las cuestiones que para mí son realmente fundamentales de la comunicación, de estos aspectos tecnológicos y de gestión de personal, de gestión económica que no habían ni siquiera sido percibidos como algo importante en bibliotecas y en documentación, como diciendo cuidado, que esto también hay que saberlo y hay que aplicarlo y no nos habíamos acordado. Y entonces parecía que lo que es propio del área quedaba como que bueno, esto es igual y fueron unos elementos en esta evolución que marcaron bastante la aparición en escena de estos focos. Fíjate que incluso García Marco cuando habla de cognición habla de aspectos de gestión. (...) A ver, es evidente que para gestionar personal hay que tener en cuenta los temas de comunicación, sí, pero nosotros no tenemos que hacer gestión de personal tampoco, tenemos que entender la comunicación humana, eso sí, pero no para gestionar personal, nunca en un curso de gestión personal, lo hace todo el mundo. En todas las empresas del mundo hay gente con carreras distintas que llega a dirigir equipos y hacen un curso de gestión de personal porque es importante, punto, ya está, no pasa nada.
L1: ¿No hay que meter todos los temas en un currículum?
L2: No.
L1: Sí, comprendo. Bueno, la última pregunta, ¿cuáles han sido los autores del campo de la documentación que han contribuido en la semiótica, en la lingüística y en la cognición?
L2: ¿Los españoles?
L1: Sí, los autores españoles del campo de la documentación. Ha dicho algo respecto de Moreiro, también, si no me…
L2: He dicho María Pinto.

L1: María Pinto, Moreiro…
L2: ¿Cómo se llama el de Murcia?
L1: ¿Dr. Izquierdo Arroyo?
L2: Es evidente que cuando yo comentaba este divorcio de la realidad, hablaba de Izquierdo. Él es una persona que se ha preocupado mucho por esto y ha aportado mucho, pero yo no he conseguido ver cómo podíamos aplicarlo. Creo que es uno de los grandes que hay que mencionar, pero hay otra persona que también había estado en Murcia, que le veo la cara y no tengo el nombre, que también ha escrito libros.
L1: ¿Una mujer?
L2: No.
L1: ¿Que está en Murcia?
L2: Estaba, sí, seguro.
L1: ¿Estaba o está todavía?
L2: Ahora no sé.
L1:¿ Miguel Fernández?
L2: No, estos no, bueno digo "estos" porque trabaja con Vicente también.
L1: ¿Gil Leiva que trabaja con José Vicente?
L2: Sí, pero Gil Leiva para la parte esta más de indización automática, de ponerle un marco pues es de estos chicos para mí más jóvenes que han contribuido a demostrar que en España se ha tenido en cuenta la teoría porque la pone y dice cuidado, esto para entenderlo hay que pasar por aquí. Por tanto diría que es como sucesor de alguna manera, pero yo no encuentro que Gil Leiva en esta parte haya innovado nada.
L1: Sí, estaba pensando.
L2: No, ayúdame, es que yo para los nombres soy fatal.
L1: Yo también.
L2: Bueno, pero yo he ido a peor, yo antes me acordaba mucho más.
L1: Sí, yo veo la cara de las personas, pero no el nombre me cuesta.
L2: Sí, a mí me cuesta mucho, ahora leo mucho más en digital. Cuando leía en papel, me acordaba de la revista y me acordaba mucho más.
L1: No sé quién puede ser.
L2: ¿Antonio García?
L1: García Gutiérrez, que está en Sevilla.
L2: Ah, está en Sevilla.
L1: Sí, eso es.
L2: Pues él también. Aparte de García Marco, que siempre ha tenido preocupaciones teóricas claras, de Izquierdo y de los que hemos mencionado, yo diría que después son esta gente más joven que para mí ha demostrado que en España se ha tenido en cuenta la teoría, pero no ha…
L2: Pero no significa una evolución teórica.
L1: Pero no se dedican a lo teórico realmente, se dedican a lo práctico.
L1: Sí, comprendo
L2: Tal como lo veo yo.
L1: Ya está, muchas gracias, creo que fue estupendo todo lo que contestaste.
L2: Pues me alegro que haya servido.

ENTREVISTADO 13

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L2: ¿[…] sobre consistencia en la indización?
L1: Fue publicado en inglés.
L2: En LILACS, en inglés.
L1: Sí, no lo he leído todavía.
L2: No, pero aunque no lo hayas leído, está el *Information Research*, aquí lo tienes, es éste: *Consistency between indexers in the LILAC database*. Lo hicimos Mónica, un profesor de estadística de aquí y un chaval que se llama Javier Valles Valenzuela, que es bibliotecario en México. He trabajado en eso y sobre el resumen documental fundamentalmente. También trabajé sobre la CDU, la Clasificación Decimal Universal. Supongo que conocerás la obra porque seguramente te la habrá citado Mónica. También tengo algún estudio comparativo entre la CDU y los tesauros, trabajos sobre lenguaje documentales, técnicas de indización, calidad de indización, relación entre la consistencia de la indización y la calidad en la recuperación de la información. El artículo que te acabo de mostrar intenta mostrar la relación existente entre distintas variables y la consistencia de la indización y, por ejemplo, la relación entre la longitud del documento, la consistencia de la indización, la presencia o ausencia del resumen y la consistencia de la indización, es decir, las variables que enunció Lancaster, que pueden influir en la calidad de la indización, he intentado medirlas o evaluarlas en la base de datos LILACS para ver cómo afectan a la consistencia de la indización y a la calidad y recuperación de la información. He trabajado en eso, sobre todo en la CDU. En lenguajes documentales tengo algunas cosas genéricas, pero donde más me he centrado es en la Clasificación Decimal Universal. También he participado, junto con otro compañero de por aquí, Juan Antonio Pastor, en la revisión de la norma para la construcción de tesauros y adaptación a la lengua española
L1: Sí, la nueva ahora.
L2: Sí, la nueva norma para la elaboración de tesauros y, sobre todo, en el resumen documental que es últimamente lo que más me interesa. Tú dirás.
L1: ¿Y las bases lingüísticas que has leído en las que se basan tus estudios?
L2: En mis estudios yo he procurado utilizar, en la medida que me ha resultado posible o que se ha adaptado al objeto de mi estudio, algunos de los conceptos teóricos expuestos por el Dr. José María Izquierdo Arroyo, como el de tratamiento documental de contenido y la clasificación de los lenguajes documentales. Hace años hicimos juntos una clasificación, una tipología de los lenguajes documentales que aparece recogida en el libro sobre la CDU. He intentado utilizar algunos enfoques lingüísticos, pero tampoco me he metido muy en profundidad con el tema de la lingüística o los aportes lingüísticos al estudio de los lenguajes documentales o del resumen documental, quizá porque los aspectos que he tocado o en los que me he centrado del resumen documental no requerían un manejo muy en profundidad de determinadas fuentes lingüísticas, pero sí alguna literatura de ciencias del lenguaje, sobre todo la lingüística de género que tanto Mónica como yo, y alguna otra que está por aquí, hemos utilizado en mayor medida para la elaboración o el enfoque de lo que nosotros consideramos que debe ser el resumen documental, la lingüística de género de John Swales y otros, sí que la hemos utilizado en cierta medida.
L1: ¿Y alguna aportación de la Semiótica?
L2: Más que una aportación concreta de la Semiótica, hemos intentado llevar, porque yo he trabajado con Mónica, algunos conceptos expuestos por José María Izquierdo como el que te he comentado de tratamiento documental de contenido, la caracterización misma del concepto de indización y del resumen, como dos operaciones profundamente interrelacionadas que tratan de representar el contenido informativo del documento de una manera, digámoslo así, opuesta en cierta medida a lo que es la descripción formal del documento que identificamos en mayor o menor grado con la descripción física o externa de éste que suele llamarse catalogación, pero no deja de ser un enfoque. Que yo sepa, no hemos utilizado una literatura semiótica, propiamente dicha, en profundidad, para desarrollar mis análisis o investigaciones. Mónica quizás la haya empleado un poco más en algunos enfoques teóricos que ha realizado, pero yo, en concreto, no demasiado. Tampoco creo que en nuestra área se hayan utilizado mucho los enfoques de carácter semiótico, hemos ido escogiendo o espigando entre concepciones que están a caballo entre la lingüística, la psicología cognitiva, la semiótica. El que más ha llevado a sus extremos el desarrollo de los enfoques semióticos ha sido el profesor Izquierdo.
(...)
L1: En tu opinión, ¿cuáles son los teóricos de la semiótica y de la lingüística? Y, por otra parte, ¿cómo llegan estas teorías a la documentación en España?
L2: Bueno, aquí hay una cosa que es muy clara: de la semiótica documental el primero y último en hablar hasta el momento ha sido José María Izquierdo. El primero en hablar de semiótica documental y, hasta donde yo sé, el último es el profesor José María Izquierdo Arroyo, eso es algo sin discusión, por lo menos yo así lo veo. Y el primero en hablar de lingüística y lingüística documental aplicada a la documentación fue el profesor Antonio Luis García Gutiérrez, luego siguió con esos enfoques el profesor José María Izquierdo para acabar dando una perspectiva más amplia, la de semiótica documental, pero fuera del marco teórico establecido por José María, realmente no ha habido más investigadores en España que desarrollen esos trabajos. No sé si te has dado

cuenta, pero la investigación en documentación en España es un área muy polifacética o muy multifacética, está muy atomizada, muy diseminada en múltiples facetas. Lo mismo te encuentras estudios sobre bibliometría que índices de citas, citas, estudios coyunturales sobre lenguajes documentales, cosas sobre resumen documental, cosas sobre inteligencia artificial, redes neurales, etc. Desde el punto de vista de la investigación, creo que es un área muy poco sistemática, muy dispersa, que se mueve mucho al compás de intereses académicos concretos, coyunturales, de modas, no es una investigación tan consolidada como en otras disciplinas en la que haya grupos que tengan una tradición de seguir investigando en una o varias líneas de investigación a lo largo del tiempo, con mucha continuidad, sino que son investigaciones muy concretas sobre aspectos puntuales como los que te he podido citar. Ahora quizás se empiezan a atisbar, a esbozar, a plantear, pero como tal vez es una disciplina relativamente joven en España, no hay líneas de investigación consolidadas y establecidas como puede haber en otras disciplinas o como a lo mejor ha habido en otros países de más tradición como los anglosajones.

L1: Y también he percibido que la formación original de los profesores cuando empezaron en la documentación influye muchísimo en el desarrollo de algunos temas.

L2: No cabe duda, por ejemplo, a José María Izquierdo supongo que le habrá influido notablemente su formación clásica, humanística, filosófica, lógica, lingüística, sus conocimientos de psicología, en fin, él tiene una mente muy polifacética y ha tenido una formación muy amplia que, desgraciadamente, ya no se imparte en nuestras facultades. Entonces eso quizás le ha ayudado a tener una perspectiva más abierta, más generalista de lo que es la documentación, de lo que pueden ser las líneas en documentación, de hacia dónde puede ir la disciplina. La formación específica de los distintos profesores que integramos el área también ha tenido un peso. La mayoría de los que superamos cierto rango de edad no tenemos la titulación de documentación, hemos llegado a este ámbito desde otras titulaciones muy variopintas y nos hemos ido formando sobre la marcha, a través de una formación clásica en bibliotecas y archivos, fundamentalmente leyendo bibliografía de carácter anglosajón sobre lo que es la documentación, nos ha pesado nuestra formación a lo mejor humanística, pero ya más limitada, por ejemplo en el ámbito de la Geografía, la Historia, en el ámbito de la Lingüística, la Filosofía, pero ya son formaciones más especializadas, de menor espectro y calado que las que ha podido recibir alguna otra personas del área.

L1: En tu opinión, ¿cuáles son los conceptos de la lingüística y de la semiótica que son fundamentales para la documentación?

L2: Me pones en un aprieto ahora mismo, no sabría citarte expresamente determinados conceptos que ahora mismo estemos barajando. Es que barajamos muchos: el propio concepto documental, el lenguaje, el lenguaje documental, metalenguaje. Nuestra área, por ser muy interdisciplinar, bajara conceptos no solo del ámbito de la filología o de la lingüística, sino también de la informática, de la psicología, de la psicología cognitiva, etc. Yo no percibo que ahora mismo haya muchísimos, sinceramente, a lo mejor se usa, pero se ignora su significado, su alcance o incluso su procedencia. En todo caso, no sabría yo decirte expresamente qué conceptos de los que ahora aparecen en la literatura que se está produciendo en España en el ámbito de la investigación en documentación proceden específicamente de la lingüística o de la semiótica o de la psicología, etc. en su concepción del resumen documental. Por ejemplo, el profesor D. Antonio Moreiro y la profesora María Pinto Molina sí que han utilizado muchos conceptos procedentes de la textolingüística o la lingüística del texto de van Dijk, etc., pero tampoco han tenido un desarrollo y un alcance tan grande como para que adquieran una relevancia notoria.

L1: Sí, a causa de lo que había explicado anteriormente acerca de la dificultad de formar líneas de investigación.

L2: Sí, de hecho, la aplicación práctica que han hecho la profesora Pinto Molina y el profesor José Antonio Moreiro de las teorías de la textolingüística al modelo de desarrollo de resumen documental del análisis del texto, de construcción de textos o de los minitextos, que son los resúmenes, yo creo que no se adecúa muy bien a lo que es el desarrollo de lo que es un resumen documental. Creo que ese enfoque lingüístico tiene más recorrido en otras áreas o para otras disciplinas, por ejemplo para el análisis y comprensión de textos, pero no para la elaboración de resúmenes documentales, puesto que la aplicación de todos los pasos que para resumir un texto se pueden dar, según la textolingüística, son excesivamente farragosos y complejos para el desarrollo de lo que es un resumen documental, en mi opinión. Yo no creo que, a grandes rasgos, ahora mismo en el área nuestras líneas de investigación estén muy condicionadas ni por la semántica ni por la lingüística ni por otras ramas del lenguaje. Sí que, por ejemplo, en el desarrollo de la web semántica, puede pesar la semántica, pero es de una manera como muy tangencial. Yo no advierto en modo alguno desarrollos teóricos a ese respecto, no los veo, acaso más bien aplicaciones a lo mejor de cómo vincular o relacionar conceptos según la lógica, la lingüística, la semántica, las relaciones entre los términos, sí, tras eso subyacen unas teorías de carácter lingüístico, semántico, etc., pero no veo yo así una…

L1: Una creación.

L2: una creación propiamente dicha, un desarrollo documental de esas teorías lingüísticas ni mucho menos, si acaso aplicaciones de esas teorías y muy cogidas por los pelos, de soslayo, a veces sin comprenderse bien los conceptos que se manejan procedentes de esas disciplinas. Entonces más bien somos aplicadores, y a veces no buenos aplicadores, de esas teorías que han elaborado otros campos o los teóricos procedentes de otros campos.

L1: Una pregunta importante: ¿cómo está el nivel de relación interdisciplinario entre estas teorías lingüísticas semióticas y la documentación en España? ¿Mejor o peor que antes?

L2: No, ni más ni menos, ni mejor ni peor, está estancado por completo, o sea, no está.

L1: Pregunto esto porque a lo largo de los años 80 hubo una producción muy fuerte de la documentación en España que influyó en países de Latinoamérica.

L2: Retomo la idea que exponía al principio, aquello fue de manera coyuntural, basado en modas, en la influencia personal de algunos profesores, por ejemplo José María Izquierdo, el propio Francisco Javier García Marco, que es, en mi opinión, quien más y mejor ha tratado de seguir los pasos de José María Izquierdo,

dejando a un lado a Mónica que, por otras circunstancias, quizás no ha podido desarrollar más esos aspectos que ha dejado planteados el profesor Izquierdo. Yo creo que quien más y mejor ha desarrollado esos aspectos es Francisco Javier García Marco. Fuera de estas circunstancias, realmente creo que no se está trabajando en ese ámbito, que yo sepa.
L1: Entonces tendría un nivel muy bajo o estancado.
L2: Estancado es la palabra; más que bajo, estancado. El nivel llegó a donde llegó en la década de los 80 y, a partir de ahí, se ha estancado. De hecho, si quieres que te sea sincero, las únicas personas a las que he oído hablar últimamente en serio de semiótica documental sois Francisco Javier García Marco y tú. No ha habido otras personas que retomen la idea de la semiótica documental, sus perspectivas teóricas y metodológicas, su desarrollo y sus posibles aplicaciones, quizás también porque los intereses profesionales y los de la propia ciencia documental son muy variopintos están muy dispersos. Ahora hay otras modas, más comportamiento de búsqueda de información, estamos muy sujetos a las modas en esta área.
L1: Sí.
L2: Quizás porque no tenemos un desarrollo epistemológico propio, no tenemos claro adónde vamos ni por dónde nos movemos y eso hace que cuando surge un trabajo que te gusta o una línea de trabajo que te gusta, mira, eso lo puedes ver, te lo voy a mostrar no en España, sino incluso a nivel internacional. Cuando surgen líneas de trabajo que nos parecen apropiadas o que creemos que somos capaces de desarrollar nosotros porque se están haciendo fuera, los países anglosajones ahí marcan la pauta, no cabe duda, si creemos que nosotros podemos desarrollarlas con cierto éxito aquí y podemos publicarlas y venderlas nos aplicamos a ello, sin más. Y eso no resulta fácil porque no tenemos una tradición propiamente dicha de investigación o de líneas de investigación sólidas en determinadas ramas o áreas. Claro, están muy de moda los estudios de usuarios, bueno, más que de usuarios, que ya no se llaman así, de comportamientos de búsqueda de los usuarios, de eficacia del sistema de recuperación de información, pero desde unos puntos de vista que, en mi opinión, a veces no hay por donde cogerlos, pero que ahí están. Solo tienes que asomarte al índice de algunas revistas extranjeras y ver por dónde va. Mucha bibliometría, porque es muy fácil. La bibliometría es una {fuente} que es muy fácil, tú tienes una fórmula, la aplicas, te conoces una bibliografía, tienes unas fórmulas, las aplicas y siempre tienes un resultado muy satisfactorio y la posibilidad de publicar bien el trabajo sin demasiado calentamiento de cabeza.
L1: Sí, he notado que en los periódicos últimamente se han publicado muchísimas cosas.
L2: Mira, no sé si lo vas visto, pero el último número de *Information Research,* que es un buen escaparate, mira, sobre el resumen prácticamente nada y si hay algo, verás gestión de información, bibliotecas universitarias, las características de los entornos de búsqueda, cosas así, de acceso a la información como te he explicado, de (Inaudible 0:28:57) de informática, cosas que tienen que ver con los estudios de género, que no sé yo, por ejemplo, la creación de cómo las lesbianas, los gays y los bisexuales negocian y configuran el discurso homofóbico o heterosexista, no sé, ves que son investigaciones movidas muy por la actividad teórica, que es un *totum revolutum* donde puedes encontrar de todo, entonces la gente ve más o menos lo que hay y cuando piensa que puede adaptar algo a su entorno de trabajo o se encuentra capaz de desarrollar algo análogo para España o dentro del entorno de la investigación española, pues se aplica a ello. De hecho si observas la trayectoria investigadora de casi todos los investigadores del área, verás algo que no observarás en otras disciplinas, que es profundamente heterogénea, aquí todo el mundo investiga de todo.
L1: Lo he percibido un poco.
L2: Lo has percibido, ¿no? Todo el mundo investiga sobre todo, lo mismo puedes encontrar que alguien ha investigado sobre bibliometría, que sobre archivística, lenguajes documentales, gestión de información, redes neurales…
(...)
L2: Entonces tienes investigaciones del mismo profesor totalmente heterogéneas.
L1: Sí, y en el momento de la evaluación del profesor, ¿eso no hay un {peso por la dispersión}?
L2: Sí, precisamente todo esto está condicionado por la evaluación de la investigación porque estamos sometidos a múltiples presiones. Intentas publicar, escribir o trabajar sobre aquello que tú consideras que es más rentable a corto plazo porque se vende más y porque tienes una posibilidad inmediata de publicarlo, claro que influye. Precisamente lo que yo llamo sobreevaluación de la investigación y del profesorado, que estamos asfixiados, como te comentaba ayer, yo creo que tiene una influencia en estos bandazos coyunturales en los que nos movemos como investigadores porque vamos buscando siempre lo más inmediato, lo que mejor podemos vender para publicar un trabajo que luego se te reconozca en la evaluación de la actividad investigadora. Si a lo mejor tuviéramos más tranquilidad, si no estuviéramos tan presionados por las revistas de impacto, el primer cuartil, el segundo cuartil, pues probablemente habríamos seguido unas líneas de investigación más firmes, más sólidas, con independencia de que estuviesen o no más de moda. Por ejemplo, ¿quién hace estudios de historia de la documentación?, cuando está casi todo por hacer, tanto en España como en el extranjero, pero ¿quién los hace?
(...)
L2: Aquí prácticamente hasta los anglosajones hacen un poco más que nosotros, nosotros no, ¿quién hace la historia de la documentación?, nadie, aquí a nadie se le ocurre porque consideras que eso no lo vas a publicar, ¿me explico?, aunque sea muy bueno. El eco que hayan tenido en España, por ejemplo, las publicaciones de Lancaster o su influencia, cómo ha llegado a España, a través de quién, quiénes, cuáles han sido sus líneas más influyentes o su pensamiento más influyente, esos aspectos no los tocamos porque consideramos que son reliquias, ¿cómo se te ocurre trabajar sobre eso?, ¿dónde lo vas a publicar? y si lo llegas a publicar, nadie le va a dar importancia. Claro, como no sean cosas de clusters…
L1: Es posible que pase lo mismo con la semiótica.
L2: …. algorítmicas, y cosas así, claro, y con la semiótica pasa eso, la gente piensa que no tiene recorrido, que no tiene perspectiva, que no tiene futuro, que no es de una utilidad inmediata para tu línea de trabajo, para el desarrollo de tu currículum.

L1: ¿No?
L2: No.
L1: Bueno, son varias razones, creo que también es por esta evaluación que los manuales y los libros de texto en España bajaron un poco de ser publicados, que era muy común…
L2: Vamos a ver, ¿tú sabes por qué ha bajado el nivel de calidad de los manuales?, yo creo que el libro que publicamos Mónica y yo es bueno, el de resumen documental, pero ahora les ha dado por no considerarlos de utilidad para evaluar tu actividad investigadora, o sea, tú pasas buena parte de tu vida, pasas uno o dos años escribiendo un manual que esté bien, no diré que sea un manual que contenga ya la *Suma Teológica*, pero le dedicas uno o dos años y prácticamente no te lo consideran o si no está publicado en tal o cual editorial, no te lo consideran. ¿Qué te están haciendo?, te están induciendo a no escribir manuales o, si los escribes, son manualitos de estos divulgativos para que los alumnos trabajen con ellos, hagan ejercicios, más bien guías didácticas que, paradójicamente, te las cuentan como mérito docente pero no como actividad investigadora. Todos sabemos que un buen manual puede ser un punto de partida muy importante para recapitular sobre el estado de una materia, de una disciplina, encauzar líneas de investigación porque, al fin y al cabo, tú ves lo que hay, lo que no hay, lo que se ha escrito, lo que aportas, cuáles son las líneas más prometedoras, pues nada, aquí parece ser que ahora mismo a alguien se le ha ocurrido que no tienen importancia. Entonces, todo esto te coacciona para que encauces tu investigación de una manera u otra, parece ser que un buen manual, con el trabajo que yo considero que lleva cuando es un trabajo serio de recogida de información, de análisis de esa información, de reflexión teórica sobre esa información parece ser que alguien, en algún lugar de sus despachos, porque a lo mejor no es capaz de escribirlo, ha decidido pues que no tiene mucha importancia en el ámbito de la creación, qué le vamos a hacer. En otras disciplinas, sí, por ejemplo en Medicina hay manuales que tienen generaciones y generaciones y que continúan discípulos de profesores ya desaparecidos, algún valor tendrán y, de hecho, hacer un manual de esos vale una fortuna.
L1: Y la física también.
L2: En física también, pero por lo visto aquí somos, no sé cómo llamarlo, somos los metacreativos. Discúlpame.
(...)
L1: Para finalizar tengo dos preguntitas. Una es, en resumen, ¿cuáles son los teóricos de la documentación en España con contribuciones fundamentales en la Lingüística?
L2: Esa pregunta es muy fácil. En primer lugar está claro que José María Izquierdo Arroyo. Luego yo creo que han hecho aportaciones importantes Francisco Javier García Marco, sin lugar a dudas; Mónica Izquierdo no ha tenido mucho tiempo, pero sus planteamientos son de lo más original e interesante; luego tienes a la profesora María Pinto que también ha hecho cosas; José Antonio Moreiro también ha hecho otras; luego tienes a Antonio Luis García Gutiérrez que también ha hecho planteamientos interesantes. Yo creo que si nos salimos de ahí, gente que haya hecho investigación sí que tienes bastante. Investigación bien, pero si me preguntas por planteamientos teóricos, que es diferente, pues los que te he citado. Planteamientos teóricos de envergadura más bien los que he citado y, si me apuras para que te dé solo tres nombres, pues te los voy a dejar en el propio José María, Francisco Javier García Marco y bueno, ya ahí puedes hablar al mismo tiempo de María Pinto, José Antonio Moreiro, Mónica, Antonio Luis García Gutiérrez, pero ya en un plano ya más retirado, más lejano. Aquí los estudios teóricos, es un inciso, esa es otra, en nuestra área, por lo menos aquí en España no se han valorado nunca.
L1: Los teóricos y también los históricos.
L2: Menos.
L1: Menos que los teóricos.
L2: Menos que los teóricos. Si quieres ser un friki, es decir alguien raro, extraño, que está fuera de toda órbita, ponte a hacer estudios históricos o teóricos: serás un incomprendido total, vas a estar totalmente fuera del traste. Para mí, el gran mérito de Francisco Javier García Marco es que ha sabido conjugar sus planteamientos, su fe en los estudios teóricos con los estudios de tipo práctico o los desarrollos empíricos, lo cual no es fácil.
L1: Sí, y dejar a la gente trabajar.
L2: Y dejar a la gente trabajar, entonces ha sabido encauzar a la gente, dejarla trabajar, creo que ese ha sido su gran mérito, con independencia de que personalmente sea excepcional, es una gran persona, pero eso es aparte. Yo creo que su gran mérito ha sido saber conjugar y apreciar los trabajos de tipo teórico con los trabajos de corte metodológico y más pragmático.
L1: ¿Y cómo fue tu experiencia en el grupo (Inaudible 0:43:19)? ¿Cómo empezó? ¿Cómo fue el desarrollo del grupo?
L2: Hombre, mi experiencia ahí está, a las pruebas me remito, mi amistad con José María es anterior. Durante el grupo y ahora mismo el grupo existe, quizás los que trabajamos más en esta línea somos Mónica y yo, por eso precisamente voy a Alcalá a seguir con algunas con nuestras líneas de investigación. Creo que el grupo podría haber desarrollado más y mejores trabajos si las circunstancias hubiesen sido otras, en otro contexto académico y universitario, por lo que estábamos hablando ayer tarde, ¿te acuerdas? Creo que en otro contexto académico y universitario podríamos haber desarrollado una labor mucho más importante y relevante de la que hemos realizado y de la que intentamos seguir realizando algunos, como Mónica, yo mismo, Francisco Javier García Marcos por su cuenta o alguna que otra persona más que ahora mismo, y que me perdone si no la cito, que pueda haber por ahí. Creo que podría haber sido una experiencia más, ha sido muy enriquecedora desde el punto de vista personal, pero desde punto de vista científico podría haber sido más fructífera, más fuerte, más importante si hubiéramos tenido más tiempo y otras circunstancias para desarrollarlo. Quizás nos ha faltado un contexto favorable para desarrollarnos, como las semillas, tú sabes que algunas semillas cuando caen, si las circunstancias no son muy favorables, están ralentizadas hasta que cambian y pueden prosperar, pues yo creo que a nosotros nos ha faltado un contexto un poco más favorable para poder desarrollar nuestros trabajos.
L1: El grupo ya tiene, ¿cuántos años? ¿Sigue?
L2: Es que los años pasan tan rápido, te iba a decir entre 15 y 20 años un poco azarosos. Por eso te comento que quizás podría haber desarrollado una labor más importante, pero bueno, ahí está toda la trayectoria

científica de Mónica, que creo que es muy importante, también la de Celia, aunque ella trabaja en otras áreas de gestión del conocimiento, de gestión de la información, de los archivos, la bibliometría, la infometría, por lo que te estaba hablando, pero bueno también ha estado en contacto con nosotros y mi humilde investigación también tiene que ver con los del grupo {SemiDos}, pero creo que podíamos haber hecho bastante más, aunque todavía estamos trabajando, pero de una manera mucho más espaciada, más lenta, más tranquila porque tenemos muchas horas de clase, no tenemos tiempo para sentarlos a leer y a investigar, siempre vamos a contracorriente, nos cuesta trabajo ponernos con un taco de fotocopias a leer la bibliografía que vaya saliendo sobre nuestras áreas de interés. Luego nuestras área de interés se está desarrollando más y tenemos a lo mejor más facilidad para publicar…
L1: En otros países.
L2: en otros países y en otras revistas más que en la propia España. Por ejemplo los trabajos que más guardan relación con este campo del conocimiento están publicados en ingles, también en portugués, en Brasil, pero no precisamente en España, lo cual no nos perjudica porque las revistas más valoradas han sido esas, pero no deja de ser un poco paradójico por lo que veníamos hablando de que aquí determinados campos de investigación no es que sean de más o menos calidad, es que no tienen eco apenas, tienen más eco en la revista *Knowledge Organization,* donde vamos a intentar publicar nuestro trabajo, en *Information Research*, en *Journal of Documentation*, en cosas así, que a lo mejor en revistas como *REDOC*, *El Profesional de la Información* no digamos, son cositas de tipo muy profesional, por lo que veníamos hablando. Si tú ves ahora mismo las principales revistas españolas de documentación comprobarás que los temas en los que aparecen trabajos de investigación, con independencia de su calidad, que a lo mejor son muy buenos, no tienen nada que ver con lo que estamos hablando.
L1: Haciendo una búsqueda en las revistas españolas de documentación científica, alrededor de los años 90 prácticamente desaparecieron los estudios lingüísticos y terminológicos y empezaron los de bibliometría.
L2: Sí, empezaron a centrarse en bibliometría, en infometría, en cosas así, de usuario, cosas de estas.
L1; Sí, pero vamos bibliometría, infometría...
L2: Sí, ahora otra vez han cambiado, pero muy poco, en fin, no le des más vueltas. Un trabajo que enviamos Mónica y yo sobre el resumen nos lo rechazaron y mira, pues en *Knowledge Organization* o en otra revista {nos} lo van a publicar, bueno.
L1: Es mejor así, es una pena.
L2: Sí, visto desde esa perspectiva, sí, pero es lo que hay.
L1: Sí, es una pena porque tenemos que hacer contactos con profesores y expertos de otros países y no tenemos gente para formar. Creo que los grupos de investigación hacen también eso, formar gente, investigadores, para el futuro. Para publicar, sí, está resuelto, pero para formar gente…
L2: Sí, ya te digo que el problema del investigador español ahora, en esta área de conocimiento, ya no hablo de la universidad, que también, es que va muy a caballo de lo que es la evaluación y de lo que puede publicar. A ver, ¿qué publica esta revista?, ¿dónde me interesa colocar un trabajo?, pues esta revista está publicando sobre esto, ah, pues voy a ver si puedo hacer yo algo de eso, punto. Claro, así difícilmente vas a poder llevar una trayectoria investigadora coherente, algo que se valora mucho en otras disciplinas, pero no en la nuestra, en la nuestra como que estamos muy a caballo de…
L1: De las modas.
L2: de las modas, muy impulsados por las modas, las coyunturas académicas, las evaluaciones, esto y lo otro, los investigadores vamos pensando más bien en lo que puedo publicar que se ajuste a lo que ahora te están pidiendo y quedarme descansando una vez que lo saque y luego ya veré por dónde tiro, ¿entiendes? Si se quiere pensar en aportar algo nuevo a esos enfoques de investigación, no, mejor si es un modelo que yo puedo aplicar y ya me lo dan hecho que no ponerme yo ahora a repensar algo con el tiempo que lleva, buscar bibliografía, esto, analizarla, a ver por dónde tiro, por dónde no tiro, a ver si esto tiene salida o no tiene recorrido, cosas así, estamos en una coyuntura complicada.
L1: Me lo imagino. En las entrevistas los profesores que me contestan siempre subrayan la cuestión de la crisis que está afectando prácticamente a todo.
L2: Pero no es solo la crisis, es lo que yo te comento, eso ha sido así aquí en España desde un principio, es un problema ya interno nuestro, no tiene nada que ver con la crisis.
L1: Eso también pasó antes de la crisis.
L2: Sí, igual, así te lo puede confirmar el propio José María Izquierdo, tal vez te lo haya dicho, y otros profesores, antes de la crisis era igual. Aquí estamos muy influidos por las modas y constantemente estamos pendientes nada más que lo que es la evaluación de la investigación, de que se te reconozca el sexenio, que es importante para dejar tranquilo a tu ego, más que la compensación económica, es la compensación anímica o psicológica que obtienes cuando te han reconocido un sexenio de investigación. Entonces, estamos muy volcados, estamos pendientes de ello. En otras disciplinas también, pero no se publica pensando en eso, se hace más de acuerdo con las líneas de investigación que tradicionalmente se vienen desarrollando, para intentar sacar algo novedoso. Aquí lo cierto es que publicamos para ver si podemos colocar esto en una u otra revista de impacto, ahora he hecho algo de bibliometría, pero si mañana tengo que pasar a eso del comportamiento de usuarios o de búsqueda de información o a web semántica, de redes neurales a web semántica, aunque no tengamos ni idea de lo que es una red neural, nos aplicaremos a ello. En eso estamos, ese siempre ha sido un mal endémico de nuestra área de conocimiento, no te quepa duda. De hecho, si tú buscaras en cada profesor unas constantes de investigación, te resultaría muy difícil, nuestras investigaciones serían muy dispersas.
L1: Sí, son pocos los que tienen una (Inaudible 0:54:09)
L2: Son pocos, son investigaciones muy dispersas porque se mueven al compás de las coyunturas. Y en ello no tiene nada que ver la actual recesión porque ya era así antes, ¿Sobre qué escribe Fulanito, que me ha gustado?, ¿sobre el resumen?, hombre, voy a ver si yo también me pongo a ello. ¿Sobre qué escribe Fulanito?, ¿sobre los tesauros? Ahora, con la web semántica, el que no escribe sobre este tema es un desgraciado, es

muy infeliz. Sobre los metadatos, ¡huy cuando salieron los metadatos!, ¡qué marabunta de literatura sobre los metadatos! Puedes identificar las modas científicas españolas por los temas de investigación, mira, eso sería un buen {estudio}. Tú puedes decir que ahora está de moda en esta área investigar sobre esto, ¿por qué se sabe?, porque en tal plazo de tiempo se han producido equis artículos, que luego ya se han perdido.
L1: Podría ser un estudio interesante.
L2: Podría ser un estudio muy interesante.
L1: Sí.
L2: "Modas y coyunturas en la investigación documental española". Efectivamente, dos, tres, cuatro años y, de repente, dices, ¿existió esto alguna vez?, ¿qué ha pasado con esto?, ¿a nadie se le ocurre seguir trabajando en esto?, ¿qué es lo que pasa? Pero eso es una máxima que se cumple al pie de la letra en nuestra área de conocimiento, en otras se puede dar en mayor o menor medida, siempre habrá alguien quien se sume a las modas, pero siempre hay gente que mantiene una tradición de investigación en dos, tres, cuatro líneas que configuran su *cursus honorum* académico. Aquí no, aquí tú puedes estar escribiendo ahora mismo sobre los descriptores y mañana te pasas a la web semántica, pero así, sin más, un salto en el hiperespacio.
L1: De 160 grados.
L2: Sí, de 180 grados y te quedas tan tranquilo. Si tú nunca habías sacado un renglón sobre esto, y, de repente, apareces escribiendo sobre la web 2.0 y cosas así, tú nunca habías hecho estudios sobre estructuras textuales y, de repente, aparecen estudios sobre estructuras textuales.
L1: Y si no sigue estudiando no va a profundizar.
L2: Hubo una época en la que se pusieron de moda los tesauros, bueno, el que no tenía algo sobre tesauros era un pelagatos, era un muerto de asco, un muerto de hambre. Puedes identificar las modas por el número de estudios que se publican en un determinado rango de años, mayor o menor, sobre distintos temas, esto no falla. Y no tiene nada que ver con la crisis, ahora la crisis lo explica todo, es un comodín que lo mismo explica por qué llueve más que por qué no llueve y eso no es, ni mucho menos. Nosotros tenemos una dinámica interna establecida desde hace tiempo que está condicionada más por estos parámetros de consumo interno, que no tienen nada que ver con grandes disquisiciones teóricas ni con grandes enfoques, modas académicas importantes o de peso, con que haya surgido un movimiento importante en Centroeuropa o en los países anglosajones, no, lo nuestro es más doméstico, atiende más a la supervivencia académica…
L1: Que a otra cosa.
L2: que a otra cosa, es la ley de la supervivencia, "publico, luego soy". Para publicar, de hecho, ahora te coges el listado de las revistas y dices, bueno, ¿qué se está haciendo?, ¿puedo sacar algún trabajo sobre esto que luego me..?, ¿sí?, pues venga, me pongo a eso y luego, de aquí a dos años, Dios dirá, y si puedo sacar dos o tres, mejor.
L1: ¿Cuándo llegaste a la documentación, más o menos?
L2: En los años 90. Fue el boom de la documentación en España la década de los 90 realmente, la época de máxima expansión.
L1: Llegaron a haber hasta 18 escuelas, más o menos, cursos, carreras.
L2: Sí, algo que ahora se está volviendo en contra nuestra por lo que estábamos hablando ayer de la sobredimensión de la estructura porque precisamente ahora mismo es difícil mantenerla si no tienes una base humana, un público estudiantil interesado en hacer la carrera.
L1: Sí, y con perspectivas profesionales.
L2: Y con perspectivas profesionales, es difícil mantenerla. Como te decía ayer, yo creo que ahí influye sobre todo nuestra propia indefinición como área de trabajo y de investigación porque por ejemplo lo que te decía ayer, con independencia de que estés mejor o peor, todo el mundo sabe que yo soy periodista. Antes también se sabía lo que es un bibliotecario, te gustara o no la labor. Bueno, un documentalista se asimilaba más a un bibliotecario, los no especialistas, quiero decir, el público en general, que es el que tiene que venir a la facultad, no estamos hablando de lo que pensamos los profesionales, no. Bueno, pero ahora mismo, ¿qué es lo que hace un bibliotecario?, ¿qué es lo que hace un documentalista?, no se le ve un rango profesional, un perfil profesional universitario definido, ni universitario ni profesional, no se le ve una perspectiva profesional.
L1: Bajo el nombre de documentación se ocultan algunas distinciones, lo digo porque en Brasil las carreras son distintas: archivero, bibliotecario y museólogo, y entonces facilita un poco el conocimiento de la gente que viene, pero tampoco es representativa de la sociedad.
L2: Aquí es que las figuras del archivero, el bibliotecario, el museólogo y el documentalista se ha subsumido bajo el nombre de documentación, bajo ese término genérico. Muchos profesionales no están de acuerdo, por ejemplo los que trabajaban en los museos, muchos archiveros y bibliotecarios. Bueno, los bibliotecarios y los documentalistas aquí no han tenido grandes problemas de integración, los archiveros, pero sí los de museología y todo eso que siempre han pensado que eso es una prolongación de los estudios de bellas artes, de historia del arte, de historia y han reservado, de hecho es curioso cuando se ponen a hablar de documentación y de tratamiento documental de piezas ver lo poco que saben a veces de documentación y de tratamiento documental. Pero bueno, ellos por su cuenta, una vez conseguida el perfil profesional y la plaza, intentan aprender lo que pueden de documentación porque claro, la necesitan. Sin embargo, se cuidan muy mucho de guardar las distancias con el personal de documentación.
L1: Es curioso, pero ¿no hay una reserva de mercado para…?
L2: No, aquí hay un mercado, pero yo creo que es un nicho laboral que no está definido.
L1: Por ejemplo, nuestra realidad es que para optar a un puesto de bibliotecario o archivero tiene que tenerse título porque hay una ley que…
L2: Aquí teóricamente también, sin embargo están funcionando como bibliotecarios-archiveros gente que no tienen la titulación.
L1: Es que hay una ley y los sindicatos siempre están {bajando} los concursos cuando no hay una especificación de la titulación y se consiguen en la justicia estas cosas.
L2: Aquí, ahora mismo, salvo que los que vayan a juzgar quién ocupa una plaza tengan las ideas claras a ese

respecto, no es difícil que se pueda meter en el puesto de trabajo a una persona que no tenga la titulación. No es imposible, no.
L1: Imagino.
L2: Bueno, no sé si te he ayudado en algo.
L1: Muchísimas gracias, sí, estupendo, voy a utilizar todo lo que dijiste porque lo importante en la investigación es identificar las líneas de investigación en España, los problemas de este recorrido desde los años 80, los nombres, las teorías y cómo están en este momento.
L2: Ahora mismo no sé, la investigación española la sigo viendo tan heterogénea como te he comentado.
L1: Sí, pero esta forma de concebir las cosas influye cuando miramos solamente en la semiótica documental, en la lingüística documental porque explica un poco por qué han bajado los estudios, porque tuvieron dificultades de mantener mucha gente investigando la misma temática. Lo que estoy haciendo es poner esos movimientos en el papel e identificar líneas que lograron éxito, que todavía no están muy desarrolladas, pero que tiene una semilla teórica muy importante.
L2: Sí, pero bueno, ahora mismo no sé porque tampoco creo que haya nadie que sepa o se atreva a pronosticar qué es lo que va a ocurrir no ya con la investigación, sino con nuestra propia área aquí, qué va a ser de la disciplina, cómo se va a transformar, no hablo ya de la investigación, sino de la propia existencia de lo que es el área de conocimiento, el dominio. Biblioteconomía y Documentación se va a descomponer, se va a transformar en una especialidad del máster especializado, ¿cuántos van a sobrevivir como máster especializado?, ¿cuántos van a sobrevivir como carreras con titulación universitaria?, ¿se van a refundir con otras titulaciones y a transformarse en especialidades de otras áreas de conocimiento?, no sabemos qué es lo que va a ocurrir con nuestra área, así de claro, no digamos ya con la investigación, si no sabemos qué es lo que va a suceder con nuestra área, difícilmente podemos tener claro qué líneas de investigación vamos a seguir. Nos seguimos moviendo al día, buscando la subsistencia, sobrevivir. Así es tal y como yo lo veo, a lo mejor es una visión pesimista, seguramente lo es, pero así es como yo lo veo.
L1: O demasiado realista, lo veo así, de una manera realista
L2: Pero no veo yo unas perspectivas halagüeñas ni claras ni despejadas para nuestra área de conocimiento, ni mucho menos, porque mire, en otras áreas puedes decir que se cierran tal y cual facultad o se refunden varias titulaciones y se crea una facultad, pero el área está subsistiendo, la lingüística subsistirá, la filología subsistirá, la historia subsistirá, a lo mejor se estudiará conjuntamente con la geografía, la historia y el arte, pero ahí estarán. Pero la nuestra puede ocurrir que de la noche a la mañana en mayor o menor grado como tal área no desaparezca, pero se quede reducida a muy pocas facultades, a materias que se estudien dentro de otras carreras, por ejemplo materias especializadas, documentación en los medios de comunicación social.
L1: Sí, como Alcalá, por ejemplo.
L2: Claro, documentación biomédica o documentación audiovisual. O no sé, dentro del área técnica de investigación científica, por ejemplo, métodos y técnicas de investigación científica, cosas así.
L1: Bueno, es eso, si necesito de algo más puedo enviarte un correo.
L2: ¿Tú sabes quién te puede…? No sé si tendrá tiempo ni si estará, pero hay dos personas…

ENTREVISTADO 14

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado
L1: Vamos, bueno, la primera pregunta, respecto de sus trabajos de investigación que tratan del estudio del lenguaje, del lenguaje sea de ámbito teórico, de ámbito aplicado.
L2: Vamos a ver, lo que pasa es que lo que yo he trabajado sobre lenguaje va todo orientado en hacia el procesamiento automático de lenguaje, de texto, de documentos textuales. Fundamentalmente, orientado hacia la indización automática de esos documentos, la clasificación automática de esos documentos y la extracción automática de información de esos documentos.
L1: Sí.
L2: Más o menos eso es lo que yo he trabajado sobre esa línea.
L1: ¿Hay alguna aportación de las teorías semióticas, lingüísticas o no lingüísticas, en sus investigaciones?
L2: Yo creo que no, al menos que yo conscientemente lo sepa. Es decir, la mayor parte del trabajo que yo he hecho es un trabajo que fundamentalmente tiene una base estadística, más que semiótica.
L1: Sí, lingüística ¿no? Por ejemplo, lingüística normativa o descriptiva.
L2: En algún momento sí. En algún caso también, efectivamente, sí, sí es posible, es decir, de estructura lingüística a partir de determinadas estructuras que se encuentran en los textos, de extraer algún tipo…, identificar, por ejemplo, entidades, instituciones, personas que aparecen en los textos, utilizando la estructura sintáctica y morfológica. En parte, parcialmente, sí, sí es posible, sí.
L1: Es que a veces olvidamos que hacemos las cosas. Yo he visto en algunos trabajos que ustedes aquí, efectivamente, trabajan más en la lingüística que en semiótica, pero trabajan con una teoría de lenguaje. Bueno, ¿qué comprende usted por semiótica?
L2: Pues creo que es difícil responder a esa pregunta para mí. Entiendo que la semiótica es algo que tiene que ver con el significado del lenguaje o de piezas de lenguaje, pero no sé mucho más allá sobre semiótica.
L1: ¿No sé si ha conocido algo de semiótica computacional?
L2: Es posible que haya leído cosas que tienen que ver con semiótica computacional, algunos de los paradigmas que se utilizan inteligencia artificial, para representación de guiones o presentación de conceptos, es posible, pero no estoy seguro que sea exactamente eso, qué sé yo, por ejemplo, ¿conoces una cosa que se llama {Bornet}?, que es una especie de mapa de palabras, con sus oraciones entre ellos, no sé si tiene algo que ver con lo que me estás preguntando.
L1: También, también.
L2: En ese sentido sí, ¿si sí tiene que ver?, sí que he trabajado con cosas de ese tipo.
L1: La pregunta es porque en Brasil tampoco conocemos la idea de semiótica computacional (...) ¿cómo ustedes están respecto a eso? Es por eso que he preguntado.
L2: Ya, ya, ya. Quizá aquí no utilizamos mucho en el campo nuestro ¿no?, la palabra semiótica, pero yo creo que al final sí que trabajamos con ese tipo de cosas. Lo que pasa es que yo no sé, yo creo que nosotros hacemos un tipo de trabajo que no es aquí en España muy común dentro de lo que es el campo de la Documentación. Yo creo que hay más gente del campo de la computación en España trabajando en este tipo de cosas, que en el campo de la Documentación, es una impresión que yo tengo.
L1: Y ¿qué le parece, algo malo para la Documentación, esta distancia entre la computación y entre la Documentación?
L2: Sí, a mí, evidentemente me parece que es una limitación para la Documentación, que ahora mismo la Documentación tiene un montón de puertas cerradas o caminos que no, probablemente en un futuro mediano no van a llevar a ningún sitio y claro, tiene que abrir, tiene que abrir campos. Pero yo incluso casi, diría más, incluso desde el punto de vista de la computación, el trabajo que normalmente hacemos o hace la gente en computación, es un trabajo muy, muy aplicado y a veces falta reflexión teórica. Yo conozco poca gente que esté trabajando, por ejemplo, en elaboración teórica sobre semiótica, sobre representación de conocimiento, etc., etc. Es un trabajo más de tipo práctico, de probar sistemas, adaptar sistemas más que elaboración teórica.
L1: Sí. Lo que está diciendo es muy importante, porque a veces la Documentación no se da cuenta que solamente aplica algunas técnicas y no desarrolla como una reflexión, como los expertos que efectivamente son los mejores analistas y teóricos del campo.
L2: Sí. Lo que pasa es que yo tengo la idea, la impresión de que aquí en España, por lo menos, la gente que trabaja en Documentación se ha ido cerrando, que en lugar de relacionarse con otros campos del conocimiento, ir hacia trabajos multidisciplinares, buscar su hueco ahí en equipos multidisciplinares, yo tengo la impresión de que se ha ido replegando un poco sobre sí mismo y ahora mismo pues yo veo que está en una encrucijada que tiene mala salida.
L1: Pues sí.
L2: Me parece a mí. Yo, el otro día discutía, vamos, hablaba con mis alumnos de máster y no entendíamos ni ellos ni yo algunas de las técnicas que les están explicando en otras asignaturas, el sentido que tenían ¿no? Porque muchas de ellas, simplemente, el avance tecnológico lo supera ¿no? En concreto, por ejemplo, me hablaban de añadir metadatos a la documentación que estaba en el repositorio digital de la Universidad, como una faceta muy importante de su trabajo y tal. Pero luego, sin embargo, reconocían que cuando la gente busca, no utiliza esos metadatos para nada, buscan directamente en google y ya está. Entonces, claro, ahí está la contradicción, todo ese trabajo, ¿qué sentido tiene?, hombre, la respuesta es que muy poco.

L1: Sí, sí, interesante. No sé, es una pregunta que sale un poco del guión, pero ¿es posible decir que la crisis en los últimos años impactó el desarrollo de los Estudios de Documentación en España, en tu opinión?
L2: Sí, sí, claro. Vamos, sí, sí. Hay una serie de factores que no son científicos, pero que tiene un impacto brutal. En primer lugar, en la Universidad española se acabaron las plazas de docentes y de investigadores, no hay más puestos, entonces al no haber plazas nuevas, a los que están ya dentro, están dentro y no necesitan hacer currículum, publicar… Ir a Congresos etc., etc. Y el número de Congresos del campo de Documentación en España, cada vez es más pequeño, se van cerrando los Congresos, las revistas se van cerrando, cada vez publicamos menos. Eso es un factor importante; otro factor importante, es que la crisis ha hecho que nuestros estudiantes tampoco tengan puestos de trabajo cuando terminan. En consecuencia, cada vez tenemos menos estudiantes, a los que cada vez les cuesta más caro estudiar como efecto de la crisis ¿eh? Porque claro, la crisis ha implicado hacer una serie de recortes en el sistema público y uno de ellos pues es que se han acabado las becas o hay muchas menos becas, que los precios de las matrículas han subido. Entonces, cada vez tenemos menos estudiantes por ese motivo. Hay otro motivo secundario y es que en España hemos tenido los años 90, incluso hasta principios de los 2000, toda una época de, bueno, de apertura de muchas bibliotecas públicas, de puesta al día de archivos, o sea, que estaba, pues en fin, pero esa época se ha terminado ya. Es decir, ya no se abren más bibliotecas, ya tenemos muchas bibliotecas, ya no hay puestos de trabajo ahí. En los años 90 e incluso a principios de los 2000, hubo muchos puestos de trabajo en ese campo, ya no, porque ya está, esa parte del avance del país más o menos está hecha. Entonces, todo eso incide que cada vez tenemos menos alumnos, los profesores, no hay profesores jóvenes que renueven y etc., etc. Y entonces, pues claro, yo creo que estos estudios van un poco cuesta abajo, es decir, están… Vamos, yo he conocido momentos en los cuales, a lo mejor si teníamos en primero ciento cincuenta plazas para alumnos, unos ochocientos querían entrar. Y ahora tenemos veinte que se matriculan en primero, tenemos que salir a buscarlos, son los que tienen peores notas, peor expediente, mientras que entonces eran los mejores. Así que sí, sí que tiene impacto la crisis. Sí, sí, ya lo creo que sí.
L1: Bueno. Pensando, respecto de las teorías lingüísticas o semióticas en la Documentación, ¿cómo cree que llegaron a Documentación? (...)
L2: Vamos a ver, yo creo que las teorías de tipo lingüístico llegan a la Documentación sobre todo, de la mano del uso del tesauro y descriptores a la hora de indizar documentos. De hecho, aquí por lo menos, al tesauro, una cosa de este tipo, se le llama "lenguaje controlado". Y es verdad que tienen la estructura de un lenguaje, con una serie de limitaciones grandes y demás y yo creo que llegan de la mano de ahí. En el campo computacional, yo creo que llegan de la mano de la necesidad de hacer indización automática, de recuperar automáticamente pues documentos y de buscar sistemas que fueran más allá de encontrar el documento que tiene tal palabra o tal otra. Yo creo que ése es el punto de entrada.
L1: Sí, sí. Bueno, ¿podría subrayar algunos conceptos lingüísticos o quizás semióticos que son importantes para la relación interdisciplinaria entre Documentación y estos campos semi-lingüísticas, semiótica?
L2: ¡Buf! Pues déjame que piense… Bueno, yo creo que es importante establecer la relación entre palabras y conceptos y las relaciones entre conceptos entre sí. Esto ha llevado a una serie de trabajos que, por ejemplo, el diseño de ontologías, el manejo automático de ontologías que forman lo que se llama, lo que se conoce como el {web} semántico y que yo creo que ése es un campo donde la Documentación sí tiene que jugar muchas cosas. Pero yo creo, o sea, que eso va funcionar siempre desde el punto de vista de que se trata de estructuras y de conocimiento {medido} a esas estructuras enfocado a su utilización automática, por parte de programas y por parte de ordenadores. Y esa segunda parte yo no sé si la gente de la Documentación lo ha entendido bien. Aquí, claro, aquí, ese tipo de cosas, pues diseñar una ontología, pues básicamente se entiende que es como diseñar un nuevo tesauro o una balista de descriptores para un campo determinado científico y demás. Meter conocimiento de un campo determinado en una ontología o estructuras más complicadas, aquí se ha quedado simplemente en añadir metadatos, tipo Dublin Core a recursos que están en la Web y cosas por el estilo. Entonces, claro, ese paso de introducir conocimiento complicado que relacione unas cosas, unos conceptos con otros, yo creo que aquí todavía no se ha visto. Y ése yo creo que sí, sí es un campo importante, donde la gente de la Documentación tiene…, tendría ¿eh?
L1: Si no se quedasen tan…
L2: Claro, sí. Yo la tesis mía es ésa, que la gente se ha replegado, naturalmente para poder trabajar en esos campos, bueno, hay que reciclarse, hay que aprender cosas ¿eh? Y lo más fácil pues es, bueno, pues en lugar de aprender esas cosas y enfrentarse a un mundo nuevo, pues replegarse un poco en sí mismos y tal, que yo creo que se ha optado por esta segunda opción en general.
L1: Pero la tendencia en los países más desarrollados es otra. Por ejemplo, ellos están trabajando en Estados Unidos muy próximos de la informática. Entonces quieren, por ejemplo, otro nombre para el área que no sea Information Science.
(...)
L1: Tiene que impulsar eso de una manera…
L2: Efectivamente, es decir, no se incentiva ese tema. Al revés, es decir, aquí alguien puede ser bibliotecario, haber alcanzado el puesto de bibliotecario, por ejemplo, sabiendo catalogar, que hace unos años era lo que le exigía saber catalogar, utilizando y tal, y puede tirarse toda la vida haciendo eso o sin aprender nada más. No hay ningún y además hay pocos incentivos para que alguien diga, bueno…
L1: Sí, por ejemplo, lo que pasa en algunas universidades que los directivos, los directivos, no, los directores de los sistemas de bibliotecas son doctores.
L2: Sí, sí.
L1: Sí, son doctores.
L2: Ya. No, aquí es raro.
L1: Directores de bibliotecas.
L2: Aquí es raro, o sea, aquí, por ejemplo, el de la Universidad de Salamanca sí es doctor, pero es doctor porque él es profesor de esta facultad. Entonces, temporalmente está dirigiendo ese servicio, pero el que había

antes que no era profesor, no era doctor y probablemente el que venga después, cualquiera de los técnicos documentalistas que trabajan allí, ninguno de ellos es doctor.
(...)
L2: Claro, aquí ese paso ya se dio hace tiempo y pasamos también en los años ochenta de no tener nada, ninguna biblioteca o tener a lo mejor en las capitales de provincia pues una biblioteca pública solamente, y en muy malas condiciones, a tener bibliotecas en todos los sitios en buenas condiciones. Entonces, eso dio trabajo a mucha gente, pero ya, eso ya está cubierto, ahí ya no hay más ¿no? Lo que no hemos abierto son nuevos campos ¿no?, nuevos yacimientos de empleo, no hemos abierto.
L1: Bueno, seguimos. En tu evaluación, ¿cómo están las relaciones interdisciplinarias entre estas teorías?
L2: ¿Relaciones interdisciplinarias?
L1: Entre teorías lingüísticas, teorías semióticas de la Documentación.
L2: Desde mi punto de vista, muy flojas. Hay muy poca relación interdisciplinar. Quiero decir, muy poca en el sentido de que las personas, los investigadores de un campo trabajen con investigadores de otro campo, o incluso, en el sentido de que investigadores que proceden de un campo determinado, se muevan y acaben aterrizando en otro campo de este tipo. Es decir, yo creo que aquí, las disciplinas están muy parceladas y además en general, muy poco interconectadas entre ellas ¿eh? Hay también razones de tipo burocrático o administrativo ¿no? para eso.
(...)
L1: ¿Pero aquí no pasa eso?, solamente para comprender.
L2: De esa manera no. Es decir, aquí, cuando empezaron los Estudios de Documentación aquí, tuvimos algún problema de ese tipo. Bueno, los bibliotecarios querían que los profesores de Documentación fueran todos bibliotecarios, los archiveros igual, pero no lo consiguieron. También es verdad que aquí, los sindicatos en general no son corporativos, o sea, son más, una estructura más horizontal, los grandes sindicatos, los que tienen fuerza, no son por profesión. Es decir, no hay un sindicato de bibliotecarios, hay un sindicato; la UGT o Comisiones Obreras, o lo que sea, que tiene trabajadores de todas las ramas y de todos los sitios. Y entonces, quizás eso sí que haya hecho que esos intentos de que los profesores tuvieran que ser bibliotecarios y tal no hayan fructificado. Pero, sin embargo, tenemos un problema, ése sí es un problema real. Es decir, hay quien entiende que un profesor de Documentación tiene que haber estudiado la carrera de Documentación. Si tú eres lingüista o eres filósofo, tú debes ir a ser profesor de lingüística o de filosofía, pero no de Documentación. Ése sí es un problema real, ése no viene del lado sindical porque no viene del lado de los profesionales, viene del lado académico.
L1: Corporativismo de la academia.
L2: Exacto, exacto. Ése sí es muy fuerte y de hecho ha habido muchos, bueno, ha habido intentos históricos de deshacer ese corporativismo académico y yo creo que han fracasado.
L1: Sí, sí.
L2: Si ahora mismo se abre una plaza de profesor de Documentación, sólo van a estar en el tribunal para juzgar esa plaza a los candidatos que se presenten, profesores de Documentación. Hay leyes que rompieron eso y que decían, bueno, tiene que ser, pero de una parte más amplia del Conocimiento, no tienen por qué ser sólo de Documentación, Documentación, Documentación. La ley dice eso, pero la práctica sólo son los de Documentación. Pasa lo mismo con el resto de las materias ¿eh?, no sólo con Documentación.
L1: ¡Ah!, ¿sí?
L2: En matemáticas o en física, tal, o en historia es solamente…, claro.
L1: Bueno, es un poco distinto de Brasil ahora.
L2: Es distinto.
L1: Porque ya no hace falta que tenga un título de Bibliotecario, de Documentalista o quizás un doctorado en Documentación para acceder a una plaza ¿no? de Universidad. Tiene que conocer el campo, porque el campo se divide más o menos en cinco o seis ramas.
L2: ¿Sólo cinco o seis ramas?
L1: No, no. Cinco grandes ramas del Conocimiento en la Documentación. Por ejemplo, la rama que trabaja con las cuestiones de informática.
L2: Sí.
L1: Entonces, ya aceptamos como algo consensual, que son expertos en informática ¿no?, algo que tenga que ser de un Documentalista. A veces, hay un doctor en Documentación que conoce muy bien o tuvo su primera formación de Grado en Informática y consigue la plaza. Y otros como Gestión…
L2: Sí, sí.
L1: Hay un sitio, una rama de la red de Gestión de Información y la mayoría de las veces, son administradores que trabajan. Entonces, son grandes ramas que forman la Documentación, la gran Documentación.
(...)
L2: No, yo lo digo siempre. Nosotros, a veces trabajamos con un fulano inglés que estudia mucho, es decir, la cosa de la ciencia y la percepción en la ciencia en general y tal. Y éste dice siempre la misma frase: "el progreso y la innovación viene de los márgenes de las ciencias". Claro, porque el núcleo es algo que está muy estabilizado y entonces lo que hacen surgir cosas nuevas es la inestabilidad ¿no?, los roces, la conexión con otras series de cosas, tal ¿no? Y claro, el problema de esas políticas, es que al final, estabilizan todo demasiado.
L1: Sí.
L2: Y no… Al final son un freno ¿no?
L1: No miran al futuro.
L2: No, efectivamente, que yo creo que es un poco lo que ha pasado aquí. Es decir, mientras el campo de la Documentación estaba en formación, se avanzó mucho, pero una vez que se estabilizó, ahí nos hemos cerrado, dando vueltas sobre lo mismo y demás, no sé, no sé… Yo veo, soy poco optimista, es decir, no veo que, porque además veo que a la gente…, además es que hay un fenómeno aquí también que es que, el profesorado cada vez somos más viejos. Tenemos una edad media mayor y entonces eso añade dificultad si tienes que reciclarte

y aprender cosas nuevas, más etc, etc. Es más difícil.
L1: Si no tiene un equipo que pueda compartir las cosas, un equipo joven.
L2: Sí, es complicado, pero como no hay plazas nuevas, no hay gente joven. Ése es el problema entonces… Sí, eso es un lastre. Yo creo que los malos efectos, esos no los vamos a ver inmediatamente, pero en el plazo de unos años sí lo vamos a notar.
(...)
L2: Sí. Bueno, hay una cantidad importante, profesores no lo sé, pero yo conozco unas cuantas personas, profesionales medios, médicos o gente de abogados y demás de aquí, que están ahora mismo trabajando en Brasil ¿eh?
L1: Es posible, creo que sí.
L2: Sí, sí, es un fenómeno interesante. Profesionales, en el campo de la Universidad no lo sé, pero aquí lo habrás oído mencionar, aquí prácticamente la gente joven de España bien preparada, están todos en el extranjero, que es donde encuentran universidades.
L1: Sí o Alemania, Inglaterra, Francia…
L2: Claro. Yo tengo dos hijos y los dos están fuera y no piensan volver de momento, en vacaciones.
L1: Sí, sí, en vacaciones.
L2: Porque aquí no hay manera de… Es un problema gordo.
L1: Bueno, sólo dos preguntas para finalizar.
L2: Sí, dime…
L1: ¿Cuáles son los autores o teóricos del campo de la semiótica o lingüística que en su opinión son los principales?, que te parece que te vienen a la mente…
L2: No lo sé, fíjate, según en los campos, los grandes autores: Noam Chomsky, es un autor relacionado con la semiótica, ¿sigue?
L1: Sí.
L2: Probablemente ¿no?
L1: Sí.
L2: Desde el campo de la semiótica, a mí sólo se me ocurre Chomsky.
L1: ¿Y desde el campo de la Documentación?, ¿cuáles son los autores en España?, por ejemplo, que están trabajando con la temática semiótica y lingüística.
L2: Del campo de la Documentación, yo creo que están trabajando con eso, al menos han hecho algunas cosas, mis colegas de Murcia, de la Universidad de Murcia, fundamentalmente. Yo no, estaba tratando de acordarme de alguno de la Carlos III, digo porque Carlos III es una universidad potente y tiene mucha gente, pero relacionado con estas cosas, a mí no me suena ahora mismo ninguno. La gente de Murcia yo creo ¿eh?, del campo de la Documentación.
L1: De la Documentación.
L2: Yo diría que estos compañeros míos de Murcia, la gente de Murcia.
L1: ¿Quiénes son?
L2: ¡Uh, uh! ¿Cómo se llaman?, no me acuerdo de los nombres.
L1: ¿Alguien que trabaja con indización?
L2: Sí, exacto.
L1: Isidoro.
L2: Gil Leiva, sí. Y hay otro chico, yo creo que es un poquito más joven que Isidoro que ha ido mucho por Zaragoza, pero no me acuerdo del nombre ahora mismo.
(...)
L2: Pues hay algunos más.
L1: Históricamente, un experto que se jubiló en Murcia que creó la teoría, una propuesta de teoría semiótica para la Documentación.
(...)
L1: Sí.
L2: José Luis Izquierdo. Él es filósofo, es catedrático de filosofía. Sí, sí, efectivamente…
(...)
L2: Sí, pero no me suenan más del campo de la Documentación, alguno más debe haber porque, que a mí se me escape, pero básicamente… Vamos a ver, trabajaba mucho en cosas de éstas relacionadas Félix de Moya, de Granada, pero yo creo que Félix de Moya, ahora trabaja en otras cosas, en Bibliometría y cosas de este tipo ¿eh? Pero en su día, yo sí que es verdad, que él escribió cosas relacionadas más con esto.
L1: Yo he visto que muchos expertos, de profesores, cambiaron de tema de trabajo en los últimos años.
L2: Sí, sí, sí. Bueno, no sé, hombre, a mí me parece hasta cierto punto normal ¿no? La evolución personal y tal, pues a veces te lleva a otros campos etc., etc. ¿no? Sí, es posible. Sí, Félix de Moya, de Granada, sí efectivamente, sí.
L1: Bueno, terminamos. Muchas gracias.
L2: No sé si te ha resultado útil.
(...)

ENTREVISTADO 15

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistada

L1: Creo que es mejor aquí.
L2: Sí, está más cerca.
L1: Háblame sobre tus trabajos de investigación relacionados con el lenguaje, no sólo de los actuales, sino también de los de los primeros años.
L2: Realmente, la relación de mi investigación con el lenguaje ha sido continua, desde distintas perspectivas, pero siempre ha estado ahí, de alguna manera, desde mis primeros artículos que hacían siempre referencia a la lingüística, hasta los más actuales que ya abordan la organización del conocimiento desde análisis del dominio, pero yo elijo el método terminológico, por ejemplo, para representar y organizar el conocimiento. Entonces, para mí ha sido una línea que no se ha interrumpido a lo largo del tiempo desde el punto de vista de la terminología más que de la lingüística general. Hace tiempo trataba más de los lenguajes documentales y de cómo abordar la semántica, la morfología, la normalización, el significante y todo ese tipo de cuestiones. Ahora estoy más centrada en uno de los aspectos que utilizó en mi investigación, que es el estudio de la terminología para la representación y la organización del conocimiento, o sea, que hay un poco de diferencia, pero al final la lingüística está de alguna manera.
L1: Es más como si fuera una especialización a lo largo del tiempo.

L2: Sí, como centrarse más en algo, en vez de generalidades. En ese momento, hizo falta profundizar en ciertas cosas generales, pero ahora eso está bastante visto, aunque siempre se puede seguir profundizando, y me interesa más la representación y la organización del conocimiento en dominios concretos. De todas las metodologías de Portland, que supongo conocerás, yo he usado una muy importante que ha sido el método terminológico. De eso tengo varios artículos.
L1: ¿Cuánto tiempo llevas estudiando los temas de lingüística en la documentación?
L2: Muchísimo, desde el principio, desde los años 87-88, cuando empecé a publicar.
L1: Fuiste una de las pioneras, entonces.
L2: De las que empezaron con los estudios, sí. Yo entré en el 85 en la segunda contratación de la facultad y pasó un tiempo hasta que me situé, las publicaciones vinieron luego.
L1: ¿La carrera como profesora aquí empezó en el 82-83, más o menos?
L1: La primera fue cinco años antes, pero yo en mitad de eso que he tenido una vida muy movida y, tras terminar la carrera, saqué las oposiciones de bibliotecaria de la universidad, después me fui a estudiar un máster a EE.UU., me formé allí, volví y entré en la facultad. Eso fue antes de ser profesora y digamos que tenía algún intento de profundizar en la materia.
L2: ¿Y el máster fue en documentación?
L1: El máster fue en biblioteconomía y documentación en el (Inaudible 0:04:36) Estuvo muy bien. La verdad es que fue un momento en el que aquí casi no había llegado la tecnología y fue un cambiazo enorme. Allí todo estaba automatizado, las búsquedas eran todas automáticas. Estuve trabajando en todo esto con un señor y, aparte de las clases que te daban, fue un descubrimiento. Gracias a Dios, he vuelto a ir después y la brecha tecnológica se ha reducido un montón, casi ni se nota, pero te aseguro que en los años 80 fue como descubrir otro mundo. Fue muy interesante, yo aprendí mucho.
L1: ¿Y cuál es tu opinión sobre el periodo de los años 85 y 90 en la documentación en España?
L2: En mi opinión, no había casi nada escrito. Si te soy sincera, un pelín antes, cuando me preparaba oposiciones, no había nada. Era una búsqueda incesante y tenías que prepararte todo con mucho esfuerzo. En el 86-87 ya empezaron a salir algunos libros. Me acuerdo del libro de {Paul} (Inaudible 0:06:04) que fue uno de los primeros que se escribieron sobre estas cuestiones. Ahora los ves y es curioso, pero claro, en ese momento era lo que había y se bebían esos libros, pero había muy poca publicación, dos, tres libros. Emilia Currás fue más pionera porque nos lleva mucha edad, después estaban los Yepes, pero había muy poco material en español. Fuera sí que había más, por ejemplo, yo recuerdo que en esa época la escuela francesa pegaba fuerte, entonces pues (Inaudible 0:06:58) y otros más publicaban en francés y leíamos en francés más que en inglés. Y después aquello se fue ampliando. Por mi parte te puedo decir que ahora casi todo lo que leo es en inglés, no porque se escriba en inglés porque yo escribo en esa lengua y soy española, sino por lo que se produce en el mundo anglosajón, porque creo que su organización del conocimiento tiene una fuerte huella e influencia.
L1: Bueno, creo que ya hemos hablado respecto a esto, pero ¿qué conclusiones propias lingüísticas, semióticas o semánticas podríamos añadir a dichas investigaciones?
L2: Bueno, vamos a ver, ¿te refieres exactamente a cuáles son mis conclusiones, a dónde he llegado con eso? Yo creo que tiene una importancia esencial. A mí me parece que sobre la semántica pivota absolutamente todo porque es el significado y entonces el tratamiento del significado todo lo que hacía {Novak} con el significado y para mí la semántica tiene un papel esencial en todo lo que hacemos, porque al final todo redunda o va ahí. Y bueno, pues todo lo que hemos visto alrededor de los cambios en la consideración de la semántica, que si es más importante, que si no lo es tanto, que si cuando yo llego a Internet no se le concedió importancia, después

se vio que fallaba, ahora se ha vuelto con la web semántica, ¿Por qué no se puede traicionar el significado? Porque si lo traicionas, no tienes nada. Entonces, para mí es absolutamente esencial que en todos los estudios que se hagan se tenga cuidado y se vele por el significado, pero el significado para mí contextual. Por eso los primeros artículos estos que te digo que eran de tipo más general están bien porque hay que hacerlos, hay que saber ciertas cosas, sobre todo de cara a los estudiantes que tienen que empezar a aprender, pero luego eso se queda muy pequeño y no aborda realmente los problemas que se están dando. Entonces bueno, yo que no soy generalista, sino que soy más de dominios, pienso que a la semántica se le puede sacar o dar el valor que tiene dentro de un contexto. Yo tengo muchos artículos míos que no son sobre semántica, que no dicen expresamente "la semántica", pero todos tienen semántica. Yo me acuerdo de un artículo que publiqué en el Journal Of Documentation, *Thesaurus Structure Design*, que era una nueva aproximación para hacer la estructura de un tesauro una vez que ya tenías todo el elenco conceptual extraído, era sobre instrumentos musicales y es pura semántica si me apuras porque mira, cuando tú construyes las categorías que representan un dominio, todo eso es semántica. Yo en ese artículo las diseñé a partir de características del concepto tomadas de definiciones de diccionarios especializadas porque el lenguaje corriente, común, no nos interesa, bueno, al menos yo lo creo así. Y entonces, era el significado de esas características en el contexto de la definición y ahí lo tienes todo. Y si me paro a pensar, excepto algunas excepciones, casi todo lo que he escrito tiene semántica dentro porque es inevitable. Ya te lo dije antes, para mí es la clave y es muy importante para avanzar, para entender y para construir sistemas que sean adecuados y mejoren los actuales. Porque era curiosísimo, por ejemplo, te encontrabas la palabra "cuerda" que tiene dos significados: cuerda física, instrumento de cuerda, procedencia del sonido que daba lugar a dos categorías, pero tú date cuenta hasta qué extremo es importante el contexto, como yo lo vi allí, digo, ¿qué quiere decir cuerda?, si me estás diciendo que tiene cuatro cuerdas es que es una descripción física, pero si me dices que el violín es un instrumento de cuerda me estás diciendo otra cosa que es una categoría diferente. Y a partir de las características de cada concepto, yo diseñé una estructura, unas categorías que después van en función de la frecuencia descrita y me dio una estructura absolutamente lógica porque resulta que tiene lógica el texto. Entonces, fue como una trasposición del texto en estructura, pero siempre con la semántica, si no respetas eso, no tienes nada, es mi opinión. O sea que fíjate si pienso que es importante y yo, si te soy sincera, solamente un par de veces he hablado de manera directa sobre semántica mencionando la palabra expresamente, pero siempre he hablado sobre ella, es ineludible.

L1: Muy bien. ¿Y qué entiendes por semiótica?

L2: ¿Qué pienso? Tiene que ver con la comunicación, con los signos, con todo ese tipo de cuestiones y ahí los sistemas tienen una parte importante porque realmente están hechos para eso, están formados por signos, símbolos, sirven para comunicarse y claro que tiene importancia desde ese punto de vista, por supuesto que sí.

L1: Sí, me has hecho pensar que puede que yo esté trabajando de más manera más general que como había dicho antes y no haya hecho aportaciones específicas a problemas.

L2: Todo llegará.

L1: Sí, es muy interesante.

L2: Eso es la evolución natural, te darás cuenta, llegará un punto, ¿sabes cuál fue mi inflexión? Bueno, después tú borras lo que quieras. Mi inflexión fue en el año 96 en una estancia que tuve en New Jersey, en la universidad de Rutgers.

L1: Siempre las estancias.

L2: Ya te he dicho que yo me he movido mucho y que soy una persona inquieta y muy curiosa mentalmente. Para mí fue un antes y un después porque fue el momento adecuado, tenía la formación adecuada y me encontré con la gente adecuada que me hizo pensar y despegar porque yo andaba antes, eso que tú me dices que sí, que tal, que cual, pero cuando yo lo encontré, ahí fue donde yo hice ese artículo que te digo. Empecé a escribir ese artículo en New Jersey y se lo di a Nicholas Belkin, que era uno de los que estaba a mi lado, gente magnífica, estaba Paul (Inaudible 0:15:58), Nicholas Belkin, Carol Kuhlthau, la de los usuarios. Además, iqué curioso cómo te lleva la vida!, me fui con Jim Anderson que trabajaba en un tesauro de música con una chica bibliotecaria y música, pero que también era docente, era muy inteligente y había publicado bastantes cosas. Aún me carteo con ella. Yo quería investigar sobre la estructura porque es lo que siempre me ha interesado a mí, el sistema por dentro y, mira, me dejaron allí, en mi despacho, todo muy bien, pero yo no avanzaba. Y yo decía ¿y para esto he venido aquí?, porque era un hombre un clásico, le escribí y le dije que él enseñaba e investigaba sobre lo que yo quería, sobre lo mío, pero, una vez allí, me reorienté, pero fue difícil porque claro, tuve que hacer una cosa {con discreción}, porque si vas con una persona no puedes. Pero bueno, por circunstancias Nicholas Belkin y yo nos relacionamos mucho y me dijo que fuera a unos cursos y me dio una bibliografía que fue para mí como el descubrimiento. Ahí fue cuando empecé a ver de cerca todo el tema del movimiento cognitivo que ya se superó un poco, pero entonces estaba en superauge y me dio toda una secuencia cronológica divina, me lo leí y aquello me cambió la cabeza. Y entonces, fue cuando empecé a pensar, no sé cómo, en toda esta cuestión que te dije que dio lugar luego a ese artículo, pero cambió mi cabeza. Entonces yo ya me orienté de otra manera. Yo que sé, eso te llega, no sé explicártelo de otra forma. Yo creo que fue el momento adecuado, la situación adecuada, las personas adecuadas a mi alrededor y que tuve mucho tiempo para trabajar y reflexionar porque me metía allí, día tras día, de 8:45 hasta las 17:00. Y el método se me ocurrió a mí sola, debió de ser de tanto leer y en un determinado momento dije: "Voy a hacer esto". Pero que sí, que son cosas que llegan.

L1: ¿Cuáles son los principales autores de la lingüística y de la semántica que has utilizado en los últimos tiempos?

L2: ¿En general?

L1: En general.

L2: Ah, bueno, pues los estructuralistas, por supuesto. Bueno, realmente a los estructuralistas, ¿para qué te voy a decir otra cosa?, porque yo, sobre todo para la docencia, sí que me apoyo mucho en la lingüística. En mi clase de Organización del Conocimiento hay un tema que habla de morfología, de semántica y de sintaxis y es

inmensamente largo y yo me apoyo en el modelo lingüístico para explicarlo, Saussure, es decir, todo el estructuralismo porque hablar de otras cosas, de Chomsky, de gramática generativa, yo a esos niveles no y menos para la docencia porque no saben ni qué demonios es la gramática generativa. Por cierto, yo tuve la suerte de que me la explicaran en la facultad y fue interesantísimo, me encantó esa forma de hacer análisis sintáctico con la estructura profunda. Eran fórmulas, te salía automáticamente y yo decía: "¡Qué divino, esto es lo que a mí me gusta!" porque yo, en el fondo, tengo una mente bastante científica, me parece a mí, aunque soy muy de letras, y a mí me gusta, por eso tal vez elegí la lingüística. Me gusta controlar un poquillo, tienes tu fórmula, la aplicas y eso te da algo, no es eso de "me parece que tiene un aspecto no sé qué", "un matiz no sé cuántos". A mí esa forma de trabajar no me parece muy rigurosa. En cambio, en la gramática generativa sí que te la daba porque tú aplicabas una fórmula estructura profunda y te daba el análisis sintáctico y eso era así. Pero yo, ya te digo, el modelo lingüístico lo uso sobre todo en las clases de grado, pero lo hago a fondo porque me parece muy didáctico porque ellos eso lo han estudiado en el bachiller y tienen un referente, saben de lo que les estás hablando y creo que siguen un poquitín mejor todo, incluso lo del triángulo del significado, yo les explico lo del lenguaje natural y cómo eso se traspone al documental con las diferencias y tal, o sea, hasta esos niveles. Y empiezo con Saussure y lo machaco, o sea que sí.
L1: ¿Y autores de {semántica cognitiva que había dicho}?
L1: Yo no hablo de autores de semántica. En clase, yo hablo directamente de semántica, pero no me detengo en analizar la semántica natural a fondo ni su aportación, a lo mejor porque me parece que no es necesario a ese nivel. Sencillamente tienen que saber otras cosas y ya tendrán tiempo de ir profundizando. Vamos, yo estudié un montón de semántica en la facultad, por supuesto, pero a mí no se me ha ocurrido entrar en detalle en las clases que es para lo que yo lo uso. Hombre, para mis estudios y mis trabajos pues sí porque lo que uno ha aprendido está ahí y, ya te digo, lo usas, pero que mi semántica no es directa, impregna mi trabajo, pero no me he dedicado a ella. Solamente me acuerdo de una vez que fui invitada a Méjico y hablé de relaciones semánticas, pero de las que se identificaban de ese trabajo que te dije antes que hice en New Jersey porque lo que pasaba es que cuando se construía ese sistema de esa otra manera, había una representación conceptual espectacular de los conceptos y se generaban unas relaciones semánticas también numerosísimas, precisas, exhaustivas, las dos cosas, precisas y exhaustivas, que por más que nos digan, eso…
L2: Sí, no es fácil.
L1: Eso ya está superado, lo sabes, ¿no? y yo demostré con el trabajo que se podía ser preciso y exhaustivo. A mí siempre me ha dado mucha rabia esto, la renuncia, soy un poco rebelde, eso sí, el esquema es clásico, pero si usas otro método para construir una estructura, eso no es así, eso se da en los algoritmos genéticos. Por ejemplo, yo me acuerdo de Kraft que nos vino a dar una conferencia y yo acababa de llegar de New Jersey y había descubierto que las relaciones eran exhaustivas y precisas y yo decía ya verás, me van, porque ya sabes lo que pasa cuando uno publica algo, y también había otro alemán que había publicado que no tenían que ser necesariamente inversamente proporcionales y todo eso. Y cuando oí a Kraft hablar de algoritmos genéticos y decir que había evaluado el sistema y que era igualmente preciso y exhaustivo, me dije que no debía de estar tan equivocada, que era posible que eso sucediera. Y, ya te digo, justo hablé de eso en México, yo creo que fue la única vez que de manera directa puse las relaciones semánticas en los temas de organización del conocimiento y hable de esa historia.
L1: ¿Y cómo están estos estudios en la documentación en España?
L2: ¿Que cómo están?
L1: Sí, cómo lo ves.
L2: Mira, yo te voy a hablar de lo que yo conozco. No sé qué decirte, yo estoy un poco desorientada porque aquí, en Granada, que es lo que yo conozco, y fuera de Granada nos tuvimos que ajustar al Plan Bolonia y la manera de hacerlo no fue la que debió haber sido ni se hizo como debió haberse hecho. Entonces, según mi modesto entender, ha salido una especie de especialidad inconcreta con la que no sabemos adónde vamos y que no tiene un perfil profesional claro. Para mí está poco definida. No se pueden organizar unos estudios sin tener en la cabeza qué profesionales y qué especialidades quieres sacar y en qué se quieren especializar. No vale con decir cualquier cosa con relacionada con la información, eso es demasiado vago, pero es que no se ha hecho el estudio, se ha ido a lo fácil, a acortar un año y a repartirse créditos, más o menos, muy pobre. Si se hubiera aprovechado para hacer una revisión en profundidad empezando por qué es lo que demanda la sociedad, qué profesional es necesario y qué formación necesita ese profesional, si se hubiera aprovechado en esa dirección yo estaría muy satisfecha, pero no ha sido así, con lo que ya te puedes imaginar que no estoy contenta porque no se está haciendo ningún favor a los estudiantes, se ve que ellos mismos están desorientados y que no saben dónde van. Está claro que el tema de la biblioteca es una pequeña parte de todos los perfiles profesionales, pero existe. Aquí, en este país, por lo menos en mi facultad, hay una especie de prevención contra las bibliotecas que no entiendo tampoco.
L1: ¿Prevención?
L2: Sí, prevención en el sentido de que son como dinosaurios, como que ya no hay que hacerlas caso. Pero, ¿existen o no?, hay que ser pragmático, mientras existan tendrás que hacerles caso, el día que desaparezcan, lo quitamos, pero yo creo que es un poco de esnobismo, falta de realismo y prejuicios.
(...)
L2: En España, los museólogos nunca han estado dentro de la carrera, ellos van por otro lado. Sin embargo, archivos, bibliotecas y centros de documentación sí. Pero lo que sí es verdad es que hoy en día el tema de la biblioteca no representa todo y es verdad, eso hay que reconocerlo. El tema del nombre, mira, en mi facultad hemos cambiado ya tres veces de nombre.
L1: ¿A lo largo de cuántos años?
L2: Pues desde que yo estoy, veinte años. Dirás que son muchos, pero bueno, tres veces en veinte años es mucho cambio. Y lo último que tenemos, como ahora también tenemos comunicación audiovisual, que está en otro departamento, la facultad se llama de Comunicación y Documentación. Documentación es la palabra más fea y más ambigua que hay y menos expresiva de nada. ¿Qué es eso de documentación? Y el departamento se

llama de Información y Comunicación, date cuenta, eso puede ser cualquier cosa.
L1: Departamento de Información y Documentación en la facultad de Comunicación y Documentación.
L2: Date cuenta, eso ya te expresa el caos que hay, la indefinición porque, vamos a ver, ponle Ciencias de la Información por lo menos. Ya sé que eso en España es como periodismo, es que aquí tenemos un problema terminológico porque a la facultad de lo que era el antiguo Periodismo, que es un nombre precioso y no sé por qué tuvieron que cambiarlo, ahora la llaman Ciencias de la Información. Entonces nosotros ahí estamos {pillados}.
L1: Ahora están también para que sea Ciencias de la Comunicación.
L2: Y cambiarán, pero fíjate, yo estoy muy a disgusto con ese nombre, no me siento identificada con él, pero bueno, como uno lo manda, ya está. Pero con esto quiero decirte que me preguntabas sobre cómo lo veo, no se ha aprovechado la oportunidad que se nos brindó en Bolonia para realmente hacer un renacimiento, reinventarse y hacer las cosas bien. Pero claro, también en descargo de eso te tengo que decir que las prisas en hacerlo, la falta de dinero, porque claro, vamos a cambiar sin que cueste un duro, a ver qué cambio tan profundo se hace a coste cero. Bueno, pues eso ha sido así, entonces, para ser justo hay que poner todas las cosas encima del tapete que se dice aquí, que por un lado no sé tampoco si ha favorecido por parte de la administración porque, en el fondo yo creo: ¿le interesa? Es la pregunta, o esto se ha convertido no sé, en una fábrica de hacer dinero donde interesa la matrícula. Esto es duro decirlo, y después hablan continuamente de calidad, yo es que estoy muy descreída a estas alturas de mi vida, en serio, porque ya he visto mucho y cuando se les llena la boca de calidad y yo veo lo que veo desde dentro entonces digo vaya, que si {calidad}, que si la ISO, no, la calidad es otra cosa a mi modo de ver y no se vela por ella. Entonces yo supongo que esto ha sido parecido a lo que ha sucedido en otras universidades, pero no te podría decir porque es que yo no lo he vivido en directo.
L1: Sí, pero ¿cómo están los temas de semántica y lingüística en España?
L2: Ah, ¿dentro de mi tema?, ¿dentro de la organización del conocimiento? Hombre, se ha venido escribiendo siempre bastante sobre ello, a mí me parece que sí. Estoy acordándome ahora mismo de Moreiro. Rosa San Segundo no ha escrito mucho sobre eso, ella va por otro lado. Y tu colega Javier también ha escrito sobre eso. También Izquierdo, en su tiempo, cuando estaba en Murcia y escribía. Sí, las personas que nos dedicamos a esto, que no somos muchas en España, pues lo que te he dicho antes, yo creo que ese es un tema que siempre ha estado ahí. Ahora si lo que me estás preguntado es si tienen un papel absolutamente estrella como personas que se dediquen a estudiar la semántica y sólo la semántica, pues tal vez no, yo no conozco ese tipo de libros. Fuera de España sí hay, por ejemplo el otro día vi cosas de semántica en la revista Knowledge Organization, eso siempre está siempre ahí. Ahora bien, libros sólo de semántica en España yo creo que no. Ahora en parte, cuando se habla de los sistemas, de los lenguajes, que es un capítulo dedicado a la semántica, pues sí. Es lo que yo pienso, o sea que realmente está ahí, pero no hay una especialización, por lo menos yo no conozco a nadie que esté sólo especializado en la semántica.
L1: Alguien que haya escrito como tú en los últimos años.
L2: Si tú te lees los artículos, te darás cuenta que está ahí. No, en mi caso desde luego sí está muy presente porque para mí, ya te lo he dicho antes, la semántica es la piedra angular de todo y, claro, yo lo tengo ahí siempre y vuelve y, aunque vaya buscando, pero ¿qué es una estructura, sino semántica?
L1: Pero ¿con el mismo nivel de profundidad?
L2: No, cada vez más.
L1: No, tú lo trabajas, pero ¿cómo es el nivel de profundidad de los demás?
L2: A mí me parece que no tanto, me da la sensación.
L1: Sí, a mí también, pero que hay siempre una nota, un epígrafe sobre semántica, sobre lingüística.
L2: Sí, pero son más generalidades que otra cosa
L1: Eso está en imagen.
L1: Sí, yo creo, tampoco me he leído todo de todo el mundo. Creo que a lo mejor es más desde el punto de vista general de la manera en que otros tratan la semántica también, más generalista. Yo es que eso ya te lo he explicado antes porque el interés que yo tengo por el diseño de la estructura conceptual no es otro que la semántica, es que eso es semántica pura y dura ¿Qué es una estructura, si no eso?, porque es el significado, lo que pasa es que es otro abordaje, es más desde arriba, es desde abajo, es como un método más inductivo que es el que a mí me gusta, es que a mí me gusta esa aproximación mucho y es la que uso yo en mi trabajo casi siempre. Sí, es que estamos acostumbrados a que la semántica tenga que ser como grandes declaraciones y para mí es mucho más que eso, ya te lo estoy diciendo, es decir, que aunque yo no diga expresamente que son estudios semánticos, el hecho de ese artículo que has visto que construyendo una estructura es pura semántica, yo lo entiendo así. ¿De dónde salen las relaciones semánticas si no de una estructura? Y si esa estructura está mal hecha, las relaciones son malas o si no es bastante representativa, es una mezcla, ahí hay una mezcla de lingüística general y de semántica, una estructura es una mezcla de eso porque tiene la representación simbólica que es más tipo de la forma y de eso y del significado y entonces yo estoy mucho más interesada en ese enfoque que en estudiar cuestiones generales de la semántica, de hecho, lo he puesto en práctica en bastante veces.
L1: ¿Qué conceptos semánticos y lingüísticos crees que son importantes en la documentación?
L2: ¿Los conceptos lingüísticos?
L1: Sí, los conceptos que utilizas en tus aportaciones.
L2: Bueno, lo más importante es el concepto del concepto que más semántico no puede ser. Ahí hay dos aproximaciones, una que es más positivista y dentro está Dalbert. Reconozco que ha aportado un montón, la respeto mucho y utilizo en clase su teoría de los elementos del conocimiento, que me gusta mucho. Sin embargo, no estoy de acuerdo en su aproximación porque yo no soy positivista en nada. Como decía, dos visiones, una que va en esa dirección y que yo creo que Dalbert es una representación bastante clara, en la que el concepto es cerrado, estático.
L1: No hay posibilidad de evolución.

L2: Estático. Es que es lo mismo que la lógica positivista. En la lógica positivista el tercero no incluido es A a B, no se da otra opción, eso hace que el concepto sea cerrado desde el punto de vista teórico, pero es que eso tiene una implicaciones prácticas impresionantes. Por eso dice Dalbert que las categorías son inherentes al concepto, no siempre, todo tiene que ver, si el concepto es cerrado y las categorías son inherentes da igual que el concepto sea "español" o "chino" y eso no es así. Bien, existe esa corriente de la que yo no participo de ella porque además la realidad está demostrando que no es así, pero bueno, esto es como todo, los modelos teóricos tienen sus limitaciones y si estás en un modelo, pues lo sigues y punto. Y hay otra vertiente cada vez con más peso, vamos a decirlo así, ahí podemos meter a una gama de gente. Por ejemplo, Portland está ahí porque él hace mucha sociología de la organización del conocimiento y si tú te vas por ese terreno no eres un positivista. Además, él lo obvia y dice que el positivismo a ultranza es una postura totalmente naif, se mete mucho con eso. Y él ya deja caer por ahí lo que hablamos antes de que el contexto también es primordial, eso sí que es un modelo, un referente, pero es que va más allá, es que hay teorías que tienen que ver bueno, esto va a ser un salto grande, chico, a ver si me sale, hay teorías que tienen que ver con la transdisciplinariedad, pero de Nicolescu, porque hay otra que es la de Gibbons y Nowotny que se inserta en lo social de una manera muy fuerte, pero no rompe el esquema. Quien rompe el esquema es Nicolescu, con su diseño de una realidad abierta. Son una serie de cosas que si te fijas te lo dice, la realidad abierta, aunque él dice que el conocimiento es uno, por eso ha sido criticado por muchos porque dicen que si eso es renacentista, pero no lo es porque el método y lo que dice no tiene nada que ver con eso. La realidad es abierta y sus niveles también. Hay una serie de cosas que Nicolescu va dejando en su teoría que después lees en otros sitios. Por ejemplo, en el último libro que escribió de teoría de la documentación García Gutiérrez lo dice de otra manera (Inaudible 0:44:33), y yo, por otro lado, pienso igual, te lleva a la conclusión de que no van por ahí los tiros, de que el concepto es algo poroso y no se puede considerar como una entidad cerrada, sino porosa y abierta al cambio. Y entonces, esa sola cosa lo cambia todo, tu concepción de categorías, las categorías son inherentes o no, ya veremos, y no tienen todas el mismo peso para un concepto, que eso tampoco se dice en ningún sitio. ¿Cuáles son esas categorías? ¿Son sólo las constituyentes del objeto, por ejemplo? ¿Una mesa tiene tablero y patas y ya está? ¿Eso es todo lo que representa la mesa? Mentira. Si tú representas al objeto así, tienes una porquería de sistema. Bien, entonces, fíjate tú, para mí eso es la clave de todo y va a una cuestión como siempre teórica, yo soy mucho de eso. A mí me gusta aterrizar, no me gusta teorizar, yo siempre aterrizo porque tiene mayor interés ver cómo todo eso baja a tierra y se proponen cuestiones. Si quieres ver lo que yo pienso de esto, hay un artículo que publiqué en el 2013 en el Knowlegde Organization que se llama *Reflexions on Multidimensional Knowledge* y bueno, lo que me planteo es cómo estas teorías afectan a la constitución misma, es decir, a los fundamentos de la organización del conocimiento y cambian la concepción en general y entonces si te vas ahí, puedes construir otros sistemas, pero los construyes de una manera racional, no porque se te haya ocurrido que eso es lo que pasa muchas veces en nuestro campo, que se tienen muy buenas ideas, pero hay que buscarle un fundamento al escribir porque si no estamos todavía en la época del siglo XIX cuando teníamos magníficos teóricos (Inaudible 0:47:00), pero ya no se puede trabajar de esa manera, como Portland, obsesionado con que nos tenemos que fundamentar y es verdad que hay que hacerlo si queremos construir. Entonces, para mí eso es la esencia de todo y eso tiene un fundamento teórico y científico.

L1: ¿Cómo llamas a esta corriente que es el problema del contexto?

L2: Ya sabes que se tiene mucho antes el concepto y el nombre es lo último que se le pone a las cosas. Esto tiene que ver con el rompimiento de la ciencia tradicional y empieza a surgir todo el tema de la interdisciplinariedad (Inaudible 0:48:12), digamos que esa es la bisagra que lo cambia todo y entonces todo empieza a verse de otra manera, se rompe con el positivismo y ahí se inicia y a todo eso se le llama postmodernismo de una manera muy global, pero que va más allá. Creo que es Antonio quien lo llama post-epistemología, pero esas son cosas suyas porque a él le encantan los nombres.

L1: Es que posmoderno también queda bien, es más general.

L2: Pero ¿sabes qué pasa?, que eso es demasiado amplio y, como siempre sucede, desde una cosa amplísima yo creo que se van como encauzando o restringiendo los límites hacia algo más concreto. Lo que pasa es que, mira, el problema que tiene lo de Nicolescu es que no lo ha desarrollado más. Una vez hablé con él, luego te lo cuento, ahora no es cuestión, le comenté en qué estaba trabajando y me dijo que era interesantísimo, pero ahí se quedó. Tengo pendiente escribirle y proponerle algo, lo que pasa es que ya es un señor muy mayor y no sé si tendrá ganas de estas historias, vive en Francia o por ahí y tal vez una estancia, pero bueno, lo estoy pensando porque esto hay que aterrizarlo porque es lo que te decía, si tú tienes una maravillosa teoría y no lo plasmas en cuestiones más concretas, no la validas, es decir, no tienes un contraste, no demuestras, aunque él habla de todos los beneficios que se derivan de esa forma de ver la realidad en un larguísimo artículo. A mí me encanta y he leído todo lo que he podido de él, pero falta un poco eso, es el único problema que tiene, pero nos sirve a nosotros, aunque sólo sea que como modelo para cuestionarnos asuntos esenciales para nosotros como son el contexto y la categoría que están en la esencia del sistema, a mí ya me vale con eso, fíjate, aunque sólo sea con eso. Yo incluso he pensado, tengo aquí el esquemilla con los niveles, la manera de pasar y la lógica del todo incluido, no excluido sino incluido que viene de la física cuántica, Nicolescu es físico, y digo, bueno, cada vez que te mueves de nivel es un nivel distinto de realidad, pero hay que decidir qué es eso, cómo pasa, porque hay veces que algo es A y B y cuando eso sucede, según Nicolescu, tú das un salto a un nivel distinto de la realidad y empiezas otra vez lo mismo. Eso no tiene nada que ver ni con la disciplina ni con las especialidades, es una cosa tan diferente, por eso es muy revolucionario, pero le faltan muchos matices. A mí me encantaría hablarlo con él, así, como estoy ahora contigo, para que me lo aclarara y para profundizar.

L1: ¿Hay algún otro teórico, además de Nicolescu, que esté trabajando con el tema de la transdisciplinariedad?

L2: Sí hay, pero es que ya te he dicho que hay como una corriente, con autores como Gibbons y Nowotny, que es muy válida, también es una investigación puntual, pero ellos no se plantean nada general, sino que es práctico total.

L1: ¿Nicolescu se planteó como un programa de investigación?

L2: No, es una postura filosófica teórico-científica, llámale como quieras, que va mucho más allá de resolver un

problema concreto de investigación y de cómo se tiene que hacerse, muchísimo más, evidentemente tiene más pretensión que lo otro porque eso sí que es un cambio profundo, pero que le falta, yo no sé a qué se dedica este señor, pero yo que él trabajaría más en definir qué es eso de un nuevo nivel de realidad y en desarrollar más esos conceptos de manera que fueran aplicables a situaciones concretas en la organización del conocimiento, es que eso nos afecta a nosotros directamente. ¿Te das cuenta que no sería la jerarquía?, es que sería otra cosa. Mira, ya Maureen dijo que ya se habían facetado las clasificaciones que había. La gente confunde la faceta con la interdisciplinariedad de Maureen, nada que ver y yo lo siento mucho por mi amigo (Inaudible 0:53:55) que lo adoro, pero es que no se entera, no es igual una faceta, porque dicen, sí, una faceta es como distintas perspectivas sobre un objeto, pero eso no es el concepto y lo que decía Maureen hace ya mucho tiempo era que las clasificaciones que había y lo que hacíamos de organización del conocimiento sólo respondía a un nivel de la realidad, ¿me explico?, que se están haciendo versiones de un nivel de la realidad. Claro, son cosas que te desbordan y te marean, por eso se necesita desarrollar.
(...)
L2: Yo tengo eso pendiente, bueno, después se quedó así y no hubo más, pero a lo mejor… Me ha escrito una chica hablando de esta teoría y de cómo la relaciono con el cambio en nuestros fundamentos, o sea, cómo no podemos ignorar lo que está pasando alrededor y hay que reflexionar sobre cómo nos afecta. Como te decía, me escribió hace un par de días, te tengo que leer el artículo que me ha mandado, una chica de Florida, de la universidad de Tampa que quiere aplicar lo que digo en ese artículo del año 2013 que te he comentado porque ella trabaja en un contexto de salud mental donde hay una influencia de muchísimos campos y me manda un artículo y voy a ver. Con esto te quiero decir que la gente está deseando encontrar la manera de resolver problemas que están planteados hace ya tiempo. Y esto lleva por lo menos cincuenta años siendo para nosotros un problema sin resolver, pero bueno, a mí me encantaría meter mano, desarrollar esas ideas, ampliar esos conceptos y hacerlos útiles por ejemplo para nuestro campo porque están muy en relación. Ya me lo dijo él [Nicolescu] la organización del conocimiento está absolutamente en relación con esto.
L1: Además de los conceptos de concepto y categoría, ¿qué otros que provengan de la lingüística, de la semántica, de la lógica podríamos añadir aquí como importantes para la documentación?
L2: De la semántica no sé, lo que es el significado, es que no sé qué decirte porque es que es todo. Es que, claro, la lingüística tiene muchas partes, entonces si lo desdoblamos, la morfología, la semántica y la sintaxis, todas tiene que ver con los sistemas y, además, de una manera muy paralela a lo que sucede en el lenguaje natural, sólo que mucho más simplificada. Entonces, aportarle todo desde la forma, lo que pasa que, claro, ciertamente tenemos ahí digamos un mandato semántico enorme de la {univocidad} y si vamos a normalizar, que tenemos que hacerlo, pues ese mandato semántico es el paraguas que todos lo tienen que cuidar, tanto en la forma como en el significado, porque ahí tenemos todos las variantes formales que no son estrictamente semánticas, pero que sí son varias para un significante (Inaudible 0:59:20) y ahí, aunque la ley de la univocidad más semántica, pero no sólo semántica en el sentido escrito, sino que afecta también a la pluralidad formal que pueda existir en la expresión de un concepto, y eso pasa en la mayoría de las lenguas, aunque que sólo sea singular y plural, que eso lo tenemos todos, y lo del femenino y el masculino, que no se habla de género en nuestro ámbito y es sumamente importante, yo se lo enseño a mis alumnos para que lo sepan. Cuando se habla de la normalización formal en español tenemos cuatro variantes posibles, masculino, femenino, singular y plural, y sólo se habla del singular y del plural y yo me niego porque existe el femenino. Yo soy del Instituto de Investigación de la Mujer y he trabajado mucho con estudios de género y con terminología de género, y entonces los estudiantes tienen que ser sensibles a eso porque si en un documento se está hablando de "mujeres abogadas" no lo pueden indizar como "abogados" porque está mal, directamente. El género se tiene que reconocer cuando haya que hacerlo, yo todos los años les doy una clase a mis niños sobre esto. Y no sólo eso, sino que como, por lo menos en España, supongo que a lo mejor en portugués es igual, el genérico es masculino y genera un problema de significado porque tenemos "padres" que significa "padre y madre" y "padres varones" y parece que no tiene importancia porque no existe lo femenino y hay una misoginia muy grande en la organización del conocimiento y yo, en la medida que me toca, la voy intentando arreglar. Hay un problema ahí y es que si te vas a los tesauros de género, hasta ellos caen en ese problema, que es increíble, pero yo lo he visto, o lo ponen todo en femenino, que me parece absurdo, o se les cuelan este tipo de cuestiones. Vamos a ver, tú tienes que abordar esta polisemia que hay aquí con los padres como sistema de información. Yo a mis niños les enseño que ahí hay un problema de polisemia y que lo que hay que hacer es decir con un calificador "padre y madre" y aquí "padre" sólo y ya quien quiera recuperar el genérico o solamente a los varones, que lo haga, porque el femenino siempre es distinto, el genérico no se confunde con el femenino.
L1: ¿Y qué piensan los alumnos?
L2: Están encantados.
L1: ¿Se habían planteado la cuestión antes de llegar a la facultad?
L2: Claro que no, si es que no se plantea, lo que pasa es que ahí están las inquietudes de cada uno y la sensibilidad que tengas hacia ciertas cosas y yo, como estoy un poco comprometida con esa historia desde hace mucho tiempo, pues sí que lo digo en clase porque a ellos les toca cambiar las cosas, que son jóvenes y los sistemas de información ignoran por completo lo femenino.
L1: Y una parte de la sociedad también lo ignora.
L2: Bueno, claro, es que se trata de eso.
L1: Sí, la idea de cambiar el lenguaje (Inaudible 1:03:12) la sociedad cambia también.
L2: Es que todo eso viene influido por la cuestión social, sin duda ninguna porque hay una cultura machista.
(...)
L2: Bueno, volvamos a esto porque nos hemos ido, pero encantada porque estoy disfrutando mucho. La influencia desde la lingüística y la semántica ya te estoy diciendo lo de la univocidad semántica, lo de ese paraguas, pero va más allá de nuevo de lo estrictamente semántico y afecta a la forma. La forma es un reflejo o está tomada de la lingüística, la morfología, el estudio morfológico, pues lo mismo tenemos nosotros, pero

fíjate cómo en nuestro caso la semántica incide en la morfología porque tiene que controlarla también. Entonces digamos que está en un plano superior, es lo que yo te digo que la morfología sí está, claro tenemos el lenguaje natural y tiene forma de palabra, expresión y tal, pero no es suficiente, eso se tiene que someter al rigor de la semántica en sentido amplio y entonces lo que te decía de femenino y masculino, que por eso ha venido esto, singular, plural, entonces, de hecho se resuelve lo mismo que en la sinonimia en los lenguajes de los sistemas, claro, tú tienes un préstamo y tú mandas de uno a otro, ¿cómo haces con un sinónimo?, igual.
L1: Seguimos.
L2: Sí, porque nos enredamos, nos gusta mucho hablar a ambos.
L1: En tu opinión, ¿cuáles son los campos de la documentación en los que podemos utilizar los conceptos de la semántica, de la lógica, de la lingüística?
L2: En la organización, ya. A mí me parece que la semántica y la lingüística dominan todo. Si te vas a la informática, tienes lo mismo, pero de otra manera. Ellos también trabajan con lenguajes que son artificiales como los nuestros y que poseen las mismas características, no sirven para lo mismo, pero estructuralmente tienen un parecido inmenso. Pues fíjate el ejemplo que te pongo dentro de nuestro ámbito, si te vas a la archivística y te vas al archivo y te vas a la documentación de archivo, claro que tienen influencia en la gestión; si te vas a la biblioteconomía en sentido estricto de historia de las bibliotecas no tanto, a menos que empiecen a hablarle de los sistemas de organización en las biblioteca o de cuestiones históricas, pero todo lo que sea gestión y e implique un lenguaje, un sistema de comunicación porque al final la informática es lo que pasa, tú te comunicas con un sistema informático, con el que sea, con el programa, lo que quieras, al final haces un sistema y ya está y entonces todo lo que se hace en un sistema participa de esas dos cuestiones, de la forma y del significado y eso viene de la lingüística y por eso permea tanto la lingüística. Y la semántica, ¿qué te voy a contar?, es el nudo gordiano de todos nosotros.
L1: ¿Y cómo ves el nivel de relación interdisciplinaria entre documentación, lingüística, semántica, semiótica?
L2: ¿Te refieres de hecho o teóricamente hablando?
L1: De hecho.
L2: ¿De hecho? ¿Te refieres entre personas que pertenecen a campos distintos?
L1: Sí, pero solamente en España.
L2: No muchas, de hecho yo concretamente, si te soy sincera, no he colaborado con ningún lingüista ni con nadie que se dedique sólo a la semántica. O sea, es verdad que yo tengo esa formación y a lo mejor no he necesitado ayuda, pero que no se ha planteado ningún proyecto de investigación ni un trabajo, se me han presentado a lo mejor con otras especialidades como el de la enfermería, música también, pero no creo que el nivel de interacción sea muy grande, no, vamos, yo juraría que no o yo no lo sé, pero no me suena a mí que haya mucha interacción de personas en documentación que trabajen con personas en los campos de la lingüística en general o la semántica, no lo conozco, no lo sé.
L1: ¿Y al contrario tampoco?
L2: No, sí, que desde ellos pidan, a mí no me parece que haya mucho de eso, pero puedo estar equivocada, no conozco {yo eso}.
L1: ¿Cuáles son los expertos en documentación en España que trabajan como usted la semántica, la semiótica y la lingüística?
L2: Los pocos que somos. Pues mira, están Javier y Antonio García Gutiérrez. En cuanto a Rosa, ella habla de la organización del conocimiento, pero en lo que yo he leído de ella, no he visto que aborde temas de lingüística y semántica, entonces no la voy a incluir por esto, porque hace otras cosas; Izquierdo lo fue en su momento, ya está más que jubilado; Moreiro también trabaja con esto y no muchos más. En su momento, Miguel Angel Esteban hacía algo, pero yo creo que ya se ha ido para otro lado. Estaba o está en Zaragoza y era compañero de Javier, pero no sé, no le sigo la pista y allí hay otra chica, Carmen Agustín o algo así.
L1: Sí, de Zaragoza
L2: Espera que voy a ir por regiones. En Cataluña la organización del conocimiento la trabaja Jesús, no recuerdo ahora mismo el apellido, uno que se llama Jesús {Gascuña} pero no mucho, lo he visto en (Inaudible 1:15:38) y ha presentado cosas allí, pero no mucho, digo que me suena, y {Espriu} que la he visto, pero tampoco mucho. Y la que sí que estaba porque tiene un tesauro es Monserrat Sebastián, que la pobre murió el año pasado, es muy triste. Tiene un tesauro de la *dona*, la mujer en catalán, y ya está. Somos pocos los que nos dedicamos a esto, que yo conozca, ¿eh?
L1: En la cuestión de semántica y lingüística.
L2: Sí, en lo que implica la organización, pero que va más allá, evidentemente, hay más cosas importantes como lo que hemos hablado de movimientos científicos en general, la ciencia y toda la evolución tiene mucho que ver con (Inaudible 1:16:34), no sólo es semántica y lingüística, a eso yo lo llamo "influencias distintas", digamos que la semántica y la lingüística están más en directo con lo directo, es decir, relacionadas con acciones concretas, pero desde el punto de vista del diseño, de la concepción, no tanto, a mi modo de ver. Eso tiene más que ver con modelos más generales de conocimiento, con teorías de este tipo, como de las que hemos hablado, no todas, pero algunas, de lo que es el diseño, es que yo diferencio entre el diseño, que es la teoría, los modelos y la elaboración porque es "ponerse a trabajar en".
L1: Está separado en tres niveles: teórico, concepción de modelos y
L2: El teórico y la concepción de modelos es uno porque la teoría da lugar a los modelos y luego tenemos otras disciplinas que nos afectan y tenemos una estrecha relación con ellas, pero para resolver las cuestiones caseras, las cuestiones de elaboración, de construcción son otras influencias, son supernecesarias, pero hay mucho más porque cambia más lo de fuera que lo de dentro. Hombre, también si existe una nueva teoría lingüística, alguien que explique, por supuesto, pero por lo que yo estoy viendo últimamente está bastante más estático el tema lingüístico-semántico que el tema externo, desde se está moviendo la ciencia de una manera tan galopante por fuera y están cambiando los parámetros tanto, eso hay que mirarlo, lo que te hablado del contexto antes directamente.
L1: Creo que es el principal ejemplo de los campos.

L2: Eso es que es muy evidente y tiene que ver con los marcos teóricos directamente, hay que saberlo ver, pero no se puede perder de vista lo otro tampoco porque si no te encasillan mucho. A mí eso me ha pasado y yo cuando hice el cambio, fue porque yo abrí los ojos, para mí el cambio fue lo que pasa fuera de los sistemas de organización del conocimiento, que lo sepas, a mí eso me ayudó mucho a ver las cosas de otra manera, a entender y a darle otra dimensión a lo que estaba haciendo. Sí, fue interesante ese cambio, por eso las corrientes científicas o filosófico-teóricas, llámalo como quieras, no se pueden perder de vista porque te imprimen todo y, sobre todo, porque es de donde viene el cambio posible que puede haber porque es la concepción. Es mi punto de vista, igual estoy equivocada.
L1: No. Bueno, hemos terminado.
L2: Ha sido una interesante charla.

ENTREVISTADO 16

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistada

L1: La primera pregunta es para que el entrevistado hable respecto de sus trabajos de investigación, subrayando los trabajos que están relacionados con el estudio del lenguaje.
L2: ¿Del lenguaje?
L1: Sí, de manera general.
L2: Vale.
L1: En los estudios del entrevistado.
L2: Vale. Yo dentro de mi producción creo que hay dos bloques. Uno relacionado con herramientas de indización, o sea, con lenguajes documentales, que está presente en mi producción desde el principio en mi línea de trabajo, que está vinculada con una formación inicial en lingüística. Yo estudié Filología Hispánica y los estudios de filología se componían de estudios lingüísticos y estudios literarios. Entonces, desde el principio e incluso antes de la etapa doctoral trabajé estudiando lenguajes documentales, creo que un trabajo sobre las listas de encabezamientos en lengua francesa y después distintos trabajos observando cómo se comportan las herramientas lingüísticas, entonces ésa es una de las líneas. Y luego, no estudios de lenguaje oral sino de los sistemas de comunicación, una segunda línea relacionada con toda la investigación doctoral y posdoctoral sobre estudios de imágenes, de análisis de imágenes. Entonces, ésas son las dos vías dentro de mis líneas de trabajo sobre lenguajes. La primera de los lenguajes documentales ha sido una línea continua porque empezó desde el principio y uno de los últimos trabajos, uno de los últimos artículos que está pendiente de publicación es "Herramientas lingüísticas para la organización de la información en las bibliotecas escolares", que saldrá dentro de…, cuando quiera la editorial.
L1: Pero está muy próxima la publicación.
L2: Sí, en teoría tiene que aparecer en diciembre, en teoría. Pero aunque el trabajo está entregado desde julio, la revista no ha respondido porque cuando entregamos el artículo, cerró el proceso de recepción de más trabajos porque debía ser que tenía mucho. Entonces, las noticias son que está para publicarse, pero no ha dicho nada más.
L1: Sí, pero está aprobado el artículo.
L2: Sí. Y en buena medida a través de los distintos eventos relacionados con ISKO, yo he ido presentando trabajos en esa línea, en esa primera línea de investigación relacionada con las herramientas de indización, los lenguajes documentales. No sé si respondo…
L1: Sí, sí, responde. La segunda pregunta, ¿cuál es la importancia de las teorías semióticas, lingüísticas en sus investigaciones?
L2: Pues ésta es la base de las dos líneas. Las teorías lingüísticas, yo después encontré un autor, Antonio García Gutiérrez, que sobre en trabajos suyos que yo consultaba al principio, daba un soporte a la base lingüística de las Ciencias de la Documentación. También he encontrado en Izquierdo, pero para mí fueron más importantes los trabajos de García Gutiérrez que los de José Mª Izquierdo. Sobre todo porque los trabajos de José Mª Izquierdo que tenían una base lingüística, no coincidían con la formación que yo había recibido y me resultaba poco operativo.
L2: Repíteme la pregunta Carlos, que se me ha ido el santo…
L1: ¿Cuál es la importancia de las teorías semióticas y lingüísticas en sus investigaciones?
L2: Vale. Entonces, toda la parte de la lingüística documental de origen francés y {Chomier} básicamente, {van Sleep} y García Gutiérrez muy importante para los estudios de las herramientas de indización, los lenguajes documentales y después para la línea de análisis de imágenes. Yo tuve muchas dificultades al principio para rastrear ese marco teórico de naturaleza semiótica, pero no lingüística, que pudiera dar soporte a los estudios de análisis de imágenes. Y el área francesa. Bueno, Eco, pero sobre todo, Roland Barthes fue básico en esa época y en ese aporte. Y entonces en la semiótica de raíz francesa fue donde yo encontré una parte más nuclear que podría dar soporte a la investigación que estaba desarrollando sobre el análisis de imágenes, más que la semiótica anglosajona, pero yo creo que por una cuestión quizá de fuentes, de que la semiótica en España se conoció en los años ochenta, y al principio pertenecía a la raíz francesa, más a la semiología. Entonces yo encontré por ahí una vía de sustentación teórica que resultaba fructífera. Y luego como los estudios de análisis de imágenes fotográficas estaban bien sostenidos en la tradición francesa, encontré que estaba más o menos resuelto.
L1: Sí.
L2: Sí. ¿Te sirve así?
L1: Sí, me sirve porque lo importante es conocer las líneas de investigación, no importa la tradición teórica, porque yo busco las líneas utilizadas en los últimos años en España, en la Documentación de España. Y he rastreado también en los años ochenta, los principales autores. En los años setenta fue cuando se tradujo…
L2: Pierce.
L1: Sí, por eso, Pierce, a español. Las primeras monografías fueron más o menos en esta época, pero lo importante son las líneas. Una curiosidad que descubrí yo, es que el primer artículo sobre Pierce fue publicado

en Zaragoza.
L2: ¡Ah! ¿Sí?
L1: En 1889 más o menos y en un periódico de matemáticas.
L2: De matemáticas.
L1: Sí, sí. Curiosidad que descubrí hace poco tiempo, sí.
L2: Y el autor del artículo.
L1: ¡Ah!, sí, el autor es un matemático y lógico y muy conocido…
L2: ¿García de Galdeano?
L1: No, no. Sí es del siglo XIX, del siglo XIX. Bueno, puedo enviarte el artículo, solamente una curiosidad porque…
L2: Una curiosidad. Es que la Escuela Matemática era importante ligada a los estudios militares.
L1: ¿Aquí?
L2: Sí. Entonces, aunque la Academia Militar empieza en los años veinte, la formación militar requería de los ingenieros militares, requería un conocimiento de las matemáticas muy preciso y entonces…
L1: El periódico se titula: "El progreso matemático".
L2: El progreso matemático, una denominación muy decimonónica, progreso.
L1: Sí, sí, sí, el Progreso Matemático y es un artículo sobre la vida de Pierce y los escritos de lógica y cosa así.
L2: Lógica.
L1: Pero lo importante es saber…

L1: …cómo fueron los estudios en los años ochenta, en los años noventa. Los principales autores.
L2: Hay un trabajo que tiene aspectos de calidad diferente. Hay una parte que está muy bien y hay otra parte que es más floja. Pero la autora es una profesora de la Universidad de Alcalá de Henares, Purificación Moscoso, que está publicado en una revista de la Complutense y habla de los estudios de la Información y la Documentación en España. Y hay una primera parte del trabajo en la que habla de cómo cuando los estudios, la formación específica, llega a la Universidad en España, conviven una tradición que procede del ámbito de las Humanidades y que está vinculada al conocimiento bibliográfico, a la tradición de salvaguarda de los soportes, la organización de las colecciones. Y luego hay otra tradición que viene de la norteamericana, de la Information Science, la recuperación de la información, entonces las dos están ahí básicamente desde el principio y lo cuenta bien. Ya te busco la referencia porque yo para alguna cosa lo he utilizado, para explicar, para hacer comprensible el marco.
L1: Sí, es interesante.
L2: Yo de esto… De todas maneras, cuando hace cuatro años José Augusto tuvo una estancia posdoctoral en España y estuvo en la Universidad Carlos III, yo creo que fue en el año 2009 o 2010 por ahí, 2010. Hizo una investigación en la que estudiaba la formación y las líneas disciplinarias…
L1: De análisis documental de contenido, sí algo así.
L2: …de los profesores, o sea, de los estudios en España para compararlos. Y yo recuerdo haber hablado con él, en el sentido de que dependiendo de cuál era la formación inicial de los profesores de las facultades, digamos que la adscripción a líneas de investigación variaba. Y recordaba que he hablado con él porque yo le decía, es que la primera generación, los estudios de Información en España llegaron a la universidad cuando la profesión estaba en el mundo real, pero no había una formación reglada dentro de la universidad para esa profesión. Es decir, era una profesión carente de disciplina, de disciplina académica, porque el acceso a la profesión se realizaba a través de un control por un cuerpo facultativo, que era el que estaba encargado de acreditar el acceso a la profesión. Cuando llegan los estudios a la universidad española, se forman los estudios sin que haya verdaderos especialistas fuera del ámbito de la profesión. Pero para acceder a la universidad hace falta cumplir requisitos académicos, no mostrar competencias sólo profesionales. Entonces, los profesores de la primera hornada que es los que entran a la universidad en los años ochenta y en buena medida hasta finales de los años noventa, no tienen una formación disciplinar previa en el ámbito de las Ciencias de la Información y la Documentación, sino que vienen con una formación distinta y el proceso de reciclaje se hace dentro de la Academia. Y mi hipótesis es que dependiendo de cuál fuese su formación inicial, orientaban sus líneas de investigación.
L1: Interesante.
L2: Porque no tenían en la mayoría de los casos praxis profesional. Eso empieza a romperse a partir de la segunda parte de los años noventa, finales de los noventa y ya, los dos mil ya está rota, porque ya acceden a la universidad…
L2: …las primeras promociones o las segundas o las terceras de egresados que tienen una formación disciplinar en Ciencias de la Información y la Documentación.
L1: Es posible, una hipótesis, es que a causa de esta formación inicial, hubo mucha producción académica en los primeros años; en los noventa, finales de los años ochenta.
L2: ¿En España?
L1: En España, sí, sí.
L2: Por dos razones: una, porque todos esos profesores que habían accedido a los estudios de Documentación en España, empiezan a implantar, sea a partir de 1985. Entonces, todos esos profesores tienen que asegurar su ingreso en los cuerpos de funcionario y entonces publican, o sea, mejoran su currículum, es una parte de su proceso de ingreso. Entonces, publican cosas para que el acceso tenga garantías. Y en segundo lugar, porque a finales de la década de los noventa, a todos los profesores universitarios en España, hay una política de mejora de la producción científica. Entonces se crea un reconocimiento económico acompasado a la producción científica y surgen esos momentos. Entonces, para conseguir ese reconocimiento económico, la productividad, hay que presentar cada seis años, seis trabajos de reconocido valor. Y funciona como un incentivo, luego ese reconocimiento económico se convierte en otra cosa distinta, sigue siendo un reconocimiento económico, pero el tener ese reconocimiento es lo que permite que los profesores puedan dirigir una tesis, puedan solicitar un

proyecto, en fin, va utilizándose como elemento de medida de otras cosas.
L1: Sí, un elemento importante es que en esa época es cuando empiezan a utilizar en Brasil los libros publicados en España.
L2: En los noventa.
L1: Los noventa. No antes, sí, pero con la concepción teórica de la Documentación, algunos avances, sí miramos todavía lo que se publica aquí. Sí, entonces tendría dos razones ¿no?, más o menos; una de política universitaria,…
L2: Sí.
L1: …de incentivos y otra que proviene de la formación inicial de los profesores.
L2: Yo creo que la política de incentivos fue importante porque permitía a la gente organizar su carrera académica, periodificada para conseguir unos reconocimientos que tenían unos criterios, que decían, pues publicar en revistas de reconocido prestigio. Luego los indicadores fueron modificándose a lo largo del tiempo, pues en revistas: JCR, en el primer y segundo cuartil del JCR, que todo eso ha producido al final ciertas disfunciones, también dentro de la producción. Pero en ese momento, se puede comprobar que la producción científica española en todos los ámbitos creció porque había un sistema de reconocimientos y de incentivos que lo impulsaba. En la década de los años ochenta, lo que ocurre con la universidad española es que hay un boom de natalidad, llegan a la universidad española todos los niños que habían nacido en la década de los años sesenta, que había sido un periodo de crecimiento económico del país muy grande. Y además, se democratiza el acceso a la universidad pública, con un sistema de becas muy generoso. Hacen falta muchos profesores de universidad porque la universidad multiplica, crece de una forma espectacular. Entonces, acceden a la universidad personas que no tienen…, por ejemplo, era habitual en la década de los años ochenta que los profesores no tuvieran todavía el doctorado porque hacía falta profesorado…
L2: …para atender a unos grupos muy amplios y muy numerosos. Entonces el final de la década de los ochenta y el principio de los noventa, en la línea de unas políticas que reconocen la propia formación de los profesores y que aunque esa formación no haya sido específica, de origen, se vayan especializando y se vaya reconociendo esa producción. Y yo creo que eso es un hecho, yo creo que eso es un hecho importante porque marca, marca la diferencia. ¿Te sirve?
L1: Sí, sí, sí. Bueno, siguiendo lo que te había dicho respecto a las teorías semióticas, ¿qué comprende por semiótica?
L2: Pues una ciencia que explica el significado de los sistemas de signos, no exclusivamente lingüísticos. Es una definición operativa, pero que explica los códigos de signos, las formas de producción de los sistemas de significación cuando no son lingüísticos. Y que resulta muy operativa para comprender otro tipo de realidades, otro tipo de sistemas de comunicación, de modos, sistemas de comunicación que operan en paralelo a lo lingüístico en todo tipo de situaciones. Entonces, yo creo que la semiótica resulta una disciplina, o sea, un marco disciplinar muy eficaz para comprender de forma integrada la producción de los significados. Para mí, eso es así, me costó mucho tiempo. Recuerdo mi tesis, un apartado horroroso fue llegar, porque en España, la tradición de la semiótica, o sea, la semiótica no es una ciencia que se reconozca adentro del paradigma de disciplinas, matrices de la Documentación con facilidad. Bueno, la Documentación llega por distintas vías ¿no? Pero yo creo que tiene que ver con que esa primera generación de profesores no tiene unos asideros científicos sólidos sino que está ahí y no sabe muy bien de dónde vienen ¿no? Entonces, esas incertidumbres de paradigmas disciplinarios de la primera generación, hacen que para las siguientes generaciones sea difícil adscribirse ¿vale? Entonces, por ejemplo, en los estudios de Información y Documentación en España han pasado años hasta que se han introducido asignaturas, materias de metodología, de los estudios de Información y Documentación; metodología cuantitativa y metodología cualitativa. Mucho, han tardado muchísimo.
L1: Entonces, esta primera generación podría decirse que fue volcado más a la práctica profesional.
L2: Fue una generación que proporcionaba una formación muy teórica, una formación muy teórica, pero que esas fuentes teóricas no tenían, no siempre tenían los fundamentos bien asentados, porque había muchos profesores que procedían de una formación histórica. Entonces, el método histórico está basado en las fuentes documentales, eran buenos profesores de archivística porque conocían las ciencias y las técnicas historiográficas, pero eran malos profesores de Documentación porque no tenían ni idea de cuáles eran las tipologías de las fuentes, salvo las de Humanidades ¿vale? Entonces, esa primera generación tenía un déficit de formación en metodología de Ciencias Sociales, Técnica de trabajo en Ciencias Sociales, que tardó mucho tiempo en resolverse porque estaba muy orientada, o sea estaba muy "handicapada", la palabra es… O sea, estaba muy circunscrita a su formación de origen. Entonces, desde mi punto de vista les costó mucho aprender. Yo fui alumna de la primera promoción de esta facultad y había asignaturas que eran horrorosas porque el profesor no dominaba la materia. Entonces a lo mejor su formación inicial…
L2: …venía de otra área de conocimiento y lo que era, era un profesor que estaba iniciando su carrera y que estaba aprendiendo a enseñar cosas distintas de lo que él había estudiado, que no había estudiado nada desde el punto de vista teórico y que estaba reorientando su propio currículum. ¿Vale?
L1: Vale.
L2: Yo creo que esa etapa duró aproximadamente hasta diez años, desde el 85 hasta el 95 y luego las cosas cambiaron. Entonces, esos profesores podían tener experiencia profesional o no, pero una experiencia profesional como era la profesión en los años 80 ¿vale? O sea, una profesión en la que los sistemas de información estaban poco tecnologizados, en las que las tareas estaban en la etapa primera de tecnificación, automatizándose en la que no existían en las bibliotecas catálogos automatizados, porque, por ejemplo, en Zaragoza, el primer catálogo automatizado llegó a una biblioteca pública en el año 92. Entonces, yo trabajaba en esa biblioteca, entonces mis clases de Biblioteconomía eran unas clases teóricas; el sistema bibliotecario, la legislación bibliotecaria, el fondo de la biblioteca y luego la praxis profesional decía que tú estabas… Yo alimentaba datos para que el catálogo en línea pudiera estar disponible para los usuarios. Entonces, la forma en la que estaban concebidos los contenidos disciplinares, estaba muy relacionada con cuál era la práctica

profesional que se daba en ese momento; por un lado, estaba, el desarrollo profesional, o sea, la praxis profesional iba por delante de la disciplina y la disciplina estaba muy volcada al conocimiento teórico y a la formación disciplinar en el área de las Humanidades de los profesores. Mientras que nuestra disciplina es propia del ámbito de las Ciencias Sociales ¿vale? Y luego los espacios profesionales se han ido diversificando muchísimo porque el mundo de la información como consecuencia del impacto, entre otras cosas, de las tecnologías, se ha diversificado. Entonces, hasta que no llegó desde mi punto de vista, la segunda generación de profesionales de la Academia, o sea, de estudiantes que ya tenían otros elementos de contraste, o sea, de contraste con la realidad y que su visión del espacio profesional era distinto, no cambiaron las cosas. La visión inicial era muy, o de biblioteca o archivo o Centro de Documentación en España.
L1: Un poco como más humanista.
L2: Sí.
L1: Cómo muy cerca…
L2: Muy clásica.
L1: No muy cerca de las Ciencias Sociales.
L2: Eso es, eso es. Entonces, por ejemplo, en Zaragoza, en Aragón, las primeras generaciones de titulados en Biblioteconomía y Documentación que se llamaba entonces así, encontraron puestos de trabajo en el espacio de la administración, pero en servicios de información al ciudadano, la ventanilla única, el servicio de información de salud, la oficina de relaciones ciudadanas. Entonces, ese espacio profesional que no tenía una denominación clásica.
L1: Sí, no ha tenido contenido en la facultad.
L2: Efectivamente. Entonces, se produjo un reajuste entre aquello que de verdad se enseñaba, los profesionales de la información, los medios de comunicación. Había periodistas que realizaban tareas de archivo, pero no había un especialista, un documentalista que tratara la información que se generaba en el sistema de información. Entonces, los servicios de información de las televisiones, de los periódicos, cubrieron con esos profesionales que habían salido ya de la universidad y que estaban volcados a un espacio profesional que no era para el que se habían formado. De alguna forma, sí que encontraron formas de adaptar sus conocimientos a esos espacios nuevos. Y eso, la interacción entre la Academia y la profesión, ha estado muy, muy, muy…
L2: Ha sido muy determinante en cómo ha ido variando el contenido de los estudios en España.
L1: Sí, más o menos después del 95.
L2: Sí. Y las líneas de investigación de los profesores también, porque muchos profesores empezaron a vincularse a proyectos de investigación aplicada que estaban relacionados con esos nuevos espacios de empleo. Es decir, la administración necesitaba poner en marcha un sistema de educación para el consumidor. Entonces, buscaba un profesor en la universidad y contrataba a unos alumnos con una beca y se ponía en marcha ese sistema. El profesor lo que hacía era aplicar sus conocimientos teóricos y producir ¿vale? Entonces, se empezaron a generar en el entorno universitario muchos estudios aplicados que ya rompieron ese primer ámbito disciplinar inicial. Y luego desarrollaron un poco, como políticas de amnesia, se les empezó a olvidar a todos ellos de dónde venían, como si eso fuera…, como si eso fuera algo peyorativo ¿no?
L1: Sí, sí.
L2: Yo, a mis alumnos les digo: "yo estudié primero Filología y luego Biblioteconomía". Y me miran así y digo: "es que no podía estudiar Biblioteconomía, no había".
L1: Por supuesto. Sí, es que para nosotros, para las escuelas, los cursos son más antiguos.
L2: Claro.
L1: Entonces, hubo una tradición de profesores, ya con un conocimiento o quizás práctica profesional.
L2: Mira es que yo creo que en España, la historia de la profesión y la historia de las enseñanzas, o sea, la historia de la Academia y la historia de la profesión son distintas y van en momentos completamente diferentes, porque la profesión es antes que la disciplina en España, pero mucho antes. La profesión en España estaba vinculada a una formación en Humanidades y a una especialización posterior, pero muy, muy, muy concreta porque la formación especializada estaba orientada al trabajo en el ámbito de la administración. Entonces, había un cuerpo que se llamaba "el cuerpo facultativo", que era el que se dedicaba a gestionar el patrimonio documental, cuerpo facultativo en archivos y en bibliotecas. Entonces, ese cuerpo de funcionarios controlaba el acceso, entonces, preparaba el acceso y sabía quiénes eran los que accedían. Entonces, estaba la formación inicial en Humanidades, conocían básicamente las técnicas: la paleografía, las fuentes históricas, el conocimiento de los archivos y ya está. Cuando se rompe el monopolio del control de la profesión, entonces es cuando empieza la formación en las universidades, no una cosa como consecuencia de la otra, sino que se solaparon en un determinado momento. Cuando, como consecuencia de la constitución, las Comunidades Autónomas empiezan a adquirir más competencias, entre otras, las relacionadas con los sistemas archivísticos, los sistemas bibliotecarios, ya no hay un cuerpo estatal de funcionarios que controle, entonces, se rompe el monopolio y a la vez se democratiza la formación porque entra la universidad. Salvo en el caso de Cataluña, donde existía una Escuela de Bibliotecarias.
L1: Sí, es una excepción.
L2: Es una excepción y no funcionó siempre. Funcionó al principio, porque la peculiaridad de Cataluña hacía que hubiera facultativos del estado, pero luego había una cultura de bibliotecas públicas que era mayor en Cataluña que en el resto del estado español, salvo en Madrid. En Madrid había las mismas, en la Comunidad había las mismas bibliotecas públicas que en Cataluña, sólo que como Madrid era la capital del estado no se percibía como hecho diferenciador porque allí siempre había de todo, porque era la capital central. Entonces, en Cataluña, sí que había una Escuela de Formación de Bibliotecarias, en la que se iniciaron los primeros estudios de Biblioteconomía. Pero estudiando, por ejemplo, Rosa San Segundo…, ¿conoces a Rosa?
L1: Sí, sí.
L2: …Rosa San Segundo, su tesis doctoral fue sobre la introducción de los sistemas de clasificación en España.
L2: Ella luego esa línea de trabajo ya más historicista ya la ha dejado porque se aburría. Pero descubrió que

había un grupo de bibliotecarios que a principios de siglo, eran personas que estaban en contacto con la Federación Internacional de Documentación y que tenían relación epistolar súper fluida con {Paul Otlet y la Fontaine} que conocían las tablas de la CDU, conocían las normas de uso de catalogación internacional y que estaban…
L1: Autorizados.
L2: Sí. Lo que pasa es que el desarrollo social del país y la situación política no hacían que las bibliotecas fueran unos centros populares de apoyo a la enseñanza como fueron en los años ochenta. Entonces lo sabían diez, pero los lugares de trabajo eran súper concretos y muy aislados de la realidad, entonces, la capacidad de penetración de sus ideas era…
L1: Había un distanciamiento entre, por ejemplo, ellos y las universidades.
L2: Claro. Eran unos altos funcionarios del estado, pero que trabajaban en los grandes sistemas centrales a nivel estatal, pero con ninguna permeabilidad, porque no había apenas universidades y en las universidades no había centros de investigación, o sea, no había núcleos de investigación, ni pocos, ni muchos, no había. Entonces, no había, las bibliotecas no aportaban, no eran necesarias, no aportaban nada. Entonces, aunque hubiera un bibliotecario a lo que se dedicaba era a gestionar el patrimonio bibliográfico, o sea, los libros, las colecciones antiguas. Era una visión hacia detrás, o sea, no era para generar conocimiento, sino para custodiar el depósito. Y sabían de todo, pero da igual. La legislación de uso de la CDU en España es de las más adelantadas. En el año 39, Javier Laso de la Vega que era de…, la guerra civil se desarrolla en el 30. En España, conocer una periodización básica de la historia de España, el final de la monarquía, la Primera República, la Guerra Civil, la Dictadura y la Democracia es básico para entender todo. O sea, el marco político condiciona. Entonces, un alto funcionario del cuerpo facultativo, Javier Laso de la Vega, súper vinculado con el gobierno franquista, era de una familia fascista, bueno falangista sevillana. Un niño bien que se había educado, con un conocimiento del inglés y con una posibilidad de viajar que no era común en la época, tiene acceso a redactar una de las primeras leyes de bibliotecas y dice que en España se utiliza la CDU. Luego no había bibliotecas en las que utilizar la CDU, pero él que había viajado a Estados Unidos y a Gran Bretaña lo pone en una ley, pues vale. Entonces eso es, esa parte…
L1: Laso de la Vega, sí, tuvo una vinculación muy estrecha con la dictadura.
L2: Sí.
L1: O un apoyo ideológico, por lo menos.
L2: Sí, sí. Tuvo una vinculación muy estrecha con la dictadura, lo que no quita para que fuera un gran bibliotecario y que tuviera una visión de por dónde iban las líneas de las bibliotecas occidentales, impecable. Él tenía muy claro que había que homogeneizar los catálogos, que había que organizar los fondos bibliográficos de una determinada manera. En el año 44, cuando Europa está desangrada perdida en la Segunda Guerra Mundial, él traduce del francés y lo que no viene del francés, lo traduce del inglés, de las tablas de [Inaudible 39:18] y hace una primera adaptación, que publica en castellano en el año 44, de la clasificación decimal universal. Con una introducción que explica por qué los documentos no tienen que organizarse solamente de acuerdo con sus criterios, o sea, con sus condiciones de salvaguarda, sino que tienen que organizar el conocimiento, o sea, organizar la información que contienen, no el soporte físico, que lo lees y te quedas. Dices, este hombre decía esto, muchísimo antes de que… En Europa, por supuesto, porque Europa estaba desangrada, una guerra mundial y no se podía pensar, poner a pensar.

L2: Y el tío va y lo escribe en el año 44. Luego la realidad social del desarrollo de los sistemas de Información no acompaña ese pensamiento teórico, pero ahí está. Tuve ocasión de comprar una edición del año 44 de Laso de la Vega y como yo, cuando yo entré en la universidad a trabajar, yo era bibliotecaria pública y las primeras asignaturas que yo expliqué, los primeros catorce años de mi vida profesional, fueron siempre asignaturas relacionadas con la clasificación decimal universal, la catalogación, la indización porque a ninguno de mis compañeros les era muy práctico, y a ninguno de mis compañeros les gustaba. Y yo, venía de la práctica profesional y con formación lingüística, a mí, organizar la información me encantaba y la clasificación decimal universal es maravillosa, todo está en su sitio y nada se sale. Entonces, pues tuve ocasión de comprar en una librería de Viejo la primera edición e Laso de la Vega que estaba clasificada, como se pone clasificación decimal universal, por lo de decimal, el librero la había organizado en la sección de libros de matemáticas. Y hojeando pues la vi allí y dije, ¡guay! y me la compré, pues no sé si por diez euros. Sí y para mí, que yo siempre he explicado clasificación decimal…
L1: ¡Qué cosas!, clasificación, el libro de clasificación no estaba bien clasificado.
L2: No estaba bien clasificado. Y entonces me produjo…, o sea, estas cosas que a veces decimos en español friki, ¿vosotros también?
L1: Fri…
L2: Friki, del inglés monstruito. Cuando una persona quieres decir que es rara, en el sentido de muy peculiar, vosotros decís como exquisito, que es una cosa rara pero no buena.
L1: Sí, sí, sí.
L2: Exquisito.
L1: O extraño.
L2: Extraño, bueno, extraño. Cuando nos ponemos los profesores extraños, frikis, yo digo es que para mí, es que ese libro a mí me parece una emoción, porque es como…, yo qué sé, como la biblia y tal. Entonces, por supuesto nadie alrededor, esta mujer está tarada de la cabeza. Pero a mí me produce emoción ver que hace setenta años, ese tío que tenía una ideología perniciosa, ya entendía la importancia de la organización del Conocimiento. A mí me produce emoción.
L1: Sí, sí.
L2: Esto venía a que por un lado estaba la tradición profesional y que por otro lado, está la tradición académica. Y que la tradición profesional no es en absoluto, en absoluto desdeñable.
L1: Es que la historia contemporánea de España, haciendo una comparación con la brasileña, es que el

franquismo y, además de eso, la Segunda Guerra Mundial fueron impactantes.
L2: Determinantes.
L1: Determinantes.
L2: Sí, mucho más de lo que se cree.
(...)
L2: Que marcan claro. O sea, es que en una disciplina como la nuestra que es una disciplina social, de Ciencias Sociales, no puedes concebir el desarrollo y sus líneas y sus características al margen del contexto en el que se produce, porque es que ese contexto explica por qué determinadas cosas evolucionan o se detienen, o avanzan en una línea y llegan muy adelante o no. Las bibliotecas públicas, en España existía una durante la Segunda República, años 31 a 36, existe una valoración de la educación como no se había producido en ningún momento histórico anterior.
L2: Es la España de los años treinta en el contexto de la Europa de los años treinta. Entonces, las políticas de instrucción pública, pero las políticas de desarrollo de la cultura que llevan el teatro, llevan la literatura a todos los sitios, a todos los pueblos. España es un país súper montañoso, con dificultades de comunicación porque después de Suiza, es el segundo país más montañoso de Europa. España es un país que el norte y el sur tienen dificultades para conectarse, pero dificultades geográficas en un espacio relativamente pequeño. Se lleva la cultura de los grandes centros de producción de cultura, se lleva a todos los lugares. La gente aprende a leer, aprende a conocer los fundamentos teóricos de un trabajo y los fundamentos prácticos, o sea, las primeras técnicas de higiene, de conocimiento de educación para la salud, para la ciudadanía y demás. Y las bibliotecas escolares y las bibliotecas públicas acompañan a ese proceso de educación. Entonces, la guerra civil lo interrumpe, el país no solamente es que se desangra, sino que la concepción de la cultura cambia, o sea, las clases dominantes consideran que la cultura tiene que ser elitista y que no tiene que acceder todo el mundo. Entonces no es que no haya bibliotecas porque no hay dinero para sostener bibliotecas, que no había dinero al principio, sino porque la concepción ideológica dice que la cultura tiene que estar reservada.
L1: Sí, una decisión política.
(...)
L2: Pero en España, la dictadura está impulsada por la propia reacción, el sistema tan igualitario que proponía la República era un peligro para las clases, las élites dominantes. Entonces, por un lado, son las élites las que financian el golpe militar, o sea, banqueros, familias de banqueros, que sostienen esa visión oligárquica, pues alimentan a los militares. Y luego, en Europa están creciendo los fascismos, Alemania y los totalitarismos: Rusia, Alemania, Italia. Pero dentro de los totalitarismos, los fascismos: Italia y Alemania. Entonces, ésa es básicamente la fuente que nutre. Entonces, la ayuda alemana, la ayuda Alemania e Italia que eran los dos… Porque la Guerra Civil Española fue como un ensayo de lo que luego sería la confrontación de la Segunda Guerra Mundial. Entonces, ensayaron las formas de bombardear a la población civil, se ensayaron técnicas militares, se ensayó armamento. Bueno, políticas de información, se ensayó todo. Pero también lo que produjo fue, pues por ejemplo, el foto periodismo. El foto periodismo se desarrolla en España, Capa, Robert Capa, fotografía la Guerra Civil Española, se produce cinco años antes de la Segunda Guerra Mundial. Entonces, también se producen algunas de las cosas que se están produciendo en otros ámbitos, se producen con anterioridad. Y ¿qué es lo que pasa?, que cuando ganan los militares y las potencias internacionales que les habían dado soporte pierden, España no solamente queda mal porque ella se ha desangrado, sino que sus amigos son los perdedores.
L2: Entonces, se queda pobre y aislada. Entonces, durante los años cuarenta España vive como si fuera en una cápsula, ella misma, la reserva moral de occidente. Y ahí hasta que Estados Unidos decide cuando se está configurando la guerra fría entre Estados Unidos y la URSS y Estados Unidos tiene que sumar más aliados y entonces dice, ¡oh! Necesito… Bueno, primero Estados Unidos necesita bases militares en el sur del Mediterráneo. España que sigue siendo la reserva mundial, la reserva espiritual de occidente en esa época, busca la mediación del Vaticano y a través de la mediación del Vaticano, Estados Unidos empieza a exigirle a España que se abra, que no practique unas políticas de represión, o sea que el régimen se abra. Represión política tan duras dejan de…, en España la gente no muere durante la guerra civil, los matan después. O sea, no porque tienen…, son como los alemanes, son primos hermanos. En España lo que más se venera, o sea, en el subconsciente de cada español lo que se quiere es ser alemán. Entonces, se los venera y se los odia ¿vale? Se los odia porque, o sea, porque nos ganan en el fútbol ¿eh? y a la vez se los admira.
L1: No lo he escuchado, pero eso explica algunas cosas.
L2: Sí. Si tú quieres, en España, en la publicidad que explica cómo pensamos dice: "este coche es alemán" y te lo venden así, ¿lo has visto en la tele?
L1: Sí, sí, sí.
L2: Dice: "esta cocina es alemana" y ya para un español ya no tienes que decirle nada más. Ser alemán es lo que todo español quiere ser, alemán. Eso es histórico en la Edad Media, pero sobre todo es del último siglo.
L1: Se acentúa en el último siglo.
L2: Los españoles que tenían dinero, iban a estudiar a la Universidad alemana y aunque Alemania está partida en dos durante toda la época de la guerra fría, las relaciones internacionales más potentes son con Alemania. Pero no solamente es ideológico, o sea, cuando Felipe González tiene el primer gobierno socialista, tienen que buscar aliados, Willy Brandt, que es el jefe de la social democracia alemana, es su adalid. Entonces, ahora España está huérfana porque la señora Ángela Merkel no se casa con nadie, pero las relaciones internacionales en Europa se basan en romper la hegemonía o romper la hegemonía franco-alemana o la hispano-alemana. Porque España es o la tercera o la quinta economía mundial o europea por el volumen.
(...)
L2: Espera. La primera profesora de Documentación en España fue Emilia Currás.
L1: Emilia Currás.
L2: Emilia Currás. Emilia Currás tenía una asignatura en la Universidad Autónoma de Madrid que se llamaba "Documentación Científica". Ella era de formación química, ¿sabes dónde había estudiado químicas?

L1: No me acuerdo.
L2: En Alemania.
L1: ¡Ah! Sí, sí, me parece que ella conocía muchísimo a Robredo, de Brasil, Robredo.
L2: Sí.
L1: Sí, que falleció hace poco.
L2: Ella tenía muchos vínculos con gente del ICIP.
L1: Sí y me parece que su esposo murió en Brasil.
L2: Murió en Brasil, creo que sí.
L1: Sí, sí.
L2: Su familia era una familia de la alta burguesía del franquismo.
L1: Pero impartía clases, empezó en los 60 o en los 50 más o menos.
L2: En los 60 y en los 70…
L2: …ya tenía una asignatura dentro de la licenciatura de químicas que explicaba la Documentación.
L1: Sí, la bibliografía en química, por ejemplo.
L2: Sí.
L1: Interesante. En su opinión, ¿cómo surgieron las teorías lingüísticas y semióticas en la Documentación en España? Creo que ya habló un poco respecto de eso, no sé si quiere…
L2: ¿Cómo surgen?
L1: Sí. El uso de la lingüística en la Documentación y la semiótica en la Documentación.
L2: Yo creo que en parte, es lo que hemos comentado antes. Yo creo que en los últimos quince años, se ha reducido la influencia del substrato lingüístico y se ha incrementado la presencia del substrato de raíz semiótica. Pero porque toda la parte que viene la Information Retrieval, de la recuperación de la información, no reconoce explícitamente que tiene una base lingüística, sino que los de la teoría de la recuperación de la información se piensan que con el cajetín de google ya está todo. Pero ese sistema de representación no es lingüístico, o sea, yo creo que ha perdido peso el reconocimiento de la base lingüística, pero la recuperación de la información es lingüística. Pero los tecnólogos, los informáticos la omiten.
(...)
L2: Claro, claro. Es que yo creo que la matriz de raíz tecnológica considera la tecnología, que es un medio, como si fuera una disciplina, o sea, como si fuera una disciplina en sí misma. Y yo creo que debajo de toda la tecnología que nosotros utilizamos para organizar y recuperar la información está la lingüística, si no, no tiene ningún sentido. Los procesos, la manera en la que nosotros recuperamos la información, se denomina en la tecnología "etiquetar". Pero etiquetar es asignar un descriptor y ese descriptor tiene un sistema de reconocimiento, o sea, de validación social porque se utiliza, pues eso es lingüística ¿no?, o sea, que como el lenguaje que convenimos que las palabras significan porque aceptamos, negociamos que signifiquen. Entonces, yo creo que la semiótica que no tenía un reconocimiento explícito, ha servido para explicar el funcionamiento, o sea, ha servido para explicar el comportamiento informacional, los perfiles de usuario. Sirve para explicar otros tipos de fuentes de información que no son estrictamente las textuales, pero que la lingüística está debajo de lo tecnológico sin reconocer.
L1: Sí, además de estos comentarios… Sí, bueno, creo que ésta también fue ya discutida en aquel contexto científico en que estas teorías surgieron. Sí, ya fue…
L2: ¿El contexto?
L1: Sí, el contexto de los años ochenta, noventa, ya ha dicho, ya está.
L2: A mí me parece…, bueno, te pasaré la referencia del artículo de Purificación Moscoso. Una parte no me ha gustado, pero la otra es explicativa. Es explicativa, además, yo creo que en España, las titulaciones, o sea, la presencia en la universidad de los estudios no supera nunca los veinticinco, treinta años. Entonces, aún estamos en una fase muy embrionaria, aún no hemos generado perspectiva para estudiar la historia de nuestra ciencia ¿no? De cómo ha ido asentándose, entonces, falta un poquito.
L1: Que es más o menos lo que estoy intentado ahora.
L2: Claro. Yo creo que tú estás intentando hacerlo con una perspectiva que no se basa en la distancia en el tiempo, sino la distancia en el espacio. Yo creo que eso, nosotros no somos capaces de hacerlo porque no tenemos… Cuando estás metido en un…
L1: Impresión, objetivo.
L2: Y porque dentro de la disciplina, no se percibe como un centro de interés el conocimiento de la disciplina.
(...)
L1: Vínculo disciplinar y geográfico.
L2: Sí, pero disciplinar. O sea, Francia era nuestro país, a lo mejor no lo percibíamos como el mejor, pero sí que era nuestro espacio natural. O sea, era como… Y sin embargo, por ejemplo, no Portugal, que en el caso de nuestra disciplina es un tremendo error porque en Portugal se hacen cosas interesantes. Y España siempre ha decidido que no mire a Portugal, no es que no lo considera, es que no lo mira. Sí, es que la inercia es subir… Para nosotros, el norte es riqueza en lugar del sur.
L1: Sí, imagino.
L2: Entonces, el norte siempre lleva a subir. Yo creo que ese vínculo disciplinar con lo francés facilitó esa conexión con la semiótica que vino de los estudios de comunicación. Cuando en los años setenta, llegan los estudios de comunicación audiovisual y de periodismo a la universidad española, que les había pasado algo parecido a los de Documentación, que existía la práctica periodística, pero no existía la formación de Ciencias de la Comunicación. Y además ahí hubo un choque porque ellos se quedaron con la palabra información y entonces no la pudimos utilizar nosotros y nos tuvimos que poner la Documentación.
L1: Pero ahora está cambiando.
L2: Ahora está cambiando, sí porque ellos ya han ido al paradigma de la comunicación, en lugar de al paradigma de la información. Entonces, nosotros hemos podido movernos. Entonces, los primeros estudios semióticos llegan al mundo de la comunicación audiovisual y al mundo del periodismo como forma de explicar

los medios de comunicación, los mass media como forma de explicar la comunicación audiovisual, como forma de explicar la comunicación gráfica.
L1: Sí, pero hay un punto de vista, una proximidad geográfica que cuenta.
L2: Lo vincula.
(...)
L2: Es que para nosotros, históricamente también Francia es el primer lugar de salida. Entonces, por ejemplo, en la Guerra Civil, cuando la población civil, o sea, cuando el ejército sube por la frontera, pues lo que se hace es cruzar la frontera. Entonces, la gente sale y hay episodios, las fotografías de Capa, de la gente saliendo por la frontera, de Gerona. Entonces, es lugar, luego Francia tiene una relación ambivalente con España, una relación de…
L1: Sí, me parece que sí.
L2: Pero es el primer lugar de salida y acogida. O sea, Francia está llena de españoles, llena de españoles o gente que es de origen español. El primer ministro francés, Manuel Valls, pues nació en Barcelona. La alcaldesa de París Anne Hidalgo, pues sus abuelos eran exiliados de la guerra civil. Entonces, es como una relación de vecindad con todos sus problemas, pero digamos que nuestro espacio de salida natural ha sido Francia. Ahora, las comunicaciones son completamente distintas y luego el primer lugar al que los españoles cuando tenían posibilidad de salir a estudiar, a formarse era Francia.
L1: Era Francia. Y los que, no sé, los que tenían dinero…
L2: A Francia.
L1: A Francia y después a Alemania.
L2: Exactamente. Pero el alemán es una lengua que no es fácil para los españoles, entonces ir a Alemania, requería…, a Alemania, los españoles que iban a trabajar o a estudiar. Pero a estudiar solamente los que tenían un montón de dinero, porque Alemania…
L1: Sí, sí, para aprender alemán…
L2: Sí, el alemán es muy complicado y los españoles hasta ahora no han tenido facilidad para las lenguas.
L1: Como los brasileños. Creo que las cosas relacionadas con la traducción de las obras son muy importantes.
L2: Hasta los años ochenta, en la escuela en España aprendíamos francés. Y la escuela, o sea, el colegio nos enseñaba a hablar en francés y luego ya íbamos a la Educación Secundaria y ya en la Educación Secundaria, pues ya aprendíamos también inglés. Pero habíamos aprendido francés. Yo tenía en mi colegio una profesora que desde 2º de Básica, desde que teníamos siete años, nos daba clases de francés. Entonces eso…
L1: Facilitó.
L2: Claro, las diferencias, la forma en la que entran las lenguas en las cabezas de los niños marca completamente. Entonces, después…
(...)
L2: Sí. A mí me parece que libros del Catálogo de la Asociación de Bibliotecarios y Documentalistas franceses, para mí son básicos. Yo encuentro cosas de lingüística documental en francés muchísimo mejor y más actualizadas; cuestiones de terminología, todas las cuestiones de lingüística documental súper bien. Además, yo creo que los franceses tienen una cultura de la normalización a nivel social, que se traduce muy bien a nivel documental en su afán por organizar y sistematizar las cosas. Y los anglosajones son más empíricos, entonces les gusta resolver problemas, pero no reflexionar.
L1: De la manera más económica posible.
L2: Claro. Entonces, esa praxis, o sea, produce unos resultados muy eficaces en algunas cosas, pero necesitamos reflexionar, o sea, necesitamos saber por qué, porque si no nos convertimos en una técnica.
L1: Tecnócratas, solamente tecnócratas.
L2: Sí, sí.
L1: Vamos, no sé, creo que ya estoy tomando su tiempo y…
L2: Tengo media hora más, no te preocupes.
L1: Ahora, más específicamente, los conceptos semióticos. ¿Cuáles conceptos de origen semiótico son los fundamentales para la Documentación en tu opinión?
L2: Pues, aunque no lo parezca, yo creo que el concepto de sistema y el concepto de código son unos de los básicos. Y luego, todos los elementos que interrelacionan con ellos ¿vale? Yo creo que el código, el código, el sistema, es uno de los mecanismos básicos y luego considerar esa visión de que los signos se organizan en códigos, que los códigos tienen unas reglas y que las reglas tienen unos contextos de aplicación. O sea, el concepto de pragmática, para mí también es muy, para mí es muy importante. Luego no siempre es fácil transcender a nivel conceptual, o sea la malla conceptual no siempre es fácil, no siempre es fácil descender, pero yo creo que están ahí presentes. Tú, ¿cuáles crees que son importantes? Esto ya fuera de la encuesta.
L1: De la encuesta. Sí, creo que la línea pragmática es fundamental, aunque no esté…
L2: Reconocida.
L1: Muy reconocida y no suele ser estudiada mucho por los expertos en análisis documental.
L2: Claro, para mí, el análisis del discurso, el análisis del contenido, como técnicas y como objetos tienen sentido si tú en un nivel macro, consideras la pragmática.
L2: Porque si no…
(...)
L2: Claro, es que yo creo que el objeto de la disciplina, la semiótica permite considerar de forma distinta el objeto de nuestra disciplina, los objetos científicos de nuestra disciplina, aquello sobre lo que nos centramos, porque yo creo que en la mayoría de los casos se ha percibido que la función de los profesionales de la Información era facilitar el acceso al conocimiento. Pero yo creo que ahí es facilitar el acceso a la memoria del conocimiento, no el conocimiento es un intangible. Entonces, los sistemas de memoria del conocimiento han cambiado y no son sólo textuales y no son sólo lingüísticos.
L1: Han cambiado, exactamente, exactamente.
L2: Entonces, si no abrimos el paradigma dentro del cual nos movemos, seguimos vinculados sólo a la custodia,

a la difusión y a la comunicación de una parte de la memoria, que es el registro lingüístico.
(...)
L2: Porque muchas veces hablamos de transmitir el conocimiento, difundir el conocimiento, como si fuera algo que hiciera una máquina, que estamos muy vinculados al paradigma del concepto emisor-receptor. El paradigma que considera que la comunicación es como si fuera la comunicación de una máquina telefónica, como en su origen. Entonces, la comunicación es un acto que involucra, o sea, es un proceso que involucra mucho más que lo lingüístico. Nos comunicamos ahora con lo que nos estamos diciendo, o cómo nos miramos, cómo nos situamos en el espacio, con cómo vamos vestidos. Nos estamos comunicando de muchas formas distintas y los registros de la comunicación ahora tienen capacidad para incluir mucho más que la comunicación lingüística. Y si dejamos de lado todo ese proceso de comunicación de la memoria, pues es que nos vamos nosotros recortando nuestro ámbito de indicación.
L1: Sí, porque ahora, por ejemplo, en el campo de aplicación, los informáticos hacen muchísimo bien, por ejemplo el tratamiento de las cosas de la lengua…
L2: Claro.
L1: Muchísimo bien. Además de, aunque no hablen ni utilizan la lingüística.
L2: La lingüística la utilizan.
(...)
L2: Cuando aplicaba el paradigma semiótico para el estudio de las imágenes, ahora me da más igual, pero al principio lo que me sentí fue muy sola. Es verdad, sola, o sea es como ¡buf!, sí muy bien pero…
L1: ¡Está loca, qué está haciendo!, déjalo pasar, por favor…
L2: Exactamente, porque a la gente que se ocupaba del estudio de las imágenes en el entorno de los sistemas de los medios de comunicación ¿vale?, les daba igual. Quiero decir, una fototeca para un periódico, o sea, un sistema de información en el que hubiera imágenes pero que estaba en el entorno de un periódico, una televisión, pues les daba igual, porque ellos se consideraban dentro del espacio de, espera un momentico que contesto con una mano. Que se consideraban dentro de otro ámbito disciplinar. O sea, yo recuerdo en el trabajo, en la zona, o sea, en la línea de investigación de análisis de las imágenes, que a veces me encontraba con profesores, investigadores que trabajaban en análisis de imágenes, pero porque impartían asignaturas en centros o en titulaciones relacionadas con el periodismo, la comunicación audiovisual. Y lo que les preocupaba era cómo representar, no por qué representaban así, ni nada más. O sea, muy resolutivos, muy…
L1: Sí, procedimental.
L2: Sí, sí, efectivamente, como si fuera simplemente aplicar y ya está. Entonces, que todo lo demás, la fundamentación teórica de por qué tenía que ser así, te miraban como diciendo, pues vale, si tú lo dices… Entonces, eso, yo creo que es un déficit que arrastra nuestra disciplina ¿no?, el huir de los marcos teóricos.
(...)
L2: ¿Sabes lo qué pasó con Izquierdo?, que yo creo que Izquierdo es una de las personas que ha llevado a cabo una reflexión teórica más importante en nuestro ámbito, que él estuviera en una universidad del sur y el que él fuera una persona de trato no fácil.
(...)
L2: Y sin embargo, yo creo que él ha escrito cosas súper interesantes y yo cuando, ya perdida la etapa del miedo que ya no le tenía, no te daba susto, pues yo lo he escuchado en conferencias, yo siempre he pensado, ¡jo! Este hombre, esto que dice… Pero luego él tenía ese concepto del profesor de universidad distante y elitista, grandilocuente y tal. Y entonces eso…
(...)
L2: Pues yo recuerdo que yo estaba embarazada de Luna que tiene veinte años, fuimos a un Congreso, al Primer Congreso de ISCO en España y estaba todo el mundo y él separado en una mesa con otra persona. Y hablaba y hablaba de, o sea, yo creo que él buscó primero una base teórica en el ámbito de la lingüística porque yo creo que ésa era su formación inicial y entonces encontró una base para sustentar, porque dentro de las Humanidades, la lingüística es una ciencia muy sólida, con un manejo de la terminología muy estricto. Y es una ciencia muy robusta.
(...)
L2: Y la semiótica explica el mundo. Sirve para explicar el mundo, entonces yo creo que el paradigma semiótico es muy potente, porque permite ser aplicado a cualquier ámbito de la realidad social, mientras que la lingüística solamente se aplica a los sistemas de comunicación lingüísticos. Y fíjate Barthes, cuando tú lees en Roland Barthes el sistema de la moda y te explica cómo significa, claro o te explica cómo funciona la fotografía o te explica cómo es… Yo cuando leí el del sistema de la moda que es uno de los más sencillos y él explica que la moda funciona como un sistema de representación teatral. Hay que considerar que en la forma en la que se articula el espacio es como si fuera un escenario. Entonces, te permite comprender no sólo esa realidad, sino otras muchas realidades muy próximas ¿no? Cómo se construye el espacio en la imagen fotográfica, entonces a mí, eso es lo que te produce Barthes, es que te resuelve un problema, no te genera un ámbito de…
L1: Sí, yo lo veo como uno de los primeros, si no fue el primer semioticista o semiólogo, como prefiera, que hizo una investigación, porque con Saussure había un proyecto de semiología.
L2: Sí, es que Saussure lo que hace…
L1: Una idea de que va a existir una ciencia…
L2: Una ciencia de los signos.
L1: Del futuro, pero en la práctica no existía, creo que Barthes efectivamente…
L2: ¿Por qué? Porque yo creo que cada uno responde a su momento histórico. Entonces el aporte de Saussure, es que viniendo de la lingüística aplicada…
L1: Hay que estructurar un campo que es la lingüística.
L2: Exactamente. Pues él observa del positivismo científico de finales del siglo XIX, que estudian todas las cosas como entomólogos que están recoleccionando insectos, él es capaz de extraer las reglas universales que funcionan en lenguas distintas. Entonces, aplicarlo a un campo de estudio tan diverso en la manifestación, en el

nivel superior de las manifestaciones lingüísticas es muy grande y se agota su aporte. El problema es que desde ahí hasta los cincuenta años siguientes no hacen nada más.
(...)
L2: Claro y luego, yo creo que Barthes lo que da es como Eco en Italia, lo que da es una respuesta a las características del entorno real y entonces a explicar, porque a mí de Eco que me resultan sus Tratados de Semiótica duros, lo que me sirve es cuando luego hace aplicaciones al…, el mundo de los súper héroes, ¿qué significa un súper héroe?
L1: Sí, los dibujos animados.
L2: Exactamente.
L1: No, animados no, como…
L2: Pero él es consciente de que la comunicación ya supera el estadio de lo lingüístico, lo textual y la forma en la que se comunican las sociedades ya es más relevante. O sea, en esas sociedades es más relevante los medios de comunicación social que cualquier otro mecanismo. Entonces yo veo a Eco como también hijo de su eco canon.
(...)
L2: Efectivamente, es el padre de la semántica, que está estableciendo esas conexiones entre el código lingüístico y otros códigos, que tienen unos comportamientos que yo creo que lo que les pasa es que el concepto de código y la relación que se establece entre el significado y el significante en la teoría saussiriana los ata, o sea, que les impide volar más lejos. Entonces, cuando empiezan a permitirse a sí mismos articular una relación entre el significado y el significante, que se vehicule de una manera distinta, es como si, hasta que no se dan ese permiso a sí mismos, porque el concepto de código de Saussure les marca mucho, pero ya no van a encontrar ningún código tan aquilatado y tan definido como el lingüístico. Y ahí, ahí…
L1: Sí, exacto, el empirismo de los códigos, ahora que se discute en semiótica, que es algo que tampoco hablamos en la Documentación.
L2: No.
L1: Sí.
L2: A mí me interesa, fíjate, dentro del ámbito del análisis de las imágenes, me interesa mucho el híper, o sea, no el hipermedia sino el transmedia, o sea, cómo los significados trasvasan y sus significantes trasvasan de un medio a otro. Y como en cada medio, articulan un sistema de relaciones completamente distintas.
(...)
L1: Justificar por qué estar estudiando algo en Documentación tiene que ver con semiótica.
L2: Exactamente. Eso es y que no era algo que no fuera específicamente documental y que no fuera algo que le habías arrebatado a otro ámbito de conocimiento. A mí, aquello me dejó exhausta, exhausta. Y luego encontré que era fácil aplicar modelos de trabajo parecidos al análisis de las imágenes que yo había aplicado a la publicidad. Pero me lo permitían entre comillas, mis compañeros como una especie de divertimento.
(...)
L2: Y entonces encontré que el concepto de memoria, el concepto de memoria me permitía en el paradigma de la historia que se llama "Historia del Tiempo Presente". Los que hacen historia del tiempo presente, de la mano de un señor que no es semiótico, un historiador británico que se llama Peter Burke, visto y no visto. Él considera que las imágenes son un tipo de fuente de información para la historia, que permite, entonces a través el vínculo de fuente de información, o sea, que es estrictamente documental y que permite ampliar el catálogo…
L2: …de nuestro objeto de estudio como los registros documentales, encontré una vía de conexión. Y ahí en esas, mira encontré…
(...)
L2: La historia, claro, la historia del tiempo presente, la historia de las mentalidades, les permite considerar otros elementos como registros de la memoria social, el patrimonio social del que nos ocupamos, distintos del texto escrito. Y ahí volví a encontrarme a los franceses. Mira, las últimas cosas que estoy leyendo de análisis de imágenes, es este señor, {Didi Huberman} que es francés y que estudia las memorias, las memorias de determinados acontecimientos históricos. Él es historiador del Arte, yo me había leído éste: "La invención de la histeria". En el positivismo, cuando hacen fotografías los franceses de las personas con enfermedades mentales y estudian tipologías de enfermedades a través de los registros. Y éste me resultaba, o sea, se me quedaba lejos de todos…
L1: También del arte.
L2: Sí, de todos los paradigmas. Pero, conociendo al señor, encontré ésta y dije ¡uy! Y él enlaza con la tradición de Barthes, no lo declara como una de sus fuentes, pero practica la semiología.
(...)

ENTREVISTADO 17

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado
L2: Vamos a ver, la mayor parte de la investigación ha estado relacionada con recuperación de información en la Web, básicamente en mi caso. Y en el caso de utilización del lenguaje, siempre es necesario cuando estás con recuperación de información hacer un tratamiento de la información textual con la que estamos trabajando. Toda la información siempre está centrada en utilización de texto completo, por lo tanto, no trabajamos con lenguajes controlados, pero la optimización de los motores de recuperación sí requieren de técnicas como pueden ser lematización o {steming}, mejorar el proceso de indización y utilizar algún tipo de ranking para hacer el posicionamiento de la información. Entonces, fundamentalmente está centrado en este aspecto. Más recientemente, trabajo en temas relacionados con twitter y en alguno de ellos sí trabajamos con los términos que aparecen en los tuits, entonces hacemos algún tipo de operación sobre ellos, para intentar comprobar si se mejoran o no se mejoran los resultados. Fundamentalmente, es en torno a recuperación, recuperación de información todo, básicamente.
L1: Sí, vale. ¿Hay una teoría lingüística o no lingüística que ustedes en general trabajan?
L2: No. Normalmente no, normalmente no.
L1: Pero los estándares son fundamentales, por ejemplo, estándares [Inaudible 1:51], no sé, los términos para la recuperación.
L2: Lo que pasa que, vamos a ver, en recuperación normalmente se trabaja…
L1: Con el lenguaje natural.
L2: Con lenguaje natural. Claro, entonces, vamos a ver, lenguaje natural pero luego en el proceso de indización, se aplica por ejemplo, un {steming} y con eso generamos, generamos índice fundamentalmente. Por lo tanto, en nuestro trabajo, no estamos haciendo, lo que suelen hacer, por ejemplo, en procesamiento de lenguaje natural que hacen tratamiento más sofisticado, porque a nosotros nos funciona bien y además se está demostrando que se están recuperando un poco las viejas técnicas que son mucho menos costosas computacionalmente y que están dando tan buenos resultados e incluso mejores que tratamientos mucho más sofisticados.
L1: Es importante.
L2: Entonces, solemos trabajar con unos esquemas digamos más clásicos, pero que se están volviendo a recuperar ¿eh? Ha habido una época en la que estábamos todos inmersos en buscar el sistema que nos permitía una precisión para pasar de un cero ocho a un cero ochenta y dos. O sea, nos estamos moviendo a niveles de ese tipo y en la mayor parte de los Congresos, los niveles de precisión que se están consiguiendo son mejoras de décimas exclusivamente. Y recientemente y en algún Congreso al que hemos asistido, recuperando técnicas básicas, se están obteniendo resultados, resultados muy similares. Lo que nosotros hemos incorporado desde hace años es la utilización de la información de los enlaces, no estás trabajando con información Web, que tienes la información del enlace, lo que hace es que se añade la información de los enlaces en general. Entonces, trabajas con grafos y ahí eso se añade al proceso de recuperación y ahí sí se notan mejoras, pero realmente no estás haciendo una aplicación relacionada con el lenguaje, sino exclusivamente información de tipo hipertextual de lo que es el enlace. En algunos casos se amplía con la información en los enlaces.
L1: Con los enlaces es posible restringir el significado, no restringir, por ejemplo, tener más precisión.
L2: Lo que se busca es mayor precisión, correcto. Pero a veces lo que te sirven los enlaces es para no restringir, sino aumentar las posibilidades. Si tú haces una consulta y obtienes diez documentos y esos diez documentos, los enlaces que te vas al documento que te están apuntando, incorporas esa información a una nueva consulta, lo que hace es que te está sirviendo para ampliar.
L1: Sí.
L2: Con lo cual, estás haciendo una expansión de consultas y amplías. Entonces, en ese caso, te puede servir para eso.
L2: Hay esas dos posibilidades.
L1: Bueno, yo también trabajo con el significado. No el significado conceptual que las personas tienen, pero con la red es posible…
L2: Sí, sí, sí.
L1: Con los lenguajes, por ejemplo.
L2: No introducimos el factor de forma premeditada. Es decir, para nosotros, el significado a priori es menos relevante, pero explícitamente utilizando este tipo de técnicas estás consiguiendo eso, sí.
L1: Interesante, interesante. Bueno, ¿qué entiendes tú por semiótica?
L2: Pues no creas tú que lo tengo yo muy claro, qué poder incluir sobre el término semiótica. No lo tengo nada claro.
L1: Hay, no sé si conoces algo sobre semiótica computacional.
L2: ¿Sobre?
L1: Semiótica computacional.
L2: No, no. No he visto, no he trabajado sobre ello.
L1: Sí. Y ¿qué te parecen las teorías lingüísticas y semióticas que se utilizan en la Documentación en España?
L2: Vamos a ver, yo desde mi punto de vista, los lenguajes controlados adolecen de muchos problemas en el

proceso de recuperación y estoy totalmente en contra de la utilización de lenguajes controlados personalmente. En determinadas situaciones creo que pueden ser útiles, pero no responden a la realidad y a las necesidades de información que tiene el usuario.
(...)
L2: Yo tengo mucha experiencia en ese tema. A ver, llevo muchos años ya trabajando en esto y en los inicios, pues evidentemente trabajábamos con lenguajes controlados fundamentalmente. Vamos a ver, hay una cuestión fundamental, y además ayer tenía máster con los alumnos de la Ingeniería Informática y hablábamos precisamente de este tipo de cuestiones, en la asignatura de recuperación. Vamos a ver, la utilización de lenguaje controlado, primero tiene un coste en tiempo elevado a priori. Normalmente requiere de personas que son especialistas, que son los que realmente van hacer la asignación de los términos índice, digámoslo así. Y eso requiere tiempo y requiere dinero, tiene un coste, tiene un coste elevado. Es decir, a veces no se tiene en cuenta y te dice, no, no, si no cuesta nada porque ya tengo a estas personas trabajando en el Centro y entonces no me cuesta nada porque yo les pago lo mismo. Dices, sí, pero están haciendo una labor que es muy costosa en tiempo, que le quita de hacer otras labores. Pero bueno, imaginemos que disponemos de tiempo y disponemos de dinero, no hay problema, pero sí hay un problema en el proceso de recuperación de información. Si vamos al antiguo esquema de disponer de un documentalista que nos hace las consultas, como ha sucedido en muchos Centros. Tienes un documentalista, los investigadores acuden a él: "necesito toda la información relevante sobre estos temas". Entonces, el especialista consultaba a las grandes bases de datos y te ofrecía unos resultados. Los resultados son buenos, muy buenos, ¿por qué?, porque el especialista conoce muy bien el entorno, el lenguaje que se ha estado utilizando y los resultados funcionan. Pero yo creo que esa etapa la estamos ya superando, es decir, ya tenemos al usuario que es el que busca, ése no quiere intermediarios y cuando ese tipo de consultas sobre lenguajes controlados…
L2: …los hace el usuario normal, los resultados son muy malos, está demostrado. O sea, no estoy inventándome nada que no esté ya publicado por grandes investigadores. Es decir, los resultados son malos, descienden enormemente. Entonces, salvo en algún entorno muy específico que puede venir bien la utilización de una ontología, de un tesauro, en líneas generales, los resultados no son buenos a la hora de la consulta. Y yo creo que es ahí donde está el mayor problema, ya si le añadimos que económicamente es costoso y en tiempo es costoso… Cuando estás trabajando con texto libre, que en el caso de España, yo creo que en España cuando se habla de recuperación de información, se habla precisamente de recuperación con lenguajes controlados, porque es fundamentalmente con lo que se está trabajando, trabajan con colecciones relativamente pequeñas y que son más o menos abordables. Pero claro, cuando tienes un volumen de información extraordinariamente grande, eso es muy complicado. El proceso de indización es costosísimo y normalmente en muchos sitios la generación de nueva documentación supera el tiempo de generación de esos índices. Cuando trabajas a texto completo, puedes acudir a las técnicas de recuperación de información clásicas, trabajar con modelos vectoriales o con modelos probabilísticos, en los que reduces enormemente el proceso de generación de los índices. Puedes disponer de un motor de consulta en dos días, con volúmenes de información muy grandes y la ventaja es que el usuario cuando va a hacer su consulta. El usuario tiende a hacerlo en lenguaje natural y entonces el proceso de consulta se adapta muy bien a realizar ese tipo de trabajo. Y los niveles de precisión, en la actualidad, son niveles de precisión muy altos. Se están consiguiendo niveles de precisión muy altos trabajando sobre modelo vectorial. Y si haces una comparativa con sistemas de lenguaje controlado, consultando al usuario ¿eh?, sin especialistas de por medio, el sistema vectorial gana totalmente, sobre el sistema del lenguaje controlado. Pero centrado en lo que es en España, es por lo que me preguntas, yo creo que hay una concepción de seguir trabajando con los sistemas conocidos. Claro. El trabajo con sistema vectorial supone un cambio de pensamiento importante. Yo creo que a veces ese cambio, no se quiere hacer, es costoso. O sea, pasar de trabajar en los lenguajes controlados que más o menos está todo muy establecido, a trabajar en un modelo vectorial, que además exige ordenador, exige otros… Yo creo que es ahí por donde cuesta un poco. A mí, a veces me sorprende, todavía vas a algún Congreso y vuelve a aparecer los sistemas facetados, a mí me sorprende personalmente ¿eh? A mí me sorprende mucho que se siga trabajando sobre este tipo de cuestiones, salvo una concepción puramente teórica.
L1: Sí e histórica.
L2: Claro.
L1: Sí, eso es lo mismo por ejemplo, una persona que está haciendo una tesis de máster respecto a la historia de este concepto.
L2: Sí, sí, sí, ahí perfecto.
L1: Ahora, en la actualidad estoy de acuerdo que hay muchas cosas que ya están superadas.
L2: Claro, pero es que… Es decir, toda investigación que hagamos, sea en el ámbito que sea, tenemos que pensar en que al final tenga un producto final operativo. Es decir, que si diseñamos un sistema con lenguaje controlado, que en nuestra investigación y en nuestro trabajo funciona muy bien, no puede quedarse solamente en el artículo científico de que eso funciona muy bien, tenemos que tener una implementación práctica en situación real. Desde mi punto de vista hay que hacerlo así, porque si no lo otro es elucubraciones que uno hace, dice, bueno, esto puede funcionar, no, no, pero hagámoslo y montémoslo sobre un sistema real. Entonces, montémoslo en una empresa, en una institución pública que tiene una generación de documentos muy grande. ¿Funciona ahí?, ahí es donde lo tenemos que probar. Lo que está claro es que los sistemas de recuperación utilizando un modelo vectorial o un modelo probabilístico funcionan en situación real y con grandísimos volúmenes de información. Por ejemplo, es los buscadores Web: Google, Yahoo… Es decir, estamos trabajando con millones de documentos y se está trabajando fundamentalmente con modelo vectorial.
L2: Y eso funciona y eso está probado y yo qué sé, alumnos nuestros de aquí de la Diplomatura al final de su curso académico son capaces de montar un motor de consulta operativo. Y bueno, son alumnos que no tienen conocimientos tecnológicos fundamentalmente; algunos sí, pero en su mayoría no y al final son capaces de producir utilizando las herramientas que hay. Quiere decir que cuando ya tienes los conocimientos, en muy poco tiempo tienes un motor de consulta eficaz operativo. En el caso, por ejemplo, de una empresa o una

institución no hay que darle muchas más vueltas. Tenemos software disponible que nos permite hacer eso, con volúmenes de información muy grande.
(...)
L2: Mira, está pasando algo muy curioso con la recuperación de información, además se está viendo en los últimos años de forma muy clara. Los profesionales que están en el mundo de la Documentación siguen trabajando con la recuperación, básicamente con lenguajes controlados. Hay profesionales que no, que están trabajando en recuperación probabilística, vectorial etc. Algunos incluso, hacen algo relacionado con procesamientos de lenguaje natural. Digamos que el nicho de lo que es la recuperación de información ha estado medio vacío de la gente de la Documentación y ahora son los informáticos los que están ocupando, están copando además, todo lo relacionado con recuperación de la información. Además clarísimamente. En los últimos tiempos han empezado a ver que es un campo con enormes posibilidades y se está copando por parte de los informáticos. Y yo creo, desde mi punto de vista, que los documentalistas, información-documentación se están viendo un poco relegados en este caso. Comunicación, poca, desde mi experiencia poca, porque hay un cierto miedo por parte de las personas de Documentación o una sensación de que se están metiendo en nuestro terreno. Hay personas que sí, hay personas muy abiertas que han comprendido claramente que la Documentación no puede sobrevivir siendo sólo ellos, sino que hay que abrirse a otras disciplinas. Pero eso está costando ¿eh?, está costando mucho, sobre todo en el entorno docente. En el entorno docente yo creo que está costando mucho.
L1: Sí y empieza todo por la academia, por el entorno docente.
L2: Sí, sí, sí. La prueba más evidente la tenemos aquí en este Centro. Está el Departamento de Biblioteconomía, de informática somos seis personas y siempre ha habido como una barrera en medio, siempre.
L1: ¿Y las relaciones con la parte de traducción?
L2: Vamos a ver, con traducción la relación es dispar. Hay una persona de informática que es la que da la parte de la informática en traducción, pero con el resto poco más. Yo por ejemplo, sí he trabajado a nivel investigación con compañeros de traducción a nivel de investigación, pero desde el punto de vista docente, no. Ahora seguramente hay una persona que es la que tiene digamos la mayor parte de la docencia, vamos, da la parte de informática.
L1: Sí, sí. ¿Pero en términos de investigación?
L2: En términos de investigación menos.
L1: Menos.
L2: Sí, menos. Además, yo creo que, opinión personal ¿eh?
L2: Yo creo que lo que están haciendo es excesivamente básico. El trabajo es muy, muy básico, y centrado en algunos aspectos yo creo que muy menores. Yo creo que muy menores.
L1: Sí, porque más allá de la Documentación, área de traducción empezó junto con los informáticos a la traducción automática.
L2: Claro.
L1: Que creo que es un campo que hay mucho que hacer.
L2: Sí. Ahora estamos con los compañeros de la traducción, ha sido una oferta que nos han hecho ellos para tener una mención en su titulación, una mención tecnológica. Es decir, hacen el Grado en traducción e interpretación, pero los que van por una rama, tienen digamos una mención tecnológica. Entonces, ahí se está organizando ahora, a ver si finalmente sale, en la que la carga de docencia aumenta considerablemente por parte de nuestro Departamento y ahí ya se engloban apartados como lingüística computacional, tratamiento de corpus lingüísticos. Bueno, ahí si eso finalmente sale, sí puede haber una muy buena relación, porque yo creo que sí hay campo.
L1: Sí, entonces yo puedo afirmar que efectivamente el campo de la traducción está más adelantado que la Documentación en las relaciones con la lingüística y la informática.
L2: Sí, claramente, claramente. De hecho, una prueba buena es que los compañeros de traducción se están planteando ese cambio, pero ellos mismos dicen que en otros centros a nivel europeo el trabajo es absolutamente multidisciplinar. Y que necesitan de la parte informática y que trabajen en común. Es claramente.
L1: Ellos se dieron cuenta de eso hace algunos años más o menos…
L2: Sí, sí, sí, sí. No, ellos ahora lo están viendo muy claro, que el camino tiene que ir por ahí. En el caso de Docu no es así ¿eh?, no, no.
L1: Sí, porque imaginamos que la traducción automática, si vas a estudiar la traducción, también además de los informáticos. Y la recuperación de la información, los documentalistas, a ellos también les interesa eso. Pero no debe pasar con el mismo nivel de interés ¿no?
L2: Pero fíjate, es curioso, en la facultad en la que estamos: traducción y documentación. Pero tienes traducción por un lado, departamento importante. Documentación, departamento de nivel medio pero interesante. Y tienes posiblemente una plantilla de seis profesores solamente de informática que están adscritos a la facultad. Es una situación muy extraña, porque no suele ser lo habitual en España ¿eh? De hecho, lo que son las facultades de Documentación, digámoslo en sentido genérico, la mayor parte de la docencia que realmente es informática, salvo algunas excepciones, la están haciendo profesores de Documentación. Y, vamos, lo que yo conozco ¿eh?, lo que yo conozco de programas que he visto, son unos programas muy limitados, con sólo una parte muy mínima de lo que realmente se puede dar. Hay otras facultades en las que eso no es así, es decir, se está impartiendo la parte de informática por profesional de informática. En muchos sitios eso se ve como algo negativo, todo lo contrario, yo creo que es lo más positivo que puede suceder.
(...)
L2: Es que, vamos a ver, es necesaria. Esa comunicación es fundamental y es que hay mucho campo común.
L2: Y entonces lo más lógico sería trabajar en común y proyectos comunes de ambas áreas, conviviendo sin ningún tipo de problema. Pero bueno, no se ha hecho así en líneas generales y aquí, por ejemplo, en (...) siempre ha habido Departamento de Informática, parte adscrito a la facultad, siempre. De hecho, las seis

personas que estamos, estamos desde hace muchos años.
L1: Entonces, ha sido una excepción en la facultad.
L2: Ha sido una excepción, pero sin embargo… Mira, yo, el día cinco he hecho veinte años en la casa, o sea que ya llevo veinte años de profesor. Bueno, a estas alturas deberíamos tener una mucha mejor comunicación. No existe, no existe ese intercambio, es así.
L1: ¿Conoces conceptos semióticos o lingüísticos que son importantes en la Documentación en España?
(...)
L2: Vale, sí, temas de clasificación sí.
L1: Son conceptos lógicos, no son conceptos básicamente de la Documentación.
L2. Sí, sí, no sólo de Documentación, al contrario…
L1: Además de ellos, son conceptos que nacieron en la Documentación… No, son conceptos lógicos, muy antiguos por supuesto, pero son conceptos que se suelen utilizar.
L2: Sí, son conceptos que en muchos casos siguen siendo válidos, siguen siendo válidos. Es decir, no hay por qué renegar de esos conceptos base, al contrario, es bueno mantenerlos, eso es interesante. Lo único que hay que hacer planteamientos nuevos posiblemente.
L1: ¿Podrías apuntar otros conceptos que suelen utilizar en la Documentación?
L2: Bueno, hablan mucho del tema del facetado o el tema tesaurus. Ahora se ha puesto de moda ontologías.
L1: Se ha puesto de moda.
L2: De moda, sí, yo creo que sí. Es interesante, las ontologías son interesantes, a mí, además Javier García Marco hace tiempo me paso material porque yo estuve pensando en cambiar mi línea de investigación e irme por esa parte y demás, y me pasó una documentación. Y la documentación que me pasó me resultó muy interesante ¿eh?, me resultó muy interesante. Lo que pasa que luego he llegado a la conclusión y además visto lo que se ha presentado en algunas ocasiones en Ibersid relacionado con ontologías. He sacado la sensación de que está todo en un entorno muy, muy académico.
L1: Muy teórico.
L2: Muy teórico, muy teórico.
(...)
L2: Sí. Es un problema gordo, es un problema gordo. En el caso de una base de datos de tipo medio, el problema es un poco menor, además si tienes a profesionales trabajando, puedes desde una mejor manera intentar uniformizar, pero cuando estás trabajando con la información que está en la Web, el problema es enorme, claro, es decir, el autor… Porque el problema es que amplia mucho más. Es decir, no solamente que tú firmes de diferente forma. Yo, por ejemplo, siempre firmo de la misma manera mis artículos, pero…
L1: Hay otras personas que tienen el mismo nombre…
L2: No, no, no. Pero fíjate, pero yo sin embargo firmo siempre igual, pero luego a veces las revistas lo ponen como ellas quieren. Y entonces, de repente, me quitan el Luis, me quitan el Jose…
L1: Sí, hay una abreviatura de algo.
L2: José punto L punto, o JL, incluso firmando siempre igual. Yo firmo siempre igual de toda la vida. Bueno, si tú buscas, unas veces me ponen (...) directamente, que es mi segundo apellido, es decir, incluso firmando siempre igual…
L1: A veces le quita…
L2: Sí, sí, sí. Entonces incluso así es muy problemático, ya sin entrar en que pueda haber otra persona que tenga las mismas iniciales y demás, ya sin entrar en ese tema. O sea, solamente para identificar lo que es mío, ya solamente plantea un problema, sí, sí, ¿eh? Entonces, es un tema interesante centrado en lo que es… Ahora que se habla tanto de las métricas alternativas, las altmetrics, sobre todo centrado en los sistemas de evaluación, porque al final, publicar en las revistas cuesta mucho, mucho tiempo. Te ponen muchas dificultades. Dices, bueno, si yo publico y tengo cosas en la red que se visitan, que se leen, pues por qué no va a servir para sistemas de evaluación ¿no? Entonces, ahora se mueve mucho las métricas alternativas y entonces el poder identificar lo que es tuyo y que te asignen lo tuyo y que lo mío se me asigne a mí, es un problema interesante a la hora de hacer el cálculo.
L1: **P**odrías describirme cómo está el nivel de contacto interdisciplinario entre Documentación y lingüística, y añadimos informática. (...)
L2: El caso nuestro como bien dices es un poco especial y, de hecho, aunque los seis que estamos hemos impartido todos en Documentación, bueno, ahora este compañero básicamente da en traducción, están digamos cubiertas esas relaciones ¿no? entre los tres departamentos, vamos a decirlo así. En otros centros, los que conozco, normalmente no es así ¿eh?, aunque los que son un poco listos se están espabilando. Sí, sí, los que son un poco listos lo que están viendo es que necesariamente tienen que trabajar con lingüistas, pero no sólo eso: matemáticos, estadísticos, etc., etc. Claro, nosotros, por ejemplo, algunos compañeros formamos parte del Instituto también de Ciencia y Tecnología de aquí de la Universidad ¿no? Y entonces es curioso porque ahí esos problemas no existen, al contrario, es un Instituto de Ciencia y Tecnología, en el que formamos parte miembros de todas las ramas posibles. Estamos algunos de Informática, algunos de Documentación, algunos de Filosofía, algunos de Farmacia, algunos de Economía, algunos de Estadística, algunos de Audiovisual, Historia de la Ciencia. Es decir, hay un compendio de conocimientos realmente muy importante. Ahí no hay ningún problema, además, es el propio funcionamiento del propio Instituto. Ahí el trabajo interdisciplinar es básico, de hecho, los diferentes proyectos que están saliendo, pues nos toca, dependiendo de lo que sea el proyecto, pues los que son más afines a ese tipo de… Eso funciona por ejemplo muy bien, está dando muy buenos resultados. En Docu no es tan habitual, no es tan habitual. Hay algunas titulaciones de alguna universidad que son prácticamente en exclusividad los de Docu y no tienen mucha más relación con otras disciplinas. Entonces, ellos solos son los que se organizan todo.
(...)
L2: Sí, sí, sí. Yo creo que en el conjunto de lo que son las titulaciones en España, no es lo habitual ¿eh? Yo creo que eso no es habitual en absoluto.

L2: Hay algunas titulaciones en las que sí, es decir, la parte de informática la dan, a lo mejor tienen estadística… Pero eso ha venido un poco determinado por los Planes de Estudio. En Documentación, el primer año hay normalmente lo que son las asignaturas básicas que se llaman. Entonces, esas asignaturas básicas son transversales, pues obligatoriamente, pero es obligatoriamente por ley, por Real Decreto. Están formadas por profesionales de otras ramas del Conocimiento. Entonces, claro, sí tenemos que aquí en el Grado en Biblioteconomía, pues si hay una persona de Estadística porque da la asignatura de Estadística, que es una asignatura básica, o tenemos gente de Derecho, porque hay dos asignaturas de Derecho en el Plan de Estudios en básicas o tenemos un inglés como asignatura básica, que es una persona de traducción. Es decir, eso sí lo hay. Ahora bien, son personas que vienen, dan sus clases y no tienen mayor relación con lo que es la titulación. Entonces, claro, aunque sí están inmersas esas personas en la parte docente, el que es de Derecho está en Derecho y entonces, viene, da sus clases y su investigación, su trabajo es allí, pero no hay una relación fuerte relacionado con esto. Y entonces, claro, desde ese punto de vista, pues se queda un poco cojo esa comunicación. Y bueno, es así, es así, no hay que buscarle más vueltas al asunto. Es así el funcionamiento, el funcionamiento que se está produciendo. Entonces, lo ideal sería pues que hubiese un mayor trabajo con ese tipo de perfiles, algunos de los cuales pueden ser interesantes para los alumnos. De hecho, por ejemplo, Estadística que me viene, pues ha habido algunos alumnos del Grado en Información y Documentación que a raíz de tener la asignatura de Estadística, les gustó y han estado con becas, becas en el Departamento de Estadística y les resultó muy interesante y algunos han seguido por ahí. Han descubierto que por ahí había un campo interesante, luego aplicado a la Documentación.
L1: ¡Ah!, sí, sí. ¿Pero suelen hacer eso solos los alumnos?
L2: Sí, sí.
(...)
L1: Importante. ¿Podrías indicar los teóricos actuales de España en Documentación que trabajan con las temáticas lingüísticas?
L2: ¿De Documentación que trabajen con lingüística?
L1: Con lingüística o semiótica.
L2: De Documentación no se me ocurre, a mí no se me ocurre nadie, ¿de Documentación con lingüística?
L1: Sí. Pero hay compañeros que trabajan con indización automática por ejemplo.
L2: No. Yo no conozco. De España, no.
L1: De España no.
L2: De España no.
L1: No sé, hay una pregunta que no está en la encuesta. No sé si ¿has trabajado algo con Isidoro Gil Leyva?
L2: No, con Isidoro no. Con Isidoro no.
L1: Que trabaja creo que algo respecto a indización.
L2: Sí, es cierto. Alguna cosa he visto de Isidoro muy por encima y es cierto, sí, pero no, con él no he trabajado. De hecho, en nuestro caso no solemos trabajar prácticamente con nadie del entorno de la Documentación. Nosotros tenemos un problema, el problema nuestro es el siguiente, es muy sencillo: nosotros a todos los efectos pertenecemos al Departamento de Informática, Área de Lenguajes y Sistemas y eso nos dificulta el acceso al mundo de la Documentación. Es decir, a nosotros se nos ve como unos extraños en el conjunto de lo que puede ser el mundo de la Documentación y, por lo tanto, estamos, por un lado, aislados de esa parte ¿no? Bueno, ahora en España ya casi no hay Congresos, salvo Ibersid, sí poco más queda ¿eh? del mundo de la Documentación. Está la {Fesadif} que es cada dos años, pero…
(...)
L2: Fíjate ISKO, ISKO es muy curioso. En ISKO a nosotros se nos ha vetado siempre en ISCO España, siempre, se nos ha vetado, o sea, así.
(...)
L2: Claro, pero a nosotros se nos vetaba por…, ¡bah!, por temas que no vienen al caso. Son temas de tipo docente.
L1: Sí, ¿no era cosa temática?
L2: No, no, no, no.
L1: Porque los temas, siempre hay dos, tres temas de informática.
L2: Además, de nuestra línea de investigación y nuestros artículos se puede encajar cualquiera en ISKO. Bueno, tal es así que, es decir, mientras te estaban vetando lo que era {Esfer}, nos aceptaban los mismos artículos, por ejemplo, para publicar en Lecture Notes, que estamos hablando de una publicación a nivel internacional con factor de impacto. Oiga, usted me está vetando aquí y me están aceptando. Nosotros hace mucho tiempo que tomamos una decisión y es no publicar en España.
L1: ¡Ah!, sí, sí.
L2: Única y exclusivamente, enviamos a Ibersid. Es el único sitio en España al que enviamos, exclusivamente a Ibersid y enviamos a Ibersid porque Javier es amigo y es un sitio donde nos sentimos cómodos, a gusto, en el que se nos trata muy bien. Entonces, enviamos exclusivamente ahí. Hace mucho tiempo que decidimos no publicar en España, en revistas españolas.
(...)
L2: No, no. Se nos vetaban los artículos, te estoy hablando de hace ya muchos años. Entonces, nosotros llegamos a la conclusión de que, bueno, vamos a ver, si a mí, hacer un artículo me supone un trabajo equis, claro, lo que no puedo hacer es que ese artículo me lleve mucho trabajo, lo envíe a una revista española, en la que teóricamente me debería costar menos el poder publicar y resulta que me lo rechazan, pero me lo vetan. Bueno, pues por un poquito más de trabajo, lo envío a una publicación internacional. La evaluación suele ser más dura, suele ser más complicado, pero si me lo aceptan; primero, no me lo aceptan por cuestiones de investigación: problemas que pueda tener el trabajo o fallos, pero no va haber un rechazo de antemano. Entonces, curiosamente, nos aceptan artículos en Journal Documentation, Information Processing and Management…

L1: Que son top.
L2: Y resulta que algunos de esos artículos habían sido vetados previamente en España. Oiga, mire, hay algo que no cuadra. ¿Por qué?, bueno, yo tengo mi teoría de por qué se hace eso, pero es irrelevante ¿no? La cuestión es que eso se hizo. Entonces, a nosotros en su momento nos vino muy bien, a nosotros nos vino muy bien porque aunque nos costó mucho trabajo el poder acceder a publicar en esas revistas, al final nos abrió un poco camino ¿no? Entonces, bueno, al final terminas teniendo publicaciones, al final cuando te evalúan los tramos de investigación, pues, bueno, pues nos han habilitado los tramos de investigación. Y si hubiésemos publicado posiblemente en España, no tendríamos esos tramos, ¿por qué?, porque las revistas no llegan al nivel internacional. Entonces, bueno, a nosotros al principio nos dolió mucho evidentemente, pero luego nos ha resultado muy útil, nos ha venido muy bien.
L1: Sí, creo que eso explica un poco la situación de la integración o no integración interdisciplinaria.
L2: Sí. Es que a veces lo que se intenta es, bueno, vamos a ver, estas personas que están trabajando en otro ámbito si no las tengo, no me hacen competencia, cuando es todo lo contrario, tú lo que necesitas para crecer es competencia.
L1: Sí, no sé…
L2: Si competimos entre nosotros, pues al final vamos a colaborar entre nosotros y vamos a sacar mejores artículos y mejores investigaciones.
L1: Sí, pero eso hace tiempo, no es algo que se acentúo con la crisis.
L2: No, no, no. En aquel momento no había…
L1: ¿No tiene nada que ver con crisis?
L2: No, no. En aquel momento no había ninguna crisis, al contrario, era época de bonanza, eran las épocas buenas, eran las épocas buenas. Bueno, son circunstancias…
L1: Creo que fue un error.
L2: Sí, sí, sí.
L1: Fue un error.
L2: Sí, sí, sí, claro.
L1: Para la Documentación.
L2: Para ellos sí, a nosotros nos vino muy bien.
L1: Sí, porque sale de otra forma. Hay otros sitios donde…
L2: Sí, nos tuvimos que buscar la vida y fue complicado, pero bueno, al final…
L2: …hemos obtenido resultados. A mí personalmente me incomoda mucho ¿no?, porque podríamos tener un campo de trabajo en común muy bonito, con muchas posibilidades y estamos desperdiciando esas posibilidades de trabajo en común.
(...)
L2: Sí, yo ahora estoy cambiando un poco, yo ahora con lo que más trabajo es con twitter. Trabajo twitter sí. Recuperar la información de twitter y a partir de ahí, intentar sacar algunos índices o algunas métricas que nos permitan caracterizar twitter.
L1: Métricas también ¿por qué?
L2: Yo tengo de hecho pendiente con un alumno de la Ingeniería Informática, que hizo un trabajo fin de máster de una cosa interesante sobre twitter, estoy pendiente a ver si termina de rematar un artículo que tiene para evaluación de algunas métricas relacionadas con twitter y demás. Es la parte a la que le estoy dedicando un poco más de tiempo, aunque este año está siendo muy complicado porque las clases me están comiendo mucho, mucho… No, no, de hecho desde que he empezado, no le he podido dedicar prácticamente nada de tiempo a investigación. Estoy casi exclusivamente con las clases.
(...)
L2: No, vamos a ver, el promedio de clases presenciales, relativamente poco. Yo estoy aproximadamente con cinco horas.
L1: ¿A la semana?
L2: A la semana.
L2: Pero el tema está en que en nuestras disciplinas cambian mucho, y tenemos que estar actualizando mucho lo que estamos dando.
L1: Sí, sí.
L2: Pero luego tenemos los masters y yo doy clase en tres masters.
L1: Entonces, además del Grado, las clases de máster.
L2: Sí.
L1: Y todo eso a la semana, resulta…
L2: Claro, es que las clases de máster, el tiempo de preparación llevan mucho. Entonces, por ejemplo, ayer he empezado con un máster, entonces me he pasado dos semanas enteras actualizando los contenidos. Y entonces, tiempo de preparación es muy costoso, lleva mucho tiempo. Y entonces eso es lo que está comiéndome ahora el tiempo, pero bueno, yo espero que ahora a partir de enero, ya pueda volver a empezar otra vez con la investigación que lo tengo ahora un poco parado porque no da para más.
(...)

ANEXO C
ENTREVISTA TRANSCRITA ESPECIALISTA EM SEMIÓTICA

ENTREVISTADO 18

LEGENDA	
[]	Notas do transcritor
{ }	Não se compreendeu com clareza
(Inaudível)	Omissão por falta de compreensão ou clareza do áudio
(...)	Supressões do pesquisador

L1: Entrevistador
L2: Entrevistado

L1: En su opinión, ¿cómo fue la introducción de la filosofía de Peirce en España?
L2: Es lo que está estudiado en el libro, creo que ahí están todos los datos en concreto. Pero por hacerte un resumen, te diré que durante muchos años aquí no se supo nada de él. Fueron muy importantes las primeras traducciones, que fueron como tres volúmenes con recopilación de textos que se hicieron en Argentina en los años 70 u 80, no recuerdo exactamente la fecha. Fueron las primeras traducciones un poco sistemáticas de sus textos. Aquello fue importante porque era lo primero, no había nada más. En cuanto a labor traductora de Peirce, creo que lo siguiente que se llevó a cabo lo hicimos nosotros, que empezamos en el 94, es decir, hay mucho hueco. Otra cosa muy importante también ha sido la tecnología. Nosotros, evidentemente, dependemos muchísimo de la web, o sea que al principio todos nuestros esfuerzos se centraron en poner en marcha una web que estuviera bien, que tuviera contenido y sirviera para unificar de algún modo los esfuerzos de gente que está sola en otra universidad, que no tiene contacto con otros peircianos. Y creo que ha servido mucho para difundir la obra de Peirce. Yo diría que estas son las herramientas más importantes: las traducciones y la web.
L1: Hubo un hueco muy grande entre 1890 cuando Reyes Prósper empezó a citar a Peirce en España y los años 60 cuando las…
L2: Las primeras traducciones, sí.
L1: Y las monografías, con España tuvo una monografía, hizo una tesina que llegó a ser un libro, el primero sobre Peirce en España. ¿Cuáles serían las relaciones?
L2: ¿Por qué el hueco? Creo que Jaime tiene algunos artículos sobre eso, no sé si los has visto. Creo que hay varios factores. A mí me parece que España no era muy abierta intelectualmente en aquella época, era un poco nacionalista en el mal sentido y, por ejemplo, se despreciaba un poco lo que venía de EEUU. Hay algunos precedentes pragmatistas que se han estudiado, lo que hay colgado en la web sobre Reyes Prósper y Eugenio D'Ors, el filosofo catalán, que se puede considerar en algún sentido pragmatista. También Unamuno - esta chica que te digo hizo una tesis sobre James y Unamuno -, hay cierta conexión, pero con Peirce en concreto, pues no. Digamos que había ciertas ideas que se podrían considerar pragmatistas, pero Peirce era un desconocido, esa es la verdad. No había nada por la cerrazón de la época: se miraba lo de aquí y se potenciaba la filosofía española, creo yo.
L1: En la entrevistas he notado que la gente cita muchísimo la filosofía y la semiótica francesa.
L2: También, hay otras influencias europeas, claro, más fáciles que no la norteamericana que aquí no…
L1: Sí, en ese tiempo hubo también un contacto con otras escuelas de lingüística, de semántica, de semiología, pero no semiótica ni pragmatista…
L2: Bueno, es lo que había, también el estructuralismo, este tipo de cosas…
L1: … que acabó ocupando el que podría ser el espacio de una reflexión pragmatista del lenguaje. No sé si mi interpretación está equivocada.
L2: No, creo que eso sí es correcto, que había otros intereses. Aquí no había influencia de EE.UU. y la influencia pragmatista que llegó fue muy poca, o sea, que sí que es verdad que había más influencia europea que de otro tipo de escuelas.
L1: ¿Cuáles fueron los principales autores y obras que divulgaron la figura de Peirce en España en los primeros años? No hace falta un listado.
L2: Bueno, lo tienes todo ahí, yo realmente tampoco conozco mucho de esa época. Te mencionaría esta tesis de Wenceslao Castañares, que no sé ahora decirte de qué año es de memoria, que creo que es la primera que se hizo.
L1: ¿En los años 80, más o menos?
L2: Yo creo que sí, ¿quieres que te lo busque? Tenemos colgada aquí la tesis. Mira, las traducciones que mencionábamos, esos volúmenes que se hicieron en Argentina, son de los 70 (años 70, 71, 73, 74 y 78). Y hay después otra editada aquí, en Madrid, pero traducida por un argentino que es del 87, y otra del 88. Hay como un grupo en los 70 y otro en los 80. Y, a partir de ahí, hay un hueco hasta que empezamos a traducir nosotros, que las primeras son del 96, bueno, en la web un poco antes. Es que prácticamente no ha habido nada hasta llegar entonces. Y en cuanto a publicaciones, en España no tenemos. Por ejemplo, aquí hay dos libros, uno del 93, de un uruguayo, Andacht, y luego lo que hay son traducciones, por ejemplo de (Inaudible 0:08:41) que tiene relación, pero tampoco es directamente y luego esta tesis, que creo que fue la primera, te lo tengo que buscar, del 85, que es sobre *El signo, problemas semióticos y filosóficos*. Yo creo que éste es el primero que hizo un estudio sistemático sobre Peirce, es el primero que yo conozco, al menos, quizás haya alguien, pero…
L1: Sí. Y en la filosofía en este periodo, por ejemplo, en los años 70, ¿cuáles eran las corrientes de pensamiento que estaban ubicadas para que la gente no se preocupara de Peirce o del pragmatismo?
L2: Pues tampoco sé decirte muy bien porque no lo he vivido, pero yo creo que se tiraba a lo que comentabas tú, a las corrientes europeas, creo que todavía dominaba ese tipo de cosas, aquí, en España. En EE.UU. en esa época los departamentos estaban llenos de filosofía analítica, es lo que había. No sé hasta qué punto eso llegó a España, no lo he profundizado, porque aparentemente la filosofía analítica y el pragmatismo son cosas

contrarias, aunque luego hay gente que ha estudiado las afinidades y son más afines de lo que parecía, pero Peirce, por ejemplo, tampoco era superestudiado en EE.UU, a pesar de que ser de allí, pero es que los departamentos de filosofía estaban llenos de filosofía analítica, al final un tipo de filosofía que se quedaba también en las distinciones un poco estériles, que no profundizaba, que despreciaba lo que es la metafísica, la filosofía, eso ha sucedido, entonces se hacía otro tipo de filosofía, yo creo, que es lo que estaba de moda y es lo que dominaba.
L1: Sobre el tema de la traducción, en EE.UU. también empieza a ser estudiado en los años 50.
L2: Sí, desde que muere, en el 14, hasta mitad del siglo XX, hay ahí al menos 50 años en los que es prácticamente un desconocido, en parte por la dificultad que hubo para editarlo, para organizar sus papeles. Es que claro, cuando Peirce muere deja creo que fueron cien mil páginas manuscritas, ponte a ordenar eso. Y de hecho, la primera publicación que se hizo fue *The Collected Papers,* que de hecho es la que más se utiliza, pero aquello en realidad fue un poco desastre porque están ordenados por temas y no se tuvo en cuenta para nada la cronología. Bueno, si has estudiado a Peirce, sabes que a veces hay que tener cuidado porque igual aparece un texto de 1870 y al lado hay uno de 1908 y no tienen nada que ver porque Peirce evoluciona. Entonces, entre que es un pensador oscuro, porque leer a Peirce es difícil, es decir, tú coges un texto, empiezas a leer, está hablando de una cosa y cuando estás entendiendo lo que dice, de pronto dice "voy a poner un ejemplo" y el ejemplo dura 30 páginas, así que, cuando acabas el ejemplo, que aparentemente no tiene nada que ver, dices ¿y qué estaba diciendo?, tienes que volver y decir, pero ¿y dónde está la respuesta a eso?, claro, entonces te quedas sin saber a qué ha respondido.
L1: "Voy a poner un ejemplo sencillo: Kepler"
L2: Sí, cuando dice "voy a poner un ejemplo sencillo", échate a temblar. Entonces, es un pensador ya difícil de por sí, todos sus papeles estaban sin ordenar, cuesta entenderlo y yo creo que hasta que se ordenó un poco aquello…Los primeros que lo estudiaron en EE.UU. pensaban que era un pensador contradictorio, que primero era nominalista y luego realista, o era idealista, se hacen unas clasificaciones un poco como que no se veía mucha unidad. Ya después algunos empezaron a estudiarlo, no sé si más a fondo o más teniendo en cuenta la evolución cronológica de su pensamiento y se vio que había un cierto sistema, una jerarquía, que él tenía un sistema en la cabeza y que unas teorías se relacionan con otras, porque es que hasta entonces era como muchas cosas inconexas, muchas contradicciones. Yo creo que llevó un tiempo ver su obra como un todo y hasta que eso no ocurrió, aquello no funcionó y no se generalizó su estudio. De hecho, como cosa anecdótica, en este congreso de Lowell había cantidad de gente y los más viejos mencionaban que éste era el centenario, pero que en un congreso que ellos habían hecho, no me acuerdo si hacía 20 o 25 años, supongo que sería por el 75º aniversario, si antes estaban 20, pues ahora estábamos 200, para que te hagas una idea, y que si antes la gente eran solo de un área determinada, ahora había gente de todas las áreas, de todos los países. La verdad, el congreso fue como que dices, oye, pues hay muchísima gente a la que le interesa Peirce realmente, gente de todos los países, de todas partes y de muy diversas áreas: filosofía, comunicación, filología, arte, derecho, teología. Es como si ahora de verdad se hubiera dado a conocer, se hubiera expandido y la gente encontrara intereses muy distintos en su obra. Pero claro, han pasado 100 años, ha llevado su tiempo.
L1: Incluso en áreas aplicadas.
L2: Sí, en el fondo no es que no se pueda aplicar a Peirce, es que tiene muchísimas cosas de valor, puede aportar luces a un montón de áreas, de problemas de nuestra sociedad, de temas que interesan mucho ahora. No es que no se pueda aplicar, sino que hay que tener cuidado con cómo se aplica, hay que hacerlo con un poco de rigor y estudiarlo antes un poco para no acabar haciéndole decir lo que no dice. Yo creo que esa es la dificultad, pero bueno, se está haciendo. Ya te digo, la verdad es que lo del congreso fue bastante impresionante, había mucha gente. Pero para que te hagas una idea, de España estábamos pocos: Jaime, el chico que te digo que hizo la tesis sobre comunicación y yo. Y luego estaba una chica que hizo la tesis aquí, pero bueno, es argentina. Y había un profesor de IESE, que es la escuela de negocios de la universidad, que es filósofo e hizo una tesis sobre Peirce y los negocios.
L1: ¿Cómo se llama?
L2: John Ford Rodona, es un catalán, él es profesor del IESE, que es la escuela de negocios de la Universidad de Navarra. Él es filósofo e hizo esa tesis sobre Peirce y luego ya se metió con cosas más como de ética empresarial, pero él hizo una tesis sobre Peirce y los negocios. *Peirce y la Dirección*, sí, creo que lo tenemos por aquí.
L1: Sí, el nombre me suena algo. Ah, sí, me compré este libro.
L2: Ah, también lo tienes, estás súper al día.
L1: Sí, estaba buscando toda la bibliografía que está en el sitio de Internet. Entonces está como profesor aquí.
L2: Sí, de España solo estábamos nosotros y luego estaba este profesor de Lérida que te he comentado antes, que es filólogo, el que habló sobre Peirce y Vico y había también dos profesores de Valencia que hicieron la tesis aquí.
L1: Diez personas, más o menos.
L2: ¿De España?
L1: De España, más o menos.
L2: Yo creo que hasta menos, éramos nosotros tres de aquí, éste, John y…
L1: Creo que más que de Brasil.
L2: Sí, seguro, había mucha más gente de…
L1: No, creo que habría más españoles que brasileños.
L2: ¿En este congreso?
L1: Sí.
L2: No creo, yo creo que habría más brasileños. Es que nosotros estábamos seis o así, yo no recuerdo ahora más españoles, no fue nadie más. De Brasil estaba Ivo Ibri, pero había más, había algún doctorando, gente recién graduada, sí había, sí.
L1: Sí, es que ahora los brasileños están saliendo del país para visitar otros países.

L2: Pues no sé en qué estábamos. Sí, el hueco que quedó en el estudio, pues yo creo que en EE.UU. también lo hay, primero, por el tipo de filosofía que se hacía y segundo, por la dificultad de estudiar a Peirce al principio. Ahora ya hay mucha bibliografía y muchos lugares y en la web hay cantidad de recursos, pero antes no había nada.
L1: Sí, no había, cómo ha integrado la gente que estaba estudiando eso. En su opinión, ¿cuáles son los conceptos de Peirce más importantes para la filosofía en España?
L2: ¿Para las áreas del ámbito filosófico?
L1: Sí.
L2: Bueno, igual te doy una interpretación un poco en función de mis intereses, que es lo que a mí me interesa, pero yo destacaría lo que es la abducción, o sea la metodología de Peirce, que al final es mucho más que una metodología. Él habla mucho de la metodología científica, pero va mucho más allá, es toda una visión, en mi opinión, novedosa de la creatividad, de cómo se produce conocimiento en la ciencia. Él, como científico, habla casi siempre de la ciencia, pero creo que se puede aplicar a otros ámbitos como al arte y a la educación. Yo creo que ese es un aporte muy importante de Peirce y que todavía está por desarrollar en gran parte, es decir, que se puede hacer mucho más todavía. Claro que se ha estudiado muchísimo la metodología científica, se han escrito miles de páginas sobre la abducción, pero, por ejemplo, a la hora de aplicarlo, creo que es una noción de Peirce que es muy importante, o sea, que tiene mucho que aportar en muchas áreas, que lo está haciendo. Eso por un lado y luego, en el tema de lo que es el pragmatismo, pero bien entendido, o sea el pragmatismo del que él hablaba, porque muchas veces se interpreta el pragmatismo como resaltar la importancia de la acción, la acción por la acción y no es eso, el (Inaudible 0:23:03) no es eso. Es la idea de conocer las cosas por sus posibles consecuencias. Eso tiene una serie de implicaciones también, no solo para la ciencia, sino también para la conducta humana, para la ética, para la estética. Todo eso lo hemos tratado de estudiar un poco aquí, de hecho cuando él está tratando de reformular el pragmatismo es cuando empieza a hablar más de las ciencias normativas y considera que en el fondo la clave del pragmatismo está en las ciencias normativas porque son las que hablan de autocontrol, por ejemplo. El pragmatismo viene a decir que hay que considerar las cosas por sus fines, o sea por aquello a lo que pueden dar lugar, por su finalidad en el fondo, y aquello que está sujeto a fines es lo que puede ser autocontrolado. Bueno, luego hay cantidad de nociones que entran que me parecen muy interesantes para estudiar todo lo que tiene que ver con el ser humano al final.
L1: En el campo de las ciencias normativas.
L2: Como una visión del ser humano como ser en crecimiento que tiende a un fin último, o sea, una serie de cosas que creo que son interesantes también.
L1: Esta parte de la filosofía de Peirce no es muy común aplicarla para comprensión de la humanidad y de la sociabilidad.
L2: Yo creo que en el fondo son temas filosóficos que, evidentemente, nos ayudan a comprendernos mejor, solo por eso ya merece la pena. Pero además yo creo que sí tiene consecuencias para cómo enfocas la ética y la estética. Lo que he tratado de estudiar ahora en este libro es que él tiene una visión de estética que va mucho más allá de una teoría del arte, para él la estética es la que nos indica el fin último, la razonabilidad, el hacer las cosas razonables.
L1:(Inaudible 0:25:42) de su libro que está en la editorial, ¿no? porque parece que tengo dudas en algunas partes en cuanto a considerar la estética como ciencia normativa. Quiero saber cómo ha tratado el tema.
L2: A ver, al principio él duda, ni siquiera considera estos temas, él era un científico. Otra cosa es que le interesara la filosofía y toda su vida leyó de todo, pero era un científico y trabajaba como tal. En el fondo sus intereses eran los que tenían que ver con la ciencia, o sea, él no habla de estética hasta prácticamente el cambio de siglo, hasta 1900, en los años finales de su vida Duda si la estética forma parte de las ciencias normativas, pero al final hay otros textos en los que afirma que sí y, de hecho, llega a decir que es el fundamento de las ciencias normativas, la más importante porque señala cuál es el fin último, qué es aquello admirable en sí mismo que no es buscado por ninguna otra cosa y de alguna manera la ética y la lógica se deben apoyar en la estética porque no estamos preparados para saber cómo actuar o para buscar un razonamiento correcto, si no sabemos antes adónde se tienen que dirigir, o sea cuál es el fin.
L1: ¿Cuándo sale el libro?
L2: Pues espero que pronto, lo envié la semana pasada y supongo que en dos o tres meses, supongo.
L1: ¿Ya?
(...)
L2: Sí, lo siento, estábamos en los conceptos, porque te mencioné lo de la metodología y lo de las ciencias normativas y todo lo que es el pragmatismo y todo lo que implica dentro de la teoría peirciana, ¿no?
L1: Sí, me hizo un resumen de su obra.
L2: Creo que es lo más interesante y es lo que hemos trabajado aquí realmente. Y bueno, y luego hay toda una teoría metafísica, cosmológica, yo ahí me he metido menos, pero de la que también se han hecho tesis aquí sobre…
L1: La metafísica de Peirce.
L2: … la teoría cosmológica, por ejemplo sobre la metafísica evolutiva que él tiene, todo el tema de la evolución, del agapismo, no sé si has leído, del azar, del papel del azar, del papel de los hábitos, todo eso.
L1: Sí, la tesis de máster de Ibri fue sobre eso, fue el sistema metafísico de Peirce y yo la utilizo…
L2: Sí, lo que me pasa a mí con Ivo es que a veces no le entiendo realmente, o sea mezcla muchas cosas, de pronto mezcla cosas de Hegel, cosas de…, como que hay veces que no le entiendo realmente. En las exposiciones que le he oído me pasa un poco eso, o sea tiene ideas buenas pero a veces no le entiendo, no sé qué está queriendo decir.
L1: No está en el mismo punto, no sé si es eso lo que quiere decir.
L2: Sí, o sea no llego a entender qué es lo que está queriendo decir, eso es lo que me pasa a veces con él porque en las últimas exposiciones en las que he estado son cosas de estética, pero que a mí me interesaban mucho, pero luego vas a la exposición y es una cosa un poco como más trascendental en el peor de los

sentidos, como que mezcla muchos conceptos filosóficos que yo creo que no aclaran, sino lo contrario, entonces a mí a veces me cuesta seguirle.
L1: Él estaba me parece haciendo algo sobre creatividad, algo así, no sé si ya concluyó el estudio, pero estaba haciendo en los últimos años algo acerca de la creatividad en Peirce.
L2: Sí, creo que sigue con ello todavía.
L1: Y tuvo que estudiar las bases de Peirce y otros, entonces no sé si es por eso que a veces cambia de tema…
L2: Es que, bueno, a ver esto ya tiene otras connotaciones filosóficas, pero por ejemplo hay quien dice también que cuando Pierce habla de estética, habla como de estética trascendental, o sea como si fuera una propiedad que tienen las cosas. Peirce no habla de estética en ese sentido, me parece a mí, es decir, las cosas no son, no tienen esas propiedades estéticas. El mundo para Peirce no ni bueno ni bello, el mundo, las cosas son como son, o sea él creo yo que él termina siendo un realista de las cosas, él dice que las cosas son como son independientemente de lo que nosotros pensemos sobre ellas, independientemente de las interpretaciones a que den lugar. Que las cosas tengan unas cualidades que después pueden dar lugar a unas interpretaciones artísticas no significa que el mundo sea de por sí estético, porque por ejemplo yo lo discutía con un chico en EE.UU. que ha hecho una tesis sobre esto, que es uno de los que me hizo sugerencias por las que he cambiado mi libro, es muy bueno, pero él tendía un poco más como a interpretar la estética de Peirce en este sentido, como que el mundo está lleno de unas cualidades sensibles que son estéticas.
L1: ¿Estéticas por naturaleza?
L2: Eso me parece que es más una interpretación como emersoniana. Emerson sí decía eso y hay mucha influencia de Emerson en Peirce, pero yo creo que Peirce no dice eso realmente, o sea sí, como que el mundo está lleno de cualidades sensibles, o sea la noción de "primeridad", las cualidades sensibles dan lugar a todo lo que viene después, a interpretaciones científicas, artísticas, pero eso no significa que en sí mismas se les pueda denominar estéticas. Esa era mi opinión, pero creo que Ivo también va un poco más como por esa línea.
L1: Sí, pero la tesis que usted defiende en el nuevo libro está más…
L2: Ah, no, yo no considero que se pueda hablar de una estética trascendental, por así decir.
L1: Parece más realista cuando habla de estética.
L2: No, yo al final me he limitado a estudiar la estética como ciencia normativa y creo que es lo que hay en Peirce, que es muy importante porque al final llega a ser la clave del pragmatismo nada menos. Eso es lo que yo he estudiado. Aparte, he intentado hacer una interpretación del fenómeno artístico desde Peirce, me he basado en algunos de sus textos, pero realmente son muy pocos, al final lo que se hace es una interpretación tuya, ¿no? Aunque bueno, hay otros profesores que lo han estudiado y que van por esa línea, es algo que se está haciendo, aplicarlo al arte. Bueno, eso tiene que ver mucho también con la semiótica, se hacen interpretaciones de arte y hay gente que interpreta obras de arte en concreto, yo nunca me he atrevido a aplicarlo de esa manera, pero hay gente que lo hace.
L1: Sí, he leído los trabajos de Lucia Santaella que siempre…
L2: Sí, me gusta mucho lo que escribe, me parece que tiene…
L1: Hay un libro de semiótica aplicada que publicó que tiene exactamente un {rutero}, un conjunto de etapas y fases para proceder al análisis semiótico de cualquier (Inaudible 0:48:41)
L2: Lo que más he leído de ella es aplicado a la literatura y me pareció muy interesante.
L1: A la literatura, sí, pero no sé hasta qué punto podemos pensar así en un {rutero}, en un conjunto especifico de etapas para analizar algo.
L2: Bueno, eso es algo que nunca me he atrevido a hacer realmente. Por ejemplo, este profesor que te digo, Fernando Zalamea, lo hace y también otra profesora belga que conozco, es decir, toman una obra de arte en concreto y hacen un análisis aplicando las categorías peircianas. Bueno, eso ya es una manera de aplicar, puedes estar de acuerdo o no, es una cosa ya, yo no me he atrevido a llegar hasta ese grado de aplicación de Peirce al arte como es interpretar obras de arte concretas a la luz de las categorías peircianas o de su noción de signo, no me he atrevido a hacerlo. Lo que hago en el libro es analizar el fenómeno artístico desde un punto de vista un poco más teórico, pero los elementos que hay ahí de la teoría pierciana y qué noción podía él tener del arte en los textos que hay, he estudiado también las conexiones biográficas, bueno, también un poco por lo de los viajes, qué idea tenía él del arte.
L1: ¿Por las cartas es posible interpretar eso?
L2: Hay cosas, hay comentarios, claro, al final te encuentras con que él es hijo de su época, es la conclusión a la que he llegado yo. Hace unos comentarios que a nosotros nos chocan, por ejemplo este profesor de economía me decía:" Pero ¿cómo es posible que una persona tan inteligente, Peirce, un tío que era un genio, haga unos comentarios sobre arte tan absolutamente horribles y que denoten tan mal gusto?" Hace críticas a Miguel Ángel, a Víctor Hugo…
L1: El prejuicio hacia los españoles era algo relativo a la época.
L2: Sí, claro, yo me he puesto a profundizar y al final te he descubierto, por ejemplo, que lo de criticar a Miguel Ángel era una moda. Encontré un ensayo de Lowell, que era un tío amigo o conocido de Peirce y critica también…
L1: ¿Era algo muy común en EE.UU?
L2: En Cambrigde. Cambrigde al final era un lugar como muy provinciano. Eran la élite, pero al final eran una serie de familias que, en ese sentido, eran un poco elitistas, en el mal sentido, y muchas veces hacían comentarios un poco despectivos de cosas que ahora a uno le pueden chocar, pero es lo que había.
L1: Bueno, entonces serían estos conceptos de abducción, la metodología de Peirce, el pragmatismo y las ciencias normativas.
L2: Sí, yo creo que sí, y bueno, luego está el tema de la cosmología, lo que te he dicho, pero eso ya como concepto que también me parece importante.
L1: Y ahora algo que ya empezamos a hablar hace poco tiempo…
L2: Bueno, perdona, y toda su idea de la ciencia, claro, es decir, todo lo que tiene que ver con historia y teoría de la ciencia me parece también muy importante.

L1: Sí, sobre la situación actual de los estudios del pensamiento de Peirce en España, lo que estábamos hablando hace poco.
L2: Sí, quiero decir pues ahora ya como que hay mucho más interés, pero en España en concreto seguimos un poco en lo mismo. Creo que hay mucho más crecimiento proporcionalmente en Hispanoamérica que en España, aquí tampoco hay tanta gente, al final estamos nosotros que creo que somos el centro más importante, que somos los que estamos haciendo investigación y por lo demás, hay alguna persona que aisladamente hace cosas y luego el tema de la semiótica aparte, pero Peirce como filósofo yo creo que, aparte de lo que hacemos aquí, no hay mucho más, y lo que hacemos aquí más o menos ya te lo he contado, aparte del tema de traducir los proyectos sobre correspondencia y dar apoyo a los que se acercan a estudiarlo, eso es lo que hacemos, orientar. Al final lo que cuenta es que haya doctorandos, que haya gente que lo estudie, el motor para que se desarrollen los estudios sobre algo es que haya doctorandos, es decir, que haya gente y venga a hacer la tesis.
L1: Sí, los doctorandos españoles son pocos en relación con…
L2: Pues, en estos momentos, españoles de Peirce en concreto no hay porque aquí hay dos chicas, bueno, una de ellas es mexicana, no, es que ya pienso en ellas como españolas porque están aquí, pero no, son sudamericanas.
L1: Y en relación a Sudamérica, por ejemplo, los españoles son un grupo más pequeño.
L2: Sí, hablándote ya no de España en general, sino de nosotros en concreto en estos momentos no hay nadie que estudie a Peirce, o que esté haciendo una tesis sobre Peirce. Esa es la situación, no sé exactamente por qué, pero al final viene más gente de allí que doctorandos aquí. Aquí hubo un chico español también, pero este era doctorando de Wescenlao, del profesor de Madrid, y al final defendió su tesis sobre Pierce en París, porque no me acuerdo qué estaba haciendo en Francia.
L1: ¿Y estancias doctorales?
L2: ¿De españoles?
L1: Sí, de latinoamericanos o de otros países que suelan venir aquí.
L2: Sí, hace poco estuvo, creo que estuvo un año, un uruguayo que estaba trabajaba en Brasilia, se llama Pedro, espérate, el apellido se me ha ido ahora, estoy fatal de memoria, no me acuerdo, bueno, es igual, sin más. Viene gente a hacer estancias, éste estuvo un año. Luego hay gente que viene a estancias cortas. De Colombia ha venido gente a estar dos meses, el año pasado o hace dos años vino otro que estuvo un mes. Al final hay gente que incluso ahorra para poder venir, éste, por ejemplo, creo que venía con sus ahorros, o algo que le ayudó la universidad, pero había estado ahorrando para poder estar aquí un mes.
L1: Qué pena, ¿sí?
L2: Y, en cambio, la gente que está aquí no tiene interés, es así.
L1: ¿No tiene ganas?
L2: Aquí lo que tenemos es la biblioteca, es decir, aquí tenemos todo lo que hay de bibliografía pierciana prácticamente. Entonces para alguien que está estudiando a Peirce poder venir aquí y estar aunque sea un mes y tener a su disposición toda la bibliografía, los manuscritos porque tenemos los microfilms también, pues muchas veces en sus países no lo tienen tan a mano.
L1: Y también ustedes, ¿no?
L2: Claro, y también el poder intercambiar, claro.
L1: Intercambiar no solamente los textos, sino saber cómo comprenden el área, los conceptos de Peirce, creo que es lo más importante.
L2: Por eso, casi todo es de Latinoamérica. Y profesores españoles, pues algunos han venido a dar seminarios, a dar sesiones, este que te digo, Faerna, vino otro de Alcalá, no me acuerdo del nombre, estoy muy mayor, me falla la memoria.
L1: ¿Qué es eso?
L2: Es que tampoco me acuerdo cómo se llamaba éste. Bueno, luego vino este profesor de Lérida. Claro, en 20 años ha venido mucha gente.
L1: ¿Lleva trabajando aquí 20 años?
L2: Sí, claro, yo empecé a trabajar con Jaime como alumna. Antes aquí el Grado eran 5 años y cuando estaba en el último año nos pidieron un trabajo para la asignatura de Teodicea. Entonces, sabes que Peirce tiene el argumento olvidado este para mostrar la realidad de Dios y entonces Jaime me dijo: "¿Y por qué no haces un trabajo sobre este argumento?", pero Jaime tampoco sabía apenas nada de Peirce en aquel entonces. Entonces me metí, me interesó y a partir de ahí, ahí es ya cuando acabé, ya era el último año, me dijo Jaime: "Vamos a hacer ya oficialmente…" Ahí tienes la foto, eso es hace veinte años y esto es ahora, esta soy yo, aunque
L1: ¿Con el pelo corto?
L2: Sí, estoy horrible, fatal. Este es Jaime y este es Jon Ford Rodona que es el que te he dicho.
L1: Sí, el autor de la tesis.
L2: Y este es uno que, como dice Jaime, nos abandonó porque se casó con una rica heredera y nos abandonó por el (Inaudible 0:59:39), se casó y desapareció, nos abandonó por el dinero. Esta es la sesión inaugural, imagínate, nos juntamos en el despacho, vino el fotógrafo y nos hizo una foto, es el mes de agosto del 94.
L1: ¿Cómo se llama éste?

L2: ¿Este, el traidor? Jesús Daroca, nada, éste no ha hecho nada.
L1: ¿Era de aquí?
L2: Era de Pamplona, y aquí estamos los tres que hemos sobrevivido, nos falta Jesús.
L1: ¿Dónde está Jesús ahora?
L2: No sé, yo hace 20 años que no lo veo. Se casó con una chica que era filósofa, pero el padre tenía negocios, entonces se metió a trabajar con el padre e ella y no sé, creo que ahora viven en Barcelona.
L1: Y dejó la Semiótica.
(...)
L1: Entonces empezó con la equivalente a la tesina de grado.

L2: Sí, yo empecé con ese trabajo que era un trabajo sin más de clase y luego ese trabajo lo usé después para la primera parte del doctorado, como una especie de tesina de investigación que había que hacer, es que ahora ha cambiado pero antes había que hacer…
L1: Sí, no sé cómo está ahora, pero cambió muchísimo (Inaudible 1:02:33)
L2: Sí, es que ahora como es con el máster, bueno, antes era distinto, antes había una serie de cursos de doctorado y tenías que hacer un trabajo de investigación, que fue el del argumento olvidado.
L1: Sí, los alumnos que ya tienen máster, ¿qué tiene que hacer para hacer un doctorado?
L2: Si ya tienes el máster, no tienes que hacer curso, solamente tienes que redactar la tesis. Claro, depende de qué máster, quiero decir que si tienes otro máster, tienes que ver si te lo convalidan, si te sirve. Pero sí, entonces yo hice eso y luego ahí empezamos a traducir, empecé con la tesis. Lo que pasa es que yo estuve dos años fuera, yo fui otra que abandoné un poco realmente porque me fui a hacer un máster de empresa ante la insistencia de mi padre. Mi padre también es empresario también y me decía que la filosofía no servía para nada. Y como estaba un poco cansada de Pamplona, porque es un pueblo, entonces…
L2: Pamplona, no.
L1: A ver, es una ciudad pequeña. No, lo que me pasó es que como en total estuve aquí siete años, los cinco de grado y dos de…
L2: De máster.
L1: Sí, de la primera parte del doctorado y ya estaba como un poco saturada de Pamplona y además la gente que conocía se estaba yendo y entonces yo me quería ir. Y me fui a Madrid e hice ese máster de recursos humanos. Estuve como dos años viviendo en Madrid y ya ahí decidí que no, que prefería la filosofía.
L1: Madrid me parece Sao Paulo, (Inaudible 1:04:21) muy grande.
L2: A mí me encanta Madrid, pero yo reconozco que no para vivir con la calidad que tienes en una ciudad de este tamaño. Está bien para unas vacaciones, para ir un fin de semana y hacer cosas, pero no para vivir allí. Entonces al final volví, creo que fue en el 98, y ya desde entonces estoy aquí. Yo, en realidad, no vivo en Pamplona, sino en San Sebastián, voy y vengo. San Sebastián está a 50 minutos en coche.

L1: ¿En coche? ¿Y en autobús?
L2: Autobús, una hora.
L1: Una hora, sí, cerca, más o menos 60 kilómetros.
L2: No está lejos, tampoco vengo todos los días, o sea vengo una vez a la semana. Antes venía más, pero ahora una vez a la semana. Entonces el día que vengo suelo estar con Jaime, vemos lo que hay que hacer y trabajo en casa.
L1: Por Internet, ¿no?
L2: Sí.
L1: Ah, sí, una última pregunta.
L2: Vamos, no sé si te he contestado. Básicamente llevo aquí veinte años, como quién dice, quitando año y medio.
L1: Veinte. Está como profesora aquí haciendo la dirección de las tesis, ¿no?
L2: Sí, bueno, las de aquí no. En realidad la gente que hace la tesis aquí la hace con Jaime. Yo suelo ayudar más a gente de por ahí, de Latinoamérica, es mi especialidad.
(...)
L2: No, pero en realidad, si quieres que te diga la verdad, a mí es lo que más me gusta de lo que hago. O sea Peirce me gusta, pero llevo ya veinte años con él y llega un momento en el que también te saturas un poco. La parte que más me gusta es esa, la de ayudar a la gente.
L1: Y contar lo que conoce, lo que sabe es importante.
L2: También luego, cuando viajas, vas a un congreso y te encuentras con alguien y ves que la gente está superagradecida y que luego de verdad llega a hacer cosas, pues también te da mucha satisfacción ver eso, que ayudas a la gente y que ellos contribuyen porque un pequeño círculo va creando otro. Y gente que llega a hacer algún buen doctorado en algún país de allí, pues luego aparece gente a su alrededor. Bueno, pues poco a poco, ¿no?
L1: Otro tema, que hemos comentado hace poco, respecto a los campos en que se suelen usar los conceptos de Peirce en España.
L2: Ya, bueno, es un poco lo que hemos dicho, campos, filosofía y luego ha venido gente de todo un poco. Creo que en comunicación, por ejemplo, Peirce también ha atraído a mucha gente porque al final está toda la teoría del signo y tiene mucho que ver con la comunicación, todo que ver. Entonces ahí hay una teoría muy importante que puede aportar muchas cosas.
(...)
L1: Sí, ha mencionado la comunicación y filosofía, por supuesto.
L2: Ah, los campos. Comunicación yo creo que es lo más importante y luego todo el tema de la Semiótica, pero esos ya van por libre. Bueno, ha habido aquí un poco de todo, gente que viene, que le interesa la historia de la ciencia, la lógica y luego, como cosas puntuales, pues siempre hay lo que te decía, el campo del derecho, siempre hay alguien que de pronto le interesa Peirce, que tiene que ver con teología, o sea por haber ha habido de todo, o sea Peirce se puede relacionar con cantidad de cosas, pero bueno, como campos más importantes pues yo creo que están la filosofía y el arte, creo que se está haciendo bastante, la ciencia, la historia de la ciencia, por ejemplo, lo que es metodología de la ciencia y eso, comunicación.
L1: Sí, es eso, gracias. No es una conversación respecto de Peirce, sino una cosa muy puntual Hay partes que yo no conozco de la historia de Peirce y de su pensamiento en España y es con lo que creo que va a ayudarme el Grupo de Estudios Pericianos.
L2: De todas maneras, es que los huecos están, es decir, no es que tú no conozcas, es que hay huecos. Yo creo que realmente hay periodos en los que no hay nada o casi nada.
(...)

L2: O la filosofía americana, pero el pragmatismo en general, no tanto Peirce. A mí, por ejemplo, hace un par de años me pidieron un tema para un temario de oposiciones, pero era sobre el pragmatismo en general. Yo metí ahí a Peirce, claro, como para ellos soy perciana, pues lo metí, solo faltaba. Pero, de hecho, cuando me lo pidieron, me mencionaban otras cosas. Creo que Dewey y James se conocen más que Pierce.
L1: Sí.
L2: Los neopragmatismos, eso interesa más que Pierce.
L1: En Brasil, por ejemplo, es un tema muy reciente. La gente ahora está leyendo la teoría de la representación de Rorty y todo lo que él dijo.
L2: Claro, pero la gente lee un poco a Rorty, incluso a Schiller, pero no va a las fuentes porque al final las fuentes son Peirce y James.
L1: {Y a veces lo que dice respecto de Pierce, no exactamente, es una propuesta de pragmatismo de Peirce}.
L2: Sí, también se ha malinterpretado muchas veces a Peirce dentro de la filosofía americana.
L1: El propio James, ¿no?
L2: Evidentemente, si ya el propio James se quejaba de eso, ¿qué no pasaría después, cuando murió? Incluso hay gente que trata como de retomar a Peirce, como de ir a la fuente y yo creo que lo sigue malinterpretando, en la filosofía americana, te quiero decir.
L1: Bueno, es eso. No tengo más preguntas. (...)